

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Departamento de Sociologia

**O MOVIMENTO DO PROTESTO: DISCURSO DIGITAL
E MANIFESTAÇÕES DE REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS
SOCIAIS NO ESPAÇO PÚBLICO – Os casos de “Rios ao Carmo”
e “Dentro de Ti Ó Cidade” durante as celebrações do 40º
aniversário do 25 de Abril**

Nuno Manuel Correia de Brito

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de

Doutor em Ciências da Comunicação

Orientador:

**Professor Doutor José Rebelo - Professor Associado com Agregação, jubilado
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa**

Coorientador:

**Professora Doutora Anabela de Sousa Lopes - Professora Adjunta
ESCS-IPL – Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa**

Setembro, 2016

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Departamento de Sociologia

**O MOVIMENTO DO PROTESTO: DISCURSO DIGITAL E
MANIFESTAÇÕES DE REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS
SOCIAIS NO ESPAÇO PÚBLICO – Os casos de “Rios ao Carmo” e
“Dentro de Ti Ó Cidade” durante as celebrações do 40º
aniversário do 25 de Abril**

Nuno Manuel Correia de Brito

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de

Doutor em Ciências da Comunicação

Júri:

Professor Doutor Alan David Stoleroff – Professor Associado, ISCTE-IUL, Presidente do Júri

Professor Doutor João Carlos Correia – Professor Associado com Agregação, Universidade Beira
Interior

Professor Doutor José Luís Garcia – Investigador Principal, ICS Universidade de Lisboa

Professor Doutor José Bragança de Miranda – Professor Associado, Universidade Nova de Lisboa

Professora Rita Espanha – Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Professor Doutor José Rebelo - Professor Associado com Agregação, jubilado, ISCTE-IUL

Setembro, 2017

National cultures are composed not only of cultural institutions, but of symbols and representations. A national culture is a discourse – a way of constructing meanings which influences and organizes both our actions and our conception of ourselves.

Hall, Stuart, David Held e Tony McGrew (1992), *Modernity and its Futures*, p. 292-293

Aos meus pais,

Agradecimentos

Quero dirigir o meu especial agradecimento à Doutora Marina Boechat da Universidade Federal do Rio de Janeiro pela partilha, discussão, orientação, pois sem ela este caminho teria sido mais difícil.

Pela admiração, inspiração e reconhecimento do seu trabalho, um profundo obrigado ao Professor Doutor José Rebelo do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Pelo apoio e pela disponibilidade, quero manifestar o meu agradecimento à coorientadora Professora Doutora Anabela Sousa Lopes, da Escola Superior de Comunicação Social.

Agradeço, também, a primeira orientação que recebi do Professor Doutor Renzo Taddei, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que me fez interessar pela questão dos Direitos Humanos e que esse poderia ser um dos caminhos possíveis.

Desejo, ainda, deixar registado o agradecimento às pessoas que foram importantes para mim durante este percurso:

Doutor José Jorge Barreiros; Doutor Rui Brites; Doutora Margarida Perestrelo; Doutora Sandra Miranda; Doutora Maria João Centeno; Doutor Pedro Neto; Doutora Guya Accornero; Doutora Inácia Rezola; Doutora Rita Espanha; Doutora Mafalda Eiró-Gomes; Doutor Jorge Veríssimo; Doutor Paulo Pereira; Doutor André Sendin; Doutor Gustavo Cardoso; Cláudia Lamy; Rúben; Ricardo Rodrigues; Álvaro Esteves; Eduardo; Thomas; Generosa; Pedro; Daniela; Cláudia Cláudio; colegas da Associação para o Ensino Bento de Jesus Caraça.

A todos o meu muito obrigado.

Resumo

As manifestações constituem importantes dispositivos de ação política nas sociedades democráticas contemporâneas. De entre as várias formas de ação coletiva, as manifestações são as que conseguem atrair maior visibilidade no espaço público. Com o desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da internet, os processos de organização e de mobilização promovidos por ativistas, grupos e movimentos sociais têm vindo a utilizar e a incorporar aquelas tecnologias como base da sua ação, com um carácter meramente instrumental ou enquanto traço identitário inerente ao seu *Ethos*. O poder e abrangência das ações de protesto de movimentos sociais são, agora, transnacionais, suplantando a ordem local, e estabelecem relações de forças que vão para além das fronteiras de um país e do controlo das instituições e do Estado. Novos valores, novas práticas e novos formatos se reconhecem em discursos presentes na esfera pública, que por vezes entram em rota de colisão. O estudo investiga as manifestações e como estas se relacionam com as tecnologias de comunicação e informação, através da análise de dois estudos de caso de manifestações ocorridas durante as celebrações do 40º aniversário da “Revolução de Abril de 1974”, assim como um estudo quantitativo aplicado a um grupo de estudantes universitários (n=377).

Palavras-Chave: Manifestações; Ação Coletiva; Protesto; Movimentos Sociais; Internet; Tecnologias da Comunicação e da Informação (TIC); Discurso; *Framing*; Ação Política; Ativismo; Ciberprotesto.

Abstract

Demonstrations are important devices for political action in contemporary democratic societies. Among the various forms of collective action, demonstrations are those that can attract greater visibility in the public space. With the development of communication technologies and the Internet, the organizing and mobilization processes promoted by activists, groups and social movements have been using and incorporating those technologies as the basis of their action, can be a merely instrumental character or as identity trace inherent to their Ethos. The power and scope of social movements' protest actions are now transnational, supplanting the local order, and establishing relations of forces that go beyond the borders of a country and the control of institutions and the state. New values, new practices and new formats can be recognized in the discourse that is present in the public sphere and sometimes come into a collision course. The study investigates demonstrations and how they relate to communication and information technology, through the analysis of two case studies of events that took place during the celebrations of the 40th anniversary of the "Carnation Revolution", as well as a quantitative study applied to a group of college students (n=377).

Keywords: Demonstrations; Collective Action; Protest; Social Movement; Internet; Information and Communication Technologies (ICT); Discourse; Framing; Political Action; Activism; Cyberprotest.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice de Quadros	xiii
Índice de Figuras	xv
Introdução	1
Capítulo I – O estudo: objetivos e modelos de investigação	3
Capítulo II – A manifestação	9
2.1. Manifestação como Objeto de Investigação	16
2.2. A Manifestação no Mundo	17
2.3. A Manifestação em Portugal	29
2.4. Manifestação como uma Liberdade e um Direito	35
Capítulo III – Linguagem, discurso e poder	39
3.1. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo	45
3.2. Discurso: Teoria e Método	46
3.3. A Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe	51
3.4. A Intertextualidade e a Interdiscursividade	57
3.5. Discurso e Materialidade	57
Capítulo IV - Linguagem, tecnologia e mediação	59
4.1. Media, Jornalismo e a Construção Social da Realidade	59
4.2. A Mediação	62
4.3. Ciberespaço e Sociedade em Rede	64
4.4. Do Modelo de “Propaganda” ao Modelo Reticular	65
Capítulo V - “Esfera Pública” e Tecnologia	69
Capítulo VI – Movimentos sociais	81
6.1. As Teorias dos Movimentos Sociais	81
6.2. Movimentos Sociais e as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)	95
Capítulo VII – A teoria dos quadros perceptivos ou “framing”	101
Capítulo VIII – Metodologia	109
8.1. A constituição das Ciências Sociais e os paradigmas epistemológicos	109
8.2. Métodos, Técnicas e procedimentos	112
Capítulo IX – Estudos de caso	115
9.1. Estudo de caso – “Dentro de ti ó Cidade”	115
9.1.1. Etnografia Virtual	117
9.1.2. Observação participante	119
9.1.3. Entrevistas semi-estruturadas	132
9.1.4. Entrevista com informantes privilegiados - Pedro Penilo	134
9.2. Estudo de caso – “Rios ao Carmo”	144
9.2.1. Análise da imagem – Evento geral	147
9.2.2. Etnografia Virtual – Evento geral	154

9.2.2.1 – Questionário online – Evento geral	158
9.2.3. Análise por grupo	162
9.2.3.1. Análise do grupo “Carruagem da Liberdade”	163
9.2.3.1.1. Etnografia Virtual do grupo	163
9.2.3.1.2. Observação participante do grupo – No dia 24 de abril de 2014	164
9.2.3.2. Análise do grupo “Curto e Grosso 450+Estudantes ao Carmo	165
9.2.3.2.1. Etnografia Virtual do grupo	165
9.2.3.2.2. Observação participante do grupo - Dia 24 de abril de 2014	167
9.2.3.3. “PREC’s Not Dead+Capitães Queer – Abril para Todas as Famílias+ Movimento Basta!!!Okupar o Carmo”	169
9.2.3.3.1. Etnografia Virtual do grupo	169
9.2.3.3.2. Observação participante do grupo	171
9.2.3.4. “Podes ser a Gota de Água+Afluente Marea Granate Lisboa+ Com Abraços de Cultura+Gaiteros e Percussionistas ao Carmo”	173
9.2.3.4.1. Etnografia Virtual do grupo	173
9.2.3.4.2. Observação Participante do grupo	175
9.2.4. Observação participante – Análise evento geral	178
9.2.5. Entrevistas semi-estruturadas	181
9.2.6. Entrevista com informantes privilegiados - Nuno Ramos de Almeida	189
9.3. Análise de Discurso e Framing	200
Capítulo X – Estudo exploratório: Métodos quantitativos	205
10.1. Métodos estatísticos utilizados	215
10.1.1. Estatística Descritiva	215
10.1.2. Testes paramétricos e não paramétricos	216
10.1.3. Teste t de Student	216
10.1.4. Teste ANOVA e Kruskal-Wallis	216
10.1.5. Teste do Qui-quadrado	217
10.1.6. Coeficiente de Correlação de Pearson	217
10.2. Análise Descritiva	218
10.2.1. Caracterização	219
10.2.2. Participação em manifestações	220
10.2.3. Participantes em manifestações	220
10.2.4. Questões respondidas por toda a amostra	227
10.3. Objetivos	229
10.3.1. Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” com o Género, Idade e Situação profissional	229
10.3.2. Relação de todas as questões com o género	231
10.3.3. Relação de todas as questões com a idade	239
10.3.4. Relação entre pertencer a uma organização com as atividades na manifestação e a opinião sobre as manifestações	247

10.3.5. Relação entre situação profissional (estudante, trabalhador/ estudante ou empregado por conta de outrem) com a opinião sobre as manifestações e os temas que motivam a participar numa manifestação	250
10.3.6. Relação entre participação ao longo da vida em manifestações com a opinião sobre as manifestações, as motivações para participar e se pertencem a uma organização	251
10.3.7. Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” com a opinião sobre as manifestações e como classifica as manifestações realizadas em Lisboa	255
Capítulo XI - Conclusão	257
Capítulo XII - Bibliografia.....	265
Anexos	275
Anexo A – Entrevistas Rios ao Carmo 1	277
Anexo B – Entrevistas Rios ao Carmo 2	281
Anexo C – Entrevistas Rios ao Carmo 3	289
Anexo D – Entrevistas Rios ao Carmo 4	295
Anexo E – Entrevista Nuno Ramos de Almeida	301
Anexo F – Entrevista Dentro de Ti Ó Cidade	329
Anexo G – Entrevista Pedro Penilo.....	333
Anexo H – Tabelas dos Estudos Qualitativo e Quantitativo – Inquérito por Questionário	367

Índice de Quadros

Quadro 2.1 - Participação em Manifestações 1988-1990.....	23
Quadro 2.2 - Formatos de Ação Política 1989-2004.....	24
Quadro 2.3 - Recurso à Manifestação – Evolução 1983,1984,1989 e 2004.....	25
Quadro 2.4 - Participação em Manifestações vs outros formatos de ação política 1983	26
Quadro 2.5 - Perfil dos Participantes em Manifestações.....	28
Quadro 7.1 - Tipologia das transformações de frame	105
Quadro 9.1 - Tabela Grupos Participantes no evento Rios ao Carmo, 24 Abril, 2014.....	146
Quadro 9.2 - Informação sobre os eventos dos grupos criados no Facebook.....	156

Índice de Figuras

Figura 1.1- Modelo de investigação.....	4
Figura 1.2- Modelo de investigação - variáveis	5
Figura 2.1 - Número de Artigos por ano	31
Figura 2.2 - Tipo de Protesto (Reportório).....	31
Figura 2.3 - Dimensão espacial do protesto	32
Figura 2.4 - Distribuição geográfica dos protestos (distrito).....	33
Figura 2.5 - Formas de Protesto	33
Figura 9.1- Cartaz da Manifestação/festa “Dentro de Ti Ó Cidade”, dia 3 de Maio de 2014	116
Figura 9.2 - Página do Evento criado no Facebook	117
Figura 9.3 - Respostas dos convidados no evento do Facebook	118
Figura 9.4 - Conteúdos por tipo na página do evento do Facebook	118
Figura 9.5 - Exemplos de posts publicados na página do evento no Facebook.....	119
Figura 9.6 - Imagens recolhidas no Chiado e no Largo de São Carlos durante a manifestação/festa “Dentro de Ti Ó Cidade”, dia 3 de maio de 2014.....	124
Figura 9.7 - Imagem com mapa de “Rios ao Carmo” Fonte: facebook/Guilhotina.Info	151
Figura 9.8 - Cartaz/ Imagem Facebook Assembleia Popular de AlgésFonte: facebook/Guilhotina.Info	151
Figura 9.9 - Imagem Cartaz para concentração no BarreiroFonte: facebook/Guilhotina.Info	151
Figura 9.10 - Imagem Cartaz e imagem digital (blogue e Facebook) de Guilhotina.info Fonte: facebook/Guilhotina.Info.....	151
Figura 9.11 - Imagem Cartaz Imagem do Facebook do Grupo “O Asfalto é tão Largo” da Casa da Achada Centro Mário Dionísio	151
Figura 9.12 - Imagem Cartaz Imagem do Facebook do Grupo “Curto E Grosso 450” dos Estudantes da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de LisboaFonte: facebook/Guilhotina.Info.....	151
Figura 9.13 - Imagem Cartaz de Guilhotina.info	152
Figura 9.14 - Imagem Cartaz Imagem do Facebook do Grupo +Um RioFonte: facebook/Guilhotina.Info	152
Figura 9.15 - Imagem Cartaz do Grupo “PRECs Not Dead” Fonte: facebook/Guilhotina.Info.....	152
Figura 9.16 - Imagem Cartaz e Imagem do Facebook do Grupo “Rio de Todas as Cores”, da ILGA Portugal/ Coro ColegasFonte: facebook/Guilhotina.Info.....	152
Figura 9.17 - Imagem Cartaz do Grupo “Capitão Queer” das Panteras Rosa	152
Figura 9.18 - Imagem Cartaz do Grupo “Rês-Vés Campo de Ourique”	152
Figura 9.19 - Imagem Cartaz do Grupo “Ribeira das Águas Livres”Fonte: facebook/Guilhotina.Info	153
Figura 9.20 - Imagem Cartaz do Grupo “Rio da Graça” da Assembleia Popular da Graça e ArredoresFonte: facebook/Guilhotina.Info.....	153
Figura 9.21 - Imagem Cartaz e imagem de Facebook do Grupo “Rio de Todas as Cores” da ILGA Portugal Fonte: facebook/Guilhotina.Info.....	153
Figura 9.22 - Imagem Cartaz e imagem do Facebook do Grupo “Ribeira das Águas Livres”	153
Figura 9.23 - Imagem Cartaz Geral.....	153
Figura 9.24 - Imagem Cartaz do Grupo “Triunfo dos Excravos” Fonte: facebook/Guilhotina.Info	153
Figura 9.25 - Imagem Cartaz do Grupo “Triunfo dos Excravos” Fonte: facebook/Guilhotina.Info	154
Figura 9.26 - Imagem Cartaz do Grupo “Triunfo dos Excravos” Fonte: facebook/Guilhotina.Info	154
Figura 9.27 - Página de evento no Facebook criado pelo grupo Que se Lixe a Troika.....	154
Figura 9.28 - Número de convidados através do Facebook	155
Figura 9.29 - Número Total de Publicações nas páginas do evento por grupo	157

Figura 9.30 - Número de publicações por autor (com 5 ou mais posts publicados).....	158
Figura 9.31 - Chegada dos manifestantes do grupo “Carruagem da Liberdade” à Estação do Rossio.....	165
Figura 9.32 - Imagens do Largo da Academia Nacional das Belas-Artes, Grupo “Curto e Grosso 450”, Associação de Estudantes da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa.....	168
Figura 9.33 - Imagens captadas junto do grupo “PRECs Not Dead”.....	171
Figura 9.34 - Imagens captadas junto ao grupo “Capitães Queer – Panteras Rosa”.....	172
Figura 9.35- Imagens captadas junto do grupo “Podes ser a Gota de Água+Afluentes Marea Granate Lisboa+ Com Abraços de Cultura+Gaiteros e Percussionistas ao Carmo”.....	176
Figura 9.36 -Imagens captadas no Largo do Carmo na noite de 24 de Abril.....	178
Figura 9.37 - Imagens captadas no Largo do Carmo na noite de 24 de Abril.....	179
Figura 9.38 - Imagens captadas no Largo do Carmo na noite de 24 de Abril de 2014.....	179
Figura 10.1 - Desenho do questionário.....	206
Figura 10.2 - Apresentação do questionário no formato computador e mobile.....	210
Figura 10.3 - Gráfico de frequências: Género.....	219
Figura 10.4- Gráfico de frequências: Idade.....	219
Figura 10.5 - Gráfico de frequências: Situação profissional.....	219
Figura 10.6 - Gráfico de frequências: Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?.....	220
Figura 10.7 - Gráfico de frequências: Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida.....	220
Figura 10.8 - Gráfico de frequências: Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação (total de 115 respostas).....	221
Figura 10.9 - Gráfico de frequências: Em que tipo de manifestações participou? (total de 115 respostas).....	221
Figura 10.10 - Gráfico de frequências: Das seguintes manifestações realizadas em Lisboa em 2014, selecione aquelas em que participou (total de 115 respostas).....	222
Figura 10.11 - Gráfico de frequências: Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?.....	222
Figura 10.12 - Gráfico de frequências: Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização? (total de 115 respostas).....	223
Figura 10.13 - Gráfico de frequências: Qual foi o motivo que o levou a participar na última manifestação? (total de 115 respostas).....	223
Figura 10.14 - Gráfico de frequências: Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações? (total de 115 respostas).....	224
Figura 10.15 - Gráfico de frequências: Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação (total de 115 respostas).....	224
Figura 10.16 - Gráfico de frequências: Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar (total de 115 respostas).....	225
Figura 10.17 - Gráfico de frequências: Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?.....	225
Figura 10.18 - Gráfico de frequências: Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet? ..	226
Figura 10.19 - Gráfico de frequências: Utiliza as redes sociais online?.....	226
Figura 10.20 - Gráfico de frequências: No caso de ser utilizador de redes sociais online, indique aquelas onde possui perfil de utilizador (total de 100 respostas).....	226
Figura 10.21- Gráfico de frequências: Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?.....	226

Figura 10.22 - Gráfico de frequências: Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa (não sabe/não conhece).....	227
Figura 10.23 - Gráfico de médias: Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa	227
Figura 10.24 - Gráfico de frequências: Em que medida concorda com as seguintes afirmações (não sabe/não conhece).....	228
Figura 10.25 - Gráfico de médias: Em que medida concorda com as seguintes afirmações	228
Figura 10.26 - Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” e o género	229
Figura 10.27 - Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” e a idade	230
Figura 10.28 - Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” e a situação profissional	230
Figura 10.29 - Gráfico de frequências: Relação entre “Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida:” e o género	231
Figura 10.30 - Gráfico de frequências: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e o género.....	231
Figura 10.31 - Gráfico de frequências: Relações entre “Em que tipo de manifestações participou?” e o género.....	232
Figura 10.32 - Gráfico de frequências: Relações entre “Das seguintes manifestações realizadas em Lisboa em 2014, selecione aquelas em que participou” e o género	232
Figura 10.33 - Gráfico de frequências: Relação entre “Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?” e o género	233
Figura 10.34 - Gráfico de frequências: Relações entre “Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização?” e o género	233
Figura 10.35 - Gráfico de frequências: Relações entre “Qual foi o motivo que o levou a participar na última manifestação?” e o género.....	234
Figura 10.36 - Gráfico de frequências: Relações entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e o género	234
Figura 10.37 - Gráfico de frequências: Relações entre “Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação” e o género.....	235
Figura 10.38 - Gráfico de frequências: Relações entre “Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar” e o género.....	235
Figura 10.39 - Gráfico de frequências: Relação entre “Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?” e o género	236
Figura 10.40- Gráfico de frequências: Relação entre “Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?” e o género.....	236
Figura 10.41 - Gráfico de frequências: Relação entre “Utiliza as redes sociais online?” e o género	237
Figura 10.42 - Gráfico de frequências: Relações entre “No caso de ser utilizador de redes sociais online, indique aquelas onde possui perfil de utilizador” e o género	237
Figura 10.43 - Gráfico de frequências: Relação entre “Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?” e o género.....	237
Figura 10.44 - Gráfico de médias: Relações entre “Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa” e o género.....	238
Figura 10.45 - Gráfico de médias: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e o género	238
Figura 10.46 - Gráfico de frequências: Relação entre “Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida:” e a idade.....	239

Figura 10.47 - Gráfico de frequências: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e a idade	239
Figura 10.48 - Gráfico de frequências: Relações entre “Em que tipo de manifestações participou?” e a idade .	240
Figura 10.49 - Gráfico de frequências: Relações entre “Das seguintes manifestações realizadas em Lisboa em 2014, selecione aquelas em que participou” e a idade.....	240
Figura 10.50 - Gráfico de frequências: Relação entre “Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?” e a idade	241
Figura 10.51 - Gráfico de frequências: Relações entre “Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização?” e a idade.....	241
Figura 10.52 - Gráfico de frequências: Relações entre “Qual foi o motivo que o levou a participar na última manifestação?” e a idade	242
Figura 10.53 - Gráfico de frequências: Relações entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e a idade.....	243
Figura 10.54 - Gráfico de frequências: Relações entre “Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação” e a idade	243
Figura 10.55 - Gráfico de frequências: Relações entre “Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar” e a idade	244
Figura 10.56 - Gráfico de frequências: Relação entre “Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?” e a idade.....	244
Figura 10.57 - Gráfico de frequências: Relação entre “Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?” e a idade	244
Figura 10.58 - Gráfico de frequências: Relação entre “Utiliza as redes sociais online?” e a idade	245
Figura 10.59 - Gráfico de frequências: Relações entre “No caso de ser utilizador de redes sociais online, indique aquelas onde possui perfil de utilizador” e a idade.....	245
Figura 10.60 - Gráfico de frequências: Relação entre “Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?” e a idade	246
Figura 10.61 - Gráfico de frequências: Relações entre “Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa” e a idade	246
Figura 10.62 - Gráfico de frequências: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e a idade.....	247
Figura 10.63 - Gráfico de frequências: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e a situação profissional	250
Figura 10.64 - Gráfico de frequências: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e a situação profissional	251
Figura 10.65 - Gráfico de frequências: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e participação ao longo da vida em manifestações.....	252
Figura 10.66 - Gráfico de frequências: Relações entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e a participação ao longo da vida em manifestações	253
Figura 10.67 - Gráfico de frequências: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e a participação ao longo da vida em manifestações.....	254
Figura 10.68 - Gráfico de médias: Relações entre “Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa” e ter participado ou não em manifestações.....	255
Figura 10.69 - Gráfico de médias: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e ter participado ou não em manifestações	255

INTRODUÇÃO

“O Movimento do Protesto: Discurso Digital e Manifestações de Reivindicação de Direitos Sociais no Espaço Público” é o título da tese, realizada no âmbito do Doutoramento em Ciências das Comunicação, no ISCTE-IUL, entre os anos de 2011 e 2016, e que resume um percurso de investigação plasmado ao longo dos próximos 12 capítulos.

O produto que agora é possível apresentar resulta de um processo muito pouco linear, por vezes orgânico e tenso, em que alguns dos seus aspetos fundamentais se processaram por osmose e imersão, num ambiente marcado por uma “crise” social e económica que Portugal tem vindo a atravessar nos últimos anos. Um período tumultuoso de “efervescência social”, que suscitou inúmeras ações de intervenção política, como os casos das manifestações dos movimentos “Geração à Rasca”, em 2011, e do coletivo “Que se Lixe a Troika”, em 2012 e 2013.

Além do aspeto social, interessa, no presente trabalho, fazer uma reflexão sobre a forma como as tecnologias da comunicação e da informação, que incluem a internet e os dispositivos móveis, são utilizados por cidadãos, por ativistas e por organizações na ação política. Serão vistos como meros instrumentos com propósitos estratégicos ou, por outro lado, consistem em algo que vai para além disso, enquanto formas de expressão reveladoras de traços identitários de indivíduos e grupos? Pertinente será também saber que efeitos têm as várias formas de utilização das tecnologias da comunicação, ao nível dos movimentos sociais e do ativismo, e como isso pode estar implicado nos formatos e características dos seus protestos.

As manifestações são, desde há muito, um dos principais dispositivos de ação e intervenção política nas sociedades democráticas contemporâneas, além de assumirem igualmente configurações de revolta e sublevação em contextos mais extremos, como no caso da conhecida “Primavera Árabe”, em sociedades com outros modelos de organização política e social. Ao longo do presente trabalho, iremos explorar os temas associados às manifestações, os movimentos sociais que as preconizam, bem como o aspeto que envolve a tecnologia, que pode estar ou não implicado neste processo. A revista *Time*, após considerar o utilizador de tecnologia como a pessoa do ano de 2006, com a célebre capa *You*, nomeia o manifestante como a figura mais relevante em 2011, pela importância que o protesto e as manifestações têm assumido em todo o mundo.

A seleção do tema e do objeto de investigação não foram fruto do acaso, estando a sua pertinência e interesse justificados não só pela atualidade, mas acima de tudo pela necessidade de compreensão de uma temática que, independentemente das dimensões micro ou macro, poderá servir para desenvolver investigações mais orientadas relativamente a temas políticos e sobre o comportamento das multidões, além das questões da violência, da intolerância e como estas se relacionam com a identidade e a utilização da tecnologia no mundo de hoje, num espaço que é global e preenchido por uma multiplicidade de discursos que, muitas vezes, são opostos e se encontram em rota de colisão.

Foram analisadas duas manifestações, que representam dois formatos e modelos distintos, no sentido de estabelecer uma comparação entre elas, de forma a inferir conclusões acerca dos efeitos que a utilização das tecnologias da comunicação e da informação poderão ter nos formatos, morfologia, estratégias e discursos dos protestos. Interessa também analisar a relação da produção dos discursos e a utilização daquelas tecnologias ou, por outro lado, se essa utilização constitui ela própria um discurso.

O primeiro e segundo capítulos desenvolvem a temática das manifestações, na tentativa de delimitar o objeto de estudo, através da descrição das dimensões de análise e dos conceitos, assim como uma contextualização e evolução histórica do fenómeno. Completamos esta parte com uma revisão dos principais estudos sobre manifestações, no mundo e em Portugal.

As questões sobre a linguagem, o discurso e o poder são tratadas no terceiro capítulo no sentido de dar uma perspetiva geral das teorias e correntes de pensamento e abordar o conceito de representação e de discurso, os principais autores estruturalistas e pós-estruturalistas, que foram determinantes no trajeto das Ciências Sociais e Humanas, assim como uma abordagem às teorias do Discurso, especialmente aquela que foi desenvolvida por Laclau e Mouffe.

No quarto capítulo procura-se aprofundar os aspetos da linguagem, da tecnologia e da mediação e como estes podem estar associados aos modelos de organização social e política das sociedades ocidentais na atualidade, prestando especial atenção ao papel do jornalismo no desenvolvimento da democracia, assim como as diferenças entre os paradigmas de comunicação de massas e de comunicação em rede.

Em destaque no quinto capítulo, o tema do desenvolvimento da Esfera Pública, de Habermas, e a sua articulação com as novas teorias e conceitos sobre a sociedade da informação e o modelo de comunicação em rede, no sentido de refletir acerca das alterações sociais e políticas numa Era marcada pela utilização da tecnologia.

No sexto e no sétimo capítulos, iremos proceder à revisão da literatura sobre a temática dos movimentos sociais e as suas dimensões, assim como explorar a dimensão da tecnologia associada às ações de protesto. Além disso, abordaremos a teoria do *Framing*, as suas origens e os seus conceitos e métodos.

Os capítulos oitavo, nono e décimo são dedicados à metodologia e procedimentos de recolha e análise de dados, compreende também dois estudos de caso compostos por dados qualitativos e um estudo exploratório com base em dados quantitativos.

CAPÍTULO I – O ESTUDO: OBJETIVOS E MODELOS DE INVESTIGAÇÃO

Muito se tem investigado acerca dos movimentos sociais e da ação coletiva. Uma área de estudos bastante vasta. Por este motivo, considerámos circunscrever o campo da pesquisa, assumindo as “manifestações” na qualidade de objeto empírico. Com a possibilidade de integrar diferentes formatos de protesto, as *performances* dos movimentos sociais, segundo Tilly (2004), podem compreender a constituição de associações e coligações especialmente orientadas para um propósito, reuniões públicas, cortejos solenes, vigílias, marchas, petições, discursos junto dos *media* e a criação e distribuição de panfletos. As manifestações, segundo o autor, ilustram muito bem as origens históricas das *performances* dos movimentos sociais (Tilly, 2004: 44-45).

O conceito envolve várias dimensões, desde a religiosa, ao entretenimento popular, a palavra “manifestação” (em inglês *demonstration*) pode servir para muita coisa e exprimir ideias distintas. Convém, então, deixar claro que o estudo aqui apresentado considera as dimensões política e social das manifestações de protesto, celebração de um aspeto histórico ou data relevante do campo político ou de reivindicação de direitos políticos ou sociais.

O presente trabalho pretende investigar as manifestações referentes a temáticas políticas e sociais, promovidas e organizadas por movimentos sociais formais e informais, institucionalizados e não institucionalizados, “novos movimentos sociais” e “velhos movimentos sociais”, com especial atenção às estratégias de mobilização e repertórios, com o objetivo de compreender os efeitos da utilização das tecnologias da comunicação e da informação (doravante TIC) e como elas estão a contribuir para a alteração da comunicação e da ação de movimentos sociais e, até mesmo, na alteração dos procedimentos de ação do jogo político e da relação entre atores e instituições.

A questão de partida que esteve na base da investigação e para a qual procurámos respostas consiste em saber:

- Como são utilizadas as tecnologias da comunicação e da informação (TIC) pelos movimentos sociais e qual a sua relação com os aspetos identitários do grupo e suas manifestações em espaço público?

Questões secundárias:

- Que aspetos caracterizam a organização de movimentos sociais e respetivas estratégias de comunicação e de ação no espaço público?
- São as TIC utilizadas enquanto instrumentos estratégicos de comunicação e ação ou constituem um elemento integrante da identidade dos movimentos sociais?

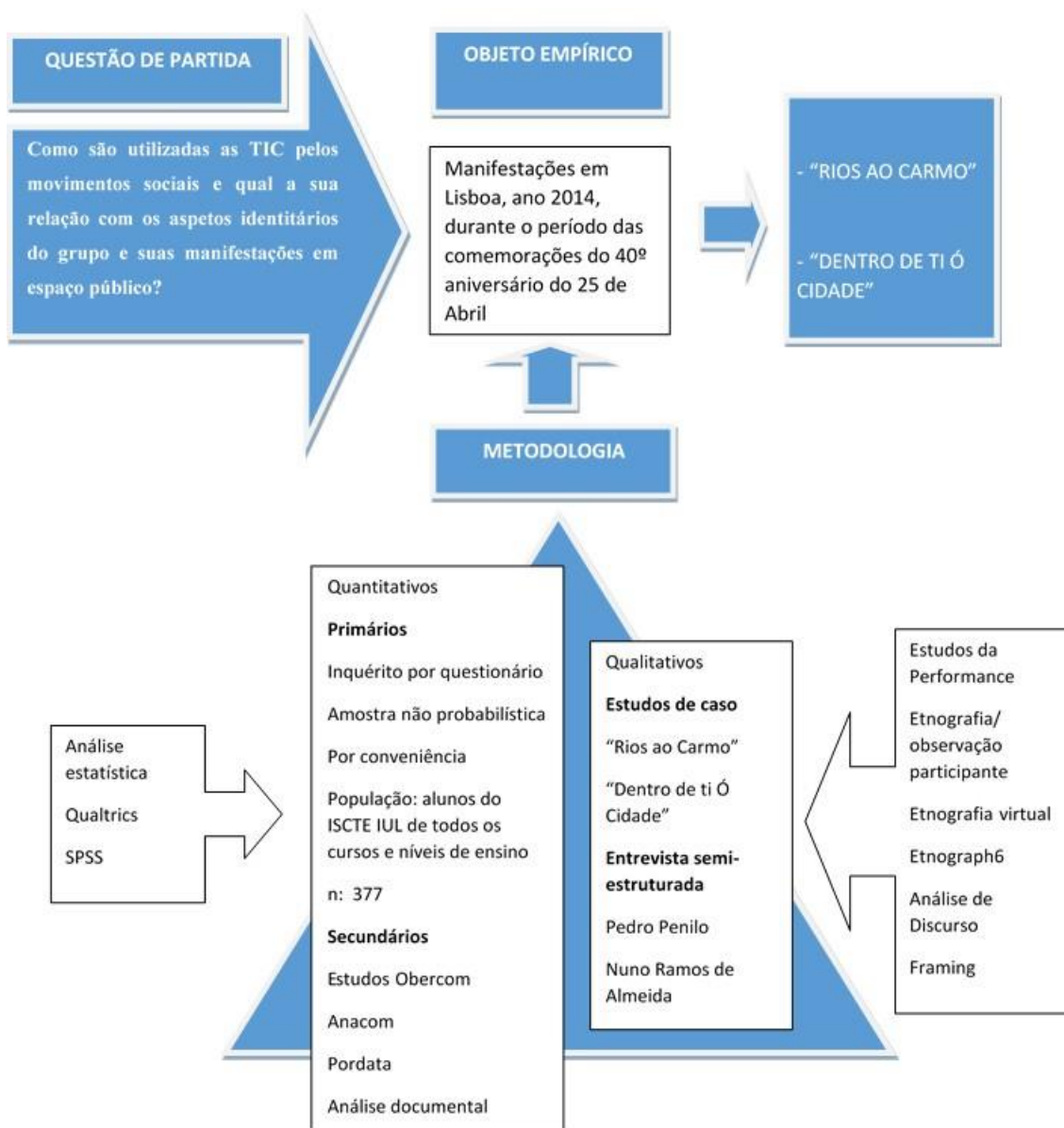


Figura 1.1 - Modelo de investigação

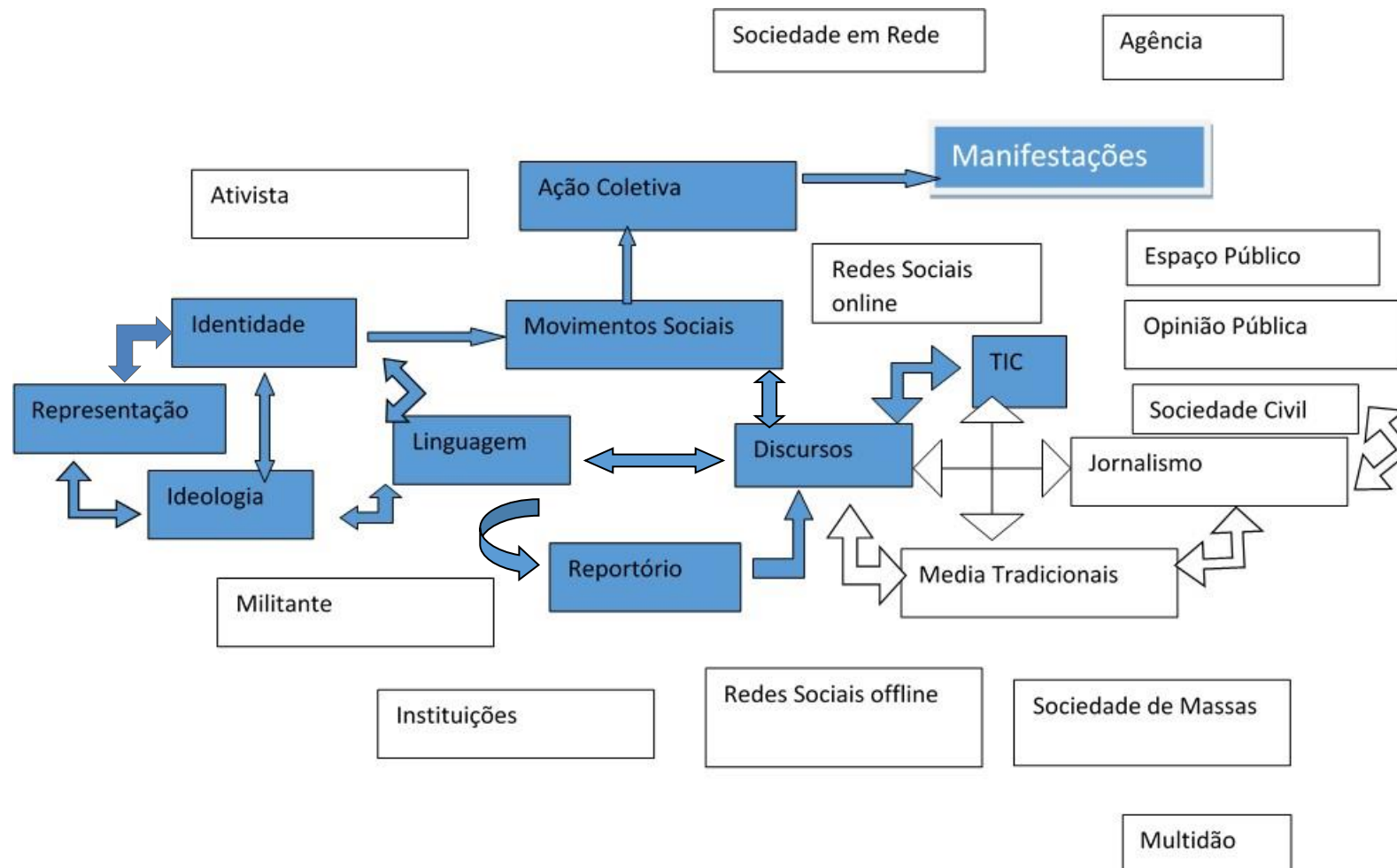


Figura 1.2 - Modelo de investigação - variáveis

“O movimento do protesto: Discurso digital e manifestações de reivindicação de direitos sociais no espaço público” é um título suficientemente abrangente para considerar uma reflexão, também ela bastante ampla, acerca dos efeitos das tecnologias da comunicação e da informação nos processos políticos e sociais.

Não obstante, ao circunscrever o estudo na área das Ciências da Comunicação, é-nos possível traçar um modelo de investigação que compreende um conjunto de variáveis e de relações que interessa analisar no âmbito deste quadro epistemológico. Com a impossibilidade de estudar a fundo todos aqueles elementos, por questões de recursos e de tempo, considerámos como método viável fixar-nos num conjunto restrito de variáveis e relações em que o objeto “manifestação” poderá enquadrar-se. É possível constatar pelas Figuras 1.1. e 1.2. o caminho realizado nesta investigação, assim como o modelo e técnicas utilizadas na recolha e análise de dados.

Com estudos na área da Ciência Política, Comunicação, Direito, Economia, Antropologia, Psicologia Social, História e Sociologia, as “manifestações” podem ser entendidas enquanto uma forma de protesto de movimentos sociais e, por isso, as principais teorias e estudos aparecerem associados ao conceito de “ação coletiva” (Tilly, 2004; Tarrow, 1998; Della Porta, 2005; Diani, 2000a, 2000b, 2003; Melucci, 1989; McCarthy e Zald, 1977; Fillieule e Tartakowsky, 2013). Alguns estudos analisam, ainda, as “manifestações” numa perspetiva da mobilização eletrónica e o papel que os novos media e as redes sociais *online* desempenham no processo, assim como a forma daqueles movimentos e ativistas comunicarem entre si e externamente através daquelas ferramentas (Castells, 2007a, 2007b, 2008, 2009, 2013; Snow, 1986, 2002, 2004; Rucht; Bennett, 2003; Dahlgren, 2001, 2004).

Antes de desenvolvermos mais este tema e de analisarmos o que os principais investigadores e estudos referem sobre ele, convém esclarecer, todavia, o objeto do presente estudo, recorrendo a uma definição de Casquete (2006: 47):

I understand a demonstration to be a collective gathering in a public space whose aim is to exert political, social, and/or cultural influence on authorities, public opinion and participants through the disciplined and peaceful expression of an opinion or demand. The cultural, political, and/or social focus of interest distinguishes demonstrations from parades, which are marches ‘for the sake of marching’ and are characterized by ‘seeming aimlessness, or lack of plot’ (Ryan, 1989, p. 134). Ideally, these public places in which demonstrations are staged combine both high visibility and symbolic salience.

De acordo com Etzioni (1970: 1):

Demonstrations, I shall show in detail below, are a particularly effective mode of political expression in an age of television, for underprivileged groups, and for prodding stalemated bureaucracies into taking necessary actions. Indeed, demonstrations are becoming part of the daily routine of our democracy and its most distinctive mark.

Danielle Tartakowsky (1997: 8) caracteriza as manifestações como:

La manifestation signifie, enfin, une occupation précaire et transitoire de la rue et une rupture dans les usages codifiés de l'espace et du temps. Elle diffère en cela du cortège officiel toujours inscrit dans un espace/temps convenu, historiquement et urbanistiquement marqué et, parfois même, érigé à ces fins. Elle présente des lors, une dimension subversive que peuvent certes atténuer l'usage ou la tradition mais qui lui vaut de toujours poser un problème d'ordre public. En induisant *ipso facto* un rapport obligé avec l'État, son garant. Cette forme d'action met donc en scène la totalité du corps social, à la différence de la grève où s'affrontent ceux - là seuls qu'opposent les rapports de production (grèves politiques exceptées).

Simon Cottle (2008) defende que as ações de protesto e as manifestações têm desempenhado um papel crucial no desenvolvimento da democracia. Segundo o autor, na teoria política da democracia liberal elas constituem uma ponte para ajudar a restituir desconexões entre públicos, opinião pública e legisladores e que, na teoria social mais recente, elas desempenham um papel na revitalização das democracias parlamentares moribundas, cristalizando novas identidades coletivas e fazendo circular códigos culturais. Hoje, acrescenta o autor, a política que anima as manifestações não toma lugar somente nas praças e ruas públicas mas, necessariamente, nos e através dos *media* (Cottle, 2008: 851).

Segundo os autores acima citados, as manifestações são consideradas instrumentos de ação e intervenção política, cuja visibilidade e dimensão simbólica são fatores cruciais para o seu sucesso, por esta razão se explica a forte dependência dos *media* e da televisão, atendendo à lógica de um modelo de comunicação de massas. As tecnologias de comunicação e os *media*, assim como as formas de comunicar e as práticas, têm vindo a alterar-se, pelo que interessa, atualmente, estudar a relação das manifestações com o novo modelo de comunicação emergente – a comunicação em rede. O presente trabalho pretende apresentar os resultados de uma investigação desenvolvida com o objetivo de apoiar a compreensão deste fenómeno, constituindo um tema cada vez mais pertinente, tendo em conta o contexto em que atualmente vivemos em Portugal, após assistirmos às grandes mobilizações organizadas pelos movimentos “Geração à Rasca”, em 2011, e “Que se Lixe a Troika”, em 2012 e 2013.

CAPÍTULO II – A MANIFESTAÇÃO

Olivier Fillieule é um dos principais investigadores europeus na área dos movimentos sociais e, especialmente, das manifestações como uma das mais importantes formas de ação política. Neste sentido, tomemos o livro *La Manifestation* (2013) como referência, que publicou juntamente com Danielle Tartakowsky, e onde se define “manifestação de rua” como uma forma de expressão política. O conceito refere-se a um universo de práticas múltiplas, mas não infinitas, codificadas e rotinizadas, mas suscetíveis de transformação, historicamente constituídas e culturalmente delimitadas mas sempre em evolução. Podemos, com base nos autores, definir ainda a manifestação como ocupação momentânea por muitas pessoas de um lugar aberto, público ou privado, e que comporta diretamente e indiretamente a expressão das opiniões públicas. Encontra-se no mesmo território que os cortejos processionais, religiosos, corporativos ou festivos, assim como das revoltas populares e insurreições, dos motins ou mobilizações (Fillieule e Tartakowsky, 2013: 11-12).

O facto de ser a rua o espaço físico ligado à génese e característica fundamental da manifestação, fez com que Fillieule e Tartakowsky (2013) traçassem uma contextualização histórica acerca da constituição da rua enquanto espaço primordial de vivência em comunidade, quer por questões práticas de permitir o encontro e a concentração de muitas pessoas, quer pelo aspeto simbólico que aporta no sentido de viabilizar a exteriorização e tornar públicas as mensagens e ações. Além de que a rua é um lugar simbólico na medida em que se associa a acontecimentos históricos, à toponímia ou à arquitetura do espaço. Assim, a manifestação é essencialmente um fenómeno ligado à invenção do conceito de “rua”. Ao nascer do século XX, a rua é um sítio de *habitat*, ao mesmo tempo que é igualmente um lugar eminentemente político (Fillieule e Tartakowsky, 2013: 13-14).

O carácter simbólico e físico da manifestação está implícito na etimologia do verbo “manifestar”, através da colocação da raiz do verbo “defender” com a palavra latina de *manus* (mão), a palavra exprime a ideia de defesa e de reivindicação sob a forma material e física de intervenção no espaço. O carácter público da manifestação, através da intervenção na rua, é uma característica que marca a oposição entre classes populares e a burguesia. A manifestação é, então, uma forma expressiva de afirmar a identidade do grupo (Fillieule e Tartakowsky, 2013: 13-15).

De acordo com Fillieule e Tartakowsky (2013: 16-17) a manifestação está associada a quatro elementos:

- a) A ocupação momentânea - Ocorre em locais físicos abertos, que são públicos (a rua) ou privados (uma galeria comercial, uma entrada de um edifício);
- b) A expressividade - Toda a manifestação tem como primeira dimensão a expressividade, para os seus participantes como para os seus públicos, pela afirmação visível de um grupo preexistente ou não, pela forma como colocam as exigências sociais. Excluem-se os encontros das massas heterogéneas, sem princípio unificador (uma massa de consumidores num dia de feira, ou ainda o fenómeno dos *flashmobs*), mais ainda as ações políticas que

visam a descrição e secretismo. Um segundo critério está ligado ao primeiro, na medida em que um local aberto condiciona a expressão e a sua exterioridade;

- c) O número dos participantes – Por ter uma natureza coletiva, a manifestação requer um número mínimo de atores;
- d) A natureza política da manifestação - Refere-se à politização dos cortejos festivos. Consideramos que a manifestação deve traduzir-se por ou desenvolver-se sobre a expressão de reivindicações de natureza política ou social.

A marcha de rua na contemporaneidade é o produto de um longo processo histórico. Podemos considerar a arruada como sendo a matriz da manifestação, bem como outros formatos de ação política que incluem a concentração, a barricada o bloqueio e os *sit-ins*: “Moral protest comes in different styles. The standard ones today include large public rallies and marches, occupations of symbolic or strategic sites, provocative verbal and visual rhetoric, and more mainstream lobbying and electioneering” (Jasper, 1997: 5). O recurso à manifestação, assim como outras formas de protesto como a greve ou o boicote, inscrevem-se naquilo que Erik Neveu (1999) nomeia de “arena dos conflitos sociais”.

Defende Tilly (2004) que as manifestações ilustram as origens históricas das performances de movimentos sociais específicos. Apesar da sua grande difusão e generalização através de uma variedade de definições e temas, as manifestações assumem diferentes formatos de acordo com os locais de origem. Para a conceção de manifestação contribuem três fatores, segundo o autor: modelos/ formatos de interação, aspetos legais para a organização dos movimentos e dos protestos, representações das relações entre manifestantes e outros atores políticos, incluindo autoridades. A história das manifestações em França e na Bélgica, segundo Tilly (2004), acompanha a institucionalização dos movimentos sociais no âmbito das políticas públicas naqueles países da Europa. Durante o século XIX aconteceu o mesmo nos países em processo de democratização e em algumas das suas colónias (Tilly, 2004: 44). Tarrow (1998: 100) defende, igualmente, que as manifestações estão ligadas historicamente à democratização: “it was in the democratic phase of the 1848 revolution that the demonstration appeared in its full modern form”.

Uma manifestação apresenta várias dimensões. Fillieule e Tartakowsky (2013: 19-21) fazem alusão ao modelo de “momento manifestante” que Pierre Favre (1990) apresenta no seu livro *La Manifestation* (1990). São descritas como dimensões deste modelo as pessoas presentes na rua, o objeto (em torno de um símbolo, organismo ou uma personalidade), os espetadores e a base social. Existem dois campos, um constituído pelos manifestantes, onde participam grupos e organizações, e por outro lado, os observadores, o público, os jornalistas, a opinião pública e as forças policiais. Por vezes, a tensão entre manifestantes e contramanifestantes e as forças policiais pode fazer surgir situações violentas, o que interessa de sobremaneira aos meios de comunicação social, isto é, a forma como a ordem é mantida e a violência evitada e controlada, constitui matéria com potencial informativo e noticioso.

Enquanto forma de ação de protesto, a manifestação aporta um sentido corporativo e institucional, que faz parte do contrato e processo de negociação pública, em que uma das variáveis é o regime político. No caso de se tratar de uma democracia representativa, a interação desenvolve-se tendo em conta os representados e os representantes. O recurso à rua institucionalizou-se de certa forma como um barómetro da participação política e eleitoral. Os governantes ou partidos usam a manifestação de massas para tornar visível o apoio popular que eles alegam beneficiar. Nas palavras de Tarrow (1998: 100), “Like the strike, the demonstration began as a disruptive direct action that was eventually institutionalized. Owing much to the form of the religious procession, it seems to have developed when challengers moved from one target to another, either to attack opponents or to deliver demands.”

Estes são alguns elementos que apoiam a nossa reflexão sobre o objeto em estudo, permitindo compreender porque a manifestação nas ruas é o centro de vários conflitos políticos contemporâneos.

Assumindo como lacuna a falta de dados recentes, tomámos como referência a investigação no campo da sociologia histórica desenvolvida nos últimos anos por Fillieule e Tartakowsky. De acordo com dados recolhidos em vários estudos pelos autores, foram registadas 10 mil manifestações de rua entre os anos 1980 e 1990 (Fillieule e Tartakowsky, 2013: 75). Pelo que é possível afirmar que as manifestações têm sido dos formatos de ação política mais populares, quer falemos de regimes democráticos ou não.

As manifestações constituem uma forma de interpelação direta de políticos e governantes. Todavia, independentemente do regime político, existem manifestações que podem variar na sua morfologia ou no número de participantes. Se pensarmos no modelo democrático representativo, as manifestações são um meio de comunicação entre representados e representantes, utilizando por vezes estratégias para atrair sobre si a atenção de públicos e de jornalistas. A utilização de estratégias, tendo em conta a linguagem mediática, tem como propósito influenciar a opinião pública que, como sabemos, é uma entidade abstrata, mas que exerce muito poder sobre os decisores políticos.

No jogo político, as sondagens de opinião ocupam um lugar de destaque, criticadas por alguns autores pela sua sobrevalorização e pela incapacidade de refletirem a realidade sendo, por isso, facilmente manipuláveis em função de interesses e estratégias propagandísticas. Não obstante, as sondagens de opinião são um recurso utilizado pelas instituições democráticas no sentido de proporcionar a legitimidade do exercício de poderes e de políticas públicas, pela suposição da vontade da maioria, tendo por base os princípios democráticos. Este efeito que legitima a ação política encontramos, de igual modo, no formato de manifestação, que funciona como uma opinião que se materializa e ocupa o espaço com os corpos, as vozes e os gestos dos manifestantes. A manifestação tem, nesta perspetiva, um carácter essencialmente simbólico e de representação.

As manifestações constituem uma prática social com objetivos de intervenção na vida política, é possível com ela compreender melhor como as dimensões do político e do social se interligam, pois é aqui que efetivamente as duas dimensões se sobrepõem. Como tal, as manifestações são um objeto em contínua transformação. Os diferentes contextos históricos atestam isso mesmo, pois desde as revoltas

dos colonos americanos e da Revolução Francesa que temos vindo a assistir a uma evolução do formato das manifestações e de outras formas de ação política, por vezes, com recurso à violência ou com um carácter revolucionário. Em Portugal, as revoltas populares como a conhecida Revolta da Maria da Fonte ou o Golpe Militar de 25 de Abril de 1974; em França, o Maio de 68, ou a Revolta de Chiapas, no México, são alguns exemplos de episódios com relatos de manifestações cujas razões, origem, formato e morfologia diferem tendo em conta o período e o contexto histórico. Não querendo com isto fazer o elogio da História, todavia é preciso deixar claro a sua imprescindibilidade na área de estudo dos movimentos sociais.

Muitos estudos referem-se ao aumento do volume global de manifestações atualmente. Todavia, há que ter em conta que, apesar da frequência de ocorrências tenham tendencialmente aumentado nos últimos anos, observam-se mudanças a nível morfológico, nomeadamente, a multiplicação das “micromobilizações”: “By micromobilization we refer simply to the various interactive and communicative process that affect frame alignment” (Snow *et al.*, 1986: 464-465). É possível então pensar numa evolução dos formatos de participação política contemporâneos que se orientam em direção das micromobilizações. Segundo Fillieule e Tartakowsky (2013), este fenómeno observa-se em todos os países europeus em graus diversos, sendo que a informação sobre estas ocorrências recai mais sobre as autoridades policiais que sobre a imprensa. É difícil de datar e conhecer a origem desta proliferação de manifestações de proximidade, mas o que é preciso ter em conta é que este formato está a ultrapassar em muito o número de manifestações de massas promovidas por sindicatos ou partidos políticos, iniciativas essas que estão já em declínio em alguns países (2013: 78).

Outro aspeto a considerar e que constitui um fator de mudança na morfologia das manifestações é, sem dúvida, a difusão e circulação a nível transnacional. A globalização das comunicações permitiu este movimento de pessoas, informações, mercadorias e, mesmo, políticas. Podemos apresentar como exemplo a introdução de medidas neoliberais, nomeadamente a nível de acordos e das relações comerciais entre países, ou a integração europeia. Este facto tem vindo a permitir a criação de organizações de âmbito transnacional, como é o caso dos movimentos sociais, que se expandem muito rapidamente geograficamente, colocando em prática estratégias de veiculação de símbolos e mensagens que acabam por influenciar a ação de ativistas em muitos países (Fillieule e Tartakowsky, 2013: 78).

A cadeia humana foi desde sempre a principal maneira de influenciar e ganhar apoiantes para causas, mas com o desenvolvimento tecnológico, a imprensa e a televisão têm sido utilizadas como instrumentos de divulgação de movimentos sociais em todo o mundo. Os formatos de manifestação no âmbito da comunicação de massas permitia uma mobilização massiva, em que marchas, desfiles e concentrações se popularizaram como formas de intervenção política. O aparecimento das novas tecnologias da comunicação e da informação (TIC), de acordo com características que potenciam uma forma de comunicar interativa e individualizada, sem no entanto perder de vista o aspeto massivo que designa a televisão e a imprensa, vieram mudar a forma como as pessoas se manifestam e, conseqüentemente, a morfologia dos eventos de protesto.

As manifestações podem assumir muitos formatos e, hoje, os reportórios que fomentam a mobilização são também muito variados, mas nem sempre foi assim. O desenvolvimento industrial acentuou as relações patronato e proletariado, pelo que as greves e as manifestações foram os formatos que acabaram por fazer parte da génese do movimento operário internacional, cujos sindicatos e organizações profissionais constituíram os principais protagonistas (Rosa Luxemburg, 1999)¹ que adotaram estes formatos para reivindicar direitos associados à prática laboral, não só sobre as condições de trabalho (por exemplo as 8 horas ou a existência de férias), mas também outras questões que se prenderam maioritariamente com a identidade profissional. Este sentido corporativista pode estar associado às características de uma sociedade de massas que permitia a uniformização e a veiculação extensa de mensagens, o que resultou na construção de universais, que segundo Pierre Levy caracteriza os aspetos que atingem uma dimensão consensual à escala global. A comemoração do 1º de Maio adquiriu rapidamente uma dimensão global, mobilizando milhares de pessoas em manifestações em vários países mundiais em simultâneo. Hoje, além de assistirmos a uma queda generalizada no número de pessoas sindicalizadas e de militantes dos partidos políticos, observamos uma miríade de reportórios que atendem a um vasto espectro de causas e reivindicações, reportório esse que antes se apresentava como uniforme e próprio de organizações sindicais e partidos de esquerda, em que as reivindicações eram essencialmente as mesmas, de acordo com os valores preconizados pelas instituições. As manifestações não são já um formato quase exclusivo de organizações corporativistas, mas sim uma estratégia ou meio de expressão de muitos grupos e movimentos sociais institucionalizados ou não.

Segundo Fillieule e Tartakowski (2013: 76), em França, nos anos 1980 e 1990, a atividade manifestante estende-se a quase todas as categorias socioprofissionais. A imensa maioria dos desfiles de rua foram iniciados por organizações sindicais sobre as temáticas ligadas aos salários e às condições de trabalho. Todavia, hoje, as manifestações, além de serem organizadas por outros grupos que não os sindicatos têm origem em razões que vão muito além dos assuntos laborais, que passam por questões de identidade, de género, ambientais ou outras, que reforçam o seu carácter de diversidade. A frequência das manifestações parece ter aumentado, mas o número de participantes é menor, dando origem a manifestações de pequena dimensão, tendo por isso que recorrer a estratégias criativas ou por vezes violentas para atrair sobre si as atenções.

A insurreição zapatista de Chiapas contra o neoliberalismo, em 1994, veio dar uma nova perspetiva ao fenómeno das manifestações e como estas são utilizadas por organizações e movimentos sociais. Neste caso, atribui-se a este o primeiro episódio de protesto em que as novas tecnologias da informação e da comunicação desempenharam um papel preponderante na sua organização. Podemos também referir o caso de Seattle, em 1999, em que vários grupos e movimentos sociais se manifestaram contra a Organização Mundial do Comércio e que terminou com múltiplos confrontos e violência. Este

¹Luxemburg, Rosa (1999), Internet Archive (marxists.org), disponível em: <https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1906/mass-strike/index.htm>, acedido em 1 de setembro de 2016.

último é um caso que mostra a dimensão global a que chegaram as manifestações, com a participação de diversos grupos maioritariamente informais de ativistas e de movimentos sociais. Aqui também as tecnologias da informação e a internet tiveram uma intervenção determinante, não só na mobilização, mas também na veiculação de notícias, através de órgãos de comunicação independentes (*Indymedia*) que surgiram durante este período.

Se no início do século XX o 1º de Maio foi um elemento agregador e unificador, no dealbar deste novo século são os episódios de protesto marcados pela diversidade e dimensão global que se impõem, com manifestações alterglobalização e contra o neoliberalismo. Hoje, as manifestações alterglobalização implantam-se, paralelamente, no reapropriar do repertório nacional de ação que permaneceu nos Estados. Podemos, até, ilustrar com a frase “pensar globalmente e atuar localmente”, que faz alusão à ideologia e estratégia de muitas corporações multinacionais.

Em alguns países, como França (Fillieule e Tartakowsky, 2013) e Portugal (Accornero e Pinto, 2015) a expressão do movimento operário e sindical ainda predomina, presente em culturas nacionais e na base de muitas práticas sociais, visível pela mobilização e organização de ações políticas e de protesto que se impõem não só pela frequência, mas pelos resultados que conseguem atingir na opinião pública e na interação com as instituições.

Num regime democrático, as manifestações podem ser vistas como um dispositivo de regulação e de garantia do pluralismo e liberdade em que assenta este sistema de organização política e social. Mas este formato, quando utilizado por organizações e grupos que não aqueles considerados no panorama das instituições e atores legítimos do “jogo político”, pode assumir configurações distintas e algo inesperadas. Exemplos disso são as *street parties* que se iniciaram no contexto do Fórum Social Europeu de Saint Denis, em 2003, ou as acampadas dos Indignados/ 15 M, em 2011, que apesar da sua expressão e peso não deixaram de ser considerados acontecimentos marginais, mas que marcaram o início de transformações no sistema, tendo alguns daqueles grupos conquistado poder e espaço num contexto que fora outrora controlado exclusivamente por partidos políticos e outras organizações consideradas convencionais.

Relevante para esta reflexão é também a questão da violência presente em muitas manifestações. Por um lado, porque é uma característica de alguns movimentos sociais mais radicais ou “contramovimentos”, por outro, porque o modelo reúne vários grupos que se opõem, e também um outro fator a ter em conta é a intervenção policial vista como “monopólio legítimo da violência do Estado”. Neste sentido, as questões associadas à mobilização através da internet e de outras tecnologias de comunicação, podem resultar em formatos de manifestação que refletem uma multiplicidade de ligações e as tensões existentes entre elas, que podem ser transpostas do digital para o espaço físico, ou com existência no espaço de “fluxos” (Castells, 2007a; 2009; 2013). Na opinião de Fillieule e Tartakowsky (2013: 97-99), o conflito e os casos de violência variam em função de fatores morfológicos, associados ao espaço e tempo do evento. A dinâmica de uma manifestação depende de um contexto de um sistema de aliança e de conflito que é a construção social do mundo próprio em cada um dos protagonistas.

Os efeitos das manifestações devem ser analisados tendo em conta os participantes e os públicos a quem ela se dirige. Por vezes, a identificação com o tema ou símbolos é tão intensa, por vezes extrema, que acaba por existir a representação de um “inimigo” que consoante o grau de diabolização pode ou não gerar situações de violência durante os protestos.

Desde as teorias clássicas do estudo do comportamento de massas, da Psicologia Social, por exemplo os estudos da Escola de Chicago, que podemos associar a mecanismos de “efervescência coletiva” (Durkheim) ou de “contágio”, amplamente estudados nas décadas de vinte e de trinta do século passado (Blumer; Mead). Estes efeitos podem desencadear episódios de violência e confronto entre grupos, quer por questões de pertença e solidariedade, quer por questões de emoção da vivência de fenómenos de massa.

As questões da identidade associadas aos grupos devem ser igualmente abordadas neste ponto, pois são muitas vezes responsáveis por ocorrência de violência entre grupos ou envolvendo as forças policiais, que podem resultar em danos físicos, morais e materiais.

As manifestações são descritas por vários autores como performances e rituais de carácter identitário e exprimem pertenças. Este processo socializador existente nos grupos passa também pela imitação de comportamentos, identificação com figuras-chave, símbolos e líderes, que permite desenvolver o espírito de pertença que é possível exprimir por cartazes, faixas, canções ou gestos presentes nas manifestações. Em massa, os afetos, os instintos, as emoções misturam-se com mecanismos de imitação para formar uma dinâmica de excitação coletiva, uma “alma” coletiva, tendo em consideração o comportamento coletivo como potencialmente criador na qualidade de vetor de mudança social. A partir do final dos anos 60, o carácter irracional e homogéneo das massas foi largamente abandonado pelas ciências sociais em proveito de uma visão mais racional. Estudos apontam para o fato das massas não serem homogéneas, mas sim, alvo de estratégias e de cálculos. Agora, começa-se a interrogar a questão da homogeneidade, até aqui defendida pelas teorias das massas e comportamento coletivo, com a publicação de estudos que defendem a existência da heterogeneidade entre os participantes em manifestações e eventos de protesto. Observa-se que a coesão dos grupos não é tão presente, nem determinante para a origem de manifestações. Em alguns grupos manifestantes observou-se a presença de identidades heterogéneas, facto que é apontado pela literatura como um dos fatores que influenciam a morfologia das manifestações contemporâneas. Quando uma manifestação comporta a forma de um agregado de identidades heterogéneas, a ação coletiva dissolve-se na medida em que a deambulação dos participantes se resume a relações interindividuais como pequenas unidades deslocadas. Desta forma, pode-se compreender como certos desfiles *a priori* pacíficos podem transformar-se em ação coletiva violenta (Fillieule e Tartakowsky, 2013: 109-120).

2.1. MANIFESTAÇÃO COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Até ao final dos anos 80, a manifestação na qualidade de objeto de estudo era ainda um objeto mal definido (Fillieule e Tartakowsky, 2013). Atualmente, investigadores de várias áreas estudam as manifestações, não só em termos de cultura política, mas também pela sua capacidade de fazer circular e transmitir a história numa memória viva dos participantes e a memória histórica das organizações. Outros autores têm-se interrogado sobre o lugar que ocupam as manifestações no repertório de ação e as estratégias dos grupos profissionais ou sociais ou tendo em vista os poderes públicos. Outros estão mais interessados na forma em que os Estados e as forças policiais têm vindo a ser historicamente concebidos nos sistemas e doutrinas de organização e poder, das regras, práticas e das maneiras de fazer que contribuíram para a co-construção deste mundo de ação (Fillieule e Tartakowsky; 2013: 30).

Durante este período, os investigadores têm vindo a desenvolver métodos e ferramentas para estudar o fenómeno das manifestações, chegando a constituir-se como campo específico de estudo com uma metodologia científica própria. Contribuições de várias disciplinas e métodos qualitativos e quantitativos permitiram que este campo de estudos se afirmasse, cada vez mais, no interior das Ciências Sociais. Entre os métodos mais reconhecidos podemos referir os inquéritos por questionário e por entrevista e a abordagem etnográfica.

Acerca deste aspeto, Pierre Favre e outros (1997) manifestam o interesse pela investigação das manifestações, delimitam o seu campo, e procedem a uma revisão da literatura em que apresentam estudos e métodos (Favre *et al.*, 1997: 3-28):

L'étude des manifestations de rue, et par-delà, celle des processus de mobilisation, répondent à ce schéma traditionnel. Après avoir été longtemps ignorés de la science politique, au moins en France, ces phénomènes sociaux ont fait l'objet d'une somme de travaux qui autorise une revue à en faire aujourd'hui un des «objets canoniques» de la discipline, qualification qui aurait surpris il y a encore quelques années.

A manifestação como objeto de estudo adquire interesse e legitimidade entre as Ciências Sociais, não só pelo desenvolvimento do movimento sindical e operário, mas também com o desenvolvimento de outros movimentos sociais com base em questões de identidade que usam a manifestação como forma de obter visibilidade no espaço público e de exprimir e reivindicar os seus direitos, como por exemplo os movimentos feministas, LGBT², ambientalistas, pró-direitos humanos.

Todavia, foi pela identidade profissional e pela relação do trabalho, de alguma forma influenciadas pela teoria marxista, que o movimento de trabalhadores se impôs ao mundo, colocando um universal que tem por base o conceito de trabalho e os direitos do proletariado. A decisão de organizar o 1º de Maio, em 1890, uma jornada internacional de luta pela obtenção das 8 horas de

² Sigla referente a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgéneros

trabalho, como homenagem às lutas sindicais de Chicago de 1886, organizada pelo Congresso Socialista de Paris, constitui um momento poderoso de unificação simbólica entre os trabalhadores e organizações sindicais de todo o mundo.

Podemos afirmar que o 1º de Maio rapidamente se transformou num fenómeno à escala mundial, como um dos primeiros exemplos de influência e poder transnacional, que supera as fronteiras, e se impõe culturalmente em diversos países, numa celebração simultânea marcada por manifestações de trabalhadores.

Desde os anos 90 que temos vindo a assistir a manifestações, algumas até violentas, de movimentos que protestam contra a globalização e o neoliberalismo, já referidos anteriormente, que se caracterizam pela existência de membros em vários países, com recurso às novas tecnologias da comunicação e da informação, como forma de manifestarem as suas ideias e também para se relacionarem e se organizarem intra e extra organização. As suas manifestações são caracterizadas pela ocorrência simultânea ou de efeito em cadeia/viral em vários locais do globo.

Na primeira década do século XXI as manifestações dos Indignados ou o 15 M, em Espanha, as insurreições populares da conhecida “Primavera Árabe”, ou ainda as grandes mobilizações de protesto ocorridas em Portugal do movimento “Geração à Rasca”, em 12 de março de 2011, ou a manifestação contra as medidas de austeridade impostas pela Troika, pelo “Que Se Lixe a Troika”, em 15 de setembro de 2012, são alguns exemplos de como as manifestações tomaram lugar central no mundo contemporâneo, assumindo mais que um carácter político, um carácter cultural, enquanto prática, estilo de vida e elemento identitário de indivíduos e grupos.

O facto da manifestação se constituir, desde há muito, como uma das principais formas de ação política, e porque nem sempre a devida atenção e importância lhe foi dada pelas Ciências Sociais, independentemente dos regimes políticos e do grau de institucionalização que conheça, faz dela, sem dúvida, um objeto de estudo muito importante nas suas diferentes dimensões, no sentido de permitir a compreensão do mundo em que atualmente vivemos, na projeção de tendências futuras e no desenvolvimento de modelos de formação de cidadania, desenho de estratégias de comunicação e marketing político, assim como de prevenção e controlo de diversas formas de violência.

2.2. A MANIFESTAÇÃO NO MUNDO

No que respeita a estudos sobre manifestações, as existências são poucas, pelo que fomos obrigados a recorrer a dados com mais de dez anos para a realização deste estado da arte. Fica, desta forma, feita a ressalva de que apesar de relativamente desatualizados, a informação aqui veiculada oferece uma perspetiva do que foi já publicado internacionalmente sobre esta matéria, servindo de base para novas investigações.

Pippa Norris, Stefaan Walgrave, Peter van Aelst (2002) publicaram um artigo científico com base em dados estatísticos provenientes de várias fontes, com o objetivo de compreender a origem e os motivos das manifestações e, igualmente, o perfil dos manifestantes. Os autores fizeram uma revisão da literatura em que organizaram as principais teorias em três abordagens gerais – Anti-Estado; Recursos Estratégicos; Abordagens Contextuais. Com base nesta divisão, os autores formularam hipóteses para validar cada uma das abordagens teóricas, cujas conclusões são bastante significativas, além de permitir obter uma visão de “helicóptero” sobre o panorama teórico desta área de estudos.

Norris, Walgrave e van Aelst (2002) fazem uma comparação entre o estudo *Political Action*, que compreende dados entre 1973 e 1976 (Marsh e Kaase), com informações de várias edições do *The World Values Survey*, considerado num período entre 1981 e 2001, de forma a estabelecer tendências transversais da atividade de protesto, além disso, os autores analisam também dados de estudos realizados na Bélgica, nomeadamente um estudo sobre as eleições de 1999 ocorridas na Bélgica/Flandres e um conjunto de estudos sobre os manifestantes envolvidos num conjunto de sete manifestações diferentes naquele país europeu.

Para melhor compreender os protestos e traçar um retrato fiel sobre quem se manifesta e quais as suas atitudes e comportamentos, os autores dividiram os públicos das manifestações em três – os membros de partidos políticos, os participantes civis e os ativistas de manifestações. Como hipóteses, os autores sugerem a existência de diferenças significativas no comportamento político dos manifestantes, ou porque estão frustrados, ou porque os canais tradicionais da democracia caíram em descrédito, além disso, outra hipótese é que os manifestantes, comparando com os membros de partidos e o grupo dos civis participantes, apresentam níveis mais baixos de participação política através dos formatos mais convencionais (membros de associações cívicas, sindicatos partidos políticos, etc). Ou ainda, que os manifestantes terão uma tendência para se juntarem a organizações mais extremistas alinhadas ideologicamente, quer à direita, quer à esquerda, afastando-se do eleitorado médio. E por último, de acordo com esta abordagem, os autores esperam que os ativistas tenham origem em classes mais pobres e sem posses, sendo uma das razões que legitimam a crença de um sistema político que não vai ao encontro das suas necessidades e interesses. Assim sendo, estes ativistas apresentam um quadro socioeconómico muito distinto daqueles que pertencem a partidos políticos ou do grupo dos civis participantes em manifestações, presumindo-se que têm origem em classes operárias, com baixo nível de educação e provenientes de setores de estatuto social inferior.

As teorias que explicam o protesto como forma de ação política tendo por base o perfil de ativistas “Anti-Estado”, são de alguma forma redutoras, pois, segundo os autores, coloca nas manifestações uma só motivação – o protesto contra as políticas do Estado. Parte do pressuposto da existência de uma incapacidade do Estado responder às exigências de todos os cidadãos, instalando-se a desigualdade e injustiça. Esta é a principal razão da existência de protestos e manifestações, segundo esta abordagem.

As Teorias das Estratégias de Recursos, por sua vez, defendem que o protesto e as manifestações surgem não porque os indivíduos estejam descontentes e se sintam injustiçados, mas porque se atingiu

um patamar de desenvolvimento e prosperidade económicos que favorece a participação e a organização de cidadãos em grupos da sociedade civil. Todavia, agora, estes grupos estão motivados pelos chamados “valores pós-materialistas”, na aceção de Inglehart, com preocupações ao nível dos direitos das mulheres, preocupações ambientais, direitos humanos, entre outros; uma visão que é defendida por Dalton. Para este conjunto de abordagens, Norris e colaboradores, Walgrave e van Aelst (2002) colocam hipóteses com base na suposição de que a manifestação constitui já uma forma habitual de recurso de ação política, pelo que se torna mais fácil prever o comportamento dos três atores vistos anteriormente. Desta forma se espera encontrar mais semelhanças que diferenças nas atitudes e motivações entre os manifestantes, os membros de partidos políticos e o grupo de civis participantes, incluindo níveis de interesse político. Desta maneira, os manifestantes para além das manifestações deverão estar, igualmente, envolvidos noutros formatos de participação política mais convencionais. Coloca-se ainda a hipótese de que os ativistas manifestantes deverão ter posicionamentos ideológicos similares aos restantes atores, e não tão extremistas nas suas escolhas políticas. No que respeita às características de educação, estes ativistas deverão assemelhar-se às características dos outros atores, ou seja, têm um alto nível de educação e qualificações escolares e um bom nível socioeconómico, posicionam-se em classes etárias de meia-idade e são na maioria do sexo masculino, de acordo com dados apresentados por Marsh e Kaase no estudo *Political Action 1973-76*, onde se avança com a informação de que é mais habitual os homens manifestarem-se que as mulheres, além de que vêm de classes altamente educadas. É no entanto, neste estudo que aparece a questão do contraste da participação política em formatos mais e menos convencionais, além de afirmar que os manifestantes pertencem a classes etárias mais jovens e de meia-idade, bem como pertencentes a classes socioeconómicas elevadas.

O terceiro grupo de abordagens é nomeado de Teorias Contextuais que, em vez de pensar num tipo e perfil de ativista manifestante, alega que tudo depende dos contextos em que os manifestantes se encontram, sobre o evento, os temas, os assuntos, os processos de mobilização, os aspetos culturais e os atores políticos. Ou seja, as razões e motivações para participar numa ação de protesto e numa manifestação terão de ser analisadas caso a caso, não existindo, assim, um padrão. Neste sentido, são considerados formatos de manifestação mais radicais e mais extremistas por parte de grupos que desafiam a autoridade do Estado ou de outras instituições, em modalidades mais ou menos violentas, e ainda os formatos levados a cabo por grupos mais convencionais que adotam as manifestações como uma estratégia. Desta forma, para compreender estes fatores contextuais, considera-se aqui a diferença estabelecida pela Teoria dos Movimentos Sociais entre grupos “tradicionais”, como os sindicatos e as igrejas, e os “novos movimentos sociais” como os grupos ambientalistas e feministas. Se considerarmos, aqui, esta distinção, então é natural pensar que estas abordagens também defendam que cada movimento apresente estratégias diferentes de mobilização e de manifestação, diferindo em aspetos como a sua relação com o Estado e as características entre o posicionamento ideológico Esquerda-Direita. Neste sentido, de acordo com esta abordagem, é pertinente ter em conta o tipo de manifestação. As manifestações divergem substancialmente consoante o tipo e o grupo promotor, pois isso explica as

diferenças entre comportamentos e atitudes dos participantes. Por exemplo, consoante os autores, os “novos” e os “velhos” movimentos sociais, conforme os seus objetivos e reportórios, assim como o seu posicionamento num espectro de direita ou esquerda, são aspetos que têm importância analisar porque mobilizam pessoas com características diferentes para as ruas. Assim, as hipóteses colocadas por Noris, Walgrave e van Aelst (2002) são que o envolvimento e apoio ao sistema político continua a não ser uniforme e em diferentes manifestações, além de que as características dos manifestantes variam significativamente consoante o tipo de ação de protesto. Por exemplo, espera-se que as manifestações alinhadas com ideologias *New Left* sejam mais propícias a mobilizar jovens, com alto nível de instrução, na maioria do sexo feminino e de classe média, enquanto manifestações caracterizadas por grupos *Old Left* atraíam mais ativistas da classe operária, mais velhos e maioritariamente do sexo masculino. Ainda, as manifestações alinhadas com *New Right* espera-se que os participantes sejam menos instruídos e na maioria do sexo masculino. Desta forma, é necessário atender a estas características para que se consiga traçar um perfil fidedigno quanto aos participantes das manifestações de protesto e, se possível, estabelecendo comparações entre tipos de manifestações diferentes (Noris *et al.*, 2002: 1-34).

O estudo realizado por Noris e colaboradores (2002) concluiu após a análise dos dados que a idade continua a ser uma variável significativa, pois a participação em partidos políticos e associações cívicas aumenta com a entrada na meia-idade, diminuindo à medida que se envelhece. A atividade de protesto é mais popular entre as gerações mais novas do que para a geração dos pais ou avós.

Quanto ao género/sexo, esta é uma variável que está associada à pertença de grupos civis, sendo que as mulheres têm uma maior propensão de adesão que os homens. Todavia, as questões associadas ao género estão muito relacionadas com o tipo de organização ou área de atuação, por exemplo para o sexo masculino há uma maior propensão em pertencer a organizações relacionadas com desporto e clubes, ao passo que as mulheres estão mais próximas das áreas de serviço de apoio social e da solidariedade. Segundo os autores, o género já não é mais uma variável significativa, quer na filiação partidária, quer na participação em manifestações. A educação, sim, é um elemento que segundo os autores é relevante para a pertença a partidos políticos, pois, de acordo com o caso belga, os partidos da esquerda estão mais propensos a mobilizar pessoas da classe operária para se tornarem membros, do que os partidos da direita, que conseguem atrair mais indivíduos das classes média e alta. As questões da educação estão associadas aos tipos de participação política nos EUA. Todavia, a classe é uma variável mais associada com o envolvimento em organizações da sociedade civil na área cultural e religiosa. Os autores referem que a classe não consta como uma variável a ter em conta quanto à participação em manifestações, citando Barnes e Kaase.

Atendendo ao estudo de Noris, Walgrave e van Aelst, o facto do estatuto socioeconómico influenciar padrões de participação não é direto no que diz respeito às manifestações, mas sim quanto à pertença a organizações da sociedade civil ou partidos políticos e sindicatos (classe operária). A religiosidade não é um fator preponderante para a predisposição de participação em manifestações de protesto. Parece não haver evidência que confirme que as motivações dos ativistas se relacionem, como

alegam as teorias Anti-Estado, com o sentimento de injustiça e descontentamento, de acordo com os resultados dos estudos realizados na Bélgica. Ainda reportando ao estudo, a maioria dos participantes em manifestações de protesto são maioritariamente de esquerda ou pertencentes a organizações alinhadas com essas ideologias políticas, cujas redes de relacionamento encorajam os membros e simpatizantes a participarem em manifestações. Os resultados mostraram também que as diferentes características dos participantes podem ser relacionadas com os tipos de manifestações, de acordo com as categorias já avançadas de *New Left* (anti-globalização, anti-racismo); *New Right* (anti-drogas) e *Old Left* (segurança social, emprego, saúde e educação) e mistas (vários grupos com preocupações ou alinhamentos diferentes). O perfil dos ativistas associados à *New Left* são normalmente mais jovens e mais instruídos, ao passo que os ativistas da *Old Left* são mais velhos e pertencentes à classe operária e mobilizam-se mais por questões associadas às condições de trabalho ou salários. Quanto aos organizadores das manifestações, os sindicatos são os que mais participam no âmbito da tradição da *Old Left*. Por outro lado, a chamada *New Right* está mais mobilizada através de partidos políticos, enquanto as associações mobilizam mais ativistas da *New Left*.

As características sociais, os sistemas de apoio, a motivação e o comportamento político dos ativistas variam consoante o tipo de evento, segundo o estudo. Algumas manifestações mobilizam profissionais pertencentes à classe média e instruídos, ao passo que outras manifestações mobilizam jovens estudantes. Os temas, as organizações e os processos envolvidos no contexto de uma manifestação são fatores preponderantes.

Se as manifestações estão a dominar o modelo de democracia representativa e, segundo alguns autores, a substituir os canais tradicionais de participação política por imposição de formatos mais violentos, certo é que as manifestações, independentemente do seu modelo, constituem uma forma de expressão e um canal de comunicação, pois, o que é pretendido pelos manifestantes é ter voz e que as suas mensagens sejam recebidas por quem de direito, o que é, no fundo, uma tentativa de atingir um modelo simétrico (Noris *et al.*, 2002: 1-34).

Como referem Dalton e van Sickle (2005, 1-23), os indivíduos não se manifestam porque estão frustrados e excluídos do processo político, eles protestam porque podem e esperam que os governantes e políticos respondam. (2005, 1-23).

Dalton e van Sickle desenvolveram uma pesquisa com base nos dados do *The World Values Survey*, entre 1995-1998 e 1999-2002, um dos estudos mais importantes e mais citados por investigadores desta área, foi levado a cabo por uma rede de investigadores presentes em vários países do mundo, com o objetivo de pesquisar acerca das mudanças de valores e como estas têm repercussão no contexto político e social. Dalton e van Sickle (2005) fizeram uma revisão da literatura e procuraram testar as teorias com base na análise dos dados do *The World Values Survey* (WVS), no sentido de procurar explicar os fatores que influenciam altos níveis de protesto num país, ou seja, onde o protesto é mais provável acontecer.

Estudar ações de protesto e as manifestações não é uma tarefa fácil, os dados não estão facilmente disponíveis ou não existem de todo, ao contrário dos formatos mais convencionais de participação política, como é o caso das eleições, em que há bastante informação e estudos oficiais. Alguns investigadores têm recorrido à análise de notícias da imprensa, embora com algumas reservas e limitações. Apesar da análise de notícias sobre as manifestações e os protestos ser uma metodologia aceitável, os autores consideram que é imprescindível existir dados recolhidos junto dos protagonistas, isto é, junto dos próprios ativistas e participantes em manifestações (Dalton e van Sickle, 2005, 4). Os autores referem, ainda, que o protesto deve ser considerado de uma forma distinta entre países industrialmente avançados e países em desenvolvimento. Dalton e van Sickle (2005), assim como Norris e colaboradores (2002) optaram, numa profunda revisão da literatura, por organizar as teorias em três áreas fundamentais: Teorias do Descontentamento ou *Grievance Theory*/ Teorias de Recursos ou *Resource Theory*; Teorias das Estruturas da Oportunidade Política e Teorias com base em Explicações Culturais.

Dalton e van Sickle (2005) concluíram que os indivíduos não protestam mais porque estão descontentes relativamente às políticas e às condições da economia do país, pois, de acordo com os dados do WVS, os países onde mais as pessoas protestam são, coincidentemente, onde mais os indivíduos afirmam serem felizes. Reforçando, desta forma, as teorias dos recursos, pois os indivíduos protestam mais em países onde os recursos são colocados à disposição de agentes não estatais para que possam apoiar as atividades de mudança (2005:12). Os autores concluíram, ainda, em consonância com as teorias de Oportunidade Política, que o grau de democratização do país está fortemente relacionado com o nível de frequência de protesto, associando o *Freedom House Index* ao grau de protesto, concluíram que nos países com alto nível de democratização são colocados mais instrumentos e canais que possibilitam a comunicação, resultando, desta maneira, num maior grau de abertura do sistema (Dalton e van Sickle, 2005: 13). No que diz respeito a fatores culturais, os autores identificaram, ainda, que nas democracias ocidentais o protesto é superior do que em países islâmicos ou asiáticos. Ainda tendo em conta os fatores culturais, Dalton e van Sickle (2005) referem, ao contrário do que normalmente diz a literatura, que os países onde o protesto é mais recorrente se observam baixos níveis de extremismo entre direita/esquerda. Uma conclusão importante que podemos retirar deste estudo é que um nível elevado de protesto não está necessariamente associado a um alto nível de instabilidade política, pois, segundo os autores, um alto nível de protesto pode ser um indicador de uma democracia saudável, pois, os protestos nascem de um reconhecimento e de uma crença profunda por parte dos indivíduos na democracia (Dalton e van Sickle, 2005: 17).

Dalton e van Sickle (2005) caracterizam o protesto enquanto uma forma de ação política “não convencional”, porque os ativistas pretendem conseguir mudanças em termos políticos e sociais, mas não através dos meios tradicionais como o recurso ao voto.

É oportuno fazer uma ressalva quanto à terminologia e conceitos utilizados, pois, de acordo com os autores ou com a disciplina ou a área científica, nota-se uma tendência para considerar determinados

termos que, na sua essência, são equivalentes ou relacionados, como é o caso de “Protesto” e de “Manifestação”, sendo que entendemos a manifestação como um entre vários formatos de protesto no âmbito da ação e participação políticas, sendo possível estabelecer uma diferença entre formatos convencionais e não convencionais. Podemos inscrever, ainda, o termo manifestação no âmbito de outros dois conceitos pertinentes que são a “ação coletiva” e o “protesto”.

Fillieule e Tartakowsky (2013) apresentam um conjunto de dados estatísticos muito relevantes para compreender o fenómeno que envolve as manifestações, contextualizando-as e enquadrando-as através de dados estatísticos.

O Quadro 2.1 (Fillieule e Tartakowsky; 2013: 209) apresenta a informação sobre a evolução da percentagem de respondentes em cada um dos países sobre a sua participação em manifestações no passado. Os dados foram comparados tendo em conta as décadas de 1980 e 1990. É possível observar que os países que mais cresceram em termos de participação em manifestações foram os Países Baixos (13,1%); Islândia (9,8%); México (12,5%); Coreia do Sul (13,5%). Em sentido inverso, os países em que se observou um decréscimo na participação em manifestações foram a Argentina (-4,2%); a Finlândia (-2,3%); a Espanha (-0,6%).

Quadro 2.1 - Participação em Manifestações 1988-1990³

	Década 1980	Década 1990	Progressão
Itália	24,7	34,1	9,4
França	25,8	31,2	5,4
Dinamarca	17,8	27,0	9,2
Países-Baixos	11,9	25,0	13,1
Islândia	13,6	23,4	9,8
Suécia	15,1	21,8	6,7
Bélgica	12,7	21,2	8,5
Espanha	21,8	21,2	-0,6
Canadá	13,0	21,0	8,0
México	7,7	20,2	12,5
Alemanha Ocidental	13,8	19,5	5,7
Noruega	19,4	19,0	-0,4
Coreia do Sul	5,4	18,9	13,5
Austrália	12,0	18,0	6
Irlanda do Norte	17,9	17,8	-0,1
Irlanda	12,2	16,3	4,1
E.U.A.	12,2	15,1	2,9
Argentina	18,8	14,6	-4,2
Reino Unido	9,7	13,6	3,9
África do Sul	6,4	13,3	6,9
Finlândia	14,2	11,9	-2,3
Japão	6,6	9,4	2,8
Média	14,2	19,7	5,5

Fonte: World Values Survey

³Adaptado de Fillieule e Tartakowsky (2013: 209)

Reportando aos dados analisados por Fillieule e Tartakowsky (2013), o Quadro 2.2 cruza dados do Eurobarómetro e do ISSP (*International Social Survey Programme*). Mediante a informação, é possível observar uma evolução considerando os anos de 1989 (ano da queda do Muro de Berlim) e 2004 sobre a propensão para recorrer a vários modos de ação política, de acordo com cada país.

Desta forma, podemos realçar os seguintes resultados: Os países em que o formato de manifestação evoluiu positivamente são a França e a Espanha. Na maioria dos países a petição é a forma de participação política mais significativa, apresentando, quer no ano de 1989, quer no ano de 2004, os índices mais elevados, exceto no caso da Alemanha, no ano de 2004, em que a participação através de fundos é a forma com maior peso. Em 2004, os Países Baixos e a Dinamarca têm uma propensão maior de recorrer ao boicote que à manifestação. Com algumas reservas, os autores apresentam a manifestação e a petição como as principais formas de expressão de protesto nos oito países analisados (Fillieule e Tartakowsky; 2013: 60).

Quadro 2.2 - Formatos de Ação Política 1989-2004⁴

	França	Bélgica	Países-Baixos	Alemanha (ex-) Ocidental (ex-) Oriental		Itália	Dinamarca	Reino Unido	Espanha	Média Ponderada	Desvio Padrão entre países
1989*											
<i>Grupos de ação de cidadãos</i>	1,6	1,5	1,2	1,4	<i>nd</i>	1,8	1,1	1,3	1,5	1,5	0,21
<i>Petição</i>	2,3	2,0	2,2	1,8	<i>nd</i>	2,1	1,7	2,5	1,9	2,1	0,26
<i>Boicote</i>	1,1	0,9	0,9	0,8	<i>nd</i>	0,4	1,1	1,2	0,8	0,9	0,22
<i>Manifestação</i>	1,1	1,0	1,1	1,0	<i>nd</i>	1,3	1,2	1,0	1,4	1,1	0,14
<i>Greve renda e fixo</i>	0,6	0,4	0,6	0,5	<i>nd</i>	0,2	0,3	0,6	0,5	0,5	0,13
<i>Greve surpresa</i>	0,7	0,5	0,5	0,3	<i>nd</i>	0,4	0,8	0,5	0,2	0,4	0,20
<i>Ocupação de edifício</i>	0,8	0,5	0,6	0,2	<i>nd</i>	0,6	0,2	0,4	0,3	0,5	0,18
<i>Bloqueio de tráfego</i>	0,7	0,5	0,5	0,5	<i>nd</i>	0,6	0,3	0,5	0,6	0,5	0,12
<i>Violência sobre bens</i>	0,1	0,1	0,1	0,0	<i>nd</i>	0,1	0,1	0,2	0,1	0,1	0,04
<i>Violência sobre pessoas</i>	0,2	0,1	0,1	0,1	<i>nd</i>	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,03
2004**											
<i>Petição</i>	2,1	<i>nd</i>	1,7	1,5	1,7	<i>nd</i>	1,9	2,0	1,4	1,7	0,22
<i>Boicote</i>	1,5	<i>nd</i>	1,3	1,4	1,4	<i>nd</i>	1,7	1,4	1,0	1,3	0,20
<i>Manifestação</i>	1,5	<i>nd</i>	0,9	0,9	1,2	<i>nd</i>	1,0	0,7	1,6	1,2	0,31
<i>Assistir a uma reunião ou comício político</i>	1,1	<i>nd</i>	0,8	1,1	1,2	<i>nd</i>	1,3	0,7	1,0	1,0	0,19
<i>Contactar um político</i>	0,9	<i>nd</i>	0,9	1,0	0,9	<i>nd</i>	1,0	1,1	0,7	0,9	0,10
<i>Doar ou levantar fundos</i>	1,4	<i>nd</i>	1,7	1,9	1,8	<i>nd</i>	1,8	1,0	1,0	1,4	0,37
<i>Contactar os média</i>	0,6	<i>nd</i>	0,9	0,8	0,7	<i>nd</i>	0,7	0,6	0,6	0,7	0,09
<i>Conectar-se a um fórum político pela internet</i>	0,4	<i>nd</i>	0,5	0,4	0,4	<i>nd</i>	0,5	0,3	0,4	0,4	0,05

* 1989: Inquérito EB 31. Índice 0 (não faria em caso algum) 1 (faria em circunstâncias excecionais) 2 (faria se fosse algo muito importante) 3 (pessoalmente já fez durante dez anos); ** 2004: Inquérito IISPP. Índice 0 (nunca fiz nem nunca faria em qualquer circunstância) 1 (nunca fiz mas poderia ter feito) 2 (fiz num passado distante) 3 (fiz no ano passado); Em itálico: formatos de ação comparáveis entre 1989 e 2004; nd - sem dados

No Quadro 2.3. Fillieule e Tartakowsky (2013) resumem a informação de cinco estudos, a saber: Eurobarómetro dos anos de 1983, 1984, 1989 e 2004, assim como a informação do ISSP de 2004. Com as devidas precauções, os autores retiram informação contextual, sem no entanto ser possível traçar uma evolução sobre o recurso efetivo de oito países à manifestação, dadas as variações das formulações nos questionários. No entanto, podemos notar os valores elevados apresentados pela França, compreendendo os dados do Eurobarómetro, a maioria dos países apresenta um decréscimo de ano para ano, exceto os casos da Dinamarca e do Reino Unido que apresentam uma flutuação de resultados. Se considerarmos somente os dados referentes ao ISSP de 2004, podemos constatar que a França (55), a Espanha (55) e a ex-Alemanha de Leste (45) são os países onde a manifestação aparece como uma das formas de ação política com maior peso.

⁴Adaptado de Fillieule e Tartakowsky (2013: 208)

Quadro 2.3 - Recurso à Manifestação – Evolução 1983,1984,1989 e 2004⁵

	França	Bélgica	Países-Baixos	Alemanha		Itália	Dinamarca	Reino Unido	Espanha	Média Ponderada	Desvio Padrão entre países
				(ex-) Ocidental	(ex-) Oriental						
1983*	28	14	18	11	<i>nd</i>	26	16	15	<i>nd</i>	19	6
1984**	20	15	15	12	<i>nd</i>	18	12	10	<i>nd</i>	15	4
1989***	20	14	13	7	<i>nd</i>	18	16	11	21	15	5
2004*	10	4	6	5	6	4	5	2	17	7	4
2004**	55	<i>nd</i>	28	26	45	<i>nd</i>	30	14	55	39	16

*EB 19 - 1983 Por vezes as pessoas tomam as ruas para se juntar a uma manifestação e exprimir as suas emoções ou as suas opiniões. Isso já aconteceu consigo?

**EB 21 - 1984 Por vezes as pessoas tomam as ruas para se juntar a uma manifestação e exprimir o seu desacordo e descontentamento. Isso já aconteceu consigo nos últimos quatro ou cinco anos?

***EB 31- 1989 Com base nos exemplos que representam 10 tipos de ação, incluindo a manifestação, o respondente é convidado a indicar aquelas que realizou ao longo dos últimos 10 anos.

*EB 62.2 - 2004 Entre estas ações a quais recorreu nos últimos 12 meses) - Participação numa manifestação autorizada

**ISSP 2 - 2004 Aqui estão algumas formas de ação política e social que as pessoas podem realizar (no caso de uma "manifestação política autorizada"). Pode indicar-me entre os exemplos apresentados quais já tenha realizado?

Ainda o Quadro 2.4, da autoria de Fillieule e Tartakowsky (2013), que reúne informações retiradas do Eurobarómetro de 1983, permite observar a relação entre participação em manifestações e participação em formatos convencionais de ação política que, segundo os autores, refere-se ao facto de ser membro ou militante de um partido ou sindicato ou ainda a probabilidade declarada de participar em eleições legislativas nacionais. Assim sendo, podemos constatar que apesar das manifestações estarem muitas vezes associadas a situações de desfiliação política ou de recusa das formas convencionais de política, Fillieule e Tartakowsky (2013) indicam uma correlação positiva entre participação em manifestações e participação política convencional. Na generalidade, o grau mais forte de participação convencional está associado ao índice dos sujeitos que responderam ter já participado em manifestações e, igualmente, aqueles que participariam de certeza numa manifestação. Podemos constatar em ambos os casos que a França e a Itália são os países que apresentam um média mais elevada na correlação entre formatos de participação política mais convencionais e a prática manifestante entre os sete países europeus, em 1987. A manifestação e os formatos mais convencionais de participação política podem então ser entendidos como complementares. Se na Europa a prática manifestante está mais associada às organizações de esquerda, parece que este formato está a ganhar algum terreno em países como o Reino Unido, reconhecido como um país de políticas de direita, possivelmente outras razões para além das questões políticas ou sindicais se impõem, nomeadamente as questões ambientais, direitos humanos, imigração entre organizações não-governamentais e movimentos sociais. Estes dados demonstram uma tendência para a institucionalização da manifestação, que se orienta no sentido de uma “democracia de protesto”, mais participativa, em vez do modelo representativo (Fillieule e Tartakowsky, 2013: 65-67).

⁵Adaptado de Fillieule e Tartakowsky (2013: 210)

Quadro 2.4 - Participação em Manifestações vs outros formatos de ação política 1983⁶

Participação convencional *	França	Bélgica	Países-Baixos	Alemanha (ex-) Ocidental	Itália	Dinamarca	Reino Unido	7 países ponderados
Já participei no passado numa manifestação								
Nulo	23	8	16	5	17	11	9	13
Baixo	20	10	22	7	20	12	9	13
Médio	25	15	13	12	23	13	12	18
Forte	54	38	25	13	51	19	30	32
Muito Forte	74	50	45	37	83	50	48	54
Média	28	14	18	11	26	16	15	19
Participaria seguramente ou talvez hoje numa manifestação								
Nulo	50	20	36	33	34	11	28	35
Baixo	47	26	41	33	38	21	28	35
Médio	45	31	30	27	40	19	27	35
Forte	69	45	43	34	68	32	51	50
Muito Forte	94	50	57	50	83	50	71	66
Média	49	29	36	31	43	25	32	38

* A participação política convencional compreende o facto de aderir a um partido, o facto de aderir a um sindicato e o grau da probabilidade declarada de participar nas eleições legislativas nacionais se elas tivessem lugar momentos após o inquérito

De acordo com os dados apresentados por Fillieule e Tartakowski (2013), os respondentes que afirmaram participar em manifestações são maioritariamente jovens. O sexo a idade são os dois indicadores centrais.

No Quadro 2.5, desenvolvido com base na compilação e cruzamento dos dados do Eurobarómetro de 1983 e do ISSP de 2004, podemos observar de uma maneira geral que as mulheres manifestam-se um pouco menos do que os homens. Mas se fizermos uma análise mais detalhada, reparamos que em 2004 a diferença entre homens e mulheres em quase todos os países analisados, exceto na Alemanha, é quase inexistente, o mesmo não poderemos dizer dos dados referentes a 1983 em que os homens são sempre mais participativos, exceto na Dinamarca, em que os dois sexos se afiguram equivalentes. A tendência de participação das mulheres em manifestações é para subir, pois as mulheres têm vindo a ocupar um papel cada vez mais importante, mesmo central, nas lutas no mundo. Reportando aos dados analisados pelos autores, as classes etárias mais jovens têm a maior propensão de recorrer à manifestação, o que pode estabelecer uma relação entre prática manifestante e a idade, ao contrário da relação observável para o voto, para o militantismo partidário e sindical (Fillieule e Tartakowsky, 2013: 68-69). A maioria dos respondentes que declararam ter-se manifestado no passado posicionam-se em classes etárias dos 45 anos e menos, na maioria dos países. É, ainda, possível verificar que em todos os países os respondentes terminaram a escolaridade com idades acima dos 20 anos, de destacar os casos da França e da Alemanha. No que respeita ao nível de educação e escolaridade, em certos países, esta variável continua a ser relacionada positivamente com a prática da manifestação. De uma maneira geral, a maioria dos respondentes em todos os países possuem profissões associadas a áreas intelectuais e a quadros médios e superiores. Quanto à religião, a maioria dos respondentes que já participou em manifestações não têm religião, o seu interesse por assuntos políticos é elevado e discutem-nos

⁶Adaptado de Fillieule e Tartakowsky (2013: 213)

frequentemente, posicionam-se numa ideologia política de esquerda e, em grande parte, são membros de sindicatos e de partidos políticos (Fillieule e Tartakowsky, 2013: 70).

Reportando a estudos mais recentes, Accornero e Pinto (2015: 395) referem, com base em dados referentes ao ano de 2012 do ESS (*European Social Survey*), que o número de pessoas que afirma ter participado pelo menos uma vez numa manifestação aumentou, entre o período de 2008 e 2012, completando, ainda, com dados sobre o crescimento observado em Espanha (de 15,9 para 25,9 %), na Irlanda (de 6,5 para 10,5%) e em Portugal (de 3,7 para 6,8%).

Quadro 2.5 - Perfil dos Participantes em Manifestações⁷

		França		Dinamarca		Reino Unido		Alemanha		Países-Baixos		Total		
		1983	2004	1983	2004	1983	2004	1983	2004	1983	2004	1983	2004	
Sexo	Mulheres	20	37	16	25	12	10	9	17	16	20	14	23	
	Homens	37	38	16	26	19	13	13	23	21	20	22	25	
Idade	45 anos ou menos	31	43	24	27	19	11	16	23	23	19	22	26	
	Mais de 45 anos	25	31	6	24	11	12	5	17	11	21	12	22	
Idade com que acabou a escolaridade	Menos de 20 anos	24	32	12	20	12	8	7	14	14	14	14	18	
	Mais de 20 anos	41	46	30	31	35	20	27	56	21	31	33	36	
Atividade	Quadro Superior	-	36	-	26	-	10	-	33	-	24	-	26	
	Quadro e profissão intelectual	45	42	4	35	30	24	26	63	33	39	33	39	
	Empregado de escritório	37	40	26	12	18	5	20	13	24	19	25	20	
	Profissão média técnica	-	41	-	32	-	20	-	24	-	24	-	30	
	Empreg. e quadro serviços e comércio	39	29	7	21	6	9	11	16	3	21	15	20	
	Trabalhador qualificado do primário	-	27	0	45	-	57	-	13	-	20	-	31	
	Agricultor, Pescador	43	-	9	-	-	-	-	-	29	-	31	-	
	Artesão													
	Trabalhador	Artesão e comerciante		50		16		8		14		13		20
		Trab. Ind. Transportes	27	42	18	39	13	13	10	11	17	8	16	25
Trab. não qualificado			33		23		10		10		9		19	
Desempregado		22	40	13	30	20	9	8	16	15	18	15	25	
Em formação		40	57	29	39	23	-	22	34	32	13	28	30	
Reformado		23	32	5	18	10	8	1	11	9	16	12	19	
Doméstica		13	28	4	18	12	11	3	14	10	10	9	14	
Tempo de trabalho	Tempo inteiro	36	40	22	27	20	12	14	25	24	23	23	27	
	Tempo parcial	31	34	13	28	9	15	26	21	22	26	19	26	
Renda agregado familiar	Baixo	26	-	14	-	14	-	9	-	19	-	17	-	
	Alto	35	-	20	-	16	-	15	-	19	-	21	-	
Religiosidade	religioso	22	32	10	9	14	7	5	17	12	12	13	16	
	não religio. ateu	35	34	22	24	16	13	14	18	26	17	21	22	
	Sem religião	49	42	40	41	32	11	57	29	48	25	46	29	
Interesse por política	Fraco	18	36	7	16	10	8	5	10	9	14	11	18	
	Forte	42	38	23	31	20	14	17	24	27	27	25	28	
Frequência de discussão política	Nunca	13	20	6	10	8	3	1	5	8	6	8	9	
	As vezes	29	39	16	23	17	12	8	19	16	20	16	24	
	Frequentemente	52	41	33	39	32	21	35	31	30	26	39	33	
Informação da imprensa escrita	Raramente	19	35	13	10	13	-	5	-	11	-	14	-	
	As Vezes	33	37	17	25	12	-	11	-	16	16	18	-	
	Frequentemente	38	39	17	30	18	-	12	-	25	25	19	-	
Probabilidade de Votar**	Forte	30	37	17	26	17	13	13	22	18	22	20	25	
	Fraco ou nulo	27	41	7	23	8	7	6	8	17	12	14	18	
Autoposicionamento Sobre a escala esquerda-direita	Esquerda	44	42	41	38	30	17	27	33	40	32	35	34	
	Centro	22	47	13	35	15	11	7	22	9	18	14	23	
	Direita	22	31	8	15	9	8	4	18	7	12	10	17	
	N.Sabe/N.Resp	16	33	5	38	7	7	7	13	3	13	10	13	
Afiliação atual num sindicato	Sim	55	40	21	30	26	19	16	30	30	29	28	30	
	Não	25	39	13	16	12	9	10	18	15	17	15	22	
Grau de proximidade a um partido	Fraco	25	-	16	-	12	-	11	-	17	-	16	-	
	Forte	48	-	17	-	22	-	12	-	21	-	22	-	
Afiliação atual num partido	Sim	67	27	31	39	42	16	23	37	28	25	36	28	
	Não	27	39	15	24	14	11	10	19	17	20	16	24	
Média		28	37	16	25	15	11	11	20	18	20	18	24	

⁷Adaptado de Fillieule e Tartakowsky (2013: 214)

2.3. A MANIFESTAÇÃO EM PORTUGAL

No contexto português, os estudos sobre manifestações são poucos, o que poderá levar a pensar que este não constitui um objeto que atraia o interesse de investigadores ou, por outro lado, poderá indicar a reduzida ou inexistente informação disponível sobre acontecimentos desta natureza. Com exceção dos estudos sobre o comportamento eleitoral e resultados de eleições, os estudos sobre outras formas de ação política como as manifestações ou as petições não constituem, ainda, matérias de muitos estudos realizados em Portugal, como defendem Mendes e Seixas (2005: 103), “Por muito tempo o estudo da participação política restringia-se às formas instituídas de participação, relegando para segundo plano as ações de protesto ou de reivindicação.”

No âmbito do presente estudo, foram contactados o Ministério da Administração Interna e a Câmara Municipal de Lisboa com o propósito de fazer um levantamento da informação existente sobre a organização de manifestações em Portugal e, em concreto na cidade de Lisboa, o que se revelou ser de difícil concretização. No caso do Ministério da Administração Interna, recebemos uma mensagem de correio eletrónico contendo informação sobre as existências em arquivo de documentação referente a pedidos de autorização de “manifestações, cortejos e desfiles” provenientes dos antigos Governos Cívicos, atualmente extintos, de acordo com a Lei Orgânica nº1/2011, de 30 de agosto, que estabelece a transferência de competências nesta matéria para as Câmaras Municipais, alterando o nº1 do artigo 2º do Decreto-Lei nº 406/74, de 29 de agosto.

No arquivo da Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna, existe documentação desde o ano de 1904, até ao ano de 2011, proveniente dos Governos Cívicos de vários distritos do país, de acordo com a mensagem enviada pelos serviços com data de 22 de abril de 2015:

“... apurou existir documentação, designadamente “Processos de realização de reuniões, manifestações e desfiles” (designação da série) em 8 fundos daqueles arquivos:

Governo Civil de Aveiro - H-F/021, 1 caixa (0,08 metros lineares), com as datas extremas 2006-2008;

Governo Civil de Braga - H-F/007, 2 caixas (0,16 m. l.), com as datas extremas 2006-2011;

Governo Civil de Bragança - H-F/005, 2 caixas, 2 pastas (0,32 m. l.), com as datas extremas 1989-2006;

Governo Civil de Faro - H-F/009, 3 doss. (0,24 m. l.), com as datas extremas 2008-2009;

Governo Civil de Leiria - H-F/003, 31 caixas (2,53 m. l.), com as datas extremas 1995-2011;

Governo Civil de Lisboa - H-F/003, 115 caixas (15,86 m. l.), com as datas extremas 1904-2011; e H-F/008, 1 caixa, 33 doss. (2,28 m. l.), com as datas extremas 2002-2011;

Governo Civil de Portalegre - H-F/003, 3 caixas, 1 doss. (0,32 m. l.), com as datas extremas 1963-2006;

Governo Civil de Setúbal - H-F/003, 5 caixas (0,6 m. l.), com as datas extremas 2002-2008.”

Na mesma mensagem foi referida, ainda, a inexistência de quaisquer documentos contendo uma análise estatística destes dados. Apesar da limitação imposta pelas entidades, é, no entanto, possível consultar a informação, embora mediante autorização especial. Esta documentação pode e deve ser alvo de tratamento e estudo, por parte de investigadores na área das Ciências Sociais, porque compreende um acervo de incalculável valor para a compreensão das manifestações e protesto no nosso país, não somente no que se refere à dimensão histórica, mas, principalmente, na sua dimensão social. Certamente que esta informação poderá constituir um *corpus* de análise em estudos de diversas áreas científicas da academia, num futuro próximo.

Com base em notícias do Jornal de Notícias e do Público, Mendes e Seixas (2005: 99) desenvolveram um estudo com o objetivo de proceder a uma análise descritiva das ações coletivas e de protesto em Portugal, entre 1992 e 2002, de forma a “apreender de forma mais precisa a configuração social e política das ações de protesto, a sua evolução no tempo, as suas características definidoras e o reportório de tecnologias utilizado”.

Os autores desenvolveram uma revisão da literatura relacionada com a democracia em Portugal, ao estabelecer comparações com as teorias internacionais acerca do desinteresse político crescente e da tendência da diminuição da participação democrática. Mendes e Seixas (2005: 107) chegaram à conclusão que, contrastando com aquelas teorias, de acordo com os dados recolhidos, a participação política em Portugal caminha num bom sentido, a constatar pelo número de ações de protesto, na sua maioria de dimensão local, o que demonstra um sentido apurado de comunidade e de cidadania: “...as ações de protesto e de reivindicação em Portugal devem ser lidas como indicadores e como promotoras da democracia.” (2005:107).

A metodologia utilizada reporta à abordagem da *Protest Event Analysis*, tendo os investigadores recolhido notícias de dois jornais de referência como fonte de informação. Todavia, este método tem as suas limitações, por um lado, pela política editorial dos órgãos de comunicação, pelo espaço limitado, pelas rotinas e enquadramentos profissionais dos jornalistas. Por outro lado, devido à carência de dados sobre as ocorrências e a limitação ao acesso à informação pelas entidades oficiais, torna este método uma alternativa ao desenvolvimento de estudos quantitativos de recursos mais dispendiosos.

Em conformidade com os dados, observou-se uma redução dos episódios de protesto nos anos de 1996 e 1997, para aumentar gradativamente até 2002, ano em que atingiu o valor máximo registado pelos dois jornais, período que coincide com mudança de Primeiro-Ministro a partir de abril (entre 1999 até início de 2002 com António Guterres e depois com Durão Barroso).

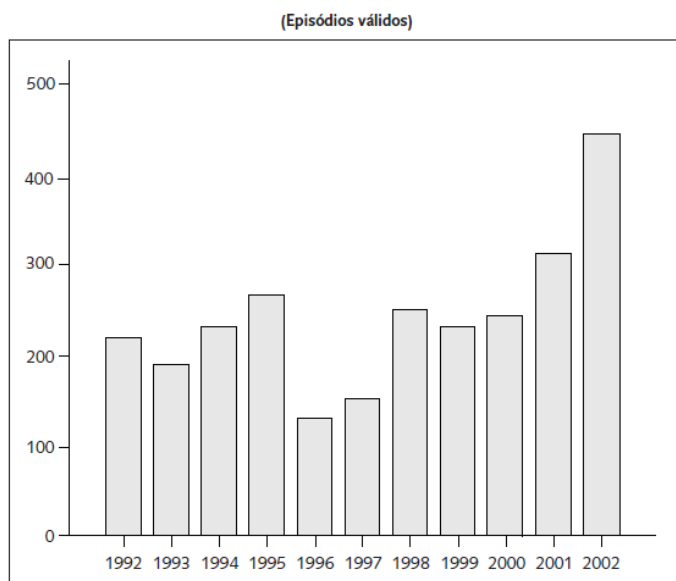


Figura 2.1 - Número de Artigos por ano⁸

Durante o período analisado, constatou-se que 40,6% dos protestos identificados têm origem em questões sociais, como por exemplo a “melhoria das condições de vida, habitação, saneamento, segurança, qualidade de vida e na exigência de direitos básicos de cidadania”; ao passo que 32,7% centram-se em questões educativas.

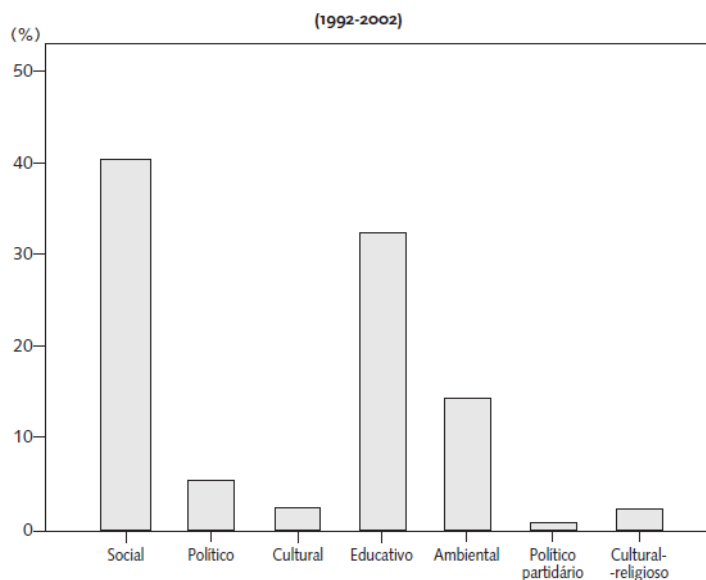


Figura 2.2 - Tipo de Protesto (Reportório)⁹

De realçar que a maioria dos episódios analisados por Mendes e Seixas (2005) ocorreram numa só localidade, reforçando o carácter localista do protesto em Portugal. Os eventos de dimensão nacional

⁸ Gráfico referente ao número de artigos publicados da autoria de Mendes e Seixas (2005: 109)

⁹ Gráfico com informação sobre o tipo de episódios de protesto da autoria de Mendes e Seixas (2005: 112)

e internacional têm menos expressão. Quanto ao tipo de protesto, associado com o reportório, a maioria são referentes a questões sociais, sendo estes com uma maior incidência à dimensão local e regional ou então prendendo-se a questões internacionais e humanitárias, seguido das questões educativas com bastante ênfase na dimensão local, no caso do ensino básico, ou outras neste domínio que geralmente ganham uma dimensão nacional, como no caso do ensino superior. As questões ambientais são marcadamente de dimensão internacional.

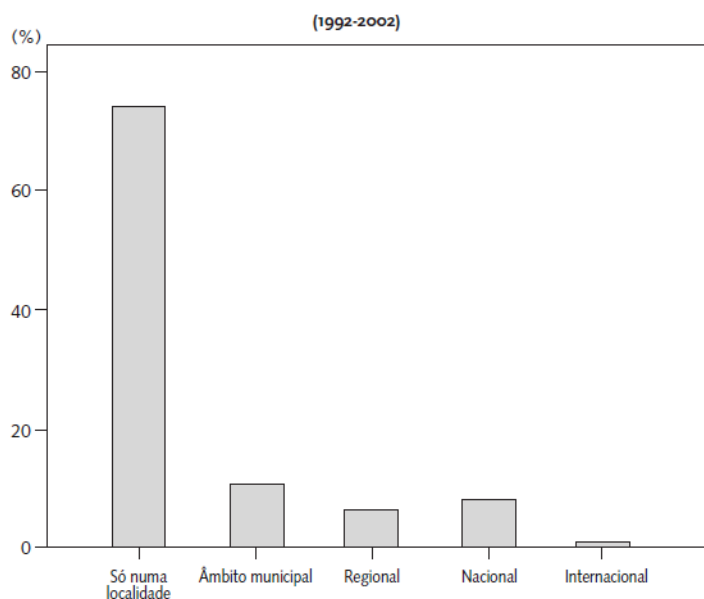


Figura 2.3 - Dimensão espacial do protesto¹⁰

Quanto à sua duração no tempo, note-se que a maioria das ações de protesto têm uma duração pontual e efémera (56%), todavia não é de descurar os episódios continuados e que perduram por vários meses e anos (44%), estes são essencialmente de carácter político.

De relevar o carácter maioritariamente urbano dos protestos, com a maioria dos episódios identificados em Lisboa e Porto (46,4%), talvez pela centralidade e proximidade dos representantes e órgãos de poder, assim como dos média.

¹⁰ Gráfico com informação sobre a dimensão espacial dos episódios de protesto da autoria de Mendes e Seixas (2005: 111)

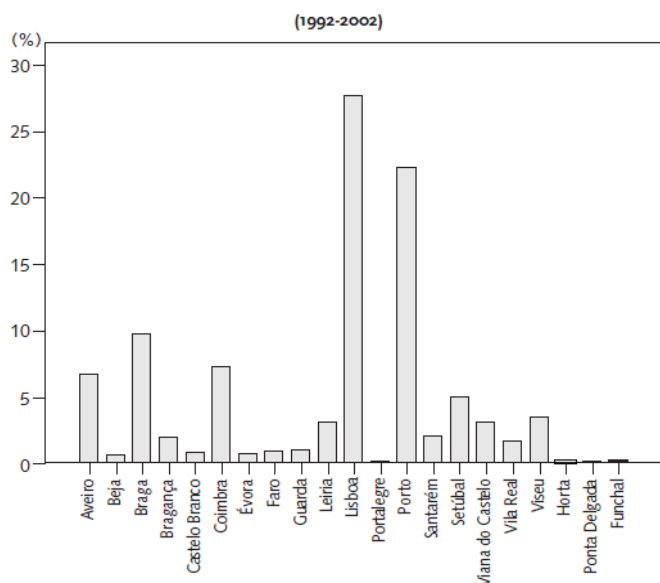


Figura 2.4 - Distribuição geográfica dos protestos (distrito)¹¹

Relativamente aos formatos, de realçar que a maioria dos protestos em Portugal assume preferencialmente a configuração de desfiles e manifestações (25%) ou de petições e abaixo-assinados (25%).

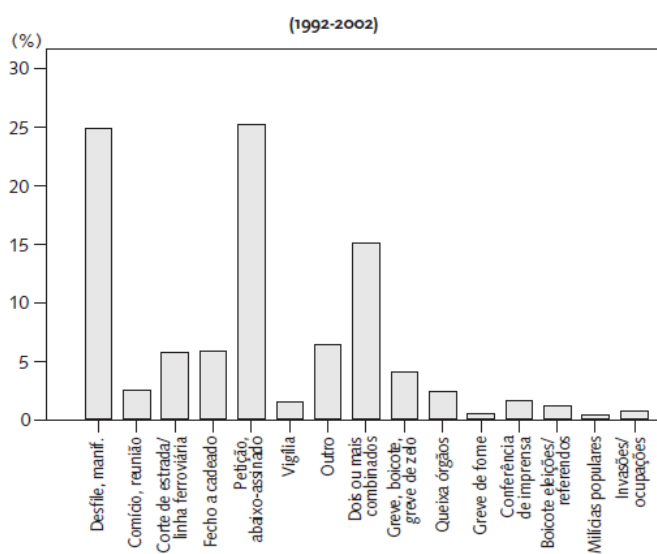


Figura 2.5 - Formas de Protesto¹²

Mendes e Seixas (2005) concluem que o facto da maioria dos protestos identificados durante o período de uma década apresentarem características essencialmente locais, ocorrendo numa só

¹¹ Gráfico com informação sobre a distribuição geográfica dos protestos da autoria de Mendes e Seixas (2005:116)

¹² Gráfico com informação sobre formas de protesto da autoria de Mendes e Seixas (2005:117)

localidade, são um indicador de participação política e de cidadania, e que revelam necessidades de atuação e políticas de proximidade. Além disso, segundo os autores, o nível de participação em Portugal é positivo e a sua principal conclusão é que “ a forte presença de movimentos sociais e de ações de protesto e a sua intensidade serão indicadores do grau de democratização da sociedade portuguesa” e defendem que os protestos não deverão ser encarados como prejudiciais, mas enquanto “formas expressivas de realização de cidadania em contexto democrático”(Mendes e Seixas, 2005: 124-125).

Como opção metodológica, Mendes e Seixas (2005) não consideraram na sua amostra os protestos organizados por organizações corporativistas, como sindicatos ou partidos políticos, excluindo, nesta linha de conta, todos os eventos relacionados com greves. Accornero e Pinto (2015), pelo contrário, incluíram este formato de protesto no seu estudo intitulado *Brandos Costumes? Protesto e mobilização em Portugal sob a austeridade, 2010-2013*, em que propõem uma análise muito profícua entre a relação da realização de greves e de manifestações, oferecendo uma visão e uma melhor compreensão sobre a relação entre os “novos novos” movimentos sociais, que se desenvolveram tendo por base processos sustentados nas novas tecnologias da comunicação e na internet, e os atores políticos tradicionais, como os “velhos velhos” movimentos sociais e os partidos políticos, e como estes se articularam durante aquele período marcado por uma forte onda de contestação sobre as medidas de austeridade impostas pela *Troika*.

O localismo é também para Accornero e Pinto (2015) uma característica dos protestos realizados em Portugal durante aquele período, mas, agora, considerando um elemento novo que são os grupos que se mobilizam tendo em conta as redes construídas com base na internet. Estes grupos e movimentos sociais, apelidados de “novos novos” ou de “novíssimos”, exercem a sua ação localmente de acordo com as condições e contextos que se vivem em determinados países, mas estão em contínua articulação e comunicação com grupos, organizações e ativistas internacionais, resultando que, pelo menos na sua essência, os protestos possam ter um eixo comum, assim como a existência de influências extra fronteiras, como é o caso da ATTAC ou do “Podemos” espanhol. As ações destes grupos potenciaram a força de mobilização em protestos ocorridos durante aquele período, alguns deles, com uma afluência nunca antes vista, como foi o caso das manifestações organizadas pelos coletivos “Geração à Rasca” e “Que se Lixe a Troika”, em 12 de março de 2011, 15 de setembro de 2012 e 2 de março de 2013. Este novo panorama que se assistiu em Portugal sob a influência da ação destes novos grupos, dadas as mudanças que se observaram no sistema de relações entre atores e poderes, impulsionou o desenvolvimento de novos modelos de atuação, nomeadamente entre estes novos movimentos, os sindicatos, as associações e os partidos políticos, num ecossistema político muito mais complexo: “Nesta ecologia emergente de reivindicação, as fronteiras entre os protestos materiais e os protestos económicos estão cada vez mais indistintas e os objetivos dos diferentes atores, tais como os movimentos “novos novos” e os sindicatos, são cada vez mais coincidentes.” (Accornero e Pinto, 2015: 395).

Todavia, é indiscutível o poder e influência que os órgãos de comunicação social e os jornalistas continuam a assumir em Portugal e que foram decisivos para os índices de participação obtidos nos

episódios referidos, embora tendo em conta que a representação que produzem deverá ter em conta um conjunto de fatores que passam também por questões estratégicas, influências, interesses e aspetos inerentes à atividade, como são os enquadramentos profissionais ou económicos/ audiências. Importa, pois, refletir sobre possíveis alterações observadas no período de desenvolvimento da internet e das comunicações móveis e como estas permitem a organização e mobilização popular em articulação ou não com outros processos e meios de comunicação.

Apesar da importância que os novíssimos movimentos sociais têm vindo a ganhar nos contextos mundial e nacional, o estudo de Accornero e Pinto (2015) indica que o protesto organizado pelos ditos atores tradicionais, como os sindicatos, continua a ter o seu lugar no panorama político e social no nosso país, observando-se até um incremento a nível da participação e poder mobilizador durante o período analisado, facto que nos faz pensar que as condições económicas e socialmente adversas podem constituir a força motriz destes episódios, validando as teorias da mobilização de recursos ou do processo político. Segundo Accornero e Pinto (2015: 406-407):

(...) em todo o período coberto pelo nosso estudo, 78 ações de protesto (47,9 por cento do total) foram iniciadas pelos sindicatos da função pública, às quais podemos acrescentar mais 11 ações por centrais sindicais nacionais, como a CGTP e a UGT (União Geral de Trabalhadores) e outras 19 lideradas por trabalhadores do setor privado. No total, dois terços das ações de protesto (66,3 por cento) na nossa amostra originaram-se no setor laboral ou foram desencadeadas por organizações representantes de trabalhadores. Em contrapartida grupos políticos, tais como os movimentos QSLT, M12M ou Geração à Rasca, aparecem como líderes dos protestos em apenas 19 ações (11,7 por cento), apenas pouco mais do que os protestos organizados pelos usuários e consumidores dos serviços públicos e privados (15 ações).

Em Portugal, como já vimos antes, entre 2008 e 2012, de acordo com dados apresentados do ESS, o número de pessoas que afirma já ter participado em manifestações aumentou de 3,7% para 6,8%, dados esses que vão ao encontro das informações avançadas por Elias e Pinho (2012) *apud* Accornero e Pinto (2015: 397), com base em dados fornecidos pela PSP (Polícia de Segurança Pública), observa-se um aumento da frequência das manifestações, de 244 realizadas em 2010, para 298 em 2011, e de 579 em 2012.

2.4. MANIFESTAÇÃO COMO UMA LIBERDADE E UM DIREITO

As manifestações expressam lutas por direitos e elas mesmo passaram a constituir, em muitos países e nas organizações internacionais, um direito humano pela liberdade e direito de reunião e de manifestação. Em Portugal, a Constituição da República de 1976 consagra no artigo 45º o direito de reunião e de manifestação.

Não se pretende desenvolver este estudo no âmbito do Direito, todavia afigura-se importante fazer um breve enquadramento, no sentido de compreender a evolução no contexto português.

Em Portugal, a Constituição de 1838 já observa os direitos fundamentais de liberdade de associação, liberdade de reunião e direito de resistência. Após a queda da monarquia em Portugal (1910), a Constituição Republicana de 1911 faz alusão ao princípio da liberdade do direito de reunião e de associação, embora dependendo de regulamento próprio, como forma de controlo e repressão do movimento operário e sindical já em desenvolvimento. Com a Constituição de 1933, Salazar publica o decreto-lei nº22468, de 11 de Abril, que introduz sérias restrições ao direito de manifestação e de reunião, pois este não poderia ser exercido “para fins contrários à lei, à moral e ao bem público”. Esta proibição permanece por toda a ditadura, sendo depois interrompida com o golpe militar de 25 de Abril de 1974, através do decreto-lei nº 406/74 de 29 de Agosto. A Constituição de 1976 consagra como liberdades, direitos e garantias dos cidadãos portugueses o direito à manifestação e de reunião, sendo este um direito fundamental e um dos pilares do Estado de Direito Democrático.¹³

O direito de manifestação, consagrado na lei, está associado a outros como o direito de reunião ou, de uma forma mais abrangente, aos direitos e liberdade de expressão. Na opinião de Eduardo Correia Baptista (2006), nestes direitos estão implícitos os destinatários, como governantes ou políticos, que apesar de não consentirem o seu envolvimento, são visados e diretamente implicados em reuniões e manifestações em espaço público.

A manifestação constitui sempre um gozo da liberdade de expressão, mas que se exerce em circunstâncias particulares. Constitui um modo direto de expressar uma mensagem que não depende de qualquer consentimento expresso ou tácito dos destinatários. Deste modo, é intromissiva, mesmo que possa ser acolhida com simpatia e mobilizar os destinatários. (Baptista, 2006:75)

Maria Lídia de Oliveira Ramos (1989) desenvolveu uma tese sobre a temática do direito de manifestação e de reunião, na sua opinião, apesar de limitações da legislação, especialmente por não responsabilizar os promotores por atos de violência e por não delimitar e distinguir os vários formatos pacíficos de manifestação de outros violentos, este continua a afigurar-se enquanto direito fundamental. Um tema especialmente pertinente na discussão sobre motins e atos de terrorismo que envolvem muitas vezes as manifestações de determinados grupos mais radicais

(...) concordamos com a consagração constitucional deste direito, como Direito Fundamental, na medida em que consideramos ser extremamente útil que os cidadãos tenham a possibilidade de se exprimir publicamente, dando a conhecer os seus anseios, os seus protestos, em relação a situações de eventual injustiça, chamando a atenção, inclusive, para casos em que o interesse particular, ou

¹³Santos, Paula Borges *et al.* (2015), *Direito de Manifestação*, Museu do Aljube - Resistência e Liberdade, disponível em: www.museudoaljube.pt/expoTemp, acessado em 10 de agosto de 2016.

mesmo público, não se encontre acautelado como seria desejável. É evidente que tais manifestações deveriam ocorrer sempre com a demonstração de elevado espírito cívico, o que permitiria que jamais se confundissem ou equiparassem com autênticos motins, não levantando, pois, quaisquer problemas.

No final dos anos 70, parece começar a haver um maior recurso à manifestação como forma de participação política, tornando-se um recurso cada vez mais institucionalizado, no sentido de proporcionar uma democracia em que o protesto funciona como elemento regulador. O Direito, como já vimos, vem também consagrar progressivamente a manifestação tanto como forma de liberdade fundamental, pois em 1979 a Comissão Europeia dos Direitos do Homem deu um valor particular a esta liberdade. A manifestação funciona como uma espécie de referendo de iniciativa popular, em que o povo expressa a sua vontade e as suas exigências, considerada nas liberdades constitucionais, impondo-se como forma de interlocução com o poder político, na condição de não perturbar a ordem pública (Fillieule & Tartakowsky; 2013: 56-57).

Também em regimes não democráticos a manifestação pode ser um recurso importante no sentido de exprimir a vontade do povo. Tomemos como exemplo os acontecimentos da chamada “Primavera Árabe”, que as novas tecnologias da comunicação e as redes sociais *online* permitiram desenvolver. Aqui, apesar manifestação não ser um formato institucionalizado compreende, sem dúvida, uma forma de chamar a atenção da comunidade internacional.

CAPÍTULO III – LINGUAGEM, DISCURSO E PODER

De entre as várias perspectivas possíveis de abordagem sobre as manifestações, entender o fenómeno enquanto linguagem poderá constituir um ângulo válido, apesar de pouco explorado, remetendo-nos, inevitavelmente, para o campo da cultura.

Na tradição dos estudos dos movimentos sociais, a linha seguida pelos investigadores europeus, nomeadamente por aquela que se designa de “Novos Movimentos Sociais”, recai sobre algumas dimensões culturais, associando-as a outras variáveis pertinentes como é o caso da identidade, do discurso e da ideologia. A inovação pode, no entanto, despontar ao cruzarmos o campo do estudo dos movimentos sociais e do protesto com o universo dos Estudos Culturais, em que Stuart Hall (1981; 1992; 1997; 2000; 2005) é, sem dúvida, uma das principais referências a ter em conta, pela sua abordagem que passa pela compreensão de um conceito fundamental, que se encontra alicerçado no fenómeno da linguagem, e que se compreende por “representação”. O valor de Hall ocupa, aqui, papel de destaque, por um lado, porque desenvolve o seu exercício teórico na tradição pós-estruturalista e, como tal, busca influências do pensamento francês como Foucault, Derrida ou Lacan; e, por outro, porque incorpora as premissas da corrente culturalista emergente na cena intelectual britânica nas décadas de 50 e 60. No pensamento de Hall, e também de outros como Williams, é através do uso da linguagem que as relações de poder e as instituições se constituem, geradoras de contextos políticos, económicos e sociais.

Representation is the process by which members of a culture use language (broadly defined as any system which deploys signs, any signifying system to produce meaning. Already, this definition carries the important promise that things – objects, people, events, in the world – do not have in themselves any fixed, final or true meaning. It is us – in society, within human cultures – who make things mean, who signify. Meanings, consequently, will always change, from one culture or period to another. There is no guarantee that every object in one culture will have an equivalent meaning in another. (Hall, 1997: 61)

O sentido atribuído a um objeto varia de cultura para cultura, de acordo com as representações que lhes são próprias e que, segundo Hall, são determinantes. Nesta perspectiva, a cultura pode ser entendida enquanto sistema de sentido, regido por leis e hierarquias, que funcionam como estrutura e enquadramento no processo de significação. A ordem que atribuímos às coisas, através de sistemas classificatórios, confere-lhe um sentido e esses processos encontram-se inscritos na linguagem: “Há entre os membros de uma sociedade um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por “Cultura.” (Woodward, 2000: 41).

No sentido de entendemos a relação entre linguagem, discurso e poder, torna-se essencial o recurso ao pensamento de Foucault, cuja obra toma como basilares estes conceitos, quer na sua construção, quer no seu aprofundamento teórico e influência. No ensaio intitulado “As Palavras e as Coisas”, Foucault teoriza acerca dos conceitos de representação e de discurso. Segundo o filósofo francês, a representação constitui um discurso sobre o objeto e, como tal, incompleto. Esta noção funda-se na relação de arbitrariedade do signo presente na linguística saussuriana e, assim, a relação entre significado e significante está dependente de relações de poder. Neste processo concorrem múltiplas forças, é, por isso, uma manifestação de poder, no sentido que cria realidades distintas. No capítulo *Las Meninas*, em que toma o quadro de Velázquez como exemplo para explicar o processo de construção e funcionamento da representação, usando, para isso a metáfora do contexto da corte espanhola e do afrouxamento do poder monárquico, a existência de um movimento intrínseco, em que os lugares vão alternando de acordo com a perspectiva do espetador – rei, pintor, espetador. O objeto de representação, ao contrário de ações mais óbvias, não é a corte do Rei Filipe de Espanha, mas o movimento, uma força imposta ao processo de representação. São três lugares e pontos de vista que se encontram num ponto exterior ao quadro (Foucault, 2005a: 69). Naquela obra Foucault prossegue com a sua “arqueologia” para compreensão da cultura e das humanidades e, para isso, investiga a relação entre as palavras, as imagens e as instituições. Teorizar sobre a obra do pintor espanhol constitui, acima de tudo, um exercício para compreender o movimento que atravessava a Europa pela influência do capitalismo, do protestantismo (Weber, 1989), do desenvolvimento científico (racionalismo cartesiano) e de uma nova classe social, que podemos caracterizar como marcas da modernidade. Como diz Adriano Duarte Rodrigues, “A razão é, por isso, na modernidade, o lugar invisível a partir do qual o mundo é posto em perspectiva” (Rodrigues, 1994: 67). O modelo racional lançou as bases do desenvolvimento científico, ocupando a ciência agora um lugar legítimo na construção de conhecimento, com base em procedimentos lógicos, na evidência e na verificação. Para Foucault, “representar” é no fundo dar um enquadramento, por isso, atribui à *mathesis*, enquanto ciência universal da medida e da ordem, o desempenho de modelo de representação de entendimento universal. Foucault entende a ciência como discurso e, como tal, um instrumento de conquista de poder e legitimação para instaurar processos de inclusão e de exclusão, por meio de discursos, processos que o filósofo atribui como gênese e desenvolvimento de instituições de controlo social e da normatividade (Foucault, 2004).

No sentido de entendermos aquele já referido movimento de que Foucault nos fala, e que podemos associá-lo à noção de representação, mas também, não despidendo, à ideia de espaço racional e de objetividade, torna-se essencial fazer alusão ao conceito de “esfera pública”, considerado por Habermas (2010a, 2010b, 2012) como um desenvolvimento da consciência do ser social, é a tentativa de explicar aquele movimento e mudança, com base no surgimento de uma nova classe, a burguesia. A alteração da “esfera pública”, entendida por Habermas (2012) como uma libertação da lógica feudal, facto que dá lugar ao desenvolvimento de uma nova ordem burguesa, pode ser o indício de uma modernidade em que a racionalidade associada à mobilidade (trocas comerciais) constitui a força motriz da mudança social e

na construção do sentido de “Direito”. Nesta linha de raciocínio, a época moderna aporta, desta forma, um movimento, nos vários sentidos - económico, social e cultural. Uma visão económica de escala global, graças ao desenvolvimento da burguesia mercantil, lança as bases do capitalismo e, com ele, uma nova consciência social.

Na verdade, os avanços das gerações modernas em matéria de movimento transmitiram-nos enormes espaços de manobra em numerosos domínios, e é quase miraculoso o que os membros das burguesias e classes médias contemporâneas conquistaram em termos de mobilidade, no decurso de escassos dois séculos, no terreno da política, da economia, da língua, da informação, da circulação, da expressão e da sexualidade.” (Sloterdijk, 2002: 34)

O elemento que distingue a modernidade da pós-modernidade é apresentado por alguns autores como uma espécie do “movimento”, como nos fala Foucault, e que é imprescindível para compreender a formação das identidades. O facto de Hall caracterizar a pós-modernidade pela presença de uma “fragmentação” identitária, pode ser entendido como resultado da permeabilidade de um sistema às múltiplas visões e discursos. Esta é, de certa maneira, uma ideia comum aos autores pós-estruturalistas, em que esta noção de movimento se encontra presente. Segundo Hall, “As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.” (Hall, 2000: 108).

Este movimento que dá lugar à formação de um novo conceito de sujeito e às novas identidades pode ser um fator gerador de práticas sociais e relações de poder reveladas nas práticas discursivas. As tensões sociais dão lugar a revoluções, e estas podem começar por muitas razões. Veja-se a Revolução Americana desencadeada pela insurgência dos colonos contra os impostos pagos à coroa britânica, ou a Revolução Francesa, em que a força do povo conseguiu erguer uma nova ordem, vendo consagrados os primeiros direitos sociais. Aqui, vivia-se, sem dúvida, influência de novos ideais liberais, democráticos, sob a égide das “luzes” que, de alguma maneira, constituíram um discurso que foi o reflexo do espírito do tempo (*Zeitgeist*).

O desenvolvimento industrial foi, sem dúvida, o início de uma grande revolução a nível económico, mas acima de tudo social. O êxodo rural que se observou com a Revolução Industrial deu origem a um novo tecido social. Novos grupos e comunidades surgem neste contexto e a imprensa adquire, aqui, um papel muito importante na coesão e controlo social e, conseqüentemente, na criação de um território para o desenvolvimento da democracia. A imprensa aparece como elemento agregador de símbolos que se propagam aos vários elementos de uma comunidade e que, de certa forma, contribui para os processos de reprodução social. Aqui, os estudos de Vicent e Small foram especialmente pertinentes, contribuindo, também, as pesquisas efetuadas por Dewey (1991) e Park (1938) (Escola de Chicago/ Interacionismo Simbólico). A consciência de classe que nasce neste contexto, com a organização industrial, cria as condições para uma lógica de luta de classes, sendo o movimento operário

um dos primeiros movimentos sociais de que há memória, pelo que, identidade e consciência de classe estão intimamente relacionados e funcionam como elementos simbólicos que preconizam aquele discurso consubstanciado numa luta de opostos. Veja-se a este propósito o estudo de Maria Filomena Mónica (1982) *A Formação da Classe Operária Portuguesa*, onde a imprensa assume um papel fundamental.

É através da dimensão simbólica, que é o pilar da cultura, que a identidade se forma, e os grupos se constituem, pelo que a afirmação e a conquista de um lugar só é possível pelo caminho da luta e do protesto:

Os processos históricos que, aparentemente, sustentavam a fixação de certas identidades estão entrando em colapso e novas identidades estão sendo forjadas, muitas vezes por meio da luta e da contestação política. As dimensões políticas da identidade tais como se expressam, por exemplo, nos conflitos nacionais e étnicos e no crescimento dos “novos movimentos sociais”, estão fortemente baseados na construção da diferença. (...) A marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade. A diferença é produzida por meio de sistemas simbólicos.” (Woodward, 2000: 39).

Portanto, estudar a imprensa pode ser uma forma de conseguir compreender como os discursos se fundamentam, se articulam e reproduzem. Estudar o papel desempenhado pela imprensa na construção de representações que, hoje, estão nas mais profundas estruturas sociais. Compreender os contextos económicos, sociais e tecnológicos do desenvolvimento da imprensa é sinónimo de compreender a construção da cultura e da identidade de um país. A este propósito veja-se a obra *O Discurso do Jornal*, de José Rebelo (2000), onde é possível constatar o estilo usado pelos jornalistas nas redações e como isso reflete intenções e enquadramentos, ou seja “como é que o jornal diz o que diz e porque é que o jornal diz o que diz” (2000: 11).

Júlia Kristeva (1980) esclarece que “no discurso, a língua comum a todos torna-se o veículo de uma mensagem única, própria da estrutura particular de um determinado sujeito que imprime sobre a estrutura obrigatória da língua uma marca específica, em que se marca o sujeito sem que por tal ele tenha consciência disso” (Kristeva, 1980: 23). Para Kristeva, o entendimento do conceito de discurso vai ao encontro, se quisermos, da noção de “parole” de Saussure, pois não se trata de estudar as relações e as leis que regem a língua, mas sim a sua dimensão social. Desta maneira, podemos entender o discurso como prática social, em que a utilização da linguagem se orienta por um aspeto instrumental, no âmbito de um processo comunicacional, tendo o emissor um objetivo, explícito ou oculto, de produzir efeitos na audiência/recetor. O discurso pode estar, assim entendido, condicionado por forças e relações de poder circunscritos num determinado contexto cultural: “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.” (Woodward, 2000: 17).

Para entender o conceito de poder e como este se relaciona com o discurso, importa aludir às correntes marxistas, como o materialismo histórico, pois defendem ser no processo de formação e consciência de classes, e no processo antagónico de luta entre elas, que os limites ao sentido se colocam. Para os Estudos Culturais, especialmente para Williams, é através deste processo que os grupos formam territórios ideológicos e que, por sua vez, introduzem mecanismos de dominação e determinação implícitos nos discursos (Williams, 1980: 7). Assim, o sentido encontra-se associado à noção de poder, pois são determinados pela ideologia que, no fundo, se encontra presente na linguagem e nos discursos, pelo que o conceito de ideologia revela-se imprescindível para a presente reflexão.

Vimos anteriormente como a imprensa desempenha um papel central no desenvolvimento de processos identitários segundo a perspectiva do interacionismo simbólico e da Escola de Chicago, que encara o fenómeno sob uma perspectiva favorável e fundamental para a construção do espaço democrático. A Escola de Frankfurt, por seu turno, considera que a comunicação de massas constitui um instrumento de manipulação em prol dos interesses de elites do poder. A teoria crítica atribui, desta maneira, aos *mass media* a causa do enfraquecimento e empobrecimento culturais. Para as correntes de inspiração marxista, os media são instrumentos detidos pelas classes dominantes (elites) para controlar e manipular as classes subordinadas. Um aparelho que, através da disseminação simbólica, de significados, crenças, valores e mitos, serve a ideologia das classes dominantes.

A imprensa constitui, desta forma, um instrumento de práticas discursivas, pelos manifestos que produz e veicula, torna-se um importante *corpus de análise*, de forma a compreender as circunstâncias da produção e reprodução dos discursos, e como estes se naturalizam nas estruturas. O poder recorre, desta forma, a práticas discursivas que procuram consciente ou inconscientemente posicionar-se num determinado campo social. O discurso científico, religioso ou político são manifestações disso mesmo: a produção de sentido, através da função enunciativa, de génese, manutenção, regulação e legitimação de um grupo. As questões da autoridade, reconhecimento e legitimidade encontram-se nos enunciados produzidos. Desta forma, no interior de um determinado grupo ou sociedade, a linguagem é uma manifestação simbólica de poder (Brito, 2011).

Paul Connerton (1993), no seu livro, aborda questões pertinentes para esta tentativa de explorar a função da linguagem num contexto de legitimação cultural dos grupos, explorando os mecanismos e processos que permitem a memória social, através da análise da produção de discurso, práticas performativas, rituais, ritos e cerimónias que, de alguma maneira, são modalidades de materialização da linguagem.

Situamos o comportamento dos agentes de referência ao seu lugar nas suas histórias de vida e situamos também esse comportamento pela referência ao seu lugar na história dos contextos sociais a que pertencem. A narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos a partir dos quais os indivíduos adquirem a sua identidade (Connerton, 1993: 26).

As palavras adquirem um poder simbólico, bem como quem as profere. A este propósito, John Austin, no seu livro *How to do things with words*, desenvolve um verdadeiro tratado sobre o efeito performativo da linguagem, na esteira da corrente pragmática, procedendo à distinção entre atos performativos de atos constatativos. Este contributo teórico foi precioso para entender os efeitos resultantes da linguagem ou mesmo, entender a linguagem como objeto social em si. Os atos performativos, em Austin, são a efetivação do uso daquele poder. Estes enunciados não descrevem o estado das coisas, mas realizam *per se* acontecimentos ao serem proferidos. Segundo Bourdieu, a teoria de Austin merece algumas críticas, pois segundo ele “o discurso de autoridade é apenas a forma paradigmática e que devem a sua eficácia específica ao facto de parecerem encerrar em si mesmo o princípio de um poder que reside, na realidade, em condições institucionais da sua produção e da sua receção. Segundo Bourdieu (1998: 99-101), os discursos não devem ser analisados em si próprios, segundo uma lógica linguística, mas sim atendendo às condições reais da sua produção.

De acordo com os pós-estruturalistas, que seguem a tradição saussuriana da explicação da realidade pela análise das estruturas criadas pela interação linguística, e reportando à proposta de Pierre Bourdieu (2011: 5), “a análise estrutural tem em vista isolar a estrutura imanente a cada produção simbólica” (2011: 5). É pela análise das estruturas perpetuadas pela linguagem que se baseia a metodologia de análise da sociedade, pois “os sistemas simbólicos” são vistos como “instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados”.

Para concluir, de acordo com Hall (1981; 1997) e Hall e colegas (1992; 2005), a representação é uma construção que resulta das práticas sociais através da linguagem, pois as significações são relações que se estabelecem no interior do contexto cultural. A formação da identidade depende daqueles processos e é permeável aos discursos e relações de poder. Desta maneira, Foucault, Lyotard e outros autores pós-estruturalistas apresentam o “movimento” como força motriz de processos de mudança, característicos das “modernidades”. Estas relações de força e de poder podem estar implicados numa lógica económica. David Held (1992) concorda com Giddens quando compreende a contestação e o conflito como características da modernidade, e que em muito contribuiu o movimento operário. Todavia, não se deve restringir a essa única visão, consubstanciada nas lutas de classe, de acordo com o modelo de Marx (Held, 1992: 34). Hoje, na época pós-moderna, uma das suas características mais distintivas é a perda de coerência racional e social a favor das imagens culturais e formas sociais, identidades marcadas pela fragmentação, multiplicidade, pluralidade e indeterminação (Thompson, 1992: 223).

3.1. ESTRUTURALISMO E PÓS-ESTRUTURALISMO

Com grande influência no percurso das Ciências Sociais e Humanas, quer a nível da conceção de objetos de estudo, quer a nível metodológico, a corrente designada por Estruturalismo, entende o fenómeno linguístico enquanto estrutura que determina toda a prática social, de acordo com as leis que lhe são inerentes, e, portanto, universais. Na base desta abordagem estão os estudos de Ferdinand de Saussure, um linguista e filósofo de origem suíça que viveu até ao início da segunda década do século XX, e que propôs uma análise do mundo a partir das estruturas da língua, pela construção de um objeto independente das manifestações subjetivas. A sua proposta levou à fundação de uma ciência com um campo mais vasto que o da linguística, dando-lhe o nome de Semiologia. A sua principal contribuição foi a descrição dos vários tipos de signos e a distinção entre *langue* e *parole*.

As críticas dirigidas ao estruturalismo levaram a que muitos autores se intulassem de Pós-Estruturalistas, num período que coincidiu com o Maio de 68, em Paris. Neste âmbito, parece ter havido um afastamento das premissas estruturalistas por um conflito latente com a perspetiva historicista e materialista: “Acusado por ser uma barreira ao desenvolvimento do materialismo histórico, certo é que o estruturalismo desinteressa-se, pois, pelo conhecimento de como se operou um determinado estado de coisas, preocupando-se mais por entender esse estado de coisas em si próprio”, nas palavras de Vergílio Ferreira no prefácio que assina na versão portuguesa de *As Palavras e as Coisas* (Focault, 2005a: 21).

Na opinião de Adriano Duarte Rodrigues, a proposta metodológica de investigação que se baseia no modelo de Saussure não é suficiente para entender os fenómenos sociais, por estar demasiadamente focada no código e menos na interação e na comunicação não-verbal, por isso, a abordagem semiótica de Peirce (1877) tenha ganho mais seguidores pela componente pragmática que comporta: “Esta preocupação de objetivação do código que sustenta a estrutura significante das mensagens corre, no entanto, o risco de deixar de lado dimensões importantes e específicas dos processos comunicacionais” (Rodrigues, 1994: 45).

Igualmente crítico relativamente ao estruturalismo, Bourdieu difere dos linguistas no que respeita aos conceitos de língua e comunicação, ao propor uma abordagem que valoriza as condições de produção e que assenta no estudo da estrutura social em que estas trocas se realizam. Em *L’Economie des échanges Linguistiques*, editado em 1982, Bourdieu (1998) estabelece uma analogia entre as trocas linguísticas e o sistema económico, ao considerar a língua uma “moeda de troca”. O autor defende, então, a existência de um determinismo económico que condiciona todos os sistemas e práticas sociais, inspirado pelas teorias marxistas. Consequentemente dirige críticas ao estruturalismo e aos linguistas, particularmente sobre a ideia de que a língua se rege por princípios. A língua para Bourdieu é uma *praxis* (*habitus*), pelo que discorda da teoria defendida pelos linguistas e, em especial, pelo suíço Saussure, que defende que o pressuposto para a realização de trocas linguísticas é a existência de um código comum entre os falantes de uma dada comunidade. Na opinião de Bourdieu, as relações de força simbólica são determinantes para as competências linguísticas, pois formam o “capital” que permite estabelecer

relações de poder entre os grupos e, igualmente, no interior de cada um deles, influenciando, assim, a ordem social. Portanto, o autor recusa as premissas estruturalistas, ao defender que não são as estruturas linguísticas que condicionam as práticas sociais, mas que aquelas devem ser entendidas no seu contexto social de produção, que é determinado por relações de força.

3.2. DISCURSO: TEORIA E MÉTODO

Quando se fala de “discurso”, as aceções são vastas e, muitas vezes, o termo pode querer dizer quase tudo ou quase nada, em função das interpretações e do uso que dele se faz. A polissemia é evidente, o que, efetivamente dificulta a tentativa de circunscrever o termo e “fixar” uma definição. Neste sentido, o conceito de “discurso” sofre alterações dependendo da corrente ou filosofia que estivermos a tratar e, conseqüentemente, os métodos e as ferramentas que tornam possível desenvolver uma pesquisa científica neste domínio.

A conhecida “Escola Francesa” já há muito que nos oferece contribuições no domínio da análise de discurso, um pouco na esteira do estruturalismo de Saussure e sob influência da corrente marxista, como Bakhtin e Althusser. De uma forma geral, atribui-se ao conjunto de pesquisas tendo por base o discurso, desenvolvidas durante os anos 60 e 70, em França, e que resultou na publicação de uma edição da revista *Langages*, organizada por Jean Dubois, intitulada *L'Analyse du Discours*, ainda marcante desta tendência de investigação o livro de Pêcheux, *Analyse Automatique du Discours*, publicado em 1969. Depois, a grande riqueza de contributos dos autores pós-estruturalistas, que conheceram o seu auge após Maio de 68, como Foucault, Derrida, Lacan, Deleuze, Guattari, Kristeva, entre outros.

Pertinente também a referência das teorias críticas que conheceram o seu núcleo duro na “Escola de Frankfurt” e que ofereceram aportes consideráveis, no sentido de enquadrar os estudos e pesquisas no domínio social. Habermas (2010a), uma das figuras mais proeminentes desta corrente, acompanhou a tendência das ciências sociais privilegiarem a linguagem como base do empreendimento de uma teoria social, a chamada *Linguistic Turn* que se observou na Europa e nos EUA.

A pragmática americana desenvolveu, igualmente, interesse pelo estudo do discurso, especialmente na vertente conversacional. Além disso, as abordagens como as de Austin sobre os atos de fala e a performatividade da linguagem vêm contribuir para o desenvolvimento desta abordagem teórica e metodológica. Ainda de especial relevo, a etnometodologia desenvolvida no âmbito das ciências sociais nos EUA, especialmente a Antropologia e a Etnografia, utiliza a análise de discurso como ferramenta de recolha e tratamento de dados. A “Escola de Chicago”, nomeadamente o Interacionismo Simbólico, desenvolveu alguns dos seus estudos com recurso a esta técnica. Continuando, ainda, neste ponto, a sociologia de Goffman (1976), especialmente a *Frame Analysis*, também utiliza a análise de discurso.

E por último, aquela que inaugura a tradição das pesquisas na área da cultura, ainda com uma abordagem de pendor marxista, desenvolve um interesse particular pelo estudo de objetos antes afastados pelos investigadores, como é o caso dos cartazes publicitários, das novelas ou da música popular – Os Estudos Culturais, da “Escola de Birmingham”. Tendo a “cultura” como principal objeto, os Estudos Culturais são a corrente que nos interessa explorar no presente estudo.

Naquela tradição, a análise de discurso é, sem dúvida, uma das principais ferramentas e métodos de análise. Podemos apresentar Hall e os seus estudos enquanto principais exemplos para demonstrar a ligação entre os contributos dos autores pós-estruturalistas franceses e as abordagens dos Estudos Culturais ingleses que, sem dúvida, se desenvolveram tendo Williams como um dos principais mentores. Hall coloca na linguagem a base da sua teoria, cujo conceito de “coding/decoding” e de “representação” são ilustrativos.

O discurso passa a constar, então, como objeto de análise em pesquisas de várias tradições e extensível a vários campos científicos, como a Linguística e os Estudos Literários, a Sociologia, a Geografia Humana, a Antropologia ou a Psicologia.

Autores como Maingueneau, Pêcheaux, Charaudeau e Foucault apresentam estudos e métodos no sentido de desenvolver a Teoria do Discurso como filosofia e enquanto metodologia. Nesta tradição, essencialmente desenvolvida em França, o “discurso” encontra-se muito associado a conceitos como os de “sujeito”, “ideologia” e “poder”. Muitas discussões tomaram parte de uma análise que incidisse exclusivamente em textos, em grande parte lideradas por linguistas. Mas, novas abordagens de entender o discurso para além da “Langue” tomavam lugar e espaço, assumindo, cada vez mais, o discurso enquanto “Parole” e como objeto social, em que o contexto histórico e as condições de produção seriam considerados elementos centrais na análise.

Alguns investigadores que se debruçaram sobre as teorias do discurso e os métodos que lhe são próprios apresentam, pelo menos, três abordagens, como sendo aquelas que mais coerência e validade apresentam, como filosofia e método, e que tornam viável a condução de pesquisas no domínio das ciências sociais, no contexto das correntes construtivistas - Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe; Análise Crítica do Discurso; Psicologia Discursiva.

Os campos discursivos são conceptualizados amplamente como territórios em que disputas de significado ocorrem (Steinberg 1999). Nos trabalhos de Steinberg é possível constatar que os significados são alvo de utilização por parte de grupos, orientados para uma verdadeira luta de classes entre proletariado e proprietários. Steinberg utiliza a análise de discurso, com base no conceito de dialogismo inspirado em Bakhtin (1977), e sugeriu a relevância do conceito de campo discursivo para a compreensão das atividades discursivas e de *framing* associados aos movimentos sociais.

As teorias escolhidas como centrais para dar uma visão geral do campo, já referidas atrás, partilham um posicionamento comum na forma como a linguagem e o sujeito deverão ser compreendidos, além de dirigirem a sua atenção para a análise das relações de poder na sociedade e, desta forma, investigar aspetos relacionados com a mudança social. Um dos grandes aspetos a salientar

e que une, de alguma maneira, as três abordagens é o facto de se desenvolverem no contexto das correntes construtivistas que, como já vimos, parte do princípio de que a realidade é socialmente construída, corrente essa que obteve a grande participação de Berger e Luckmann. O construtivismo social tem como premissas de base a visão da linguagem decorrente da linguística estruturalista e pós-estruturalista e a compreensão do indivíduo à luz do marxismo estruturalista. O construtivismo social constitui, assim, um termo guarda-chuva para um conjunto de novas teorias sobre a cultura e a sociedade, sendo que a análise de discurso é um dos métodos mais utilizados (Jorgensen e Phillips, 2002: 3-6).

Alguns autores atribuem a origem do construtivismo social ao pós-estruturalismo francês ou mesmo englobando este último no primeiro como se de uma categoria se tratasse. A teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe é a mais pura teoria pós-estruturalista, ao defender que o discurso constrói o mundo social em sentido e que, devido à instabilidade fundamental da linguagem, o sentido nunca pode ser permanentemente fixado, ou seja, nenhum discurso é uma entidade fechada, é, em vez disso, constantemente transformado através do contacto com outros discursos (Jorgensen e Phillips, 2002: 3-6).

O estudo das relações de poder e a forma como estas se manifestam na linguagem é, sem dúvida, o principal aspeto a ter em conta quando falamos de análise de discurso. Aqui importa refletir acerca do conceito de hegemonia e sobre a constante luta para conseguir atingir um estado totalitário, isto é, o de fixar significados de acordo com propósitos. Com inspiração no conceito original de Gramsci, a hegemonia pode ser entendida enquanto dominação a partir de uma determinada perspetiva. Se quisermos, os discursos concorrem num território com o objetivo último de fixar sentidos e, assim, conquistar espaço. Os discursos materializam-se pela linguagem, onde a ideologia desempenha um importante papel no processo.

A Análise Crítica do Discurso, corrente protagonizada por Teun Van Dijk e Norman Fairclough, defende também que a linguagem e o discurso desempenham funções cruciais na construção do mundo social. Contudo, aqui, o discurso é encarado como um entre muitos aspetos de qualquer prática social, estabelecendo uma distinção entre fenómenos discursivos e não discursivos, num movimento dialético, pelo que esta abordagem comparativamente à de Laclau e Mouffe está muito menos alinhada com o pós-estruturalismo, mantendo, ainda, os preceitos do marxismo tradicional. A perspetiva representada por Fairclough dirige o seu especial interesse para a investigação de processos de mudança que estão, naturalmente, implicados nos discursos e nas estruturas discursivas. Um dos conceitos mais importantes e que importa realçar, que, no fundo, é um conceito similar ao de “articulação discursiva” de Laclau e Mouffe, é o de “Intertextualidade”. Este conceito constitui o principal contributo de Fairclough no sentido de possibilitar a análise dos processos de mudança social. Importa, pois, entender como um texto individual decalca elementos e discursos de outros textos. É pela combinação de elementos de diferentes discursos que a linguagem concreta pode mudar os discursos individuais e, desta forma, também o mundo social e cultural. A análise da intertextualidade, além de ser uma excelente ferramenta para

investigar os processos de mudança, também permite analisar os processos de reprodução dos discursos e como estes aspetos se “naturalizam” nas estruturas discursivas.

A grande diferença entre a Análise Crítica do Discurso e a Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe é, sem dúvida, o objeto de análise que, na primeira, unicamente são considerados os textos nas modalidades escrita e oral, ao passo que, na segunda, toda a realidade é vista como discurso independentemente da sua configuração textual. Daí a abordagem de Laclau e Mouffe ser considerada mais abrangente e permitir uma dimensão de análise macro-estrutural, mais orientada para o “Político”.

Relativamente à Psicologia Discursiva, área de especialização da Psicologia Social, esta utiliza a análise de discurso como principal metodologia de recolha e análise de dados empíricos. Orienta-se para a análise crítica de discurso, com especial enfoque em instâncias específicas da utilização da linguagem na interação social. Assim, interessa compreender como as representações aos níveis individuais e grupais se constroem e desenvolvem processos identitários, espírito de pertença e através deles se constituem práticas e ações, por exemplo, processos de negociação sobre as representações do mundo e das identidades, analisando, também as suas consequências no mundo social. Aqui, importa também analisar os processos de reprodução e de mudança social e cultural.

As abordagens de análise do discurso aqui apresentadas estabelecem o ponto de partida na crença da filosofia da linguagem estruturalista e pós-estruturalista, assumindo a linguagem como canal de acesso à realidade. A linguagem constitui o mundo social. Isto também se estende à constituição de identidades sociais e relações sociais. Nesta ordem de ideias, a existência de mudanças no discurso correspondem a alterações no mundo social. Assim, é possível afirmar que as lutas ao nível discursivo participam na mudança, bem como na reprodução da realidade social.

Segundo Saussure existe uma dimensão diádica, constituída pelo significante e pelo significado e a relação entre os dois é arbitrária, pois o sentido que conferimos às palavras não é inerente a elas, mas um resultado de convenções sociais pelo qual se associam os significados aos sons. Saussure distingue entre dois níveis de linguagem, “Langue” e “Parole”. “Langue” é a estrutura da linguagem, um sistema que é regido por regras fixas, uma rede de signos que dão sentido uns aos outros, constituindo o verdadeiro objeto de estudo dos linguistas, na sua opinião. “Parole”, por sua vez, situa-se no plano do uso social da linguagem, os signos atualmente em uso pelas pessoas e em situações específicas (Jorgensen e Phillips, 2002: 10).

A diferença conceptual entre estruturalismo e pós-estruturalismo reside no facto de no primeiro a linguagem ser entendida como algo permanente e imutável, enquanto o pós-estruturalismo também considera que a ideia do signo deriva o seu sentido não através das suas relações com a realidade fenomenal, mas através de relações internas na rede de signos, mas recusa, todavia, o carácter estável que o primeiro atribui à linguagem. Na teoria pós-estruturalista, os signos continuam a adquirir os seus significados por serem diferentes de outros signos, mas esses signos dos quais diferem podem mudar de acordo com o contexto em que eles estão a ser utilizados. Desta forma, o sentido estabelece-se através de um sistema em rede em que todos os signos, num determinado campo, estão conectados uns com os

outros, mas as ligações podem ser removidas, alguns sentidos excluídos, e outros podem emergir e constantemente alterar a estrutura. As estruturas existem mas sempre temporariamente e não necessariamente num estado consistente. No estruturalismo a estrutura é considerada circunscrita e imutável. No pós-estruturalismo, a estrutura torna-se mutável e os significados dos signos podem alterar-se em função das relações entre eles (Jorgensen e Phillips, 2002: 11-12).

Michel Foucault, como já vimos, desenvolveu todo o seu trabalho com base no conceito de discurso. Para o filósofo, a verdade é uma construção discursiva e as relações de poder podem ou não estabelecer e fixar sentidos, construindo quadros de interpretação da realidade. No livro *Arqueologia do Saber* (2005b), Foucault descreve a origem das ciências sociais e a importância do discurso como manifestação de poder. Os discursos são, assim, compreendidos na qualidade de manifestos relativamente regulados, o que impõe limites ao que nos oferece como sentido. Foucault desenvolve a teoria do poder e como este se relaciona com o conhecimento. O poder encontra-se distribuído por diferentes práticas sociais, mas pode estar concentrado em estruturas, instituições e agentes sociais. O poder constitui discurso, conhecimento, corpos e subjetividades. A utilização do poder pelas instituições de regulação da ordem social, como vimos em *Vigiar e Punir* (2004), produzem os sujeitos através de discursos inclusivos e excludentes.

Nesta conceção de poder, importa associar outro conceito que é o de “Ideologia”, enquanto forma associada à produção de sujeitos, de acordo com propósitos determinados. As representações podem ser determinadas pela ideologia, pelo exercício dos seus dispositivos de poder. Althusser (1980) associa o sujeito à ideologia porque, segundo o marxista estruturalista francês, o indivíduo torna-se um sujeito ideológico através do processo de interpelação realizado pelos discursos. Althusser (1980) define ideologia como um sistema de representações que escondem as verdadeiras relações, pois a ideologia distorce o reconhecimento das reais relações sociais. De acordo com Althusser (1980), todos os aspetos do social estão controlados pela ideologia, como podemos constatar em *Ideologia e os Aparelhos Ideológicos do Estado*, em que o autor defende existirem dispositivos de reprodução ideológica ao serviço do Estado, como a escola, por exemplo.

Alguns autores, como Lipovetsky (1989, 2000) e Baudrillard (2007), defendem que, atualmente, nós reproduzimos a ideologia do consumismo, de acordo com uma ideologia neoliberal capitalista. Assumimos o papel de sujeito na cultura de consumo e aceitamos que certos problemas sejam construídos como problemas pessoais, pelo que é da responsabilidade individual em vez de coletiva resolvê-los, à parte do Estado ou de outras instituições. Numa aceção alargada, os estudos baseiam-se na ideia que uma só ideologia, o capitalismo, é dominante na sociedade. Hoje, parece existir um consenso nos Estudos Culturais, na *Communication Research* e na Análise de Discurso que a tese da ideologia dominante subestima a capacidade das pessoas de oferecer resistência às ideologias. Com base no conceito de hegemonia, como já vimos, os discursos na sociedade neoliberal capitalista conquistam espaço e poder orientados no sentido de uma ocupação maioritária ou totalitária.

Todavia, as abordagens de Análise de Discurso diferem quanto ao grau de ênfase dada à liberdade do sujeito da ação no discurso. Laclau e Mouffe seguem a concepção de Foucault vendo o indivíduo como uma estrutura determinada. Além disso, a divergência na forma como a ideologia é concebida é igualmente um dos pontos a ter em conta entre as três abordagens da análise do discurso. A análise de discurso de Fairclough reserva o conceito de discurso para o texto, falado e outros sistemas semiológicos. Por outro lado, a abordagem teórica de Laclau e Mouffe não distingue entre as dimensões discursivas e não discursivas do social – as práticas são vistas enquanto exclusivamente discursivas. Aqui, o discurso ele mesmo é material e as entidades como a economia, a infraestrutura e as instituições são também parte do discurso. Quanto ao interesse de investigação, como já vimos, algumas abordagens têm maior interesse em aspetos relacionados com a mudança dos discursos e como estes se associam à mudança de práticas sociais e, conseqüentemente, de contexto cultural. Outras, como a Psicologia Discursiva, focam-se mais na prática quotidiana das pessoas e nas alterações de padrões e atitudes individuais (Jorgensen e Phillips, 2002: 16).

A obra principal de Laclau e Mouffe (1987, 2001) sobre Teoria de Discurso intitula-se *Hegemonia e Estratégia Socialista* (1985), onde os autores começam por desenvolver a sua teoria, com contornos diferentes de outras abordagens que tratam o mesmo objeto. Aqui, Laclau e Mouffe interessam-se pelo discurso no sentido de compreender estruturas e os seus processos de mudança associados à dimensão política e social. Com o propósito de compreender a construção discursiva, ou seja, todo o fenómeno social, pode ser analisado através de ferramentas da análise do discurso. Todavia, esta abordagem é vista por alguns investigadores como redutora, pois os métodos e ferramentas propostos pelos autores podem não ser suficientes para o desenvolvimento de análises mais aprofundadas. Desta forma, Fairclough desenvolve ferramentas específicas com base na Gramática Sistémico-Funcional de Halliday. Estas ferramentas em associação a conceitos da Semiótica são apropriadas para quando queremos analisar objetos textuais, como os que a Análise Crítica do Discurso assume. Outros autores recomendam, ainda, uma análise com recurso às várias ferramentas específicas das várias abordagens.

3.3. A TEORIA DO DISCURSO DE LACLAU E MOUFFE

Influenciada pelo marxismo e estruturalismo, a Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe combina as duas grandes tradições teóricas, que, de alguma forma, podemos nomear de pós-estruturalismo, mantendo algumas das premissas marxistas de entender “o social” associadas às estruturas linguísticas, pelo que o campo social é entendido como uma rede de processos onde cada significado é criado. Todos os signos linguísticos podem ser pensados como nós de uma rede. Aqui, o sentido não é fixado sem ambiguidades nem definitivamente, pelo que os signos adquirem sentidos ao serem diferentes uns dos outros, pois colocamos os signos em diferentes relações para que eles possam adquirir novos sentidos. É, portanto, com base neste pressuposto que lutas pela fixação de sentido num particular domínio ocorrem. O

objetivo nesta disputa é, através desta rede, bloquear o significado dos signos, pelo menos temporariamente, porque a fixação concreta dos signos é contingente, é possível mas não necessária. Desta maneira, o propósito da Análise de Discurso é investigar os processos de lutas sobre a direção em que o sentido se fixa e, por outro lado, compreender os processos que permitem que esses significados sejam convencionados acabando, depois, por ser assimilados e naturalizados nas estruturas discursivas, com efeitos no mundo social.

A precariedade e a contingência que é característica do processo e que impede que o sentido seja fixado para sempre, é o que Laclau entende por “totalidade estruturada”, resultante da chamada fragmentação pós-moderna e de uma conceção múltipla das posições subjetivas. Assim a noção de discurso pressupõe:

1. a não existência de uma totalidade anterior a prática significante; 2. a natureza contingente de todos os sentidos em decorrência disto. O discurso, resultado da prática articulatória trabalha sempre na direção de fixar sentidos. Seu êxito, entretanto, é sempre parcial, pois se assim não fosse teríamos uma verdade, isto é, a fixação total a ser revelada e, quando isto acontecesse estaríamos frente ao fim da história. (Pinto, 1999: 36-48)

Um dos principais contributos da Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (1987) é o conceito de “articulação” que, em conformidade com os autores, compreende qualquer prática que coloque em relação elementos, e que desta operação, ou “prática articulatória”, resulte uma alteração das suas identidades. O discurso é, então, definido pelos autores enquanto uma totalidade estruturada resultante da “prática articulatória”. “Llamaremos articulación a toda práctica que establece una relación tal entre elementos, que la identidad de éstos resulta modificada como resultado de esa práctica” (Laclau e Mouffe, 1987: 177).

Além disso, introduzem os conceitos de “momento” e de “elemento”. As posições diferenciais, na medida em que elas apareçam articuladas dentro de um discurso, constituem os “momentos”, enquanto “elementos” é qualquer diferença que não seja discursivamente articulada. Um discurso é estabelecido como uma totalidade em que cada signo é fixado como um “momento”, através de relações com outros signos. “Elementos” referem-se aos signos cujos significados não foram ainda devidamente fixados, signos que têm múltiplos e potenciais significados podem ser, por exemplo, polissémicos. O discurso procura transformar “elementos” em “momentos”, reduzindo a sua polissemia numa totalidade de significado fixa. Todavia, “si la contingencia y la articulación son posibles es porque ninguna formación discursiva es una totalidad suturada, y porque, por tanto, la fijación de los elementos en momentos no es nunca completa” (Laclau e Mouffe, 1987:179).

Para demonstrar este ponto, podemos dar o exemplo do discurso democrático liberal em que identificamos enquanto “momentos” conceitos como eleitor, representante, poder executivo, poder legislativo, poder judiciário, igualdade perante a lei, direito de expressão. Todos estes momentos

constituem uma rede de significados que remetem uns para os outros e que Laclau e Mouffe chamam de “articulação”, e formam, desta maneira, um discurso. Contudo, nesta rede poderão estar presentes outros signos que não se constituíram como momentos, isto é, cujo significado não foi fixado pela “articulação” e que não possuem uma posição marcada no discurso, como por exemplo os direitos das minorias, democracia direta, podem ser considerados “elementos”. Estes podem adquirir sentido numa cadeia distinta de significação (Pinto, 1999: 36-48).

Outro dos conceitos centrais presentes na teoria de Laclau e Mouffe é o de “pontos nodais”. De forma sintetizada, os “pontos nodais” são uma espécie de *hub*, em que vários signos se posicionam numa rede, sendo que o sentido é parcialmente fixado por esta “cadeia” em que os signos se inter-relacionam. Constituem, de alguma forma, pontos de referência que têm poder de significação num campo ou domínio determinado. Assim, o discurso é formado por fixação parcial de sentido em torno de certos “pontos nodais”. Todos os signos são momentos num sistema e o significado de cada signo é determinado pelas suas relações com outros signos. Um “ponto nodal” é, portanto, um signo privilegiado em torno do qual outros signos são ordenados e pelo qual outros signos adquirem o seu significado pela sua posição com o “ponto nodal”. Por exemplo, “democracia” e “povo” podem constituir “pontos nodais” no discurso político.

Os “pontos nodais” de discursos específicos podem ser identificados através da análise dos vários signos e as correspondentes cadeias de significados e, desta forma, identificar aqueles que apresentam um estatuto privilegiado e como estes se posicionam em relação a outros signos no discurso. É conveniente, igualmente, analisar as relações entre os signos e identificar aqueles que têm um papel centralizador e influência relativamente à fixação do significado de outros signos presentes na cadeia. Quando identificamos os signos que são “pontos nodais”, é possível investigar como outros discursos definem os mesmos signos (significantes flutuantes e vazios) mas de formas alternativas.

A partir da análise das atribuições concorrentes de conteúdo para os “significantes flutuantes” este método possibilita identificar as lutas que têm lugar em torno do significado, sendo possível criar um mapeamento da estrutura através dos discursos em determinados domínios. Este método permite responder à questão “Que signos são objetos de lutas em torno do sentido entre discursos concorrentes (significantes flutuantes); e que signos são fixados com sentidos indiscutíveis”(Jorgensen e Phillips, 2002: 26-30).

La práctica de la articulación consiste, por tanto en la construcción de puntos nodales que fijan parcialmente el sentido; y el carácter parcial de esa fijación procede de la apertura de lo social, resultante a su vez del constante desbordamiento de todo discurso por la infinitud del campo de la discursividad. (Laclau e Mouffe, 1987: 193).

“Campo da discursividade” é um conceito pertinente para se entender o método proposto por Laclau e Mouffe. Se partirmos da ideia de que todo o discurso é entendido como uma fixação de sentido

num particular domínio, todos os signos num discurso são “momentos”, organizados à volta de um “ponto nodal”, sendo que os significados são fixados através das diferenças que estabelecem entre eles (posições diferenciais). Um discurso é, desta forma, uma redução de possibilidades. É, se quisermos, um exercício de exclusão, sendo que esse excedente de significados é chamado de “campo da discursividade”. De acordo com esta abordagem, o “fechamento” ou a fixação definitiva do processo de significação é impossível de atingir uma totalidade. Discurso é, então, uma tentativa de parar a oscilação de sentidos em relação a outros, de forma a criar um sistema uniforme de sentido. Discurso é sempre constituído em relação ao que ele exclui, ou seja, em relação ao campo da discursividade. O “campo da discursividade” é entendido como tudo o que está fora do discurso, tudo o que o discurso exclui, pois o princípio da objetividade é a existência de algo que lhe é exterior e que ameaça a plenitude da sua identidade (Jorgensen e Phillips, 2002: 27).

Ni la fijación absoluta ni la no fijación absoluta son, por tanto, posibles. Consideremos a estos dos momentos sucesivos. La no fijación, en primer término. Hemos hablado de «discurso» como de un sistema de identidades diferenciales —es decir, de momentos. Pero acabamos de ver que un sistema tal sólo existe como limitación parcial de un «exceso de sentido» que lo subvierte. Este «exceso», en la medida en que es inherente a toda situación discursiva, es el terreno necesario de constitución de toda práctica social. Lo designaremos con el nombre de campo de la discursividad... (Laclau e Mouffe, 1987: 189)

“Campo da Discursividade”, de Laclau e Mouffe, e “Ordem do Discurso”, conceito associado a Fairclough, podem parecer similares, mas constituem coisas diferentes. O primeiro diz respeito à pluralidade de significados possíveis e ao processo de exclusão de forma a construir um discurso (ex. discurso sobre futebol e discurso médico), ao passo que o segundo é relativo ao conjunto limitado de discursos cuja luta se processa no mesmo domínio, mas que não são excludentes (ex. discurso sobre saúde e discurso sobre a doença).

A Teoria de Laclau e Mouffe é original na medida em que tenta explicar a realidade social a partir de processos linguísticos, estabelecendo uma analogia com as lutas políticas, oferecendo a noção de que as lutas pelo poder político processam-se através dos mesmos mecanismos, segundo a lógica da linguagem. Num determinado campo discursivo, ocorrem lutas por processos de significação, como defende Saussure a relação entre significado e o significante ser arbitrária, então, os significados evoluem e alteram-se em função das circunstâncias e dos momentos históricos. A existência de “significantes vazios” permite que aquelas lutas se travem. Além disso, os “significantes flutuantes” oscilam entre significados considerados em várias ordens de discurso.

De uma forma geral, este método possibilita a análise das relações de poder e das suas implicações na construção da realidade, através do estudo das estruturas discursivas e suas articulações ou seja, que significados elas estabelecem posicionando elementos em relações particulares relativamente a outros.

São igualmente importantes os sentidos potenciais que elas excluem. As articulações podem ser investigadas tendo em conta o discurso ou discursos que oferecem uma articulação específica, assim como o que reproduzem ou o que alteram, desafiam ou transformam (Jorgensen e Phillips, 2002: 30).

Nas lutas de poder, a hegemonia, na aceção gramsciana do termo, é um processo que está implicado na construção ideológica. No processo de significação, a fixação de um significado universal é, todavia, a conquista desta hegemonia. Esta relação aplicada à política explica que a fixação de um sentido permanentemente é uma tarefa impossível, mas é possível fazê-lo de forma temporária, independentemente dos regimes políticos. Naturalmente, que os regimes de ditadura implementam sistemas para salvaguardar e reproduzir os sentidos necessários à sua manutenção, como no caso de Portugal, que até o 25 de Abril de 1974, existia polícia política (PIDE/DGS) e Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), um sistema de censura, entre outros dispositivos estatais. Em democracia, por outro lado, a pluralidade de sentidos pode ser maior, e os significados apesar de não ambicionarem atingir a totalidade, desejam conseguir tornar-se universais, dependendo dos sistemas e das relações de poder que instituem. “Toda lucha democrática emerge en el interior de un conjunto de posiciones, de un espacio político relativamente saturado, formado por una multiplicidade de prácticas...” (Laclau e Mouffe, 1987: 226)

Na teoria de Gramsci, a hegemonia é um termo para o consenso social, pelo que os processos hegemónicos tomam lugar na superestrutura e são parte do campo político. Através da criação de sentido na superestrutura, o povo pode ser mobilizado e revolucionar-se contra a ordem existente. De acordo com Gramsci, orientado na direção da tradição marxista, as condições económicas determinam os verdadeiros interesses do povo e a divisão da sociedade em classes. As classes são para Gramsci, e para o materialismo histórico, grupos objetivos em que as pessoas pertencem de forma consciente ou não. Laclau e Mouffe radicalizam a teoria de Gramsci abolindo a objetividade ou o essencialismo, para os autores não há lugar a leis objetivas que dividam a sociedade em grupos particulares, pois os grupos existentes são resultantes de processos discursivos e políticos. Laclau e Mouffe têm uma visão diferente do modelo base/superestrutura marxista, pois na sua teoria do social eles sobrepõem o essencialismo marxista propondo a fusão daquelas duas categorias num único campo produzido por processos discursivos, por isso, o conceito de Laclau e Mouffe de discurso compreende não somente a linguagem mas todos os fenómenos sociais.

Apesar de muitas vezes pensarmos que sim, a realidade à nossa volta não é construída a partir de uma estrutura estável, imutável e sem ambiguidades, por vezes agimos como se a sociedade, os grupos a que pertencemos, e a nossa identidade fossem factos objetivamente dados. Mas, uma vez que a estrutura da linguagem nunca é uma totalidade fixa, nesta ordem de ideias a sociedade e a identidade constituem entidades flexíveis e mutáveis. Onde o marxismo presume a existência de uma estrutura social objetiva, a proposta de Laclau e Mouffe é de que esta é o resultado de uma construção possível pela produção de sentido discursivo. Os autores são inovadores porque acabam por abolir a divisão entre base e superestrutura da tradicional conceção marxista, compreendendo todas as formações sociais como

processos discursivos. Rejeitam, igualmente, o entendimento marxista da formação da identidade e dos grupos. Para o marxismo, pessoas têm uma identidade objetiva, a classe, ao passo que para Laclau e Mouffe a identidade é o resultado de contingências, de processos discursivos e em parte de lutas discursivas.

As articulações políticas determinam como nós agimos e pensamos e depois como nós criamos a sociedade. O papel determinante da economia na construção do social é, então, completamente abolido na teoria de Laclau e Mouffe, porque aqui tudo é entendido como linguagem na sua condição material, pois os autores não distinguem entre discursivo e não discursivo, “Nuestro análisis rechaza la distinción entre prácticas discursivas y no discursivas” (Laclau e Mouffe, 1987: 179). Torna-se possível, então, concluir que os conceitos que estão na base da teoria dos autores de *Hegemonia e Estratégia Socialista* (1985) são o discurso e a política.

Para Laclau e Mouffe a realidade e os objetos podem existir para além da linguagem. Contudo, os autores defendem que o mundo social é construído pela linguagem e pelo significado, pois os objetos físicos não possuem significado em si mesmos, então o sentido é qualquer coisa que nós atribuímos por meio do discurso. A realidade física está totalmente sobreposta ao social e todas as práticas sociais podem ser encaradas como articulações, porque elas reproduzem ou modificam atribuições comuns de significado: “...se encuentra un supuesto que debemos rechazar: el carácter mental del discurso. Frente a esto, afirmaremos el carácter material de toda estructura discursiva.” (Laclau e Mouffe, 1987).

Existem, segundo Laclau e Mouffe, duas lógicas centrais da construção do discurso – a “diferença” e a “equivalência”. Estas duas lógicas constituem as duas faces da mesma moeda, pois uma lógica só faz sentido existir acompanhada pela outra. Por exemplo, “preto” pode ser o contrário de “branco”, pelo que entre estes dois conceitos poderá haver uma oposição e conflito por constituírem conceitos antagónicos. Neste sentido, “preto” e “branco” são diferentes. Quando dois discursos se constituem pela lógica da diferença, existe, naturalmente, uma relação antagónica. No caso de “preto” e “branco” serem considerados dois discursos legítimos, então eles serão “equivalentes”. Estas lógicas presentes na linguagem constituem, de acordo com os autores, a base do sistema político e partidário, por exemplo.

A lógica da equivalência trabalha a partir da presença da diferença. Busca a anulação do sentido, mas se a equivalência se mantém, é porque esta anulação nunca se completa. Dois significados só podem ser equivalentes se forem diferentes. Dois termos tem na história um bom exemplo, são eles: liberdade e igualdade. (Pinto,1999:36-48)

Reprodução e mudança de atribuição de significado são, em geral, atos políticos. A construção do social através de sentidos que excluem outros sentidos é, essencialmente, um ato político. Laclau e Mouffe entendem a política como uma forma de organização da sociedade num sentido particular que exclui todos os outros sentidos possíveis. Os discursos estão sempre em disputa com outros discursos,

uma luta constante pela afirmação da identidade, e isso é o princípio do antagonismo e do conflito enquanto gênese do político. O antagonismo social ocorre quando diferentes identidades mutuamente se excluem. O antagonismo pode ser encontrado onde os discursos colidem e daí haver esta associação entre processos linguísticos e as lutas políticas.

3.4. A INTERTEXTUALIDADE E A INTERDISCURSIVIDADE

Como vimos antes, o conceito de “intertextualidade” pode ser comparado ao conceito de “articulação” de Laclau e Mouffe. Considerada na Análise Crítica do Discurso, protagonizada por Fairclough (2012), a intertextualidade é, digamos, uma das principais ferramentas a ter em conta no desenvolvimento de um estudo na área da análise do discurso. Similar ao conceito de intertextualidade, a “interdiscursividade” ocorre quando diferentes gêneros de discurso estão articulados num só acontecimento, enquanto a intertextualidade acontece quando textos de diferentes discursos estão presentes no mesmo manifesto.

A intertextualidade pode ser mais ou menos explícita e, mais ou menos consciente. Muitas vezes as citações são colocadas entre aspas ou incorporadas no texto de uma forma que é difícil de encontrar as suas fronteiras. Na interdiscursividade, diferentes discursos estão presentes numa articulação, oferecendo a possibilidade de criar um novo discurso. Através de novas articulações de discursos, as fronteiras alteram-se, porque adquirem novos sentidos e porque se inter-relacionam. É possível estabelecer hierarquias entre discursos dentro da mesma ordem de discurso e em ordens de discurso diferentes.

3.5. DISCURSO E MATERIALIDADE

Existe entre o vasto campo de teorias do discurso uma linha que tem por base o marxismo aplicado à linguagem. Estes autores orientam as suas pesquisas teóricas e empíricas tendo por base os princípios filosóficos daquela corrente. Na tradição mais conhecida por “Escola Francesa”, os conceitos de “dialética”, “ideologia” e “materialismo estão normalmente associados.

Além disso, a linguagem pode ser estudada na perspectiva da pragmática e interessar entender os efeitos que ela poderá ter, por exemplo, a célebre obra de Austin (1975), *How to do things with words*, mostra-nos que as palavras podem elas próprias constituir ações, logo, serem revestidas de materialidade pelo que representam e pelas suas repercussões (atos constatativos e performativos).

No que se refere ao discurso, Fairclough desenvolve uma teoria que se orienta de acordo com as premissas do marxismo da linguagem, entendendo existirem fenómenos discursivos e não discursivos, ao contrário de Laclau e Mouffe que apresentam uma só categoria. Os processos dialéticos em

Fairclough e a sobredeterminação dos aspetos económicos estão presentes em todo o seu constructo teórico. Defende Fairclough que os discursos são assimilados nas estruturas linguísticas e depois materializados sob a forma de corpos, posturas, gestos, entre outros.

One of the complexities of the dialectics of discourse is the process in which what begins as self-conscious rhetorical deployment becomes „ownership“ – how people become un-self-consciously positioned „within“ a discourse. Inculcation also has its material aspects: discourses are dialectically inculcated not only in styles, ways of using language, they are also materialized in bodies, postures, gestures, ways of moving, and so forth (which are themselves semiotized to various degrees, but without being reducible to semiosis) (Fairclough, 2012: 459).

Os Estudos Culturais interessam-se em estudar a linguagem, pois a cultura e a organização social têm por base as representações. Neste sentido, alguns autores na área dos Estudos Feministas e os Estudos de Género investigam a construção do sujeito a partir de discursos. Importa referir, neste âmbito, os trabalhos de Judith Butler (1990, 2002) onde a análise do discurso constitui a sua base metodológica, sob a influência pós-estruturalista e fortemente marcada pela obra de Foucault e de Derrida, *Bodies that matter* é um dos exemplos, onde é visível a elaboração da sua teoria com base nas premissas do discurso. A autora concebe o corpo enquanto dimensão material do discurso. Esta materialidade é constituída igualmente pela performatividade do corpo no espaço social, defendendo que tanto o sexo como o género são igualmente construções sociais reguladas por relações de poder.

Por un lado, el proceso de significación es siempre material; los signos operan mediante la aparición (visiblemente, auditivamente) y aparecer a través de lo material significa, aunque lo que aparece sólo signifique en virtud de aquellas relaciones no perceptibles por los sentidos, es decir, relaciones de diferenciación que tácitamente estructuran e impulsan la significación misma (Butler, 2002: 110).

CAPÍTULO IV - LINGUAGEM, TECNOLOGIA E MEDIAÇÃO

4.1. MEDIA, JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

Os jornalistas selecionam de entre um conjunto de acontecimentos aqueles que devem constituir ou não notícia, para isso, um conjunto de procedimentos, critérios, enquadramentos, rotinas e políticas permitem fazer essa triagem. A notícia é, digamos, uma construção, e como tal apresenta um quadro de entendimento dos acontecimentos. As teorias críticas e da Economia Política dos Média (McChesney, 2008) defendem que os jornalistas estão inseridos em estruturas empresariais e como tal alvo de influências e pressões, de forma a condicionar as representações que se constroem e que têm efeitos na formação da opinião pública.

Os movimentos sociais durante muito tempo dependeram da lógica do jornalismo e dos *média* para existirem e para ocuparem um lugar legítimo na “esfera pública”, de forma a serem reconhecidos as suas exigências, preocupações e direitos. (Gray, 2015). Desta maneira, estes grupos e organizações desenvolvem estratégias que têm por base, muitas vezes, a lógica de funcionamento dos *media* e dos jornalistas. Aplicam, por exemplo, técnicas de Relações Públicas e de Marketing no sentido de atrair a comunicação social através de iniciativas criativas, disruptivas ou de massas, indo ao encontro dos critérios e dos valores-notícia.

Com os protestos de Seattle, em 1999, assistimos a um facto novo. Começa a haver a preocupação por parte dos movimentos sociais em utilizar as novas tecnologias da comunicação e da informação em prol dos seus interesses estratégicos e de expressão. Através da internet, começam a surgir agências e órgãos de informação independentes dos grupos empresariais e sistemas de media. Os *indymedia* permitem a autorrepresentação, sem que estes grupos dependam da mediação dos jornalistas ou de organizações de media, que muitas vezes atuam com base em fins lucrativos. Além da forma como comunicam externamente, oferecendo representações de si próprios, os movimentos sociais começam também a usar as novas tecnologias da comunicação, como as comunicações móveis e a internet, para comunicarem entre os elementos do grupo, em rede. Neste sentido, podemos associar estes factos a uma alteração estrutural e significativa do modelo de comunicação usado nas sociedades ocidentais contemporâneas, observando-se uma alteração do paradigma de comunicação de massas, para um modelo interativo e em rede. (Castells, 2007a, 2007b, 2009; Cardoso, 2008)

Media differ significantly in asymmetry. Print media, radio, and television permit little feedback from recipients, despite letters to editors, op-ed columns, talk shows, and other gestures toward symmetry. Telephones and the Internet, in contrast, permit greater symmetry between sender and receiver; twentieth-century social movement organizers, for example, often used preestablished telephone trees to bring out participants in movement performances. (Tilly, 2004: 85).

A notícia pode ser entendida como um enquadramento, *frame*, enquanto representação de uma construção da realidade. A notícia é, assim entendida, produzida por uma classe profissional que possui um conjunto de técnicas para a produção e tratamento da informação, bem como regras e códigos deontológicos que condicionam a percepção e interpretação dos acontecimentos. Nesta perspetiva, o conjunto de acontecimentos que podem ser noticiados estão presentes numa “agenda” que, de certa forma, são partilhados por toda a classe profissional. Além do *agenda-setting*, existem outros fatores que permitem a produção de “consenso” na leitura e interpretação do real, nomeadamente, o *gatekeeping* e o *newsmaking*. Estes são processos constituintes das práticas próprias de uma classe profissional que, a par de uma rotina e deontologia, utilizam ferramentas para a seleção, tratamento e produção da informação. Partindo do pressuposto que o espaço mediático tem constrangimentos de tempo e espaço que condicionam aquelas práticas e o seu produto - as notícias.

Qualquer acontecimento considerado relevante para ser noticiado, corresponde a critérios definidos pela classe e pelo tipo de posição que assume o meio de comunicação social na sociedade (política editorial), além dos critérios pessoais do próprio jornalista como profissional, no enquadramento das suas experiências profissionais, formação, valores, personalidade e deontologia profissional. Por outro lado, essa seleção corresponde, igualmente, a critérios dos consumidores da matéria noticiosa (leitores, telespectadores, ouvintes, internautas), de acordo com o perfil do público-alvo (critérios socioeconómicos, etários, geográficos, culturais, etc).

As notícias são, desta forma entendidas, como uma construção de sentido para o que acontece, como qualquer enunciado discursivo, embora agora com maior “poder” de alcance graças à edição em série da mesma informação, os chamados meios de comunicação de massas ou *mass media*, que conseguem atingir com as mesmas mensagens um grande número de pessoas e um vasto território.

A construção social da realidade é, desta maneira, fortemente influenciada pela ação dos *mass media* e pela mediação dos jornalistas, processo esse que, segundo Chomsky, cria um quadro comum de referência ou *frame*, tendo em vista a produção de consenso, à luz do modelo de propagação:

Os media de elite estabelecem uma moldura dentro da qual os outros operam. Por exemplo, a agência noticiosa Associated Press tritura uma saída constante de notícias mas, todos os dias, a meio da tarde, há uma pausa e é dito isto: “Nota aos editores: A edição do New York Times de amanhã irá ter as seguintes histórias na primeira página.” O objectivo disto é, se formos o editor de um jornal em Dayton, no Ohio, e não tivermos os recursos para descobrir qual é a notícia ou não quisermos pensar sobre o assunto de qualquer modo, esta informação diz-nos qual é a notícia. Essas são as histórias para um quarto de página que iremos dedicar a qualquer coisa diferente dos assuntos locais ou de divertir o nosso público. Estas são as histórias que aí colocaremos porque é o que o New York Times nos diz que são histórias que aí colocamos porque é o que o New York Times nos diz que são aquelas com que nos devemos preocupar amanhã. (Chomsky, 2008: 20).

A Escola de Chicago dedicou-se também a investigar o papel que os meios de comunicação social desempenham na comunidade. Robert Park (1938), um dos mais notáveis investigadores da referida corrente, definiu a notícia “como uma das formas mais elementares do conhecimento”. Desta forma, e segundo esta proposta, as notícias desempenham uma função de orientação dos indivíduos na sociedade, preservando a sua integração, bem como garantindo a coesão e conservação do grupo (Saperas, 1993).

Com base nas teorias de Schutz, surgem os estudos que se interessam por investigar os efeitos cognitivos da comunicação de massas, nomeadamente os da autoria de Gaye Tuchman e de Grossi, que aplicam a soci fenomenologia ao estudo dos efeitos dos *mass media*. Giorgio Grossi defende no seu artigo *Professionalità giornalistica e costruzione sociale della realtà* que a construção da realidade social através da informação obedece aos pressupostos impostos pela atividade jornalística, pois, o processo informativo contribui para descontextualizar um acontecimento que, depois de tratado pelo jornalista, é reconfigurado de acordo com os seus procedimentos, de forma a recontextualizá-lo nas formas informativas. É através deste processo que resulta a objetivação institucional, fundamentada nas práticas e códigos profissionais do jornalismo.

Saperas define meios de comunicação de massas como “aparelhos sociais institucionalizados, nos quais um determinado tipo de ator social realiza determinadas práticas profissionais (orientadas para a mediação simbólica), desempenhando determinados papéis que dão legitimidade à realização destas rotinas de produção do conhecimento quotidiano sobre a realidade”. (1993: 144)

Gaye Tuchman procedeu a um estudo aprofundado acerca da notícia como tipificação e resultado da objetivação institucional do conhecimento. Segundo a autora, a tipificação permite ao jornalista dispor de várias formas de narração, de acordo com o meio (imprensa, televisão, rádio), sendo esta uma forma de realização da atividade profissional, legitimada pelos seus pares e pelo público (Saperas, 1993). Niklas Luhmann, em *The Reality of the Mass Media*, defende que as notícias só interessam e atuam na realidade por serem novidades. A característica do “novo” tem o poder de atrair a atenção do público, de surpreender. Normalmente são apresentadas no tempo presente, de forma a dar a sensação que ainda estão a acontecer. A profissão de jornalista surge pelo desenvolvimento dos *mass media* e, neste sentido, a credibilidade atribuída à profissão é o seu principal valor junto da comunidade/público: “When information is offered in the mode of news and reporting, people assume and believe that is relevant, that is true” (Luhmann, 2000: 26). Luhmann apresenta dez fatores que orientam o jornalista a considerar um acontecimento enquanto notícia: Surpresa e novidade; conflitos; quantidade; relevância local; violação de normas e leis; julgamentos morais e escândalo; opiniões sobre o acontecimento; tipificação de coisas singulares; background e atribuições; adequação aos formatos e rubricas existentes.

De acordo com Mauro Wolf (2009: 195), a noticiabilidade é o conjunto de critérios através dos quais o órgão informativo “controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias, podemos definir os valores/notícia (*news values*) como uma componente da noticiabilidade.”

Assim sendo, os *mass media* e o jornalismo possibilitam a exposição dos acontecimentos de acordo com um quadro de referência universal, que permite a integração da informação consoante os padrões mentais do público, na procura e veiculação de explicações, causas, efeitos e soluções para os problemas apresentados. A repetição e apresentação concertada da mesma notícia pelos vários meios de comunicação social constroem a sensação de realidade e de “verdade”, numa lógica de sentido partilhado e entendido pela comunidade/público.

4.2. A MEDIAÇÃO

O processo de mediação permite à linguagem a sua ampliação. Se pensarmos a cultura como estruturas de signos, significados e significações, que resultam em formas de organização social, possíveis pela partilha e comunicação, então, a tecnologia vem, de certa maneira, potenciar aquele processo de mediação. A cultura fundamenta-se nestes processos, enquanto génese de uma construção humana, onde vários fatores se conjugam e múltiplas forças concorrem para dar forma à realidade social.

Os processos de mediação permitem que os indivíduos, inseridos em contextos sociais, construam conhecimento pela veiculação de símbolos na interação. É neste movimento constante que resulta a cultura, as representações, as normas (Hall, 1981, 1997; Hall *et al.*, 1992, 2005). Estes processos de representação, possíveis pela existência de uma linguagem, podem ser redefinidos pela tecnologia (Habermas, 2007).

“Os significados mediados circulam em textos primários e secundários, através de intertextualidades infundáveis, na paródia e no pastiche, no constante replay e nos intermináveis discursos” (Silverstone, 2005: 34). Como processo de construção de realidade social, a mediação intervém nas relações simbólicas que fundamentam a cultura e as relações sociais. Martin-Barbero (1993), *apud* Barreiros (2010: 95), defende que a importância do processo comunicacional reside na sua capacidade em produzir significado e não por facilitar a circulação da informação. Pois, o recetor no processo de comunicação, não é somente um simples decodificador daquilo que o emissor colocou na mensagem, mas, é também, produtor de significado.

Segundo José Jorge Barreiros, “a noção de mediação permite delimitar o fenómeno social resultante das relações que se estabelecem entre membros de coletivos humanos, no quadro das instituições sociais que os suportam e do processo de produção do sentido do mundo que entre si constroem” (Barreiros, 2010: 95). Assim, a construção de sentido é um processo partilhado, que resulta de um conjunto de representações e de práticas sociais, por meio da interação entre os sujeitos e influência das instituições. É durante este processo que se “formam e reproduzem os vectores de poder que estruturam e configuram as relações sociais”. É pela relevância que o processo de mediação assume na estruturação da vida social, que Silverstone (2005: 42) defende ser necessário o estudo dos media, para compreender como surgem significados, onde e com que consequências” e qual o papel que a

tecnologia desempenha. Os *media* são centrais num mundo global, no qual a mediação é ampliada pela tecnologia, alicerçando as condições de um novo tecido social baseado no digital e na conectividade, num jogo de inclusão e exclusão cuja base é a tecnologia, onde a noção de espaço e tempo são alterados por uma mudança da sensação de proximidade e de distância, influenciada pela mediação tecnológica: “The media have this unique role in global culture. They provide a technological and cultural framework for the connectivity, positive or negative, without which the globe would be merely a shadow.” (Silverstone, 2007: 10).

Silverstone (2005, 2007) reporta ao conceito de Polis de Hannah Arendt, onde a comunicação é estruturante do espaço público, criando as bases de todas as instituições sociais e políticas. O conceito de mediapolis, na aceção de Silverstone, diz respeito ao papel que os media desempenham na sociedade e às suas repercussões no espaço público e no espaço privado. As fronteiras, segundo o autor, “definem, contêm e distinguem. Dentro delas os indivíduos encontram significados partilháveis; e os símbolos que passam a representar a comunidade também têm um poderoso papel em defini-la” (Silverstone, 2005: 187). Este autor argumenta que é na consciência de fronteiras simbólicas que reside a condição para a construção e manutenção da comunidade.

O carácter ubíquo dos novos media, pela potenciação do poder da comunicação a nível global, impõe um novo universal. A adoção de um novo modelo de comunicação, determinada também pela lógica económica, resulta numa alteração estrutural na forma como os sujeitos comunicam e na intenção: “Enquanto processo social a noção de uso de media implica uma componente material e tecnológica e uma dimensão simbólica, cultural e social. Coloca o foco no lado do sujeito e do sentido da sua acção, atento a condicionamentos estruturais e processos de estruturação” (Barreiros, 2010: 102).

“Mediapolis” é, para Silverstone, um espaço da experiência mediada, uma dimensão confinada à “aparência”. Um espaço onde as fronteiras estão diluídas, onde o real e o virtual se confundem. As fronteiras da percepção estão ameaçadas pelo desenvolvimento tecnocientífico. Recorrendo a Baudrillard (1997) e ao seu conceito de simulacro, o autor defende que o “Homem que se tornou realidade virtual da máquina e no seu operador ao espelho. Isto descreve a essência do ecrã. Não há nada mais além do ecrã, nem nada mais além do espelho” (Baudrillard, 1997). As novas tecnologias (e a internet) criam um ciberespaço, alterando radicalmente as dimensões de tempo, de espaço e, conseqüentemente, de corpo e de experiência.

O nosso tempo só logrou evacuar a escatologia revolucionária levando a cabo uma revolução permanente do quotidiano e do próprio indivíduo: privatização alargada, erosão das identidades sociais, desafeção ideológica e política, desestabilização acelerada das personalidades, eis-nos vivendo uma segunda revolução individualista. (Lipovetsky, 1989: 7)

4.3. CIBERESPAÇO E SOCIEDADE EM REDE

Na pós-modernidade, os progressos no campo da eletrônica, da informática e das telecomunicações, durante o século XX, viabilizaram a criação de um novo media, que reúne todas as linguagens *audio-scripto-visual* – a Internet.

A ARPANET foi inicialmente desenvolvida com fins militares e, depois, aplicada noutros contextos, especialmente nas universidades dos Estados Unidos da América. Este novo *media* acompanhou um conjunto de alterações sociais, culturais e económicas profundas. De acordo com Manuel Castells (2007a), após a invenção do alfabeto, 700 anos a.C. na Grécia, uma “transformação tecnológica de dimensões históricas similares está a ocorrer 2700 anos depois, ou seja, a integração de vários modos de comunicação numa rede interativa. Ou, noutras palavras, a formação de um hipertexto e de uma metalinguagem que, pela primeira vez na história, integram no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana” (Castells, 2007a: 432).

A emergência deste novo media, fez surgir uma nova conceção de espaço-tempo, uma dimensão marcada pela virtualidade. Pierre Lévy refere que o “Ciberespaço” é entendido enquanto “o novo meio de comunicação que emerge da interligação mundial dos computadores” (Lévy, 1997: 15), o qual permite o surgimento de uma cultura particular e específica associada àquele meio de comunicação – a “Cibercultura”. É através deste processo que se forma a “inteligência coletiva”. Por esta nova forma de comunicar, a sociedade encontra um espaço de conhecimento e de saber, que permite um “universal não totalizante”, na aceção de Lévy: “Ora o ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se precisamente como um dos instrumentos privilegiados de inteligência colectiva” (1997: 30).

Ao contrário dos *mass media*, os consumidores e produtores das mensagens na Internet coincidem. A rede é, assim, moldada pelos seus próprios utilizadores: “A arquitectura da rede é, e continuará a ser, tecnologicamente aberta, possibilitando a expansão do acesso público e limitando seriamente às restrições governamentais ou comerciais a esse mesmo acesso, embora as desigualdades sociais venham a manifestar-se fortemente no domínio electrónico” (Castells, 2007: 465). Com o uso massificado das novas tecnologias e do computador, o funcionamento em rede adquire um significado particular, cuja dinâmica se fundamenta em movimentos de fluxos informacionais. Para Castells (2007a: 605) “as redes constituem a nova morfologia das sociedades e a difusão da sua lógica modifica substancialmente as operações e os resultados dos processos de produção, experiência, poder e cultura”. A lógica da comunicação em rede traz consigo alterações significativas na sociedade; em primeiro lugar, o fato do “estar conectado” permite a ação direta no ciberespaço na qualidade de recetor e emissor (leitor e autor), além de permitir uma perspectiva mais abrangente do mundo, o que alguns autores nomeiam de “hipercultura” (Lipovetsky). “O alargamento do espaço de percepção direta do mundo é, neste modelo reticular, tanto maior quanto mais mediatizada for a rede informativa a que se está conectado”. (Rodrigues, 1994: 133-134)

Castells, quando compara o poder dos *mass media* ao poder que surge com a comunicação em rede, refere que a “mass self communication” está presente na internet e também no desenvolvimento dos telemóveis, das tecnologias que permitiram a individualização, diferente da institucionalização que ocorre através dos meios de massas. A *mass self communication* constitui, assim, uma nova forma de comunicação em massa, que surge com as novas organizações humanas. Nasce, desta forma, um novo poder.

4.4. DO MODELO DE “PROPAGANDA” AO MODELO RETICULAR

Gustavo Cardoso (2008) defende que, atualmente, o modelo de comunicação se baseia na comunicação em rede, que resulta numa alteração significativa dos processos comunicacionais tendo por base a mediação tecnológica, que surge com a invenção da internet. Neste sentido, e segundo autor, mais importante que a mudança tecnológica face ao sistema de *media*, deve ser considerada mais relevante a forma como os utilizadores nos contextos privados e públicos desenvolvem procedimentos e práticas de consumo dos *media*, da tecnologia e da mediação. Ou seja, como as pessoas configuram e combinam dispositivos de comunicação interpessoal (ex. telefone) com outros de comunicação de massa (ex. televisão).

Mais que convergência, Cardoso (2008) propõe a análise do sistema de media baseado numa rede estruturada essencialmente em duas redes que se intersejam e que se baseiam nos sistemas de internet e de televisão, articulando-se também com outras tecnologias como o telefone, a rádio, a imprensa escrita, entre outros. A sua proposta passa pelo entendimento de um novo modelo de comunicação no contexto da sociedade de informação, que se explica pelas seguintes características: i) processos de globalização através da comunicação; ii) criação de redes de meios de comunicação de massa e interpessoal e consequentemente mediação em rede; iii) diferentes graus de utilização da interatividade. Segundo o investigador, uma comunicação global é essencial para a criação de um mercado global. Um sistema global de media promove simultaneamente a homogeneização e a diferenciação dos mercados, favorece a centralização e ao mesmo tempo propicia a dispersão do poder enquanto implementa uma integração cultural e o pluralismo (Cardoso, 2008: 597-598).

Apresentadas como duas importantes dimensões do novo modelo de comunicação - existência de diferentes *media* articulados em rede e de uma mediação em rede – Cardoso (2008) ilustra com os exemplos dos ataques na Gare da Atocha, em Madrid, dia 11 de Março de 2004, e o dia das eleições espanholas dia 25 de Março do mesmo ano. No caso dos ataques, além das emissões de televisão e rádio, o acontecimento foi apropriado pela população através de telemóveis e internet, desenvolvendo um processo de rede, que envolveu mensagens de sistemas de comunicação interpessoal. Defende Cardoso (2008) que a comunicação interpessoal pode ser transformada num *media* de massas se tiver lugar numa rede eletrónica. Aqui a comunicação interpessoal pode transformar-se num fenómeno de dimensão

coletiva. No que se refere a um sistema de media em rede, as pessoas assistem televisão e leem jornais, mas ao mesmo tempo comunicam umas com as outras e perguntam-se ou não se o que está a ser dito pode ser ou não verdade. Um dos exemplos dados por Cardoso (2008), para ilustrar o sistema de media em rede, foi a combinação de mensagens de *email* e televisão observada durante o protesto em Seattle durante a *Millennium Round* da World Trade Organization, em 1999, ou nas manifestações pela libertação de Timor-Leste, no mesmo ano. Os protestos em Seattle foram organizados essencialmente através da internet, maioritariamente através de *email* e *websites* de *posts*, mas que, efetivamente, o fenómeno só conseguiu ganhar peso com a transmissão de imagens pelos canais de televisão. A internet consegue conquistar um lugar tradicionalmente ocupado pelas estruturas pessoais nas redes locais, o que faz com que pessoas com interesses similares mas dispersas geograficamente/ espacialmente possam coordenar as suas ações. Desta forma, os participantes em protestos também concebem a internet enquanto necessária e estruturante das suas ações, mas, apesar disso, utilizada sozinha não consegue obter a legitimidade ou poder necessários para conseguir atingir os seus propósitos, assim, torna-se imprescindível que as manifestações de protesto nas ruas sejam organizadas através da internet, mas continuando a depender fortemente da divulgação através da televisão, para conseguir atingir mais pessoas.

Segundo Cardoso (2008), a interatividade é uma das características do novo modelo de comunicação. Podem existir vários níveis de interatividade, sendo que isso depende dos próprios utilizadores. Segundo dados apresentados pelo autor, retirados do *World Internet Project* e do Obercom; em Portugal, a mais comum das atividades *multi-tasking* que se realiza ao mesmo tempo que se assiste televisão é o envio de mensagens SMS ou falar ao telefone, assim como, enquanto se navega na internet as atividades mais comuns são ouvir música e o envio de mensagens instantâneas (*chat*) através da internet.

A utilização em rede de diferentes dispositivos pode estar relacionado com o grau de interatividade que é conferido às necessidades dos usuários. O novo modelo de comunicação em rede refere-se a um sistema de media em que a interatividade oferece a forma ao modelo de organização. Este sistema de media apresenta dois nós centrais, um centrado na baixa interatividade em que a televisão é protagonista, e num outro em que o centro é a internet oferecendo alto grau de interatividade. Estes diferentes nós de *media* estão conectados maioritariamente através dos dispositivos de comunicação interpessoal e que também podem ser usados durante, nomeadamente telemóveis (*email*), *ipods*, e especiais tecnologias como o *Wi-Fi*, entre outros (Cardoso, 2008: 598).

Para o autor, observa-se uma tendência para a adaptação e remistura dos vários media, através do seu uso, alterando por vezes a sua natureza de organização, de tecnologia e de difusão, através de sistemas em rede. Esta é a principal razão porque a articulação em rede dos *media* de comunicação interpessoal e de massas e, conseqüentemente a mediação está a ser socialmente moldada pela interatividade na nossa sociedade.

Cardoso (2008: 587-630) defende, ainda, que o novo paradigma comunicacional conduziu ao nascimento de uma nova configuração do sistema de media, com base nos seguintes fatores: i) uma retórica assente maioritariamente na imagem em movimento; ii) novas dinâmicas de acessibilidade à informação, iii) utilizadores enquanto inovadores, iv) inovação nas notícias e no entretenimento (2008: 587-630).

CAPÍTULO V - “ESFERA PÚBLICA” E TECNOLOGIA

" La grande affaire pour la démocratie devient de défendre et de produire la diversité dans culture de masse" (Touraine, 1994).

Usando a proposta de Touraine como mote, a questão que nos assalta é: e na cibercultura como são esses processos assegurados? Desta forma há que distinguir sociedade de massas e sociedade em rede (Castells, 2007a, 2007b, 2008, 2009; Cardoso, 2008), enquanto dois modelos ou paradigmas que irrompem em momentos diferentes na história, com as “idiossincrasias” próprias, em grande parte acompanhadas pela criação e desenvolvimento de novas tecnologias usadas para comunicar.

Se no modelo democrático (representativo) a “grande tarefa é defender e produzir a diversidade no âmbito de uma cultura de massas”, isso leva-nos a pensar que existe, então, uma grande responsabilidade do Estado na criação e desenvolvimento de políticas que permitam que tal aconteça, nomeadamente a regulação do campo dos *media* e do jornalismo.

Todavia, se pensarmos no modelo da sociedade atual, nomeado por Castells (2007a, 2007b, 2008, 2009) de “Sociedade em Rede”, surgem por assalto algumas questões sobre a legitimidade ou não da intervenção do Estado em várias áreas, da sociedade e da economia, deixando-as à mercê das leis intrínsecas dos mercados. Podemos, então, aportar para a discussão Adam Smith e a filosofia liberal que, no século XVIII conheceram grandes desenvolvimentos e consubstanciaram aquelas que são hoje conhecidas como as premissas do sistema capitalista liberal. Acrescente-se, agora, as políticas neoliberais e a tendência crescente da sua adoção por muitos países do mundo, em especial na América e na Europa.

“Sociedade em Rede” e “Sociedade da Informação” são conceitos que habitualmente encontramos para descrever a sociedade atual, estando eles naturalmente associados. Se a primeira faz alusão à tecnologia e à conectividade, ou seja, a forma como a informação chega às pessoas, a segunda faz já referência à matéria-prima daquela rede – a informação. Assim, temos a informação como principal valor de troca, por um lado, e as infraestruturas tecnológicas que permitem essa troca de informação ao nível global – as redes, por outro.

Um argumento de peso é aquele que associa a comunicação e as suas tecnologias, ao poder e à economia (Cardoso, 2008). Senão vejamos, a partir de uma contextualização histórica; o capitalismo desenvolveu-se tendo por base o movimento por via marítima no séc. XV, simbolicamente representado pelos portos europeus italianos e flamengos (os mercados), um período que ficou marcado pela invenção da imprensa de Gutenberg. Podemos afirmar, então, que é no desenvolvimento das vias de comunicação, transportes e tecnologias de telecomunicações que se encontra o principal aspeto de relação entre a economia, a comunicação e o poder. Habermas explicita esta relação de forma magistral na sua teoria da “transformação do espaço público” através do surgimento de uma elite, distinta da aristocracia, associada ao movimento capitalista, que rompe com a tradição feudal que se conhecia na Europa até ao século XIII.

O conceito de “esfera pública”, presente na teoria desenvolvida pelo sociólogo alemão, é o ponto de partida de um caminho possível para uma reflexão sobre as transformações que ocorrem, atualmente, no contexto da sociedade em rede, bem como uma análise sobre as tecnologias da comunicação e da informação e de como estas têm assumido um papel preponderante nas diferentes dimensões da sociedade contemporânea.

Liberalismo e mercantilismo são, então, duas filosofias político-económicas que muito explicam a intervenção do Estado na regulação dos mercados e que servem de base ao entendimento de um outro conceito-base que é a globalização. Assumimos a globalização como um fenómeno onde várias dimensões estão implicadas ao nível económico, político e social. Como o nome indica, globalização reporta ao termo global, ou seja, um sistema mundial visto à escala macro com implicações ao nível micro. Se quisermos, podemos afirmar que este sistema poderá assumir uma supremacia dos fatores macroestruturais. Em muito as tecnologias da informação e da comunicação contribuíram para o surgimento, desenvolvimento e manutenção daqueles processos, especialmente a informática e as telecomunicações. A invenção de novas tecnologias e os seus efeitos ao nível social podem ser elementos a ter em conta para o estudo da questão central deste trabalho. O social cria-se a partir de processos de comunicação. Então, criar novos contornos do social poderá ser uma das funções estratégicas da tecnologia que é fundamental entender ao assumirmos o papel determinista da tecnologia sobre a sociedade. Neste sentido, a conhecida frase de McLuhan “O meio é a mensagem” encontra, aqui, a plenitude do seu significado.

As tecnologias de comunicação e de informação, quer ao nível de *hardware* e de *software*, a internet e os seus protocolos, assim como os dispositivos móveis e as redes que permitem a troca de dados, fomentam a conectividade e os processos de socialização mediados através da tecnologia. Para além dos efeitos a nível social e económico, as questões políticas e geoestratégicas podem ser elementos pertinentes para a discussão. É possível analisar, neste contexto, os fatores económicos associados ao desenvolvimento social, à medida que as filosofias liberais vão conquistando terreno através de concretização política de legislação que fundamenta as premissas da “liberdade do indivíduo”.

Os vários modelos de Estado e de deliberação, especialmente o Estado de Direito Democrático, e como estes se relacionam com os modelos de comunicação, é, certamente um aspeto a ter em conta para esta análise. De acordo com Chomsky (2013), “Hume estava certo já em pleno século XVIII. As suas afirmações são verdadeiras ainda hoje. O poder está nas mãos de toda a população” (Chomsky, 2013: 78).

As alterações observadas atualmente, nas várias dimensões, são atribuídas de forma algo determinística à internet e aos novos media (*social media*), enquanto transformações na mediação, na forma de comunicar e veicular mensagens. O paradigma de comunicação de massa, apelidado de “modelo de propaganda” por Chomsky, produziu a chamada sociedade de massas, ao passo que o modelo atual, em que a comunicação interativa e em rede se conjuga com os *mass media*, tem vindo a

produzir efeitos que só agora começamos a discernir. Alguns destes “efeitos”/contextos têm sido estudados por Peter Dahlgren, Sinikka Sassi, Christian Fuchs ou Eran Fisher.

Hoje a comunicação na esfera pública e das estruturas institucionais para a deliberação encontra-se na “arena global”. O facto de vivermos num contexto global, em parte resultado do desenvolvimento e massificação do uso das tecnologias de comunicação e informação, em que a experiência é reconfigurada, tendo por estrutura o modelo reticular. O uso de tecnologias, cuja ação é potenciada pela mobilidade e portabilidade, tem vindo a transformar gradualmente o tempo e o espaço, bem como a configuração das instituições. Habermas refere-se a este novo paradigma como a “ideologia da tecnologia”.

Não existe melhor conceito que se aplique à fundamentação do Estado, enquanto pessoa jurídica, que o conceito de “público”. As aceções terminológicas são tão vastas quanto o seu desenvolvimento na história. A “publicidade”, não aquela que hoje usamos para promover produtos, mas o processo de passagem de uma informação para o domínio de todos aqueles que pertencem a uma comunidade, ou que é exposta a “público”, ou ainda tornada “pública”, assume especial relevância para este contexto, por se encontrar na génese da Ciência Jurídica e do Direito, e que Habermas atribui importância fulcral na sua teoria.

Regressemos à antiguidade clássica para compreender a raiz dos conceitos de “público” e de “privado”. A *Polis*, a cidade-estado grega, na sua organização dispunha de espaços para discussão e deliberação de tudo o que era comum aos cidadãos livres. Este espaço “público” opunha-se a um outro reservado ao domínio individual, *oikos*. Os senhores, dispensados do trabalho produtivo, dedicavam-se à *bios politikus*, a vida pública, ao passo que a esfera privada remetia para os assuntos domésticos, da gestão da casa e dos assuntos familiares. Tudo o que existia passava pela sua manifestação pública, mediada pela linguagem, pela discussão. A esfera pública helénica constituía-se tendo por base a representação, estando estes conceitos na base do padrão que, com o Iluminismo, regulou a formação social que se desenvolveu até aos dias de hoje.

Com o surgimento do Estado moderno, e com a divisão de poderes, observa-se também o surgimento de um outro conceito. A essência de um Estado objetivo reside, por um lado, na sua laicização e na separação de poderes, e, por outro, na sua distinção da sociedade civil. Assim, enquanto “esfera pública” se refere a tudo aquilo que é exposto à apreciação ou escrutínio de um público, o conceito de “sociedade civil” é mais específico no que diz respeito ao Estado, ao exercício do poder e à sociedade. Hegel, baseado no conceito de Kant, porém, agora, a “sociedade civil” não é entendida somente como diferente da sociedade da natureza, mas, também, de uma sociedade política, ou seja do Estado.

Já longe da democracia direta da *Polis* falamos de representação no Estado moderno, em que o poder pode ser delegado pela sociedade nos seus “representantes” ou “eleitos. O conceito de cidadão torna-se cada vez mais abrangente, a caminho do sufrágio universal que hoje observamos nas democracias liberais ocidentais.

De acordo com David Held (1987), a emergência do Estado Moderno apontou para um novo campo discursivo, incorporação de reivindicação e soberania, independência, representatividade e legitimidade, o que requereu entendimentos da lei tradicional, da comunidade e da política. A ideia chave do Estado Moderno baseia-se numa ordem constitucional impessoal e privilegiada, que especifica a natureza, forma de controlo e administração sobre uma dada comunidade. Na opinião de Held, o Estado Moderno pode assumir as seguintes formas: Estado Constitucional, que define os limites da ação do Estado; o Estado Liberal define-se pela separação da esfera privada relativamente ao Estado (sendo que o comércio e atividade económica se integra nesta dimensão); e por fim, a Democracia Liberal ou Representativa, em que todas as decisões que afetam a comunidade são tomadas não por todos os membros, mas pelos seus representantes, que foram eleitos para governar.

O Estado é uma “pessoa artificial”. Esta figura pode ser entendida como o sujeito de soberania - uma determinada estrutura de leis e instituições. A ideia de soberania está intimamente ligada à ideia de Estado Moderno. A autoridade política é constituída por indivíduos no governo com o propósito de atingir os fins dos governados, e devem ser esses fins adequadamente representados. Os juízes finais são os cidadãos, é o povo. Falamos assim da teoria da soberania popular. Na fase da formação do Estado Moderno, a luta por pertença à comunidade política era sinónimo de estabelecer a soberania popular através da proteção dos seus direitos políticos (voto e participação poder político) e civis (autonomia individual, liberdade). Os direitos passam, então, a estar consagrados na constituição de alguns países como o caso da Constituição Mexicana de 1917, a Declaração de Direitos do Povo Trabalhador e Explorado, da Rússia, de 1918, e a Constituição Alemã de 1919 (a Constituição de Weimar). É a partir daqui que se começa a entender o Estado Social, Estado Social de Direito ou ainda Estado Democrático de Direito.

Neste caminho histórico, Habermas apresentou a burguesia como o grupo que permitiu a mudança social, tendo por base essencialmente o fator económico, entre o feudalismo da idade média e o estado moderno da renascença. De acordo com Habermas, no seu livro *A transformação estrutural da Esfera Pública*:

Com o surgimento do capitalismo financeiro e comercial, que a partir do século XIII irradia a partir das cidades de Itália do Norte para a Europa Ocidental e setentrional, fazendo surgir primeiro os entrepostos neerlandeses (Bruges, Liège, Bruxelas, Gent, etc.) e depois as grandes feiras nos cruzamentos das rotas do comércio de larga distância, formam-se os elementos de uma nova ordem social... (Habermas, 2012: 86).

O conceito de “Esfera Pública” de Habermas é alvo de algumas críticas. Por um lado, por privilegiar a burguesia como responsável pela mudança social e política, e por outro, por descuidar outras classes sociais que podem ter tido um papel fundamental neste processo. O conceito de “Esfera Pública” é então preterido por alguns autores relativamente ao conceito de “sociedade civil”, especialmente nas

ações de Marx e de Gramsci. Aqui, sociedade civil aparece como espaço de luta de classes, sendo que em Gramsci é considerada a força motriz do desenvolvimento económico e social integrando, por isso, a superestrutura.

Todavia, o conceito de Habermas (2012), devido ao carácter que tem por base o fenómeno linguístico e comunicacional, e que assenta como sabemos em processos de representação e de partilha numa comunidade, assume especial importância neste contexto. Aqui, interessa analisar a construção da realidade social através da comunicação e da mediação. Se entendermos as práticas discursivas, tal como são concebidas pelos pós-estruturalistas, sabemos que os discursos são formas de conquista e manutenção de poder no “espaço público”.

Habermas (2012) explica através da formação da esfera política e literária a importância do papel desempenhado pela imprensa (no início boletins manuscritos e cartas com informações estratégicas para a atividade mercantil), dos cafés e das tertúlias de intelectuais, entendidos como instrumentos que permitiram a construção deste “sentido do público e da vida pública”. Mas, acima de tudo, do aspeto económico como desencadeador de outros processos e que, no fundo, nos permite ir ao encontro de algumas ideias retiradas da teoria crítica e da Economia Política dos *Media*.

Dentro desta ordem política e social, transformada durante a fase mercantilista do capitalismo (cuja nova estrutura em boa parte já se expressa no facto de nela se diferenciarem os aspectos político social), também o segundo elemento do sistema de trocas do capitalismo inicial - a imprensa - desenvolve um peculiar potencial explosivo. Os primeiros jornais, no sentido rigoroso do termo, que ironicamente são também designados “jornais políticos”, começaram por ter periodicidade semanal, que por meados do século XVII passa já a diária.” (Habermas, 2012: 94-95).

Notamos nesta citação de Habermas como a comunicação e os *media* foram usados como aparelhos de dominação, no sentido de apoiar o desenvolvimento do espírito capitalista, de forma estratégica, na formação das consciências, mas acima de tudo na construção de um Estado permeável a este desenvolvimento.

Na opinião de David Held (1987), a democracia liberal ganhou enquanto agente de progresso e o capitalismo na qualidade de único sistema económico viável. Peter Dahlgren (2001), por sua vez, defende que o capitalismo tem sido um pré-requisito para a democracia liberal e ainda continua a ser cronicamente problemático para ele, na medida em que gera poder social que está para além do controlo democrático. De acordo com os trabalhos de Dahlgren, os *media* desempenham um papel fundamental na forma como a democracia é hoje entendida e administrada. Segundo ele os *media* ajudam à continuidade da democracia, proporcionando estabilidade através dos seus métodos de cobertura política, fomentam a construção de quadros de referência e os elementos ritualísticos que caracterizam os seus modos de representação.

Os *media* e as tecnologias acompanham quase sempre uma revolução. Hoje, assistimos ao desenvolvimento de formas de comunicação em rede, graças à informática e telecomunicações, à portabilidade e acesso universal no mercado. Anteriormente, o modelo predominante era a comunicação de massas, chamado por Chomsky de “modelo de propaganda”. Atualmente observamos o desenvolvimento do modelo interativo, que comporta consigo implicações aos níveis social, económico e cultural. Deixámos de ter uma cultura de massas, resultante do modelo de disseminação de mensagens em sentido único (como explica a T. Hipodérmica), para um modelo interativo, bilateral e em rede.

Dahlgren (2001) apresenta cinco tendências, que aparecem interligadas, que estão a mudar radicalmente o campo dos *media*: comercialização, concentração, globalização, a desregulamentação e a proliferação. Estes são alguns dos pontos observados pelo autor e que podem ser a explicação da nova configuração e papel do jornalismo atualmente.

Há certamente uma relação causal entre a forma como as sociedades comunicam e as suas formas de organização política e administrativa. Os modelos de comunicação, em mutação constante, acompanham o desenvolvimento da técnica. Observado por muitos investigadores, o modelo democrático ocidental parece estar atualmente em reconfiguração. Dahlgren (2001) apresenta alguns pontos que podem estar na origem das transformações que hoje ocorrem neste contexto:

Em primeiro lugar, assiste-se a uma alteração profunda no contrato entre Capital, Trabalho e o Estado. Em segundo lugar, uma sensação de que o sistema político da maioria das nações ocidentais parece estar estagnado, mais reativo que proactivo, eclipsado por desenvolvimentos de larga escala do capitalismo e das inovações tecnológicas. A soberania dos países aparece enfraquecida devido a circunstâncias globais e transnacionais (instituições internacionais e de multinacionais). Em terceiro lugar, parece que se observa um menor grau de participação e apoio político por parte dos cidadãos, notando-se um aumento da abstenção nas eleições. Em quarto lugar, observa-se uma maior fragmentação no sentido sociológico, ou seja uma maior heterogeneidade no tecido social. Por último, existem evidências da existência de uma nova forma de pensar no que se refere ao envolvimento e participação dos cidadãos, o que dá lugar a novas práticas e experiências, que podemos chamar de “nova política” na aceção de Giddens.

A internet pode ser um meio diferente daqueles usados anteriormente, digamos os mais tradicionais, com um grande número de possibilidades, aplicações e impacto na esfera pública. A internet tem vindo a passar para a arena de atividade e participação dos cidadãos. Novos *media* e novas formas de intervenção política são algumas das alterações que hoje observamos e que apontam para a entrada de uma nova época.

A pós-modernidade assenta nos pressupostos da informação e no seu valor de uso. Tal como a entende Jean-François Lyotard, a pós-modernidade assiste ao enfraquecimento dos pressupostos da época moderna, pilares do humanismo e da racionalidade, como os direitos sociais e de cidadania ou os cânones da ciência. Como referido anteriormente, há evidências da fragmentação da “esfera pública”, Dahlgren fala da existência de diferentes “esferas públicas” que coexistem no mesmo espaço-tempo. O

multiculturalismo e a possibilidade que a internet oferece para o encontro, sem obstáculos nem fronteiras, de símbolos e discursos, ou de uma realidade própria de cada grupo, favorece, sem dúvida, a cidadania cultural. Proliferam hoje, quer em ambiente digital, quer no espaço público físico, manifestações dos chamados movimentos sociais.

Na opinião de Sinikka Sassi (2001), os *media*, incluindo a internet, focam-se principalmente em símbolos e significados, usando o seu poder discursivo para questionar convenções estabelecidas. Além disso, muitas lutas passaram das ruas e das fábricas para o espaço da representação, alterando a ação socialmente ligada para a relação mediada. Segundo a autora uma das mais visíveis características do nosso tempo é a expansão do campo dos *media*, que resulta do alargamento da esfera pública. Além disso, parece que os *media* estão a contribuir para uma maior fragmentação ao invés de unificação da sociedade, e que as esferas públicas emergentes não produziram um crescimento equivalente em ativismo político. Porém, há evidências, defende a autora, de existir por detrás da esfera política um maior e mais amplo nível de exposição pública.

Os direitos conquistados pelas revoluções Americana e Francesa vêm confirmar aquela mudança. A propriedade é agora o poder de uns e a ameaça de outros. A luta pela conquista hegemónica, pela expansão do “Ser” no espaço, produz outros mecanismos sociais, cria uma estirpe de poderosos e, conseqüentemente, desigualdades que só serão compreendidas quando a “igualdade” passar a ser um pilar sobre o qual a construção social assenta e, por isso, alvo de reivindicação.

A tensão social que assistimos hoje assenta essencialmente neste ponto: impedir a hegemonia e favorecer o pluralismo, como base de uma sociedade democrática e justa. O problema que discutimos atualmente prende-se com os contornos da nova economia, fruto da globalização potenciada pelas tecnologias da informação e da comunicação. O desconforto sentido pelas populações afetadas pelos efeitos nefastos da globalização e dos processos de produção favorecem a precarização das relações laborais e a degradação do sentimento de segurança necessário ao regular funcionamento da sociedade.

Paolo Virno (2008, 2013), filósofo italiano, já há muito que se debruça sobre o tema. No seu livro *Virtuosismo e Revolução* (2008) denuncia a existência de um novo fascismo europeu desde o final do século XX, devendo-se à alteração estrutural da soberania do Estado e da relação homem/ trabalho, e aos efeitos da introdução das novas tecnologias nas lógicas de produção globais. Podemos, então entender a “esfera pública” enquanto espaço de tensões, constelações de poderes que agora se reconfiguram com a tecnologia.

O autor, de inspiração marxista, estabelece, também, uma distinção entre “massa”, “multidão” e “povo”. Na sua essência, os conceitos referidos resultam da relação entre trabalho, Estado e *media*, explicados de forma sublime por Virno em *Gramática da Multidão* (2013). Para o autor (2013: 16), o principal aspeto da sociedade globalizada, de onde derivam todos os outros, é a simbiose entre linguagem e trabalho. Na sua opinião, na cidade pós-fordista, o processo de trabalho material pode descrever-se como um conjunto de atos linguísticos e interação simbólica, porque tem como “matéria-prima” o saber, a informação, a cultura, as relações sociais. O trabalho é interação. A linguagem,

segundo ele, é o terreno do conflito. Palavra e corpo são para Virno a mesma coisa e, por isso, salienta o seu carácter “biopolítico” e a força de trabalho como mercadoria, que se confunde com a própria vida. “Multidão” é diferente de “massas” e o contrário de “povo”. Para Virno, se existe multidão, não existe povo. “Multidão” significa muitos, pluralidade, conjunto de singulares que atuam concertadamente na esfera pública, afastados do aparelho de Estado (o “monopólio da decisão política”), enquanto “Povo” converge no Estado. Se “um” é a concepção nacional de identidade, logo oficial, o “outro” é o contrapoder, o marginal, a oposição. Os “muitos” são hoje os trabalhadores pós-fordistas. Assim, aqueles que ao trabalhar recorrem a todas as faculdades humanas, e em primeiro lugar, à faculdade da linguagem (Virno, 2013: 20-21). A multidão é a forma de existência social e política dos “muitos”. Para Spinoza, a multidão é a base e o fundamento das liberdades civis (Virno, 2013: 24).

No pensamento liberal, o desconforto criado pelos “muitos” é dominado pelo recurso ao conceito de público/privado. «Privado», para Virno, não significa algo pessoal, mas significa algo que é “desprovido”, privado de voz e de presença pública. No pensamento liberal a “multidão” é considerada uma dimensão privada. Os “muitos” não têm rosto e estão afastados da esfera dos assuntos comuns. Aqui coloca-se, também, o binómio individual/ coletivo. O “povo” é coletivo e a “multidão” é composta por indivíduos singulares.

A importância crescente das redes de computadores e das organizações em rede globais, segundo Christian Fuchs (2006, 2007), é o resultado instrumental do desenvolvimento capitalista. Defende que o capitalismo global em rede caracteriza-se por uma relação antagónica entre propriedade e espaço livre. Os conflitos centrais e lutas disputados na sociedade atual (poder, propriedade, direitos) são possíveis e potenciados na sociedade de informação por redes transnacionais, tornando-se estratégicas para essas lutas/causas. Encara o ciberespaço não como um espaço democrático, mas enquanto espaço de divisão, que promove as desigualdades e as tensões culturais, num espaço de encontro de grupos sociais divergentes.

Um movimento social, é para Fuchs, definido como um sistema social que é caracterizado por um tipo de protestos de identidade isto é, formas específicas de dar sentido ao mundo, aos seus problemas e práticas próprias. Assim, as novas formas de dominação global tem produzido lutas em rede que alteram o sistema estabelecido, expressam desacordo e apoiam as identidades alternativas e novos modelos de sociedade.

Com especial relevância para a discussão, o discurso digital, segundo Eran Fisher (2010a, 2010b) legitima as novas constelações de poder enquadradas pela nova e contemporânea fase do capitalismo pós-fordista, que se consubstancia na organização em rede. A diferença entre humanos e tecnologia em rede está esbatida no discurso digital ao colocar humanos e tecnologia no mesmo plano, sugerindo que os dois são essencialmente o mesmo, favorecendo a interconexão de linguagens.

No discurso digital (homem/tecnologia), a convergência das tecnologias da informação e humanos é vista como significado de emancipação e desenvolvimento. A experiência humana é aumentada pela tecnologia. Os modos de produção e os humanos são reconfigurados pela presença da

tecnologia e, logo, numa nova sociedade. Contrariamente ao modelo fordista, em que o indivíduo industrial se articulava com a “máquina” pelo comando, confinados às dimensões espaço e tempo pela fisicalidade, a época pós-fordista, atual, é caracterizada pela descorporalização e virtualização. O corpo, mente e identidade são essencialmente informacionais, flexíveis e múltiplos (Fisher, 2010b). Hoje os seres humanos são seres aumentados, em rede, em que a tecnologia se encontra ela própria incorporada. As características do pós-fordismo coincidem com aquelas que outros autores nomeiam de “pós-modernidade” ou “modernidade tardia”.

A tecnologia, no âmbito do contexto capitalista contemporâneo, assume uma ação e contornos particulares. É através dela que os preceitos em que assenta o neoliberalismo se efetivam, com a ideologia da auto-regulação do mercado. A informação associada à tecnologia fundamenta o aspeto ideológico que permitiu a passagem do conceito de estado social keynesiano para um modelo neoliberal de estado. A “mão invisível” (Adam Smith) na regulação da economia e dos mercados fomenta uma tendência de uma crescente mercantilização (*marketization*) da sociedade e a consequente desorganização da economia (Fisher, 2010b, 145-180). O discurso da tecnologia preenche, desta maneira, o papel ideológico central para legitimar a ordem predominante. Os argumentos centrais da teoria neoliberal sobre os mercados enquanto ordem espontânea (Hayek) estão, na maioria, presentes no discurso digital das redes.

A conhecida frase de McLuhan (1994), “o meio é a mensagem”, faz cada vez mais sentido num contexto em que a comunicação conhece uma amplitude e velocidade nunca antes observadas. As organizações humanas redimensionadas pela tecnologia adquirem outras configurações, numa manifestação constante de discursos pela luta de poder no espaço público.

Em suma, a época moderna aporta um movimento nos vários sentidos - económico, social e cultural. Uma visão económica de escala global, graças ao desenvolvimento da burguesia mercantil, lança as bases do capitalismo e, com ele, uma nova consciência social (direitos). A visão plural e multifacetada oferecida pelo modelo racional na modernidade, cujo espírito iluminado se estendeu aos modelos de organização política, inicia uma nova conceção de corpo e unidade na pluralidade. Uma noção de Estado que se fundamenta na divisão de poderes e na laicização. A modernidade propõe um novo modelo em detrimento da aceção monolítica do poder. Contexto possível pela ascensão da burguesia, favorável ao desenvolvimento da filosofia liberal e das revoluções pelos direitos económicos e sociais (Revolução Americana e Revolução Francesa). O desenvolvimento de uma esfera pública política e cultural burguesa assenta no desenvolvimento da imprensa e dos *media* em geral e que, segundo Habermas, foi um fator de mobilidade social e de desenvolvimento económico.

Alguns autores atribuem à segunda metade do séc. XX o início da pós-modernidade, período coincidente com o desenvolvimento da informática e das tecnologias da comunicação e da informação, e que representa, de modo geral, uma mudança de paradigma.

O modelo de comunicação de massas evolui e dá lugar à comunicação em rede, um modelo que surge com base num sistema bilateral, onde o recetor e o produtor da mensagem coincidem (*Prosumer*),

similar ao modelo de comunicação interpessoal, embora com estruturas tecnológicas que possibilitam a ampliação do seu alcance e da possibilidade de interação com o sistema de *media* tradicional. As tecnologias da informação e comunicação possibilitam um novo mapeamento de poderes e de forças, pela introdução de processos que poderão estar na base das alterações que se observam a nível social, económico e político. Castells, ao comparar o poder dos *media* de massa ao poder que surge com a comunicação em rede, apresenta a *mass self communication* como resultado das tecnologias que permitiram a individualização (Lipovetsky), cada vez mais longe do efeito de institucionalização possível pelos meios de massas. Nasce, assim, um novo poder. Manifestação atual do *empowerment*, símbolo da ideologia neoliberal.

O carácter *a-espacial* é a base da Internet e a principal característica de uma sociedade reticular, independente do lugar, sem fronteiras de espaço e tempo. Com o uso massificado das novas tecnologias e do computador, o funcionamento em rede adquire um significado particular, cuja dinâmica se fundamenta em movimentos de fluxos informacionais.

O espaço é construído por todas as estruturas de um sistema que está delimitado por fronteiras, para Castells, o conceito de espaço redimensionado pela tecnologia é caracterizado por ser um “espaço de fluídos” (Castells, 2009). *Global Capitalism Network*, segundo Fuchs (2007), é baseado num modelo organizacional transnacional em que as organizações atravessam e ultrapassam as fronteiras nacionais, sendo que o ciberespaço se configura enquanto infra-estrutura para permitir essa ampliação global dos sistemas sociais, exceder os limites temporais, sustentando, assim, a transnacionalização do capitalismo. (Fuchs, 2007: 49).

O conceito de esfera pública é agora redimensionado pela tecnologia, é possível falar de uma ordem global e de um espaço público transnacional, onde novos atores e outros centros de poder adquirem um novo significado e influência. A internet e as novas tecnologias da comunicação vieram, sem dúvida, criar um novo conceito de esfera pública. Neste novo tipo de sociedade, os humanos não podem ser entendidos independentemente da tecnologia em rede. As tecnologias de informação não são mais ferramentas para serem usadas, mas, acima de tudo, uma componente da substância das coisas, que se tornou o eixo central da identidade humana. A esfera pública adquire novas características agora, num contexto onde os seres humanos se encontram ligados e aumentados pela tecnologia

Deleuze e Guattari (2007) propõem a construção do conceito de multiplicidade, uma nova interpretação do real que conjuga a construção ontológica e uma visão do mundo com base no modelo de “rizoma”, como explicação das forças presentes no processo de aquisição de conhecimento. Em *Mil Planaltos*, os “estratos”/ “planaltos” são associados aos “agenciamentos” de poder. Explica assim a heterogeneidade e as diferentes linhas que compõem uma multiplicidade. Pelo modelo de “rizoma”, Deleuze e Guattari recusam a ideia do pensamento enquanto representação.

A máquina abstrata de Chomsky fica ligada a um modelo arborescente e à ordem linear dos elementos linguísticos nas frases e na sua combinatória. Mas desde que se tem conta dos valores

pragmáticos ou das variáveis interiores, nomeadamente em função do discurso indireto, somos forçados a fazer intervir “hiperfrases” ou de construir “objetos abstratos” (transformações incorporais) que implicam uma sobrelinearidade, isto é, um plano cujos elementos já não têm ordem linear fixa: modelo rizoma (Deleuze e Guattari, 2007: 127-128).

Os autores são críticos relativamente aos princípios do estruturalismo e da teoria marxista da ideologia. Tal como Bourdieu, recusam os pressupostos da semiologia, criticam a distinção *langue/parole* saussuriana, por isso considerados pós-estruturalistas. Críticos desta abordagem, Deleuze e Guattari apresentam uma interpretação baseada na multiplicidade e no modelo de rizoma, em oposição ao modelo arborescente. Para os autores, a realidade no tempo atual é construída por linhas, sem uma estrutura linear, onde os centros de poder assumem uma nova configuração e ação. Para os dois autores, não existe uma ordem hierárquica de uns signos relativamente a outros. Para eles, o real é construído através de linhas, isto é, de movimentos distintos que operam segmentações, constituindo dimensões molares ou moleculares. Deleuze e Guattari (2007) defendem uma conceção original, que denominam “centros de poder”. Estes são definidos pela existência de operações de conversão dos fluxos moleculares em segmentos molares. Aqui, o Estado é concebido como um processo de agenciamento de “reterritorialização” ou movimento de “sobrecodificação” que organiza a ressonância dos centros de poder.

As tecnologias da informação e comunicação possibilitam um novo mapeamento de poderes e de forças, pela introdução de processos que poderão estar na base das alterações que se observam a nível social, económico e político. Como vimos, a técnica permite alterações na forma de representação, pelo movimento e exteriorização que oferece. O conhecimento, agora, é arbitrário e não-linear.

A lógica e modelo clássico do conhecimento outrora com uma estrutura linear e analógica conhece alterações profundas com a estrutura digital. Esta nova lógica é encontrada no mundo e práticas sociais. Podemos falar, então, do discurso da tecnologia, enquanto ideologia atual dominante (Habermas, 2007). Para alguns autores neomarxistas, a importância crescente das redes de computadores e das organizações em rede globais é o resultado instrumental do desenvolvimento capitalista (Fuchs, 2007; Fisher, 2010a, 2010b).

A estrutura e relações de poder estão associadas à forma como as sociedades comunicam e o uso que fazem da tecnologia, pelo que o Estado tem vindo a reconfigurar-se e a sociedade civil, bem como os movimentos sociais parecem estar a conquistar terreno e poder. Segundo Castells (2009: 237), “...observámos uma tendência crescente para as pessoas, em diferentes contextos, usarem as comunicações móveis com o objetivo de verbalizar o seu descontentamento em relação aos poderosos e de mobilizarem mais pessoas para estes protestos criando “mobilizações relâmpago”¹⁴ (Rheingold,

¹⁴*Flashmob* na terminologia de Howard Rheingold (2002). Rheingold é o principal teórico das *smart mobs* e *flash mobs* da cibercultura nos Estados Unidos, o autor descreve e analisa o fenómeno no livro *Smart mobs. The next social revolution*.

2002). A sociedade em rede, construída com base nas novas tecnologias, favorece o surgimento de uma percepção plural e variada da realidade, distinta do modelo de *mass media*, promovendo o surgimento de movimentos e forças de contrapoder.

Alguns autores, como Castells (2007a, 2007b, 2008, 2009), chamam a este novo modelo a sociedade da informação, onde o conhecimento ocupa a posição central numa sociedade pós-industrial. É neste contexto que falamos da confusão entre real e virtual, dissolução das fronteiras, sistemas cibernéticos auto-gerados (autopoiese). A desterritorialização (Deleuze e Guattari, 2007) marca a era da sociedade pós-industrial.

CAPÍTULO VI – MOVIMENTOS SOCIAIS

6.1. AS TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais têm sido desde os anos 70 objeto de análise das Ciências Sociais e Humanas, especialmente da Sociologia, da Psicologia e da História. Muitos estudos têm sido realizados no contexto daquelas disciplinas, pelo que, atualmente, é possível organizar os estudos em correntes que prestam atenção a dimensões como a ideologia e a identidade ou à estrutura organizacional e as atividades de mobilização.

Muitas vezes apresentados como referências no estudo das massas e das “multidões”, autores como Le Bon (s.d.), Tarde (2005), Ortega y Gasset (1989) ou Cannetti (1994) oferecem teorias, com maior ou menor grau de fundamentação, mas que podem servir de ponto de partida para se entender o desenvolvimento dos estudos dos movimentos sociais, no contexto da ação coletiva e do comportamento das massas.

Numa multidão, todos os sentimentos e todos os actos são contagiosos de tal modo que o indivíduo sacrifica muito facilmente o seu interesse pessoal ao interesse colectivo. Trata-se de uma aptidão contrária à natureza do homem e da qual ele só é capaz quando faz parte de uma multidão. (Le Bon, s.d.: 24)

No âmbito da Psicologia Social, o estudo destes fenómenos e dos movimentos sociais incide, especialmente, no conceito de “contágio” e nos mecanismos a ele associados. Além disso, posicionando-nos no início do século XX, no sentido de compreender as alterações sociais e culturais ocorridas em pleno período de revolução industrial, teorias como as que foram desenvolvidas tendo por base o fenómeno comunicacional interpessoal e mediático, como o Interacionismo Simbólico e a Escola de Chicago, foram de grande mais-valia para chegarmos ao ponto onde hoje nos encontramos no estudo dos movimentos sociais, com especial incidência nas questões linguísticas e simbólicas.

Dalton (1994) citado por van de Donk e colaboradores (2004: 6) apresenta uma tipologia que compreende cinco abordagens: a clássica (comportamento coletivo) a perspectiva de mobilização de recursos, a perspectiva da estrutura da oportunidade política, a perspectiva da ideologia, e o discurso da perspectiva construtivista. Hellmann (1998) citado por van de Donk e colaboradores (2004: 6) distingue entre “paradigmas de movimentos” focando na tensão estrutura, identidade coletiva, *framing*, mobilização de recursos e estrutura de oportunidade política. Van de Donk e colaboradores (2004) defendem que outros autores incidem mais na literatura dos anos 70 e 80, que justapôs a abordagem da mobilização de recursos originária dos EUA e os novos movimentos sociais desenvolvida pelos académicos europeus, mas também estabeleceu ligações destas abordagens a outros aspetos mais específicos como a oportunidade política e a teoria do processo. Os autores propõem que o estudo dos

movimentos sociais deva incidir nas seguintes dimensões: alterações na ideologia, intenção, tamanho, *background* social, estrutura organizacional e atividades (van de Donk *et al.*, 2004: 5-6).

O estudo dos movimentos sociais é um tema que tem vindo a conquistar os cientistas sociais e o mundo académico, desde o final dos anos 60, o que se pode comprovar pelo aumento considerável de artigos submetidos nos principais jornais e revistas científicas sobre este tema, constituindo-se enquanto campo disciplinar de investigação nas universidades. É possível definir três conceitos essenciais: Um movimento social é um conjunto de opiniões e crenças existentes na população que representam preferências para mudar alguns elementos da estrutura social e também de distribuição de recompensas na sociedade. Um contramovimento é um conjunto de opiniões e crenças na população que se opõem ao movimento social. Uma Organização de Movimentos Sociais (McCarthy e Zald, 1977: 1218) é uma organização formal e complexa que identifica os seus objetivos com as preferências de um movimento social ou um contramovimento, e tenta implementar aqueles objetivos.

Alguns autores, consoante a corrente teórica em que se inserem, propõem definições do conceito de movimento social. Podemos defini-lo como um grupo de indivíduos, com objetivos a atingir e que se orienta para a ação estratégica, pode basear-se num local físico ou virtual, cujos membros desenvolvem relações face-a-face ou mediadas. A sua duração no tempo depende de fatores como a persecução dos objetivos, de fatores de contexto e de ambiente, laços entre membros e liderança. Os temas mais recorrentes estão, normalmente, relacionados com os direitos humanos, direitos das mulheres, direitos de *gays* e *lésbicas*, aborto, direito dos animais, direitos civis, democratização, proteção do ambiente, direitos de doentes, direitos das crianças, valores familiares, liberdade religiosa, questões étnicas, igualdade de género, controlo de armas, paz, imigração, trabalho e desemprego, armas nucleares, terrorismo, guerra, fome, pobreza, refugiados, entre outros.

O Movimento social é uma das principais formas sociais através das quais as coletividades dão voz às suas reivindicações e preocupações acerca dos direitos, segurança e bem-estar deles próprios e dos demais, pelo envolvimento em vários tipos de ação coletiva, como o protesto nas ruas, dramatização das queixas e preocupações e exigir que algo seja feito por eles (Snow *et al.*, 2004: 3).

Ao contrário da abordagem proposta pelos psicólogos sociais, os investigadores que defendem a teoria da mobilização de recursos propõem uma abordagem mais racional, em que os sujeitos não se manifestam levados pelo “contágio” e pelo ímpeto irracional, mas por modelos, tendo em vista objetivos possíveis de alcançar de acordo com os recursos disponíveis alocados ao processo, numa perspetiva premeditada e estratégica, inspirada em modelos económicos racionais, que põe em marcha uma ação instrumentalizada levada a cabo por organizações de movimentos sociais. Esta abordagem contrária, de alguma maneira, os aspetos associados à instantaneidade das manifestações e o carácter efémero dos movimentos sociais. No fundo, a mobilização de recursos defende que os sujeitos se juntam com objetivos muito concretos, com uma ação estratégica e para isso mobilizam recursos e meios para atingir os seus propósitos: “The new approach depends more upon political sociological and economic theories than upon the social psychology of collective behavior” (McCarthy e Zald, 1977: 1213).

McCarthy e Zald (1977: 1216-1217) traçam uma tipologia comparando movimentos sociais de estrutura tradicional e os que têm por base a mobilização de recursos, tendo em conta três fatores:

1. Base de Apoio

a) Tradicional: Os movimentos sociais estão baseados em populações lesadas em algum aspeto e proporcionam recursos e mão-de-obra necessários.

b) Mobilização de Recursos: Os movimentos sociais podem ou não estar baseados em queixas dos supostos beneficiários. Em alguns casos apoiantes - aqueles que oferecem dinheiro, infraestruturas e até mão-de-obra -, e que por vezes nem estão comprometidos com os valores subjacentes nos movimentos específicos.

2. Estratégia e Táticas

a) Tradicional: Os líderes dos movimentos sociais usam a negociação, a persuasão ou a violência para influenciar as autoridades no sentido de uma mudança. A seleção de táticas depende do historial de antecedentes das relações com autoridades, o sucesso relativo a encontros prévios e a ideologia. As táticas são ainda influenciadas pela oligarquização e institucionalização da vida organizacional.

b) Mobilização de recursos. A preocupação com a interação entre movimentos e autoridades é aceitável, mas também é de apontar que as organizações de movimentos sociais têm estratégias. Estas incluem a mobilização de apoiantes, neutralização e/ou transformação de massas e públicos de elite em simpatizantes, com o objetivo de mudar grupos-alvo. Dilemas ocorrem na seleção das táticas, uma vez que alguns elementos usados para atingir o objetivo poderão entrar em conflito com outros. As táticas são influenciadas pela cooperação e competição inter-organizacionais.

3. Relação com a sociedade em geral

a) Tradicional: Estudos de caso têm relevado os efeitos do ambiente sobre as organizações de movimentos, especialmente com respeito à mudança de objetivos, mas tem ignorado, na maioria, de que maneira cada organização de movimentos sociais pode utilizar o ambiente para os seus propósitos. Isto tem provavelmente sido o resultado da falta de foco organizacional inerente em estudos de caso. A sociedade e a cultura são tratadas como contexto descritivo e histórico.

b) Mobilização de recursos: A sociedade proporciona a infraestrutura que a indústria dos movimentos sociais e outras indústrias utilizam. Os aspetos utilizados incluem os meios de comunicação e os gastos, níveis de afluência, grau de acesso aos centros institucionais, redes já existentes e estrutura e crescimento.

De acordo com os teóricos da mobilização de recursos que sugerem categorias como “indústrias de movimentos sociais” e “empreendedores de movimentos sociais”, numa perspetiva de profissionalização da atividade e de criação de estruturas organizacionais estáveis, residindo no planeamento e na ação a razão da sua existência enquanto grupo. Segundo esta perspetiva, os *media* compreendem um recurso importante para conseguir atingir os objetivos do grupo, pelo que utilizam técnicas sofisticadas para conseguir o seu envolvimento, nomeadamente na área da Comunicação

Estratégica e das Relações Públicas (Stuart, 1996), especificamente *media relations*, *public affairs* e *lobbying*.

Todavia, na opinião de van de Donk e colaboradores (2004: 8), a mobilização de recursos reduz os processos multidimensionais a meras matérias organizacionais, dirigindo pouca atenção às questões simbólicas e culturais sobre o funcionamento dos movimentos sociais. Nesta perspetiva, a comunicação é vista somente como um instrumento para mobilizar recursos e as técnicas de mobilização são abordagens neutras, mas que têm consequências para a estrutura interna dos movimentos e as suas relações com os membros, participantes e observadores. Assim sendo, as teorias de mobilização de recursos têm-se focado, maioritariamente, nos níveis micro e meso, largamente ignorando a conexão com o nível macro em que a estrutura de alguns movimentos sociais atuam.

Outras teorias de estudo dos movimentos sociais, cuja tónica é colocada na questão instrumental, podemos nomear as abordagens da “oportunidade política” e do “processo político”. Estas teorias, tal como acontece no modelo de mobilização de recursos (Tilly, 2004), entendem os movimentos sociais enquanto atores orientados racional e instrumentalmente. No entanto, colocam muito mais ênfase à maneira como os movimentos sociais interagem com grupos de referência externos, como grupos oponentes, autoridades estatais e os media. Estas duas últimas abordagens diferem em alguns aspetos entre elas, enquanto o modelo da oportunidade política (Tarrow, 1998) baseia-se na análise de macroestruturas como fatores explanatórios para os níveis de mobilização dos movimentos sociais, como é o caso dos regimes políticos, estruturas políticas e sistema de deliberação; a abordagem do processo político incide mais em aspetos associados à dinâmica de interação entre movimentos políticos e seus grupos de referência, o chamado “jogo político” e os seus argumentos, e, acima de tudo, como as perspetivas de oportunidade de mudança política podem ser desencadeadas pela ação dos movimentos sociais (van de Donk *et al.*, 2004: 6-17).

...contentious politics is produced when political opportunities broaden, when they demonstrate the potential for alliances, and when they reveal the opponents’ vulnerability. Contention crystallizes into a social movement when it taps embedded social networks and connective structures and produces collective action frames and supportive identities able to sustain contention with powerful opponents. By mounting familiar forms of contention, movements become focal points that transform external opportunities into resources. (Tarrow, 1998: 23)

A multiplicidade de definições do conceito, como já vimos, é uma evidência, por isso Snow e colaboradores (2004), após a realização cuidada de uma análise profunda da literatura, chegaram à conclusão que as principais definições fundamentam-se em um ou vários dos seguintes aspetos: ação coletiva; objetivos orientados para a mudança; aspetos extra ou que se situem para além do domínio institucional da ação coletiva; o nível de organização; o nível de continuidade temporal.

De acordo com a sua análise, Snow e colegas (2004) propõem um conjunto de condições e características comuns aos movimentos sociais, que nos permitem identificá-los relativamente a outros formatos de ação coletiva ou de participação.

i) Movimentos sociais enquanto forma de ação coletiva fora dos canais institucionais: Podemos pensar muitas vezes que os movimentos sociais são o único formato de ação coletiva considerado, mas outros formatos existem cuja ação se situa fora dos canais institucionais do chamado “jogo político”, como a multidão, tumultos ou motins, grupos de interesse, ação de grupos “terroristas”/ radicais ou revoluções de âmbito alargado. Segundo Snow e colaboradores (2004), a ação coletiva consiste em qualquer atividade dirigida a objetivos preconizados por dois ou mais indivíduos, implicando a identificação de um objetivo comum através de uma ação conjunta - ou seja, as pessoas que trabalham juntas por alguma razão e com esperança em alcançar os objetivos. A ação coletiva compreende um grande número de comportamentos humanos (Snow *et al.*, 2004: 7). A ação dos movimentos sociais, embora vise atingir sistema institucional e elites do poder, situa-se num território para além do institucional, utilizando meios e métodos como ocupação de locais públicos e privados. Confunde-se muitas vezes movimentos sociais com os chamados “grupos de pressão”. Estes últimos desenvolvem-se, normalmente, tendo em conta um governo específico ou o contexto de uma política, sendo que a ação dos movimentos sociais excede os limites do contexto institucional, político e das autoridades. Os grupos de pressão estão geralmente envolvidos no jogo político e por isso recorrem a estratégias como o *lobbying*, enquanto os movimentos sociais preferem optar por estratégias como a manifestação, a ocupação ou o boicote (Snow *et al.*, 2004: 7).

ii) Movimentos sociais como desafiadore ou apoiante de uma determinada autoridade: Complementar ao primeiro ponto, os autores defendem que uma característica que podemos considerar é o aspeto desafiador dos movimentos sociais relativamente a uma autoridade, que se encontra ao nível institucional e que poderá ser uma organização pública ou privada, uma entidade, uma força de segurança ou o próprio Estado, com poder e influência num específico campo da vida social ou que afete as condições de vida dos membros de um determinado grupo social. Por outro lado, há lugar também ao inverso, isto é, ao apoio e incentivo de uma determinada autoridade (movimento e contramovimento).

iii) Movimentos sociais enquanto atividade organizada: Reportando às abordagens da mobilização de recursos ou do processo político, os movimentos sociais podem ser encarados como uma organização ou um conjunto de atividades organizadas tendo em vista obtenção de recursos para atingir objetivos determinados (ver McCarty e Zald, 1977). Snow e colaboradores (2004) sugerem ser possível analisar os movimentos sociais quanto à sua estrutura ou tipo, nomeadamente as Organizações de Movimentos Sociais únicas (sozinhas), múltiplas (associadas) e em rede, assim como vários níveis de organização da estrutura (mais profissionalizadas, hierarquia, comunicação, etc.).

iv) Movimentos sociais enquanto atividade organizada: Movimentos sociais e existência continuada no tempo – Alguns autores referem-se a movimentos sociais enquanto episódicos e efémeros, alegando que a sua duração está dependente da oportunidade e do momento. Todavia, os

movimentos sociais duram e têm sentido na comunidade e não dependem de questões de calendário, podemos falar também em situações cíclicas ou de fases de desenvolvimento da ação do movimento social. Algum grau de ação coletiva e alguma continuidade no tempo são características dos movimentos sociais (Snow *et al.*, 2004: 7).

Assim sendo, um movimento social pode ser entendido como uma coletividade que atua com algum nível de organização e continuidade fora dos canais institucionais e organizacionais com o objetivo de desafiar ou apoiar as autoridades existentes, independentemente de ser cultural e institucionalmente sustentado por um grupo, organização, sociedade, cultura ou ordem mundial de que é parte integrante (Snow *et al.*, 2004: 11).

A comunicação é um aspeto a ter em conta no contexto do modelo da mobilização de recursos, porque, segundo os seus teóricos, desempenha um papel a nível da organização do grupo, neste caso a comunicação a nível interno, com especial incidência nas estruturas dos movimentos, distinguindo, por exemplo, entre mais centralizados e estruturas mais federadas, além dos aspetos associados ao poder e ao processo de decisão. Todavia, algumas críticas são dirigidas ao modelo de mobilização de recursos, nomeadamente pela valorização excessiva dos aspetos organizacionais e menos às questões simbólicas e culturais sobre o funcionamento dos movimentos sociais. Sobre estes aspetos podemos encontrar as teorias europeias de estudo dos movimentos sociais ou a *Frame Theory* em que os aspetos que se prendem à identidade e à ideologia são considerados (Snow, 2004).

Melucci (1989: 57) defende um conceito analítico de movimentos sociais, “como sendo uma forma de ação coletiva (a), baseada na solidariedade, (b) desenvolvendo um conflito, (c) rompendo os limites do sistema em que corre a ação. Estas dimensões permitem que os movimentos sociais sejam separados de outros fenómenos coletivos (delinquência, reivindicações organizadas, comportamento agregado de massa) que são, com muita frequência, empiricamente associados com ‘movimentos’ e ‘protesto’”.

Tourraine (2006: 17-28) é da opinião que o conceito de “movimento social” é questionável dependendo do contexto histórico que estivermos a analisar. O autor distingue características específicas de uma sociedade industrial daquelas que atualmente vivemos, a sociedade pós-industrial, a mesma que outros autores nomeiam de sociedade da informação (Castells, 2007a, 2009, 2013). Desta forma, defende Tourraine (2006), não é de todo apropriado aplicar o mesmo conceito em distintas épocas e contextos, como se significassem a mesma coisa, pelo que sugere a utilização de conceitos como movimentos culturais, onde há uma predominância das lutas com base na linguagem pela predominância de novas formas de comunicar e novos meios, como o caso das TIC, em geral, e da internet em particular. Distintos pela configuração e propósito dos movimentos culturais, típicos dos dias de hoje, o autor sugere o conceito de “movimentos históricos”, cuja organização e luta se processam de formas diferentes, como no caso do movimento operário, sindical ou de ideologias políticas. Pelas lutas se situarem num plano social, Tourraine considera ainda assim aceitável a utilização do termo “movimentos sociais” no atual contexto da sociedade da informação. Com a devida advertência, o autor sugere cautela

na aplicação “da noção de movimentos sociais a qualquer tipo de ação coletiva, conflito ou iniciativa política”. Com especial pertinência, o conceito de “dominação” foi associado por Torraine por considerar movimento social “uma ação coletiva que coloca em causa um modo de dominação social generalizada”. Em suma, movimento social para Torraine é:

a combinação de um conflito com um adversário social organizado e da referência comum dos dois adversários a um mecanismo cultural sem o qual os adversários não se enfrentariam, pois poderiam se situar em campos de batalha ou em domínios de discussão completamente separados – o que impediria, por definição, tanto o conflito e o enfrentamento quanto o compromisso ou a resolução de conflito” (Tourraine, 2006: 17-28).

Donatella della Porta (2005) refere-se aos movimentos sociais como redes livres de organizações e indivíduos, com valores comuns de identificação que maioritariamente recorrem a formas não convencionais de participação, de forma a atingir os seus objetivos políticos. O seu ativismo é baseado no trabalho voluntário dos seus membros, cujo compromisso é mantido especialmente por incentivos de solidariedade e identidade (della Porta, 2005: 336-350).

O conceito de movimento social aparece em autores como della Porta (2005) e Diani (2000a, 2000b) com uma configuração adaptada às necessidades de compreensão do fenómeno atualmente na nossa sociedade, entendendo-o como uma forma fluída e em rede, reflexo da contemporaneidade e, respondendo às inquietações de Torraine, uma manifestação própria de uma sociedade da informação e da comunicação, onde a linguagem e a dimensão simbólica acaba por se sobrepor a qualquer outra dimensão. Caracterizando desta maneira a opção de grande parte dos investigadores de movimentos sociais na Europa e também nos EUA (embora menos, comparando com os seguidores das abordagens funcionalistas), pelo estudo das dimensões macroestruturais, simbólicas, numa aceção culturalista cada vez mais relevante, em parte, pela existência da internet e de processos globais.

As teorias desenvolvidas na europa colocam maior ênfase ao aspeto simbólico presente no discurso dos movimentos sociais, inspiradas, em grande parte, nas teorias construtivistas (Luckmann e Berger), dedicam especial atenção à linguagem como processo de construção social da realidade. Neste âmbito, podemos apresentar a abordagem da *Frame Theory*/ Teoria do Enquadramento que se baseia no conceito desenvolvido por Goffman (1976). Os *frames* descrevem ou representam um problema. Neste sentido, é possível investigar os movimentos sociais e a sua ação com base num assunto ou tema e como este se desenvolve, num processo onde interagem vários “atores”, com diversos níveis de poder. Aqui, através de uma pesquisa tendo como objeto o discurso, é possível analisar alterações significativas nas estruturas, bem como estudar o processo de mudança social.

Alguns autores compreendem os movimentos sociais no âmbito das teorias construtivistas. O estudo dos movimentos sociais na perspetiva da chamada *frame theory*: organiza ideias que descrevem ou representam um problema. A variante desta perspetiva é conhecida como a abordagem discursiva.

Estuda o comportamento e as práticas em relação aos *frames* e discursos (ver Goffman, 1976, e *frame theory*). Importantes investigadores nesta linha são, por exemplo, Snow, Benford, Klandermans e Gamson. *Frames* são quadros de referência para identificar e interpretar um problema, a sua dimensão, causas, assim como apontar soluções possíveis (van de Donk *et al.*, 2004: 6-17).

Em suma, foram apresentados quatro modelos ou abordagens de análise dos movimentos sociais - Teoria da Mobilização de Recursos, Teoria do Processo Político, Teoria da Oportunidade Política e a Teoria do Enquadramento/ Frame.

Foram também apresentados três tipos de movimentos sociais, cujas características variam ao longo do tempo – *New Left*, nos anos 60, com especial incidência nos movimentos americanos anti-guerra do Vietnam, os novos movimentos sociais nas décadas de 70 e 80, aludindo às revoluções estudantis e do Maio 68 em Paris, e os *Newest* ou novíssimos movimentos sociais, que emergem com o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação, especialmente os telemóveis e a internet.

Christian Fuchs (2006) aborda o conceito de movimentos sociais de forma diferente dos autores já citados, juntando o “melhor de dois mundos”. O autor, por um lado, inspira-se na Teoria da Mobilização de Recursos e, por outro, é influenciado pela Teoria dos Novos Movimentos Sociais, resultando, assim, na sua proposta e visão inovadora, de certa maneira, adaptada ao contexto das sociedades contemporâneas e às problemáticas atuais. A sua teoria caracteriza-se pela introdução do conceito de *self-organization*, que traduziremos para “auto-organização”, que é uma forma adotada da teoria dos sistemas, uma *autopoiesis* (Luhmann), uma força auto-gerada com os mecanismos e processos próprios, um sistema com vida própria.

Fuchs caracteriza os movimentos sociais como “sistemas dinâmicos de comunicação”, esta visão sistémica e funcionalista coloca os fluxos informacionais como um dos principais aspetos a ter em conta, sendo os movimentos sociais sistemas abertos de informação, com *inputs* e *outputs*, em que as ações de protesto são reações ao contexto político e social, assumindo vários formatos, desde a manifestação nas ruas, ao boicote, às ocupações, entre outros. A dinâmica dos movimentos sociais é baseada na emergência permanente e produção de práticas de protesto e de estruturas de protesto. A auto-organização de um movimento social é um “processo vivo”, ele é baseado num movimento permanente e na diferenciação dos atores e das estruturas que comunicam publicamente os protestos, um movimento social é somente um movimento, no sentido em que comunica o seu protesto e desenvolve-se (Fuchs, 2006: 1).

A noção de auto-organização é a ideia da produção em rede, co-operativa e sinérgica de qualidades emergentes e sistemas que devem ser empregues no sentido de chegar ao conceito dinâmico de protesto. De forma a refletir o aumento da complexidade da sociedade e a emergência de uma sociedade estratificada pelo conhecimento, Fuchs (2006:1) sugere a utilização de um modelo multidimensional de classe que poderá estar associado ao conceito de movimentos sociais. No fundo, a proposta de Fuchs acaba por ser uma alternativa a campos opostos, mantendo a matriz marxista que

caracteriza as suas teorias, na tradição da escola crítica (Habermas, Horkheimer, Marcuse, Adorno), e o compromisso com a razão instrumental dos sistemas (Luhman).

Fuchs, ao contrário de outras propostas teóricas, nomeadamente o pós-marxismo de Laclau e Mouffe, considera a existência de dinâmicas classistas no contexto da sociedade pós-fordista, em vez da aceção de políticas de identidade (mulheres, gays, lésbicas, ambiente, armas nucleares, etc), que alguns autores referem como sendo o novo paradigma do protesto.

De acordo com Fuchs (2007), os movimentos sociais são sistemas auto-organizados, em que os atores envolvidos neste sistema possuem crenças políticas, de acordo com o que eles desejam mudar na sociedade. Caracterizam-se, então, por um determinado protesto identitário *i.e.*, uma forma específica de dar sentido ao mundo e aos seus problemas, através de práticas específicas (Fuchs, 2006: 129). Nos movimentos sociais, os atores estão comprometidos com posições e crenças políticas que oferecem uma orientação e um caminho a seguir para atingir objetivos. Podemos falar da importância da ideologia como estruturante da ação dos indivíduos e dos grupos, além de que, tudo é entendido enquanto informação e fluxos, processados e materializados por estes movimentos sociais (Fuchs, 2007: 72).

Fuchs introduz, também, o conceito de dominação, um pouco à luz das teorias críticas. Neste sentido, as novas formas de dominação a nível global e em rede têm como reflexo o surgimento de novas formas de luta também elas em rede, que desafiam o sistema instituído, através de protestos, expressões de desacordo, suportadas por identidades e modelos de sociedade alternativos. Isto é, de certa maneira, a resposta dos movimentos sociais que reagem ao criar uma espécie de “feedback” para equilibrar o sistema. A dominação, agora, é global, num processo onde intervêm elites e forças supra-nacionais. Como exemplo, os movimentos alterglobalização que reagem com desagrado, em rede e de forma global, ao contexto social e político de políticas neoliberais e sem-fronteiras com o intuito de perpetuar as premissas capitalistas contemporâneas. Os novos movimentos sociais (como é o movimento anti e alterglobalização), por exemplo, sempre tiveram um carácter de base “co-operativo”, diferente do estilo central e tradicional da organização em partidos, burocracias e sindicatos. Nem todos os movimentos de protesto estão organizados de uma maneira descentralizada e democrática, mas muitos deles são caracterizados por terem uma estrutura organizacional horizontal (Fuchs, 2007: 72).

Com Christian Fuchs iniciamos um novo ponto importante para a discussão. Hoje, tem sentido falar-se em movimentos sociais e ação de protesto globais e em rede, no âmbito da intitulada sociedade da informação e em rede de que fala Castells (2007a, 2007b, 2008, 2009, 2013). Outros autores como della Porta (2005), Diani (2000a, 2000b), Milan (2013), Walgrave, Bennett (2003), Bakardjieva ou Klandermans também desenvolveram estudos e teorias na área dos movimentos sociais globais e em rede.

Tendo em conta este cenário, Fuchs considera que os movimentos sociais atualmente não podem ser vistos como solitários e restritos a um só lugar, mas devem ser percecionados como uma rede de grupos de protesto que estão ligados pela comunicação. Esta é uma das dimensões a ter em conta no estudo dos movimentos sociais, isto é, as ligações que cada grupo desenvolve. Em alguns grupos ou

protestos é difícil de perceber o princípio e o fim de cada elemento, por haver uma configuração “sedimentar”, construída pela contribuição de muitos indivíduos e grupos, de forma plural e que contribui para autênticas *Wikirevoluções* (Castells, 2009, 2013). Os grupos e indivíduos procuram bases de apoio não só para a sua ação, mas também, tendo em vista a solidariedade identitária, por alinhamento ou ideologia, pela causa ou “repertório” (Tilly, 2004). Essas ligações, como *hyperlinks* no ciberespaço transcendem fronteiras e lugares, com base nas TIC. Todavia, o alinhamento internacional de grupos sociais não é fenómeno recente, se não vejamos o Movimento Operário Internacional ou as famílias políticas de grupos partidários cuja ação se desenvolve aos níveis local e global. Um outro aspeto a ter em conta é o nível de institucionalização que esses grupos e organizações comportam e que, de alguma maneira, encontram no espaço público legitimidade de atuação.

É característica do protesto a negação das estruturas sociais existentes específicas. Desta maneira, os movimentos sociais e os protestos permanecem e reproduzem-se por antagonismos sociais determinados que causam problemas sociais. Grupos de protesto como ATTAC ou Amnistia Internacional são formas de protesto crítico, ao passo que, por exemplo, Al-Qaeda, neofascistas, e antiaborto são grupos de protesto não críticos e não progressistas. Segundo Fuchs, o protesto crítico orienta-se para o futuro, no sentido de identificar situações para melhorar a situação da humanidade e atingir um alto e progressivo nível de organização social, enquanto o protesto conservador caracteriza-se por lutar contra a alteração e mudança em determinados setores e campos sociais, estando orientados pela tradição, como acontece com os movimentos antiaborto. Estes movimentos não pretendem substituir as estruturas de dominação (estado, governo, instituições, legislação, autoridade), mas sim conservar e reconstruir as instâncias de dominação (Fuchs, 2007: 72).

Os autores citados acima desenvolvem, igualmente, um conceito pertinente e que interessa aportar para a presente discussão – o ciberprotesto. Em Fuchs, “ciberprotesto” significa que os movimentos sociais e de protesto organizam a sua ação interna e externa através da internet. Utilizam este meio para preparar e coordenar protestos globais, enquanto meio de discussão para favorecer a mudança de visões, estratégias e objetivos, um meio de disseminação e de informação para o conhecimento disperso e alternativo, como meio de mobilização e para obtenção de apoios, associação e cooperação para protestos de base virtual e *online* (Fuchs, 2007: 72).

O ciberprotesto é o termo que faz alusão aos movimentos sociais e de protesto, no contexto das TIC e da internet. Com o desenvolvimento destas tecnologias, muitos usos se conheceram, e os movimentos sociais não desprezaram o seu potencial no sentido de comunicar interna e externamente. Desde a chamada Revolta de Chiapas, em 1994, no México, que os investigadores e comunidade académica têm prestado maior atenção à sua utilização e ao impacto na ação dos movimentos sociais e nos respetivos protestos.

No primeiro dia do ano de 1994, no sentido de protestar contra o NAFTA (Acordo de Livre Comércio entre o México e os EUA), um grupo conhecido por “Exército Zapatista de Libertação Nacional” (EZLN) decidiu invadir e ocupar alguns pontos estratégicos em Chiapas. Acusado de seguir

uma política neoliberal, o presidente Salinas adicionou à Constituição do seu país medidas que colocavam fim às diretrizes de divisão das terras tradicionais. O discurso do EZLN é essencialmente de recusa do tratado e a defesa das populações e das economias locais. O discurso “neozapatista” associa-se aos símbolos revolucionários, protagonizados pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI), mas agora com enfoque nas tecnologias da comunicação e da informação (TIC). Foi com base neste acontecimento que a discussão entre o local e o global se intensificou e, assim, colocar em evidência as questões associadas à identidade e autodeterminação dos povos. Aqui, a internet e as TIC assumiram um papel fulcral, como o envio de *emails* para *mailing lists* e *websites*, permitiram influenciar agendas mediáticas e políticas internacionais, assim como o apoio de ONG (AAVV,1998), grupos de ativistas de direitos humanos, académicos, artistas, jornalistas, entre outros.

No fundo, a mobilização e a base de apoio conseguida junto à sociedade civil em muito se deve à utilização daqueles meios tecnológicos. Alguns autores reconhecem a importância do carácter descentralizado que a tecnologia colocou no que respeita aos esquemas de solidariedade e de comunicação. Neste caso, a frase “Todos somos Marcos; todos somos índios; todos somos Chiapas” é largamente veiculado por ligações hipertextuais no ciberespaço e ouvido um pouco por todo o mundo, tornando-se um símbolo de resistência e protesto contra a globalização e contra o neoliberalismo (Abdel-Moneim, 2002:3 4-64)

Outra situação que marcou a História pela utilização das TIC foi, sem dúvida, os protestos anti-globalização em Seattle, em 1999, nos EUA. Muitos autores são da opinião de que as TIC vieram permitir que ativistas desafiassem as formas tradicionais de participação política. Por um lado, o carácter *a-espacial* e descentralizado de uma comunicação de muitos para muitos introduz o fator transnacional e em rede, acentuando o potencial revolucionário que a internet pode comportar para os movimentos sociais e outros grupos, organizações de ativistas ou ONG. A utilização da tecnologia e de dispositivos para comunicar, como o correio eletrónico, as *mailing lists*, os *websites*, os fóruns eletrónicos e outras aplicações podem ser vistas como ferramentas poderosas para coordenação de atividades envolvendo indivíduos espacialmente dispersos e, também, para moldar e fortalecer aspetos associados à identidade coletiva (van de Donk *et al.*, 2004, introdução)

Outros autores, como Tilly (2004), consideram a utilização das TIC e da Internet como recursos de baixo custo para o desenvolvimento de campanhas pelos movimentos sociais, obtendo por isso inúmeras vantagens na sua utilização: “All of the technological innovations listed earlier or their applications eventually became available to social movement organizers and activists. In general, they reduced communication costs as they increased the geographic range covered by social movement communications” (Tilly, 2004:104).

Fuchs (2006) defende, ainda, existirem diferentes formas de globalização dos movimentos sociais, movimentos internacionais operam a partir de um determinado país mas pretendem ganhar a atenção mundial para os seus objetivos políticos. Na sua opinião, os movimentos multinacionais controlam sub-organizações relativamente autónomas dos Estados-Nação (ex. ONG) e que estão

associados a temas e assuntos de interesse internacional, como no caso de organizações como a Amnistia Internacional ou a Greenpeace (AAVV, 1998). Os movimentos transnacionais estão distribuídos globalmente em redes onde são partilhados valores, identidades e objetivos, o que lhes permite organizar protestos em todas as distâncias espaço-temporais. Por exemplo, os protestos contra a Organização Mundial do Comércio (WTO), em Seattle, estiveram acompanhados por outros protestos simultâneos em mais de 80 cidades ao longo do mundo (Fuchs, 2006:132-133).

A adoção das tecnologias da informação e da comunicação por ativistas de movimentos sociais causou uma grande mudança nos formatos da participação política, porque se tornou mais fácil falar diretamente com os cidadãos do mundo, sem necessitar de mediação de terceiros ou dependendo de grupos de media, tendo por vezes os movimentos sociais instrumentos e meios próprios de comunicação para reproduzir as suas mensagens e discurso, como *websites*, *mailings* eletrônicos, fóruns eletrônicos de discussão e assembleia, blogues ou mesmo canais de televisão e de rádio (*online e broadcasting*) jornais e revistas e até as próprias agências noticiosas como o *Indymedia*. Neste sentido falar-se, também, de novas formas de participação extraparlamentar e fora do contexto institucional. Trata-se de formas de participação que podem assumir desde novos formatos de protesto, até à assunção de práticas e modelos alternativos vividos no interior de grupos e comunidades. O fato destas tecnologias tornarem possível a interação, oferece, sem dúvida, uma sensação de poder aos utilizadores e, neste caso, aos ativistas ao conferir usos específicos ao serviço dos movimentos sociais: “O que é específico à CMC [computer mediated communication] é a possibilidade de reciprocidade e de interação que ela oferece, numa escala muito mais ampla do que anteriores formas de comunicação” (Diani, 2003: 99). Neste momento, existe uma profusão de tipos de movimentos sociais, organizações de interesses, grupos ativistas, coligações de grupos em torno de uma causa ou tema, e redes. Estes movimentos, grupos e organizações orientam a sua atenção para outras arenas que não as tradicionais, além de que se dirigem a outros alvos políticos e desenvolvem, conseqüentemente, novas formas de participação e de protesto. Este panorama ultrapassa, de certa forma, as instituições e as elites instaladas, criando novas regras e novas lógicas de atuação.

Alguns autores, como Dahlgren (2001, 2004, 2005), falam de duas dimensões que se articulam entre o *Self* do sujeito ativista, os seus valores individuais, e as identidades coletivas orientadas mais para temas e causas que propriamente por ideologias. As fronteiras entre políticas, valores culturais e processos identitários tornaram-se fluídos. De alguma maneira, este processo inicia com a emergência dos novos movimentos sociais dos finais dos anos 60, pela influência da *New Left* e dos novos temas e causas, que se desenvolvem pelos anos 70 e 80. Mas a “descolagem” dos temas inerentes à luta de classes e ao movimento operário vem já de finais do século XIX com as lutas feministas, em que a questão do “género” se associa à luta pelos direitos. Hoje, parece haver uma miríade de temas e aspetos simbólicos agregadores de ativistas e movimentos sociais, que não somente a respeito da luta entre entidades patronais e trabalhadores ou outras questões de classe inerentes a esta lógica e ideologia, por

isso falar-se do começo de uma nova vaga de movimentos sociais e de políticas alternativas, que se intensificou desde os anos 90, com a introdução e desenvolvimento das TIC.

Alguns autores, como Stuart Hall, referem-se a esta profusão de formas de estar, identidades, valores e necessidades políticas como resultantes de uma fragmentação que se observa na sociedade. Certo é que esta “fragmentação” ganha sentido quando a situamos no contexto da utilização e de uma certa banalização das TIC e da Internet, em que o “ciberespaço” é, certamente um espaço virtual e alternativo, onde as identidades também se formam e se revelam.

A crise democrática de que se fala desde o início dos anos 90 e, se quisermos, a falência do modelo representativo, ao observar os índices de abstenção e participação através de sufrágio em eleições de muitos países, é um fenómeno que não tardou a que muitos investigadores o associassem ao desenvolvimento e utilização alargada das TIC e da internet, apesar de outras opiniões serem mais favoráveis ao associarem a internet ao maior envolvimento democrático e à participação dos cidadãos. Todavia, não se trata somente da discussão dos níveis de participação, mas sim dos novos modelos e alternativas de expressão e participação dos cidadãos, o que de alguma forma, se pensa, estar a alterar a configuração dos canais e dos formatos de interação entre cidadãos e instituições implicados no modelo democrático: “In short, the new media may offer the potential for an ‘electronic’ democracy that will supposedly reinvigorate and democratic practices.” (Wring e Horrocks, 2001: 192-209).

Um dos aspetos que mais tem interessado a comunidade académica no âmbito do estudo dos movimentos sociais, tem sido o nível de participação dos cidadãos em países com regimes democráticos, incidindo especialmente nos processos de deliberação com base em sistemas representativos. Mas não só, também noutros regimes e sistemas de deliberação. Este aspeto adquire especial relevância quando associado à introdução, desenvolvimento e à “banalização” do uso generalizado das novas tecnologias da comunicação e da informação. Alguns investigadores defendem que estas vieram criar alterações estruturais significativas, nomeadamente no que diz respeito às dimensões local e global, tendo por isso uma influência positiva no surgimento e desenvolvimento de movimentos sociais um pouco por todo o mundo. Pippa Norris (2002), apud Snow *et al.* (2004: 4), refere com base nos resultados do estudo *World Values Survey* que a participação em manifestações cresceu entre a década de 80 e 90, em países como os EUA, Alemanha e Países Baixos.

Não querendo ser demasiadamente determinista, certo é que a Internet é apontada como responsável de grandes e profundas alterações em várias esferas da sociedade e da cultura, reconhecendo, assim, que até as dinâmicas e instâncias do funcionamento da democracia poderão conhecer um impacto, positivo ou negativo, dependendo das visões sobre o fenómeno. Todavia, independentemente dos esforços que se tem feito para aproximar os cidadãos aos modelos de participação e decisão, como a *e-democracia*, não se observa ainda um nível significativo de literacia de utilização destes novos media, além do que a sua expressão é também ela pouco significativa se compreendermos de uma forma ampla todos os cidadãos.

Alguns estudos analisam, todavia, este aparente desinteresse e decréscimo da participação através dos formatos tradicionais, pelo que tudo nos leva a acreditar na proclamada “crise da representação”, em que parece existir um descrédito na classe política e nas instituições, como os partidos políticos e os sindicatos, e, em contrapartida, o florescimento de outras formas de participação, como os movimentos sociais, as ONG e outras modalidades de organização de cidadãos e de associativismo (AAVV, 1998).

Há atualmente, nas instituições, uma necessidade de falar diretamente com os cidadãos, de criar canais de comunicação, de incentivar a participação e a interatividade, numa esfera pública cada vez mais tecnológica, não só pelos processos da mediação, como também na própria existência de uma “realidade paralela” ou de uma hibridização entre o analógico e o digital, fomentados pela presença da tecnologia. A internet oferece possibilidades infinitas para a participação, desde dispositivos que permitem o voto e a participação na deliberação, passando por petições eletrónicas, a canais de contacto direto entre representantes e representados. Apesar dos esforços que têm sido feitos para aproximar os cidadãos das instituições democráticas, também a mesma tecnologia tem facilitado o desenvolvimento de processos de contrapoder. No novo contexto dos *media*, as hierarquias tradicionais baseadas na diferenciação do conhecimento e o acesso à informação sofreram alterações profundas.

O contrapoder surge e é praticado, agora, fora dos canais tradicionais do modelo democrático, graças ao *empowerment* que oferecem as TIC e a internet, a nível individual ou coletivo. Além disso, as instituições da mediação, como os jornalistas e os *media* de massas, já há algum tempo que perderam o seu lugar hegemónico de produzir realidades, enquanto canais exclusivos da mediação entre elites do poder e os cidadãos. A opinião pública deixou de depender somente da intervenção dos *media* de massa, num processo onde agora também os novos *media* participam, nas modalidades de comunicação em rede, cujo mecanismo, como vimos, é distinto do modelo de *mass media*, ou modelo de propaganda como lhe chama Chomsky. O ciberespaço e a internet permitem construir uma esfera pública onde forças de mercado e forças políticas disputam o mesmo espaço, com os seus discursos. A lógica consumista (Lipovetsky e Serroy, 2010a, 2010b; Baudrillard, 2007) atravessa todos os aspetos da vida social, pois, hoje, marcas, produtos e *slogans* conseguem agregar mais pessoas em seu torno, que propriamente outros símbolos religiosos ou políticos.

Observa-se a emergência da novidade, públicos fluídos, redes de cidadãos e grupos de afinidade através da comunicação horizontal via internet, que facilita a partilha de *worldviews*. A noção de *empowerment* é, de facto, promovida pela presença da internet, e das TIC em geral, sendo possível produzir modelos alternativos ou esferas de contra-públicos, o que pode oferecer um novo sentido de cidadania. Além de que os processos de mobilização acabam por ser facilitados e, até, com custos nulos ou muito reduzidos (McCarty e Zald, 1977; Tilly, 2004), situação que oferece as condições necessárias ao aparecimento e desenvolvimento de novos formatos de movimentos e de protesto. Mas, apesar de algumas vozes serem favoráveis e defenderem que a internet veio dar um “novo fôlego” à democracia, incentivando à participação e promovendo o pluralismo, podemos apontar movimentos e formatos de protesto que em nada se integram no espírito democrático, como os grupos radicais e terroristas ou com

ideologias como o neonazismo ou o racismo. Segundo Dahlgren, as TIC interagem com as dinâmicas dos movimentos sociais, bem como as normais estruturas políticas e tendências culturais contemporâneas que enquadram esses movimentos. Movimentos sociais e TIC, em conjunto e individualmente, constituem alvos de análise de rápida mobilidade e rápida mudança, e um desafio para a investigação (Dahlgren, 2004, prefácio).

A onda corrente de movimentos sociais, envolvimento de cidadãos e mobilização, e por outro, os estudos sobre as TIC e a sua relevância para a democracia, mais especificamente as implicações que as TIC têm para os vários formatos de movimentos sociais contemporâneos, constituem questões de investigação que têm cada vez mais pertinência abordar nos dias que correm. Além do mais, é importante aferir do impacto a nível local de políticas globais e os movimentos e contramovimentos implicados nestes processos. E mesmo como movimentos transnacionais se articulam com culturas políticas dominantes. Neste contexto, importa entender a lógica dos *media* e a lógica da era digital e como estas influenciam a orgânica, as estruturas e as dinâmicas destes movimentos.

Segundo Dahlgren (2004), é pertinente compreender o impacto que as TIC têm no carácter democrático dos movimentos, nas suas estruturas, hierarquias e procedimentos de decisão, assim como investigar a forma como as TIC afetam o recrutamento e pertença de novos elementos, desenvolvimento de processos identitários, bem como as relações entre atividades *online* e *offline* que envolvam os membros e participantes.

Uma das características da sociedade da “modernidade tardia” (Giddens) é a emergência do *self* como uma projeção reflexiva, em processos contínuos de moldar a identidade, em resposta às forças sociais heterogêneas, correntes culturais e contextos pessoais com que os indivíduos se deparam. Neste sentido, Dahlgren (2004) é da opinião de que a investigação de âmbito culturalista adquire cada vez mais importância, pois temas como o significado, a identidade, a subjetividade e a reflexividade, são assuntos proeminentes especialmente na literatura europeia.

Além daqueles temas enunciados acima, é importante destacar a importância do estudo da internet e de outros dispositivos tecnológicos cuja existência se associa à origem e desenvolvimento de movimentos sociais com características transnacionais e operação em rede, cuja atividade tem sido responsável por uma alteração significativa do cenário político e cultural. O que tem estimulado particularmente o interesse na investigação destas temáticas é a ascendência percebida desta política da cibercultura contra o declínio dos tradicionais discursos e do sistema político tradicional.

6.2. MOVIMENTOS SOCIAIS E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (TIC)

Na investigação sobre as TIC e os movimentos sociais existem várias dimensões a ter em conta. A comunicação realizada a nível interno e a nível externo tem por base a comunicação face-a-face em

muitos movimentos sociais, especialmente nos movimentos, grupos e organizações mais antigos e mais tradicionais, como no caso de organizações sindicais e outras do movimento operário. Mas a introdução e desenvolvimento de algumas tecnologias como o fax, fotocopiadoras, os computadores e os telemóveis, a comunicação entre membros, a nível interno, e a comunicação externa entre entidades, passou a processar-se de forma mediada. Os processos de mobilização alteraram-se não só no que diz respeito a procedimentos, mas a nível de velocidade, extensão e alcance das mensagens. Com as TIC, particularmente computadores e telemóveis, há mais possibilidades para que movimentos sociais, assim como muitas outras organizações e instituições, de se mobilizarem, construir coligações, informar, comunicar e fazer *lobby*. Desta forma, de acordo com van de Donk e colaboradores (2004) as formas contemporâneas de protesto parecem combinar os antigos meios como as faixas, as pancartas e as palavras de ordem com os novos suportes de comunicação digital.

Será que esta convergência que se observa atualmente entre o digital e o analógico presente nos processos, na gênese, no desenvolvimento e nas ações dos movimentos sociais está a alterar também a configuração, o formato e a estética dos protestos?

van de Donk e colaboradores (2004) são os editores de *Cyberprotest: New media, citizens, and social movement*, um livro que reúne importantes contribuições para o desenvolvimento da investigação no campo dos movimentos sociais e das tecnologias da informação e da comunicação, sendo por isso considerado a referência de base do presente estudo. Segundo os autores citados, as TIC e mais especificamente a internet estão a mudar as tradicionais formas de organização política em geral e, nomeadamente, o modelo representativo, assim como as práticas democráticas.

De acordo com Melucci, os movimentos sociais alternam entre momentos de latência e momentos de visibilidade, e, ao contrário dos partidos políticos, que têm uma presença constante, os movimentos sociais também desenvolvem associações com outros movimentos. Estas características, bem como as modalidades de recrutamento e participação nestas organizações, por vezes, dependendo do tipo de movimento, não têm procedimentos muito formais, como é o caso de formulários de inscrição, cartões de membro ou regulamentos. Uma outra característica que distingue substancialmente as instituições como sindicatos e partidos políticos face aos movimentos é, também, a flexibilidade de ação e a possibilidade de se alterarem estratégias, táticas e objetivos de forma muito rápida, tendo em vista a adaptação ao contexto. Apesar de alguns investigadores se referirem aos movimentos sociais como desorganizados, a maioria dos observadores concorda que eles necessitam de alguma estrutura e organização. Todavia, é possível observar em alguns movimentos aquela estrutura, sendo esta organizada em rede, com as suas características próprias, nomeadamente a horizontalidade e a dificuldade em identificar hierarquias.

Assim, van de Donk e colaboradores (2004: 3) definem os movimentos sociais com as seguintes características: desejo por mudança social, estrutura em rede baseada em aspetos de identidade e o acesso a meios de protesto.

Como já vimos, existem várias linhas de investigação neste campo, como as Teorias da Oportunidade Política e Processo Político (Tilly), as Teorias dos Novos Movimentos Sociais que valorizam os aspetos associados à identidade (Melucci) ou as Teorias da Mobilização de Recursos (McCarty e Zald, 1977). Em todas estas linhas de investigação é possível desenvolver pesquisas tendo as Tecnologias da Comunicação e da Informação como uma variável a ter em conta. Por um lado, interessa perceber como as TIC e a internet podem influenciar o cenário político e as agendas, por outro, interessa entender como as TIC e a internet podem fazer circular aspetos de carácter simbólico e discursos e, com isto, criar, fixar ou alterar significados e representações, ou ainda, estudar a internet e as TIC na qualidade de recursos que permitem atingir os objetivos dos movimentos sociais.

Não é possível a existência de movimentos sociais sem interações sustentadas internamente entre os membros e, externamente, entre grupos de referência. Este é um dos aspetos apontados por van de Donk e colaboradores (2004), ou seja, a importância do papel desempenhado pela comunicação, a par das estruturas em rede e os recursos financeiros limitados, para a atratividade do uso das TIC e da internet pelos ativistas e participantes de movimentos sociais.

Organizações de movimentos sociais frequentemente usam a internet e associam aplicações para serem eficazes na arena pública, por exemplo, mobilizar o eleitorado e influenciar a opinião pública, e, em alguns casos, conseguem níveis de credibilidade e influência muito mais altos que os partidos políticos ou os sindicatos. Não se pode dizer que os partidos políticos e outras instituições formais não utilizem a internet, mas não a utilizam certamente da maneira que poderá atrair a atenção e o envolvimento de um tipo de cidadãos, como os jovens, por exemplo. Assim, não é o meio em si que pode ter diferentes níveis de atratividade, mas sim as modalidades de uso que permite, de acordo com as práticas de produção, a remistura e a partilha de conteúdos num ambiente interativo (Cardoso, 2008). Sobre este aspeto, é interessante analisar como os partidos políticos e outras organizações usam a internet para se aproximarem dos cidadãos, contudo não é este o nosso objetivo por agora. Mas, este aspeto poderá constituir uma importante reflexão e que, em muito, apoiará às conclusões do presente trabalho.

van de Donk e colaboradores (2004) referem que os novos movimentos sociais como os ecologistas, feministas ou de justiça global possuem uma constituição relativamente heterogénea, estendem-se, normalmente, para além das fronteiras nacionais, adotam conceitos como a diversidade, a descentralização a informalidade em vez da unidade, da centralização da formalidade e da liderança forte. Neste sentido, é possível afirmar que a forte apetência de utilização das TIC e da internet pelos novos movimentos sociais está relacionado com as suas necessidades ideológicas e organizacionais.

Com controlo e domínio nas mãos de alguns líderes, certamente que as TIC podem ser efetivamente usadas para construir e manter poderosas organizações centralizadas, mas empiricamente a evidência sugere, segundo van de Donk e colegas (2004), que as TIC podem ser eficazes ferramentas para estabelecer e desenvolver redes descentralizadas e usá-las como forma de mobilização.

Nas eleições legislativas de 2015, em Portugal, foi possível observar algumas manobras na tentativa de aproximar os partidos políticos da linguagem dos movimentos sociais ou, por outro lado, permitir a movimentos sociais a institucionalização através do formato de partido político, como aconteceu nos casos do AGIR, coligação encabeçada por Joana Amaral Dias e Nuno Ramos de Almeida, ou o Livre/Tempo de Avançar, liderado por Rui Tavares. Esta tentativa de adotar um estilo menos formal e menos institucional, foi uma influência de grupos como o Podemos espanhol, que apesar da informalidade são grupos que acabaram por chegar às instâncias do poder institucionalizado. Será então possível associar o grau e modalidade de utilização das TIC e da internet às formas orgânicas dos movimentos e às suas ações, ou ainda, como é que isto está a alterar a visão convencional do que é um partido político? De acordo com van de Donk, Loader, Nixon e Rucht (2004) as TIC e a internet podem, talvez, modificar não profundamente a lógica de ação coletiva, mas elas parecem mudar, em qualquer caso, a estrutura de alguns agentes e provavelmente também afetam o tipo e a velocidade da comunicação política e a mobilização.

van de Donk e colaboradores (2004) assumem que as TIC podem ser usadas por vários tipos de organizações, com diferentes propostas e posicionamentos, e com diferentes níveis de sofisticação. Neste sentido, para empreender uma investigação neste domínio é preciso levar isso em linha de conta, ou seja, existem diferentes características e aplicações de TIC e diferentes características de organizações de movimentos sociais. Segundo eles, a natureza heterogénea das organizações de movimentos sociais poderá refletir em diferentes aspetos as implicações da introdução e uso das TIC. Os autores defendem que a internet é usada particularmente por dois tipos de estruturas de movimentos: a) redes informais com uma abrangência geográfica grande e (b) grandes e poderosas organizações centralizadas de movimentos sociais.

van de Donk e colaboradores (2004: 16) defendem os seguintes aspetos associados às TIC e à Internet relativamente aos movimentos sociais:

- A internet parece facilitar as formas tradicionais de protesto, até por vezes substituí-las. A facilidade de mobilização não depende somente do meio técnico, mas também, da experiência e dos contactos dos ativistas e das experiências anteriores;
- O que a internet certamente faz é permitir a imediata mobilização ao longo do globo;
- A internet pode servir de ferramenta para dar informação que tende a ser suprimida pelos media mais estabelecidos. Isto é a razão por se constituir fontes e meios de comunicação alternativos como *Indymedia*;
- O uso da internet tem influência na estrutura interna das organizações de movimentos sociais. As TIC podem ajudar e intensificar a comunicação entre todas as partes de uma organização, pode desafiar extensamente a comunicação vertical descendente. Há ampla evidência de que as TIC conduzem a forjar temporárias alianças e coligações, ambas verticais e horizontais, ao longo de vários movimentos;
- Não só os movimentos sociais mas também os seus oponentes têm vantagens com as TIC.

Tilly (2004: 106) defende que a utilização das TIC reduz em muito os custos com comunicações, faz ampliar a influência e cobertura do movimento em termos geográficos, além de permitir fortalecer os laços de coesão entre os membros do grupo, sendo estas as grandes vantagens que oferecem as TIC aos movimentos sociais e aos ativistas. Este facto permitiu e facilitou também a internacionalização da ação dos movimentos sociais, pelo que alguns incorporaram fortemente as tecnologias digitais de comunicação nas suas *performances* e protestos. Tilly (2004:106) com base no estudo de Lance Bennett defende que as TIC estão a causar mudanças profundas e significativas, como:

- As redes estão a tornar-se mais dispersas, em vez de relativamente densas, como acontecia nos primeiros movimentos sociais (convencionais), aspeto que é crucial para a comunicação e coordenação entre os ativistas e membros;
- Enfraquecimento da identificação dos ativistas locais com o movimento como um todo, o que permite a introdução de assuntos locais no discurso do movimento;
- Redução da influência da ideologia no envolvimento pessoal nos movimentos sociais;
- Diminuição da importância dada às organizações locais e nacionais, quanto aos aspetos de base do ativismo dos movimentos sociais;
- Aumento das vantagens estratégicas de organizações com poucos recursos nos movimentos sociais;
- Promoção de campanhas permanentes (por exemplo, antiglobalização, ambientais, etc) com rápidas mudanças de alvos;
- Combinar formatos convencionais face-a-face com performances virtuais.

Bennett (2003) apresenta um conjunto de conclusões com base em observações realizadas junto de atividades de protesto visando empresas e organizações de comércio, a partir de dados do *Global Citizen Project*¹⁵, assim como de ações de envolvimento comunitário, campanhas temáticas, sessões culturais e nas secções de *media* digital do *Center for Communication and Civic Engagement*¹⁶. Bennett (2003) apresentou um conjunto de pontos que sugerem compreender a comunicação digital estando na origem de subpolíticas orientadas por aspetos ligados à identidade:

- Campanhas permanentes. O ativismo global é caracterizado por campanhas de comunicação para organizar protestos e tornar públicos os assuntos (ex. antiglobalização, ambientais);
- A redução da ideologia em diversas redes, mas rica em termos de narrativas sobre aspetos de identidade individual e estilo de vida;

¹⁵Sítio na internet: www.globalcitizenproject.org

¹⁶ Sítio na internet: www.engagedcitizen.org

- O uso da internet afeta simultaneamente as características organizacionais das redes e elas podem afetar o desenvolvimento interno das organizações. As redes podem rapidamente reconfigurar as organizações;
- Os novos *media* podem alterar os fluxos informacionais através dos *media* de massas. A criação de uma esfera pública baseada em micro *media* (*e-mail*, listas) e canais de *media* como os *blogs*, os sítios de internet ou as *newsletters* oferecem aos ativistas um grau importante de informação e independência na comunicação dos *media* de massas.

Para concluir, a literatura mostra que as estratégias surgem numa complexa interação entre lógica de organizações de movimentos sociais e características dominantes dos *mass media*. Todavia, a utilização das TIC fazem surgir algumas novas características nas organizações de movimentos sociais, ou até mesmo, novos formatos de organizações com base tecnológica. Todavia, os *media* tradicionais de massa desempenham ainda um papel importante, pois continuam a ser vistos como atores cruciais na mobilização e no agendamento (no caso de Portugal), mas estes processos estão dependentes das estruturas e do enquadramento profissional dos jornalistas, de rotinas e interesses económicos, o que faz com que os movimentos sociais tentem criar os seus *media* independentes próprios ou fóruns públicos de discussão, de forma a atingir uma audiência.

CAPÍTULO VII – A TEORIA DOS QUADROS PERCEPTIVOS OU “FRAMING”

A *Frame Theory* é, como já vimos, uma abordagem possível de análise dos movimentos sociais, incidindo, especialmente, e de forma aprofundada, nos elementos e processos culturais. Com especial desenvolvimento na área da comunicação, a *Frame Theory* tem como referencial teórico de base o conceito de *frame*, desenvolvido pelo sociólogo americano Goffman (1976). No entanto, desde a publicação de *Frame Analysis*, em 1974, que a teoria tem vindo a ser desenvolvida e aplicada em estudos de várias áreas, nomeadamente no estudo do jornalismo e do *agenda-setting*, dos *mass media*, mas também no estudo dos movimentos sociais e da ação coletiva. Com influência teórica do Interacionismo Simbólico (Mead, Dewey, Bateson, Goffman) e do Construtivismo (Berger e Luckmann), a *Frame Theory* tem sido muito aplicada, como metodologia e análise, nos estudos realizados na Europa, especialmente sobre os Novos Movimentos Sociais.

Frame refere-se a uma construção mental que está associada à interpretação e, por isso, influencia, e simultaneamente, depende de processos culturais. Um outro conceito pertinente para se entender esta teoria, é a “representação”. Associado ao fenómeno da linguagem e da comunicação, o conceito foi explorado por Moscovici (1981) quando o aplica à Psicologia Social, surgindo, assim, o conceito de “representações sociais”, procurando estudar o processo de construção e de interação entre as dimensões individual (*Self*) e coletiva. O conceito de “representação”, como já tratado anteriormente, foi amplamente explorado pelas ciências sociais e humanas, especialmente pela Linguística (Kristeva, Bakhtin, Saussure), Filosofia (Wittgenstein, Foucault, Derrida, Deleuze, Baudrillard, Barthes, Laclau), Psicologia e Sociologia (Moscovici, Bourdieu, Lacan, Hall, Strauss, Mead).

Os desenvolvimentos nas Ciências Sociais e Humanas motivados pelo pós-estruturalismo, leva cientistas a procurarem explorar os fenómenos da linguagem e do discurso, como base de entendimento para o desenvolvimento de teorias sociais, o conhecido *linguistic turn* de que alguns autores falam, como Habermas (2010a).

No domínio dos estudos da ação coletiva e dos movimentos sociais, David Snow é um dos investigadores que mais contribuiu para o desenvolvimento da *Frame Theory* enquanto metodologia e análise, aplicando os seus princípios nos estudos realizados, como por exemplo na pesquisa sobre o movimento religioso de orientação budista Nichiren Shoshu, nos EUA. Além de Snow, também Robert Benford (1997), Scott Hunt e outros desenvolveram pesquisas recorrendo à *Frame Theory*.

Tendo o construtivismo como base, o *framing* defende que o significado e o sentido não são propriedades inerentes às coisas, mas sim uma construção possível pelo contexto cultural (crenças, valores, normas, etc.) e que, através destes “quadros” cognitivos, é possível dar respostas e obter compreensão sobre o mundo que nos rodeia. De acordo com Snow, esta abordagem, associada ao estudo dos movimentos sociais desde os anos 80, orienta a sua atenção no processo de significação ou da construção de sentido levados a cabo por ativistas e militantes de grupos e movimentos sociais, partes

interessadas e participantes (antagonistas, elites, media, contramovimentos) que são relevantes para os interesses dos movimentos sociais e para os objetivos que preconizam.

Ao contrário da tradicional perspectiva dos movimentos sociais enquanto portadores de ideias e crenças pré-estabelecidas, a abordagem do *framing* considera os movimentos como agentes de significado envolvidos em processos de produção e manutenção do sentido para protagonistas, antagonistas e observadores. Como os governos locais, o Estado, representantes de outras estruturas de autoridade, os *media*, públicos interessados, os movimentos sociais são vistos como parte integrante de sistemas de significação. O verbo *framing* é utilizado para conceptualizar o processo de significação, que é uma das atividades que os movimentos sociais e seus líderes fazem regularmente, ou seja, enquadrar, atribuir sentido e interpretar fenómenos e acontecimentos relevantes. Esta atividade, com os pressupostos descritos, é conhecida por *collection action frames* (Snow, 2004: 384).

Foi a partir de 1986 que a abordagem de *framing* foi associada a trabalho empírico no campo dos movimentos sociais e da ação coletiva, de acordo com trabalhos de Snow e Benford. Segundo Snow é possível organizar os estudos em categorias, de acordo com o seguinte:

1) Alargamento e clarificação da arquitetura conceptual dos *frames* da ação coletiva e processos de *framing*, como com a elaboração concetual de ações de *framing* (ex. diagnóstico, prognóstico e *framing* motivacional), determinantes para a ressonância do *frame* (ex. credibilidade e saliência), os componentes dos *frames* da ação coletiva (ex. injustiça, agência, identidade), e o carácter e funções dos *master frames*;

2) Estudos empíricos que investigam a aplicação e utilidade analítica de vários conceitos de *framing* (ex. funções nucleares do *framing*, *master frames*) e processos (ex. alinhamento de *frames*, contestação de *frames* ou debates, *counterframing*) para compreender vários movimentos sociais ou episódios da ação coletiva;

3) Exploração da associação entre processos de *framing* e outros fatores relevantes para a dinâmica dos movimentos sociais, como a oportunidade política, campo discursivo e estrutura de oportunidade, os *media*, ideologia, narrativas, identidade, emoção;

4) Aspectos metodológicos e técnicas relevantes à condução de estudos de *framing*;

5) Apreciação crítica sobre a abordagem do *framing*, e sobre alguns trabalhos que a empregaram, sobre as suas negligências, falhas e omissões.

No que compete à metodologia, nos trabalhos de H. Johnston, especialmente num artigo intitulado *Verification and Proof in Frame and Discourse Analysis* (2002: 62-91), o autor descreve vários métodos para desenvolver uma pesquisa na área do *framing* (Klandermans e Staggenborg, 2002).

Durante algum tempo não se conheciam estudos com dados empíricos sobre *framing* e ação coletiva específicos de determinados movimentos sociais, mas um dos estudos que marcou de forma profunda a tradição desta abordagem metodológica foi, sem dúvida, a análise que Gerhards e Rucht (1992) fizeram dos protestos contra a visita em 1987 do presidente Regan a Berlim, e o protesto sobre o congresso do Banco Mundial e do FMI em Berlim, em 1988, tendo-se focado no papel do *framing* no

âmbito do processo de mobilização, analisando os eventos nas dimensões individual e coletiva, com a adoção da “micromobilização” e a introdução de um novo conceito referente à mobilização e associação entre grupos, a “mesomobilização”.

Os *frames* podem ser operacionalizados e estudados como estruturas cognitivas individuais, mas também podem ser entendidos como propriedades das organizações, e neste sentido estarem presentes no discurso da organização através de suportes de comunicação como folhetos e sítios na internet, nas redes sociais ou em cartazes e materiais usados durante as manifestações. Alguns investigadores defendem mesmo que as formas organizacionais podem constituir *frames* elas mesmas, que servem para influenciar ações coletivas posteriores.

Este estudo tem por base a tradição da mobilização de recursos, pois a grande preocupação de Gerhards e Rucht foi compreender a forma como o *framing* pode ser usado nos processos de mobilização, tendo por isso analisado os estudos de caso de acordo com os *master frames* de “Ideologia do Imperialismo” e de “Poder hegemónico da ideologia”, no âmbito dos protestos contra a visita a Berlim de Ronald Reagan, em 1987, e contra a reunião anual do FMI e Banco Mundial, em 1988. Todavia, os autores são da opinião de que é mais completa uma análise que compreenda as dimensões não só estruturais, o *hardware* como lhe chamam, mas também, e acima de tudo, as questões do domínio da cultura, o *software* dos movimentos sociais. Para compreender o fenómeno da mobilização e as ações de protesto por parte de movimentos sociais é necessário, segundo Gerhards e Rucht, analisar o contexto cultural em que se desenvolvem estes movimentos. Isto só se torna possível através da análise dos processos de *framing* e tematização.

Apesar dos obstáculos e das contingências apontadas pelos investigadores sobre a aplicação da metodologia do *framing* aos objetos empíricos, Gerhards e Rucht analisaram um panfleto de cada movimento, através de análise de discurso, desenvolvendo um esquema gráfico que tem por base o modelo do processo de decisão de Robert Axelrod.

...to analyse the leaflets, we draw on a method for analyzing decision-making processes developed by Robert Axelrod (1976). Using this method, the internal structure of frames can be invested with the help of a graphic presentation of the argumentative structure of the frames. The graphic presentation takes the form of a directed graph of points and arrows between the points. The total information of the texts is thus reduced to the bare bones of the argumentation. The degree of abstractness of the frame, the range of the topics addressed, and the logical connection of the arguments thus become visible and comparable between different frames. (Gerhards e Rucht, 1992: 574)

Segundo esta perspetiva, existe maior ou menor grau de potencial mobilizador, pelo que atores coletivos ao fazer o *frame* de diagnóstico, devem identificar e tornar público um problema, apontar causas e culpados. Quanto maior for o número de grupos que se identifiquem com o problema, maior a

possibilidade de participarem, logo aumentar a capacidade de mobilização do *frame*. Um outro aspeto, apresentado pelos autores, é o grau de interligação entre os problemas identificados e o *frame*, isto é, quanto maior for o grau de afinidade, maior o potencial mobilizador. O *frame* de prognóstico, por sua vez, propõe soluções e aponta direções, e o *frame* de motivação funciona, de alguma forma, como um pedido de ajuda para melhorar e corrigir a situação, havendo um consenso sobre os problemas, causas e soluções, constituindo, assim, uma predisposição para a mobilização dos grupos. A capacidade de mobilização de um *frame* não é somente determinada por aquelas três dimensões, mas, acima de tudo, pela forma como estão interligadas e combinadas.

Para que uma mobilização seja bem-sucedida, segundo os autores, os fatores de mesomobilização devem não só ligar-se e coordenar com grupos heterogêneos numa dimensão organizacional, mas também integrar esses grupos sob um eixo ideológico. Neste sentido, alguns autores desenvolvem o conceito de *masterframe*, nomeadamente Snow e Benford, que consiste na capacidade de integrar vários grupos de micromobilização sob a égide do mesmo tema/ causa, pelo que se criaram *frames* que vão para além daqueles que são inerentes e específicos de cada grupo ou movimento. O estudo de Gerhards e Rucht revelou a funcionalidade de *masterframes* relativamente aos efeitos de integração e da ampla mobilização que podem permitir, especialmente quando há heterogeneidade nos grupos e interesses apontados para mobilização.

Na medida em que mobilizações de grande escala baseadas na coligação tornaram-se o mais comum aspeto no panorama mundial da ação coletiva, podemos refletir acerca da função de *masterframes* em termos de dinâmica da atividade futura dos movimentos sociais, em termos de continuidade temporal ou em determinados ciclos do protesto.

Além disso, torna-se pertinente refletir também sobre a mudança e transformação dos *frames* ao longo do tempo. Os *frames* são também como um “organismo vivo” e sofrem alterações ao longo do tempo, adaptam-se e transformam-se, de acordo com o contexto, dependendo dos acontecimentos e em função do processo político e social. A intervenção de movimentos sociais num determinado *frame* tem o objetivo de provocar mudança. Sensibilizar, alertar consciências, propor soluções, influenciar a opinião pública, suscitar discussão de assuntos na esfera pública, de forma a permitir a mudança social benéfica para os membros e participantes de um determinado movimento social, é este o objetivo dos movimentos sociais e da ação coletiva.

O processo de *framing* pode compreender várias dimensões, quer ao nível da sua ampliação e da sua extensão, mas também a nível da sua transformação. Os processos de *frame bridging* não são propriamente uma alteração e transformação do *frame*, mas sim uma estratégia de amplificação e extensão, de forma a atingir mais grupos e indivíduos a mobilizar.

Snow (2004) demonstra como se desenvolve o processo de transformação de *frames*. As transformações capturadas em ambas as células A e B englobam significantes mudanças na consciencialização individual acerca de algum assunto ou problema, mas eles variam consoante a mudança e é limitada a um segmento particular ou domínio da vida social ou é mais penetrante no

sentido de ser generalizado ao longo de situações e domínios. Ambos tipos de transformações podem ser utilmente conceptualizados e analisados como conversões, mas um envolve a transformação de pensar e sentir sobre um conjunto particular de atividades ou domínio da vida (como saúde, escolaridade, auto-estima, e uso de substâncias), se a mais generalizada transformação, enquanto ser ancorada num particular domínio como a religião e a política, implica conversões que transcendem qualquer domínio individual e afeta a sua perspetiva com respeito a uma série de assuntos e situações.

De acordo com cada movimento ou grupo são definidos problemas e contexto onde intervir. Estes assuntos são constituídos ou reconstituídos como um problema social e são, portanto, o alvo para a atividade de um movimento social ou organização. Por exemplo, o movimento de mulheres no século XIX sobre o direito ao voto, ou, mais recentemente, o direito de grupos LGBT (Gays, lésbicas e transgénero) de ver reconhecidos os direitos de casamento e de adoção. Podemos apontar, como exemplo, o processo de transformação do *frame* sobre racismo que nos EUA iniciou com Martin Luther-King e grupos que participaram num movimento social além-fronteiras. Muitos dos obstáculos ao processo de desenvolvimento e emancipação de grupos sociais está presente sob a forma de estereótipos que se naturalizam na linguagem, por exemplo, contra preconceitos raciais, a frase “*black is beautiful*” constitui um índice de transformação do *frame* associado ao racismo.

Considerados, os quatro tipos de transformação de *frame* segundo Snow (2004) desenhados no Quadro 7.1.:

Quadro 7.1 - Tipologia das transformações de *frame*

Âmbito da mudança Nível da mudança	Mudança num domínio específico	Mudança generalizada
Transformação Individual	(A) Conversão para alguns grupos de auto-ajuda e movimentos religiosos (ex. Erhard Seminar Training, Alcoólicos Anónimos, Meditação Transcendental)	(B) Conversão para alguns movimentos políticos e movimentos religiosos (ex. Hare Krishna, “Moonies” – Unification Church of United States, movimentos racistas e de ódio, Comunismo)
Transformação coletiva/ Grupo	(C) Redefinição do domínio específico de estatuto de uma categoria social ou estatuto de um grupo (ex. Mães Contra Condução com Álcool, NIMBY Movements – “not in my backyards”/questões locais)	(D) Mudança generalizada na conceção da categoria (ex. Movimento de Mulheres, Movimento de Direitos Civis/ Cidadãos, Movimentos Racistas/Separatistas)

Na presente reflexão acerca da ação coletiva e dos *masterframes* é oportuno pensar nas questões culturais, como já foi dito, sendo que alguns investigadores associaram este tema ao conceito da ideologia, como conceito central para a discussão. Snow é certamente um dos autores que trata a ideologia como um conceito a ter em conta, em termos de *frames* de ação coletiva e questões culturais.

Este é o motivo pelo qual a análise de discurso é considerada um dos métodos preferenciais para os estudos neste campo.

Agora revisitada e trazida para o campo dos movimentos sociais, a ideologia já há muito que é estudada e associada às questões culturais, tendo a linguagem e o discurso como principal objeto de análise, sendo estas as estruturas que permitem a relação e, conseqüentemente, produzir e reproduzir cultura. Na perspectiva da corrente culturalista ou dos Estudos Culturais (*Cultural Studies*), que iniciou na escola de Birmingham, tem nas teorias críticas e marxistas a sua gênese, tendo por isso conhecido grande desenvolvimento e influenciado muitos estudos na europa. Além disso, a perspectiva pós-estruturalista e a conhecida “Escola Francesa” contribuiu, igualmente, para esta visão cultural dos fenômenos sociais e políticos.

No campo do estudo dos movimentos sociais, Melluci é um dos autores referência que desenvolve a sua teoria com recurso aos conceitos de discurso e de ideologia, enquanto abordagens de análise do conceito de identidade coletiva. O *framing* como modelo de análise desenvolve-se tendo por base a linguagem e o discurso e, neste sentido, a ideologia é conceito a ter em conta porque se manifesta naquelas estruturas e orienta o discurso num determinado sentido, logo a ação social. A ideologia é geralmente invocada como conceito conotado com um conjunto relativo de valores, crenças e objetivos estáveis e coerentes associados com um movimento. A pertinência do seu estudo justifica-se porque alguns investigadores têm defendido os movimentos sociais contendo estruturas que orientam a sua ação ideologicamente.

Segundo Snow (2004), a atividade dos movimentos sociais é ideologicamente estruturada, os participantes dos movimentos sociais são orientados ideologicamente ou subscrevem o mesmo conjunto de crenças e ideias, ou que os *frames* da ação coletiva são simplesmente vindos de uma ideologia ou de um *background* cultural existente.

Nestes processos de transformação de *frames*, temos de considerar a ideologia e o fato dela não ser tão estável e coerente ao longo do tempo quanto se pensava. Até há alguns anos atrás, a coerência e estabilidade ideológica revelava uma sensação de unanimidade e até a “ilusão” da homogeneidade observadas pelo comportamento, mais ou menos, previsível do comportamento das massas. A sociedade de massas, possível pela hegemonia produzida pelos meios de massa, além da criação de um *starsystem* favorável ao desenvolvimento do consumismo, também construiu e ampliou “estereótipos”, situações convenientes para as elites do poder, pois permitia uma maior previsibilidade social. Todavia, outros autores, como Turner, acreditam que as massas são raramente compostas de participantes que partilhem características idênticas, demográficas, motivacionais ou que se envolvam em comportamentos idênticos.

No campo dos movimentos sociais, estudos mostram a existência de heterogeneidade, até a existência de grupos e facções no mesmo movimento. Se pensarmos de uma forma macro, é um fenômeno recorrente a existência de uma cultura e de subculturas. A fragmentação de que Hall também defendeu, está presente em vários estudos, como por exemplo em Rochford (1985) sobre o grupo Hare Krishna

nos EUA, tendo observado contradições entre as crenças professadas e as práticas quotidianas entre os membros do grupo. Quando as crenças ideológicas e comportamentos se contradizem, o grupo é ameaçando e assiste-se à fragmentação. Explica-se assim, também, de forma estratégica, que as ideologias dos movimentos e *frames* de ação coletiva incluem sempre linhas de múltiplas ideologias culturais ou *clusters* de crenças e valores, aumentando a possibilidade de mobilização em torno de um *masterframe* que funcione como *umbrela*. A articulação do *frame* envolve a conexão e coordenação de eventos, experiências e orientações de uma ou mais ideologias. É através das práticas discursivas que os movimentos marcam um território ideológico e as crenças e as ideias se acentuam e são realçadas em contraste com outras. Os estudos realizados nesta área, como já vimos, analisam os manifestos verbais e documentos textuais presentes em cartazes, panfletos, livros, assim como nos discursos proferidos em situações formais ou informais de membros e líderes dos grupos e movimentos.

Snow (2004) defende também que os *frames* estão associados às tradições culturais e narrativas. Os processos de articulação de *frame* e elaboração não são somente facilitados ou limitados por uma amplo contexto cultural ou ação, que muitas vezes se estende para além das fronteiras nacionais ou sociais, mas isso é afetado pelo contexto discursivo em que eles estão envolvidos. Daí falar-se da análise de discurso enquanto forma por excelência de desenvolver estudos neste domínio. Desde o final dos anos 90, que os académicos orientados para a análise dos movimentos sociais a partir das perspetivas cultural e política/ estrutural têm conceptualizado estes contextos como “campos discursivos” e os estruturalistas chamaram-lhe “estruturas discursivas de oportunidade”.

Os campos discursivos são conceptualizados amplamente como territórios em que disputas de significado ocorrem (Steinberg 1999). Nos trabalhos de Steinberg é possível constatar que os significados são alvo de utilização por parte de grupos, orientados para uma verdadeira luta de classes entre proletariado e proprietários. Steinberg utiliza a análise de discurso, com base no conceito de dialogismo inspirado em Bakhtin (1977), e sugeriu a relevância do conceito de campo discursivo para a compreensão das atividades discursivas e de *framing* associados aos movimentos sociais.

Esta perspetiva permite obter uma ferramenta útil para a análise de movimentos sociais e eventos de ação coletiva como o protesto, através da abordagem do campo discursivo, onde para além dos aspetos culturais a ter em conta; como crenças, valores, ideologia, mitos e narrativas, torna-se pertinente analisar também os atores cujos interesses podem estar ou não alinhados, formando-se, assim, os movimentos e os contramovimentos, que exercem uma ação sobre um determinado tema ou acontecimento. Podemos concluir que os significados não são fixos ou estáticos, mas são sujeitos a alterações, assim como de mudanças nos contextos sociais. Se há mudança nos padrões de interação, o discurso e a identificação são especialmente suscetíveis de alterar o significado que se atribui a pessoas, grupos, nações, eventos, experiências, entre outros, e, portanto, o curso da ação social, seja ele individual ou coletivo. A perspetiva de *framing* sobre os movimentos sociais não só foca a atenção em questões de significado e nos processos interpretativos, através de significados relevantes do movimento que são gerados e negociados, difundidos e alterados, mas afirma que a ação coletiva e os *masterframes*, que

são o produto daqueles processos interpretativos, são centrais para a compreensão do curso e carácter dos movimentos sociais. (Snow, 2004)

De acordo com Snow (2004), os processos de *framing* são relevantes para compreender a vida social quotidiana, eles são particularmente relevantes para compreender o curso e o carácter dos movimentos sociais em que essa ação coletiva floresce em contextos de ambiguidade interpretativa e de contestação de significados.

Snow (2004) defende, igualmente, que *frames* de ação coletiva não são somente estruturas cognitivas localizadas nas mentes dos indivíduos, mas também propriedades das organizações ou coletividades e podem ser examinados enquanto tal. De acordo com o autor, o conceito de *master frames* é imprescindível para compreender os eventos de protesto e a mobilização que envolve coligações de grupos e organizações de movimentos, constituindo uma análise importante para entender o fenómeno da globalização ou o protesto à dimensão transnacional.

CAPÍTULO VIII – METODOLOGIA

8.1. A CONSTITUIÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E OS PARADIGMAS EPISTEMOLÓGICOS

Boaventura Sousa Santos defende, em *Um discurso sobre as ciências*, que a ciência se baseia num paradigma que usa a quantificação para a explicação do real, através da *mathesis* (a ciência da medida e da ordem), que dá lugar ao modelo lógico e matemático enquanto linguagem de análise do mundo sensível/ fenomenal. Aqui reside o modelo de inteligibilidade do real, sendo considerado científico por traduzir previsibilidade, enquanto fundamento metateórico da “repetição do passado no futuro” (Sousa Santos, 2006: 17), permitindo generalizar e formular leis universais.

Foucault (2005b), na sua “Arqueologia do Conhecimento”, defende que as Ciências Sociais constituem-se a partir do momento em que o Homem toma consciência de si próprio. Com a entrada na modernidade, ao tomar consciência de si próprio, o Homem, agora consciente de *livre arbítrio*, altera o paradigma de pensamento. O “sentido” deixa de ser legitimado através da existência de Deus, a instância por excelência da Ética e da Moral que rege a experiência. O Homem constitui-se *corpus de análise* para as Ciências Sociais, estabelecendo o seu propósito e a sua razão de existir: o de estudar um “Novo Homem”. O Homem é, por assim dizer, transformado no objeto da sua própria análise e representação.

As Ciências Sociais nascem daquela necessidade de entender o Homem, enquanto indivíduo, ser social, produtor de cultura. Para que fossem entendidas na qualidade de ciências, inicialmente, adotaram as metodologias e os instrumentos das Ciências Naturais para legitimar a sua existência e campo de ação. Correntes como o “Positivismo” de Comte nascem na senda de transferir a visão e as abordagens do mundo da “Ciência” para o campo social, entendendo os fenómenos sociais como “coisas”/ objetos. Porém, outras vozes tomaram lugar, alegando a impossibilidade do estabelecimento de leis universais nas “Ciências Sociais”, uma vez que os fenómenos sociais são historicamente condicionados, logo dinâmicos e mutáveis, criando, por isso, obstáculos à generalização e à previsibilidade.

“As ciências sociais não são objectivas porque o cientista social não pode libertar-se, no acto da observação, dos valores que informam a sua prática em geral, e portanto, também a sua prática de cientista (...)” (Sousa Santos, 1988: 20). Na obra citada, Boaventura Sousa Santos trata a problemática que tem, desde sempre, envolvido as ciências sociais, desde a sua génese, com discussões acerca do seu objeto e das suas metodologias, relativamente às ciências da natureza e exatas, assim como os diferentes paradigmas a elas associados. Segundo a opinião do autor, no nosso tempo, deixou de fazer sentido a dicotomia entre ciências sociais e ciências naturais, pois, cada vez mais se assiste ao colapso das fronteiras, sendo que estas separações deixaram de ter significado, nomeadamente as dicotomias entre natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa.

Para o processo de legitimação do campo das Ciências Sociais, e particularmente para a Sociologia, as obras de Comte (1798-1857), Marx (1818-1883) e Tocqueville (1805-1859) foram absolutamente determinantes. Comte introduz o “Positivismo” como ciência geral da evolução humana ao estipular a “lei dos três estados”: teológico ou mágico, metafísico, positivo ou científico.

Tal deve ser o primeiro grande resultado direto da filosofia positiva, a manifestação por experiência das leis que seguem no seu desempenho as nossas funções intelectuais e, por consequência, o conhecimento preciso das regras gerais convenientes para proceder seguramente na investigação da verdade (Comte, Curso de Filosofia Positiva, 1830-1842, *apud* Braga da Cruz, 2010: 158).

Em “O Capital” (1863) de Marx, a economia e a divisão social do trabalho sustentam a base de uma teoria de análise da sociedade. Por outro lado, os trabalhos sobre os sistemas políticos de Tocqueville vieram ampliar o pensamento sobre as organizações humanas ao analisar o fator “poder” nas instituições, nomeadamente no sistema democrático.

Emerge, neste contexto, o conceito de “social”, que despoleta discussões acerca da vida em sociedade e os problemas estruturais associados a um novo tipo de organização social que surge no período pós feudal e que prepara o terreno para a eclosão da revolução industrial. Com Marx, assistimos a uma sociedade dividida em duas classes opostas, os “burgueses” capitalistas, detentores do capital e dos meios de produção, e o proletariado. Neste sentido, Marx alega existir uma “estrutura” e uma “superestrutura” que regulam e estão na gênese de toda a interação e organização social. A noção de “social” encontra-se, então, associada às consequências daquela “dialética” entre classes e às condições de vida dela resultantes.

Simultaneamente, ao irradiar de múltiplas formas de organização social, de movimentos sociais, através do associativismo, surgem as primeiras associações profissionais, sindicatos e outras dedicadas a causas para além do “labor”. Começa, então, a existir interesse por parte de alguns intelectuais por investigar estes fenómenos sociais, alicerçando as bases para a constituição da disciplina que hoje conhecemos por Sociologia.

Ao contrário das Ciências Naturais, cujo desenvolvimento pode ser descrito enquanto acumulação vertical de conhecimento a partir de leis da natureza, as Ciências Humanas são bastante diferentes. A investigação em Ciências Sociais não somente trata de situações sociais particulares, mas, também, reflete as condições sociais da sociedade e as teorias que dominam o tempo.

Investigar aquele objeto, o “social”, coloca às Ciências Sociais um dilema: Quais os métodos mais apropriados e legítimos para investigar as variáveis do estudo? Sendo que é precisamente neste ponto que as divisões tomam lugar. De acordo com o posicionamento de cada corrente e escola de pensamento, existe, por norma, a constituição, desenvolvimento ou adoção de metodologias (Quivy, 2008) próprias e apropriadas, legitimadas para a investigação num determinado campo científico.

O debate e a contraposição entre abordagens não são recentes no campo das Ciências Sociais. As correntes positivistas consideram científicos unicamente os estudos cuja premissa se baseia na evidência de dados da experiência empírica, usando ferramentas de medida justificadas por um modelo logico-matemático, e defendem, por isso, que os dados resultantes dos métodos qualitativos não são credíveis. Por seu turno, os qualitativistas alegam que as técnicas quantitativas retiram o papel do sujeito e, por tal, não oferecem dados confiáveis.

De acordo com o artigo *Social Reasearch in Changing Social Conditions* da autoria de Alsutari, Brannen e Bickman, editado no *The Sage handbook of Social Reasearch Methods* (2008), existem, por todas as Ciências Sociais e Humanas, diferenças evidentes, em todos os países, no desenvolvimento e popularidade de métodos particulares. Desde os anos 30 que o processo amostral de pesquisa e os métodos estatísticos assumiram uma posição hegemónica, porém, os métodos qualitativos têm estado a ganhar cada vez mais terreno na atualidade. Tem havido um recente recurso e interesse por uma abordagem mista, pretendendo combinar ambos os métodos, os quantitativos e os qualitativos, aproveitando as características de cada um para produzir dados científicos cada vez mais fidedignos e completos sobre a realidade que se pretende investigar. O interesse crescente em utilizar métodos cruzados de pesquisa reporta aos anos 80, resultando na publicação de um grande número de textos escritos sobre a matéria.

Perante este novo paradigma, os investigadores contemporâneos não querem mais ficar divididos entre metodologias e em campos opostos. Por um lado, os investigadores têm muito mais a aprender com as possibilidades de aplicação de métodos e técnicas estatísticas para análise de dados. Por outro, o que se conhece por “investigação qualitativa” foi já com Malinowski (1922) comprovado com os princípios da etnografia ou com Glaser e Strauss (1967) com os da *Grounded Theory*. Diferentes métodos de analisar conversas, textos e interação social tem multiplicado a visão dos investigadores para conseguir estudar a realidade dos fenómenos sociais a partir de diferentes pontos de vista (Alasuutari *et al.*, 2008: 2).

Porque não existe progresso unidirecional no desenvolvimento social, o aparato metodológico e teórico disponível para os cientistas sociais varia consoante estejam moldados pelos contextos históricos, estruturais e culturais. A noção comum de que “metodologia” consiste numa “caixa de ferramentas” coletiva é ilusória. As tradições metodológicas variam de acordo com as sociedades e são alvo da moda que as tornam populares num determinado momento do tempo e num particular contexto relativamente a outros (Alasuutari *et al.*, 2008: 3).

Alan Bryman, no artigo *The end of the paradigm Wars?* (2008), defende que as “guerras de paradigma” centram-se no contraste das posições epistemológica e ontológica que caracterizam as pesquisas qualitativas e quantitativas. Ao nível epistemológico, existe um assunto de desejarabilidade de um programa científico natural para a investigação social, contra outras pretensões de procura de leis gerais e enfatizar o lado humano envolvido na constante interpretação dos seus ambientes em contextos específicos. Este contraste é um dos que encontramos frequentemente na batalha entre princípios

filosóficos positivistas e outros interpretativistas, baseados em estâncias metodológicas e teóricas gerais, como a fenomenologia ou o interacionismo simbólico, para uma abordagem da ação social. Os estudos quantitativos estão, tipicamente, associados a correntes positivistas e objetivistas, enquanto os estudos qualitativos estão conotados com linhas mais interpretativistas e construtivistas (Bryman, 2008: 13).

Segundo Bryman, é a presença ou ausência de quantificação que distingue a pesquisa quantitativa da qualitativa. Segundo o autor, o estádio crucial na guerra de paradigmas, e mais particularmente no apaziguar de algumas divisões, é a emergência de métodos combinados de pesquisa (Bryman 2008: 15). Sendo que a oposição entre abordagens se encontra na gênese das Ciências Sociais e uma vez que a proposta atual prevê a junção de ambos os paradigmas, convém explicitar as vantagens e desvantagens de ambos no sentido de conseguir uma triangulação metodológica.

Com os métodos quantitativos nem sempre sabemos se medem o que pretendem medir, mas por outro lado, permitem a generalização. Os qualitativos, por seu turno, têm muita validade interna, mas pouca ao nível externo, ou seja, são uma excelente opção para caracterizar, descrever, contextualizar as variáveis em estudo. Os estudos qualitativos podem ajudar a construir o objeto analítico, permitem descrever as dimensões e os limites do problema, delinear e formular proposições e hipóteses.

Alguns investigadores usam os estudos qualitativos enquanto métodos para compreender o problema, aplicando-os numa fase precedente à pesquisa quantitativa. Porém, na investigação qualitativa também muitos cientistas incorporam abordagens quantitativas para cruzar com os seus dados e alguns adotaram medidas multivariadas.

A metodologia quantitativa como abordagem de investigação social aplica um modelo de ciência natural, positivista, usando como instrumento preferencial o inquérito por questionário. Por outro lado, na metodologia qualitativa existe um compromisso para ver o mundo social através do ponto de vista do ator.

By having a positive attitude towards both techniques, pragmatic researchers are in a better position to use qualitative research to inform the quantitative portion of research studies, and vice versa. For example, the inclusion of quantitative data can help compensate for the fact that qualitative data typically cannot be generalized. Similarly, the inclusion of qualitative data can help explain relationships discovered by quantitative data. (Onwuegbuzie e Leech, 2005:383)

8.2. MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS

O presente estudo, assim como as premissas em que ele assenta, não foram definidos *a priori*, ou seja, não estabelecemos um conjunto de hipóteses que depois seriam ou não confirmadas pelos resultados, após a análise dos dados. Optámos por seguir uma orientação em torno de um objeto empírico que, a partir dele, se desencadearam procedimentos de investigação, definição de objetivos, técnicas de recolha

e de análise de dados. A problematização nasceu, assim, confrontando-nos com o objeto de estudo, em vez do desenvolvimento de quadros teóricos herméticos e estáticos. Optámos por conferir uma dinâmica maior ao estudo, com processos que se caracterizaram pela flexibilidade, aprofundando os temas com apoio da literatura, à medida que as situações se iam desvelando. Consistiu num trabalho caracterizado maioritariamente por processos indutivos que dedutivos.

Temos vindo ao longo deste trabalho a assumir um posicionamento essencialmente culturalista, com recurso a métodos que de alguma forma estão alinhados com os preceitos desta abordagem, nomeadamente a aplicação de métodos e técnicas qualitativas, quer na recolha de informação, quer no seu tratamento e análise, como é o caso da observação participante, das entrevistas semi-estruturadas, da etnografia digital, da análise de discurso e do *framing*.

Orientados desde o início para uma abordagem do tipo *Grounded Theory* (Barney Glaser e Anselm Strauss, 1967), o caminho definiu-se ao longo do percurso. O desenvolvimento de modelos explicativos, a definição de padrões ou leis universais não foram em momento algum a nossa preocupação. Antes, interessou-nos descrever e compreender um contexto.

Este percurso iniciou com o interesse pelo desenvolvimento de um tema sobre “direitos”, associado a questões pertinentes no âmbito da comunicação. Tendo por base este ponto, começámos a dirigir a atenção para a área de estudos dos movimentos sociais. Após as manifestações do 15 de Setembro de 2012, da responsabilidade do coletivo “Que se Lixe a Troika”, iniciámos a observação constante e sistemática do seu comportamento nas redes e em ambiente internet, através da recolha de informação. Em 2014 obtivemos, a partir da página de Facebook do movimento, a informação que iria ocorrer uma mobilização dia 24 de Abril de 2014, com o objetivo de comemorar os 40 anos do 25 de Abril. Considerámos que faria sentido investigar manifestações, enquadradas na temática dos direitos, associadas às celebrações da data que marcou uma viragem no caminho político e social de Portugal. Desta forma, procurámos investigar as questões ligadas ao discurso e a eventuais alterações nos processos de construção das representações daqueles conceitos, enquanto indícios de mudanças sociais pertinentes, quer ao nível das consciências, mas também ao nível das práticas, e como esses aspetos se relacionam com a utilização crescente das tecnologias da comunicação e da internet.

Interessava recolher informação de duas manifestações que não fossem organizadas por entidades oficiais, nem por organizações ditas “convencionais” de intervenção e ação política, como os sindicatos ou os partidos políticos, durante o período de celebração dos 40 anos do 25 de Abril. Assim, além de “Rios ao Carmo”, seleccionámos uma manifestação/festa intitulada “Dentro de Ti Ó Cidade”, organizada pelo Manifesto em Defesa da Cultura. Obtivemos informação sobre o evento através de um cartaz afixado na sala de professores de uma escola e, como reunia as condições necessárias, avançámos para o processo de investigação.

Para recolher os dados, recorreremos à observação participante e às entrevistas semi-estruturadas dirigidas a participantes durante a ocorrência da manifestação. No campo, foram feitos registos com notas sobre a observação, registados com recurso à fotografia, ao vídeo e ao registo sonoro. Além disso,

foram realizadas cinco entrevistas semi-estruturadas, recorrendo a um guião tendo por base os fundamentos dos Estudos da Performance (Bauman). Foram realizadas, ainda, duas entrevistas semi-estruturadas a dois ativistas selecionados pela sua intervenção e associação direta à organização daqueles movimentos e protestos, nomeadamente, Nuno Ramos de Almeida (Que se Lixe a Troika) e Pedro Penilo (Manifesto em Defesa da Cultura).

Os dados foram posteriormente codificados com base no programa *Etnograph6*, utilizando para isso a definição de categorias que apoiaram a análise. Este material, assim como os dados recolhidos através da etnografia virtual permitiram fazer uma descrição dos acontecimentos a partir da metodologia de Estudo de Caso (Yin, 2009). As entrevistas foram analisadas tendo por base os princípios da Análise de Discurso (Laclau e Mouffe, 1987) e do *framing*.

Foi igualmente desenvolvido um estudo quantitativo, com recurso a uma amostragem não probabilística por conveniência, em que se aplicou um questionário aos estudantes de todos os cursos e níveis do ISCTE IUL, entre Junho e Julho de 2015, utilizando para isso a aplicação *Qualtrics* e as listas de *email* institucionais dos estudantes. Obtiveram-se 381 respostas, mas nem todos os questionários foram validados pela ocorrência de não-respostas e *missing-values*. Assim, tomámos como orientação as respostas à questão: “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?”, tendo ficado definida a amostra composta por 377 indivíduos (n=377). O questionário era composto por 21 questões, distribuídas pelas dimensões de análise, nos formatos fechados, pré-formatados e escalas de atitudes de *Likert* (Sampieri *et al.*, 2006). Os dados foram, num momento posterior, exportados do *Qualtrics* para o *SPSS*, no sentido de desenvolver uma análise estatística com base em métodos não paramétricos.

CAPÍTULO IX – ESTUDOS DE CASO

9.1. ESTUDO DE CASO – “DENTRO DE TI Ó CIDADE”

“Dentro de Ti Ó Cidade” foi uma manifestação/festa organizada pelo Manifesto em Defesa da Cultura, dia 3 de maio de 2014, com o propósito de celebrar os 40 anos do 25 de Abril. Para desenvolver este estudo de caso (Snow e Trom 2002; Yin, 2009), recorreremos a técnicas qualitativas e quantitativas, tendo por base dados recolhidos através da observação participante durante o evento e, também, numa reunião de avaliação que ocorreu posteriormente à ação, a etnografia virtual na recolha e análise de dados da página do evento no Facebook (Hine, s.d.) e entrevistas semi-estruturadas aplicadas a um sujeito durante o evento, assim como a um informante privilegiado num momento posterior. (Blee e Taylor, 2002)

Procurámos analisar esta manifestação/ festa com o objetivo de averiguar diferenças entre procedimentos, formatos, mobilização e organização entre ações de protesto, particularmente com “Rios ao Carmo”, sem no entanto pretender criar uma tipologia. Ao longo deste estudo de caso tentaremos responder à questão “Quais as características de uma manifestação que envolve processos e recursos de base tecnológica e de organização em rede, entre os seus promotores e participantes, com a utilização de dispositivos com acesso à internet, dados e telecomunicação?”. Este caso foi selecionado tendo em conta o conhecimento e relação anteriores do investigador com o grupo, assim como a existência de um informante privilegiado que facilitou a integração, permitindo a observação participante.

Especialmente dedicado aos profissionais do sector cultural e a todos aqueles que defendem os direitos de acesso e fruição de bens culturais, a ação compreendeu uma marcha de manifestação entre o Largo do Chiado e o Largo de São Carlos, que marcou o início de uma performance e encenação coletiva, com especial participação do ativista e artista plástico Pedro Penilo. Na marcha, a utilização de faixas de várias cores associadas a palavras de ordem, foi um aspeto bastante presente e visível. Estes materiais serviram, depois, como elementos cenográficos de uma performance realizada no local, onde se desenrolou um programa com a participação de artistas, músicos, cantores e atores, nomeadamente: Tim; Vitorino; João Gil; Couple Cofee; Manuel Rocha; Carlos Canhoto; LST; SR. Alfaiate; Valete; Joana Bagulho; Pequeno Nó; Fernanda Lapa; João Grosso; Maria João Luís; Boinas&Cartolas. O evento correspondia a uma planificação e estrutura dramática, linearidade espacial e cronológica, com intervenções performativas que conduziram o espectador à cena central, um espetáculo que tinha lugar no palco. Porém, o fato das cenas intercalarem entre a performance, cuja estética se relacionava com o movimento político, e o espetáculo central, permitia a associação dos valores do movimento ao espetáculo, conferindo uma unidade estética e política.

Pode ler-se no panfleto distribuído no local o seguinte:

O Manifesto em Defesa da Cultura festeja os 40 anos do 25 de Abril, o seu projeto democrático e popular, e o movimento que gerou de cultura livre e libertadora, na sociedade portuguesa, fruto da cultura popular viva e da cultura de resistência ao fascismo. Foi também Abril, os seus valores e a sua Constituição que deram corpo à democracia cultural, entendida como livre exercício do direito, de todos e para todos, à criação e à fruição, à defesa do património e da identidade.

Mediante as características observadas, notamos uma diferença substancial relativamente ao formato do evento “Rios ao Carmo”, pois, no caso de “Dentro de Ti Ó Cidade”, a mobilização por meio de plataformas digitais não foi a mais utilizada, também se recorreu aos meios mais tradicionais com o cartaz, o panfleto, e, acima de tudo, às redes de contactos associadas aos ativistas, ao circuito institucional, como o Partido Comunista Português, Junta de Freguesia de Carnide ou da CGTP in.



Figura 9.1- Cartaz da Manifestação/festa “Dentro de Ti Ó Cidade”, dia 3 de Maio de 2014

Análise da imagem

A ação apresentou uma coerência visual e estética cuidada. Todos os materiais de divulgação, como cartazes, panfletos e página do Facebook apresentaram os mesmos elementos textuais e imagéticos, com a visível preocupação de adaptação aos diversos formatos. Além disso, os materiais cenográficos, as pancartas e os adereços apresentavam, igualmente, os mesmos elementos, cores e símbolos, o que revelou uma preocupação em seguir a orientação de uma linha gráfica definida, pressupondo conhecimentos e recursos que permitiram desenvolver os materiais e, também, produzi-los.

Ao analisar a Figura 9.1 podemos constatar que o principal elemento a ter em conta é a cor, pela predominância do verde, vermelho (2 tonalidades), amarelo e azul, assim como os elementos gráficos, que se expressam através da forma e da cor: bandeira vermelha escura, sol amarelo, mãos verdes, cravo vermelho claro. Ao centro, uma composição com utilização de *lettering* desenhado, sob a forma circular, sugere o lugar central ou lugar de reunião – o Largo de São Carlos, em Lisboa. Esta composição forma as palavras que dão nome ao evento “Dentro de Ti Ó Cidade”, retiradas da letra da canção *Grândola Vila Morena*, da autoria de José Afonso, considerada um símbolo da Revolução de Abril de 1974. De notar, ainda, a presença de um roda-pé com os logotipos das entidades que ofereceram o seu apoio à iniciativa.

9.1.1. ETNOGRAFIA VIRTUAL

Os recursos utilizados para a mobilização foram vários, inclusive a criação da página do evento no Facebook. Houve, também, a preocupação dos ativistas em divulgar nas redes sociais, enviar o convite para as suas listas de contactos do Facebook, assim como a criação de conteúdos de texto, imagem e vídeo, partilhados em ambiente digital. Todavia, o que caracterizou esta ação, não foram os meios digitais, mas outros meios mais tradicionais, como principalmente as redes de contactos pessoais dos ativistas, a rede de suporte e apoio institucional, os cartazes e os panfletos distribuídos em locais estratégicos da cidade.



Figura 9.2 - Página do Evento criado no Facebook

Ao analisar a página do evento no Facebook, podemos ver que de um total de 7327 convidados, 423 disseram que “vão” ao evento, enquanto 190 respondeu “talvez”. A página apresenta 52 publicações, sendo que 46 compreendem texto, 31 veiculam imagens e 9 partilham vídeos (ver Figura 9.3. e 9.4.)

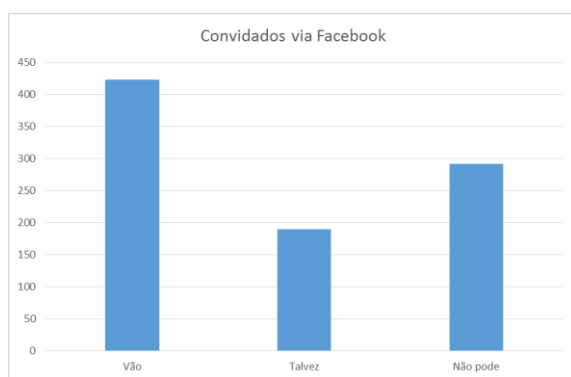


Figura 9.3 - Respostas dos convidados no evento do Facebook



Figura 9.4 - Conteúdos por tipo na página do evento do Facebook

No Quadro H.1, no Anexo H é possível observar que foi o criador da página o responsável pela maioria das publicações, Emdefesa Dacultura (14), seguido de Luísa Potlatch (10), Márcia Filipa Moura (6), Elsa Figueiredo (4), Barão Fernando (3), Carlos Rodrigues (2), Maria Papoila (2), sendo que mais 11 utilizadores publicaram um *post* respetivamente.

Os temas das publicações recaem essencialmente sobre o programa e a imagem do evento, os artistas que compõem o cartaz e, posteriormente à ação, é possível ver vídeos e fotografias sobre as atuações no local. Vejamos agora os temas das publicações: vídeo sobre Dentro de Ti Ó Cidade, atuação final de Vitorino com “Grândola Vila Morena”; vídeo com atuação de António Portanet; álbum de fotografias sobre Dentro de Ti Ó Cidade; mensagem e vídeo com atuação de Valete; mensagem com vídeo de atuação de Couple Coffee, canção “Traz outro amigo também”; mensagem com vídeo de atuação de Vitorino e outros artistas “Grândola Vila Morena”; imagem do cartaz sobre Dentro de Ti Ó Cidade; mensagem com hiperligação a blogue com textos e imagens sobre Dentro de Ti Ó Cidade; mensagem e fotografia sobre atuação de grupo musical; mensagem com imagem sobre o grupo Brigada Vitor Jara; mensagem com hiperligação com vídeo de TIM “Quero ir”; mensagem e hiperligação com vídeo de Sr. Alfaiate “O meu lugar”; mensagem e imagem de Tim; mensagem e imagem sobre Couple Coffee; mensagem e imagem sobre o ator João Grosso; mensagem e hiperligação a vídeo de Tim “Por quem não esqueci”; mensagem e imagem de Joana Bagulho; imagem sobre colocação de cartazes de Dentro de Ti Ó Cidade; mensagem e imagem de Vitorino; mensagem com imagem de perfil e apelo para aderir à página do Manifesto em Defesa da Cultura; mensagem sobre repertório do movimento; mensagem e imagem sobre Fernanda Lapa; mensagem e imagem sobre atriz Maria João Luís; vídeo de Sr. Valete “Serviço Público”; hiperligação a blogue com textos e imagens sobre Alkantara Festival e a redução de subsídios da DGArtes; mensagem sobre atualização do programa e imagem de cartaz sobre Dentro de Ti Ó Cidade; indicação que alterou a hora do evento para Sábado, 3 de Maio de 2014, 14:00 – 19:00.; mensagem sobre programação e imagem sobre Dentro de Ti Ó Cidade; imagem sobre o evento Todos os Rios Vão dar ao Carmo.



Figura 9.5 - Exemplos de posts publicados na página do evento no Facebook

9.1.2. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A relação do investigador com o grupo de pessoas que compõe o “núcleo duro” do Manifesto em Defesa da Cultura é anterior ao evento “Dentro de Ti Ó Cidade”, reporta a 2012, aquando da sua participação numa reunião nas instalações da sede da Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, para a organização de um conjunto de ações de protesto intitulado “Semana em Luta pela Cultura”, convidado por um informante privilegiado, uma pessoa que é membro ativo nas atividades dos sectores intelectual e dos professores do Partido Comunista Português. Desta maneira, foi simples a integração no grupo, no sentido de desenvolver as técnicas de observação participante em dois episódios – no evento propriamente dito, no dia 3 de maio de 2014, e na reunião, realizada em data posterior, com o objetivo de proceder à avaliação de “Dentro de Ti Ó Cidade”.

Os textos seguintes são apresentados, tendo por base os registos realizados durante as duas observações em que o investigador participou.

Dia 3 de maio de 2014, durante a manifestação/ festa “Dentro de Ti Ó Cidade”

14.40h –Estou à frente da Brasileira, no Largo do Chiado. Encontrei um conjunto de ativistas e convidados a organizar a marcha, são cerca de 100 pessoas. Vejo Pedro Penilo, no papel de liderança, a organizar o grupo e a composição da manifestação. Vejo faixas das cores verde, vermelho, laranja, azul, com frases escritas. Aparentemente as faixas e as pancartas são novas, têm uma linha gráfica coerente e homogénea, utilizam os mesmos materiais.

Os manifestantes repetem as palavras de ordem:

- “Queremos 1% para a cultura”, “O Estado tem na Constituição o apoio à Cultura como obrigação”.

Pedro Penilo grita as palavras de ordem na posição da frente, na cabeça da manifestação:

- “Nas Artes”; “No Património”; “No Teatro”; “No Cinema”; “Na Música”; “Nas Escolas”; “Na Biblioteca”; “Na Poesia”; “Na Literatura”; “Nos Museus”; “Na Investigação”;

Manifestantes dizem em coro, batendo com os paus das faixas e pancartas no chão, fazendo ritmo também com os pés e com as mãos (palmas):

- “E na rua, a luta, a luta continua!”

Dizem todos:

- “A Cultura não é fatura. É Cultura, é Cultura, é Cultura!”; “Está na hora, está na hora, do Governo se ir embora!”

O grupo desce a Rua Garrett desde o café A Brasileira, até à Porta do Centro Comercial Armazéns do Chiado.

14.55h – O grupo está à frente ao Centro Comercial e continua a dizer as palavras de ordem. Sobem às 15.00h novamente a Rua Garrett em direção ao Largo de São Carlos.

Pedro Penilo diz: - “Venham para o Largo de São Carlos: a festa do Manifesto para a Cultura”. 15.00h, Entregaram-me um panfleto com o texto do manifesto. 15.08h Passamos pela Rua do Capelo para o local da festa, em frente ao Teatro Nacional de São Carlos. Os manifestantes dizem: - “25 de Abril sempre, fascismo nunca mais!”.

Chegámos ao Largo de São Carlos eram 15.15h. No recinto, estava instalado um palco com sistema de som, um cenário com o cartaz em grande formato, algumas cadeiras espalhadas colocadas em plateia e algumas pessoas, cerca de 30 elementos, com mais de 50 anos estavam sentados e aguardavam pelo grupo. Poucos jovens presentes, exceto aqueles que compunham a marcha da manifestação que, na maioria, eram elementos do Manifesto em Defesa da Cultura.

As faixas eram suportadas por 2 ou 3 manifestantes. Chegados ao local, os elementos posicionam-se em pontos previamente estabelecidos no recinto. Nas faixas estão escritas palavras retiradas de versos de letras de músicas como “Grândola Vila Morena”, de Zeca Afonso; “Liberdade”, de Sérgio Godinho; “Trova do Vento que Passa”, de Manuel Alegre; “Tanto Mar”, de Chico Buarque, assim como a versão portuguesa do hino “A Internacional”. Essas palavras, de acordo com a movimentação dos manifestantes, adquirem significados e sentidos diferentes, compondo textos ao longo da performance.

Quando a marcha chega ao local, três/quatro manifestantes irrompem da multidão e iniciam um momento de agitação e vozeria, com o propósito de interagir com o público, ao dizer as seguintes palavras de ordem:

- “Trabalho sim, desemprego não!”

Os manifestantes sobem, um de cada vez, a um palanque, colocado do lado esquerdo do palco (quando visto de frente), e leem um manifesto. Dizem ao longo da leitura: - “Também na Cultura, trabalho sim, desemprego não!”.

De acordo com o panfleto, vão atuar os seguintes artistas: Tim (Xutos&Pontapés), Vitorino e João Gil; Couple Coffee; Manuel Rocha e Carlos Canhoto; LST; Sr. Alfaiate; Valete; Joana Bagulho; Pequeno Nó; Atores: Fernanda Lapa, João Grosso, Maria João Luís, Boinas & Cartolas.

No palco, a agitação com a leitura de manifestos no palanque, dá lugar à atuação de Joana Bagulho, no palco, que toca cravo, um instrumento de cordas pintado de vermelho.

No recinto, alguns elementos vendem pins do Manifesto em Defesa da Cultura ao público e distribuem águas pelos restantes ativistas, devido ao calor.

Depois, Tim sobe ao palco e profere algumas palavras antes da atuação:

- “Pode parecer estranho, numa altura como esta, mostrar alguma unidade. Não sou uma pessoa que dependa do Estado para fazer a vida profissional”; - “A arte deles não é tão barata quanto a minha”; - “Devemos estar juntos, porque assim somos mais fortes, e manter as nossas posições de forma mais concreta e mais eficaz.”

O artista canta e toca a canção de José Mário Branco “Engrenagem”, canta também a música dos Xutos & Pontapés, “Voar”.

Pedro Penilo sobe ao palco e lê um discurso de posição sobre o Movimento em Defesa da Cultura. Refere os apoios para a viabilidade da ação: Voz do Operário, Casa do Alentejo, CGTP; Trabalhadores do Teatro de São Carlos; Junta de Freguesia de Carnide. Diz que o objetivo da iniciativa é a celebração dos 40 anos do 25 de Abril. O teor do seu discurso é de constatação de uma situação difícil na área da cultura e dos profissionais do setor em Portugal. Do seu discurso, destacam-se as seguintes frases: - “Há que lembrar que houve alguém que sempre disse não!”, - “A constituição de Abril que a reação se forma para destruir”, - “Mercantilização da cultura”, - “O Manifesto em Defesa da Cultura envolve mais de um milhar de cidadãos nas suas manifestações”, - “O direito de todos à cultura”, - “Dignificação do trabalho daqueles que se dedicam à vida cultural deste país”, - “A cultura produz um valor que não tem preço”, - “Não aceitamos este rumo de desastre”, - “Estamos em guerra e é preciso fazê-la”, - “Viva o 25 de Abril”.

A terceira atuação no palco canta uma música do Zeca Afonso. Faz alusão a Pinochet que decidiu proibir as manifestações populares.

Para além do palco, é possível observar no local a presença de uma equipa técnica de apoio de som, de reportagem audiovisual, assim como equipamento de som profissional, régie com mesa de som.

O ator João Grosso leu poema canção de Sérgio Godinho, “Liberdade”.

Os elementos cenográficos, que são constituídos por faixas de pano suportadas por duas hastes seguradas por, pelo menos, dois ativistas do Manifesto em Defesa da Cultura, vão compondo o cenário que se altera de tempo a tempo, constituindo textos e sentidos diferentes: Faixa laranja - “Que diz”; Faixa laranja - “A Paz”; Faixa laranja - “Alguém”; Faixa laranja - “O Pão”; Faixa laranja -

“Sem”; Faixa laranja – “Sempre”; Faixa azul – “O Povo”; Faixa azul – “Ordena”; Faixa azul – “Mar”; Faixa vermelha – “Não”; Faixa vermelha – “Amos”; Faixa vermelha – “Uma Terra”; Faixa verde – “Quem”; Faixa verde – “Tanto”; Faixa verde – “Saúde”; Faixa verde claro – “Mais”; Faixa verde claro – “É”; Faixa verde claro – “Educação”; Faixa verde claro – “Habitação”; Atuação do quarto artista (um terceto).

Momento de vozearia, os ativistas referem as seguintes palavras de ordem: “A terra é de quem a trabalha!”.

No palanque, um ativista lê um manifesto, é possível registar as seguintes frases:

- “Os teatros são a nossa terra”; - “O património é a nossa terra”; (...); - “A ciência é a nossa terra”;

- “A terra a quem a trabalha”.

Entre os participantes, no público, observo o dirigente do PCP, eurodeputado e ex-candidato à Câmara Municipal de Lisboa, João Ferreira.

16.40h - Atuação do coletivo Couple Coffee, cuja vocalista de origem brasileira, referiu algumas palavras cantadas, nomeadamente: - “... no Brasil já morreram na tortura mais de mil”; - “fascistas a palavra de ordem é XÔ”. O grupo apresenta as músicas de Zeca Afonso “Vampiros” e “Traz um amigo também”.

Fernanda Lapa lê um poema de Manuel da Fonseca, “Antes que seja Tarde”.

Atuação de Dj Sr. Alfaiate apresenta um scratching mixing feito com discursos e músicas de intervenção.

Maria João Luís lê o poema de Sophia de Mello Breyner

A atuação dos “Pequeno Nó”, constituído por Rui Galveias e Pedro Salvador tocam os temas de Chico Buarque, “Fado Tropical”, e “Coro da Primavera”, de Zeca Afonso.

Momento de vozearia. Os ativistas gritam - “O Povo unido jamais será vencido!”.

Referência ao Prof. Manuel Gusmão (Subscritor primeiro do Manifesto em defesa da Cultura).

Pedro Penilo pede apoio ao público de “camaradas” para substituir os elementos na cenografia, para segurar as faixas devido ao calor.

Atuação de Valete que atua com um RAP composto com a música de Zeca Afonso.

Existe uma voz off que faz a ligação entre os vários quadros/ cenas do espetáculo/ performance e que serve de fio-condutor.

Participação da arqueóloga Ana Mesquita.

Momento de vozearia – Os ativistas dizem: - “1% p’rá cultura, queremos 1% p’rá cultura!”; - “na cultura a luta continua”.

Neste momento também eu estava a segurar uma faixa e uma das ativistas disse para outra: - “O Pedro Penilo disse nesta última formação que era para a gente berrar!”.

18.05- Última formação de cenário. Os ativistas movem-se com as faixas que compõem o seguinte texto:

A PAZ/ O PÃO/ HABITAÇÃO/ SAÚDE/ EDUCAÇÃO

UMA TERRA/ SEM AMOS/ --/ TANTO MAR

HÁ/ SEMPRE/ ALGUÉM/ QUE DIZ/ NÃO/ --/ O POVO/ É/ QUEM/ MAIS/ ORDENA

18.12h – Todos os artistas sobem ao palco.

Momento de vozearia. Ativistas dizem: - “A luta continua, e na rua a luta continua”.

Atuação de Vitorino e João Gil cantam “Grândola Vila Morena”, de Zeca Afonso.

Os presentes no recinto, cerca de 250 pessoas, cantaram e ao mesmo tempo erguiam o braço de punho cerrado, símbolo da classe operária e dos movimentos socialistas/ comunistas.

No final, ativistas dizem palavras de ordem:

- “25 de Abril sempre, fascismo nunca mais”.

- “Está na hora, está na hora, do governo ir embora”.

O público começa a dispersar. Enrolam-se as faixas e os panos da cenografia.

Ouve-se música gravada – Carlos Paredes.

As pessoas cumprimentam-se e formam-se pequenos grupos. Alguns falam de assuntos como as condições de trabalho, os vínculos laborais, os salários.

Alguns ativistas arrumam os panos todos no mesmo local, arrumam-se as cadeiras, desmontam-se as aparelhagens e as estruturas.

Observa-se que para além dos ativistas, também existem técnicos e funcionários de organizações, como da CGTP e da Junta de Freguesia de Carnide.

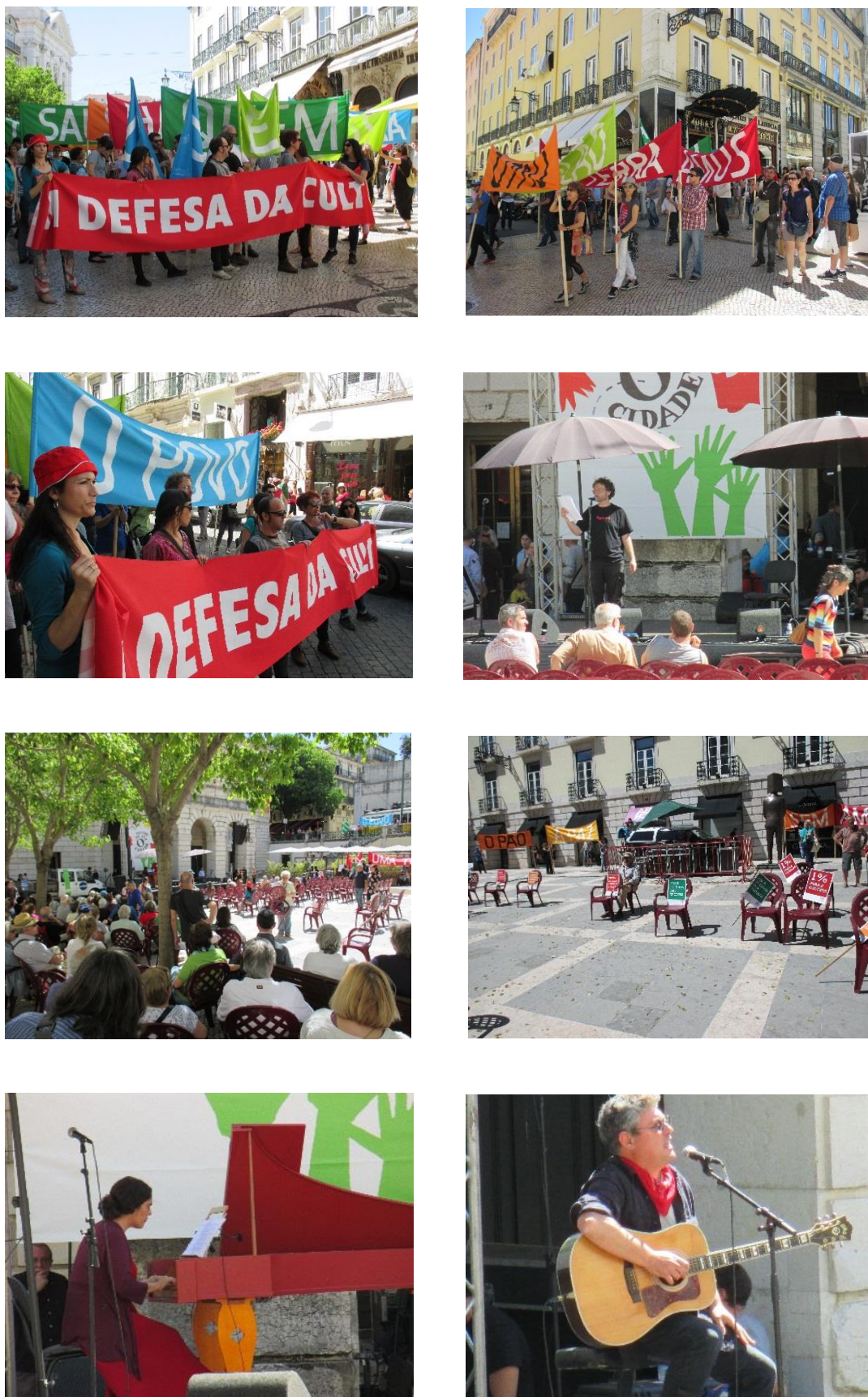


Figura 9.6 - Imagens recolhidas no Chiado e no Largo de São Carlos durante a manifestação/festa “Dentro de Ti Ó Cidade”, dia 3 de maio de 2014

Dia 23 de maio de 2014, durante a reunião do núcleo de Lisboa do Manifesto em Defesa da Cultura para balanço da ação “Dentro de Ti Ó Cidade”

Pertenço ao grupo do Facebook do Manifesto em Defesa da Cultura, como tal recebo por essa via e por email informações sobre as atividades do movimento. Soube através deste meio que iria realizar-se, dia 23 de maio, às 20.00h, uma reunião com o objetivo de fazer o balanço da manifestação e festa “Dentro de ti Ó’ Cidade”. O convite dizia: Bar anos 60, na Mouraria. A informação reduzida pressupunha que a maioria dos participantes conhecesse o local. Eu, para conseguir encontra-lo, tive de perguntar a pessoas do bairro. A minha sorte foi ter encontrado uma pessoa conhecida na rua, que me deu as indicações de como chegar ao sítio.

Encontrei o Bar Anos 60 e como estava fechado presumi que fosse na porta ao lado. Achei estranho que a reunião se realizasse num bar. Afinal, a reunião realizava-se no 1º andar, por cima do bar, subindo umas escadinhas, encontrava-se uma pequena porta com uma placa que dizia: “Associação Dinamiza Mouraria”. Cheguei atrasado, às 20.45h, mas, felizmente, por estar pouca gente àquela hora, o Pedro Penilo aguardava ainda que mais elementos chegassem, pois estavam todos um pouco atrasados naquela noite de sexta-feira.

Encontro quatro pessoas sentadas à volta de uma pequena mesa numa sala exígua. À medida que foram chegando, o espaço tornava-se insuficiente. Primeiro, Pedro Penilo perguntou-me o nome, pelo que eu respondi: - “Nuno“, e ele disse: - “Porque há outro Nuno, o Nuno Marcolino”.

Os elementos que estiveram presentes e que eu consegui registar foram: Pedro Penilo (Artista Plástico); Ana Moreira (Professora); Elsa Figueiredo (Bibliotecária aposentada); Isilda (Professora de Filosofia); Tânia; Tiago; Zé Manuel Teixeira; Helena; Alexandre; Ana Mesquita (Arqueóloga); Isabelinha.

Pedro Penilo disse: - “Um ritmo alucinante. Reuniões todas as semanas”. É necessário retomar o ritmo normal.

A reunião serve para fazer o balanço da iniciativa da Festa “Dentro de Ti Ó Cidade”. Nesta primeira reunião, Pedro Penilo admite que será difícil fazer o balanço de forma sustentada, mas acredita que na próxima reunião é possível trazer uma opinião apoiada em factos, é importante que aconteça. - “Muitos de nós, (refere Pedro Penilo), tiveram responsabilidades na construção do programa. Foi a maior iniciativa do Movimento em Lisboa, envolveu um maior número de pessoas responsáveis, palco, empresa de som... Foi diferente da “Semana de Luta”, deve ser tratada de uma maneira especial”, acrescenta Pedro Penilo.

-“Temos hoje um núcleo de ativistas muito maior do que tínhamos há uns meses atrás”, refere Pedro Penilo.

Continua: -“Eu ia-vos propor que na próxima semana, trazer já uns dados quantitativos de maneira que o balanço fique completo. Há uma lista longa de coisas que merecem ser tratadas, alguns aspetos que se devem avaliar. A avaliação deve ter em conta as tarefas realizadas, dentro da estrutura de tarefas”.

Tarefas realizadas: Refere Pedro Penilo que: - “ há uma rede de ativistas. É importante saber o número de ativistas e amigos que estiveram presentes e que tarefas foram desenvolvidas. Sobre o orçamento ter uma ideia genérica sobre o que “tivemos de pagar do nosso bolso, e tivemos apoios..., não precisamos falar disso”.

Pedro Penilo refere terem estado poucas cadeiras para o número de pessoas.

A divulgação: De acordo com Pedro Penilo é importante avaliar este aspeto e saber as quantidades de panfletos, cartazes, emails, posts, dados do facebook, emails e ações com a imprensa.

Helena pergunta: - “Ou me distraí ou queres fazer uma estatística?”

Pedro Penilo responde: - “Algumas pessoas têm estes números outros não. Por exemplo, saber o número de pessoas que tocámos, o impacto que teve na imprensa. Proceder a uma avaliação dos vários momentos deste programa – 25 de Abril, 1 de Maio, da Festa, Espetáculo.”

Para o relatório, na opinião do Pedro Penilo, é preciso avaliar os aspetos da cenografia, sobre a agitação, sobre as intervenções políticas (de Pedro Penilo e Ana Mesquita), sobre o registo vídeo e fotográfico, fazer um balanço disso. Proceder a uma avaliação global. Falar das perspetivas futuras em que medida, o que nos deixa para o futuro após a realização deste evento.

Isilda diz que: - “O balanço tem de ser feito, é importante. A avaliação deve ser feita de forma qualitativa.” Pergunta se a avaliação deverá ser quantitativa e qualitativa.

Pedro Penilo responde que não haverá avaliação qualitativa se não houver avaliação quantitativa.

Todos participam nesta discussão, Elsa, Helena e Isilda. Discutem sobre o assunto, mesmo sem os dados é importante, deve ser falado de uma forma mais leve.

Ana Maria diz que na prática a coreografia era muito engraçada, mas que se deveria pensar o tempo e que foi complicado pelo calor que se sentia, além de que os paus eram bastante pesados. As pessoas estavam exaustas e estava muito calor. Refere a necessidade de repensar alguns aspetos.

Tiago diz que “ se querem analisar as coisas concretas, é óbvio o que o Pedro esteve a elencar e depois fazer uma análise. É um processo que tem que se fazer. Eu também não gosto de números e estatísticas”. Continua: - “Acho que o 25 de Abril foi muito forte e um grande apoio. Mesmo pessoas que são muito habituais e outros novos que apareceram. No 1º de Maio parece que houve outra mobilização. Três de Maio parece que faltou um bocado. Parece que faltou um bocado. Temos uma corrente que vinha do 25 de Abril. No Manifesto, sendo um movimento nacional, e a manifestação nacional, devemos ter mais apoio, e acabou por ter apoio da malta do costume. Tivemos participação de artistas que vieram participar de forma gratuita, com boa vontade. Senti um bocadinho o movimento nacional que se expressou. Tivemos Almada connosco. Muitos companheiros de Almada connosco.”

Elsa referiu que - “É importante para o futuro. É importante ficar registado os tempos, ter feito uma divulgação cedo demais. Tudo é possível quantificar. Relativamente ao efeitos que estavas dizer (dirigindo-se à Ana), tanto podia chover a cântaros ou é difícil chegar à perfeição. Essa falha era difícil.

Eu senti que a grande falha deve-se às pessoas da outra banda. Na mobilização, estavam só 5 ou 6 de Almada. Não fizeram mobilização nenhuma”.

Ana Mesquita diz que - “quando falámos desta ideia ficou toda a gente borrada. Na altura identificámos problemas que havia na mobilização, nomeadamente Almada. Almada tinha outros núcleos. Deve-se avaliar o estado da saúde de outros núcleos. Ficámos assustados com isto do 3 de Maio. Mas fizemos bem ser ambiciosos. O que aconteceu no 3 de Maio, persente toda a gente, devemos defender o 3 de Maio, defender o dia de alargamento do manifesto e que fizemos contactos que nos interessa alcançar. O jantar que tivemos ali no final foi resultado disso. As opiniões nos dias subsequentes foi do mais elogioso. E gente que não estava envolvida fez comentários, que adoraram ver os panos... Relativamente às questões que me tocaram mais, a assessoria de imprensa. Contactámos um maior número de meios. A jornalista do JN presente chegou a publicar um conteúdo. Salvo o JN, Jornal Avante e a rádio Oxigénio, não me apercebi de nenhum órgão de comunicação social que tivesse pegado nisto. Quando as coisas começam a tornar-se incómodas, o espaço mediático reduz-se. Quanto a apoios institucionais, foram pouquíssimos, Teatro São Carlos, Opart. Não temos nada a apresentar. Alguns com medo de envolver-se em coisas devido a ter um cariz político. A CGTP, Junta de Freguesia de Loures. Na Sobreda, na margem sul, havia muitos cartazes colados. Alguém ajudou. Fizemos pedido de palco, tínhamos de arranjar montagem de palco, pedimos baias. Dirigimos à vereadora da cultura, fomos a todo o lado, foi sempre porta fechada. Relativamente ao vídeo, tínhamos 3 pessoas nas câmaras. Fiquei de fazer a edição do primeiro vídeo. O som estava numa cassete. Já foi começado o trabalho no vídeo”.

Isabelinha diz: - “Conseguiram o Grândola?”

Isilda é da opinião que: - “o balanço global foi muito positivo e isso foi patente. Temos de ver as dificuldades sentidas globalmente por cada um. De quem realmente trabalhou tanto nisto. Tarefas surgiram, foram-se realizando enaltecendo a participação daquelas que sem a sua participação não seria possível. Acho negativo para o movimento descuidar esse pormenor. Fiquei incumbida de ir pintar um pano, ao pé de outras pessoas que lá estavam, foi pouco. Pus os cartazes em todos os sítios.... Esta avaliação não cabe nesta exigência do apuramento... Relativamente à participação dos núcleos, quando há uma manifestação, às vezes vem mais outros de longe do que outros de cá. Tivemos alguém do Porto? De Almada era mais fácil. Temos de ver como é que se encurta a distância relativamente ao grupo de Almada. O dia em si, para lá do calor, são coisas que se podia prever. As questões climatéricas não se podia sentir assim. Foi chato ver as cadeiras todas vazias. As imagens no facebook, a imagem que passa é de toda a agente ali a cantar o Grândola. Os discursos da agitação, não conhecia aquele papel de andar lá no meio e tal. Pronto e é essencialmente isso. O pormenor que não abafe o resultado global.”

Pedro Penilo diz que, - “a organização disto teve uma grande complexidade. Fizemos sempre isto em todas as iniciativas. Um relatório quantitativo e qualitativo. Refletir e dar opinião. Evidente que eu como responsável da cenografia devo...”

Ana Maria diz: - “é óbvio que foi cansativo o calor...”

Isabel responde acerca do vídeo: - “As Câmaras eram boas, mas não eram adequadas para aquilo. O vídeo já devia estar pronto, mas nem tu vais ver por causa dos direitos.

- “Gostava de ver isto no Youtube”, diz Zé Manuel Teixeira.

Tiago: - “É claro que nós criticarmos não tem nada de mal. Acho que há um efeito positivo. Todos nós sentimos dificuldades. Não há problema nenhum acerca dos dados específicos desta análise. Estamos a tentar analisar à nossa maneira, a realidade que tentamos construir. Nós construímos, nós fizemos. Isto foi um grande evento e foi uma coisa muito boa. Muita gente ficou a conhecer o manifesto”.

Isabel – “O Manifesto já está muito conhecido”.

Tânia – “Pareceu-me que a organização tem uma característica portuguesa que é o improviso, relativamente à própria cenografia “rotativa”, estava planeada na cabeça do Pedro, e ela funcionou toda. Eu ainda ia com alguma reserva, alguma retranca. Dez pessoas a pintar panos. Quanto aos custos não sei, não tenho os dados todos. Falta avaliar os custos dos panos, tintas, paus, manga de plástico. Acho que não podemos voltar a usar os panos. Apreciação geral, quanto à nossa capacidade de organização, capacidade de trabalho. No que toca ao resultado final. Nada correu mal, que algum problema colocasse em causa a iniciativa. Se a iniciativa funcionou é porque nós tivemos capacidade de mobilização. Se as pessoas que lá estavam não estariam já dentro do nosso círculo, temos de pensar em alargar o círculo”.

Elsa (venda de pins): - “Penso que na mobilização em Lisboa, as nossas iniciativas, nas próximas, deve ser centralizado aqui em Lisboa e não entregar aos núcleos”.

Tânia: - “Não considero ter sido uma iniciativa nacional”.

Pedro Penilo: - “Também não”.

Pedro Penilo: - “Volto só a frisar o balanço qualitativo e quantitativo. Para que todos os ativistas do manifesto fiquem a saber. Acerca das pinturas, foram 3 dias a pintar, 12 pessoas. Tudo estava previsto e resultou. Os panos ajudaram a criar o ambiente. Penso que todos temos consciência do trabalho que acabámos por fazer. Não foi de facto uma iniciativa nacional, do núcleo de Lisboa, que se estendeu ao núcleo de Almada e que se estendeu aos núcleos de Setúbal. Acho que foi uma grande iniciativa do Manifesto. Mesmo reconhecendo as dificuldades, sendo uma grande iniciativa do manifesto, há uma satisfação por qualquer iniciativa do manifesto. Não sendo uma iniciativa nacional (...). Vou preparar uma lista, penso que na próxima reunião pode ser importante. Por exemplo, ter noção das tarefas realizadas, quem participou nessas tarefas. Cada um de nós pode fazer uma lista de amigos que participaram, depois temos as questões do orçamento. Conseguimos vender tudo, podemos continuar a fazer pins. Depois, divulgação; o trabalho de divulgação foi um trabalho muito bom. Foi muito bom. Foram focados muitos locais e era bom conhecer e saber se resultou a afixação dos cartazes, se não resultou. Em termos de comunicação é preciso, tem de haver uma divulgação a média distância, tem de haver a divulgação da iniciativa. A divulgação no facebook posso dizer que não funcionou bem. Há dados para isso. As quantidades de partilhas. Houve, de facto, para a quantidade de materiais,

houve uma quantidade muito baixa. Não estou a falar daquilo que impulsiona as estatísticas. Não se pode ter a certeza do alcance, saber quantas pessoas foram tocadas. Mesmo o impacto da comunicação social teve um impacto diferente. Teve uma fraca divulgação na imprensa e no facebook. Muitas ações não tiveram conferência de imprensa. Com todas as iniciativas do Secretário de Estado, o São Carlos acabou por apoiar a iniciativa. Acho que a participação no 25 de Abril – Tiago tens de passar a palavra... Acho que a Ana Mesquita tem razão. Foi um bom 25 de Abril. Acho que a festa foi bonita. Tivemos azar com o calor. Eu partilho de algumas ideias da Tânia relativa à mobilização. Mesmo assim houve problemas. Não conseguimos aproveitar o potencial de mobilização que conseguimos ter. Houve muito sacrifício, a cenografia. Todos os aspetos correram muito bem. Foi uma ação de impacto e que deu algumas belas fotografias. É preciso aproveitar este capital humano. Esta outra perspetiva de melhorar o núcleo de Almada”.

Zé Manuel Teixeira: - “Quero deixar uma palavra de encorajamento. Vejo isso como um processo de formação de um espaço. É preciso ter visibilidade, conquistando as pessoas. É como um espaço de afirmação. Foi um êxito. Quanto ao crescimento, eu sei que eles têm associações recreativas e culturais. Mesmo que mexe ao nível do formato. Representativas de outras zonas do país. Os amigos, a juventude, estamos a alargar o conceito”.

Isilda: - “Gostava que se manifestassem sobre a agitação”.

Pedro Penilo: - “Acho que a agitação correu bem. A angústia de não termos gente para os paus. Acho que aquela ligação entre agitação entre os textos lidos no palanque não funcionou bem. Acho que deu um cunho especial à festa”.

Isilda: - “Senti tantas dificuldades. Aquilo requeria a exposição das pessoas. Aquela exposição do mexer, andar, saber estar...”

Pedro Penilo: - “Aquilo era uma manifestação de ativistas. Aquilo não era teatro. Era uma iniciativa, um momento que era exclusivamente para os ativistas. Quero passar..., proponho que se falasse de dois pontos seguintes. A nossa tarefa mais imediata é aproveitar o nosso potencial. Também temos que dar algum controlo a isto. O segundo ponto sobre atividade futura. O terceiro, questões de organização do manifesto, que se prende com o alargamento do núcleo. Em relação às questões da atividade futura, o que vocês acham o que deviam ser as nossas iniciativas? Para não deixar no vazio, vou já dizer algumas: realização de contactos com entidades da cultura institucional. Outra proposta que tenho, mas não tocou as pessoas e devia ficar, há uma questão em torno da cultura – as jornadas. Fazer umas novas jornadas. O núcleo de Lisboa do Manifesto está necessitado de uma reunião de coordenação nacional. Questões de organização – fazer levantamentos de todos os amigos que estavam envolvidos na festa “Dentro de Ti O’ Cidade”. Há uma questão de organização propriamente dita. Gente com responsabilidade, com tarefas de responsabilidade. Penso que o grupo começa a ser muito grande. Todo o convívio que isso envolve, mas acho que precisamos de começar a fixar alguma organização do trabalho. Acabo por preparar todas as reuniões sozinho e depois ser acusado de falar demais”.

Isilda: - “Jornadas? Concordo. Para quando?”

Pedro Penilo: - “Final de junho. Era bom. Os temas existem. É só fazer o trabalho de mobilização”.

Tiago: - “Concordo. Penso que devia ser repensado o formato da coisa”.

Pedro Penilo:- “Cultura é trabalho! Segundo aniversário do Manifesto fizemos umas jornadas. Ideia do projeto como política alternativa. Questões de identidade. Nem todos os ativistas conhecem a identidade, a história do Manifesto”.

Isilda: - “Cultura como serviço público. Pensar em oradores com amplo conhecimento, um ator, por exemplo, a Mísia por exemplo. Alguém conhecido que pudesse preencher aquela parte para a mobilização”.

Teresa: - “Mas o objetivo é o esclarecimento dos ativistas do manifesto”.

Pedro Penilo: - “Nós divertimo-nos muito com isto. Isto é um momento para levar a sério. O objetivo disto é exatamente aquilo que foi dito. Uma maior responsabilização de serem ativistas. Cultura como serviço público, isto faz parte da forma como entendemos a cultura. Há uma parte de tédio de todo o trabalho. O tédio faz parte do trabalho propriamente dito. Temos que ter alguma preocupação com a mobilização. O manifesto é para assim dizer o portador de uma mensagem política, na área da cultura não existe”.

Ana Mesquita: - “Parece-me que é importante fazer algo direcionado para o manifesto e para os seus ativistas. Fazer momentos de debate que sejam mais amplos e abertos. “Jornadas” dá um ar um bocado formal. Podemos associar a uma componente de convívio. Penso que é importante”.

Tânia: - “Jornadas. Exposição de opinião. Produção de opinião. A minha questão, se for um debate de opinião é...aula teórica...”

Tiago: - “A minha ideia é que, eu acho que esse trabalho de formação é fundamental ser feito. Componente desse acontecimento, fazer compilação de textos do manifesto. Fazemos um documento de apoio. Convidar as pessoas para ir falar acho que é um bocado seca. Estamos a falar das jornadas como a única forma de passar a informação.”

Pedro Penilo: - “Quais são os 5 pontos do manifesto?”

Tiago: - “Sei lá agora! Nem tens o manifesto escrito para dar às pessoas. Podes ter um documento, uma compilação”.

Ana Mesquita: - “Só tem discussão coletiva! No manifesto deve ser colocada discussão coletiva”.

Elsa: - “Nestas jornadas houve”.

Pedro Penilo: - “Mas esse material existe”.

Tiago: - “As jornadas são muito boas e deverá ter uma conferência naquele dia.

Isilda: - “O que o Tiago diz é que...Troca de experiências. É haver um ponto de apoio. Um material ser entregue. Pode ser esse ou pode ser outro. Pontos de vista, de opinião. Na verdade, da necessidade de construir os materiais. Mas também podemos ter algum ponto de apoio na produção de ideias. Fazer-se uma pesquisa, um texto para esse evento.”

Elsa: - “Havia textos para ser distribuídos. Quem é que o faz. Eu acho que é mais assimilável e mais vivo.”

Tânia: - “O que me estava a fazer espécie é a questão que se secundariza”.

Ana Mesquita: - “O que o Tiago...fazemos antes um documento com a opinião. Colocaste a coisa muito mais ambiciosa do que a organização das jornadas. A questão do debate, não me aflige absolutamente nada nem fazer algum documento de apoio. Fazer algum dossiê de apoio. Para que tal seja possível, quem poderia organizar. Isto teria de implicar algum tipo de grupo de trabalho para a organização disto. Agora temos de avaliar se temos estas forças para organizar isto. Concordo, acho que é produtivo como fazemos o balanço futuro. Tendo isto no pacote das minhas dúvidas...fazemos uma modalidade mais simples, que ainda assim, nem toda a gente leu sobre a organização mais política.”

Tiago organiza as inscrições para falar à volta da mesa.

Pedro Penilo: - “Infelizmente não conseguimos que estivessem essas pessoas. Não puderam estar nessas jornadas aqueles que deviam ter estado. O alargamento do manifesto. Há uma urgência para que os ativistas dominem conceitos básicos. Requer um certo espaço de tempo, envolver aquelas pessoas, o núcleo ativo do manifesto. O manifesto é um movimento político e é de carácter nacional. O que está a ser posto é uma iniciativa de formação. Produzir um documento que norteia a atividade do Manifesto. Porque é que eu digo que não é um manifesto. A gente pode discutir determinados conceitos. Teria de haver uma iniciativa como todas as reuniões de âmbito nacional teriam de ser pensadas. Para discutir as coisas é preciso discutir os conteúdos. Nós temos necessidade desta formação. Isto em qualquer organização tem de existir. (Referia-se ao projeto, aos valores). Debate é uma coisa. Um debate público. Outra coisa é a afirmação política dos ativistas do manifesto. Têm de saber o que o Manifesto já construiu. É uma iniciativa de formação. Há gente que vai dar o seu contributo.”

Ana Mesquita: - “Dois painéis. Definição de política alternativa para defendermos o nosso projeto político. Deixar desde o início esclarecido quem vai ser responsável por cada coisa”.

Isilda: (propõe continuar noutra altura por ser tarde).

Pedro Penilo: - “O que temos de decidir hoje é se vamos fazer esta iniciativa e em que data. Acho que deve ser feita agora. Podíamos decidir hoje se fazemos ou não e deixar para a próxima reunião.

Pedro coloca à decisão do grupo a data para realização.

Pedro Penilo: - “ Vinte e um?”

(os presentes manifestam-se sobre a agenda)

Pedro Penilo: - “Alguém gostava de ficar responsável por isto?”

Alguns elementos disseram que: - “responsáveis somos todos”.

Pedro Penilo: - “Alguém que gostasse? Sendo que esta iniciativa é para os novos membros? A próxima reunião é na semana que vem”.

Alguns elementos começam a sair e outros ficam a conversar entre eles em pequenos grupos. Na parte exterior, na rua, alguns ativistas esperavam uns pelos outros e combinavam coisas entre si.

9.1.3. ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Durante a observação, foi aplicada a técnica de entrevista semi-estruturada (Blee e Taylor, 2002), com base num guião previamente estabelecido, com objetivos de investigação, questões-tipo e/ou áreas de interesse a explorar, de acordo com os pressupostos no método etnográfico do estudo da Performance de Richard Bauman (1986).

The structure of performance events is a product of the systemic interplay of numerous situational factors, prominently including the following:

1. Participant’s identities and roles
2. The expressive means employed in performance;
3. Social interactional ground rules, norms, and strategies for performance and criteria for its interpretation and evaluation;
4. The sequence of actions that make up the scenario of the event” (Bauman, 1986:3-4)

Com base na proposta de Bauman (1986) de “situational factors”, desenvolvemos os pontos de base do guião de entrevista semi-estruturada a aplicar durante o evento:

- a) Idade?
- b) Profissão?
- c) O que fazes aqui?
- d) Como te sentes? Qual a emoção que sentes neste momento?
- e) Como tomaste conhecimento desta ação?
- f) Pertences a algum grupo?
- g) (Se sim) Qual?
- h) É um grupo que tem por base plataformas digitais/ internet?
- i) Conta-nos o que vais fazer e que não vais fazer.
- j) Usas telemóvel?
- k) (Se sim) Vais tirar fotografias? Vais publicar? Onde? Envias SMS ou MMS antes, durante e depois?
- l) Combinaste com amigos/ companheiros?
- m) (Se sim) Como?

Para a seleção do sujeito seguiu-se um método por conveniência, ou seja, de acordo com os seguintes fatores: i) encontrar-se no local da observação e ser identificado como membro ou enquanto elemento próximo do grupo em questão (interação com outros elementos do grupo, forma de vestir, atividades que o sujeito se encontrava a desempenhar no local no momento da observação) ii) disponibilidade para responder às questões.

Posteriormente, as entrevistas foram codificadas e os segmentos de texto distribuídos por 14 categorias: “25 de Abril”; “Background de Experiência”; “Identidade Coletiva”; “Identidade

Individual”; “Internet e Mobilização”; “Internet e Movimentos Sociais”; “Manifestações”; “Meios e Expressão”; “Motivações Coletivas”; “Motivações Individuais”; “Movimentos Sociais”; “Movimentos Tradicionais”; “Organização e Recursos”; “Telemóvel e Mobilização”.

Análise Entrevistas

A respondente 5 (R5) foi motivada a participar no evento pela presença da irmã, que esteve envolvida. A respondente, apesar de não pertencer a um grupo formalmente, costuma acompanhar as iniciativas do Partido Comunista, onde a irmã é membro ativo. A participação neste tipo de eventos é habitual, pois assume ter a responsabilidade de assistir e passar a mensagem aos outros. Demonstrou algum receio no desenvolvimento de atividades e especialmente na partilha de conteúdos nas redes sociais por trabalhar, em situação precária, numa empresa que é contrária ao seu posicionamento ideológico e político. Combinou com amigos para se encontrar no local através de telefonemas.

R5 - *Ahh... deixei Lisboa há pouco tempo, vim a este acontecimento onde a minha irmã está envolvida e ela também faz anos... juntou-se tudo... vim festejar.*

[MANIFESTAÇÕES]

[Entrevista Dentro de Ti O...: 15-19]

R5 - *Faço aqui é ajudar, de certa forma, os que ajudam a montar estas iniciativas, é dar apoio e depois é passar a mensagem às pessoas que... em meu entender estão menos bem informados mas que estão recetivas a ouvir.*

[MANIFESTAÇÕES]

[Entrevista Dentro de Ti O...: 83-89]

R5 - *Através da minha irmã*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Dentro de Ti O...: 41-41]

R5 - *Acompanho as iniciativas do partido, sim.*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Dentro de Ti O...: 63-64]

R5 - *A minha irmã é partidária e eu vou acompanhando...*

[IDENTIDADE INDIVID]

[Entrevista Dentro de Ti O...: 53-54]

R5 - *Partido Comunista*

[IDENTIDADE INDIVID]

[Entrevista Dentro de Ti O...: 58-58]

R5 - *Não, não pertença a nenhum grupo na internet nem a nenhuma plataforma. Sou ativista nos assuntos em que acredito, tal como políticos, tal como... eu por exemplo não como carne, e o que acredito tento incentivar os outros.*

[IDENTIDADE INDIVID]

[Entrevista Dentro de Ti O...: 71-77]

R5 - *A nível político não, devido ...à...ao meu trabalho. Devido ao facto de trabalhar para uma grande empresa que tem uma vertente política diferente. Tento proteger-me.*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Dentro de Ti O...: 118-122]

R5 - *Se calhar devia, mas como tenho uma situação precária, não devia.*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Dentro de Ti O...: 126-127]

R5 - *Telefonemas...*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Dentro de Ti O...: 144-144]

9.1.4. ENTREVISTA COM INFORMANTES PRIVILEGIADOS - *Pedro Penilo*

Pedro Penilo é um dos principais ativistas do Manifesto em Defesa da Cultura, com envolvimento muito intenso na sua organização, pelo que decidimos solicitar-lhe uma entrevista no sentido de ajudar à compreensão do que envolveu a organização de “Dentro de Ti Ó Cidade”, mas também conhecer a sua experiência em movimentos e ações de natureza política, assim como recolher mais informação sobre as práticas e organização do movimento, nomeadamente a utilização das TIC e da internet. Seleccionámos Pedro Penilo de acordo com os seguintes critérios: i) estar envolvido ativamente no Manifesto em Defesa da Cultura; ii) ter um *background* de experiência na participação de movimentos sociais e na organização de manifestações e ações de protesto; iii) estar disponível para ser entrevistado.

Foram definidos os seguintes objetivos:

1. Conhecer o perfil e background (identidade, motivações) do ativista (nível individual)
2. Conhecer o movimento e a relação do ativista com ele (nível coletivo/grupal)

3. Averiguar acerca dos meios usados e o papel da internet em dois níveis:
 - a) Na génese, manutenção e ação do movimento/ relações/ redes/ repertório
 - b) Na atividade de mobilização para a participação em atividades (enquanto veículo de informação/media de comunicação estratégica ou forma de relacionamento nível comunicação interpessoal mediada tecnologicamente)
4. Representações sobre a internet e a sua importância para o modelo democrático

Desta forma, o guião de entrevista foi desenhado compreendendo as seguintes questões:

- a) Ativista ou militante?
- b) Há quanto tempo se interessa por atividades desta natureza?
- c) Qual a relação entre a sua atividade profissional (Artista Plástico) e a sua atividade política (saber se pertence a partidos ou outras organizações)
- d) O que é o “Manifesto em Defesa da Cultura”? (reportório, objetivos, como surge?)
- e) Qual a sua opinião sobre o sindicalismo e luta de classes
- f) Qual a sua relação com as novas tecnologias da informação/ internet (só para informação ou há redes de relacionamento digitais)?
- g) Considera importante a sua utilização para o manifesto em defesa da cultura? Em que medida? Como as utiliza?
- h) Qual a sua opinião sobre o papel que a internet desempenha para a democracia?
- i) Que meios são utilizados para mobilizar as pessoas para as manifestações?
- j) Que materiais, mensagens e estratégias criativas utilizam?
- k) Reportando à manifestação “Dentro de ti Ó Cidade”, como surgiu a ideia?

A entrevista foi combinada com Pedro Penilo através do perfil de Facebook “ISCTE Investigação”, por meio da ferramenta de *chat* de conversação, contacto que foi reforçado através de um informante privilegiado. Realizou-se dia 22 de junho de 2015, no café do Cinema São Jorge, em Lisboa.

A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita e codificada com apoio do programa *Etnograph 6*, com base na definição de 14 categorias, no sentido de estruturar a sua análise: “25 de Abril”; “Background de Experiência”; “Identidade Coletiva”; “Identidade Individual”; “Internet e Mobilização”; “Internet e Movimentos Sociais”; “Manifestações”; “Meios e Expressão”; “Motivações Coletivas”; “Motivações Individuais”; “Movimentos Sociais”; “Movimentos Tradicionais”; “Organização e Recursos”; “Telemóvel e Mobilização”.

Pedro Penilo tem já um longo caminho no que respeita à intervenção e ação política, pois desde muito cedo que se mostra preocupado e interessado em participar. Assume ser um militante comunista, aí reside a sua identidade política, sempre associado ao PCP.

Ahhh...a minha militância e...dos meus irmãos ehhh começa muito cedo. Não só era normal as crianças na altura...a política era, era algo que atravessava toda a sociedade, portanto, muito mais, como é normal, do que hoje acontece. O interesse pela política, a discussão política, na minha família, isso era multiplicado por dez, né? Então...eu sou...ativo politicamente desde, desde cedo...Não queria dizer, não diria, logo a seguir ao 25 de Abril, tinha dez anos, mas, com 12, 13 anos já participava em ações e em atividades políticas e... isso é absolutamente estruturante na minha vida, digamos que...condiciona tudo o resto. Tenho outras facetas da minha vida e...mas, mas a atividade política, a necessidade de partici...de agir politicamente e agir politicamente coletivamente, não é?, com outros, é uma constante na minha vida.

[IDENTIDADE INDIV.]

[Entrevista Pedro Penilo: 72-96]

Sempre associado, sim, no ponto de vista partidário, sempre associado ao PCP.

[IDENTIDADE INDIV.]

[Entrevista Pedro Penilo: 100-102]

O Manifesto em Defesa da Cultura surge, como muitos movimentos, pela insurgência de um grupo de pessoas contra a política que no final do governo PS com José Sócrates e, depois, com o novo Governo de Passos Coelho, começa a ser posta em prática por cortes no orçamento na área da cultura, numa atitude, que segundo Pedro Penilo, era negligente não só para quem é profissional da área, como também no que respeita ao direito à cultura por parte dos cidadãos, o que deveria ser da responsabilidade do Estado assegurar e respeitar, de acordo com a Lei da Constituição da República.

começou por ser uma posição de... uma posição política de personalidades da...das várias áreas da vida cultural quando, em Dezembro de 2011, quando já tinha tomado posse o atual governo, tinha havido no anterior Governo de José Sócrates e da Ministra Gabriela Canavilhas, já então se enunciava uma série de direções políticas, de linhas políticas, de profundo ataque à ... ao direito à cultura, ao entendimento de que para cumprir, digamos, o enunciado constitucional de direito à cultura e das obrigações do Estado para garantir esse direito dos cidadãos, havia toda uma série de medidas e um discurso de legitimação destas medidas que era partilhado pelo PS e pelo PSD e que, com a tomada de posse do atual governo, e as primeiras medidas que esse governo tomou já sob o memorando de entendimento, previa de uma gravidade enorme, já com consequências muito grandes, já tinha havido os PECS todos do governo socialista e, portanto, ahhh uma precaridade imensa no, enfim, no trabalho cultural, ahhh, cortes brutais desproporcionados nas verbas nos apoios às artes, ahhh caos na administração do Estado, do património valioso que Portugal tem e que conduziu a uma desorganização dos serviços, ineficácia... Portanto foi...foi fundamentalmente essa tomada de posição. Entretanto, ahhh algumas das pessoas mais envolvidas neste, enfim, em organizar, contactar as

personalidades, redigir o texto, tinham tido outras experiências anteriores de ação política na área cultural, que as tinham deixado muito insatisfeitas e, portanto, foi uma perspetiva crítica em relação a duas coisas; primeiro tradicional ausência de ação política nos meios culturais, preconceito dos meios culturais em relação à ação política e sobretudo ação política organizada e... a necessidade, a falta que isso fazia, não é, nestes centros e depois, por outro lado, dos poucos momentos em que havia um esboço de ação política ela era conduzida por... eh, vamos dizê-lo, por entidades empregadoras, portanto, um lóbi em defesa de aspetos eh, muito particulares, sem qualquer tipo de solidariedade para com a imensa massa, a “arraia miúda”, digamos que toda a gente que trabalhava nos vários domínios da cultura e que, enfim, passava, enfim, as “passas do Algarve”... e isto num contexto em que se pode dizer, que, sobretudo na área artística, mas não só, no associativismo popular, o grosso do trabalho cultural que se faz em Portugal se faz sem qualquer tipo de compensação, quer dizer, a maior parte do trabalho, do trabalho que se faz em Portugal na área da cultura é trabalho que se faz por amor à camisola, é um serviço público que se presta, e... eh, as pessoas que o fazem não vivem disso, vivem com grandes dificuldades e que querem ter essa atividade em paralelo com a atividade de subsistência, vivem...viventem mal, vivem com dificuldades, dedicar muito tempo a, digamos que, não era, não é uma situação..., é essa a tradição, mas não é uma tradição boa... Portanto em função destas três, destas três...destes três pontos de crítica, sentiu-se que era o momento de tentar, na altura não havia nenhuma ideia de que pudesse daí...vir...tentar a criação de um movimento de cidadãos em defesa da cultura. Na altura entendeu-se, não estamos a falar de uma reunião em que se decidiram todas..., é um processo, a ideia inicial é simplesmente a criação de um movimento, depois, a pouco e pouco, a própria experiência desse grupo de pessoas, que eram pessoas espalhadas pelo país, ... mas que se tinham juntado num processo que tinha havido em 2010 chamado “Processo das Plataformas das Artes”, o próprio processo de criação do movimento, depois levou a uma configuração mais...clara do que é que seria esse movimento, por exemplo, o entendimento de que não deveria ser um movimento de trabalhadores da cultura, apenas que podia ser um movimento que colocasse na posição de defesa da cultura, do ponto de vista de direitos dos cidadãos à cultura. Isso, isso ao mesmo tempo que salvaguardava os próprios direitos dos trabalhadores da cultura, não permitia, precisamente, que..., este, direito à cultura, que o papel importante que a cultura representa numa sociedade ficasse refém de um determinado grupo, portanto, pudesse ser sempre pensado no seu todo, no seu todo não apenas tendo em conta todas as áreas de intervenção da cultura, portanto não apenas as artes, mas o património, o associativismo popular, a própria administração da informação de arquivos, as bibliotecas, e...não apenas nesse ponto de vista, mas também do ponto de vista do interesse do cidadão deste país que...que não tem, não tem acesso à cultura, não tem acesso à cultura como produtor de cultura, ou seja não apenas como alguém que vai ver um filme, mas como alguém que ao longo da vida tem a experiência...da cultura como produtor, como pessoa que age, não é?

[MOVIMENTOS SOCIAIS]

[Entrevista Pedro Penilo: 582-724]

O reportório do Manifesto de Defesa da Cultura incide especialmente nos direitos culturais e de acesso democrático aos bens desta natureza e à sua fruição, pelo que, as suas medidas reivindicativas e de protesto se resumem na palavra de ordem que os tornou conhecidos “1% para a Cultura”, com exigências de aprovação de medidas ao nível do Orçamento de Estado.

portanto a responsabilidade do Estado é dada, pela...também é dada pela Constituição, e ainda por cima está escrito, digamos no texto constitucional, que é o que o Estado, se há um direito, o Estado deve prover os meios para que esse direito se exerça, não é...não é uma liberdade que a constituição determina, não é a liberdade das pessoas fazerem, terem acesso à cultura, é o direito, e a esse direito corresponde, terá de corresponder ação efetiva do Estado em meios, em organização em...e que cubram todo o território nacional, não pode ser só apenas nos teatros nacionais em Lisboa e Porto, a Companhia Nacional de Bailado, não tem que haver, digamos que... uma política que é feita para todos..., que tem em conta o território e os cidadãos.

[MOVIMENTOS SOCIAIS]

[Entrevista Pedro Penilo: 782-805]

No que respeita à ideologia e às motivações coletivas para ação política, o Manifesto em Defesa da Cultura é constituído por pessoas com um posicionamento político e ideológico essencialmente de esquerda e, por isso, muito próximo dos grupos de trabalho do PCP.

O manifesto é uma..., é um movimento de unidade, e, portanto, nele cruzam-se pessoas com entendimentos, pessoas da esquerda, com um programa político que se identifica com o postulado na Constituição da República e... com o legado da Revolução do 25 de Abril, pronto, para enfim, definir, de uma forma mais redonda, depois, uma série de aspetos do seu programa político no seu todo, portanto, eu diria que é um movimento de esquerda, que junta gente da esquerda, sobretudo, eventualmente gente que, sendo ou não, não se sabendo se é de esquerda ou de direita, está seriamente preocupada com o estado da cultura e entendo que o Estado tem responsabilidades nessa, na resolução desses problemas, o que é preciso agir politicamente.

[MOVIMENTOS SOCIAIS]

[Entrevista Pedro Penilo: 894-916]

O Manifesto em Defesa da Cultura não tem uma base tecnológica que fundamente a sua identidade, utiliza as TIC e a internet sem no entanto isso ser o centro da sua ação nem dos seus processos de mobilização. O movimento, segundo Pedro Penilo, orienta-se para a ação política tradicional, com intervenção direta junto da população, nas ruas. Todavia, utiliza as ferramentas digitais e a internet como um complemento, para facilitar os contactos entre ativistas de forma operacional e, também, como forma de reportar as iniciativas quando os meios de comunicação social não lhes oferece a devida cobertura.

pela primeira vez numa única ação que é uma coisa que...é...enfim não...que....pode ser muito imodesto dizê-lo mas...penso que nunca aconteceu com um carácter nacional, né? Foi uma ação assim em Lisboa, houve outra no Funchal e, depois, dia 13, em Almada, e Coimbra outras duas, boas, boas ações... Ahh e outra coisa...que me esqueci de dizer é que outra linha de intervenção do Manifesto é que é fundamentalmente um movimento virado para a ação política de rua, de massa, virado para a população, também fazemos debates, e temos muitos debates feitos, até sobre áreas específicas da ação cultural, fizemos uma...um ciclo, tanto em Coimbra como em Lisboa, um ciclo de debates chamado “Cultura é Trabalho” e sobre as várias áreas da, da, da ação cultural, da atividade cultural, mas é fundamentalmente um movimento virado para a ação política de rua, tradicional, por assim dizer.

[MOVIMENTOS SOCIAIS]

[Entrevista Pedro Penilo: 1373-1398]

Eu penso que há, que cruzam três vetores importantes. Primeiro nós funcionamos, do ponto de vista de ação política, da forma mais tradicional possível, como eu dizia há bocadinho, da minha experiência, tenho 51 anos, já participei em muitos projetos de ação política, e portanto, se o objetivo é que ela seja, persistente, continuado, que tenha construção, os meios, ahhh...a presença física é fundamental, a ação com pessoas, a reunião, a ação de rua, o contacto com os outros, direto, isso constrói, esse é o pilar fundamental de construção de um projeto organizado, projeto coletivo de ação política, porque...ahhh, por razões variadas, ahhhh...das quais não é sequer, não se pode ignorar sequer a componente afetiva, o facto das pessoas se encontrarem ahhh cria laços muitos, muito mais fortes, do que só que simplesmente nos contactássemos através do grupo no Facebook de Lisboa que normalmente usamos também para nos comunicarmos entre nós.

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Pedro Penilo: 1590-1617]

De acordo com a literatura, van de Donk e colaboradores (2004): A internet parece facilitar as formas tradicionais de protesto, até por vezes substituí-las. A facilidade de mobilização não depende somente do meio técnico, mas também, da experiência e dos contactos dos ativistas e das experiências anteriores. No caso do Manifesto em Defesa da Cultura, as TIC e a internet estão condicionadas e são utilizadas particularmente como ferramenta de contacto entre membros, enquanto ferramenta e “instrumento” operacional de trabalho e de telecomunicação. A presença nas redes sociais do Movimento ainda é “limitada”. A comunicação digital não é uma característica do grupo, nem consta como um aspeto essencial para a união e coesão entre os elementos do grupo, não constituindo, por isso, um traço identitário, é apenas visto como um instrumento.

o Manifesto usa também muito esses meios, a nossa, embora eu deva dizer que para a ação política é preciso...muito...em nosso entendimento, alguma, algum ceticismo...é verdade que esses meios ajudam muito, mas nós temos experiência, enfim, usando, nós temos uma página, não apenas uma página nacional no Facebook, já com vários milhares de aderentes, temos ahhh...grupos, cada núcleo, não todos os núcleos mas os mais importantes têm os seus grupos no Facebook, que servem de uma forma de contacto, ahhh, mas a ideia que há é que sendo importante do ponto de vista da divulgação das coisas, “há muita parra e pouca uva”, também, ou seja, ahhh...por exemplo essa ação, essa manifestação que ocorreu no dia 9, a receção com que foi recebida no Facebook não indiciava que ela seria o que foi. Ahhh...porque ehhh enfim, porque o Manifesto ainda tem um alcance nas redes sociais limitado, ahhh...e portanto, enfim, não parecia, não parecia que ia ser o que foi, de qualquer forma é um instrumento muito útil, como instrumento complementar da ação política, tradicional, aquela que envolve as pessoas fisicamente, nós reunimos aqui em Lisboa, reunimos de duas em duas semanas, um grupo que penso que há poucas organizações ahh...políticas que se possam dar ao luxo de reunir de duas em duas semanas, sempre grupos a rondar as 15 pessoas..., ativista sérios, ou seja, com tarefas, com trabalho, isso é...penso que é determinante para uma ação como aquela que nós pretendemos que seja uma ação continuada, enfim, regular, pensada, planeada e regular, mas, mas portanto, por outro lado, o bom uso dos instrumentos, das novas tecnologias de comunicação, é muito importante e também é uma... facilita muito o contacto, permite-nos ter essa rede nacional e permite fazer a divulgação, ...ahhh da nossa ação de uma maneira que seria mais difícil, sem elas, é obvio.

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Pedro Penilo: 1526-1579]

O Manifesto em Defesa da Cultura segue uma linha própria de ação, que é característica da sua identidade, valorizando o contacto físico, empregando nas suas manifestações técnicas das artes e do espetáculo, como por exemplo o teatro, as marionetas, a música. Esta é, essencialmente, uma das suas características identitárias, por ser constituído por pessoas da área cultural, utilizam aqueles recursos como forma de expressão em ações de rua ou outros formatos.

ao longo destes três anos do...da existência do núcleo de Lisboa, que é aquela a que estou mais diretamente ligado, sendo que é já um número, um acervo muito interessante da ação, da ação de rua, nos transportes públicos por exemplo, fazemos ações de agitação no metropolitano, até já se fez aí em barcos da Softlusa, nos comboios também já se fez, na rua, aí no Chiado, em sítios diversos, são ações pequenas, não é, porque envolvem pouca gente, mas, e normalmente, durante as quais se distribui um pequeno panfleto, uma coisa pequenina, com pouco texto mas que explique o fundamental, o que é o manifesto e o que é que se pretende, o que é que pretende, ahhh, na feira do livro...agora p'ra preparação para esta ação da “Cultura em Luta”, estas, como é normal, estas ações de agitação têm dois objetivos: um é fazer chegar à população...um tema político, uma mensagem, que é a mensagem

de luta em defesa da cultura, porque ela é nova, porque não fazia parte da discussão política comum, ahhh e portanto fazer chegar ao comum dos cidadãos essa, essa mensagem também é fator de ahhh... nós nunca entendemos nada, isso é típico creio eu também, ou seja, sempre foi assim, uma manifestação nunca se esgotou em si própria, o objetivo da manifestação é; é sê-lo da forma mais pujante possível

[MEIOS E EXPRESSÃO]

[Entrevista Pedro Penilo: 1618-1656]

Apesar do grupo recorrer à utilização da internet e às plataformas de redes sociais online, como o Facebook, essa não é uma característica fundamental do Manifesto em Defesa da Cultura. A Utilização daqueles meios têm uma utilização meramente operacional e de comunicação entre os vários membros do grupo/núcleo, assim como a publicação de pequenos artigos e imagens sobre as ações naqueles canais, mas isso não substitui o contacto face-a-face, as reuniões e as ações de rua. A dependência dos meios de comunicação social continua a ser grande no sentido de dar visibilidade ao grupo e às ações que preconiza no espaço público.

dar, dar a conhecer que ela existiu, né? Isso era mais difícil, com os meios tradicionais, né, porque embora...enfim...a luta...a luta de massas, antes, dispusesse de alguns meios de divulgação, pequenos jornais sindicais, boletins associativos, jornais partidários, e a sua difusão que permitiam fazer, dar a conhecer que aquela manifestação tinha ocorrido e mostrar uma fotografia dessa manifestação, é...isso...até se pode dizer que antes era mais fácil, hoje, a difusão desses jornais está muito dificultada, e também a pluralidade dos grandes meios de comunicação social acabou, né, portanto também uma coisa que ajudava de certa forma a...noutros momentos, a...os...as novas tecnologias da informação permitem fazer essa...essa economia de ação política, ou seja, fazemos uma ação porque queremos fazê-lo, porque ela é importante, ela dá a conhecer uma mensagem, dá a conhecer uma organização a outros, e conquista gente, temos casos em que gente que nos viu na rua, gente que nos viu nas manifestações vem depois a integrar o movimento porque identifica-se com a sua maneira de agir. Depois ela reforça o próprio movimento, porque as pessoas se sentem bem nesse papel, sentem que a ação fez sentido, que isso deu sentido à sua participação e depois a sua repercussão, é preciso dar a conhecer que fizemos aquilo, preocupamo-nos muito com o registo em vídeo, fotográfico, ahhh com a notícia, fazendo com que ela mais depressa possível esteja nas redes sociais, ou por email, enviamos para uma lista grande de contactos, que fazemos chegar, digamos, aos nossos contactos pessoais e depois aos do manifesto, fazer chegar a toda a gente uma fotografia daquela ação, um corpo vídeo, portanto é um aspeto importante da nossa ação.

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Pedro Penilo: 1657-1708]

portanto, há esse...diria esse vetor de ação política tradicional que é muito baseado no contacto físico, na presença, na ação de rua, direta, há essa...portanto, essa, essa, esse uso das novas tecnologias no sentido de prolongar, e de fazer com que a ação se transforme em qualquer coisa de maior, de maior impacto.

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Pedro Penilo: 1709-1717]

Às vezes sim, outras vezes não. Ahhhh Nós, no ano 2012 tivemos uma coisa chamada “Semana de Luta em Defesa da Cultura” foi a primeira ação mais complexa, mais ousada do Manifesto a nível nacional, portanto, aconteceu em várias cidades, foi em Setembro, na altura...penso...que os jornalistas não sabiam o que era o Manifesto, e o que...e existia, foi num contexto de grande ebulição, estavam a haver outras iniciativas, outras grandes mobilizações, tinha havido o 12 de Março, depois o 15 de Outubro, todas aquelas, produção de grandes manifestações de massas e nós tivemos uma receção da comunicação social surpreendente, portanto houve várias peças televisivas sobre a...ação do manifesto naquela semana, que nem sequer eram ações de grande mobilização, aqui em Lisboa foram aquilo a que nós chamámos rusgas, pequenos grupos, cada um com sua forma de intervenção criativa, sempre preocupada com a transmissão de uma determinada mensagem e que depois confluíam no largo do Camões, mas era uma coisa que envolveu prá aí cerca de uma centena de pessoas, espalhadas por esses sítios, mas pronto mas houve um interesse e...depois em Coimbra fizeram uma coisa semelhante. Ehhhh E isto teve peças de televisão.

[JORNALISMO OCS]

[Entrevista Pedro Penilo: 1807-1842]

Bom.... Essa cobertura é importante na medida em que para a maior parte da sociedade é também uma força de legitimação, ou seja, primeiro porque ela é massiva, não é, ela é imensamente mais...ela toca muito mais gente do que as redes sociais. As redes sociais têm filtros, ahhh dependem muito, não apenas dependem da própria forma de disseminação, ehhh o Manifesto é um movimento pequeno, não é, tem cerca de uma centena de ativistas espalhados pelo país todo, ahhh, não temos estrutura, ehhhh, fixa, quer dizer não temos funcionários, não temos sede. Portanto nem sempre, depende muito da disponibilidade das pessoas que trabalham...nele...há, há momentos em que as pessoas têm, que estão desempregadas, outras em que as pessoas estão a trabalhar muito, e portanto, e depois também, a...se reflète na constância da nossa ação.

[JORNALISMO OCS]

[Entrevista Pedro Penilo: 1846-1869]

Em forma de conclusão, é possível constatar alguma dependência do Manifesto em Defesa da Cultura de um modelo mais convencional, próximo de um modelo marxista de “luta de classes”, quer

pelos seus processos, quer pela sua estrutura, próprios de movimentos e associações sindicais, utilizando os mesmos códigos do movimento operário. Observou-se a existência de uma estrutura de poder, que não se esgota em si própria, mas com influências de outras organizações formais, como dos chamados “velhos” movimentos sociais e de partidos políticos (de esquerda, especialmente o PCP). A sua estrutura e razão de ser reporta bastante às características da mobilização de recursos, existindo uma preocupação evidente com os aspetos organizativos, dos recursos materiais e dos processos. Ficou patente, igualmente, uma característica que passa pela constância e sistematização dos encontros da organização, pelo contacto presencial entre os membros e por atividades que fomentem a união e a coesão do grupo, de forma a permanecer no tempo. O recrutamento de novos membros é feito, fundamentalmente, através de convite entre contactos pessoais dos ativistas, entre os “amigos”, até porque se trata de um grupo que apresenta características muito homogéneas tendo em conta os seus membros, no que se refere a crenças, ideologias, idades, experiências e *background* na área cultural.

A internet e as redes sociais são vistas como um mero instrumento, acima de tudo usado para comunicação interna entre os membros, com carácter operacional (agendar reuniões presenciais, promover e reportar as ações), mas as reuniões formais e os encontros informais são o elemento estruturante de um grupo que se organiza por núcleos regionais e um congresso ou reunião geral do movimento, ou seja, existe uma estrutura que, apesar da não existência formal de hierarquia, apresenta características de verticalidade, tendo Pedro Penilo como o principal mentor e líder. Apresenta um reportório coerente, de reivindicação junto das instituições, assumindo os processos convencionais de contestação e de ação política, próprios de um modelo democrático representativo, ao dirigirem-se aos representantes através de manifestações, ações de protesto, petições ou outras.

“Dentro de Ti Ó Cidade” constitui uma manifestação/ festa planeada com base nos preceitos clássicos, quanto à sua organização, morfologia e processos de mobilização. Caracteriza-se pela existência de um discurso de reivindicação direcionado aos representantes, à elite governante que administra os bens do Estado. O grupo sente-se lesado e insurge-se contra uma política cultural que é insuficiente, discriminatória e negligente, por não seguir os princípios e deveres presentes na Constituição da República. Neste sentido, com o objetivo de comemorar os 40 anos do 25 de Abril, que segundo o Movimento em Defesa da Cultura “Foi também Abril, os seus valores e a sua Constituição que deram corpo à democracia cultural, entendida como livre exercício do direito, de todos e para todos, à criação e à fruição, à defesa do património e da identidade” (retirado do panfleto de Dentro de ti Ó Cidade), conjuga o formato de uma marcha com um espetáculo em palco. A existência de um programa, de uma linearidade temporal e espacial denota uma preocupação com os recursos, com a conceptualização e operacionalização, que requerem processos organizados. Os procedimentos de mobilização envolvem os tradicionais meios como os cartazes, os panfletos, mas acima de tudo as redes de contactos dos membros e das organizações apoiantes, articulados com a criação de um evento na plataforma de redes sociais *online* Facebook. Todavia, parece que as redes de “confiança”, isto é, a mobilização entre amigos, é o aspeto com maior peso e ao qual se atribui maior importância no grupo.

A preocupação cenográfica, a conceção dos materiais (faixas, pancartas, palco) revela, igualmente, uma homogeneidade, uma coerência, uma estrutura e um contexto que os condicionou. Estão claras linhas de atuação, assim como processos inerentes à organização e uma estrutura de lideranças, que denota a existência de uma estrutura de poder, com processos formais e informais, dependente de regras, normas e valores consentidos e partilhados entre os membros.

Tanto em ambiente digital, como presencial, os símbolos conotados com uma ideologia de esquerda estão bem patentes, como é o caso das canções de intervenção de autores como Zeca Afonso, o poema de Manuel Alegre, a presença de figuras de destaque do PCP como por exemplo João Ferreira e Miguel Tiago.

9.2. ESTUDO DE CASO – “RIOS AO CARMO”

Com recurso à metodologia de estudo de caso (Snow e Trom, 2002; Yin, 2009), o presente ponto pretende descrever e apresentar dados recolhidos através da observação participante no evento “Rios ao Carmo”, assim como por meio da etnografia virtual (Hine, s.d.), nas dimensões *online* e *offline* (Miller e Slater, 2004) e entrevistas semi-estruturadas (Blee e Taylor, 2002). O principal objetivo é compreender os processos inerentes à realização da manifestação, nomeadamente processos de organização e de mobilização, e como estes poderão estar associados a formatos e discursos circunscritos no panorama e contexto da cibercultura.

Ao longo deste estudo de caso tentaremos responder à questão “Quais as características de uma manifestação que envolve processos e recursos de base tecnológica e de organização em rede, entre os seus promotores e participantes, com a utilização de dispositivos com acesso à internet, dados e telecomunicação?”

“Rios ao Carmo” foi um evento ocorrido dia 24 de Abril de 2014, com o objetivo de celebrar os 40 anos do golpe militar ocorrido dia 25 de Abril de 1974, a chamada “Revolução dos Cravos”, que instaurou a democracia em Portugal, após o período de ditadura de Salazar e de Marcello Caetano.

O evento foi organizado por vários grupos e movimentos da sociedade civil, com maior ou menor grau de institucionalização. O conceito-base do evento teve como premissa a imagem de vários afluentes de um mesmo rio, cuja “foz” foi o Largo do Carmo, em Lisboa, o local simbólico onde o capitão Salgueiro Maia obrigou à rendição de Marcello Caetano, dia 25 de Abril, do ano de 1974. Os vários braços do rio representaram diferentes causas e direitos reivindicados por vários e diferentes grupos da sociedade civil, entre novos movimentos sociais e movimentos tradicionais.

De acordo com o blogue que o grupo organizador desenvolveu com o propósito de apoiar a divulgação da ação¹⁷ contabilizam-se 24 grupos (ver Quadro 9.1) com ações de mobilização, propostas

¹⁷ Endereço de sítio na internet: <https://riosao Carmo.wordpress.com>, acessado em 1 de agosto de 2015.

de atividade, reportórios e locais de encontro específicos: “Bairro 25 de Abril”; “Carruagem da Liberdade”; “Comboio da Liberdade”; “Comboio de Vila Franca – Alverca – Sacavém”; “Coro ART”; “Curto e Grosso 450+Estudantes ao Carmo”; “E o Asfalto é tão Largo ...”; “Frente Poesia 25 de Abril”; “Mais um Rio – Filhos da Madrugada”; “O Mondego Também Desagua no Carmo”; “Podes Ser a Gota de Água + Afluente Marea Granate Lisboa + Com Abraços de Cultura + Gaiteiros e Percussionistas ao Carmo”; “PREC’s Not Dead + Capitães Queer – Abril Para Todas as Famílias + Movimento Basta!!! Okupar o Carmo”; “Queremos um Novo Abril”; “Rés-Vés Campo de Ourique”; “Ribeira das Águas Livres + #RiosAo Carmo”; “Ribeira de Algés”; “Rio Abril”; “Rio de Janeiro – Rabbit Hole”; “Rio da Graça”; “Rio de Todas as Cores”; “Rio 100 Artes”; “Só Há Liberdade A Sério Quando Houver”; “Triunfo dos Excravos”; “+UM RIO”.

Quadro 9.1 - Tabela Grupos Participantes no evento Rios ao Carmo, 24 Abril, 2014

REPORTÓRIO	GRUPO	LOCAL ENCONTRO	PROMOTORES	PÁGINA
Política e Democracia; Habitação	Bairro 25 de Abril	Parque Catarina Eufémia (Barreiro), 20.00h	André Carapinha; Tiago Sousa; Sílvia Coelho	https://www.facebook.com/events/817053454983282
Aumento preço títulos transporte na linha de Sintra	Carruagem da Liberdade	Comboio com partida de de Sintra às 18.55h	Manuelinho Menino	https://www.facebook.com/events/147302933626052
Vários	Comboio da Liberdade (+Um Rio)	Comboio com partida de Cascais às 20.04h	Mauro Bulamaqui Sampaio	https://www.facebook.com/events/753633924670109/
Vários	Comboio Vila Franca - Alverca - Sacavém	Comboio com partida de Vila Franca de Xira às 19.45h	Mauro Bulamaqui Sampaio	https://www.facebook.com/events/753633924670109/
Política e Democracia; Habitação	Coro ART	Metro Telheiras às 20.30h	Coroart da Associação de Residentes de Telheiras	https://www.facebook.com/events/580743068691169/
Propinas, cursos artísticos, acesso ensino superior, estudantes	Curto e Grosso 450 + Estudantes ao Carmo	Faculdade de Belas-Artes, concentração 17.00h	Associação de Estudantes da FBAUL; Estudantes ao Carmo	Curto e Grosso 450 (página não disponível); https://www.facebook.com/events/639904632726043
Política e Democracia; Direitos acesso à cultura e educação	O Asfalto é tão Largo	Largo da Achada, 20.30h	Casa da Achada; Centro Mário Dionísio; Coro da Achada	https://www.facebook.com/events/1538797589680050
Política e Democracia; Direitos Culturais	Frente Poesia 25 de Abril	Largo do Chiado, 20.30h	Frente Poesia Abril	https://www.facebook.com/events/626576217428675
Política e Democracia	Mais Um Rio - Filhos da Madrugada	Núcleo de Lisboa da Associação José Afonso, 20.00h	Associação José Afonso	(página não disponível)
Política e Democracia	O Mondego também Desagua no Carmo	Largo do Carmo, 22.00h	Francisco Norega	https://www.facebook.com/events/1457443641159999/
Política e Democracia; Direitos Culturais	Podes ser a Gota de Água+Afluente Marea Granate Lisboa+ Com Abraços de Cultura+ Gaiteiros e Percussionistas ao Carmo	Tribunal Constitucional; Rua do Século nº 111, 21.00h; 19 horas Largo do Camões;	Que se Lixe a Troika; Marea Granate Lisboa; Dogma 12; Paula Gaiteira Sousa	https://www.facebook.com/events/386499198157923/ ; https://www.facebook.com/events/781673485184754/ ; https://www.facebook.com/events/260299514150938/ ; https://www.facebook.com/events/299165266899650
Política e Democracia; Direitos LGBT; Anaquismo e Okupa	PREC's Not Dead+Capitães Queer-Abril para Todas as Famílias+ Movimento Basta!!!Okupar o Carmo	Jardim do Príncipe Real, 21.00h	Maria Crise; Panteras Rosa; Awakening on a Healthy Life	https://www.facebook.com/events/619217914820105/ ; https://www.facebook.com/events/661353807233087/ ; https://www.facebook.com/pages/Awakening-on-a-Healthy-Life/1463617390522728
Política e Democracia	Queremos um Novo Abril	Largo do Rossio, 21.00h	15 de Outubro	https://www.facebook.com/events/640079339379596/
Política e Democracia	Rés-Vés Campo de Ourique	Praça São João Bosco, Campo de Ourique, 21.00h	Carmo Rios ao	https://www.facebook.com/events/432399456863106/
Política e Democracia; Água; Liberdade e Privacidade da Internet	Ribeira das Águas Livres+#RiosAoCarmo	Banco de Portugal, Av. Almirante Reis, 20.00h	Manuelinho Menino; Anonymous Legion Portugal	https://www.facebook.com/events/231649177034855/ ; https://www.facebook.com/events/581157165313319/
Política e Democracia	Ribeira de Algés	Jardim do Parque dos Anjos, Algés, 19.30h	Assembleia Popular de Algés; Fábrica das Alternativas	https://www.facebook.com/events/860866967272246
(informação não disponível)	Rio Abril	Miradouro de São Pedro de Alcântara, 21.30h	(informação não disponível)	(página não disponível)
Arte; Direitos Culturais	Rabbit Hole	Rua das gaivotas 6	Rabbit Hole	https://www.facebook.com/events/217122208497897
Política e Democracia; Habitação	Rio da Graça	Miradouro da Graça, 20.30h	Assembleia Popular da Graça e Arredores	https://www.facebook.com/events/506845656087225
Direitos LGBT	Rio de Todas as Cores	Rua do Comércio, 8	Iga Portugal, Coro Colegas da ILGA	https://www.facebook.com/events/553426764774880
Direitos Culturais	Rio 100 Artes	Rua dos Fanqueiros, 162	Café 100 Artes	https://www.facebook.com/events/731065673583518/
Política e Democracia; Direitos das Mulheres; Habitação	Só há Liberdade quando Houver...	Largo do Intendente, 21.00h	UMAR; Associação de Combate à Precaridade; Habita; Assembleia da Habitação	(Página não disponível)
Política e Democracia	Triunfo dos Excravos	Almada 20.00h; Cacilhas 20.30h; Cais do Sodré 21.00h	(informação não disponível)	(página não disponível)
Vários	+.UM RIO	Avenida D. Carlos I	Mauro Bulamaqui Sampaio	https://www.facebook.com/events/450190238447612/

9.2.1. ANÁLISE DA IMAGEM – EVENTO GERAL

Neste estudo de caso optámos por utilizar as técnicas da Etnografia Virtual (Hine, s.d.) e a Etnografia *online* e *Offline* (Miller e Slater, 2004). Considerando que o ambiente digital é muito rico em imagens, entendemos recorrer ao método da Antropologia Visual, de forma a analisar os conteúdos de imagem estática e de imagem em movimento presentes nas publicações *online*, nomeadamente *posts* no Facebook e em blogues.

A Etnografia Virtual e a Etnografia de Redes são metodologias atuais que permitem descrever e ir ao encontro do público que usa as tecnologias da informação e da comunicação/ internet, conseguindo, assim, estar mais perto das suas práticas e representações. De forma a descrever e analisar a cultura, o etnógrafo é visto como fonte de dados para a descodificação.

A etnografia virtual é, assim, a aplicação ao ciberespaço das técnicas da etnografia usadas na Antropologia. Christine Hine nomeia esta técnica aplicada ao ciberespaço de “etnografia virtual”:

This new for mis developed as a response to the need to study communities in which the use of electronic communications such as provided by computer networks are routine. Virtual ethnography is not put forward as a new method to replace the old – rather it is presented as a way of bringing into focus both the assumptions on which ethnography is based, and the features which are taken to be special about the technologies concerned. It is argued that if we are to produce new insights about the practitioners of this culture, it is first necessary to examine the assumptions of own analytic practice, and indeed question the extent to which our analytic practices may be seen as independent of the culture which we study. (Hine, s.d.:2-3)

Porque os cientistas sociais estão hoje incrivelmente interessados em estudar as inovadoras formas organizacionais possíveis através dos novos media, optam por associar técnicas de análises de redes à etnografia, usando uma técnica qualitativa mista, que Howard nomeia de “Network Ethnography”.

Jay Ruby (1996), apud José da Silva Ribeiro e Sérgio Biron (2007: 13) refere que:

antropologia visual, como a antropologia em geral ou a etnografia, decorre em primeiro lugar da ideia de que as culturas se revelam através de formas e símbolos visuais subjacentes aos gestos, cerimónias, rituais e artefactos situados em ambientes construídos e naturais. A aprendizagem ou a perceção de uma cultura, longínqua ou próxima do outro ou a nossa própria cultura, pressupõe pois uma atividade de atenção que mobiliza a sensibilidade do etnólogo, particularmente e mais precisamente o olhar.

Hans Belting (2005), em *Image, Medium, Body: A New Approach to Iconology*, propõe uma nova iconologia a partir das relações entre imagem, media e corpo. Analisa o processo de como as imagens

atuam nos corpos através dos *media*, enquanto estruturantes culturais, assim como a condição da imagem relativamente ao cenário das tecnologias digitais e dos novos *media*.

O autor, através da iconologia (método), estuda a relação entre imagem, *media* e corpo, pois caracteriza uma abordagem diferente entre as várias tentativas de apreender as imagens no seu rico espectro de significados e propostas. Na opinião de Belting, a importância desta abordagem é mais significativa se tiver em conta o veículo (*media*) e a produção/ receção (corpo), assim como a relação entre estes dois aspetos. Desta maneira, para um estudo do significado das imagens (iconologia), é necessária a análise aprofundada dos *media* (veículos para a difusão das imagens), assim como estes se relacionam com o corpo. Sendo esta relação um determinante não icónico, mas que influencia a transmissão e decodificação dos significados da imagem. O conceito de *media*, aqui, é para ser entendido não no seu sentido usual, mas no sentido de agente pelo qual as imagens são transmitidas; enquanto corpo significa tanto o corpo que performatiza quanto o que percebe, do qual as imagens depreendem na mesma medida em que dependem dos seus respetivos *media* (tela, livro, jornal, rádio, televisão, cinema, realidade virtual).

A imagem é muito importante enquanto discurso, pelo que recolhemos imagens em ambiente digital e durante o evento propriamente dito. Uma das características que podemos atribuir à manifestação/festa “Rios ao Carmo” é, sem dúvida, a diversidade e a pluralidade. Esta diversidade podemos encontrar não só nos vários grupos que estiveram presentes, mas igualmente nas suas formas de comunicar, o que nos leva a pensar que cada grupo teve liberdade total de criar os discursos e as imagens que quisesse, consoante os traços da sua identidade. Exceto as imagens divulgadas pela Guilhotina Info, ILGA e Panteras Rosa, todas as restantes apresentam um visual muito amador em termos de conceção gráfica e técnicas de composição e *design*. A maioria das imagens têm por base fotografias da revolução 25 de Abril de 1974, com alusão às multidões nas ruas e ações militares, assim como os símbolos da revolução, como é o caso dos cravos. Um outro aspeto a salientar, é o formato e composição dos elementos da imagem que, em alguns casos, existe uma indefinição entre o cartaz para afixar, o panfleto para distribuir e o formato de *post* ou de *meme* partilhado na internet.

A imagem de Guilhotina Info representa um mapa com os vários “Rios” que desaguam no Largo do Carmo (Figura 9.7). O mapa está desenhado sobre um fundo que remete para papel reciclado, “mapa do tesouro” ou pergaminho. O *lettering* utilizado reporta ao contexto atual e jovem. Pode ler-se a mensagem “40 anos depois” e “Há momentos em que é preciso desobedecer”, assim como a frase “24 de Abril, Todos os Rios vão dar ao Carmo” e, em roda-pé, o endereço do blogue de “Rios ao Carmo”.

A imagem do Facebook e cartaz da Assembleia Popular de Algés apresenta um grafismo mais convencional (Figura 9.8), utilizando como motivo central uma fotografia a preto e branco alusiva ao ambiente das ruas durante a revolução de 1974. Utiliza um *lettering* que remete para os tipos de imprensa antigos (caixa alta) e utiliza as cores de azul e vermelho. No que diz respeito aos textos, recorre a uma frase de Brecht “Do Rio que tudo arrasta diz-se que é violento mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.” O cartaz veicula informações sobre o ponto de encontro, data e horas.

A imagem referente ao encontro no Barreiro apresenta uma imagem central antiga a preto e branco com militares na rua (Figura 9.9). O texto refere a seguinte mensagem “A Cintura de Ferro está de Volta!”. Veicula informações sobre as horas e o local do encontro.

A imagem do cartaz e imagem do Facebook do Coro da Achada (Casa da Achada/ Centro Mário Dionísio) (Figura 9.11) tem por base um desenho aguarelado sobre o percurso desde a Casa da Achada até ao Largo do Carmo. Assemelha-se a um mapa com indicações do local e dos instrumentos e materiais a levar (instrumentos musicais, pancartas). Há uma analogia entre as gotas de água de um chafariz e o leite de um rio de gente que vai engrossando o caudal até ao seu destino.

A imagem do Facebook do grupo Curto e Grosso 450 (Figura 9.12) é composto por uma imagem a preto e branco de fundo, onde se vê uma multidão a banhar-se num rio. Pode ver-se um gráfico que remete para uma espécie de carimbo de cor vermelha, tipo postal ou passaporte.

A imagem usada pela Guilhotina Info para o blogue de referência de “Rios ao Carmo” e em publicações no Facebook (Figura 9.10) é composta por fotografias a preto e branco e também algumas a cores sobre o dia 25 de Abril de 1974, em que podemos ver a multidão na rua e os tanques militares. Um gráfico de cor vermelha representa os vários rios que confluem para o centro que representa simbolicamente o Largo do Carmo. Esta foi uma das imagens associadas ao evento que mais circulou em ambiente digital. A Guilhotina Info divulgou uma outra imagem que remete para uma espécie de pintura em tons de vermelho e que representa uma manifestante a gritar (Figura 9.13), com um cartaz na mão, na sua camisola está refletida a imagem de uma multidão manifestante. No cartaz que a figura segura, pode ler-se o nome do evento, as horas e local e a seguinte mensagem “Não saímos à rua de cravo na mão a horas certas”.

O grupo “+Um Rio” apresenta uma imagem com base numa fotografia a preto e branco do dia 25 de Abril de 1974 (Figura 9.14), onde se vê os populares, os militares e os tanques militares no Chiado. O *lettering* está em caixa alta com as cores preto, vermelho e azul, pode ler-se a frase “+Um Rio Para Se Juntar ao Oceano de Liberdade”.

O cartaz e imagem do grupo “Capitão Queer”, organizado pela Associação Panteras Rosa, é constituído por uma figura central que representa um cravo colorido com as cores do símbolo do movimento LGBT, as várias cores do arco-íris (Figura 9.17), o fundo é de cor lilás, também simbólica do movimento. Sobre o cravo, um *lettering* atual com a seguinte mensagem: “Abril para todas as famílias”. Pode ler-se as indicações para duas ações: Rios ao Carmo (dia 24 de Abril) e Marcha na Avenida da Liberdade (dia 25 de Abril). O cartaz está identificado com o logotipo da associação.

A imagem referente ao grupo “PREC’s Not Dead” reporta ao universo das fanzines e da BD, com duas figuras (casal) com estilo anos 70, tipo movimento “rock/ punk” (Figura 9.15). No texto pode ler-se a seguinte mensagem: “Explosão de vontades e vidas onde uma série de pessoas percebeu que não tinha de pedir a ninguém para ser o que queria ser com quem queria ser”.

O grupo “Rés-Vés Campo de Ourique” apresenta uma imagem com base numa fotografia de uma casa antiga com paredes verdes, onde podemos ler uma frase escrita a spray, de cor vermelha, “Vai Roubar o caralho!” (Figura 9.18).

Do grupo “Ribeira das Águas Livres”, um cartaz com a fotografia de uma família com uma criança (Figura 9.19), com ferramentas a semear nos canteiros da rua de uma cidade. É possível ler a seguinte mensagem: “Contra o império de betão lançamos bombas de sementes”. Esta imagem revela preocupação com o futuro e com o ambiente. Uma outra imagem do mesmo grupo, mas agora para o Facebook, apresenta a fotografia de uma multidão em forma de marcha (Figura 9.22).

A imagem do “Rio da Graça” é constituída por uma pintura com a figura de uma árvore e a palavra “Liberdade” (Figura 9.20). As cores predominantes são o azul e o laranja.

Com a fotografia de uma revolução nas ruas, com imagens da guerrilha militar, a imagem reporta ao evento em geral e não a um grupo específico (Figura 9.23). Repare-se nos populares cuja forma de vestir se associa aos anos 70, com crianças na rua lado a lado com os militares. Podemos ler as palavras em balões de banda desenhada: “Movimento”; “As Ocasões Fazem as Revoluções”, “Basta!”. As cores utilizadas no *lettering* são o preto e o vermelho.

O “Rio de Todas as Cores” foi formado pelo coro da ILGA e o cartaz representa as cores da bandeira do movimento LGBT internacional (Figura 9.16). As cores, símbolo da bandeira, estão presentes no *lettering*, assim como nas figuras que formam a ondulação do rio. O cartaz apresenta as informações sobre a atividade (cantar), o local e hora do encontro. Constatamos a seguinte mensagem: “vamos marchar e cantar pela liberdade”. Ainda da ILGA Portugal, a imagem do Facebook é constituída por uma nuvem de palavras escritas (Figura 9.21) com a mesma fonte, com várias tonalidades de vermelho e vários tamanhos: “Rios”; “Todos”; “Carmo”; “Dar”; “Cantar”; “Carmo”; “Liberdade”; “Cravos”; “Zeca”; “Vontade”; “Abril”; “Arco-Íris”; “Povo”, entre outras.

O grupo “Triunfo dos Excravos” propõe um cartaz cuja fotografia é o elemento principal, onde constam botas militares, um cravo no chão e a mensagem: “Não Choramos mais pelos cravos derramados”. A imagem veicula, ainda, os locais e as horas de encontro em Almada e Cacilhas (Figura 9.24). Num outro cartaz do mesmo grupo, é possível constatar uma fotografia de um cacilheiro com uma bandeira preta em que é visível o símbolo pirata (Figura 9.25). Apresenta-se o seguinte texto: “Não saímos à rua para comemorar um golpe militar. Saímos à rua porque partilhamos do sentimento de insubmissão dos que desobedeceram às ordens dos militares para ficarem em casa, ocupando a rua e transformando o que se pretendia como uma transição pacífica numa grande festa de “excessos” revolucionários”. Ainda numa outra imagem, um cartaz com base numa figura central ao estilo da propaganda, com um guerreiro de espada na mão e a quebrar uma corrente, onde predominam os tons de vermelho (Figura 9.26).

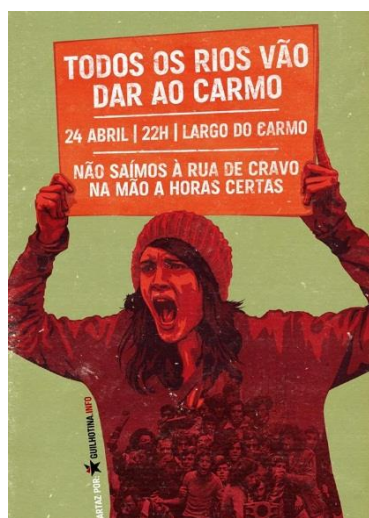


Figura 9.13 - Imagem Cartaz de Guilhotina.info
Fonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.16 - Imagem Cartaz e Imagem do Facebook do Grupo “Rio de Todas as Cores”, da ILGA Portugal/ Coro ColegasFonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.14 - Imagem Cartaz Imagem do Facebook do Grupo +Um RioFonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.17 - Imagem Cartaz do Grupo “Capitão Queer” das Panteras Rosa
Fonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.15 - Imagem Cartaz do Grupo “PREC'S Not Dead”
Fonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.18 - Imagem Cartaz do Grupo “Rés-Vés Campo de Ourique”
Fonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.19 - Imagem Cartaz do Grupo “Ribeira das Águas Livres” Fonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.22 - Imagem Cartaz e imagem do Facebook do Grupo “Ribeira das Águas Livres” Fonte: facebook/Guilhotina.Info

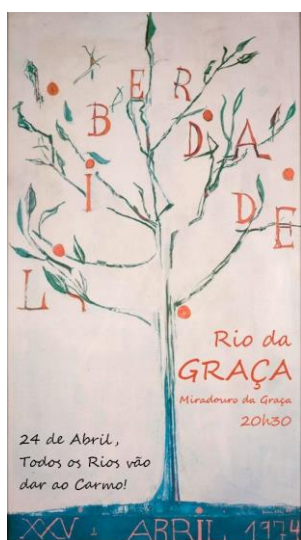


Figura 9.20 - Imagem Cartaz do Grupo “Rio da Graça” da Assembleia Popular da Graça e Arredores Fonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.23 - Imagem Cartaz Geral Fonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.21 - Imagem Cartaz e imagem de Facebook do Grupo “Rio de Todas as Cores” da ILGA Portugal Fonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.24 - Imagem Cartaz do Grupo “Triunfo dos Excravos” Fonte: facebook/Guilhotina.Info



Figura 9.25 - Imagem Cartaz do Grupo “Triunfo dos Excraivos” Fonte: facebook/Guilhotina.Info

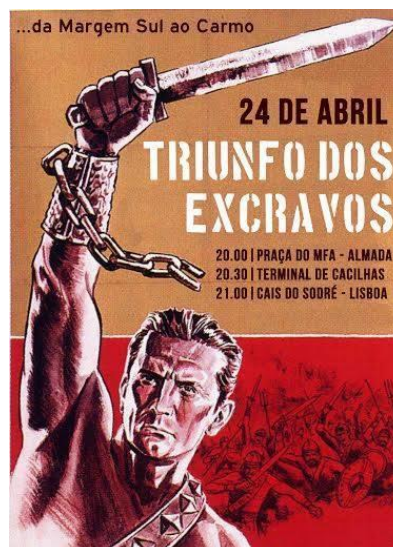


Figura 9.26 - Imagem Cartaz do Grupo “Triunfo dos Excraivos” Fonte: facebook/Guilhotina.Info

9.2.2. ETNOGRAFIA VIRTUAL – EVENTO GERAL

A mobilização em “Rios ao Carmo” teve por base páginas de Facebook (Figura 9.27) e a criação de eventos na mesma plataforma de rede social *online*, além de notícias nos *media* (muito poucas). De acordo com a forma de mobilização utilizada, essencialmente via internet, os intervenientes/participantes na manifestação pareciam ter características semelhantes entre si, especialmente a nível etário que rondava os 18 e os 40 anos, o que podemos caracterizar de jovens. Mas, para além desta característica comum, o mais relevante é a diversidade que caracterizou o perfil dos participantes em “Rios ao Carmo”. Observou-se a presença de muitos grupos, com estruturas formais e informais, reportórios diversificados, grupos que se associaram momentaneamente com o propósito de participarem no evento e que desenvolveram estratégias específicas de mobilização, assim como ações marcadas pela criatividade dos materiais, dos meios e das mensagens.



Figura 9.27 - Página de evento no Facebook criado pelo grupo Que se Lixe a Troika

Os vários grupos criaram eventos no Facebook e estabeleceram contactos através do formato de convite com base nas listas de “amigos” da plataforma que proporciona um efeito de “bola de neve”. No que diz respeito ao potencial mobilizador de cada grupo, podemos constatar que o grupo “Podes Ser a Gota de Água+Afluyente Marea Granate Lisboa+Com Abraços de Cultura+Gaiteiros e Percussionistas ao Carmo”, representado pelo movimento Que se Lixe a Troika, foi aquele que mais se destacou com 15.769 convidados (Figura 9.28).

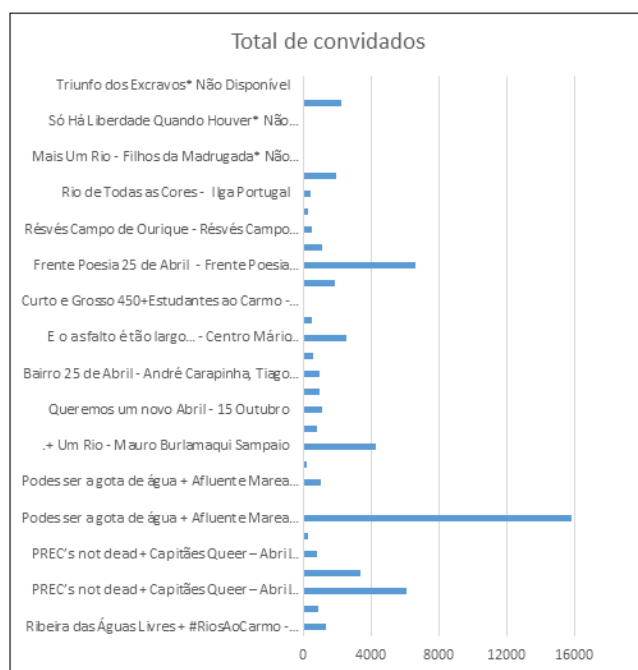


Figura 9.28 - Número de convidados através do Facebook

O coletivo Que se Lixe a Troika desempenhou um papel importante na mobilização, veja-se o número de convites realizados e o número de respostas positivas na categoria “Vão” (1711). Além disso, atribui-se, igualmente, a este movimento o maior número de *posts* publicados na página do evento (228), garantindo conteúdos aos subscritores, de mensagens compreendendo texto (171); imagem (115) e vídeo (53). Ainda merecedor de destaque, os grupos “O Asfalto é tão Largo”, da Casa da Achada /Centro Mário Dionísio, com uma atividade de conteúdos relevante, assim como o grupo “PREC’s Not Dead”, de acordo com o quadro apresentado (Quadro 9.2).

Quadro 9.2 - Informação sobre os eventos dos grupos criados no Facebook

Grupo/ convite	Total de convidados	Vão	Talvez	Não pode	Posts	Texto	Imagem	Vídeo
Ribeira das Águas Livres + #RiosAoCarmo - Manuelinho Menino	1310	132	37	38	41	37	27	6
Ribeira das Águas Livres + #RiosAoCarmo - Anonymous Legion Portugal	919	72	33	37	38	36	22	2
PREC's not dead + Capitães Queer – Abril Para Todas as Famílias+ Movimento basta!!! Okupar o Carmo - Maria Crise	6092	482	189	239	112	71	70	25
PREC's not dead + Capitães Queer – Abril Para Todas as Famílias+ Movimento basta!!! Okupar o Carmo - Panteras Rosa	3390	246	117	169	35	27	27	3
PREC's not dead + Capitães Queer – Abril Para Todas as Famílias+ Movimento basta!!! Okupar o Carmo - Awakening on a Healthy Life	830	53	30	26	27	19	22	1
Rio 100 Artes - Café 100 Artes	297	31	11	5	4	1	2	1
Podes ser a gota de água + Afluente Marea Granate Lisboa +Com abraços de cultura + Gaitas e percussões - Que Se Lixe a Troika	15769	1711	533	698	228	171	115	53
Podes ser a gota de água + Afluente Marea Granate Lisboa +Com abraços de cultura + Gaitas e percussões - Marea Granate Lisboa	63	19	8	1	5	4	3	0
Podes ser a gota de água + Afluente Marea Granate Lisboa +Com abraços de cultura + Gaitas e percussões - Dogma 12	1032	87	29	31	39	29	24	7
Podes ser a gota de água + Afluente Marea Granate Lisboa +Com abraços de cultura + Gaitas e percussões - Paula Gaiteira Sousa	189	48	19	8	32	23	20	7
.-+ Um Rio - Mauro Burlamaqui Sampaio	4279	291	65	207	113	79	59	20
O Mondego também desagua no Carmo - Francisco Norega	795	16	7	12	6	5	3	0
Queremos um novo Abril - 15 Outubro	1144	193	69	56	61	56	47	5
Ribeira de Algés - Assembleia Popular de Algés	927	80	45	29	23	18	19	2
Bairro 25 de Abril - André Carapinha, Tiago Sousa, Sílvia Coelho	978	118	40	43	61	51	38	8
Carruagem da Liberdade - Manuelinho Menino	557	126	45	27	47	36	30	10
E o asfalto é tão largo... - Centro Mário Dionísio (Casa da Achada)	2578	236	70	70	100	65	54	40
Coro ART - Coro Associação de Residentes de Telheiras	477	34	9	6	10	8	4	1
Curto e Grosso 450+Estudantes ao Carmo - AE Fbaul * não disponível	0	0	0	0	0	0	0	0
Curto e Grosso 450+Estudantes ao Carmo - Estudantes ao Carmo	1860	90	42	122	44	35	21	15
Frente Poesia 25 de Abril - Frente Poesia Abril	6577	225	123	147	46	39	22	7
Rio de Janeiro - Rabbit Hole	1086	77	36	49	13	10	9	2
Résvés Campo de Ourique - Résvés Campo de Ourique	544	48	28	23	49	35	32	9
Rio da Graça - Assembleia Popular da Graça e Arredores	304	86	29	16	32	25	22	4
Rio de Todas as Cores - Ilga Portugal	449	75	33	21	21	17	10	7
Comboio de Vila Franca Alverca Sacavém - Mauro Burlamaqui Sampaio	1913	54	19	53	45	31	22	8
Mais Um Rio - Filhos da Madrugada* Não Disponível	0	0	0	0	0	0	0	0
Rio Abril* Não Disponível	0	0	0	0	0	0	0	0
Só Há Liberdade Quando Houver* Não Disponível	0	0	0	0	0	0	0	0
Comboio da Liberdade*(dados 2016)	2244	100	31	0	66	47	32	13
Triunfo dos Excravos* Não Disponível	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	56603	4730	1697	2133	1298	975	756	256

De um total de 1298 *posts* publicados (Figura 9.29) contabilizados nas páginas dos eventos dos grupos no Facebook, 228 correspondem à página dinamizada pelo grupo Que se Lixe a Troika. Após a análise dos conteúdos da páginas dos eventos, foi possível constatar que existem autores que publicam o mesmo conteúdo em diferentes páginas simultaneamente, o que faz aumentar o volume de publicações.

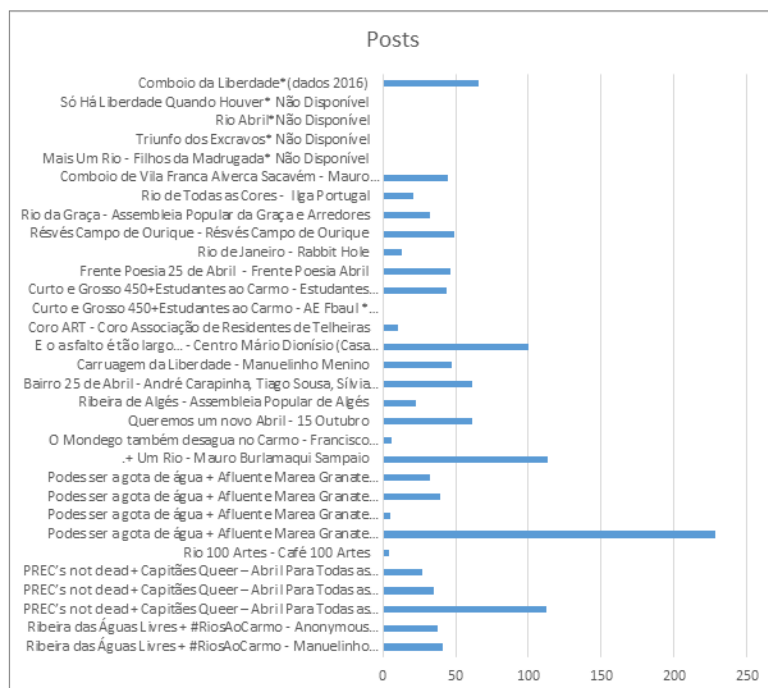


Figura 9.29 - Número Total de Publicações nas páginas do evento por grupo

No gráfico (Figura 9.30) podemos observar os utilizadores que mais publicaram conteúdos nas páginas dos eventos dos grupos. De um total de 1298 *posts* publicados, distribuídos pelos vários grupos, é de relevar o número de publicações de Mauro Burlamaqui Sampaio (277), Renato Teixeira (82), Carvalho de Jesus (79) e Francisco Norega (78).

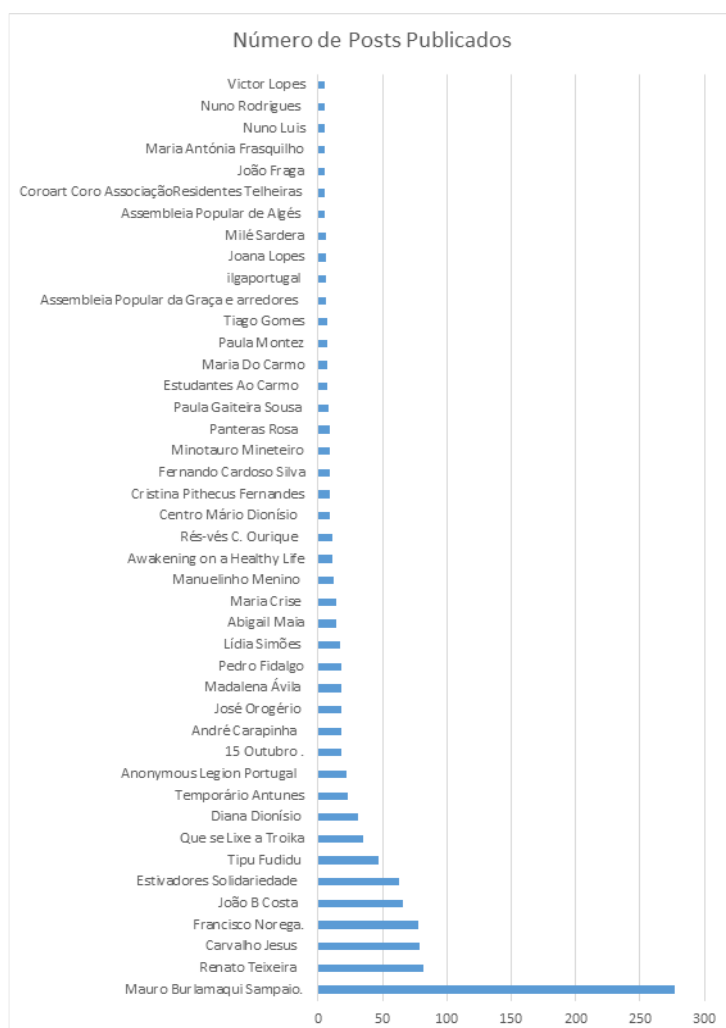


Figura 9.30 - Número de publicações por autor (com 5 ou mais *posts* publicados)

9.2.2.1 – QUESTIONÁRIO ONLINE – EVENTO GERAL

Com o propósito de recolher mais dados sobre “Rios ao Carmo”, foi criado, a 6 de maio de 2014, um perfil no Facebook, identificado como “ISCTE Investigação”, onde estava explícito o objetivo do estudo. Assim, foram contactados os autores dos eventos criados na plataforma no âmbito de “Rios ao Carmo”, cujas páginas ainda estavam ativas, tendo sido enviado dia 28 de maio de 2015, via *chat*, um questionário, constituído pelas seguintes questões:

1. O que foi para si a manifestação “Rios ao Carmo”?
2. Como obteve informação e porque resolveu participar?
3. Pertence a algum grupo ou organização (formal ou informal), cuja ação fez com que participasse na iniciativa?
4. Costuma utilizar as novas tecnologias de comunicação para apoiar a organização de iniciativas como “Rios ao Carmo”? Porquê?

5. Qual a sua opinião acerca da utilização do Facebook e das redes sociais *online* com propósitos de mobilização?

6. Costuma utilizar dispositivos móveis (ex. telemóveis) para apoiar atividades de mobilização? Através de que ferramentas? (mensagens texto, mensagens com imagens, utilização das plataformas digitais/ redes sociais através do serviço móvel de internet)

Obtivemos cinco respostas às questões enviadas através do *chat* do Facebook: Café 100 Artes; Coroart – Associação de Residentes de Telheiras; Assembleia Popular de Algés; Dogma12; Mauro Burlamaqui Sampaio.

Atendendo à primeira questão, todas as respostas apresentam motivos de celebração do 25 de Abril, enquanto data histórica, associados a uma estratégia de mobilização de cidadãos descontentes com a situação de Portugal no momento, em 2014. O “movimento” caracterizou-se por ser “não institucional” e por constituir um protesto “sem ordem” e “sem liderança”. Foi também referida a necessidade de “constituir uma alternativa” de governo e de sistema.

A manifestação "Rios ao Carmo" foi uma reunião de pessoas que quiseram marcar uma presença não institucional no Largo do Carmo, na noite em que se comemoraram os 40 anos do 25 de Abril. (Café 100 Artes)

Festejos dos 40 anos do 25 Abril, data importantíssima na nossa História. (Coroart)

Foi uma forma de mais uma vez tentar mobilizar as pessoas para a necessidade de se construir uma alternativa. Não só uma alternativa de governo mas de sistema. (Assembleia Popular de Algés)

Uma sequência de um movimento de descontentamento, mais ou menos autónomo, sem continuidade por várias razões. A saber, sinteticamente e sem ordem: a) a inorganicidade continuada do 'movimento' iniciado na praça de Espanha; b) a composição heteroclita de posições, confluindo num protesto, mas sem liderança (a tal organicidade) e sem programa de objetivos; a impreparação dos 'convocadores', incapazes de dar rumo e/ou concretizar em algo estruturado um movimento de descontentamento; a desmobilização provocada ela mesma por inúmeros factores concomitantes: os já atrás citados, agravados com a falta de coragem política e física aquando da manifestação no parlamento em que a polícia carregou com dureza; a impreparação da esmagadora maioria dos manifestantes, cujas motivações de protesto também não continham em si outra perspectiva que não a de um protesto e não sustentado numa perspectiva para-financeira; o recuo da manifestação na ponte; as indefinições e hesitações políticas da 'extrem'-esquerda parlamentar; a fragmentação em 'grupos' de natureza 'corporativa' e de ambições de lideranças. (Dogma12)

Foi uma tentativa de mobilizar os cidadãos politicamente. (Mauro Burlamaqui Sampaio)

Questão: Como obteve informação e porque resolveu participar?

Quanto à forma como foram informados sobre a ação, a maioria dos respondentes referiu que foi através das redes sociais e do Facebook, assim como através de amigos e da rede de contactos.

“Obtive informação através de alguns amigos e pelo Facebook.” (Café 100 Artes)

“Pela comunicação social/ pessoas amigas/ redes sociais.” (Coroart)

“Participei activamente em muitos movimentos sociais e por isso tenho muitos contactos com algumas organizações que se mobilizaram para ajudar a crescer o Rio.” (Assembleia Popular de Algés)

“A informação foi obtida através de pessoas que integram os GAP (grupos de apoio de públicos), que o sugeriram e, após ponderada reflexão, a direcção de dogma\12 entendeu que a iniciativa era compaginável com as suas próprias lutas sectoriais, afirmação da sua linha "singular" no teatro português e, sem o ocultar, uma oportunidade de aproximação de muita gente que, provavelmente desconhecia em 99% dogma\12, sendo que, conhecendo-o, poderia ter um nicho de massa crítica para serem seus espectadores.” (Dogma12)

“Através do Facebook, eu próprio já tinha tentado fazer uma iniciativa com os mesmos moldes um mês antes.” (Mauro Burlamaqui Sampaio)

Questão: Pertence a algum grupo ou organização (formal ou informal), cuja ação fez com que participasse na iniciativa?

A maioria dos respondentes afirmou não pertencer a nenhum grupo formal, todavia, no caso da Associação Popular de Algés e de Mauro Burlamaqui Sampaio notou-se uma preocupação de intervenção política com alguma veemência, nomeadamente no que diz respeito à participação em grupos e movimentos de carácter formal ou informal, como é o caso de Portugal XXI e de Indignados de Lisboa.

“Não”. (Café 100 Artes)

“Não” (Coroart)

“Fiz parte dos Indignados de Lisboa mas participei com Assembleia Popular de Algés /Fábrica de Alternativas (uma é filha da outra)” (Assembleia Popular de Algés)

“Não. É completamente independente. No seu interior colaboram pessoas que pertencem a grupos informais (julgo que formais nenhuma, mas isso é do foro íntimo da cidadania de cada um e não é sequer objecto de discussão interna) e outras que não pertencem rigorosamente a nenhum, formal ou informal, sequer sindical ou socioprofissional.” (Dogma 12)

“Sim. Portugal XXI - Movimento político.” (Mauro Burlamaqui Sampaio)

Questão: Costuma utilizar as novas tecnologias de comunicação para apoiar a organização de iniciativas como “Rios ao Carmo”? Porquê?

Relativamente à utilização de novas tecnologias da comunicação como recurso de apoio à organização de manifestações e protestos, destacam-se as respostas de Assembleia Popular de Algés e de Mauro Burlamaqui Sampaio, assumindo usar aquelas ferramentas pelos custos baixos de utilização, por evitar deslocações para reuniões, assim como permitir a coordenação à distância.

“*Raramente.*” (Café 100 Artes)

“*Às vezes.*” (Coroart)

“*É uma ferramenta de comunicação e divulgação. Evita tantas deslocações para reuniões e permite fazer coordenação à distância.* (Assembleia Popular de Algés)

(Dogma 12 não respondeu)

“*Sim. É uma das poucas formas de difusão completamente livre, sem custos.*” (Mauro Burlamaqui Sampaio)

Questão: Qual a sua opinião acerca da utilização do Facebook e das redes sociais *online* com propósitos de mobilização?

A maioria das respostas indica um uso favorável, mas com algumas ressalvas relativamente ao seu propósito e aos efeitos esperados.

“*As redes sociais são uma ferramenta que permite chegar rapidamente a muitas pessoas, devido aos fenómenos de partilha. Podem mobilizar muita gente, mas nem sempre a expectativa corresponde à realidade.*” (Café 100 Artes)

“*Tem boas e más utilizações.*” (Coroart)

“*Tudo o que permita a divulgação é bom. O Facebook é uma ferramenta que permite chegar a muita gente muito rapidamente e que se pode espalhar muito rapidamente se for conseguido que se torne viral.*” (Assembleia Popular de Algés)

(Dogma12 não respondeu)

“*É o que temos mais à mão. A "comunidade" online / redes sociais é muito recente mas está a amadurecer. Antes foi a novidade, depois a desilusão e agora estamos na fase de reorganização.*”(Mauro Burlamaqui Sampaio)

Questão: Costuma utilizar dispositivos móveis (ex. telemóveis) para apoiar atividades de mobilização? Através de que ferramentas? (mensagens texto, mensagens com imagens, utilização das plataformas digitais/ redes sociais através do serviço móvel de internet)

De uma forma geral, os respondentes consideram a internet e as redes sociais relevantes para o seu quotidiano e utilizam para os mais variados fins, como trocar mensagens e correio eletrónico ou promover iniciativas. Quanto ao serviço de internet móvel, o Café 100 Artes refere não subscrever, mas afirma ter acesso através de redes *wi-fi*, no telemóvel ou computador portátil, em vários locais, de forma gratuita. As redes móveis são atualmente um recurso de fácil acesso, na opinião de Assembleia Popular de Algés.

“*Utilizo o telemóvel e o portátil para partilhar fotografias e ficheiros nas redes sociais, sms para um contacto mais rápido. Normalmente não uso o serviço móvel de internet, mas sim as redes wi-fi disponíveis em diversos locais - cafés, autocarros, universidade...* (Café 100 Artes)

“*Utilizamos as redes sociais para divulgação de concertos, assim como mails.*” (Coroart)

“Nessa altura as redes móveis ainda eram um pouco rudimentares e poucos as tinham. Utilizava-se mais para fazer streaming. Hoje estão presentes em todo o lado, a toda a hora.” (Assembleia Popular de Algés)

(Dogma 12 não respondeu)

“Não.” (Mauro Burlamaqui Sampaio)

9.2.3. ANÁLISE POR GRUPO

Para além da etnografia em ambiente digital, a pesquisa inclui também a técnica de observação participante e as entrevistas semi-estruturadas, pelo que se estabeleceu um itinerário a partir do Campo Mártires da Pátria, no sentido de observar quatro dos grupos implicados em “Rios ao Carmo”, assim como entrevistas a alguns participantes de cada um dos grupos. Por uma ordem lógica e organizada segundo a hora agendada para a concentração de cada grupo, iniciámos o processo de observação participante na Gare do Rossio, passando depois ao Largo das Belas-Artes, subindo ao Príncipe Real e, depois, acompanhando o grupo que se juntou no Tribunal Constitucional, passando pela Rua António Maria Cardoso e, finalmente, terminando no Largo do Carmo.

No caso da observação participante, durante todo o processo foram registadas notas sobre o que o investigador estava no momento a presenciar e a interpretar sobre atores, contextos e situações, com o apoio de uma grelha de orientação à observação. No que respeita às entrevistas semi-estruturadas, foi definido *a priori* um guião que se aplicou a sujeitos presentes no local de atuação do respetivo grupo, para isso utilizou-se o apoio de um gravador mp3.

Com base em técnicas de observação participante e dadas as condicionantes e restrições a nível de recursos humanos e técnicos, a impossibilidade de acompanhar todos os grupos levou-nos a fazer escolhas, pelo que a recolha de dados foi só possível fazer junto de quatro grupos presentes no evento, tendo estabelecido um itinerário *a priori* de acordo com critérios de conveniência justificado pelo percurso/trajeto a fazer.

Iniciámos o processo de observação participante na Gare do Rossio, passando depois ao Largo das Belas-Artes, subindo ao Príncipe Real e, depois, acompanhando o grupo que se juntou no Tribunal Constitucional, passando pela Rua António Maria Cardoso e, finalmente, terminando no Largo do Carmo.

Assim, os grupos selecionados foram:

- i) “Carruagem da Liberdade”: Grupo que partiu da estação de Sintra em direção à Gare do Rossio apresentou reivindicações sobre o direito e acesso aos transportes e protesto contra o aumento do valor dos títulos de transporte na linha de Sintra;
- ii) “Curto e Grosso 450+Estudantes ao Carmo”, um grupo constituído por estudantes da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, que se concentrou no largo da Academia

das Belas Artes e que reivindicou os direitos à educação, protestando contra as propinas e os elevados custos dos cursos artísticos;

- iii) “PREC’s Not Dead+Capitães Queer – Abril para Todas as Famílias+Movimento Basta!!!Okupar o Carmo”: Um grupo que se concentrou no jardim do Príncipe Real e contou com a presença de organizações de promoção e defesa dos direitos de homossexuais, lésbicas, bissexuais e transgénero, com preocupações sobre os direitos à adoção; grupos de inspiração *punk/* anarquista;
- iv) “Podes ser a Gota de Água+Afluyente Marea Granate Lisboa+ Com Abraços de Cultura+Gaiteros e Percussionistas ao Carmo” é um grupo constituído por elementos associados ao movimento Que se Lixe a Troika, ao sindicato Cena, ao Marea Granate Lisboa (grupo de emigrantes espanhóis), pessoas ligadas à atividade cultural e ao teatro (Dogma 12) e grupos de músicos de instrumentos de percussão e de gaitas de foles. Concentrou-se junto ao Tribunal Constitucional, passou pelo edifício da antiga PIDE/DGS, na Rua António Maria Cardoso, e terminou no Largo do Carmo. Este grupo protestou contra a política de austeridade imposta pelo governo que agravou as condições de vida dos portugueses, vista como um retrocesso democrático dos direitos conquistados pela revolução de 1974.

9.2.3.1. ANÁLISE DO GRUPO “CARRUAGEM DA LIBERDADE”

9.2.3.1.1. ETNOGRAFIA VIRTUAL DO GRUPO

“Carruagem da Liberdade” foi um grupo que se reuniu no comboio que partiu de Sintra, às 18.55h, do dia 24 de abril de 2014, em direção à Gare do Rossio, em Lisboa. O objetivo foi juntar pessoas utentes dos serviços da CP, da chamada “Linha de Sintra”, habitantes nas localidades servidas pela mesma.

A mobilização foi realizada com o apoio da criação de uma página de evento no Facebook, criada por Manuelinho Menino, utilizador que também está na origem da página associada ao grupo “Ribeira das Águas Livres”, onde constam publicações a partir do dia 10 de abril, até ao dia 1 de maio de 2014. A página conta com 47 *posts*, destes 36 compreendem mensagens de texto, 30 incluem imagens e 10 veiculam conteúdos de vídeo. É possível observar na página que foram realizados 557 convites, sendo que destes 126 responderam “Vão” e 45 “Talvez”.

De acordo com o Quadro H.2 do Anexo H apresentado, a maioria das publicações na página são da autoria de Mauro Burlamaqui Sampaio (14) e de Renato Teixeira (5).

Os conteúdos veiculados nas publicações, referem-se essencialmente a imagens e mensagens referentes ao 25 de Abril, quer pelas palavras usadas, quer pelos símbolos e cores, hiperligações a conteúdos noticiosos e a blogues, convites para participação em manifestações contra o Banco Espírito

Santo, convites para participação em assembleias populares, mensagens com mapas e informações referentes ao evento “Rios ao Carmo”; vídeos com músicas dos artistas Fausto, Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Os Deolinda, Bob Marley e Gabriel o Pensador; hiperligação com conteúdos referentes ao sindicato dos estivadores; convite para encontro junto à Assembleia da República no dia 25 de Abril, mensagens referentes a outros grupos que constituem “Rios”; hiperligação com carta do presidente do Sindicato dos Estivadores ao Primeiro-ministro Passos Coelho; hiperligação com texto de blogue sobre a visita da Presidente da Assembleia da República Assunção Esteves à Associação 25 de Abril; convite para manifestação junto à Bolsa;

9.2.3.1.2. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO GRUPO – NO DIA 24 DE ABRIL DE 2014

Estabeleceu-se um itinerário a partir do Campo Mártires da Pátria, no sentido de observar quatro dos grupos implicados em “Rios ao Carmo”. Por uma ordem lógica e organizada segundo a hora agendada para a concentração de cada grupo, iniciámos o processo de observação participante na Gare do Rossio, passando depois ao Largo das Belas-Artes, subindo ao Príncipe Real e, depois, acompanhando o grupo que se juntou no Tribunal Constitucional, passando pela Rua António Maria Cardoso e, finalmente, terminando no Largo do Carmo.

Durante todo o processo foram registadas notas (ver em Anexo fichas de registo de observação participante) sobre o que o investigador estava no momento a presenciar. Neste sentido, passamos, agora a incluir algumas descrições retiradas dos registos efetuados pelo investigador na Gare do Rossio, atendendo ao grupo “Carruagem da Liberdade”:

No local, observa-se dois grupos de pessoas que se situam perto das arcadas, junto ao cais de embarque, com cerca de 5 pessoas cada, mais ou menos 10 pessoas ao todo, com uma bicicleta. Parecem esperar por alguma coisa, pois olham em direção às linhas. Pessoas que aparentemente poderão ser estudantes pela sua idade e estilo de vestir, tanto rapazes como raparigas usam sacos e mochilas. Um jovem tem um telefone na mão e está a olhar para as linhas do cais de embarque.

Às 19.38h chega à linha 4 um comboio proveniente de Sintra. Ouvem-se gritos, palmas. Jovens saem do comboio apresentam cartazes e faixas em pano amarelo com as seguintes mensagens: “A CP é do Povo!”; “Cidade sem Barreiras, Mundo sem Fronteiras”. Os jovens esperam junto aos torniquetes, pois não pagaram bilhete. Alguns dos jovens participantes apresentam o seu cabelo com rastas. São cerca de 20 jovens que se juntam aos que aguardam na gare. Tocam instrumentos de percussão, uma garrafa com areia para fazer som, usam batusques de pequena dimensão. Alguns jovens estão acompanhados de bicicletas. Juntam-se junto às bilheteiras e fizeram uma espécie de roda, onde tocam, mostram os seus cartazes e dançam, como num ritual (Figura 9.31).



Figura 9.31 - Chegada dos manifestantes do grupo “Carruagem da Liberdade” à Estação do Rossio

No exterior, no átrio de saída junto às bilheteiras, um jovem tem cravos vermelhos na mão. Por parecer estar disponível para falar, inicio conversa com ele (ver entrevista). Durante o compasso de espera, enquanto gravador não está operacional, o rapaz usa em conversa palavras como “camaradas”, “amigos”. Refere não pertencer a partidos políticos, mas é simpatizante.

Apresentamos em anexo a entrevista com um guião semi-estruturado realizada na Gare do Rossio a um dos jovens que pertencia ao grupo e que foi essencial para ajudar-nos a compreender o contexto, a sua relação com o grupo e as suas motivações para participar no evento.

9.2.3.2. ANÁLISE DO GRUPO “CURTO E GROSSO 450+ESTUDANTES AO CARMO

9.2.3.2.1. ETNOGRAFIA VIRTUAL DO GRUPO

“Curto e Grosso 450+Estudantes ao Carmo” é um “Rio” que reuniu dois grupos de estudantes do ensino superior, um deles é formado por estudantes da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, com o apoio da Associação de Estudantes, e outro constituído por estudantes universitários de âmbito mais alargado. Este grupo concentrou-se junto à Faculdade de Belas Artes, em Lisboa, a partir das 17.00h, do dia 24 de abril, de 2014. O principal objetivo foi o de se manifestarem sobre o direito e o acesso à educação, acerca dos elevados custos dos cursos artísticos, contra as propinas e condições precárias nas universidades.

A mobilização foi feita com estudantes ativistas da Associação de Estudantes da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, através dos seus contactos e relações entre colegas, com o apoio da utilização da página do Facebook e da criação de eventos na plataforma, assim como de vídeos que funcionaram como *teaser* em plataformas como o Youtube.

Este grupo desenvolveu uma estratégia criativa para fazer passar a sua mensagem. A estratégia teve por base a imagem de Salgueiro Maia, considerado um símbolo da Revolução de Abril. Esta imagem foi aplicada em adereços e em máscaras que os elementos do grupo usaram durante a manifestação e em vários vídeos. A ideia passou por criar e elaborar trabalhos artísticos sobre a imagem, de forma a recontextualizá-la, a dar-lhe uma dimensão mais atual, mais contemporânea. Nos vídeos, a presença de vários elementos do grupo usando a máscara, como elemento unificador, conferiu um carácter coletivo, de uma comunidade que se desenvolveu em torno daquele símbolo, cujos valores de Abril se incorporaram. A acompanhar as imagens, a frase “Solta o Salgueiro que há em ti!” transporta-nos para a necessidade de repensar os valores preconizados pelo 25 de Abril, 40 anos volvidos. A frase, remete para *slogans* publicitários de produtos de consumo, como de um chocolate cujo slogan é “Solta a fera que há em ti!”. Não despreciando, o tema do neoliberalismo e das estratégias comerciais que num sistema consumista promovem um sentido de liberdade que se contrapõe ao sentido de liberdade que é propagado pelo sistema político e pela ideologia democrática, que o 25 de Abril representa.

A página no Facebook do grupo “Curto e Grosso 450” e os seus vídeos não estão disponíveis para análise, pois foram desativados após a ação. Não obstante, quer os vídeos, quer a página do Facebook foram visionados pelo investigador, pelo que podemos considerar este objeto enquanto uma performance artística, com recurso à linguagem multimédia e às tecnologias. Os vídeos constituem, eles próprios, objetos artísticos, agora com a função de *warming-up* antes da manifestação e que funcionaram como ferramenta de mobilização.

Todavia, ainda disponível para análise, a página do grupo “Estudantes ao Carmo” permitiu averiguar alguns dados, como o seu potencial mobilizador, a contar pelo número de contactos realizados, que se situou nos 1860 convites enviados, dos quais 90 referiram que iriam estar presentes.

Quanto a conteúdos, foram publicados 44 *posts*, sendo que 35 compreendem elementos textuais, 21 veiculam imagens e 15 incorporam vídeos (Quadro H.3, Anexo H). No que diz respeito aos autores das publicações, é possível constatar na tabela apresentada que João B Costa foi o responsável pela maioria das publicações da página (10), seguido de Estudantes ao Carmo (7), de Francisco Norega (4) e de Mauro Burlamaqui Sampaio (4).

As publicações compreendem aspetos textuais e imagéticos relativos ao 25 de Abril, convites, vídeos, páginas e notícias relativos ao evento “Rios ao Carmo”; convites para encontros na Assembleia da República no dia 25 de Abril; mensagem com hiperligação à página da Guilhotina.info para *download* de imagens e materiais de divulgação de “Rios ao Carmo”; mensagens alusivas ao Sindicato dos Estivadores; mensagens com informações sobre o ponto de encontro de “Rios ao Carmo”; vídeo com poema e canção de Colette Magny “Les gens de la moyenne”; mensagens que remetem para outros

grupos “Rios”; hiperligação a vídeo italiano relativo a Portugal antes do 25 de Abril; convite para manifestação junto à Bolsa de Lisboa; hiperligação com vídeo sobre manifestações de estudantes no Quebec em Maio de 2012; hiperligação com vídeo sobre manifestação “Melissa Sepúlveda, Marcha en apoyo al paro portuário [STGO]”; mensagem com vídeo com imagem e música sobre os estudantes “Me gustan los estudiantes”; mensagem com hiperligação a blogue sobre a história da revolução estudantil internacional; mensagem com hiperligação a blogue com historial do movimento estudantil em Portugal; vídeo sobre manifestação de estudantes em Portugal de 1993; hiperligação a blogue com vídeo com documentário sobre revolução na Universidade após o 25 de Abril; hiperligação a sítio da internet da RTP com vídeo sobre o 25 de Abril nas escolas e universidades; hiperligação a vídeo sobre protesto dos alunos dia 10 de outubro de 2004; hiperligação a sítio da internet da RTP sobre vídeo com reportagem sobre crise académica de 1969; hiperligação a reportagem de 2013 da RTP respeitante aos cortes na educação; hiperligação a artigo do público sobre a perda de estudantes no ensino superior; hiperligação a artigo do Público sobre o número de estudantes sem dinheiro para estudar no ensino superior.

9.2.3.2.2. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO GRUPO - DIA 24 DE ABRIL DE 2014

No dia 24 de abril, o grupo “Curto e Grosso 450+Estudantes ao Carmo” concentrou-se no Largo da Academia Nacional de Belas Artes. Após a observação na Gare do Rossio, o investigador dirigiu-se para o local onde este grupo se reunia, com a intenção de novamente recolher informações para o seu estudo com base na observação participante e entrevistas semi-estruturadas. As informações apresentadas seguidamente têm origem nos registos das fichas de observação com anotações realizadas no local (Figura 9.32):

O Largo da Academia Nacional de Belas Artes às 20.25h encontrava-se um pouco vazio. Dois jovens, um rapaz e uma rapariga, estavam sentados num banco debaixo de uma árvore. Uma rapariga sentada nos degraus da escada da porta da Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Passados poucos minutos, já eram três jovens no banco debaixo da árvore, um rapaz juntou-se ao grupo. Dois jovens deste grupo colocavam flores (sardinheiras) no cabelo. Às 20.25h passou no local uma carrinha do corpo de intervenção da PSP.

No grupo de três jovens, um dos rapazes tinha uma guitarra e à medida que falavam ele dedilhava melodias no instrumento. Cantaram algumas músicas, algumas delas inglesas do tipo anos 60.

Noutro banco, encontravam-se mais quatro jovens. Duas raparigas tinham consigo uma garrafa de vinho. Dois jovens ao passar disseram ir fazer a “queimada” e cumprimentaram outros com “olá, olá” e entraram no edifício da faculdade.

Jovens saem da faculdade. Uma rapariga do grupo, com óculos, entra para o edifício da faculdade, ela tinha uma fotocópia do rosto do Salgueiro Maia, como uma máscara, com rasgos nos olhos, para colocar como máscara.

No grupo, fala-se de “piercings”. Ela fez três furos e tem quatro agora. Três jovens acabam de chegar e um rapaz grita pelo Benfica. Chega um rapaz de carro. Outra rapariga passa com uma máscara de Salgueiro Maia.

Às 20.50h, um grupo de jovens comia lentilhas numa caixa de plástico, sentados num dos bancos do largo. Eram vários jovens e alguns eram alunos da Faculdade de Belas Artes. Neste momento foi indicada uma pessoa para responder a questões sobre a ação, pelo que uma jovem apontou com o dedo dizendo, “Ela é que é a culpada”, tratava-se de uma aluna de pintura que pertencia à Associação de Estudantes (ver entrevista em Anexo).

A rapariga identificou-se como ativista e que naquele momento estava a meio de uma ação de mobilização de pessoas, disse ser uma ação que potencia a “autonomia das pessoas, cada um pode mobilizar quem quiser, as pessoas, e fazer o seu Rio”. Ela disse também que alguns colegas chegariam depois, porque foram jantar. Entretanto, outros jovens passaram por nós com máscaras do Salgueiro Maia. Ela continuou dizendo que aquele acontecimento “é simbólico, apesar de Abril ter um significado. Hoje é diferente. Tem outro significado este Salgueiro”.



Figura 9.32 - Imagens do Largo da Academia Nacional das Belas-Artes, Grupo “Curto e Grosso 450”, Associação de Estudantes da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa

9.2.3.3. “PREC’S NOT DEAD+CAPITÃES QUEER – ABRIL PARA TODAS AS FAMÍLIAS+ MOVIMENTO BASTA!!!OKUPAR O CARMO”

9.2.3.3.1. ETNOGRAFIA VIRTUAL DO GRUPO

Com concentração agendada para as 21.00h, da noite de 24 de abril, no jardim do Príncipe Real, em Lisboa, este “Rio” foi formado por pessoas que se identificaram com as causas dos grupos como “PREC’s Not Dead”, com inspiração *punk*/anarquista; “Capitães Queer”, promovido por organizações de defesa dos direitos LGBT como a Panteras Rosa; “Movimento Basta!!!Okupar o Carmo”, um grupo com influência do movimento *Occupy*.

Independentemente de serem aplicadas outras técnicas, estes grupos potenciaram o efeito mobilizador recorrendo ao uso de páginas e eventos no Facebook. Como sabemos, a criação de um evento na plataforma gera uma página onde é possível colocar conteúdos e convidar pessoas através de uma técnica de “bola de neve”, com um efeito multiplicador, pois cada contacto poderá adicionar mais contactos da sua lista.

Identificámos três páginas de eventos criados no Facebook associados a este “Rio”, nomeadamente, “PREC’s Not Dead”, criado pelo utilizador Maria Crise; “Capitães Queer”, promovido pela organização Panteras Rosa; “Movimento Basta!!!Okupar o Carmo”, proposto por Awakening on a Healty Life. No total, juntando os três eventos do Facebook, o potencial mobilizador contou com 10312 convidados.

A página referente ao grupo “PREC’s Not Dead” compreendeu 6092 convidados, sendo que destes 482 iriam estar presentes e 189 referiram “talvez”. Nesta página contabilizou-se um total de 112 publicações, sendo que 71 apresentaram elementos textuais, 70 apresentaram imagens e 2 incluíram vídeos (Anexo H4). Quanto aos autores, é de relevar a participação de Mauro Burlamaqui Sampaio (15), Maria Crise (14); Estivadores Solidariedade (8); Renato Teixeira (8).

Atendendo agora ao teor dos conteúdos publicados nesta página, a maioria referem-se ao evento “Rios ao Carmo” e fazem alusão ao 25 de Abril, é possível observar, igualmente, várias publicações com imagens e frases alusivas ao movimento *punk* e anarquismo. Além disso, encontramos mensagens com convites para a manifestação junto ao Banco Espírito Santo; uma hiperligação à notícia de sítio de internet italiano sobre “Rios ao Carmo”; mensagem com hiperligação sobre o encerramento da livraria Sá da Costa; mensagem do grupo “boleias revolucionárias”; mensagem com vídeo de Tonicha “Trovas do Carmo”; mensagens alusivas ao Sindicato dos Estivadores; mensagem com hiperligação a notícia do Ionline sobre as comemorações oficiais e officiosas do 25 de Abril de 2014; vídeo com poema de Ary dos Santos “As portas que Abril abriu”; hiperligação com vídeo dos The Dead Kennedys “Holiday in Cambodia” (*Punk*); mensagens com símbolos associados ao anarquismo; vídeo com imagens do Largo do Carmo no dia 25 de Abril de 1974; hiperligação a artigo do Indymedia sobre “Rios ao Carmo”; imagem de *cartoon* de personagem *punk* “you can run, but you can’t hide”; imagem com laranjas

esmagadas; imagem com máquina futurista tipo Mad Max com frase “Tomemos as ruas”; imagem com Salgueiro Maia “Grândola Calling”; imagem alusiva a Catarina Eufémia; hiperligação com vídeo com a leitura do poema “Pioneers, Pioneers”; imagem de Pedro Passos Coelho com frase “Há já muito tempo que nesta latrina o ar se tornou irrespirável”; vídeo com música “Los muertos de cristo A las Barricada” (Punk); imagem com imagem de uma ovelha negra; vídeo com música “Le jeunesse emmerde le Front National” (Punk); vídeo com música dos Delfins “Sou como um rio”; vídeo dos UHF “Caçada”; vídeo dos K2O3; vídeo Oi Polloi “Se must combat sexismo on all levels”; vídeo de Crise Total “A crise continua”; vídeo Ska “Skamioneta do lixo”; vídeo poema Ary dos Santos “Muitos homens na prisão”; imagem com caneca com frase “Keep Calm and listen PREC Rock”; vídeo Juventude Maldita “Grândola Vila Morena”; vídeo com documentário sobre Torre Bela; vídeo com música “film rauch haus song”.

Na página referente ao grupo “Capitães Queer”, promovida por Panteras Rosa, constavam 3390 convidados, sendo que destes, 246 referiram estar presentes e 117 “talvez”. Quanto a publicações, registaram-se 35 *posts*, 27 com elementos textuais, 27 incluíam imagens e 3 veiculavam vídeos. De acordo com o Quadro H.5 (Anexo H), podemos constatar que os autores que mais publicaram conteúdos foram Panteras Rosa (9), Carvalho Jesus (6); Francisco Norega (4).

Analisando agora o conteúdo das publicações, referem-se na maioria a mensagens e a imagens sobre “Rios ao Carmo”. Além disso, podemos apresentar como exemplos: mensagem e hiperligação a blogue com imagens sobre comemorações oficiais e oficiosas do 25 de Abril; imagens e mensagens sobre o ponto de encontro; mensagem com convite para encontro na Assembleia da República dia 25 de Abril, 1.00h; mensagem com hiperligação a blogue “5 Dias” sobre debate e filme “A Guerra dos Portos” no Sindicato dos Estivadores; mensagem com hiperligação do evento e para *download* de cartazes de Guilhotina.info; mensagem sobre direitos de homossexuais e hiperligação a blogue “Jugular” sobre a temática do historial dos direitos em Portugal; imagem alusiva ao grupo LGBT (Camião com tintas a derramar pelo chão de todas as cores); imagem com cartaz sobre participação nas comemorações do 25 de Abril “Abril para todas as famílias”; mensagem com hiperligação a artigo do jornal I com carta aberta ao Primeiro-Ministro do sindicato dos estivadores; imagem com mulher armada e colete anti-bala; mensagem com evento sobre manifestação junto da Bolsa de Lisboa; imagem referente a “Rios ao Carmo” – “Capitães Queer” (freira e Batman); imagem de general com saias; imagem de militar e bomba com símbolo movimento LGBT; imagem de máscara de marinheiro; imagem de duas heroínas da banda desenhada (*Comics* americanos).

A página referente ao grupo “Movimento Basta!!!Okupar o Carmo”, criada por Awakening on a Healthy Life, apresenta um total de 830 convidados, sendo que 53 afirmam estar presentes, enquanto que 30 “talvez”. No total, contabilizam-se 27 publicações, em que 19 incluem elementos de texto, 22 veiculam imagens e 1 compreende vídeo (Quadro H.6, Anexo H). De acordo com os dados apresentados na tabela, os autores que mais se destacaram foram Awakening on a Healthy Life (11), Mauro Burlamaqui Sampaio (4); Carvalho Jesus (3).

Os conteúdos das publicações referentes a esta página fazem alusão a símbolos e mensagens associados ao movimento *Occupy*. Passamos a enumerar alguns exemplos: referências à palavra “Ocupar” e a utilização de símbolos “Anarquia” e movimento *Occupy*; vídeo com música dos Deolinda “Seja Agora”; mensagem com opinião sobre “Rios ao Carmo” e hiperligação a notícia sobre comemorações oficiais do 25 de abril do Ionline; imagem com fotografia da AR com frase “Revoltome, logo existo”; hiperligação à notícia do Económico Sapo sobre a crise na Grécia; mensagem “As ocasiões fazem as revoluções”; mensagem com frase sobre revolução de Marx; mensagem sobre revolução de Bonaparte; imagem alusiva ao 25 de Abril de 1974 com referência a símbolo Movimento *Occupy* e anarquista.

9.2.3.3.2. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO GRUPO

A observação deste “Rio” inicia às 21.15h quando o investigador chega ao local do encontro, na noite de 24 de abril de 2014. A descrição aqui presente resulta dos registos realizados no momento (Figura 9.33 e Figura 9.34).

Às 21.20h, no jardim do Príncipe Real, observaram-se algumas pessoas que aparentemente se juntavam às causas dos grupos ali representados, mais visíveis e facilmente identificáveis os participantes de “Capitães Queer” e de “PREC’s Not Dead” pela utilização de adereços, pancartas e faixas com palavras de ordem. Pessoas identificadas com o PREC’s Not Dead preparavam um objeto cenográfico – um bolo de aniversário/casamento gigante feito em madeira e/ou cartão pintado de negro, perto uma carrinha branca (tipo Renault traffic) com materiais e equipamentos de som. Pode ler-se escrito no bolo; “Revolução é uma Festa” e “Lives”.



Figura 9.33 - Imagens captadas junto do grupo “PREC’s Not Dead”

O grupo LGBT - Panteras Rosa convocou um evento no Facebook intitulado “Capitão Queer”, remetendo para o imaginário dos super-heróis da banda desenhada. Aqui, observam-se algumas

peessoas com adereços coloridos, alguns elementos têm bandeiras com arco-íris, símbolo associado à causa dos direitos LGBT. A população é constituída por jovens, homens, mulheres, pessoas com idades variadas, na maioria mais velhas, alguns mascaram-se, outros ajudam a compor a máscara e a maquilhagem. Um homem vestido de couro negro, tipo imagem icónica do Tom of Finland, aparenta ter entre 45 e 50 anos, segura com as mãos cravos vermelhos. Às 21.35h, o grupo Panteras Rosa apresenta faixas em pano com a seguinte mensagem: “Nenhuma família é ilegal”. Ao todo, os participantes deste “Rio” presentes durante o período da observação são cerca de 50 a 60 pessoas. No local foi entrevistada uma pessoa que se identificou ser ativista a tempo inteiro pelos direitos das mulheres (em Anexo).

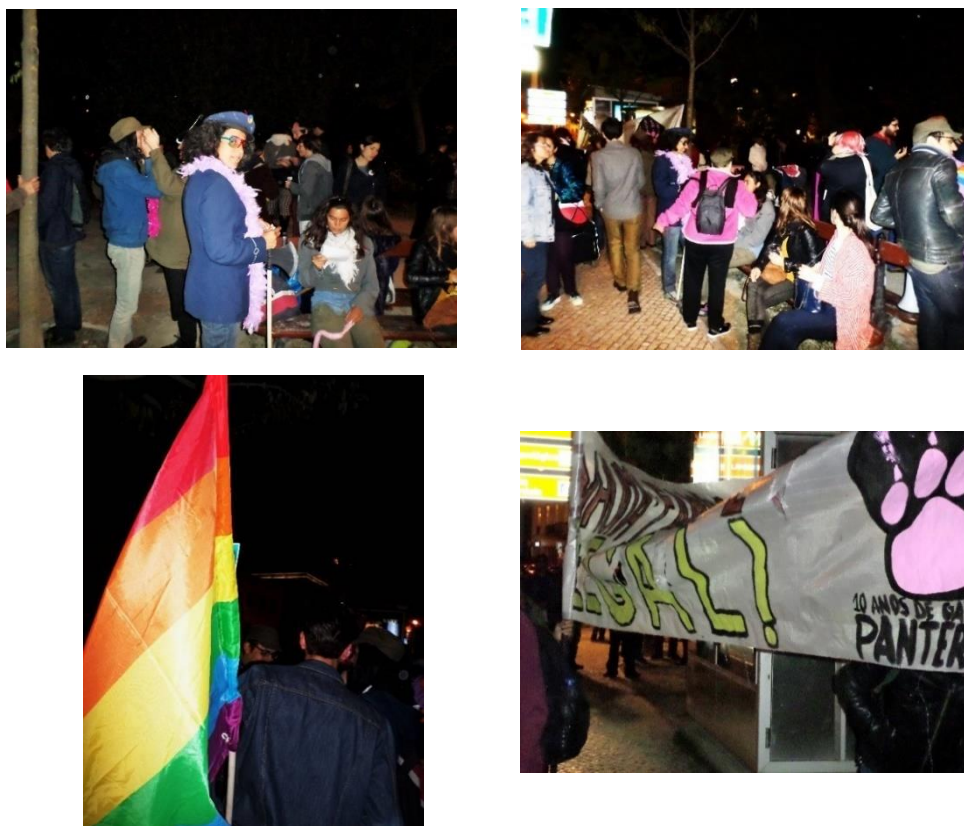


Figura 9.34 - Imagens captadas junto ao grupo “Capitães Queer – Panteras Rosa”

9.2.3.4. “PODES SER A GOTA DE ÁGUA+AFLUENTE MAREA GRANATE LISBOA+ COM ABRAÇOS DE CULTURA+GAITEIROS E PERCUSSIONISTAS AO CARMO”

9.2.3.4.1. ETNOGRAFIA VIRTUAL DO GRUPO

O “Rio” que marcou encontro junto ao Tribunal Constitucional, na Rua de O Século, às 21.00h, era composto por pessoas dos grupos “Podes ser a Gota de Água”, promovido pelo movimento Que se Lixe a Troika; do “Afluente Marea Granate”, coletivo de emigrantes espanhóis que vivem em Portugal, do “Com Abraços de Cultura”, composto por pessoas próximas ao projeto de teatro Dogma12 e ao ator e encenador Castro Guedes; assim como pessoas do grupo “Gaiteros e Percussionistas ao Carmo”. Além disso, no dia do evento, identificou-se também a presença do Sindicato Cena, que atua junto de trabalhadores da área do espetáculo e do teatro.

No total, o potencial mobilizador dos grupos envolvidos neste “Rio” foi de 17053 pessoas. A página “Podes ser a Gota de Água” envolveu 15769, sendo que destes, 1711 responderam afirmativamente à sua presença no evento, enquanto 533 responderam “talvez”. Com um total de 228 *posts* publicados, 171 apresentavam textos, 115 veiculavam imagens e 53 vídeos (Quadro H.7, Anexo H). Os autores que mais contribuíram com conteúdo foram: Que se Lixe a Troika (35), Mauro Burlamaqui Sampaio (17), Madalena Ávila (15).

Sobre o conteúdo, foram publicados: vídeos e textos sobre “Rios ao Carmo”; frases e imagens alusivas ao 25 de Abril, mensagem com hiperligação a blogue com texto sobre a situação financeira do BES; convite para manifestação contra o BES; a vídeo do Zeca Afonso; imagem alusiva ao 1º de Maio; imagem com alusão aos cravos do 25 de Abril; notícias sobre “Rios ao Carmo” da TVI, do Público, do DN, do JN; fotografias de João Carvalho alusivas a “Rios ao Carmo”; uma imagem de uma manifestação; vídeo da canção “Eu vi este povo lutar” de José Mário Branco; *link* para *streaming* “Todos os Rios Vão dar ao Carmo”; imagem com frase sobre Pedro Passos Coelho; vídeo com canção de Francisco Fanhais; vídeo com canção popular alentejana; mensagem com cartaz de “Rios ao Carmo” (cartaz geral); artigo do jornal I com carta aberta ao Primeiro-Ministro do sindicato dos estivadores; imagem de cartaz 40 anos 25 de abril; convite para debate e filme no Sindicato dos Estivadores; notícia do Ionline sobre Capitães de Abril; mensagem com texto de José Luís Peixoto e imagem de cartaz; mensagem com hiperligação de vídeo com declaração sobre o 25 de Abril; fotografia de Eduardo Gageiro; vídeo sobre o artigo 21 da Constituição – Direito a resistir; notícia do Notícias ao Minuto sobre regime de exclusividade dos deputados; imagem sobre movimento anarquista; frase de Eugénio de Andrade; hiperligação ao blogue para *download* de *flyer* de divulgação sobre Todos os Rios vão dar ao Carmo, “Podes ser a gota de água”; vídeo sobre o 25 de Abril, com canção de Zeca Afonso “Grândola”; imagem sobre MFA; imagem alusiva aos 40 anos do Facebook e frases sobre as redes sociais e revolução; mensagem com versos de música de Fausto; imagem alusiva ao 25 de Abril e as mulheres; vídeo com música de Carlos Paredes; vídeo sobre atuação Coro da Achada “Semana Sangrenta”;

hiperligação a blogue “5 Dias” com carta aberta enviada ao Primeiro-Ministro pelo Sindicato dos Estivadores; vídeo com canção de Amélia Muge, João Afonso e José Mário Branco; vídeo com principais artigos da Constituição; vídeo de Sérgio Godinho; texto da autoria de António Gil; imagem com o tema “Esmaga a laranja que há em ti, partilhado de João B Costa; mensagem com frase de Chico Buarque; vídeo com poema de Ary dos Santos “As portas que Abril abriu”; vídeo com canção de Elis Regina e Tom Jobim “Águas de Março”; mensagem contendo a sentença sobre os manifestantes que cantaram “Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso durante um debate com o Primeiro-Ministro; mensagem com poema de Brecht; poema de António Gedeão; vídeo com canção de José Mário Branco; Vídeo de canção italiana “Bella Ciao”; vídeo de canção italiana “I Cento Passi - Modena City Ramblers”; convite de grupo “Boleias Revolucionárias”; vídeo com canção de António Zambujo; texto sobre as finanças; vídeo de cante alentejano com canção de Zeca Afonso “Grândola Vila Morena”; vídeo de canção de Fausto, “O barco; vídeo com canção de José Mário Branco, “Alerta”; mensagem de Anonymous legion e sua participação na ação Todos os Rios vão dar ao Carmo; vídeo de Francisco Fanhais “Porque”; vídeo com canção de Nara Leão; notícia do Sol sobre participação dos estudantes em Todos os Rios vão dar ao Carmo; vídeo com canção de Geraldo Vandré.

A página de “Marea Granate Lisboa” apresentou um total de 63 convidados, 19 disseram de “vão” ao evento e 8 responderam “talvez”. Foram publicados 5 *posts*, sendo que 4 compreendiam textos e 3 apresentavam imagens (Quadro H.8, Anexo H). As publicações foram da responsabilidade de Marea Granate Lisboa (3); André Carapinha (1) e António José (1).

Quanto ao conteúdo das publicações na página, podemos referir um vídeo promocional de “Rios ao Carmo”; uma mensagem com convite para participar no grupo “Carruagem da Liberdade”.

A página do grupo “Com abraços de cultura”, promovida pelo projeto teatro Dogma 12, apresentou 1032 convidados, sendo que 87 “Vão” e 29 “Talvez”. É possível contabilizar 39 *posts*, 29 continham textos, 24 veiculavam imagens e 7 eram compostos por vídeos (Quadro H.9, Anexo H). De acordo com a tabela, os autores que mais publicaram foram Mauro Burlamaqui Sampaio (10), Carvalho Jesus (5) e Renato Teixeira (5).

Após uma análise do conteúdo das publicações, podemos referir os seguintes elementos presentes na página: convite para manifestação contra BES; notícia/ texto sobre Todos os Rios vão dar ao Carmo de Blogue; vídeo sobre a ação Todos os Rios Vão dar ao Carmo; mensagem e imagem sobre placa da antiga sede da PIDE DGS; mensagem com mapa; hiperligação de blogue sobre comemorações do 25 de Abril; comentário a artigo de imprensa; evento para encontro na Assembleia da República dia 25 de Abril, 01:00h; hiperligação do evento e para *download* de cartazes de Guilhotina.info; vídeo com canção de Sérgio Godinho “Os amigos do Gaspar”; imagem com um jovem a ser arrastado e agarrado ao computador, dizendo que a revolução é pela internet; vídeo sobre artigo 21 da Constituição, com música de Zeca Afonso; evento sobre grupo “Comboio de Vila Franca”; texto de opinião sobre comemorações do 25 de Abril e hiperligação de notícia do Ionline sobre o tema; vídeo com canção de Bob Marley; evento do grupo “Comboio da Liberdade – Cascais-Oeiras”; mensagem com vídeo “A Guerra dos

Portos” do Sindicato dos Estivadores; evento do grupo “O Bairro 25 de Abril”; vídeo com poema de Ary dos Santos “As Portas que Abril Abriu”; evento para manifestação junto à bolsa de Lisboa.

A página do grupo “Gaiteiros e Percussionistas ao Carmo”, criada por Paula Gaiteira de Sousa, indica 189 convidados, destes 48 estão na categoria “Vão” e 19 em “Talvez”. No total são 32 publicações, 23 com texto, 20 com imagens e 7 com vídeos (Quadro H.10, Anexo H). De acordo com a tabela apresentada, Mauro Burlamaqui Sampaio foi o autor que mais publicou na página (8), seguido de Carvalho Jesus (5), João B Costa (3), Paula Gaiteira de Sousa (3) e Renato Teixeira (3).

Os principais conteúdos publicados na página são: notícia/ texto sobre “Rios ao Carmo; convite para manifestação contra BES; vídeo promocional sobre “Rios ao Carmo”; mensagem com mapa; hiperligação de blogue sobre comemorações do 25 de Abril; evento sobre encontro na Assembleia da República dia 25 de Abril, 1.00h; vídeo de canção de José Mário Branco – “Eu vi este povo a lutar”; vídeo do grupo GAC – Grupo Ação Cultura; comentário a artigo de imprensa; vídeo com atuação Gaiteiros de Lisboa; vídeo música Roncos do Diabo; vídeo com canção de Zeca Afonso “O Homem da Gaita”; convite do grupo “Comboio de Vila Franca”; convite do grupo “Comboio de Vila Franca”.

9.2.3.4.2. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO GRUPO

De acordo com os registos da observação, no dia 24 de abril de 2014 (Figura 9.35):

Às 21.40h, os elementos do grupo “Podes ser a Gota de Água+Afluente Marea Granate Lisboa+ Com Abraços de Cultura+Gaiteiros e Percussionistas ao Carmo” já não se encontravam em frente ao Tribunal Constitucional, pois já havia terminado a performance onde alguns elementos leram artigos da Constituição da República Portuguesa, dirigindo-se depois para o Largo do Chiado e para a Rua António Maria Cardoso, para junto do edifício da antiga sede da PIDE/DGS. O investigador encontrou o grupo entre a Calçada do Combro e o Largo do Camões. Na Rua da Emenda, às 21.55h, estavam num desfile cerca de 80/100 pessoas, algumas com bandeiras do Sindicato Cena e pancartas que diziam “Direito ao Trabalho”, percorriam as ruas e cantavam. Foi possível falar com uma pessoa que, depois, se identificou como sendo a atriz Joana Manuel (ver entrevista em anexo). No grupo, foram identificados, ainda, elementos como Nuno Ramos de Almeida do coletivo Que Se Lixe a Troika, alguns atores de teatro e televisão, assim como cantores, nomeadamente Fernando Mendes, Mísia, entre outros. Alguns carros apitavam com as suas buzinas. No largo do Chiado ouviam-se gaitas de foles e alguns manifestantes tinham pancartas e cartazes com mensagens sobre direitos fundamentais/constitucionais, viam-se também bandeiras de Portugal e cravos vermelhos. Parados no largo do Chiado, ouviam-se palavras de ordem como por exemplo “Espanha, Grécia, Itália, Portugal, a nossa luta é internacional”, e cantavam a música de José Mário Branco, intitulada “Eu Vi Este Povo Lutar”. Um dos elementos distribuía fotocópias com a letra da música para que os presentes cantassem:

“Eu vi este povo a lutar/Para a sua exploração acabar/Sete rios de multidão/Que levavam História na mão

Sobre as águas calmas/Um vulcão de fogo/Toda a terra treme/Nas vozes deste povo

*Mesmo no silêncio/Sabemos cantar/Povo por extenso/É unidade popular
Somos sete rios/Rios de certeza/Vamos lá cantando/No fragor da correnteza
Eu vi este povo a lutar/Para a sua exploração acabar/Sete rios de multidão/Que levavam História na mão
A fruta está podre/Já não se remenda/Só bem cozidinha/No lume da contenda
Nós queremos trabalho/E casa decente/E carne do talho/E pão para toda a gente
Ai, meus ricos filhos/Tantos nove meses/Saem do meu ventre/Para a pança dos burgueses
Eu vi este povo a lutar/Para a sua exploração acabar/Sete rios de multidão/Que levavam História na mão
Alça meu menino/Vê se te arrebitas/Que este peixe podre/Só é bom para os parasitas
Só a nosso mando/É que há liberdade/Vamos lá lutando/P’ra mudar a sociedade
Bandeira vermelha/Bem alevantada/Ai minha senhora/Que linda desfilada
Eu vi este povo a lutar/Para a sua exploração acabar/Sete rios de multidão/Que levavam História na mão” (Letra e música de José Mário Branco)*

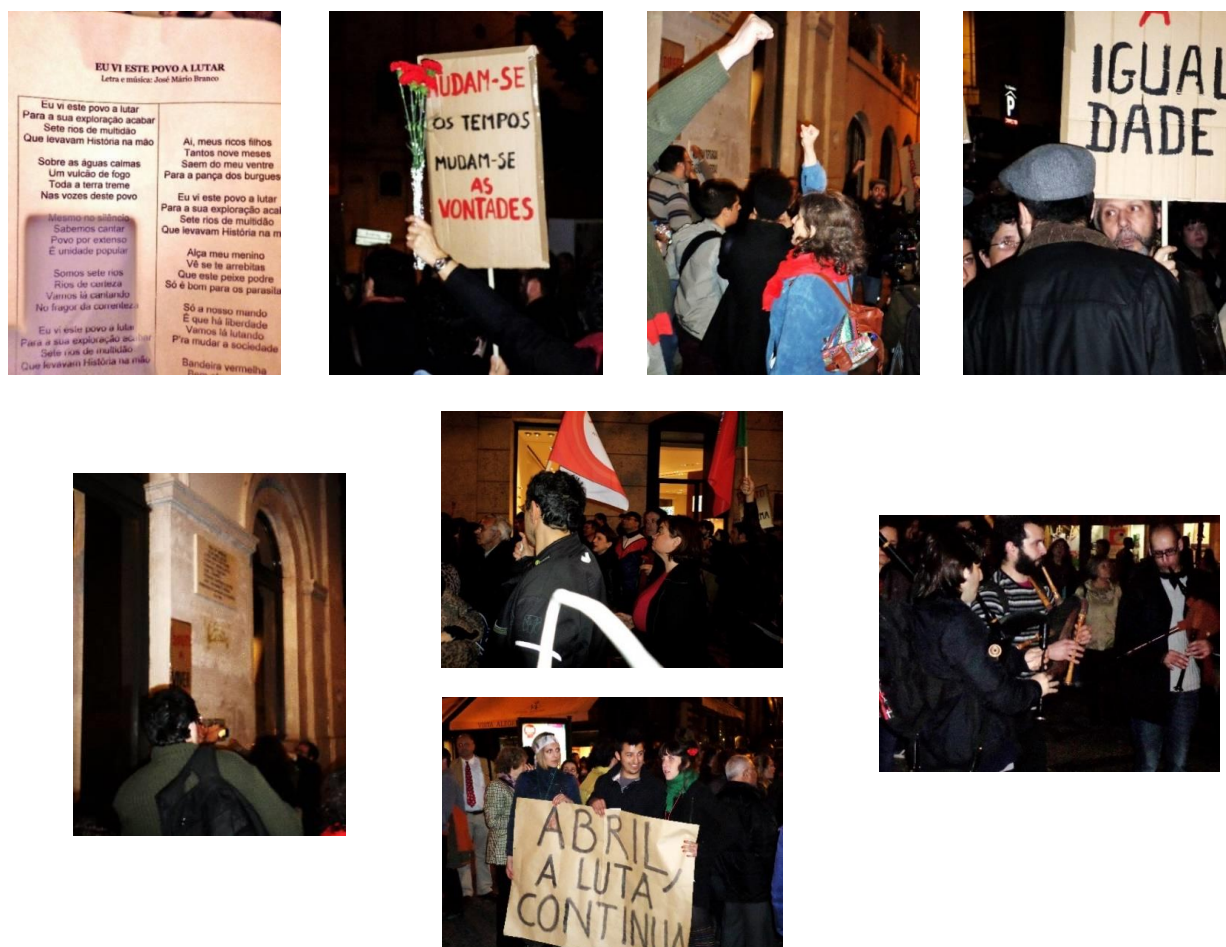


Figura 9.35- Imagens captadas junto do grupo “Podes ser a Gota de Água+Afluyente Marea Granate Lisboa+ Com Abraços de Cultura+Gaiteiros e Percussionistas ao Carmo”

O grupo seguiu, depois, em direção à Rua António Maria Cardoso, tendo simbolicamente parado em frente à antiga sede da PIDE DGS, onde cantaram a música – “Hino de Caxias”:

“Longos corredores nas trevas percorremos/sob o olhar feroz dos carcereiros/mas nem a luz dos olhos que perdemos/nos faz perder a fé nos companheiros. (ver Figura 9.35)

Vá camarada mais um passo/que já uma estrela se levanta/cada fio de vontade são dois braços/e cada braço uma alavanca.

Cortam o sol por sobre os nossos olhos/muros e grades encerram horizontes/mas nós sabemos onde a vida passa/e a nossa esperança é o mais alto dos montes.

Vá camarada mais um passo/que já uma estrela se levanta/cada fio de vontade são dois braços/e cada braço uma alavanca.

Podem rasgar meu corpo à chicotada/podem calar meu grito enrouquecido/que para viver de alma ajoelhada/vale bem mais morrer de rosto erguido.

Vá camarada mais um passo/que já uma estrela se levanta/cada fio de vontade são dois braços e cada braço uma alavanca.” (Letra e música da autoria coletiva dos presos políticos de Caxias)

Ouviam-se igualmente palavras de ordem como: “25 de Abril Sempre, Fascismo Nunca Mais”. Alguns elementos concentram-se junto à placa com epígrafe em homenagem às pessoas assassinadas pela PIDE/DGS, que fora retirada e depois restituída ao local original. Ouviam-se também outras palavras de ordem como: “O Povo Unido Jamais Será Vencido” e “Espanha, Grécia, Itália, Portugal, a nossa luta é internacional”. Um cartaz com a frase, “Aqui foram torturadas pessoas, foi colocado junto à epígrafe, além de cartazes pintados em cartão com frases como: “Isto não é Democracia!”. Junto a este grupo, identificou-se, igualmente, alguns membros do grupo de estudantes da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa em plena atuação, apresentaram-se com as máscaras construídas tendo por base a fotografia do rosto de Salgueiro Maia, cada elemento personalizou e decorou com cores, grafismos, pinturas e desenhos. Quando o grupo subia a Rua Serpa Pinto em direção ao Largo do Carmo, o grupo de estudantes procedia a uma espécie de coreografia.

9.2.4. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE – ANÁLISE EVENTO GERAL

Já no Largo do Carmo...

Às 22.45h, no Largo do Carmo observou-se a concentração de muita gente que ali permanecia, cerca de 1500 a 2000 pessoas, e outros a chegar organizados, também, pelos grupos que os traziam e que ali se manifestavam. No local, observou-se algum movimento, as pessoas andavam, bebiam, falavam, cantavam, enquanto mais pessoas chegavam pela travessa do Carmo e por outras ruas contíguas ao local. Um grupo ostentava uma bandeira do Partido pelos Animais e pela Natureza (PAN). O local estava bastante confuso e quase que não se podia andar sem dar encontrões, tal era a quantidade de pessoas ali presentes (Figura 9.36; 9.37.; 9.38.).



Figura 9.36 -Imagens captadas no Largo do Carmo na noite de 24 de Abril

Observou-se também alguns símbolos de grupos, como por exemplo bandeiras pretas com o “A” de Anarquia, bandeiras com o arco-íris, uma bandeira do Partido Pirata ou pessoas com máscaras de Guy Fawkes do movimento Anonymous. Junto à Calçada do Sacramento estavam carros de direto da estação televisiva TVI, assim como um conjunto de polícias, entre 5 e 10 elementos a ladear a rua. As pessoas presentes bebiam, procuravam cerveja, conversavam nas esplanadas. Depois, ouviram-se barulhos de foguetes ou morteiros. Colocado por cima do chafariz do Largo do Carmo, um cartaz com a inscrição, “Não Queremos Voltar ao Passado”. Entoavam canções de intervenção revolucionárias. Um participante segurava um cartaz com a frase, “Cravos da Liberdade Dos Escravos da Austeridade”; e bandeiras amarelas com a frase: “25 de Abril Sempre, Fascismo Nunca Mais!”.



Figura 9.37 - Imagens captadas no Largo do Carmo na noite de 24 de Abril

Às 22.10h uma rapariga entrega-me um panfleto de campanha anti TTIP, junto às escadas da Igreja das Ruínas do Convento do Carmo. Uma rapariga com cerca de 18 anos, diz para os restantes jovens presentes: - “Alguém quer falar na televisão?”. Um rapaz responde: - “Eu”, e ela continua dizendo, - “Toma..., o do TTIP também tens aí, boa! (referindo-se aos panfletos)?” Ouve-se a música de Paulo de Carvalho, “E depois do Adeus”, num megafone. Algumas pessoas tocam ferrinhos e instrumentos musicais de percussão e outros. Observa-se um grupo constituído por professores, pois têm uma faixa, colocada em frente ao Quartel do Carmo, com as seguintes frases “Basta de milhões para os colégios. Redução do número de alunos por turma. Vinculação dos contratos com 3 anos de serviço. Boicote”. Em alguns sítios, o meu olfato não se engana, algumas pessoas fumam alguma coisa como canábis ou alguma substância relacionada (Figura 9.37 e 9.38).



Figura 9.38 - Imagens captadas no Largo do Carmo na noite de 24 de Abril de 2014

Observa-se a mesma carrinha que estava estacionada no Príncipe Real, junto ao grupo PREC's Not Dead, agora com um sistema de som e música techno com um nível bastante audível.

Às 23.40h, junto às escadas do Convento do Carmo, um grupo faz atuações tipo performance, algo improvisadas, artistas circenses, alguns elementos com adereços de palhaço. Vejo também um elemento cenográfico, colocado junto à porta das ruínas, que é um caixão aberto, e no seu interior podem ver-se cravos vermelhos e um livro da Constituição Portuguesa. Algumas pessoas, cerca de 4 ou 5 elementos, vestidas com coletes refletores com a inscrição “Acorda” – www.MRB.pt.

Um grupo de jovens, alguns com adereços de palhaço e outros com máscaras do Salgueiro Maia, fazem uma roda, tocam instrumentos de percussão, fazem ritmos e cantam as seguintes palavras “Salgueiro, Salgueiro, Salgueiro, Abril, Abril, Abril”, como se fosse uma música RAP. Elementos do grupo MRB levam o caixão em braços, como se de um funeral se tratasse. Vê-se uma faixa com a seguinte inscrição “2013 Cleptocracia”.

Às 23.53h, sentei-me no lado esquerdo (da frente) do Convento do Carmo, nas escadas, onde um grupo de jovens estava com um megafone com músicas de intervenção de autores como Zeca Afonso. Um rapaz, com aparência de 40 anos de idade, com um visual que remete para o movimento Punk, segura um megafone. Há uma faixa feita de pano de lençol pintada e pendurada na parede, onde algumas pessoas escreveram mensagens e fizeram desenhos. Abandonei o local às 00.05h.

Este evento compreendeu um conjunto de performances de vários grupos/ movimentos sociais e organizações formais e informais, resultando numa manifestação com características de descentralização e polifonia. As várias “vozes” convergiram ao mesmo ponto, ao largo do Carmo, o local simbólico da revolução, como se de uma renovação de votos se tratasse, num compromisso com a democracia e com os valores de Abril, apesar de se observar uma vontade de renovação e de reinvenção daqueles na sua adaptação para o contexto atual.

O Largo do Carmo, em Lisboa, a partir das 22.00 horas, do dia 24 de Abril de 2014, encheu-se de manifestantes, observámos grupos com cartazes, faixas com palavras de ordem e, alguns deles, usavam bandeiras e símbolos que os identificavam enquanto grupo, por exemplo, partido defesa dos direitos dos animais (PAN), movimento LGBT, movimento *Occupy* ou antiglobalização, Partido Pirata e Anonymous. Outros grupos transmitiam música num sistema de som (como o PREC's Not Dead), outros tocavam instrumentos de percussão ou cantavam músicas de intervenção (José Afonso ou José Mário Branco) num ambiente de autêntica festa.

“Rios ao Carmo” foi um evento que reuniu no mesmo espaço várias “vozes” de grupos e movimentos sociais, muito rico em manifestações culturais, sem ordem cronológica ou espacial. As várias performances ocorriam simultaneamente, sem preocupação de seguir um guião ou encenação.

9.2.5. ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Durante a observação, foram entrevistadas quatro pessoas na qualidade de participantes na ação, uma em cada um dos “Rios”. Para a seleção dos indivíduos seguiu-se um método por conveniência, ou seja, de acordo com os seguintes fatores: i) encontrar-se no local da observação e ser identificado como membro ou enquanto elemento próximo do grupo em questão (interação com outros elementos do grupo, forma de vestir, atividades que o sujeito se encontrava a desempenhar no local no momento da observação), ii) disponibilidade para responder às questões.

A cada sujeito foi aplicada a técnica de entrevista semi-estruturada (Blee e Taylor, 2002), com base num guião previamente estabelecido, com objetivos de investigação, questões-tipo e/ou áreas de interesse a explorar para o estudo, de acordo com os pressupostos do estudo da Performance de Richard Bauman (Bauman, 1986).

Posteriormente, as entrevistas foram codificadas e distribuídas por 14 categorias, no sentido de estruturar a sua análise: “25 de Abril”; “Background de Experiência”; “Identidade Coletiva”; “Identidade Individual”; “Internet e Mobilização”; “Internet e Movimentos Sociais”; “Manifestações”; “Meios e Expressão”; “Motivações Coletivas”; “Motivações Individuais”; “Movimentos Sociais”; “Movimentos Tradicionais”; “Organização e Recursos”; “Telemóvel e Mobilização”.

No que respeita à categoria referente a “25 de Abril”, o objetivo foi identificar as representações associadas ao termo. Dos quatro sujeitos entrevistados, todos referiram estar no local para participar nas comemorações do 25 de Abril.

A pessoa que participou no grupo “Carruagem da Liberdade” (R1) referiu-se à situação com o propósito de “relembrar” uma data que é importante e porque ela “surgiu” com o intuito de conceder direitos. Passados 40 anos, o respondente revelou estar “triste” com uma situação que tem muitas “semelhanças” com aquela que se vivia em Portugal naquele período, “embora em moldes diferentes”. Apesar de ser muito novo e de não ter vivido naquela época, o respondente mencionou a “família” como principal referência pela transmissão de “os valores de Abril”. O respondente expressou alguma consternação por constatar que os princípios de base associados à revolução de 1974 estariam a ser “jogados fora” e a “rasgar aquilo que foram os ideais de Abril”. Subentende-se nas declarações um sentimento de preocupação relativamente à comparação que estabelece entre representações que lhe foram transmitidas pela família, sobre o que foi o 25 de Abril, e os “valores” associados aquele período histórico, e o que o jovem constata passados 40 anos serem as condições que o país atravessa no momento a nível político, económico e social, sob a influência de políticas de austeridade. Portanto, houve uma reprodução de valores e representações no contexto familiar associados ao 25 de Abril como positivos e benéficos, que entram em conflito com aquilo que o sujeito constata como sendo os valores e representações de uma situação atual, que segundo as suas declarações são tidos como negativos, prejudiciais e compreendidos como uma perda dos direitos e liberdades conquistados com a revolução.

O jovem no momento da entrevista segurava dois cravos vermelhos na mão, um dos símbolos atribuídos ao 25 de Abril.

R1 - E vamos, nomeadamente, então, relembrar o que é que foi o 25 de Abril, como, porque é que ele surgiu e, pronto, porque hoje em dia a situação está bastante parecida com a que estava há 40 anos atrás, embora em moldes diferentes mas tá, tem algumas semelhanças.

[25 DE ABRIL]

[Entrevista rios ao carmo ...: 25-33]

R1 - não chego com raiva...mas triste chego a... estou triste porque é assim... obviamente que não vivi no tempo do 25 de abril, mas a minha família sempre foi uma família ativamente ah... consciente... e sempre me passaram alguns valores de Abril e vejo que esses valores que há 40 anos foram a causa de uma revolução, hoje em dia estão a ser jogados fora e estão a ser deitados... e... tá-se a pôr uma Tá-se completamente a rasgar aquilo que foram os ideais de Abril.

[25 DE ABRIL]

[Entrevista rios ao carmo ...: 63-76]

Ao analisarmos o conteúdo das respostas da pessoa que se encontrava no grupo “Curto e Grosso 450 e Estudantes ao Carmo”, junto à Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (R2), subentende-se um sentimento de vontade e necessidade de mudança, pois o 25 de Abril, segundo o respondente, necessita de uma recontextualização de acordo com as necessidades atuais. Segundo as suas declarações, os “ideais que eram defendidos” podem não ser os mesmos que hoje se defende. Aqui a utilização do “nós” pode ser interpretado como “nós” os portugueses”, “nós” os jovens ou “nós” os estudantes, visto tratar-se de um “Rio” organizado por um estabelecimento de ensino superior. O respondente utilizou os termos “reinterpretar” quando faz alusão ao 25 de Abril e à imagem simbólica de Salgueiro Maia. Portanto, as representações do 25 de Abril e de Salgueiro Maia são equivalentes, neste sentido, as máscaras com a fotografia do Comandante que os elementos deste grupo usavam no momento foram pintadas e redesenhadas, a imagem e a sua simbologia servem para “aproximar”, porque a revolução aconteceu há 40 anos. Neste sentido, o respondente afirmou a importância de se proceder a uma “reinterpretação” dos “valores da revolução atual” e “contemporânea”. Assim, entende-se, em contraste com o respondente (R1), que os valores associados ao 25 de Abril são obsoletos e que devem ser alvo de “reinterpretação” de acordo com o contexto atual da sociedade contemporânea, pelo que não existe conflito de representações, nem atribuições negativas aos “valores” e “ideais” atuais, mas um sentimento que demonstra uma necessidade de adaptação para a época atual. Estas declarações apresentam marcas de um discurso influenciado por conjunturas internacionais, em que poderá haver associações entre o conceito de “revolução atual” com as questões da tecnologia e da globalização e a consequente necessidade de “reinterpretação” e de “reformulação”.

R2 - *É assim, nós tentamos como o...este rio é um rio ok... que parte de uma faculdade, não é? De uma instituição de ensino superior, mas nós tentamos descentralizar um bocadinho isso porque... o 25 de Abril é muito mais, abrange muito mais do que isso... então o... nosso rio não é prós estudantes, é por estudantes, para estudantes, mas para muito mais outras pessoas.*

[25 DE ABRIL]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 82-92]

R2 - *esta ação e... esta, esta simbologia, do Salgueiro Maia tem um objetivo...que é aproximar... porque o 25 de Abril aconteceu há 40 anos, não é? Há coisas que têm que ser re...reinterpretadas, os ideais que eram defendidos provavelmente não são os que nós defendemos. Então há uma necessidade de haver essa reinterpretação dos valores da Revolução atual, contemporânea, e não de uma revolução que aconteceu há 40 anos, que tem a importância que tem, mas que..., mas que não pode ser o centro das atenções neste momento... Serve como, como gota...*

[25 DE ABRIL]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 239-254]

R2 - *Não. Serve como pano de fundo e como referência direta a um ótimo exemplo do que aconteceu, mas há necessidade deste, destes ideais serem reformulados porque neste momento há outras coisas que são necessárias e há outras urgências que naturalmente na altura não havia, ou havia outras, porque foi há 40 anos, as coisas mudam, não é?,necessariamente.*

[25 DE ABRIL]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 260-270]

O respondente (R3), entrevistado junto ao grupo “PREC’s Not Dead, Capitães Queer e Basta!!! Okupar o Carmo”, referiu-se ao 25 de Abril associando ideias de “Liberdade” e de “Direitos”, pelo que os dois termos são equivalentes, com representações positivas, o que motiva a “apoiar”, “celebrar” e “juntar-se” à “causa”. A pessoa demonstrou estar “contente” por estar a participar numa “manifestação” em que se está a “fazer algo diferente” da “marcha” do dia 25. Pelo que a iniciativa marca positivamente pela diferença, continuando a “relembrar uma data que é muito importante na nossa história”. Podendo depreender-se pelas suas declarações que o 25 de Abril tem representações positivas e que é uma data importante de celebração para os portugueses, estando a data conotada com os conceitos de história, sentido de pertença e de identidade nacionais.

R3 - *Ahh... (risos) Bem vim... vim apoiar a causa de celebrar o 25 de Abril e... e juntar-me a... à causa da Liberdade.*

[25 DE ABRIL]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 17-19]

R3 - *isso... relativamente à manifestação... ahh..pensei que iria estar muito mais gente. Mas... já não foi mau... porque, estou contente porque as pessoas, ahhh, estarem a fazer algo diferente, normalmente o que se faz é no dia 25 há a marcha e por acaso este ano estão a fazer algo diferente e... e continuam a relembrar uma data que é muito importante na nossa história.*

[25 DE ABRIL]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 56-66]

R3 - *(Risos) Bem (risos) Ah... vou manifestar-me, apoiar a causa, ah...defender os meu direitos e manifestar-me pela Liberdade*

[25 DE ABRIL]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 124-127]

No que respeita ao respondente (R4), entrevistada junto ao grupo “Podes ser a Gotinha de Água+Afluentes Mares Granate Lisboa+ Com Abraços de Cultura+Gaiteros e Percussionistas ao Carmo”, o 25 de Abril é visto como uma “revolução” ocorrida há 40 anos e por isso é preciso “defender”. Constata-se uma associação das comemorações ao conceito de rua como lugar público e aos locais simbólicos como o Largo do Carmo, a Rua António Maria Cardoso. As representações são positivas e associadas à palavra “comemoração”.

R4 - *Não. Eu estou aqui porque sou cidadã. E estou a comemorar a minha revolução de uma maneira especial porque são 40 anos e porque são 40 anos, ahh... complicados... em que para além de comemorarmos precisamos de a defender.*

[25 DE ABRIL]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 19-25]

R4 - *Ahh, hoje vou agora passar na António Maria Cardoso e depois vou para o Carmo e amanhã voltarei para a rua para continuar a comemorar o 25 de Abril.*

[25 DE ABRIL]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 91-95]

Após a análise das categorias “Identidade Individual”, “Background de Experiência” e “Internet e Mobilização”, constatamos a existência de líderes que apoiam a iniciativa, especialmente nas atividades de mobilização, que se auto-intitulam “Ativistas” ou de “cidadãos” e, dependendo do seu grau de envolvimento, podem estar integrados em estruturas mais ou menos organizadas e profissionais. O respondente 1 (R1) afirma ter amigos que estão envolvidos em “movimentos políticos e partidários” e que o informaram sobre a ação. A respondente 2 (R2) considera-se ativista e desenvolve essencialmente a sua atividade na Associação de Estudantes da Faculdade de Belas Artes, apresenta

algum *background* de experiência ligada a grupos e movimentos como os “Ritmos da Resistência”. A respondente 3 (R3) colabora com vários grupos e é estagiária numa ONG, considerando-se “ativista 24 horas por dia”. A respondente 4 (R4), identifica-se enquanto “cidadã” e pertence a um sindicato na área do teatro e do espetáculo, além de participar no grupo Que se Lixe a Troika.

R1 - *Tenho aqui amigos, eh... tenho amigos que tão... que participam em movimentos, em movimentos... ah...ah... políticos, ah... partidários também que... pronto... me informaram do que é que... do que iria acontecer hoje*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista rios ao carmo ...: 81-88]

R2 - *(Risos) Eu tou ligada ao ativismo desde há algum tempo...Já fiz parte dos “Ritmos da Resistência”, um grupo ativista de percussão...hum é...*

[IDENTIDADE INDIVID]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 33-36]

R3 - *Sou licenciada em Antropologia e trabalho numa, sou estagiária numa ONG.*

[IDENTIDADE INDIVID]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 7-9]

R3 - *Ahh...(risos) em manifestações, ahhh...bem, bem o meu trabalho é basicamente ativismo. Porque sou ativista pelos direitos das mulheres...e...*

[IDENTIDADE INDIVID]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 31-35]

R3 - *Sim. Eu sou estagiária na Plataforma Portuguesa pró Direitos das Mulheres e sou voluntária na Rede Portuguesa de Jovens Para a Igualdade e Oportunidades entre Mulheres e Homens. Ah... e basicamente sou ativista 24 horas por dia...e...quando há manifestações junto-me sempre ou tento juntar-me sempre que posso...*

[IDENTIDADE INDIVID]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 39-48]

R3 - *Bem, sou co-fundadora de um programa de rádio de estudantes, ah, chamado o “Clítoris da Razão”, que é um programa também feminista. Ah... no Instituto Superior Técnico, na rádio zero, e..ah pertença a alguns grupos feministas no facebook.*

[IDENTIDADE INDIVID]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 97-103]

R4 - *Ao Cena!*

[IDENTIDADE INDIVID]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 11-11]

R4 - *Pertenço, sim!*

[IDENTIDADE INDIVID]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 15-15]

Foi possível observar no evento “Rios ao Carmo” as características que habitualmente atribuímos às manifestações da “tecnocultura” (Muniz Sodré), como a descentralização, a simultaneidade, a divergência, a polifonia, a microcoordenação, a inexistência de linearidade estrutural (Fuchs, 2007; Castells; 2009, 2013; van de Donk, Loader, Nixon e Rucht, 2004). Pelo que podemos estabelecer uma associação ao conceito de “rizoma” (Deleuze e Guattari, 2007), aplicando-o a este contexto, como exemplo da orgânica e do formato que as manifestações performativas podem assumir atualmente, com base na tecnologia e nos pressupostos do efeito de multidão.

Tuñez e Sixto (2011, 2012a, 2012b) apresentam o Facebook como uma das mais importantes redes sociais usadas na Comunicação Política.

Las redes sociales en entornos virtuales están transformando los modos de intercomunicación personal y grupal tanto en acciones unidireccionales como en actos multidireccionales (todos con todos). La principal transformación no está solo en el modo de relacionarse, ni en el soporte virtual. El auténtico significado de esta transformación es que los flujos informativos se han democratizado y universalizado porque sin depender de nadie el individuo tiene la posibilidad de convertirse en emisor al disponer de internet como canal global (Tuñez e Sixto, 2012b: 15).

Em Dezembro de 2013, o Facebook contava com cerca de 4,7 milhões de utilizadores em Portugal e com aproximadamente 1,2 mil milhões no mundo, sendo por isso considerada a rede social mais importante a nível global¹⁸.

No Quadro H.11 (Anexo H) da autoria de Túñez e Sixto (2011: 90) é possível constatar as características que o Facebook oferece no que respeita à comunicação política, na perspetiva do estudo realizado sobre a utilização de redes sociais por atores políticos.

A componente tecnológica, nomeadamente a utilização das plataformas digitais, refletiu-se fortemente nas condições e características de “Rios ao Carmo”. Após a análise das entrevistas e das categorias “Internet e Mobilização” e “Internet e Movimentos Sociais”, comprovamos que a utilização da internet e das redes sociais estiveram presentes nas fases de mobilização antes da ação, especialmente

¹⁸ Fonte: DN online, 4 de Fevereiro de 2014, acessível em: <http://www.dn.pt/economia/interior/facebook-com-47-milhoes-de-utilizadores-em-portugal-3667289.html>

por meio da utilização do Facebook. Durante o evento, os respondentes mencionaram a utilização do telefone e de mensagens *sms* para combinar com os amigos, além de ter sido mencionada a hipótese de se captarem fotografias e vídeos para divulgar posteriormente no Facebook e noutras redes sociais. No entanto, a utilização destas ferramentas no período de mobilização antes da realização da ação julga-se ser bastante mais referida, além de apresentada com maior destaque e importância que outras atividades realizadas com recurso a estas ferramentas, nas fases durante e posteriores ao evento.

O respondente 1 (R1) referiu ter obtido conhecimento da iniciativa por meio do Facebook e através de amigos que estão envolvidos em “movimentos políticos e partidários”. Tem por hábito “partilhar o que se está a passar”, e costuma tirar fotografias e “partilhar” no Instagram e no Facebook.

R1 - Através do facebook. Tenho aqui amigos, eh... tenho amigos que tão... que participam em movimentos, em movimentos... ah...ah... políticos, ah... partidários também que... pronto... me informaram do que é que... do que iria acontecer hoje... e pronto... e decidi por bem vir.

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista rios ao carmo ...: 81-88]

R1 - Para, para divulgar o que é que se está a passar? Sim, sim.

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista rios ao carmo ...: 110-111]

R1 - Sim, sim, sim, tiro fotografias... partilho no instagram e no facebook...

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista rios ao carmo ...: 115-116]

R1 - Depende. Por acaso, por acaso agora (risos), agora não tenho tado a fazer isso. Tirado algumas fotografias e... vou partilhá-las depois. Mas isso depende. Depende do momento. Uma vez sim, outras vezes não.

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista rios ao carmo ...: 125-131]

R1 - Eh... Alguns por facebook, outros por mensagens. Sim.

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista rios ao carmo ...: 163-164]

O respondente (R2) referiu desenvolver ações de mobilização no Facebook, no desenvolvimento de conteúdos e de vídeos. De acordo com as suas declarações, aposta-se muito na “comunicação interna e na comunicação direta”.

R2 - *O que é que fiz para isso? Então, tentamos muito a nível de Facebook... porque neste momento é assim ... nós estamos há pouco tempo, estamos a tentar criar um, ... mas outras ferramentas online, um blogue... mas neste momento temos o facebook e tentamos usá-lo bem neste sentido. Fizemos dois promo-vídeos. Dois vídeos promocionais para esta ação, que podem ser vistos no facebook da associação de estudantes...*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 161-172]

R2 - *Eh... tentamos que seja viral*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 176-176]

R2 - *Em todos os rios... na, no facebook da faculdade, em facebook de vários alunos, vários grupos do curso, etc, ehh... que mais é que fiz? Nós somos, nós apostamos muito na comunicação interna e na comunicação direta. Então foi... muitas vezes... a forma que nós achamos mais interessante de divulgar as coisas, é mesmo abordar as pessoas. Fazer pontos de encontro, pontos informativos, onde abordamos a pessoa sobre o que vai acontecer é é muito mais esclarecedor e normalmente resulta melhor. Nós gostamos muito deste tipo de comunicação.*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 181-196]

R2 - *Usamos nos vídeos. Usamos nos vídeos. Porque é que, porque os vídeos são... são uma ligação direta a esta ação e... esta, esta simbologia, do Salgueiro Maia tem um objetivo... que é aproximar... porque o 25 de Abril aconteceu há 40 anos, não é? Há coisas que têm que ser re... reinterpretadas, os ideais que eram defendidos provavelmente não são os que nós defendemos. Então há uma necessidade de haver essa reinterpretação dos valores da Revolução atual, contemporânea, e não de uma revolução que aconteceu há 40 anos, que tem a importância que tem, mas que..., mas que não pode ser o centro das atenções neste momento... Serve como, como gota, como plano.*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 236-255]

O respondente (R3) também mencionou o Facebook como a principal fonte de informação sobre o evento, associado a redes de contactos próximas. Esta pessoa admitiu fazer parte de grupos no Facebook de carácter feminista, além de desenvolver ações noutros media como a rádio.

R3 - *Ahh, foi alguém que me disse, ahhh... que havia um evento no facebook e depois eu fui ao facebook, vi o evento... e juntei-me. Não tinha visto ainda o evento.*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 77-81]

R3 - *Bem, sou co-fundadora de um programa de rádio de estudantes, ah, chamado o “Clítoris da Razão”, que é um programa também feminista. Ah... no Instituto Superior Técnico, na rádio zero, e..ah pertença a alguns grupos feministas no facebook.*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 97-103]

R3 - *Ah... não sei, talvez no facebook*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 175-175]

O respondente (R4) admite usar com muita frequência o Facebook. Referiu que não precisava de combinar com alguns amigos pois sabia que iria encontrá-los no local. Admite partilhar fotografias e vídeos sobre a ação.

R4 - *Não sei, não sei mesmo. Não faço planos. Eu percebo que para o estudo precisava de coisas concretas, mas não... é possível que sejam fotografias, é provável que sejam vídeos, é possível que sejam só...*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 140-145]

R4 - *Sim... uso bastante o facebook*

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevistas Rios ao Carmo...: 150-150]

9.2.6. ENTREVISTA COM INFORMANTES PRIVILEGIADOS - *Nuno Ramos de Almeida*

Com o objetivo de recolher informação contextual sobre “Rios ao Carmo”, mas igualmente, acerca do *modus operandi* do que envolve organizar manifestações, assim como sobre a utilização das TIC e da internet, seleccionámos Nuno Ramos de Almeida enquanto informante privilegiado, pelas seguintes razões: i) estar envolvido ativamente no movimento Que se Lixe a Troika; ii) ter um *background* de

experiência na participação de movimentos sociais e na organização de manifestações e ações de protesto; iii) estar disponível para ser entrevistado.

Foram definidos os seguintes objetivos:

1. Conhecer o perfil e *background* (identidade, motivações) do ativista (nível individual);
2. Conhecer o movimento e a relação do ativista com ele (nível coletivo/grupal);
3. Averiguar acerca dos meios usados e o papel da internet em dois níveis:
 - a) Na gênese, manutenção e ação do movimento/ relações/ redes/ relatório;
 - b) Na atividade de mobilização para a participação em atividades (enquanto veículo de informação/media de comunicação estratégica ou forma de relacionamento nível comunicação interpessoal mediada tecnologicamente);
4. Representações sobre a internet e a sua importância para o modelo democrático.

Neste sentido foram formuladas as seguintes questões de investigação, de acordo com Jeroen Van Laer (2010: 407), *Activists online and offline*:

What is the role of the Internet in raising awareness about upcoming demonstrations and how is this related to specific activist backgrounds? In other words: what is the differences between *online* and *offline* activists taking part in the same protest demonstration? We structure our analyses in three subsequent steps. In a first step we will discuss how several personal background variables predict the use of the Internet for upcoming demonstrations. In second step we introduce the variables related to the activist's network embeddedness, and in a final step we include the motivational aspects.

- 1- Qual o papel da internet no aumento do interesse em manifestações e como isso está relacionado com os backgrounds dos ativistas?
- 2- Quais as diferenças entre ativistas “online” e “offline”?
 - a) Como o background pessoal/ individual influencia a utilização da internet nas manifestações de protesto; (variáveis: sexo, idade, educação, ocupação/ profissão, interesse político, experiência em atividades de protesto)
 - b) Variáveis sobre o envolvimento/ atuação do ativista nas redes; (filiação organizações, meios utilizados/ redes de informação)
 - c) Aspectos motivacionais (instrumentalização, emoções, identidade coletiva)

Aplicou-se o método da entrevista semi-estruturada (Blee e Taylor, 2002), tendo sido definido um guião de entrevista *a priori*, constituído por 13 questões:

- a) Ativista ou militante?
- b) Há quanto tempo se interessa por atividades desta natureza?

- c) Qual a relação entre a sua atividade profissional (jornalista) e a sua atividade política (saber se pertence a partidos ou outras organizações)/ até que ponto é compatível?
- d) O que é o “Que se Lixe a Troika”? (reportório, objetivos, como surge?)
- e) Qual a sua opinião sobre o sindicalismo e luta de classes
- f) O que é o Agir?
- g) Qual a sua relação com as novas tecnologias da informação/ internet (só para informação ou há redes de relacionamento digitais)?
- h) Qual o papel desempenhado pelos jornalistas e pelos media em geral neste sistema atualmente?
- i) Considera importante a utilização das novas tecnologias da informação/ internet para o Que se Lixe a Troika? Em que medida? Como as utiliza?
- j) Qual a sua opinião sobre o papel que a internet desempenha para a democracia?
- k) Que meios são utilizados para mobilizar as pessoas para as manifestações?
- l) Que materiais, mensagens e estratégias criativas utilizam?
- m) Reportando à manifestação “Rios ao Carmo”, como surgiu a ideia? Qual o nível de participação do Que se Lixe a Troika e do Nuno Ramos de Almeida?

A entrevista foi combinada com Nuno Ramos de Almeida através do perfil de Facebook “ISCTE Investigação”, por meio da ferramenta de *chat* de conversação. Realizou-se dia 27 de junho de 2015, às 16 horas, no café/ esplanada do jardim da Quinta das Conchas, em Lisboa.

A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita e codificada com apoio do programa Etnograph 6, com base na definição de 14 categorias, no sentido de estruturar a sua análise: “25 de Abril”; “Background de Experiência”; “Identidade Coletiva”; “Identidade Individual”; “Internet e Mobilização”; “Internet e Movimentos Sociais”; “Manifestações”; “Meios e Expressão”; “Motivações Coletivas”; “Motivações Individuais”; “Movimentos Sociais”; “Movimentos Tradicionais”; “Organização e Recursos”; “Telemóvel e Mobilização”.

Procedemos à análise da entrevista tendo em conta a revisão da literatura efetuada, nomeadamente no capítulo referente aos Movimentos Sociais e ao Ciberprotesto.

(Dahlgren, 2004): As TIC interagem com as dinâmicas dos movimentos sociais, bem como as normais estruturas políticas e tendências culturais contemporâneas que enquadram esses movimentos. Movimentos sociais e TIC, em conjunto e individualmente, constituem alvos de análise de rápida mobilidade e rápida mudança.

uma das primeiras vezes que se verificou a importância da internet no quadro dos novos combates foi numa revolta muito localizada no sul do México, a revolta de Chiapas em que...aquilo era uma revolta muito estranha porque misturava uma frente de origem marxista-leninista que tinha saído da

revolta estudantil nos anos 60 com os indignas Chiapas. E eles escolheram a sua ação, em San Cristóbal de Las Casas e mais uma ou duas cidades do estado de Chiapas, no momento em que as terras comunais pelo tratado de NAFTA para tratar da globalização com os Estados Unidos da América as tornava privatizáveis e portanto acabava no fundo com o estilo de vida dos índios porque a ligação à terra é constituinte da sua identidade e, portanto, sendo um movimento dito arcaico, no sentido que era uma revolta de indígenas contra a globalização e contra o desenvolvimento económico com muitas aspas, em que esses indígenas eram uma parte importante e que se tinham cruzado de uma forma interessante com uma antiga organização política marxista-leninista,

[MANIFESTAÇÕES]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1167-1197]

(Dahlgren, 2004): É pertinente compreender o impacto que as TIC têm no carácter democrático dos movimentos, nas suas estruturas, hierarquias e procedimentos de decisão, assim como investigar a forma como as TIC afetam o recrutamento e pertença de novos elementos, desenvolvimento de processos identitários, bem como as relações entre atividades *online* e *offline* que envolvam os membros e participantes.

(van de Donk *et al.*, 2004): Os novos movimentos sociais como os ecologistas, feministas ou de justiça global possuem uma constituição relativamente heterogénea, estendem-se, normalmente, para além das fronteiras nacionais, adotam conceitos como a diversidade, a descentralização a informalidade em vez da unidade, da centralização da formalidade e da liderança forte. Neste sentido, é possível afirmar que a forte apetência de utilização das TIC e da internet pelos novos movimentos sociais está relacionada com as suas necessidades ideológicas e organizacionais.

Nós tínhamos procedimentos de funcionamento, mas não havia uma institucionalização, porque nós não associávamos representantes e, portanto, nunca fizemos esse trabalho, provavelmente devíamos ter constituído um movimento e não constituímos. O que é que nós tínhamos de estabelecido? Nós funcionávamos em plenário, normalmente, com recurso às redes sociais para discussão das opiniões e troca de informação.

[INTERNET E MOV SOC]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 602-614]

E depois tínhamos três grupos de trabalho, que era o grupo de trabalho de...alargamento, o grupo de trabalho de comunicação e grupo de trabalho de ações. Basicamente acho que eram esses os três grupos de trabalho que a gente tinha. E... e os grupos de trabalho eram autónomos, soberanos, discutiam e aprovavam, normalmente o que nós tentávamos, era que as coisas fossem aprovadas por consenso, tentávamos procurar o consenso em todas as decisões, tanto em plenário como em grupo de

trabalho, sendo que se tivéssemos muito pressionados pelo tempo aceitávamos maiorias de...qualificadas de dois terços, isto é, dizíamos bom... ok não foi possível consenso, porque a constituição de consenso é uma coisa complicada porque pressupõe que as pessoas queiram constituir consenso, às vezes há nos grupos pessoas que pura e simplesmente dizem... ahhh... quando constróis um consenso, tu concordas, discordas mas não obstaculizas ou obstaculizas. Ahhh...do ponto de vista simbólico há aquele...sinal da...isto e isto que...quando...nos gestos...nos movimentos internacionais, às vezes tens num grupo de pessoas que obstaculizam sistematicamente e portanto...isso exigia da nossa parte uma tentativa de quem não está de acordo, que propusesse uma alternativa, a alternativa pressupõe um caminho e às vezes não havia tempo, nem espaço para o fazer, sobretudo se fossem plenários, porque esses plenários podiam ter cem pessoas e cem pessoas numa tarde, se cada um falar uma vez durante três minutos, já não há tempo para plenário, portanto adiantam aí, havia um procedimento de votação de maioria de dois terços, mas não havia do ponto de vista formal, nenhuma, nenhuma...nenhuma orgânica muito, nenhuma organização muito, muito específica. Depois havia também outras coisas que é havia responsáveis pela comunicação, mas esses responsáveis pela comunicação, a sua função não era comunicarem, era gerirem o número de pessoas que comunicavam, isto é, nós tínhamos como regra que as pessoas deviam falar à imprensa rotativamente e que mais valia falar uma pessoa que tinha menos jeito para falar do que que falasse sempre o gajo que tinha mais jeito para falar, porque isso dava...isso criava uma igualdade de poder, e mostrava que o movimento não tinha chefias, como os movimentos normais. Tudo isso é muito complicado, porque a certa altura tu tens que... do ponto de vista operacional, tens que fazer um conjunto de decisões que acabam por também atenuarem bocadito, mas nós tentávamos sistematicamente que isso não acontecesse.

[ORGANIZAÇÃO E RECURS]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 611-689]

(van de Donk *et al.*, 2004): As TIC podem ser eficazes ferramentas para estabelecer e desenvolver redes descentralizadas e usá-las como forma de mobilização.

mesma maneira estes movimentos sociais todos, têm muito, têm muito, ganham muitas coisas com a internet, mas se ganharam muitas coisas com a internet e outras são, são complicadas. A nossa dependência do Facebook,

[INTERNET E MOV SOC]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1222-1228]

É possível associar o grau e modalidade de utilização das TIC e da internet às formas orgânicas dos movimentos e às suas ações, nomeadamente a alterar a visão convencional do que é um partido político.

questão, o problema é que, isso funciona enquanto somos um número de subscritores, para haver um movimento, caso haja um movimento ele tem de alguma forma criar as suas próprias estruturas.

[MOVIMENTOS SOCIAIS]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 439-444]

O AGIR vem na sequência dessa façção, não é? Isto é, a façção é muito auxiliada p’la p’la observação do...PODEMOS, muito mais do PODEMOS aliás que o SYRIZA que é um partido de extrema-esquerda clássico, o PODEMOS vem de uma reflexão a partir do 15 M, com gente ligada ao15M, mas nem sequer é gente central do 15M.

[MOVIMENTOS SOCIAIS]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 804-813]

era necessário ir fazer uma intervenção direta no quadro partidário e portanto... o AGIR, antes de ser AGIR, acabou por corresponder a uma série de iniciativas com muita gente do QSLT (Que se Lixe a Troika), uma coisa chamada “Podemos Falar”, que trouxe cá três pessoas do PODEMOS à Barraca, a seguir começámos a organizar, já com nome, mudámos de nome para JUNTOS PODEMOS, começámos organizar uma assembleia cidadã, em que vieram gente do PODEMOS

[MOVIMENTOS SOCIAIS]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 825-837]

um grupo chamado AGIR, em que procurámos ver nos partidos existentes se havia alguns pequenos partidos que pudessem...estar de acordo com esse programa mínimo, para nós era uma questão programática que era essencial e fundamental e esse programa mínimo consubstanciava-se e consubstancia-se em quatro pontos, no fundo todas elas a ver com a igualdade das pessoas perante a política, a economia e a sociedade e o combate à desigualdade disso, que é, não há democracia com corrupção.

[MOVIMENTOS SOCIAIS]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 880-894]

A convergência que se observa atualmente entre o digital e o analógico presente nos processos, na génese, no desenvolvimento e nas ações dos movimentos sociais está a alterar a morfologia e a estética dos protestos.

convocamos a manifestação de 2 de Março e essa manifestação começa por um aspeto de... se a outra tivemos felicidade no calendário, esta conseguimos nós na base da seguinte ideia: que era preciso uma forma de contestação que espelhasse o que vinha na alma das pessoas e que fosse facilmente apropriada por ela e daí nasceram as “grandoladas”, fizemos a ação da Grândola na...no parlamento,

fizemos mais duas feitas por nós, uma no Porto no Clube dos Pensadores, outra no ISCTE com o Ministro Relvas, e a partir daí aquilo disseminou-se e começaram a aparecer “grandoladas” por todo o lado sem nós termos nenhum, nenhum, nenhum controle operacional dos eventos e ahhh começámos, começámos a fazer este modelo que era ganhar força nas redes sociais, talhar coisas não hierárquicas, que as pessoas vão fazendo e a seguir chegamos aos órgãos de comunicação social e aquilo é ampliado e depois há uma grande manifestação.

[MANIFESTAÇÕES]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 186-212]

(van de Donk *et al.*, 2004): As TIC e a internet podem, talvez, modificar não profundamente a lógica de ação coletiva, mas elas parecem mudar, em qualquer caso, a estrutura de alguns agentes e provavelmente também afetam o tipo e a velocidade da comunicação política e a mobilização.

que rapidamente aquilo que tinha acontecido no México foi conhecido em muitas partes do mundo. E foi conhecida através da utilização da internet, que eles fizeram pela primeira vez, de uma forma massiva, para uma causa local que se tornou global com a utilização da internet, tornou-se simbólica

[INTERNET E MOV SOC]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1209-1217]

acho que as redes sociais são fundamentais, não podemos viver sem elas, acho que as devemos utilizar o melhor possível, mas não devemos ignorar que elas, ...a própria tecnologia no seu formato, ela não é totalmente inócua, isto é, não a consigo formatar para tudo o que eu quero, ela também me formata.

[INTERNET E MOV SOC]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1253-1261]

(van de Donk *et al.*, 2004): A internet parece facilitar as formas tradicionais de protesto, até por vezes substituí-las. A facilidade de mobilização não depende somente do meio técnico, mas também, da experiência e dos contactos dos ativistas e das experiências anteriores;

O que acontece com as mailing lists é que como tens muita gente numa mailing list, queres discutir qualquer coisa, a certa altura está tudo aos berros uns com os outros e tudo a arranjar questunclas, portanto, isto é, nós usamos isso, usamos a mailing list, tentámos o (N-1) que era uma ferramenta...de grupos do 15M e dos espanhóis. Há malta que tentou uma ferramenta italiana, os gajos que ficaram depois de nós sairmos do JUNTOS PODEMOS, tentaram uma ferramenta italiana dos gajos do Beppe Grillo como forma de organização, pá, mas todas essas ferramentas têm, têm

problemas, um dos problemas fundamentais é que nem sempre o ativismo...os bons ativistas têm o mesmo tipo de literacia, isto é conhecimento tecnológico, que os tecnólogos, não é? Quer dizer, e isso limita-te, também o poder das pessoas de participação. Há nas pessoas uma resistência, e uma curva de aprendizagem, que às vezes dificulta a sua participação, mas eu acho que tudo isso é importante, isto é, uma das coisas interessantes do PODEMOS foi essa, esse trabalho, eles tinham, têm um grupo de malta de internet que dava cursos, que tentava, usavam o (Reditu), usavam o (Lomo), ou como é que isso se chama, como formas de conseguir potenciar a participação na internet e acho que isso é fundamental e continua a ser fundamental.

[INTERNET E MOV SOC]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1338-1376]

A literatura mostra que as estratégias surgem numa complexa interação entre lógica de organizações de movimentos sociais e características dominantes dos *mass media*. Todavia, a utilização das TIC fazem surgir algumas novas características nas organizações de movimentos sociais, ou até mesmo, novos formatos de organizações com base tecnológica. Todavia, os media tradicionais de massa continuam a desempenhar um papel importante, pois continuam a ser vistos como atores cruciais na mobilização e no agendamento.

A comunicação mediada por computador alterou muitas das coisas, vê-se isso na comunicação social, ahhh...de alguma forma a mediação jornalística perdeu o peso, há uma multiplicação dos canais, há uma multiplicação das coisas, embora ache que o jornalismo se fosse de qualidade continua a ter um papel distintivo que qualquer cidadão que escreva umas coisas, que não está sujeito às mesmas regras, não está sujeito ao mesmo tipo de trabalho, ao mesmo controle de qualidade, mas acho que obviamente que há uma alteração substancial do panorama de comunicação com as redes sociais, com a internet, tudo isso é uma verdade, mas também é verdade quando eu quero amplificar qualquer coisa, eu posso criar a onda na internet, posso prepará-la, mas ela só ganha dimensão se for acelerada pela comunicação social tradicional, nomeadamente p'la televisão. A televisão continua a ser o veículo mais poderoso de ampliar as coisas, agora é verdade que ela só amplia aquilo que já tem um certo peso, isto é fora do mainstream

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1115-1144]

O QSLT utiliza os meios de comunicação digitais, como todos os movimentos sociais recentes, não é, não vejo nenhum que utilize os sinais de fumo e utiliza-os para tentar potenciar a chegada à população, a participação dela, a criação de redes que se vão expandindo, e simultaneamente chegar aos meios de comunicação tradicional e ampliar o sinal, mas nós temos a nítida perceção que as redes sociais sozinhas não bastam para organizar coisas, nós precisamos de ter realidade no terreno, redes

sociais, meios de comunicação..., chegar aos outros meios de comunicação, fazer explodir a mensagem e depois atuar. Mas sim, usamos isso. Usávamos e usamos.

[INTERNET E MOBILIZAÇ]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1291-1310]

(McCarty e Zald, 1977): Com a internet as TIC em geral os processos de mobilização são facilitados, com custos nulos ou muito reduzidos, situação que oferece as condições necessárias ao aparecimento e desenvolvimento de novos formatos de movimentos e de protesto.

Sim. Até porque são gratuitos na maior parte dos casos, né? Tirando...aquilo que tu pagas de internet, que não é pouco, mas... são gratuitos na maior parte dos casos, sim.

[INTERNET E MOV SOC]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1316-1321]

muita dificuldade em finalizar as manifestações, normalmente era uma declaração conjunta lida por várias vozes e nunca resultava muito bem, do ponto de vista, de coreografia, de encenação, nunca resultava que aquilo era um final um bocado estranho, mas advinha desse problema que nós tínhamos, nós considerávamos que nós não representávamos manifestantes que lá estavam, nós tínhamos sido os facilitadores dessa manifestação, mas não falávamos, a nossa voz não os representava.... Um milhão de pessoas que lá estavam tinham muito mais voz que nós que estávamos ali...episodicamente a organizar a manifestação. Aliás isso até correspondia à parte, se quiseres, ahh... quase geográfica da manifestação, nós nunca conseguimos fazer uma cabeça de manifestação porque as pessoas estavam sempre à frente e atrás da manifestação, era uma confusão desgraçada, porque é assim, nós por muito que puséssemos um pano de quatro metros ou...quatro metros de altura, dois metros por dez metros, como aquilo eram manifestações em que ia muita gente que normalmente não estava em manifestações elas não respeitavam a normal organização, não havia um quadrado da frente, não havia uma sequência de...uma sequência de sindicatos e de movimentos, não, aquilo era uma "mólhada" infundável, onde havia gente que estava...mais de metade das pessoas já estavam à frente da cabeça, quando a cabeça...nós chegámos à Praça de Espanha já a Praça de Espanha estava cheia e ainda havia muita manifestação para trás, as pessoas já lá estavam. Tinham avançado antes de nós e... isto era um bocadinho aquilo que sucedia do ponto de vista orgânico nós não nos e político, nós não considerávamos que falássemos em nome dessas pessoas.

[MANIFESTAÇÕES]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 544-593]

(van de Donk *et al.*, 2004): As formas contemporâneas de protesto parecem combinar os antigos meios como as faixas, as pancartas e as palavras de ordem com os novos suportes de comunicação digital.

acho que sim, todos esses aparelhos de comunicação são fundamentais. Mas temos que ter cuidado, temos de construir formas de ação que não estejam apenas aos formatos da tecnologia.

[INTERNET E MOV SOC]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1281-1286]

conseguimos dois momentos muito fortes, no QSLT, é muito forte, fizemos alguma dezenas de manifestações mais pequenas, com milhares, com 2 mil, com 5 mil, com 10 mil, fizemos muitas ações de rua, muito, muito, muito ações populares, faixas na... fonte luminosa, enforcados nos postes de não sei quê, buzinações no meio da cidade com faixas negras, quando veio a Merkl tapámos monumentos, portanto fizemos dezenas, dezenas, centenas de ações mais pequenas

[MANIFESTAÇÕES]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 230-243]

Sobre “Rios ao Carmo”:

Bom...o meu nível de participação no “Rios ao Carmo” foi basicamente participar nas reuniões do QSLT que se fizeram sobre os “Rios ao Carmo”, em que havia pessoas do QSLT que iam às reuniões do... do “Rios ao Carmo”, e... e... ter ido ao “Rios ao Carmo”.

[MANIFESTAÇÕES]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1387-1393]

Os “Rios ao Carmo” daquilo que eu sei e conheço, foi uma iniciativa que partiu muito mais de setores ditos anarquistas do que propriamente do QSLT, ahahahh, no sentido que... acho que aquilo teve como base uma série de ativistas ligados entre a Casa da Achada e o RDA e nós participámos porque houve vários outros setores de ativistas que se agruparam e foram organizando os seus próprios grupos, mas até a sua forma de funcionamento, ahhhahh, tinha muito mais a ver com a lógica desses ativistas que a nossa, por exemplo, as manifestações não foram comunicadas, nós não... nós não achamos que as manifestações sejam passíveis de autorização, elas são por constituição previamente autorizadas. Mas também não achamos que percamos, que vamos perder, enfim, a honra por as comunicar às câmaras municipais como a legislação prevê, que devem ser comunicadas, até por questões de trânsito, que nós comunicamos essas... as manifestações que fazemos, chegamos lá, comunicamos. É uma matriz dos movimentos, do movimento anarquista, não as comunicam, portanto, essa não foi comunicada. As comunicações para a comunicação social, portanto nós usamos a comunicação social, usamos isto

é...usamos porta-vozes, pessoas que falam, comunicados de imprensa, até chegarmos até à comunicação social e eles consideraram que era... que não era positivo... a comunicação social, que ela em si tocava, perigo, iéiéié, e tal... acabava por pôr a mensagem mais reduzida, e, portanto, não houve nenhum trabalho digno de nota na comunicação social e do meu ponto de vista, isso teve repercussão na mobilização de facto. Estavam lá os ativistas, dos vários grupos, portanto estavam p'rá aí 1000 pessoas, 1500, 2000 pessoas, o largo do Carmo é uma coisa pequena, portanto aquilo foi uma festa, foi engraçado do ponto de vista da festa, mas do ponto de vista da mobilização popular e do conhecimento da população, daquilo que aquela manifestação existia, acho que foi praticamente impotente, e portanto, se queres que te diga, é assim, a minha participação dá-se assim que nós aprovamos que vamos participar, há um conjunto de ativistas do QSLT que participam diretamente no... na organização da...na orgânica própria de discussão da manifestação com outros grupos, nós fazemos um rio com outra gente na Rua do Século, mas eu não participo diretamente na... nem nesse grupo que discute lá, nem sequer participo mais do que as ajudas que podemos dar, ajudámos a colar, ajudámos a... e irmos lá. Não fiz muito mais do que isso.

[MANIFESTAÇÕES]

[Entrevista Nuno Ramos de ...: 1404-1476]

Em jeito de conclusão, “Rios ao Carmo” caracterizou-se fundamentalmente pela diversidade de múltiplos grupos e reportórios, em torno da temática geral dos “direitos” e do 25 de Abril. Compreendeu processos de mobilização com base nas redes sociais *online*, especialmente o Facebook e o Youtube. Acreditamos que se deve a este facto a sua materialização sob um formato de carácter horizontal, reflexo dos processos organizativos e das características dos grupos e ativistas que contribuíram e lideraram. As propriedades dos participantes aproximam-se daquelas descritas em vários estudos (ver capítulo *A Manifestação*) da *New Left*, essencialmente jovens, com elevado nível de escolaridade.

Sem a lógica linear e tradicional de uma manifestação de massas, “Rios ao Carmo” foi marcada pela polifonia, intertextualidade e interdiscursividade, entre discursos locais, em que os “valores de Abril” se encontram visivelmente preservados, e discursos conotados com uma ordem global, com influências de ideologias neoliberais.

Assim, podemos afirmar que o discurso tradicional associado ao 25 de Abril, enquanto instituição fundadora da democracia em Portugal, os valores consensuais implantados e reproduzidos durante e após o período do PREC encontram-se ameaçados, um processo cada vez mais poroso e permeável a influências de outros discursos concorrentes, resultando numa fusão de sentidos e valores que se encontram em disputa no campo social, produzindo novos sentidos e novas realidades. Defendemos que aquela porosidade deve-se essencialmente à utilização das TIC e da internet, na mudança ocorrida nos processos comunicacionais, assim como as mensagens e valores veiculados através daquelas tecnologias em rede.

“Rios ao Carmo” é um excelente exemplo de como uma manifestação poderá refletir as características da cibercultura, observadas pela sua morfologia, procedimentos de mobilização, reivindicações e reportórios, materiais e discursos e, acima de tudo o carácter híbrido entre o digital e o físico. Os corpos presentes nas manifestações são a materialização de um discurso ocorrido simultaneamente em ambiente digital e *offline*. A manifestação funciona como uma forma de institucionalização daqueles discursos, visível nos corpos dos manifestantes, pela sua performatividade (Butler, 2000). Pela configuração, “Rios ao Carmo” pode ser considerada uma manifestação/festa que incorpora as características da cibercultura, tendo em conta a lógica e um discurso não lineares, próprios de uma linguagem digital, com uma estrutura horizontal, que podemos associar ao modelo de “rizoma” de Deleuze e Guattari (2007), a contrastar com o modelo vertical e arborescente da lógica clássica, o que demonstra a existência de uma relação intrínseca entre tecnologia, lógica/conhecimento e práticas sociais.

A profusão de símbolos e identidades foi visível quer em ambiente digital, quer durante a realização do evento, enquanto marca de diversidade e de liberdade. Uma panóplia de bandeiras, símbolos, logotipos, marcas, músicas, palavras, cores, imagens comprovam essa liberdade identitária característica de “Rios ao Carmo”. A estrutura, ela própria transmite os valores que pautaram a sua organização, em que abundam ideologias de esquerda, *New Left*, organizações e grupos da sociedade civil e alguns grupos tendencialmente anarquistas, que encontram na tecnologia uma modalidade de expressão e ação, como refere Uri Gordon (2009).

9.3. ANÁLISE DE DISCURSO E FRAMING

Temos vindo mostrar ao longo deste percurso como os fenómenos sociais são entendidos como linguagem e enquanto discurso e, desta maneira, ser possível compreender quadros de perceção que são construídos tendo em conta um aspeto que é estrutural – a cultura.

Interessa agora fazer um exercício de aplicação sobre os dois casos que apresentámos. Desta forma, é possível estabelecer de acordo com a nossa proposta dois níveis de análise: um a nível macro e outro a nível micro.

Tomemos agora em consideração o tema central sobre o qual se processaram as ações políticas analisadas. O 25 de Abril é, de uma forma geral, o grande tema ou o *master frame* (Snow), que funcionou como elemento comum e agregador de mobilização. Reportando a Laclau e Mouffe, o 25 de Abril foi alvo de tematização, constituindo assim um “momento” em que os sentidos foram fixados em torno deste elemento, e que formam uma ordem do discurso (Fairclough). Assim sendo, o conceito de “Liberdade”, “Direitos” e Democracia” são significantes vazios (Laclau e Mouffe), que só adquirem sentido quando associados aos termos “25 de Abril” ou “Revolução de Abril de 1974”. É exatamente sobre aqueles significantes vazios que recai a nossa análise de nível micro.

As comemorações dos 40 anos do 25 de Abril, período sobre o qual o presente estudo se encontra confinado, mereceram a necessária discussão no espaço público, devido à importância que aquele episódio histórico representa para a cultura e identidade dos portugueses, pois constitui o verdadeiro “mito” (Barthes, 2012) da criação de uma nova ordem sob a forma de modelo democrático. Aqui reside o espírito do que é uma “revolução”, uma mudança radical de sentido e, conseqüentemente, de ordem e de política. A discussão ficou marcada por alguns acontecimentos e diálogo que envolveram instituições democráticas representadas pela Presidente da Assembleia da República, Assunção Esteves, pelo Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, e pelo Primeiro-Ministro, Pedro Passos Coelho, com a Associação 25 de Abril, representada por Vasco Lourenço, o conhecido “Capitão de Abril”.

Reportando à notícia do Público *online*, de 5 de março de 2014¹⁹, Vasco Lourenço durante o evento de apresentação do programa da associação referiu que havia sido proposto à RTP um espetáculo comemorativo com transmissão exclusiva, sendo que esta ideia não avançou porque, segundo declarações presentes na notícia:

“Deve ter havido ali alguma determinação superior, [a convicção] de que o nosso espectáculo podia ser demasiado subversivo para os tempos que correm”. Reportando aos órgãos do Estado e os seus representantes, declarou: “É pena que quem tinha o dever de comemorar [a liberdade] de forma aberta tenha tanta vergonha de o fazer.

A notícia do JN online, de 15 de abril de 2014²⁰, dá conta de um pedido de reunião da Presidente da Assembleia da República nas instalações da Associação 25 de Abril, no seguimento de declarações por parte de Vasco Lourenço e da sua recusa em participar na sessão solene das comemorações dos 40 anos no parlamento por não lhes ser dada a palavra. Pode ler-se na notícia o seguinte:

A senhora presidente disse que gostava de mostrar que não tem nada contra a Associação 25 de abril e terminar com qualquer mal-entendido que haja. Dissemos que, com certeza, nós também não temos nada contra a Assembleia da República, disse.

Vasco Lourenço anunciou na quinta-feira que a associação estará ausente da sessão solene do 25 de Abril no parlamento, depois de a presidente da Assembleia da República, Assunção Esteves, ter afastado a hipótese de os militares de Abril usarem da palavra no plenário, que tinham imposto como condição para voltarem a comparecer na cerimónia.

A presidente da Assembleia da República afirmou que convidou a Associação 25 de Abril para estar presente "e só" na sessão solene comemorativa da revolução, e que se os militares impõem a condição de falar "o problema é deles".

¹⁹ Público online (2014-03-05), disponível em: <https://www.publico.pt/politica/noticia/um-ponto-de-interrogacao-para-os-40-anos-do-25-de-abril-1627188>.

²⁰ JN online (2016-04-15), disponível em: <http://www.jn.pt/politica/interior/assuncao-esteves-faz-visita-de-afeto-a-associacao-25-de-abril-3814538.html>.

A notícia da TSF online, dia 16 de abril de 2014²¹, reporta a circunstância da visita de Assunção Esteves às instalações da Associação 25 de Abril, onde consta o seguinte:

Após uma visita à Associação 25 de Abril, Assunção Esteves disse aos jornalistas que ainda não está resolvida a questão em torno da utilização da palavra pelos capitães de Abril na sessão solene do 25 de Abril no Parlamento.

«A minha vinda aqui junto dos capitães de Abril tem uma intenção clara, a de deixar claro no espaço público que o carinho e a gratidão sem limites que o parlamento deve aos capitães nunca esteve nem pode estar em causa», declarou Assunção Esteves.

Questionada sobre se os militares poderão usar da palavra na sessão plenária comemorativa dos 40 anos da revolução, a presidente respondeu: «Não resolvemos essa questão. Hoje tenho uma reunião com os deputados no Parlamento».

«O que houve no espaço público foi um ruído que gerou uma confusão que é negativa para a esperança», acrescentou Assunção Esteves.

Podemos comprovar pelas passagens aqui transcritas, retiradas de órgãos de comunicação social de referência, que relatam o conflito entre o representante institucional de um órgão de soberania e a Associação 25 de Abril que, de alguma forma, reivindica a devida atenção dos *media* e das instituições para os “valores de Abril”, assumindo os Capitães de Abril um discurso de autoridade.

No dia 25 de Abril existiram duas cerimónias a decorrer simultaneamente, considerando uma oficial na Assembleia da República e uma oficiosa no Largo do Carmo. Se entendermos este caso à luz das Teorias do Discurso de Laclau e Mouffe, caracterizamos os dois discursos como opostos, mas equivalentes. O valor simbólico assumido por Vasco Lourenço disputou o mesmo espaço que a representante da Assembleia da República, o que não deixa de ser significativo.

Na noite de véspera do dia 25 de Abril, “Rios ao Carmo” ganhou alguma notoriedade nas redes sociais e, como tal, algum poder de mobilizador especialmente junto de públicos de variadas organizações e grupos da sociedade civil, caracterizados por uma multiplicidade de reportórios e discursos, como já vimos. De acordo com a aceção de Snow, esta ação caracterizou-se pelas estratégias de “micromobilização” e de “mesomobilização”, o que aumentou o seu potencial de mobilização, em torno de um *master frame* – O 25 de Abril, assim como os sentidos que lhe estão conotados como “direitos” e “liberdade”. O sentido para a palavra liberdade é visto, agora, como um significante “flutuante”, por depender do discurso de cada grupo em particular. Por exemplo, na ação estiveram presentes grupos com inspiração anarquista, grupos de reivindicação dos direitos LGBT, grupos ecologistas, assembleias populares, entre outros, cujo termo “liberdade” assume significados particulares, sem no entanto deixarem de estar galvanizados em torno do mesmo tema.

²¹ TSF online (2014-04-16), disponível em: <http://www.tsf.pt/portugal/interior/25-abril-assuncao-esteves-quis-mostrar-carinho-e-gratidao-sem-limites-aos-capitães-de-abril-3816553.html>.

Oportuno de referência é igualmente outro aspeto observado, que se prende à presença de intertextualidades nos discursos dos respondentes, o que indica a existência de processos de mudança relativamente aos valores preconizados pelo 25 de Abril. Notámos influência de discursos que veiculam valores mais próximos de uma ordem global e transnacional em sobreposição aos valores identitários, digamos mais convencionais, das representações sobre o conceito de liberdade e de direitos. Facto esse que nos transporta para a discussão sobre o impacto de visões globais sobre a dimensão local e dos valores culturais. Por um lado, observou-se a presença de representações transmitidas de pais para filhos, numa lógica de reprodução social, e por outro um discurso que associa o conceito de “Liberdade” à expressão de uma plenitude individual (*Self*), muito influenciada por valores neoliberais, fortalecida pelo *empowerment* que a internet, as plataformas de redes sociais digitais e a tecnologia oferecem.

Por outro lado, é possível fazer uma análise macro, ao compararmos os discursos dos dois estudos de caso, que apesar de alguns pontos de encontro são maioritariamente diferentes e opostos na sua essência. Primeiro que tudo, podemos falar de duas lógicas e modelos muito distintos. Se “Rios ao Carmo” se caracterizou pela diversidade, ecletismo, polifonia e horizontalidade, “Dentro de Ti Ó Cidade” segue uma estrutura mais convencional, delimitada por uma ordem de poder, pela hierarquia e por uma direção vertical, o que nos faz relacionar com dois modelos de atuação, por um lado aquele que associamos aos novos movimentos sociais da *New Left* e, por outro, a *Old Left*, ou lógica da “luta de classes” e do movimento operário associado ao modelo marxista convencional. O discurso das redes, segundo Fisher (2010a, 2010b) e Fuchs (2006, 2007), encerra em si o teor ideológico de base do capitalismo tecnológico e do neoliberalismo de um consumismo sem fronteiras e da crescente precarização das relações de trabalho numa época pós-fordista, pelo que podemos dizer que valores se naturalizaram nas estruturas, pela redefinição de novas práticas sociais pela relação dialógica, ou até mesmo uma constante inerente ao “ser”, em que a tecnologia assume um papel determinante. O discurso do movimento alterglobalização nada é mais que o equivalente ao discurso neoliberal capitalista, ambos originários de um discurso que é inerente a uma lógica reticular de base tecnológica e que faz reproduzir os valores de um sentido de “Liberdade” individual, contrária aos valores corporativistas presentes nos movimentos de uma esquerda mais tradicional, do movimento operário internacional, das organizações sindicais, dos “Comités Centrais” e de todo um discurso que continua a legitimar o poder a partir da figura algo abstrata que é o “povo”, através de mecanismos de representação que começam, pouco a pouco, a perder a sua força, para dar lugar a outros.

CAPÍTULO X – ESTUDO EXPLORATÓRIO: MÉTODOS QUANTITATIVOS

No sentido de proporcionar informação complementar ao estudo qualitativo, optámos por realizar um estudo exploratório a partir de métodos quantitativos. Esta triangulação metodológica foi favorável ao desenvolvimento da pesquisa, pela possibilidade de integração de vários tipos de dados e informações provenientes de diferentes fontes e métodos. A pesquisa quantitativa operacionalizada através de um inquérito constitui uma técnica bastante usada na área dos estudos dos movimentos sociais, “Survey research continues to be a frequently employed methodology in social movements research” (Klandermans e Smith, 2002: 3).

A pesquisa quantitativa processou-se através da aplicação de um inquérito por questionário (Figura 10.1.), por meio de um procedimento de amostragem não probabilístico e por conveniência. Um dos grandes obstáculos no trabalho com este tipo de universo é exatamente a dificuldade em definir a população, neste caso todas aquelas pessoas que em Portugal se manifestaram em Lisboa durante o 25 de Abril e o 1º de Maio no ano de 2014, justificando, assim, a nossa escolha metodológica por este tipo de amostragem. Assim, desenhamos um inquérito por questionário com base nas seguintes dimensões de análise: demográfica, hábitos e comportamentos, afiliação, informação, representações e atitudes.

In social movement research, survey techniques are employed both with individuals and organizations as the unit of analysis. In the prototypical *individual survey* a sample of individuals fill in questionnaire encompassing questions about knowledge, beliefs, attitudes, behaviour, demographics, and other personal characteristics. (Klandermans e Smith, 2002:3)

De forma a agilizar o processo, o questionário foi depois testado num grupo de teste (13 sujeitos) e aplicado, posteriormente, através na aplicação Qualtrics (Figura 10.2.), à população constituída por estudantes de vários níveis (licenciatura, mestrado, pós-graduação e doutoramento) e dos vários cursos do ISCTE-IUL, entre os dias 1 de Junho e julho de 2015, enviando para isso um *link* para o email institucional dos alunos.

Obtivémos 381 respostas, mas somente 377 questionários foram validados. Posteriormente, os dados foram analisados utilizando para isso o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), cujos resultados passamos a descrever de seguida.

Desenho do Questionário:

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO SOBRE PARTICIPAÇÃO EM MANIFESTAÇÕES

Q1 Género:

- Masculino (1)
- Feminino (2)

Q2 Idade:

- 15 - 18 anos (1)
- 19 - 22 anos (2)
- 23 - 26 anos (3)
- 27 - 30 anos (4)
- 31 - 34 anos (5)
- 35 - 38 anos (6)
- + de 38 anos (7)

Q17 Situação profissional: (selecione uma única opção)

- Funcionário Público (1)
- Empregado por conta de outrem (2)
- Empregado por conta própria (3)
- Estudante (4)
- Trabalhador/ estudante (5)
- Desempregado (6)

Q3 Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?

- Sim (1)
- Não (2)

If Não Is Selected, Then Skip To Como classifica as manifestações rea...

Q4 Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida:

- 1 única vez (1)
- Entre 2 e 5 vezes (2)
- Entre 6 e 9 vezes (3)
- Mais de 10 vezes (4)

Q20 Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação (pode escolher várias opções):

- Condições de trabalho (1)
- Educação (2)
- Desemprego (3)
- Paz (4)
- Segurança Social (5)
- Ambiente (6)
- Temas relacionados com desenvolvimento (7)
- Justiça/ política (8)
- Racismo (9)
- Assuntos relacionados com a minha comunidade/ bairro (10)
- Direitos das mulheres (11)
- Direitos LGBT (homossexuais, bissexuais, transgénero) (12)
- Agricultura (13)
- Outro (14)

Figura 10.1 - Desenho do questionário

- Q5 Em que tipo de manifestações participou? (pode selecionar mais que uma opção)
- Marcha (pessoas desfilam nas ruas) (1)
 - Festa/ Comício (discursos e entretenimento) (2)
 - Piquete (bloqueio ou cordão humano junto a locais estratégicos, ex. ministério, escola, fábrica) (3)
 - Ocupação/ acampada (ocupação por várias horas ou dias de local) (4)
 - Vigília (ocupação noturna de espaço) (5)
 - Protesto disruptivo (ex. uso da nudez, interrupção de cerimónias, etc) (6)
 - Outra (7)
- Q6 Das seguintes manifestações realizadas em Lisboa em 2014, seleccione aquelas em que participou:
- Rios ao Carmo - Celebração dos 40 anos do 25 de Abril (dia 24 à noite) (1)
 - 1º de Maio Celebração do Dia do Trabalhador - Alameda (promovida pela CGTP) (2)
 - 1º de Maio Celebração do Dia do Trabalhador - Belém (promovida pela UGT) (3)
 - Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril) (4)
 - Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade) (5)
 - Festa "Dentro de ti Ó Cidade", 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura) (6)
 - Outra (7)
- Q7 Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou? (selecione uma só opção)
- Nas ruas (1)
 - Num espaço fechado e coberto (ex. pavilhão desportivo ou mercado) (2)
 - Numa praça (3)
 - Junto a uma entidade pública (ex. Ministério, Câmara Municipal, Assembleia da República, etc) (4)
 - Junto a uma entidade privada (ex. Empresa, Fábrica, ONG, etc) (5)
 - Junto a uma escola (6)
 - Num campo desportivo (7)
 - Outro (8)
- Q8 Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização? (pode selecionar mais que uma opção)
- Amigos/ familiares (1)
 - Colegas de trabalho ou da escola (2)
 - Redes Sociais (3)
 - Cartaz/ Murais (4)
 - Panfletos (5)
 - Notícias na imprensa escrita (6)
 - Carro de campanha/ megafone (7)
 - Notícias na rádio (8)
 - Notícias na televisão (9)
 - Notícias nos meios online (10)
 - Social Media (ex. blogues) (11)
 - Partido Político (12)
 - Sindicato/ Delegado Sindical (13)
 - Associações (14)
 - Outro (15)
- Q9 Qual foi o motivo que o levou a participar na última manifestação? (pode selecionar mais que uma opção)
- Estar com os amigos (1)
 - Diversão e entretenimento (2)
 - Assistir a um espetáculo (3)
 - Assistir a um comício (4)
 - Comida e bebida (5)
 - Descontentamento (6)
 - Apoio a uma causa política (7)
 - Apoio a uma causa social (8)
 - Outro (9)

Figura 10.1 – Desenho do questionário (Continuação)

- Q10 Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações? (pode selecionar várias opções)
- Sou militante de um partido político (1)
 - Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos (2)
 - Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista (3)
 - Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos (4)
 - Sou sindicalizado (5)
 - Pertencço a uma associação cultural (6)
 - Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente (7)
 - Pertencço a uma associação comercial/ industrial/ empresarial (9)
 - Pertencço a uma associação de profissionais (10)
 - Pertencço a uma associação de estudantes (11)
 - Não pertencço a nenhum grupo ou organização (12)
 - Outra (8)
- Q11 Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação: (pode selecionar várias opções)
- Dizer palavras de ordem (1)
 - Envio de SMS (mensagens escritas) ou MMS (mensagens multimédia) (2)
 - Telefonemas (3)
 - Captar fotografias por telefone móvel (4)
 - Captar vídeo por telefone móvel (5)
 - Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais (6)
 - Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens (7)
 - Cantar ou tocar um instrumento (8)
 - Dançar ou fazer gestos com carga simbólica (9)
 - Assinar/ promover petições (11)
 - Outra (10)
- Q12 Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar: (pode selecionar várias opções)
- Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais (1)
 - Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais (2)
 - Publicar vídeos captados durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais (3)
 - Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais (4)
 - Falar com amigos e com familiares sobre a minha experiência (5)
 - Outro (6)
- Q13 Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou? (selecione uma só opção)
- Até 100 pessoas (1)
 - Entre 100 e 500 pessoas (2)
 - Entre 500 e 1000 pessoas (3)
 - Entre 1000 e 5000 pessoas (4)
 - + de 5000 pessoas (5)
- Q21 Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?
- Sim (1)
 - Não (2)
- Q23 Utiliza as redes sociais online?
- Sim (1)
 - Não (2)
- Answer If Utiliza as redes sociais online? Sim Is Selected
- Q22 No caso de ser utilizador de redes sociais online, indique aquelas onde possui perfil de utilizador: (pode selecionar mais que uma opção)
- Facebook (1)
 - LinkedIn (2)
 - Youtube (3)
 - Vimeo (4)
 - Flickr (5)
 - Google+ (6)
 - Tumblr (7)
 - Twitter (8)
 - Outra (9)
- Q14 Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?
- Sim (1)
 - Não (2)

Figura 10.1 – Desenho do questionário (Continuação)

Q15 Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa durante o ano de 2014 quanto à sua pertinência:

	Nada Pertinente (1)	Pouco Pertinente (2)	Alguma Pertinência (3)	Pertinente (4)	Muito Pertinente (5)	Bastante Pertinente (6)	Não sabe/não conhece (7)
Rios ao Carmo (24 de Abril à noite) (1)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP) (2)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril) (3)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade) (4)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Festa Dentro de ti Ó Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura) (5)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Celebração do 1º de Maio dia do Trabalhador em Belém (promovida pela UGT) (6)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Figura 10.1 – Desenho do questionário (Continuação)

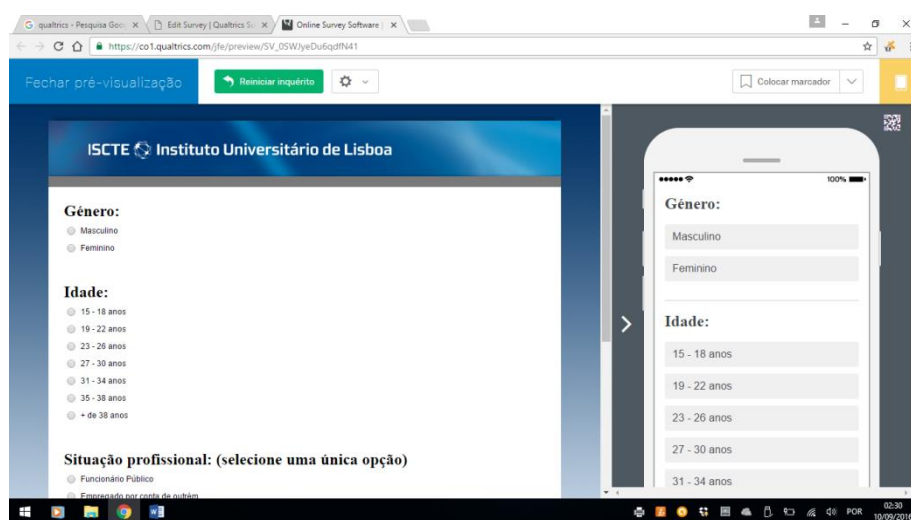


Figura 10.2 - Apresentação do questionário no formato computador e *mobile*

Análise Estatística – Estudo Exploratório

O estudo, de carácter exploratório e descritivo, tem o principal objetivo de permitir recolher informação sobre atitudes e comportamentos dos participantes em manifestações, sem, no entanto, querer extrapolar os dados ou desejar criar padrões explicativos. Alguns estudos sobre o comportamento em manifestações, como já vimos no capítulo *A Manifestação*, foram realizados no âmbito da Sociologia e da Ciência Política.

Este estudo processou-se através de um inquérito por questionário aplicado aos estudantes do ISCTE-IUL (N= aproximadamente 9000), por meio de um processo de amostragem não probabilístico por conveniência.

Foram recebidas 381 respostas, tendo sido validados 377 questionários (n=377). Para a constituição da amostra optámos por considerar somente os questionários que apresentassem respostas à questão “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/sociais no espaço público?”.

A amostra é constituída por 151 sujeitos do género/sexo masculino e 221 do feminino. Quanto à idade, 47,2% têm entre 15 e 22 anos, 29,7% apresentam idades compreendidas entre 23 e 30 anos, 9,5% situam-se entre os 31 e os 38 anos e 13,5% com idades superiores aos 38 anos de idade. No que diz respeito à situação profissional, 54,6% são estudantes, 21% correspondem a trabalhadores-estudantes, 14,6% são empregados por conta de outrem e 2,7% estão desempregados.

Relativamente à participação em manifestações, 66% respondeu nunca ter participado. 67,4% são do género feminino e 64,2% do género masculino. Das respostas afirmativas (128 respostas), 37,4% referiu ter participado entre 2 a 5 vezes e 35,7% mais de 10 vezes ao longo da sua vida. Somente 16% participou uma única vez em manifestações. Dos que já participaram em manifestações, 35,8% são do género/sexo masculino e 32,6% são do género feminino. Em termos etários, as classes em que mais sujeitos participaram em manifestações é proporcional à idade. A percentagem que já participou em

manifestações aumenta com o avançar da idade, sendo bastante superior para indivíduos com mais de 38 anos e com idades entre os 31 e os 38 anos, em comparação com 23-30 anos e 15-22 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas, de acordo com o teste Qui-Quadrado. No que se refere à situação profissional, aqueles que afirmam ter já participado em manifestações, a percentagem é superior para empregado por conta própria (83,3%), seguido de funcionário público (73,3%) e é inferior para estudante (78,6% que afirma nunca ter participado), sendo que as diferenças observadas são estatisticamente significativas de acordo com o teste Qui-Quadrado.

Os temas que mais motivam a participar em manifestações são, maioritariamente, as condições de trabalho (75%), educação (74%) e justiça/política (62%). Os assuntos relacionados com a comunidade e com o bairro foram apontados somente por 17% dos respondentes que já participaram em manifestações. Relativamente ao motivo, 69% menciona o apoio a uma causa social, o descontentamento é indicado por 57% e 53% refere o apoio a uma causa política. No que diz respeito ao género, através do teste t de Student sabemos existirem diferenças significativas entre masculino e feminino no que diz respeito às questões da segurança social e direitos das mulheres, sendo que a primeira foi mais apontada pelos homens e a segunda pelas mulheres. Quanto à relação entre género e os motivos apresentados, existem também diferenças estatisticamente significativa pelo teste t de Student, sendo que o apoio a uma causa política é mais assinalado pelo género masculino (64%) que no género feminino (44%). Relacionando agora com as classes etárias, segundo os testes ANOVA, o tema Paz é mais assinalado pelas idades com mais de 38 anos e entre 31 e 38 anos, enquanto o tema segurança social é mais assinalado pelas idades 31-38 anos, os temas direitos das mulheres e direitos LGBT são menos assinalados com o aumento da idade. Se relacionarmos os temas que motivam à participação em manifestações com a frequência de participação ao longo da vida, constatamos que o tema “condições de trabalho” é mais assinalado pelos que participaram entre 6 e 9 vezes, seguidos dos que participaram mais de 10 vezes e menos assinalados pelos que participaram uma única vez. A indicação dos temas “desemprego”, “paz”, “justiça/política” e “assuntos relacionados com a minha comunidade/bairro” aumenta com o aumento da participação em manifestações ao longo da vida. Os temas “segurança social”, “temas relacionados com o desenvolvimento” e “racismo” são mais assinalados por aqueles que participaram mais de 10 vezes.

Dos 128 respondentes que já participaram pelo menos uma vez em manifestações, 97% participaram em marchas e 45% em formatos de festa.

Das sugestões apresentadas de manifestações e festas, realizadas durante o período das celebrações do 25 de Abril e 1 de Maio em Lisboa, no ano de 2014, a maioria (48%) participou na marcha da Avenida da Liberdade, 26% na manifestação/ festa do 1º de Maio da CGTP, 21% participou em Rios ao Carmo e somente 6% indicaram a festa Dentro de Ti Ó Cidade. Portanto, existe uma prevalência da participação em eventos corporativos organizados por organizações convencionais, uma vez que os exemplos de “Rios ao Carmo” e “Dentro de ti Ó cidade” apresentam um índice elevado de

desconhecimento. Dos respondentes, 39% afirma ter participado em eventos com mais de 5.000 pessoas e 27% com a participação entre 1000 e 5000 pessoas.

Quanto às fontes de informação sobre as manifestações, a maioria (55%) refere as redes sociais, depois os amigos/familiares (39%) e somente 23% menciona o cartaz, as notícias na televisão (22%) e o panfleto (16%). Existem diferenças significativas através do teste t de Student entre os dois géneros no que respeita a panfletos (9% feminino e 26% masculino); notícias na televisão (14% feminino e 32% masculino); *social media*/blogues (3% feminino e 15% masculino). No que consta à relação com as classes etárias, apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas pelos testes ANOVA, é de realçar que amigos e família são mais apresentados pelas classes mais velhas 31-38 anos (50%) e mais de 38 anos (43%), assim como notícias na imprensa escrita 31-38 anos (32%) e mais de 38 anos (34%); e carro de campanha só é referido nas classes mais velhas de 31-38 anos (5%) e mais de 38 anos (11%).

Analisando agora a filiação, a grande maioria (57%) não pertence a qualquer grupo ou organização, mas 21% dos que já participaram em manifestações referiu ser militante de um partido político e que esse facto influenciou a sua participação. Aqui também se observam diferenças significativas entre os dois géneros, pelo que ser militante de um partido político é mais assinalado pelo género masculino (30%). Quando relacionado com as classes etárias, existem diferenças significativas nas opções sou sindicalizado e pertença a uma associação de profissionais, pois são mais assinaladas com o aumento da idade. Se estabelecermos uma relação entre as variáveis sobre pertença a grupos e organizações e a participação em manifestações, constatamos que, através da estatística descritiva e dos testes ANOVA, que a opção “Sou militante de um partido político” é mais assinalada pelos que participaram entre 6 a 9 vezes e menos pelos que participaram uma única vez. A opção “Não pertença a nenhum grupo ou organização” é mais assinalada pelos que participaram uma única vez e menos pelos que participaram entre 6 a 9 vezes e mais de 10 vezes.

Durante as manifestações, 75% dizem palavras de ordem, 51% participam em petições e 44% costumam captar fotografias por telefone móvel. No período após as manifestações, os respondentes afirmam falar com amigos e familiares sobre a experiência que passaram (78%) e somente 20% costuma partilhar imagens e fotografias e 4% vídeos captados durante o momento. Para o género feminino (26%), a atividade de postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais *online* ou outras plataformas digitais é mais assinalada que no género masculino (9%). Se relacionarmos as questões “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações” e “Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação”, verificámos relações positivas estatisticamente significativas, de acordo com o coeficiente de correlação de Pearson, entre: “Sou militante de um partido político” e “Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens”; “Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos” e “Telefonemas, captar fotografias por telefone móvel”, “Captar vídeo por telefone móvel”, “Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais”, “Usar cartazes,

bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens”; “Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista” e “Envio de SMS ou MMS”, “telefonemas”, “Captar fotografias por telefone móvel”, “Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais”, “Assinar/promover petições”; “Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos” e “Envio de SMS e MMS”, “Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais”; “Pertença a uma associação cultural” e “Telefonemas”; Sou membro de um grupo na internet para proteção do ambiente” e “Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais”; “Pertença a uma associação de estudantes” e “Envio de SMS ou MMS”, “Assinar/promover petições”. Observámos, igualmente relações negativas, pelo que os indivíduos que indicaram “Pertença a uma associação cultural” fazem menos “dizer palavras de ordem”. Além de que os indivíduos que referem “Não pertença a nenhum grupo ou organização”, fazem menos “Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais” e “Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens”. Analisámos, ainda, a relação entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações” e “Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar”, sendo que encontramos relações estatisticamente significativas entre: “Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos” e “Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais”, “Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais”, “Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais”; “Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista e: “Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais”, “Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais”, “Publicar vídeos captados durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais”, “Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais”; “Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos” e “Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais”, “Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais”, “Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais”; “Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente e “Publicar vídeos captados durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais”; a opção “Outra” e “Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais”. Em termos de relações negativas, os indivíduos que indicaram “Não pertença a nenhum grupo ou organização” e “Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais”.

A grande maioria 98,85% possui telemóvel, *smartphone* ou tablet com conexão à internet e 88% é utilizadora das redes sociais, sendo que 97% destes usam Facebook, 51% LinkedIn e 50% Youtube.

A rede LinkedIn é mais assinalada por indivíduos com mais de 38 anos e menos com idades entre os 15 e os 22 anos. A rede Youtube é mais assinalada pelos mais jovens e menos pelos mais velhos.

Dos que já participaram em manifestações, 77% nunca esteve envolvido na organização, enquanto 23% dos respondentes respondeu já ter estado.

Agora reportando ao total da amostra (377 sujeitos), quando solicitado o grau de pertinência atribuído às manifestações ocorridas durante o período de celebração dos 40 anos do 25 de Abril, a maioria respondeu que a marcha da Avenida da Liberdade é aquela considerada com maior pertinência, com uma média do total de respostas de 4,34, sendo que 52% dos respondentes não conhece a existência de Rios ao Carmo e 51% a existência de Dentro de Ti Ó Cidade.

Analisando agora a escala de atitudes, abrangendo o total da amostra, aferimos o grau de concordância com afirmações formuladas de forma positiva e negativa acerca das manifestações, pelo que pela média concorda-se muito com “O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito” (4,37) e com “As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento” (4,22). Discorda-se com “As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo” (2,18). Em relação à variável idade, a concordância com “As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento”, “O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito” e “As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos” é superior para 31-38 anos e mais de 38 anos. Ao passo que a concordância com “Há manifestações a mais em Portugal”, com “As manifestações não resultam numa melhoria da situação”, com “Os participantes de manifestações procuram emoções fortes”, com “As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo” e com “há manifestações por tudo e por nada” é superior para as classes 15-22 anos e 23-30 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas. Ao analisarmos a relação entre as variáveis “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações” e “Em que medida concorda com as seguintes afirmações”, verifica-se relações positivas de acordo com o Coeficiente de Pearson, no que respeita a: “Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista e “As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos”. Além disso, existe também uma relação negativa, pois os indivíduos que indicaram “Pertença a uma associação de profissionais” concorda menos com a frase. Estabelecendo, agora uma análise com base na estatística descritiva e os testes ANOVA, comparando a concordância na escala de atitude e a frequência de participação em manifestações, podemos concluir que a concordância com o “Direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito” e “As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos” aumenta com o aumento do número de participações em manifestações. Além disso, a concordância com “Há manifestações por tudo e por nada” é superior para quem participou “1 única vez” e “entre 6 e 9 vezes” e inferior para “mais de 10 vezes”. Estabelecemos, ainda, a comparação entre as variáveis “já por alguma vez participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público” com a opinião sobre as manifestações e como classifica as

manifestações realizadas em Lisboa, estabelecendo uma comparação ainda entre o grupo que afirma ter já participado em manifestações e o grupo que disse que não (n=377). A média de pertinência de todas as manifestações é superior para os que já participaram em manifestações. Através da estatística descritiva e do teste t de Student a relação entre: “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e o ter ou não participado em manifestações, pois que existem diferenças estatisticamente significativas entre ter participado ou não em manifestações. A média da concordância com “As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento”, “O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito”, “Os participantes das manifestações procuram emoções fortes” e “As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos” é superior para os que já participaram em manifestações. A média da concordância com “Há manifestações a mais em Portugal” “As manifestações não resultam numa melhoria da situação”, “As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo” e “Há manifestações por tudo e por nada” é superior para os que não participaram em manifestações, mas sem no entanto existirem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo que afirma ter participado e o que nunca participou em manifestações.

10.1. MÉTODOS ESTATÍSTICOS UTILIZADOS

O estudo quantitativo baseou-se num inquérito por questionário, analisado através de SPSS, com recurso a vários métodos estatísticos, cuja explicação pode ser consultada em pormenor em Maroco (2011) e Pestana e Gageiro (2008).

10.1.1. ESTATÍSTICA DESCRITIVA

No que diz respeito à estatística descritiva são apresentadas, para as variáveis de caracterização, as tabelas de frequências e gráficos ilustrativos das distribuições de valores verificadas.

De acordo com Guimarães e Sarsfield Cabral (2010), as variáveis medidas em escala de Likert foram analisadas através de categorias, com base nos seguintes parâmetros:

- Os valores médios obtidos para cada questão (para as questões numa escala de 1 a 6, um valor superior a 3,5 é superior à média da escala e para as questões numa escala de 1 a 5, um valor superior a 3 é superior à média da escala).
- Os valores do desvio padrão associados a cada questão que representam a dispersão absoluta de respostas perante cada questão.
- O coeficiente de variação, que ilustra a dispersão relativa das respostas: quanto maior, maior é a dispersão de respostas.
- Os valores mínimos e máximos observados.
- Gráficos ilustrativos dos valores médios das respostas dadas às várias questões.

10.1.2. TESTES PARAMÉTRICOS E NÃO PARAMÉTRICOS

Os testes estatísticos são usados no sentido de averiguar se as diferenças observadas na amostra são estatisticamente significantes, isto é, se é possível que as conclusões da amostra se possam inferir para a população. O valor de 5% é um valor de referência utilizado nas Ciências Sociais para testar hipóteses, quer dizer que estabelecemos a inferência com uma probabilidade de erro inferior a 5%.

Quando os grupos das amostras em estudo são grandes, a distribuição tende para a normalidade. No caso das amostras com mais de 20 elementos em cada um dos grupos em estudo, segundo Murteira *et al.* (2001), a violação dos pressupostos da normalidade e da homocedasticidade não põe em causa as conclusões (Gravetter e Wallnau, 2000: 302; Stevens, 1996: 242). É possível afirmar que sempre que a dimensão da amostra apresentar estas condições, não é necessária a verificação dos pressupostos e, assim, é possível a aplicação dos testes paramétricos, caso contrário, os testes paramétricos devem ser substituídos por testes não paramétricos em situações em que não se verifiquem os pressupostos da normalidade e da homocedasticidade.

10.1.3. TESTE T DE STUDENT

Quando os grupos em estudo são considerados de grande dimensão, recorre-se ao teste paramétrico t de Student, como explicado por Maroco (2011: 199-204), no sentido de analisar uma variável medida em percentagem ou quantitativa nas duas classes de uma variável qualitativa dicotómica, para verificar a significância das diferenças entre as percentagens de respostas afirmativas ou das médias observadas para ambos os grupos da variável dicotómica. O teste t coloca as seguintes hipóteses:

- H_0 : Não existe diferença na percentagem ou nas médias, entre os grupos da variável dicotómica.
- H_1 : Existe diferença na percentagem ou nas médias, entre os grupos da variável dicotómica.

No caso do valor de prova do teste t ser superior a 5%, aceita-se a hipótese nula, isto é, não há diferenças entre os dois grupos. Se o valor de prova for inferior a 5%, rejeita-se a hipótese nula, considerando assim a existência de diferenças entre os dois grupos.

10.1.4. TESTE ANOVA E KRUSKALL-WALLIS

De acordo com Maroco (2011: 205-257), quando os grupos em estudo são de grande dimensão, recorre-se também ao teste paramétrico ANOVA, para realizar o estudo da relação entre variáveis medida em

percentagem ou quantitativas e uma variável qualitativa com mais de duas classes, que coloca as seguintes hipóteses:

- H_0 : A percentagem ou a média da variável são iguais nas categorias da variável qualitativa.
- H_1 : A percentagem ou a média da variável são diferentes nas categorias da variável qualitativa.

No caso do valor de prova da ANOVA ser inferior a 5%, rejeita-se a hipótese nula e considera-se a existência de diferenças entre as várias categorias das variáveis qualitativas. Quando é superior a 5%, não se rejeita a hipótese nula.

10.1.5. TESTE DO QUI-QUADRADO

Segundo Maroco (2011: 105-107), perante duas variáveis nominais ou uma variável nominal e outra ordinal, o teste adequado para verificar a relação entre cada par de variáveis é o Qui-quadrado, em que temos as hipóteses:

- H_0 : As duas variáveis são independentes, ou seja, não existe relação entre as categorias de uma variável e as categorias da outra;
- H_1 : As duas variáveis apresentam uma relação entre si, ou seja, existe relação entre as categorias de uma variável e as categorias da outra;

Rejeita-se a hipótese nula no caso do valor de prova for inferior a 5%, concluindo-se que as duas variáveis estão relacionadas. Por outro lado, quando o valor de prova do teste for superior ao valor de referência de 5%, não se rejeita a hipótese nula, de que as duas variáveis são independentes, ou seja, conclui-se que elas não estão relacionadas.

10.1.6. COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO DE PEARSON

Maroco (2011: 22-26) explica a análise de associação, através do coeficiente de Pearson, pois quando as variáveis cuja relação se pretende estudar são variáveis quantitativas, podem ser analisadas utilizando o coeficiente de correlação de Pearson R, que é uma medida da associação linear entre variáveis quantitativas e varia entre -1 e 1. Quanto mais próximo estiver dos valores extremos, tanto maior é a associação entre as variáveis.

Os valores do coeficiente de correlação podem ser interpretados de acordo com a o Quadro H.12 do Anexo H (Hinkle, Wiersma e Jurs, 2003).

10.2. ANÁLISE DESCRITIVA

O ficheiro retirado do Qualtrics continha 381 respostas, no entanto:

i) alguns destes casos (números de ordem 1, 292, 317, 365) não responderam a nenhuma questão, pelo que foram eliminados da amostra estudada;

ii) outros 13 casos (números de ordem 310, 313, 318, 319, 327, 330, 343, 345, 348, 350, 354, 359, 366) responderam apenas às três primeiras questões de caracterização, responderam depois afirmativamente à questão “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?”, mas não responderam a mais nenhuma questão;

iii) outros 58 casos (números de ordem 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 314, 315, 316, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 328, 329, 331, 332, 333, 334, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 346, 347, 351, 353, 355, 356, 357, 358, 360, 362, 363, 364, 368, 370, 374, 376, 377, 381) responderam apenas às três primeiras questões de caracterização, responderam depois negativamente à questão “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” e não responderam a mais nenhuma questão;

iv) todos os restantes elementos (que perfazem 191) que responderam negativamente à questão “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?”, apenas responderam depois às duas últimas questões: “Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa durante o ano de 2014 quanto à sua pertinência” e “Em que medida concorda com as seguintes afirmações”.

Apesar do número de não respostas, será tratada a amostra constituída pelos 377 elementos que responderam à questão “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?”, embora nas restantes questões existam menos respostas, pelo filtro resultante desta questão (os que responderam negativamente a esta questão apenas responderam às duas últimas questões) e pelas não respostas atrás referidas.

10.2.1. CARACTERIZAÇÃO

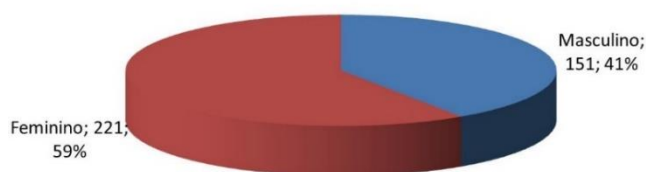


Figura 10.3 - Gráfico de frequências: Género

Na amostra, 59% são do sexo feminino e os restantes 41% do sexo masculino (Figura 10.3).

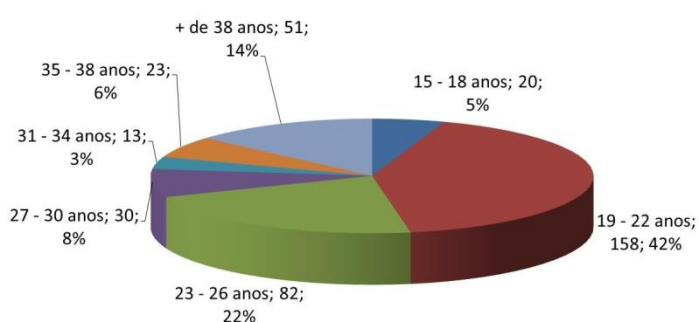


Figura 10.4 - Gráfico de frequências: Idade

Na amostra, 5% têm entre 15-18 anos, 42% têm entre 19-22 anos, 22% têm entre 23-26 anos, 8% têm entre 27-30 anos, 3% têm entre 31-34 anos, 6% têm entre 35-38 anos e 14% têm mais de 38 anos (Figura 10.4).

Para posterior utilização na análise inferencial, a idade foi recodificada em quatro categorias, para evitar que se verifiquem poucas observações em cada categoria, de acordo com o Quadro H.15 (Anexo H).

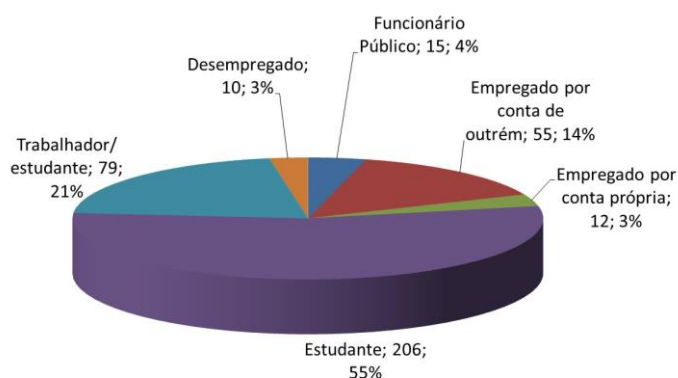


Figura 10.5 - Gráfico de frequências: Situação profissional

Na amostra, 55% são estudante, 21% são trabalhador/ estudante, 14% são empregado por conta de outrem, 4% são funcionário Público, 3% são empregado por conta própria e 3% estão na condição de desempregado (Figura 10.5).

10.2.2. PARTICIPAÇÃO EM MANIFESTAÇÕES

Na amostra, 34% já participou, por alguma vez, numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público (Figura 10.6).

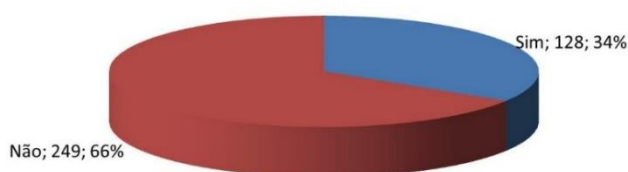


Figura 10.6 - Gráfico de frequências: Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?

10.2.3. PARTICIPANTES EM MANIFESTAÇÕES

As questões que integram este ponto de análise são relativas apenas aos que já participaram em manifestações. No entanto, lembre-se que 13 elementos deste grupo não responderam a mais nenhuma questão, pelo que o máximo de respostas observadas nas questões seguintes é de 115.

Na amostra, 16% participaram uma única vez em manifestações, 37% participaram entre 2 e 5 vezes, 11% entre 6 e 9 vezes e 36% participaram em manifestações mais de 10 vezes (Figura 10.7).

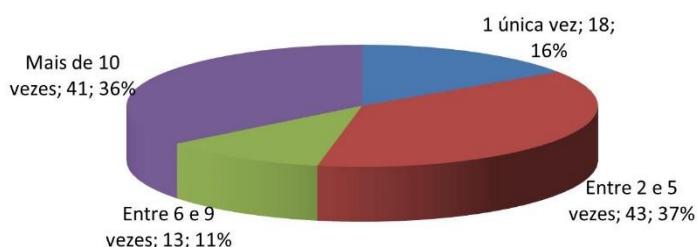


Figura 10.7 - Gráfico de frequências: Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida

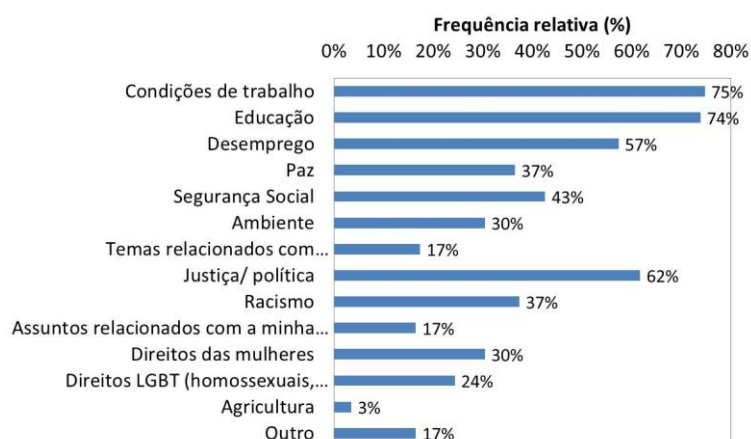


Figura 10.8 - Gráfico de frequências: Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação (total de 115 respostas)

Na amostra, os temas assinalados como mais motivadores para os respondentes a participar numa manifestação são “Condições de trabalho” por 75% e “Educação” por 74%, seguem-se a “Justiça/ política” por 62% e o “Desemprego” por 57%, depois surge a “Segurança Social” por 43%, seguida de “Racismo” por 37%, “Paz” também por 37%, “Ambiente” e “Direitos das mulheres” cada por 30%, seguidos de “Direitos LGBT (homossexuais, bissexuais, transgénero)” por 24%, depois de “Temas relacionados com desenvolvimento”, “Assuntos relacionados com a minha comunidade/ bairro” e “Outro” cada por 17% e finalmente a “Agricultura” por 4% (Figura 10.8).

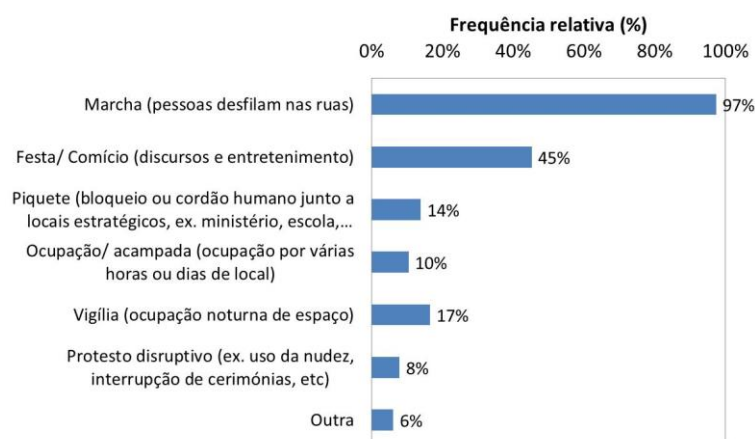


Figura 10.9 - Gráfico de frequências: Em que tipo de manifestações participou? (total de 115 respostas)

Na amostra, o tipo de manifestação mais assinalado é Marcha por 97%, seguido de Festa/ Comício por 45%, depois surgem Vigília por 17%, Piquete por 14%, Ocupação/ acampada por 10%, Protesto disruptivo por 8% e Outra por 6% (Figura 10.9).



Figura 10.10 - Gráfico de frequências: Das seguintes manifestações realizadas em Lisboa em 2014, seleccione aquelas em que participou (total de 115 respostas)

Na amostra, das manifestações realizadas em Lisboa em 2014, relativamente aquelas em que participou, a mais assinalada é Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade) por 48%, seguida de Outra por 34%, seguida de 1º de Maio Celebração do Dia do Trabalhador - Alameda (promovida pela CGTP) por 26%, Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril) por 23% e Rios ao Carmo - Celebração dos 40 anos do 25 de Abril (dia 24 à noite) por 21%, sendo menos assinaladas 1º de Maio Celebração do Dia do Trabalhador - Belém (promovida pela UGT) por 7% e Festa "Dentro de ti Ó Cidade", 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura) por 6% (Figura 10.10).

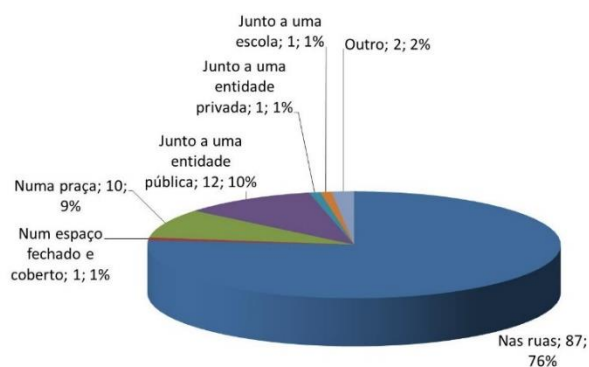


Figura 10.11 - Gráfico de frequências: Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?

Na amostra, quanto ao local onde se realizou a última manifestação em que participou, 76% indicam ser nas ruas, 10% junto a uma entidade pública, 9% numa praça. 2% assinalam outro e as opções Num espaço fechado e coberto, Junto a uma entidade privada e Junto a uma escola são assinaladas por 1% cada (um elemento cada) (Figura 10.11).

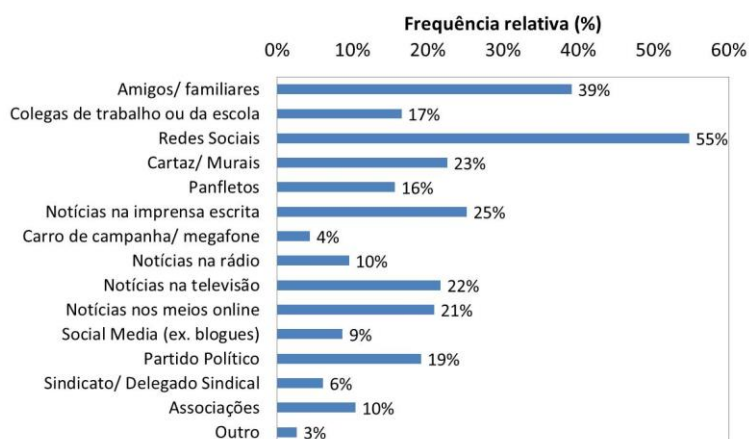


Figura 10.12 - Gráfico de frequências: Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização? (total de 115 respostas)

Na amostra, na última manifestação em que participou, relativamente ao meio através do qual foi informado ou convidado antes da sua realização, o mais assinalado é Redes Sociais por 55%, seguido de Amigos/ familiares por 39%, depois de Notícias na imprensa escrita por 25%, Cartaz/ Murais por 23%, Notícias na televisão por 22%, Notícias nos meios online por 21%, Partido Político por 19%, Colegas de trabalho ou da escola por 17% e Panfletos por 16%, seguem-se Associações por 10%, Notícias na rádio também por 10%, Social Media (ex. blogues) por 9%, Sindicato/ Delegado Sindical por 6%, Carro de campanha/ megafone por 4% e Outro por 3% (Figura 10.12).

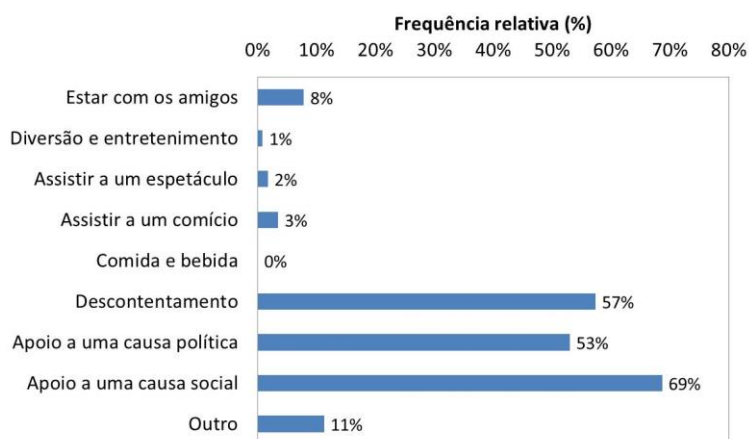


Figura 10.13 - Gráfico de frequências: Qual foi o motivo que o levou a participar na última manifestação? (total de 115 respostas)

Na amostra, quanto ao motivo que levou a participar na última manifestação, o mais assinalado é Apoio a uma causa social por 69%, seguido de Descontentamento por 57% e Apoio a uma causa política por 53%, depois surge Outro por 11%, seguido de Estar com os amigos por 8%, Assistir a um comício por 4%, Assistir a um espetáculo por 2% e Diversão e entretenimento por 1%, sendo que o motivo Comida e bebida não foi assinalado (Figura 10.13).

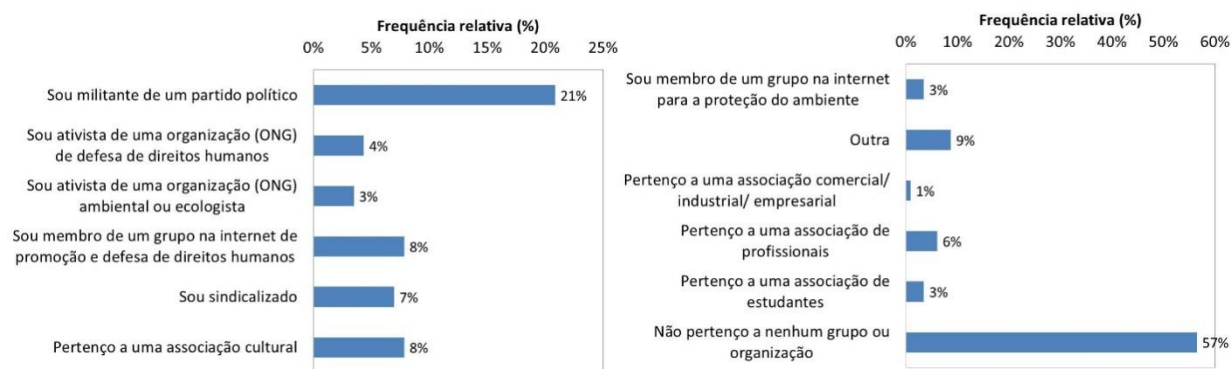


Figura 10.14 - Gráfico de frequências: Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações? (total de 115 respostas)

Na amostra, a resposta mais dada é Não pertencem a nenhum grupo ou organização por 57%, quanto a pertencer a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a participação em manifestações, o mais assinalado é Sou militante de um partido político por 21%, depois 9% assinalam Outra, as opções Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos e Pertenço a uma associação cultural são assinaladas por 8% cada, Sou sindicalizado por 7%, Pertenço a uma associação de profissionais por 6%, Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos por 4%, Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista, Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente e Pertenço a uma associação de estudantes são todas assinaladas por 3% e Pertenço a uma associação comercial/ industrial/ empresarial por 1% (Figura 10.14).

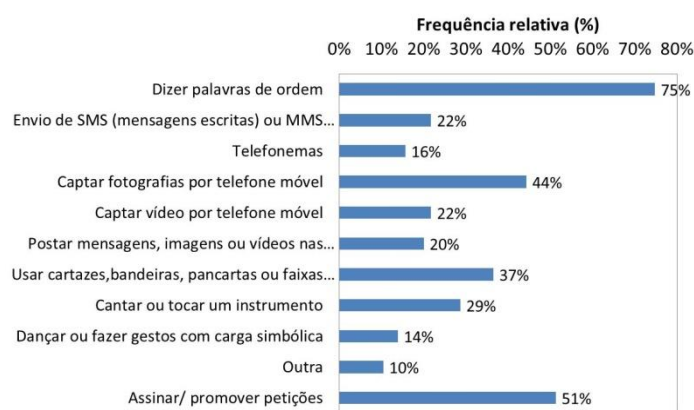


Figura 10.15 - Gráfico de frequências: Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação (total de 115 respostas)

Na amostra, quanto às atividades que já realizou durante uma manifestação, a mais assinalada é Dizer palavras de ordem por 75%, seguida de Assinar/ promover petições por 51%, depois de Captar fotografias por telefone móvel por 44%, e de Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens por 37%, e ainda de Cantar ou tocar um instrumento por 29%, seguem-se Envio de SMS

(mensagens escritas) ou MMS (mensagens multimédia) e Captar vídeo por telefone móvel, cada assinalada por 22% e Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais por 20%, seguida ainda de Telefonemas por 16%, Dançar ou fazer gestos com carga simbólica por 14% e Outra por 10% (Figura 10.15).

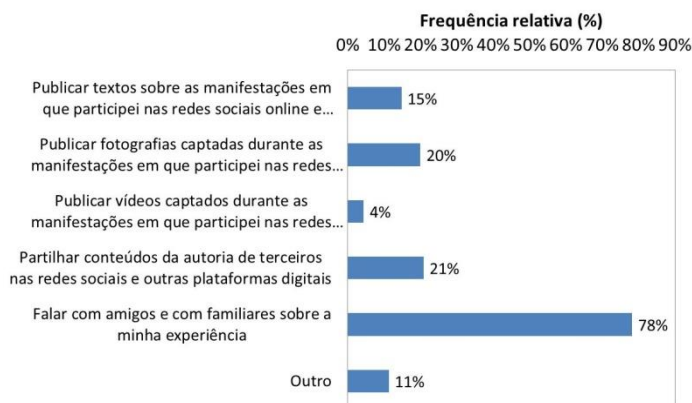


Figura 10.16 - Gráfico de frequências: Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar (total de 115 respostas)

Na amostra, quanto às atividades que tem por hábito realizar após a participação numa manifestação, a mais assinalada é Falar com amigos e com familiares sobre a minha experiência por 78%, seguida de Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais por 21% e Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais por 20%, seguidas de Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais por 15%, depois de Outro por 11% e Publicar vídeos captados durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais por 4% (Figura 10.16).

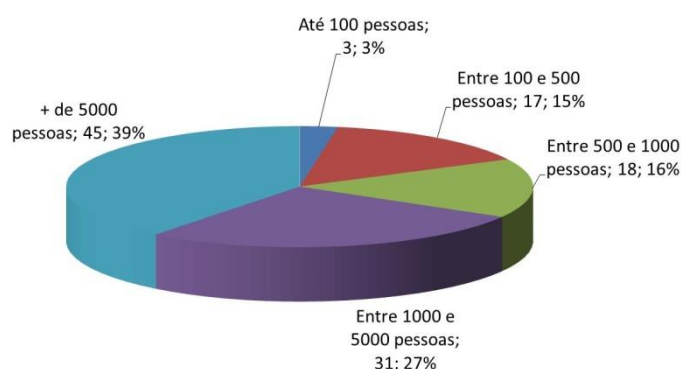


Figura 10.17 - Gráfico de frequências: Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?

Na amostra, quanto ao número de pessoas que estavam presentes na última manifestação em que participou, 3% indicam até 100 pessoas, 15% entre 100 e 500 pessoas, 16% entre 500 e 1000 pessoas, 27% entre 1000 e 5000 pessoas e 39% mais de 5000 pessoas (Figura 10.17).

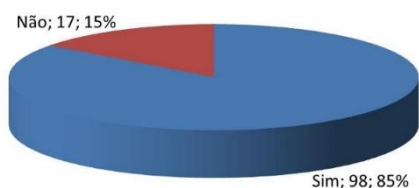


Figura 10.18 - Gráfico de frequências: Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?

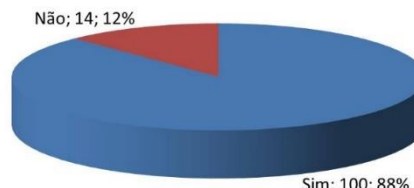


Figura 10.19 - Gráfico de frequências: Utiliza as redes sociais online?

Na amostra, 85% possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet (Figura 10.18).

Na amostra, 88% utiliza as redes sociais online (Figura 10.19).

A análise seguinte é apresentada apenas para os 100 elementos que utilizam as redes sociais online (Figura 10.20).

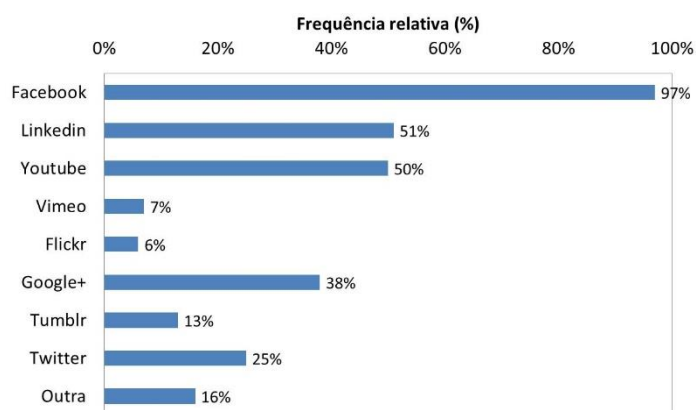


Figura 10.20 - Gráfico de frequências: No caso de ser utilizador de redes sociais *online*, indique aquelas onde possui perfil de utilizador (total de 100 respostas)

Na amostra, para os elementos utilizadores de redes sociais *online*, relativamente às redes onde possui perfil de utilizador, a mais assinalada é Facebook por 78%, seguida de LinkedIn por 51% e Youtube por 50%, depois Google+ por 38%, seguida de Twitter por 25%, seguida de Outra por 16% e Tumblr por 13%, sendo Vimeo assinalada por 7% e Flickr por 6%.

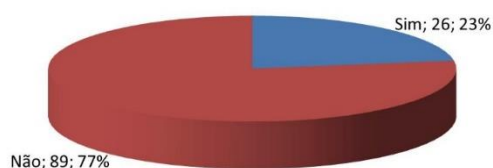


Figura 10.21- Gráfico de frequências: Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?

Na amostra, 23% alguma vez participou na organização de uma manifestação (Figura 10.21).

10.2.4. QUESTÕES RESPONDIDAS POR TODA A AMOSTRA

As questões que integram este ponto de análise são respondidas por toda a amostra. No entanto, lembre-se que 13 que já participaram em manifestações não responderam a mais nenhuma questão, e que 58 elementos que não participaram em manifestações também não responderam a mais nenhuma questão, pelo que o máximo de respostas observadas nas questões seguintes é de 306.

Para o Quadro H.33 (Anexo H) e para os restantes análogos, quando a soma das frequências observadas é inferior à dimensão do grupo, significa que existem *missing values* (não respostas), que se podem observar no valor de N para o cálculo das estatísticas.

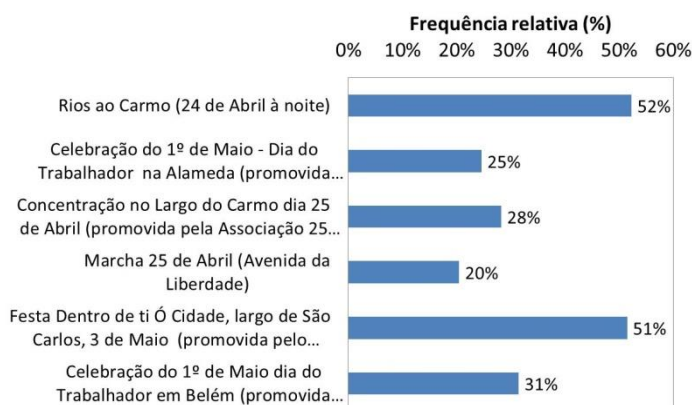


Figura 10.22 - Gráfico de frequências: Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa (não sabe/não conhece)

Na amostra, o desconhecimento é de 52% para Rios ao Carmo (24 de Abril à noite), de 51% para Festa Dentro de ti Ó Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura), de 31% para Celebração do 1º de Maio dia do Trabalhador em Belém (promovida pela UGT), de 28% para Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril), de 25% para Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP)e de 25% para Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade) (Figura 10.22)

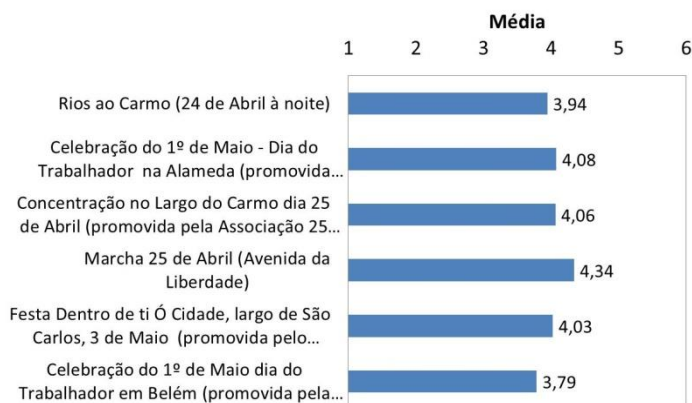


Figura 10.23 - Gráfico de médias: Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa

Os valores médios observados apresentam as variações ilustradas, em média, a pertinência é superior para Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade), seguida de Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP), Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril) e Festa Dentro de ti Ó Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura), depois de Rios ao Carmo (24 de Abril à noite) e finalmente de Celebração do 1º de Maio dia do Trabalhador em Belém (promovida pela UGT), tendo todos os itens uma concordância superior ao ponto intermédio da escala de medida (Figura 10.23).

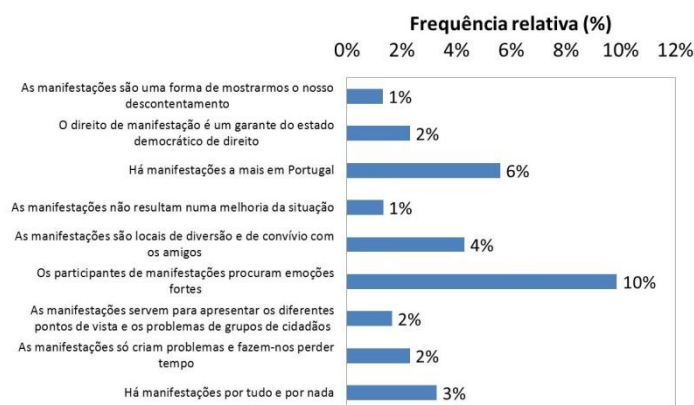


Figura 10.24 - Gráfico de frequências: Em que medida concorda com as seguintes afirmações (não sabe/ não conhece)

Na amostra, não ter opinião é de 10% para Os participantes de manifestações procuram emoções fortes, 6% para Há manifestações a mais em Portugal, 4% para As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos, 3% para Há manifestações por tudo e por nada, 2% para O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito, As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo e As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos, e 1% para As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento e As manifestações não resultam numa melhoria da situação (Figura 10.24).

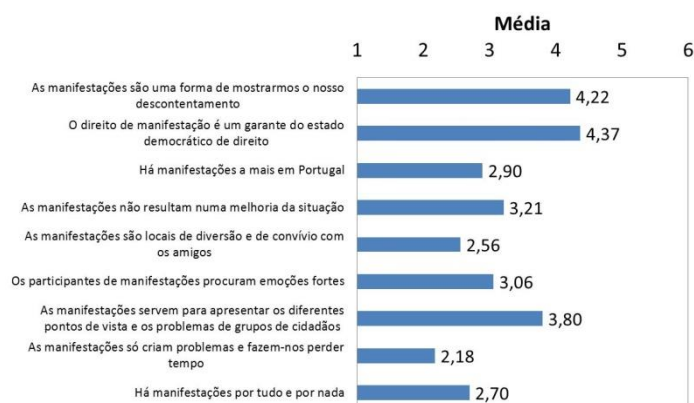


Figura 10.25 - Gráfico de médias: Em que medida concorda com as seguintes afirmações

Os valores médios observados apresentam as variações ilustradas, em média, a concordância é superior para “O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito”, seguida de “As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento”, depois de “As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos” e ainda de “As manifestações não resultam numa melhoria da situação”, tendo estes itens uma concordância superior ao ponto intermédio da escala de medida; seguem-se depois “Os participantes de manifestações procuram emoções fortes” e “Há manifestações a mais em Portugal”, com concordância próxima do ponto intermédio da escala; depois surge “Há manifestações por tudo e por nada”, seguida de “As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos” e finalmente “As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo”, tendo estes itens uma concordância inferior ao ponto intermédio da escala de medida (Figura 10.25).

10.3. OBJETIVOS

10.3.1. RELAÇÃO ENTRE “JÁ, POR ALGUMA VEZ, PARTICIPOU NUMA MANIFESTAÇÃO DE PROTESTO OU DE REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS POLÍTICOS/ SOCIAIS NO ESPAÇO PÚBLICO?” COM O GÉNERO, IDADE E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

Na amostra, a percentagem que já participou em manifestações é superior para o género masculino, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(1)} = 0,406$; $p = 0,524$) (Figura 10.26).

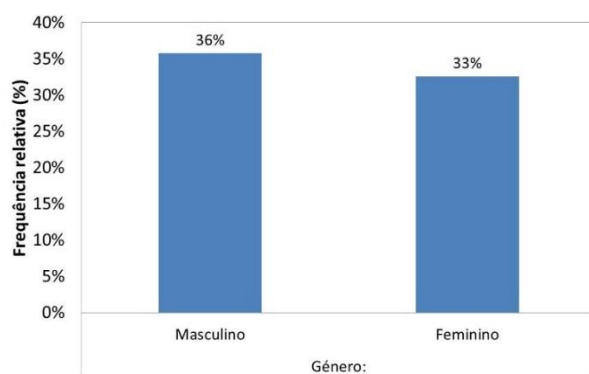


Figura 10.26 - Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” e o género

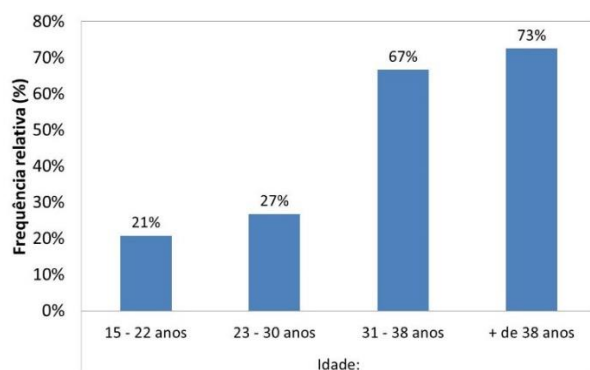


Figura 10.27 - Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” e a idade

A percentagem que já participou em manifestações aumenta com o aumento da idade, sendo bastante superior para mais de 38 anos e 31-38 anos em comparação com 23-30 anos e 15-22 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(3)} = 67,385$; $p < 0,001$) (Figura 10.27).

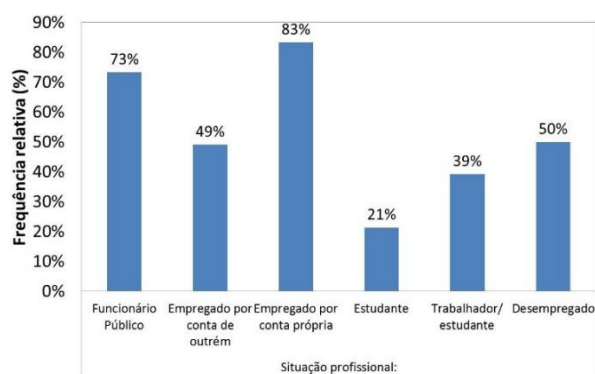


Figura 10.28 - Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” e a situação profissional

A percentagem que já participou em manifestações é superior para empregado por conta própria, seguido de funcionário público, apresenta valores intermédios para desempregado e empregado por conta de outrem, diminui para trabalhador/estudante e é inferior para estudante, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(5)} = 45,745$; $p < 0,001$) (Figura 10.28).

10.3.2. RELAÇÃO DE TODAS AS QUESTÕES COM O GÉNERO

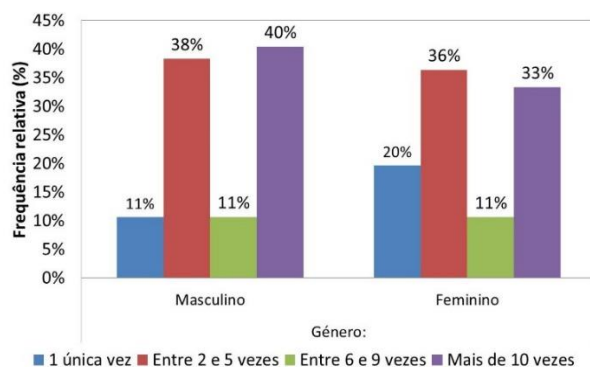


Figura 10.29 - Gráfico de frequências: Relação entre “Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida:” e o género

Na amostra, a percentagem de “entre 2 e 5 vezes” e de “mais de 10 vezes” é superior para o género masculino, a percentagem de “1 única vez” é superior para o género feminino, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(3)} = 1,822$; $p = 0,610$) (Figura 10.29).

O valor de prova é inferior a 5% para Segurança Social e Direitos das mulheres, rejeita-se H_0 e aceita-se H_1 : considera-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

O valor de prova é superior a 5% para os restantes temas, não se rejeita-se H_0 : considera-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

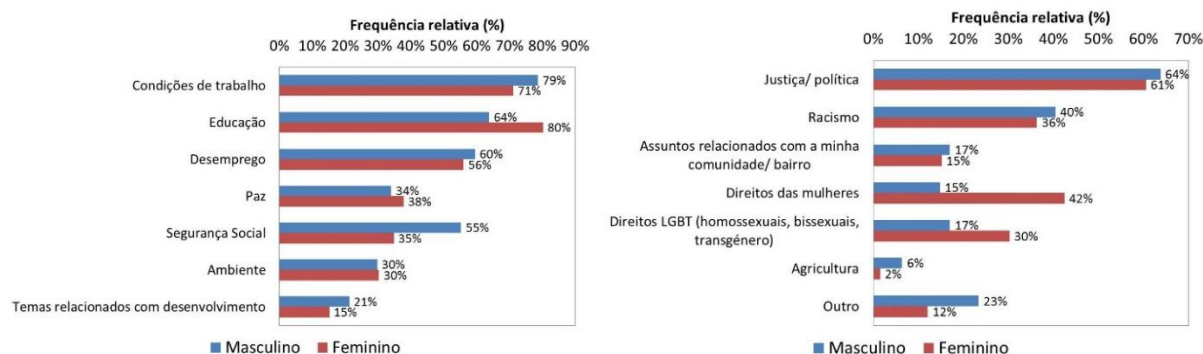


Figura 10.30 - Gráfico de frequências: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e o género

O tema Segurança Social é mais assinalado pelo género masculino, o tema Direitos das mulheres é mais assinalado pelo género feminino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.30).

Na amostra, os restantes temas apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre géneros não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é superior a 5% para todos os tipos de manifestações, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

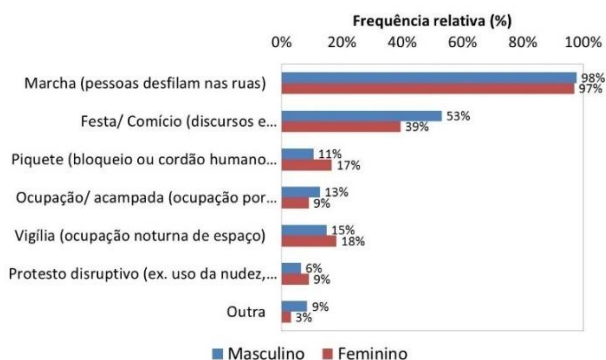


Figura 10.31 - Gráfico de frequências: Relações entre “Em que tipo de manifestações participou?” e o género

Na amostra, os tipos de manifestações apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre géneros não são estatisticamente significativas (Figura 10.31).

O valor de prova é superior a 5% para todas as participações em manifestações, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

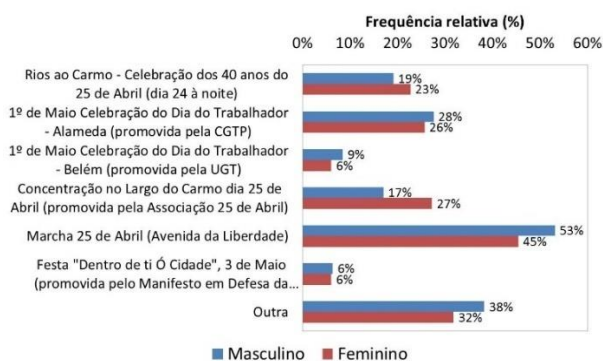


Figura 10.32 - Gráfico de frequências: Relações entre “Das seguintes manifestações realizadas em Lisboa em 2014, seleccione aquelas em que participou” e o género

Na amostra, as participações em manifestações apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre géneros não são estatisticamente significativas (Figura 10.32).

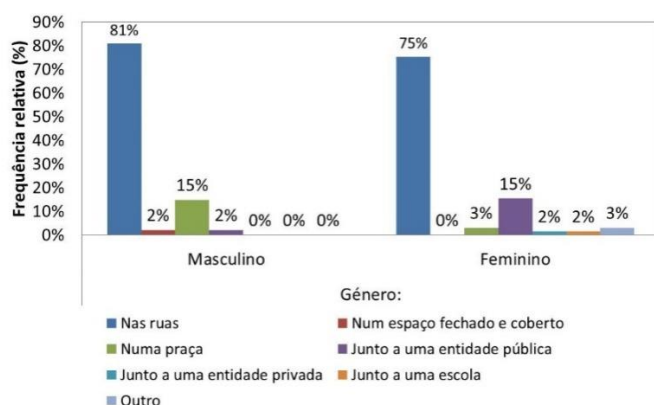


Figura 10.33 - Gráfico de frequências: Relação entre “Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?” e o gênero

A percentagem de “Nas ruas”, “Num espaço fechado e coberto” e “Numa praça” é superior para o gênero masculino, a percentagem de “Junto a uma entidade pública”, “Junto a uma entidade privada”, “Junto a uma escola” e “Outro” é superior para o gênero feminino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(6)} = 14,001$; $p = 0,030$) (Figura 10.33).

O valor de prova é inferior a 5% para Panfletos, Notícias na televisão e Social Media (ex. blogues), existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois gêneros.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes formas de informação, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois gêneros.

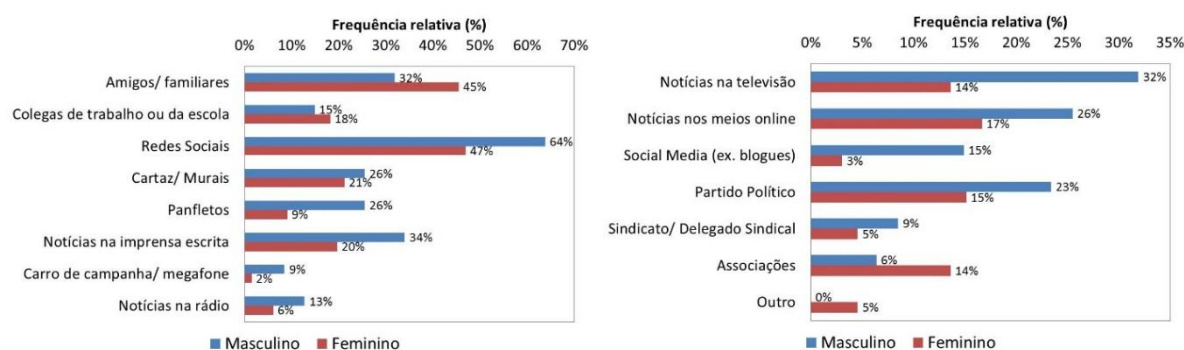


Figura 10.34 - Gráfico de frequências: Relações entre “Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização?” e o gênero

As formas de informação Panfletos, Notícias na televisão e Social Media são mais assinaladas pelo gênero masculino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.34).

Na amostra, as restantes formas de informação apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre gêneros não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é inferior a 5% para Apoio a uma causa política, existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois gêneros.

O valor de prova é superior a 5% para os restantes motivos, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

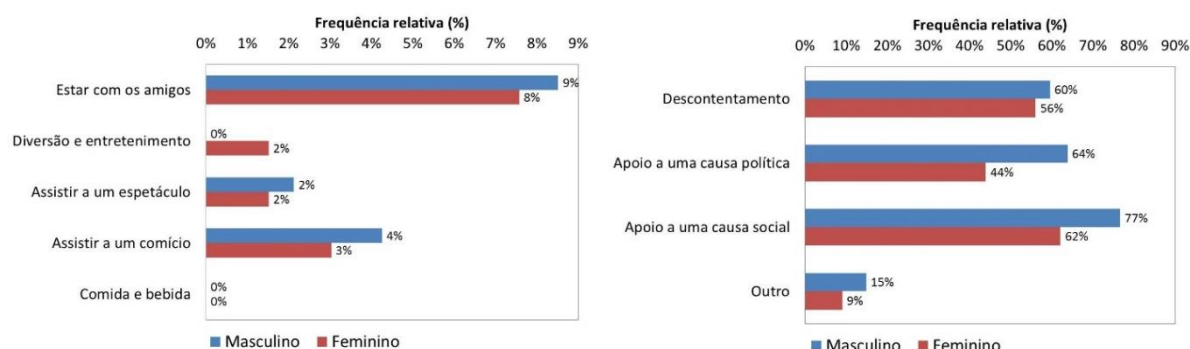


Figura 10.35 - Gráfico de frequências: Relações entre “Qual foi o motivo que o levou a participar na última manifestação?” e o género

O motivo Apoio a uma causa política é mais assinalado pelo género masculino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.35).

Na amostra, os restantes motivos apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre géneros não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é inferior a 5% para Sou militante de um partido político, existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

O valor de prova é superior a 5% para os restantes grupos, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

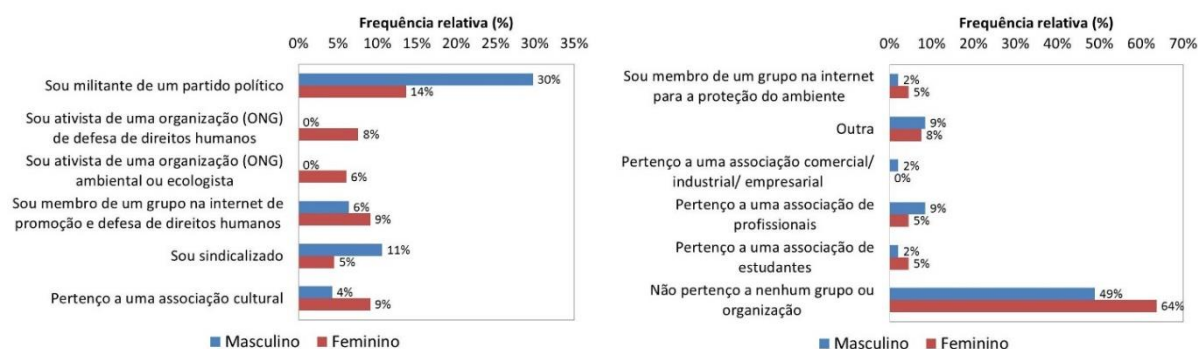


Figura 10.36 - Gráfico de frequências: Relações entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e o género

Ser militante de um partido político é mais assinalado pelo género masculino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.36).

Na amostra, a pertença aos restantes grupos apresenta as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre géneros não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é inferior a 5% para Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais, existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes atividades, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

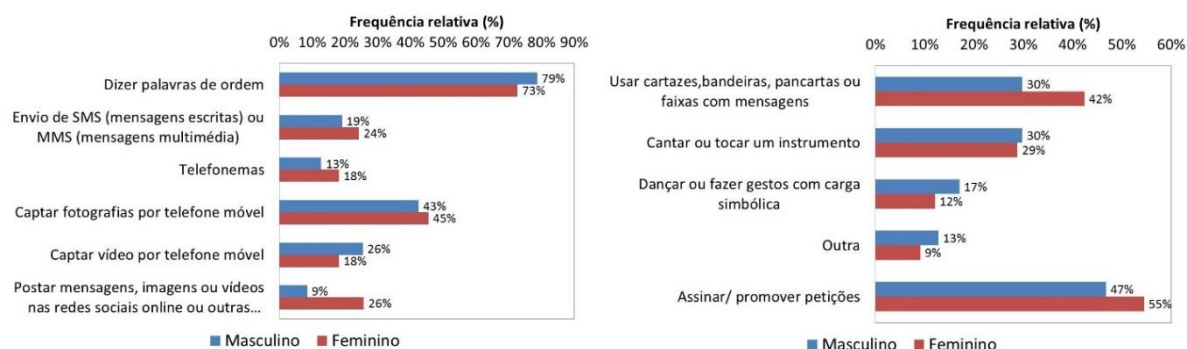


Figura 10.37 - Gráfico de frequências: Relações entre “Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação” e o género

O motivo Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais é mais assinalado pelo género feminino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.37).

Na amostra, as restantes atividades apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre géneros não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é superior a 5% para todas as atividades, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

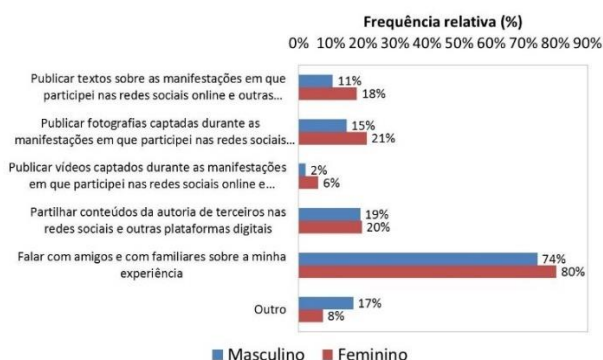


Figura 10.38 - Gráfico de frequências: Relações entre “Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar” e o género

Na amostra, as atividades apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre géneros não são estatisticamente significativas (Figura 10.38).

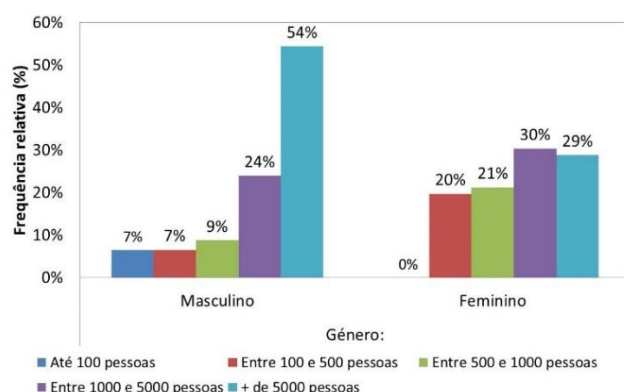


Figura 10.39 - Gráfico de frequências: Relação entre “Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?” e o gênero

A percentagem de “até 10 pessoas” e “mais de 5000 pessoas” é superior para o gênero masculino, a percentagem de “Entre 100 e 500 pessoas”, “Entre 500 e 1000 pessoas” e “Entre 1000 e 5000 pessoas” é superior para o gênero feminino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(4)} = 15,148$; $p = 0,004$) (Figura 10.39).

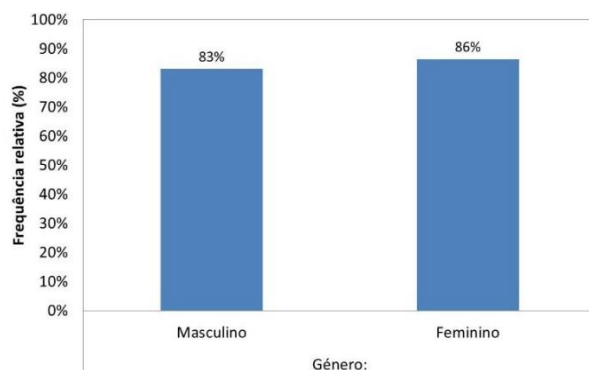


Figura 10.40- Gráfico de frequências: Relação entre “Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?” e o gênero

Na amostra, a percentagem que possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet é superior para o gênero feminino, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(1)} = 0,246$; $p = 0,620$) (Figura 10.40).

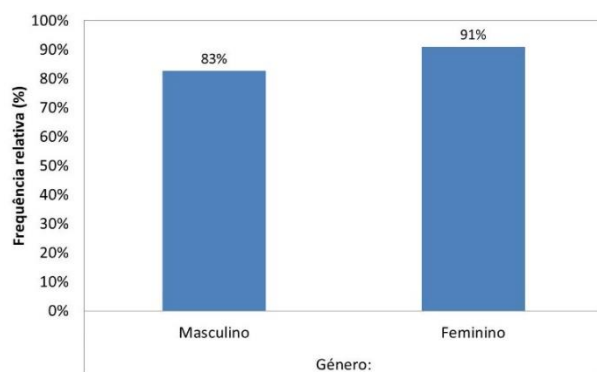


Figura 10.41 - Gráfico de frequências: Relação entre “Utiliza as redes sociais online?” e o gênero

Na amostra, a percentagem que utiliza as redes sociais online é superior para o gênero feminino, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(1)} = 1,708$; $p = 0,191$) (Figura 10.41).

O valor de prova é superior a 5% para todas as redes sociais, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois gêneros.

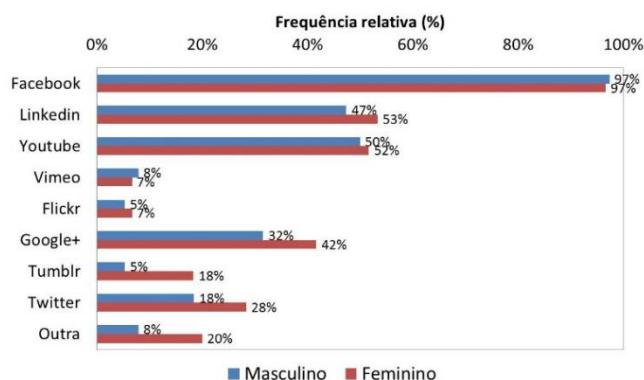


Figura 10.42 - Gráfico de frequências: Relações entre “No caso de ser utilizador de redes sociais online, indique aquelas onde possui perfil de utilizador” e o gênero

Na amostra, as redes sociais apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre gêneros não são estatisticamente significativas (Figura 10.42).

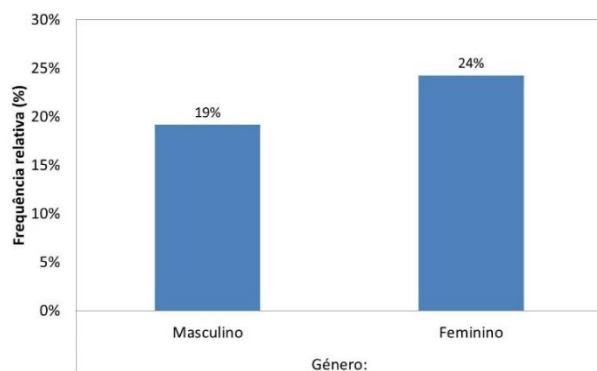


Figura 10.43 - Gráfico de frequências: Relação entre “Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?” e o gênero

Na amostra, a percentagem que participou, por alguma vez, na organização de uma manifestação é superior para o género feminino, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(1)} = 0,413$; $p = 0,520$) (Figura 10.43).

O valor de prova é inferior a 5% para Rios ao Carmo, existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes manifestações, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

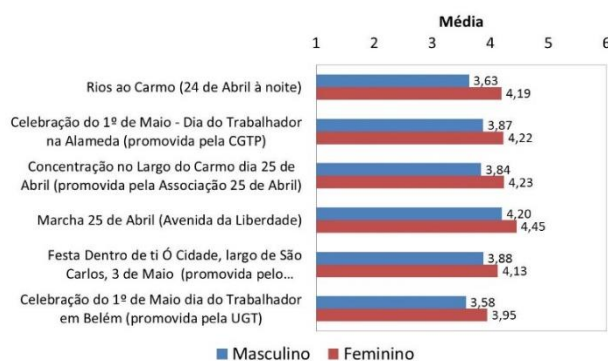


Figura 10.44 - Gráfico de médias: Relações entre “Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa” e o género

A média da pertinências de “Rios ao Carmo (24 de Abril à noite)” é superior para o género feminino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.44).

Na amostra, a média da pertinência das restantes manifestações apresenta as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre géneros não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é superior a 5% para todas as afirmações, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

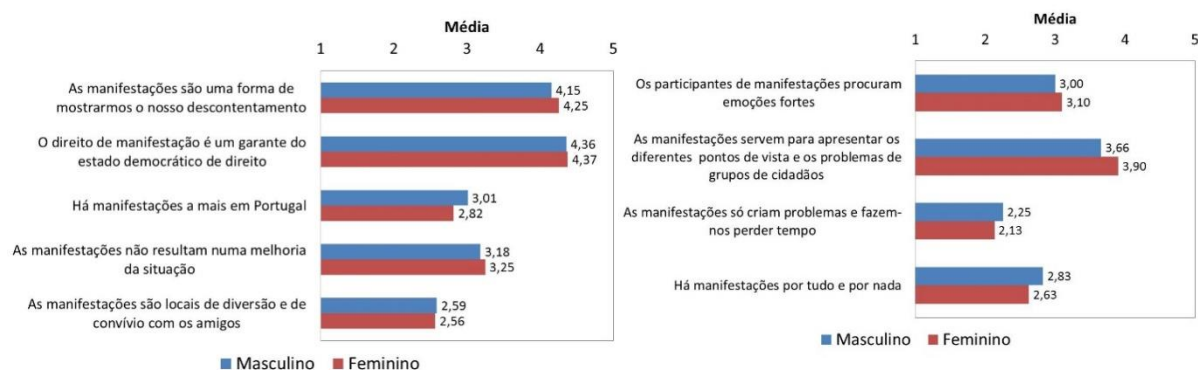


Figura 10.45 - Gráfico de médias: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e o género

Na amostra, a média da concordância com as afirmações apresenta as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre géneros não são estatisticamente significativas (Figura 10.45).

10.3.3. RELAÇÃO DE TODAS AS QUESTÕES COM A IDADE

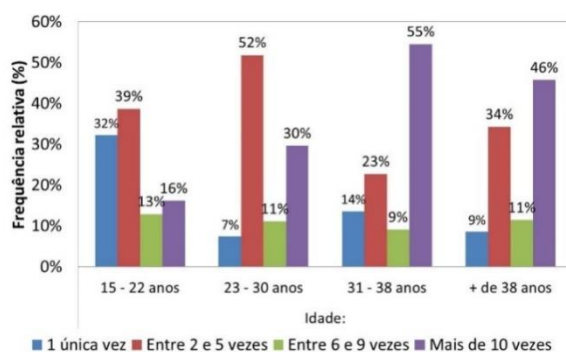


Figura 10.46 - Gráfico de frequências: Relação entre “Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida:” e a idade

A percentagem de “1 única vez” é superior para 15-23 anos, a percentagem de “entre 2 e 5 vezes” é superior para 23-30 anos, a percentagem de “entre 6 e 9 vezes” é idêntica para as classes de idades e a percentagem de “mais de 10 vezes” é superior para as idades 31-38 anos e mais de 38 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(9)} = 17,644$; $p = 0,040$) (Figura 10.46).

O valor de prova é inferior a 5% para Paz, Segurança Social, Direitos das mulheres e Direitos LGBT (homossexuais, bissexuais, transgénero), existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

O valor de prova é superior a 5% para os restantes temas, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

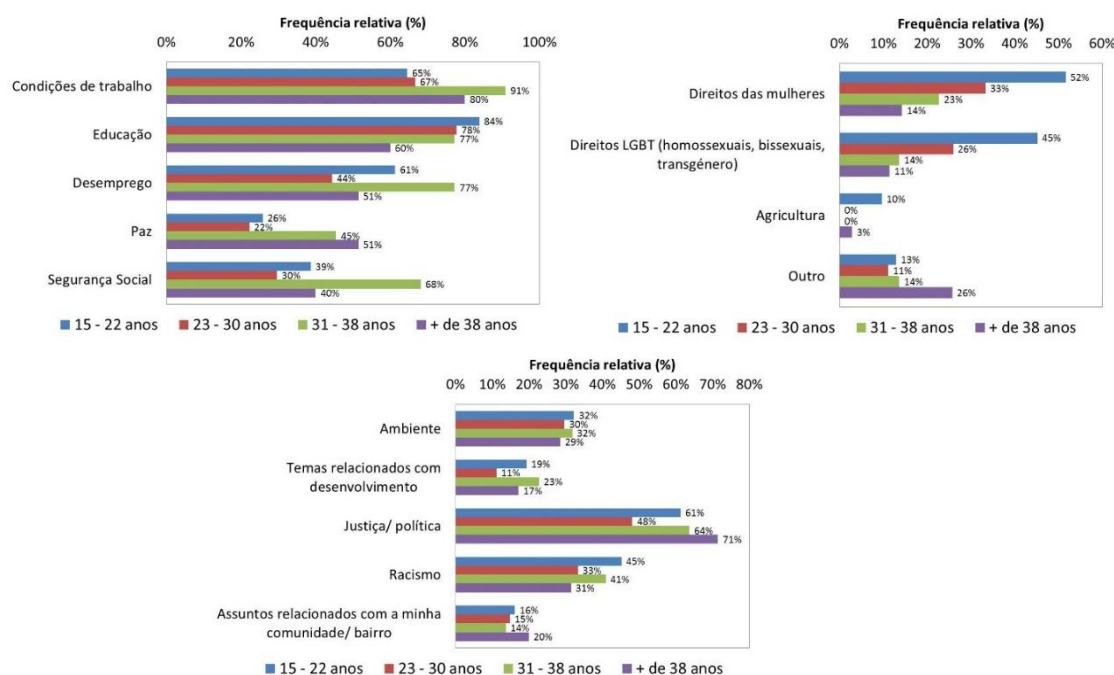


Figura 10.47 - Gráfico de frequências: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e a idade

O tema Paz é mais assinalado pelas idades mais de 38 anos e 31-38 anos, o tema Segurança Social é mais assinalado pelas idades 31-38 anos, os temas Direitos das mulheres e Direitos LGBT são menos assinalados com o aumento da idade, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.47).

Na amostra, os restantes temas apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é superior a 5% para todas as manifestações, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

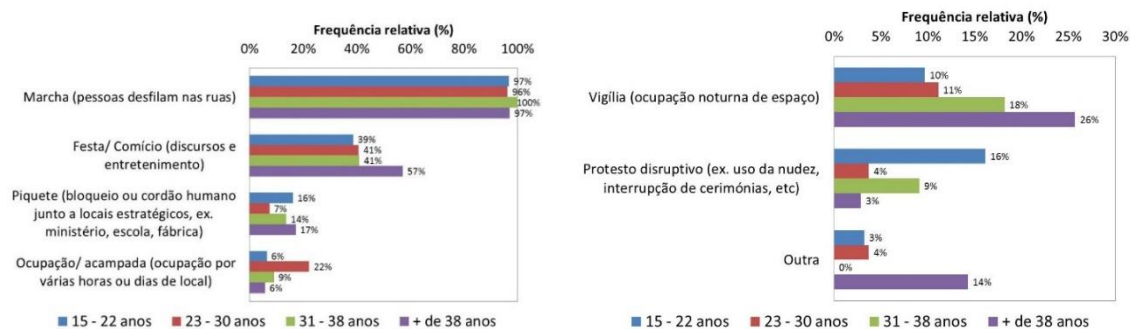


Figura 10.48 - Gráfico de frequências: Relações entre “Em que tipo de manifestações participou?” e a idade

Na amostra, as manifestações apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas (Figura 10.48).

O valor de prova é inferior a 5% para Festa "Dentro de ti Ó Cidade", 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura), existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes manifestações, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

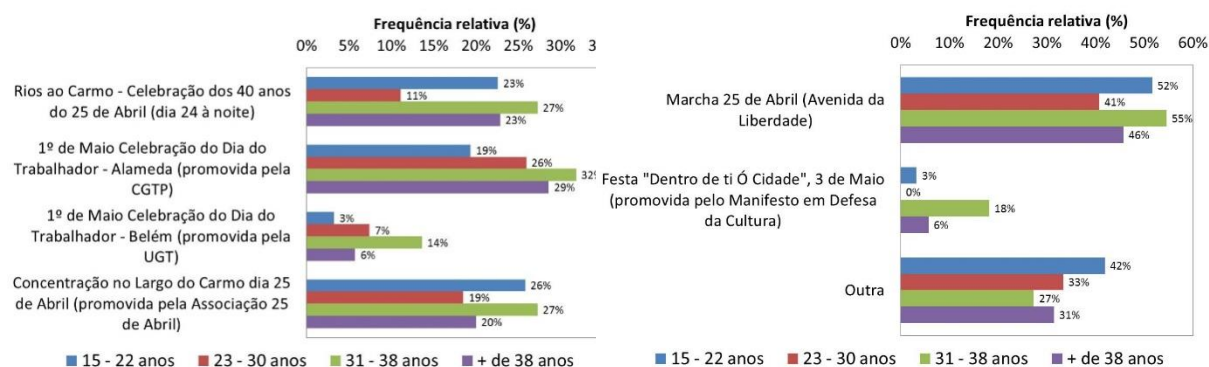


Figura 10.49 - Gráfico de frequências: Relações entre “Das seguintes manifestações realizadas em Lisboa em 2014, seleccione aquelas em que participou” e a idade

A participação na Festa "Dentro de ti Ó Cidade", 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura) é mais assinalada pelas idades 31-38 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.49).

Na amostra, a participação nas restantes manifestações apresenta as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas.

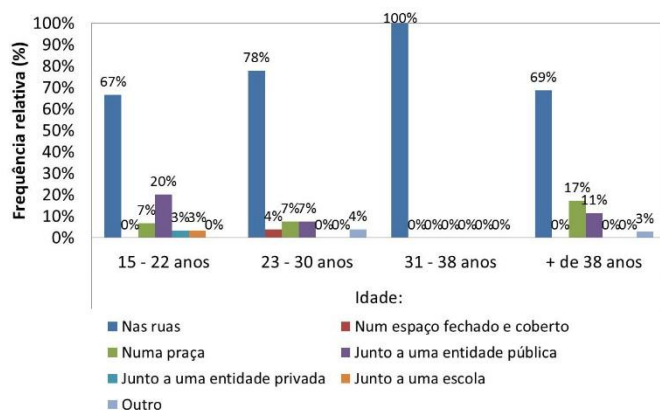


Figura 10.50 - Gráfico de frequências: Relação entre “Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?” e a idade

Na amostra, a percentagem de cada local apresenta as variações ilustradas com a idade, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(18)} = 22,912$; $p = 0,194$) (Figura 10.50).

O valor de prova é superior a 5% para todas as formas de informação, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

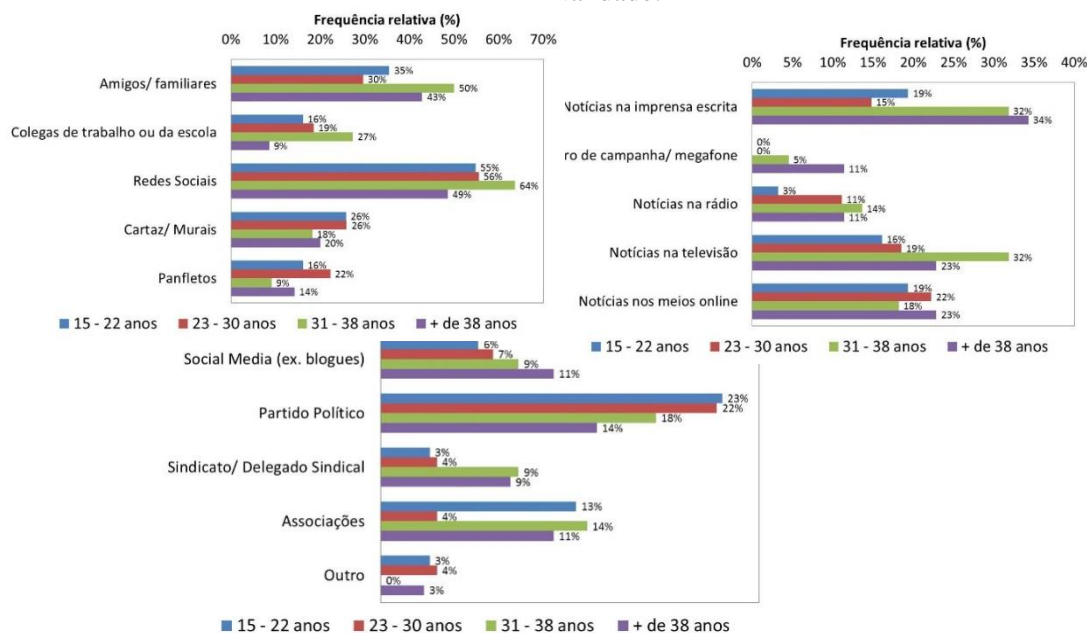


Figura 10.51 - Gráfico de frequências: Relações entre “Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização?” e a idade

Na amostra, as formas de informação apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas (Figura 10.51).

O valor de prova é superior a 5% para todos os motivos, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

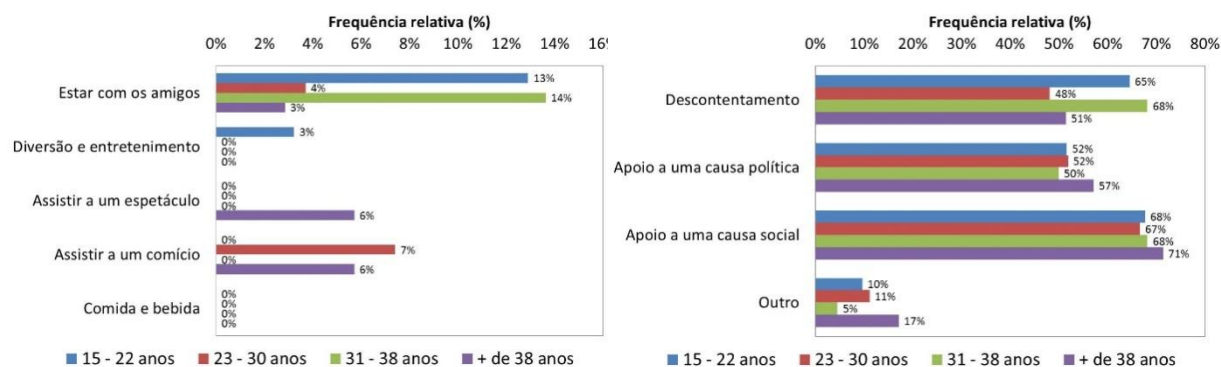


Figura 10.52 - Gráfico de frequências: Relações entre “Qual foi o motivo que o levou a participar na última manifestação?” e a idade

Na amostra, os motivos apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas (Figura 10.52).

O valor de prova é inferior a 5% para Sou sindicalizado e Pertença a uma associação de profissionais, existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes organizações, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

As opções Sou sindicalizado e Pertença a uma associação de profissionais são mais assinaladas com o aumento da idade, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.53).

Na amostra, as restantes organizações apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é inferior a 5% para Assinar/ promover petições, existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes atividades, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

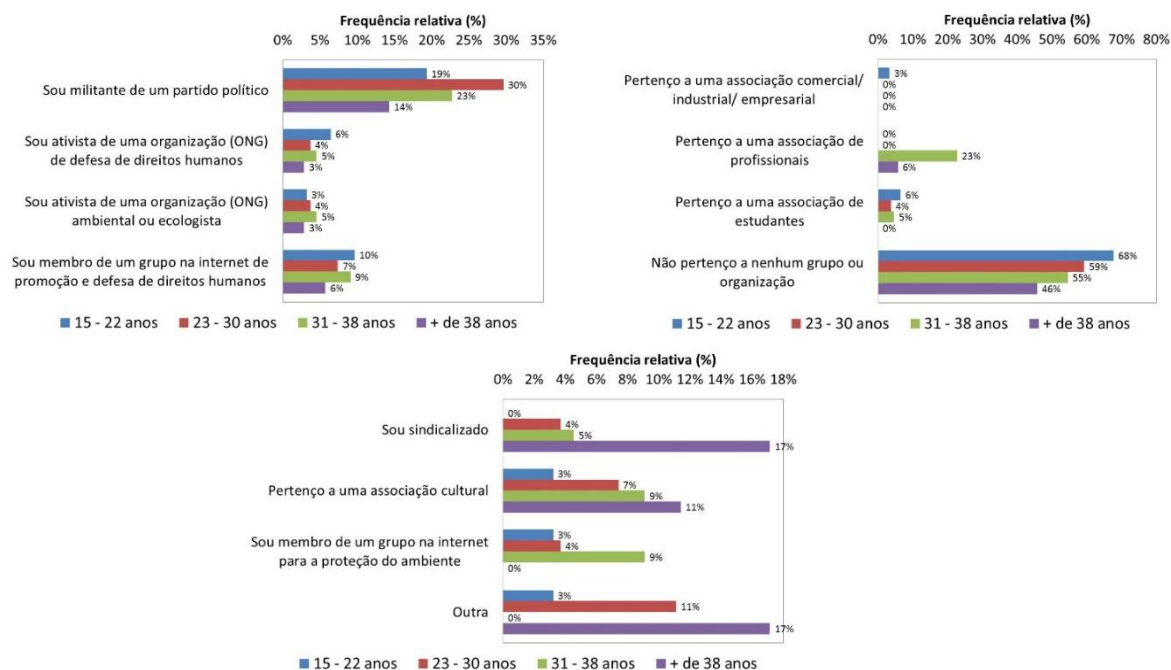


Figura 10.53 - Gráfico de frequências: Relações entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e a idade

A atividade Assinar/ promover petições é mais assinalada por 15-22 anos, seguida de 31-38 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.54). Na amostra, as restantes atividades apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas.

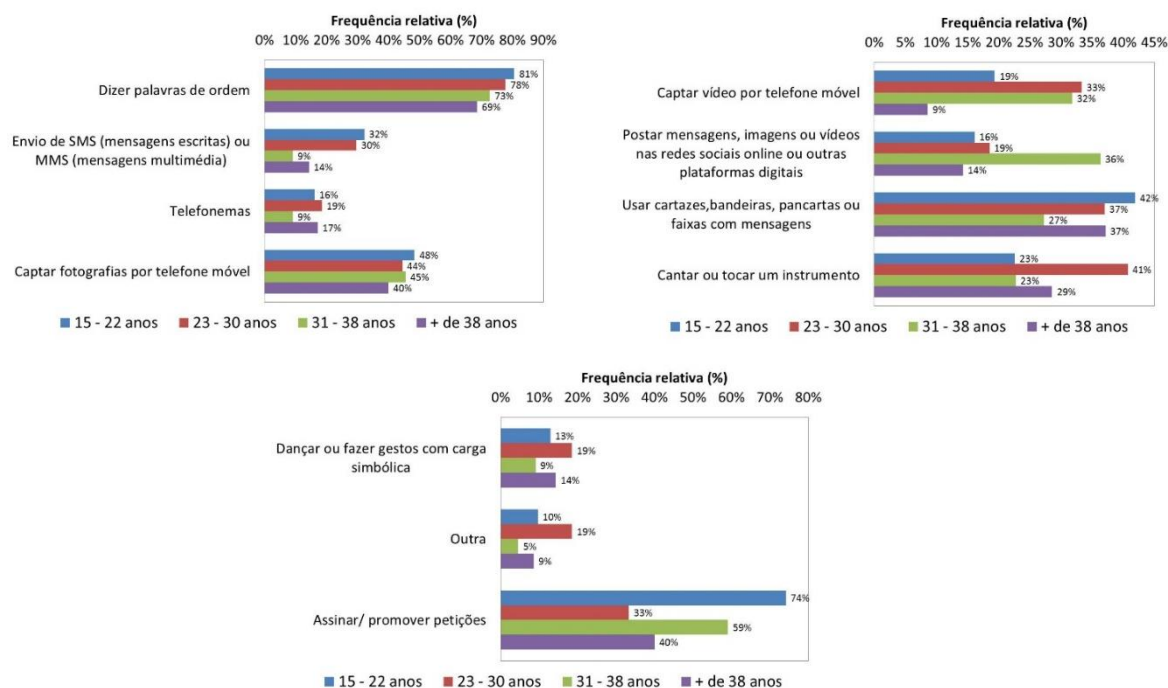


Figura 10.54 - Gráfico de frequências: Relações entre “Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação” e a idade

O valor de prova é superior a 5% para todas as atividades, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.



Figura 10.55 - Gráfico de frequências: Relações entre “Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar” e a idade

Na amostra, as atividades apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas (Figura 10.55).

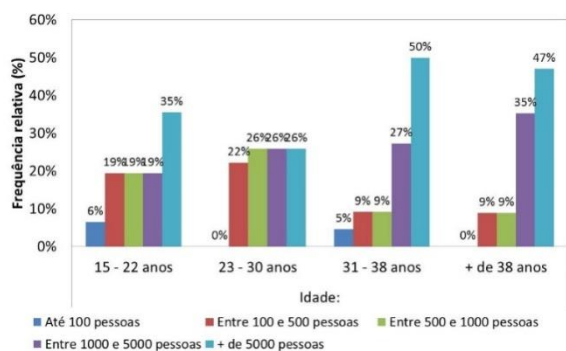


Figura 10.56 - Gráfico de frequências: Relação entre “Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?” e a idade

Na amostra, a percentagem de cada categoria apresenta as variações ilustrada com a idade, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(12)} = 14,061$; $p = 0,297$) (Figura 10.56).

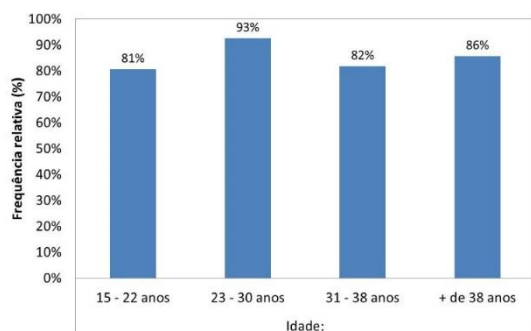


Figura 10.57 - Gráfico de frequências: Relação entre “Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?” e a idade

Na amostra, a percentagem que possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet apresenta as variações ilustrada com a idade, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(3)} = 1,889$; $p = 0,596$) (Figura 10.57).

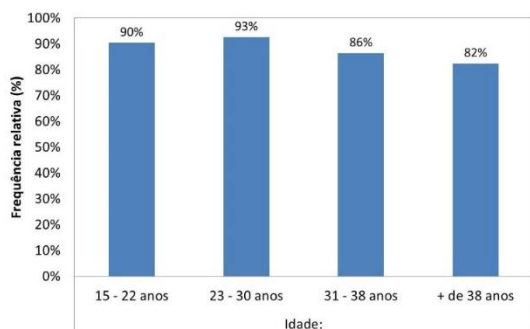


Figura 10.58 - Gráfico de frequências: Relação entre “Utiliza as redes sociais online?” e a idade

Na amostra, a percentagem que utiliza as redes sociais online apresenta as variações ilustrada com a idade, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(3)} = 1,737$; $p = 0,629$) (Figura 10.58).

O valor de prova é inferior a 5% para LinkedIn, Youtube e Tumblr, existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes redes, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

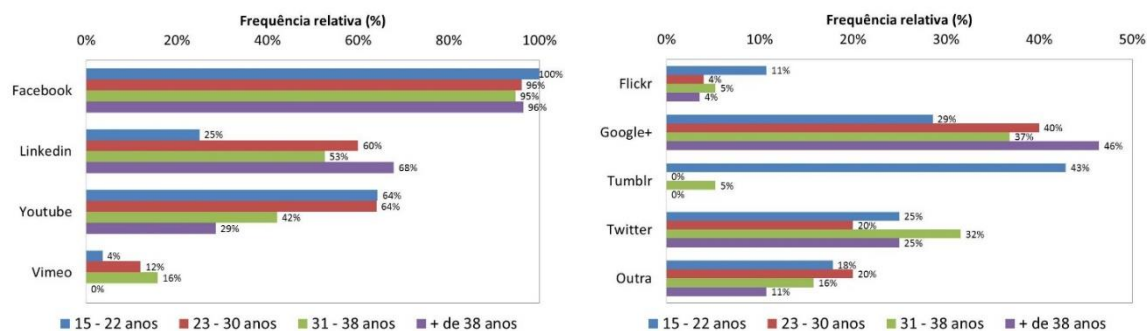


Figura 10.59 - Gráfico de frequências: Relações entre “No caso de ser utilizador de redes sociais online, indique aquelas onde possui perfil de utilizador” e a idade

A rede LinkedIn é mais assinalada por mais de 38 anos e menos por 15-22 anos, a rede Youtube é mais assinalada por 15-22 anos e 23-30anos e menos por mais de 38 anos, a rede Tumblr é mais assinalada por 15-22 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativa (Figura 10.59).

Na amostra, as restantes redes sociais apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas.

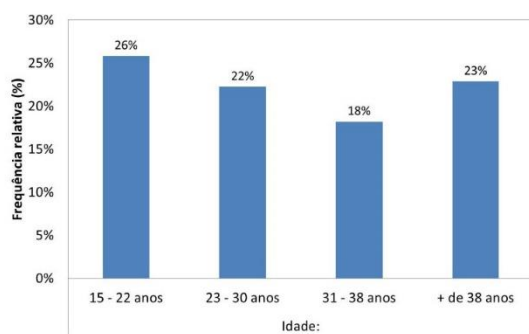


Figura 10.60 - Gráfico de frequências: Relação entre “Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?” e a idade

Na amostra, a percentagem que por alguma vez participou na organização de uma manifestação apresenta as variações ilustrada com a idade, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, de acordo com o teste do Qui-quadrado ($\chi^2_{(3)} = 0,431$; $p = 0,934$) (Figura 10.60).

O valor de prova é inferior a 5% para Rios ao Carmo (24 de Abril à noite), Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP) e Festa Dentro de ti Ó Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura), existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes manifestações, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

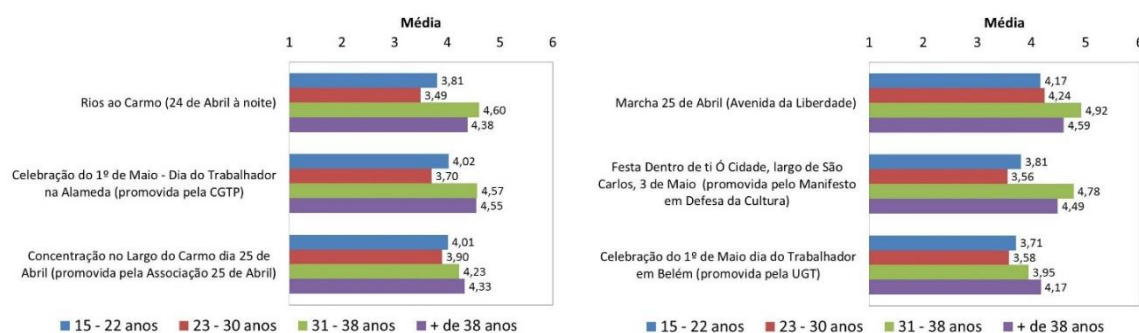


Figura 10.61 - Gráfico de frequências: Relações entre “Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa” e a idade

A pertinência da manifestação Rios ao Carmo (24 de Abril à noite), da Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP) e da Festa Dentro de ti Ó Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura) é superior para 31-38 anos e mais de 38 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.61).

Na amostra, as restantes manifestações apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é inferior a 5% para quase todas as afirmações, com apenas uma exceção, existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

O valor de prova é superior a 5% apenas para “As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos”, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da idade.

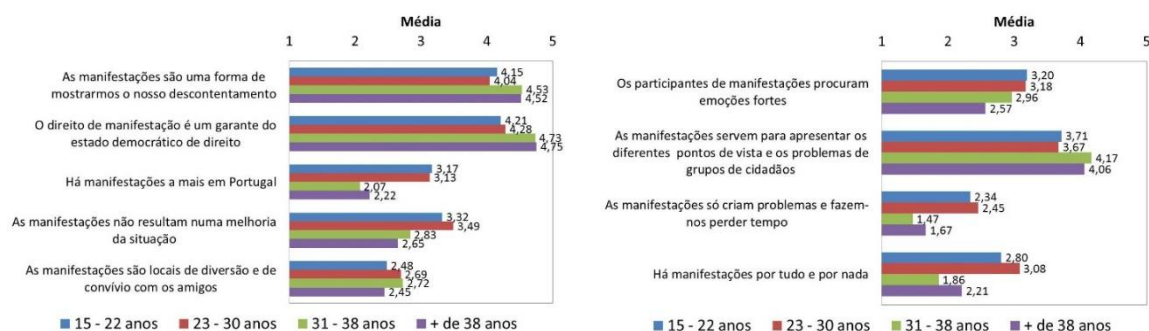


Figura 10.62 - Gráfico de frequências: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e a idade

A concordância com “As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento”, com “O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito” e com “As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos” é superior para 31-38 anos e mais de 38 anos, a concordância com “Há manifestações a mais em Portugal”, com “As manifestações não resultam numa melhoria da situação”, com “Os participantes de manifestações procuram emoções fortes”, com “As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo” e com “Há manifestações por tudo e por nada” é superior para 15-22 anos e 23-30 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.62).

Na amostra, a concordância com “As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos” apresenta as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas.

10.3.4. RELAÇÃO ENTRE PERTENCER A UMA ORGANIZAÇÃO COM AS ATIVIDADES NA MANIFESTAÇÃO E A OPINIÃO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES

Verificam-se relações positivas estatisticamente significativas entre:

- Sou militante de um partido político e:
 - Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens;
- Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos e:
 - Telefonemas
 - Captar fotografias por telefone móvel

- Captar vídeo por telefone móvel
 - Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais
 - Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens;
- Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista e:
 - Envio de SMS (mensagens escritas) ou MMS (mensagens multimédia)
 - Telefonemas
 - Captar fotografias por telefone móvel
 - Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais
 - Assinar/ promover petições
- Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos e:
 - Envio de SMS (mensagens escritas) ou MMS (mensagens multimédia)
 - Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais
- Pertença a uma associação cultural e:
 - Telefonemas
- Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente e:
 - Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais
- Pertença a uma associação de estudantes e:
 - Envio de SMS (mensagens escritas) ou MMS (mensagens multimédia)
 - Assinar/ promover petições

Significa que quem pertence às organizações referidas faz mais as atividades com elas relacionadas.

Verificam-se relações negativas estatisticamente significativas entre:

- Pertença a uma associação cultural e:
 - Dizer palavras de ordem
- Não pertença a nenhum grupo ou organização e:
 - Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais
 - Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens;

Significa que quem pertence a uma associação cultural faz menos a atividade dizer palavras de ordem e que quem não pertence a nenhum grupo ou organização faz menos as atividades referidas.

Verificam-se relações positivas estatisticamente significativas entre:

- Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos e:
 - Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais
 - Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais
 - Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais
- Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista e:
 - Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais
 - Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais
 - Publicar vídeos captados durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais
 - Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais
- Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos e:
 - Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais
 - Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais
 - Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais
- Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente e:
 - Publicar vídeos captados durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais
- Outra e:
 - Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais

Significa que quem pertence às organizações referidas faz mais as atividades com elas relacionadas.

Verifica-se uma relação negativa estatisticamente significativa entre:

- Não pertenço a nenhum grupo ou organização e:
 - Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais

significa que quem não pertence a nenhum grupo ou organização faz menos a atividade “Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais”.

Verifica-se uma relação positiva estatisticamente significativa entre:

- Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista e:
 - As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos

significa que quem é ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista concorda mais com “as manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos”.

Verifica-se uma relação negativa estatisticamente significativa entre:

- Pertença a uma associação de profissionais e:
 - As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo

Significa que quem pertence a uma associação de profissionais concorda menos com “as manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo”.

10.3.5. RELAÇÃO ENTRE SITUAÇÃO PROFISSIONAL (ESTUDANTE, TRABALHADOR/ ESTUDANTE OU EMPREGADO POR CONTA DE OUTREM) COM A OPINIÃO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES E OS TEMAS QUE MOTIVAM A PARTICIPAR NUMA MANIFESTAÇÃO

O valor de prova é superior a 5% para todas as afirmações, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da situação profissional.

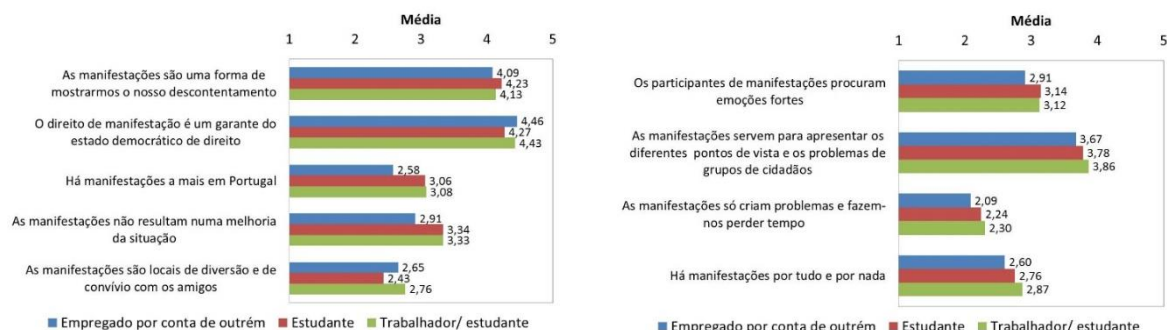


Figura 10.63 - Gráfico de frequências: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e a situação profissional

Na amostra, a concordância com as afirmações apresenta as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as idades não são estatisticamente significativas (Figura 10.63).

O valor de prova é inferior a 5% para Justiça/ política, existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da situação profissional.

O valor de prova é superior a 5% para os restantes temas, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da situação profissional.

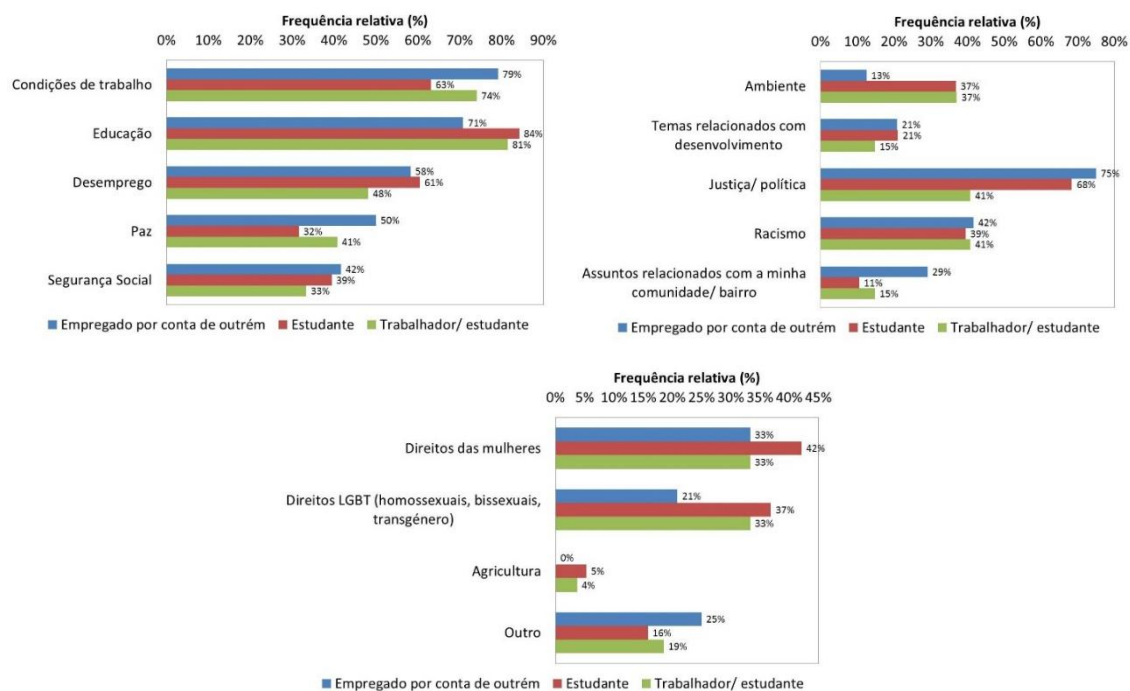


Figura 10.64 - Gráfico de frequências: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e a situação profissional

O tema Justiça/ política é mais assinalado por empregado por conta de outrém e menos assinalado por Trabalhador/ estudante, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.64).

Na amostra, os restantes temas apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas com a situação profissional não são estatisticamente significativas.

10.3.6. RELAÇÃO ENTRE PARTICIPAÇÃO AO LONGO DA VIDA EM MANIFESTAÇÕES COM A OPINIÃO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES, AS MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAR E SE PERTENCEM A UMA ORGANIZAÇÃO

O valor de prova é inferior a 5% para “O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito”, “Há manifestações a mais em Portugal”, “As manifestações não resultam numa melhoria da situação”, “As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos”, “As manifestações

só criam problemas e fazem-nos perder tempo” e “Há manifestações por tudo e por nada”, existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da participação ao longo da vida em manifestações.

O valor de prova é superior a 5% para “As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento”, “Os participantes de manifestações procuram emoções fortes” e “As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos”, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da participação ao longo da vida em manifestações.

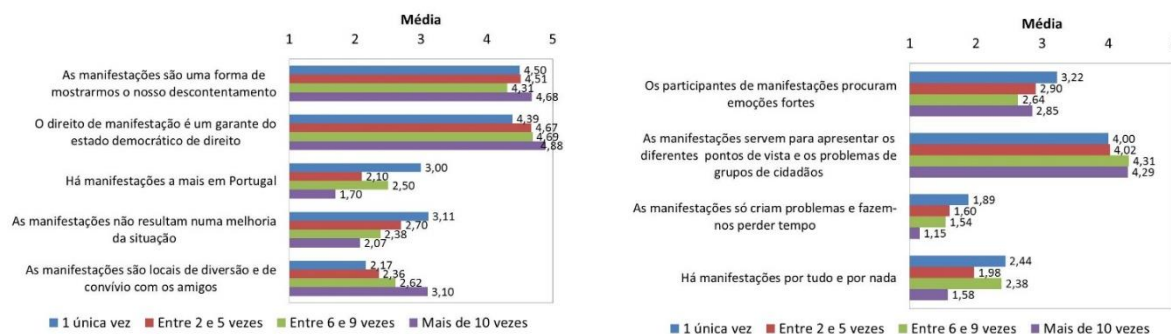


Figura 10.65 - Gráfico de frequências: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e participação ao longo da vida em manifestações

A concordância com “O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito” e “As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos” aumenta com o aumento do número de participações em manifestações; a concordância com “Há manifestações a mais em Portugal”, “As manifestações não resultam numa melhoria da situação” e “As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo” diminui com o aumento do número de participações em manifestações; a concordância com “Há manifestações por tudo e por nada” é superior para “1 única vez” e “entre 6 e 9 vezes” e inferior para “mais de 10 vezes”, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.65).

Na amostra, a concordância com “As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento”, “Os participantes de manifestações procuram emoções fortes” e “As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos” apresenta as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as classes da participação ao longo da vida em manifestações não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é inferior a 5% para Sou militante de um partido político, Outra e Não pertença a nenhum grupo ou organização, existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da participação ao longo da vida em manifestações.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes organizações, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da participação ao longo da vida em manifestações.

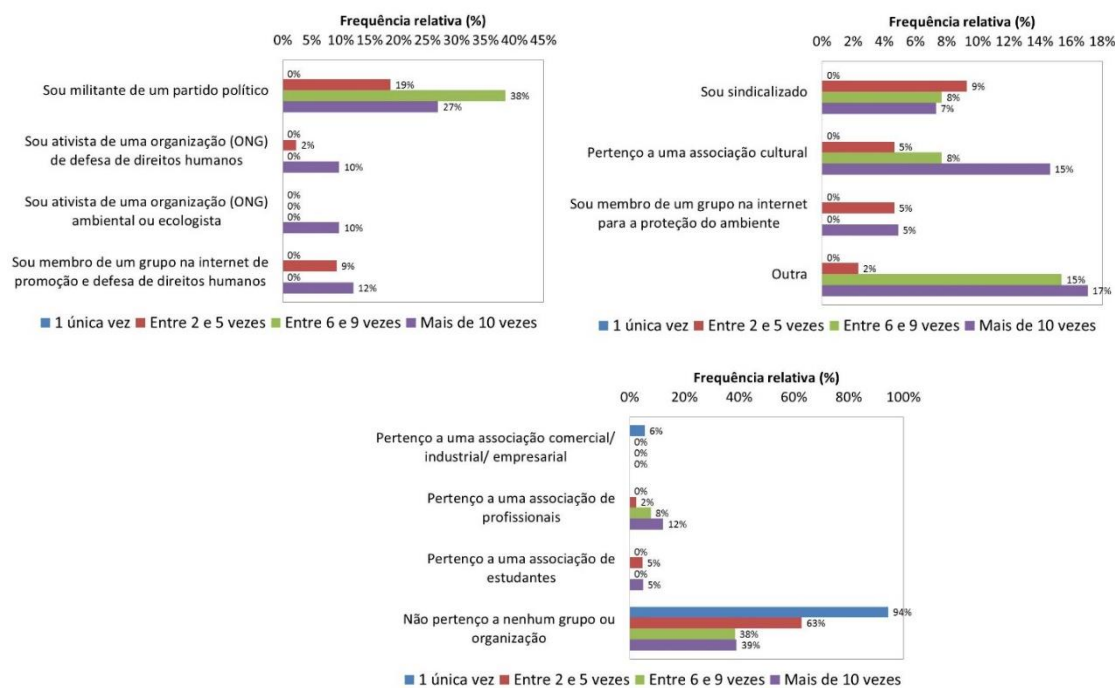


Figura 10.66 - Gráfico de frequências: Relações entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e a participação ao longo da vida em manifestações

A opção Sou militante de um partido político é mais assinalada pelos que participaram entre 6 a 9 vezes e menos pelos que participaram uma única vez; a opção Outra é mais assinalada pelos que participaram mais de 10 vezes e entre 6 a 9 vezes; a opção Não pertencem a nenhum grupo ou organização é mais assinalada pelos que participaram uma única vez e menos pelos que participaram entre 6 a 9 vezes e mais de 10 vezes; sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.66).

Na amostra, as restantes organizações apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as classes da participação ao longo da vida em manifestações não são estatisticamente significativas.

O valor de prova é inferior a 5% para Condições de trabalho, Desemprego, Paz, Segurança Social, Temas relacionados com desenvolvimento, Justiça/ política, Racismo e Assuntos relacionados com a minha comunidade/ bairro, existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da participação ao longo da vida em manifestações.

O valor de prova é superior a 5% para os restantes temas, não existem diferenças estatisticamente significativas entre as classes da participação ao longo da vida em manifestações.

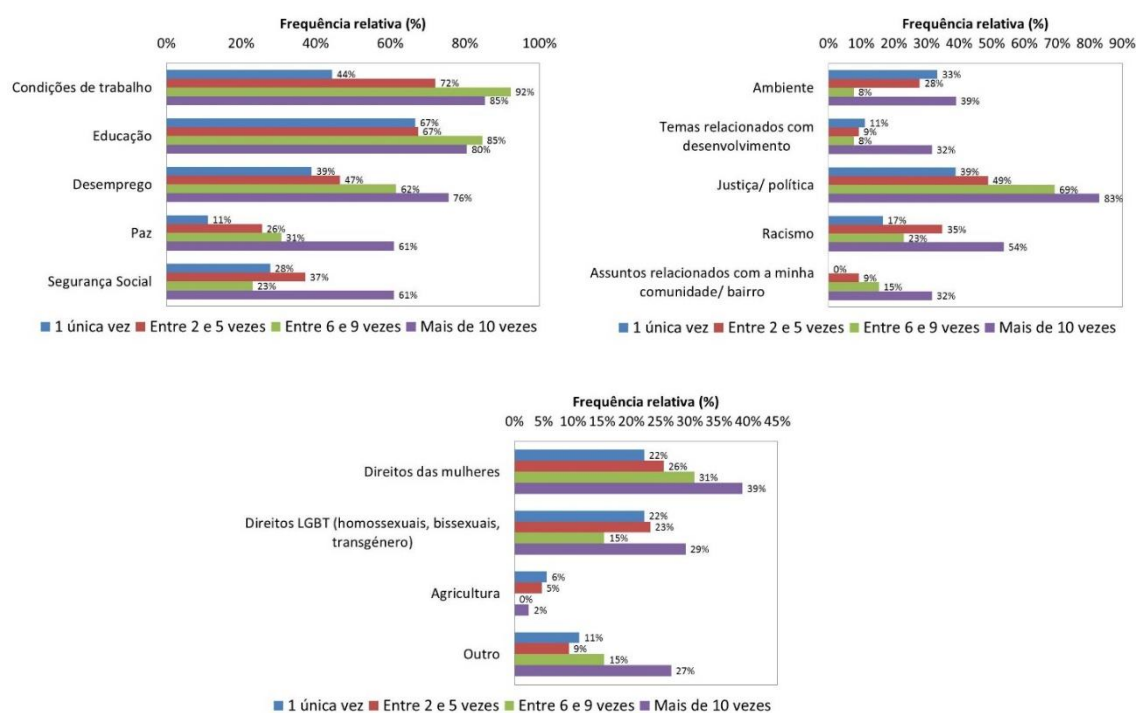


Figura 10.67 - Gráfico de frequências: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e a participação ao longo da vida em manifestações

O tema Condições de trabalho é mais assinalado pelos que participaram entre 6 e 9 vezes, seguidos dos que participaram mais de 10 vezes e menos assinalado pelos que participaram uma única vez, a indicação dos temas Desemprego, Paz, Justiça/ política e Assuntos relacionados com a minha comunidade/ bairro aumenta com o aumento da participação ao longo da vida em manifestações, os temas Segurança Social, Temas relacionados com desenvolvimento e Racismo são mais assinalado pelos que participaram mais de 10 vezes, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.67).

Na amostra, os restantes temas apresentam as variações ilustradas, no entanto, as diferenças observadas entre as classes da participação ao longo da vida em manifestações não são estatisticamente significativas.

10.3.7. RELAÇÃO ENTRE “JÁ, POR ALGUMA VEZ, PARTICIPOU NUMA MANIFESTAÇÃO DE PROTESTO OU DE REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS POLÍTICOS/ SOCIAIS NO ESPAÇO PÚBLICO?” COM A OPINIÃO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES E COMO CLASSIFICA AS MANIFESTAÇÕES REALIZADAS EM LISBOA

Para as duas questões que são respondidas pelos que já participaram em manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público e os que não participaram, faz-se também a comparação entre eles.

O valor de prova é inferior a 5% para todas as manifestações, existem diferenças estatisticamente significativas entre ter participado ou não em manifestações.

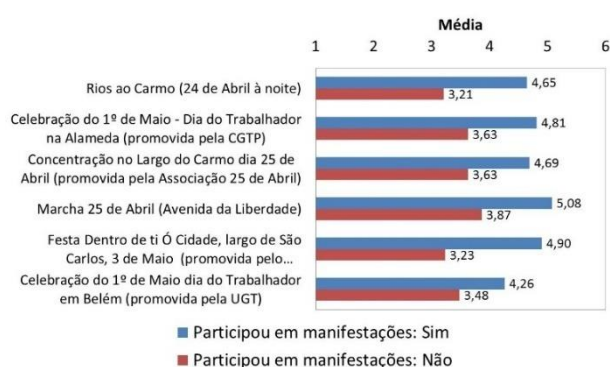


Figura 10.68 - Gráfico de médias: Relações entre “Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa” e ter participado ou não em manifestações

A média da pertinência de todas as manifestações é superior para os que já participaram em manifestações, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (Figura 10.68).

O valor de prova é inferior a 5% para quase todas as afirmações, existem diferenças estatisticamente significativas entre ter participado ou não em manifestações, a exceção é para a afirmação “As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos”, em que o valor de prova é superior a 5%, pelo que não existem diferenças estatisticamente significativas entre ter participado ou não em manifestações.

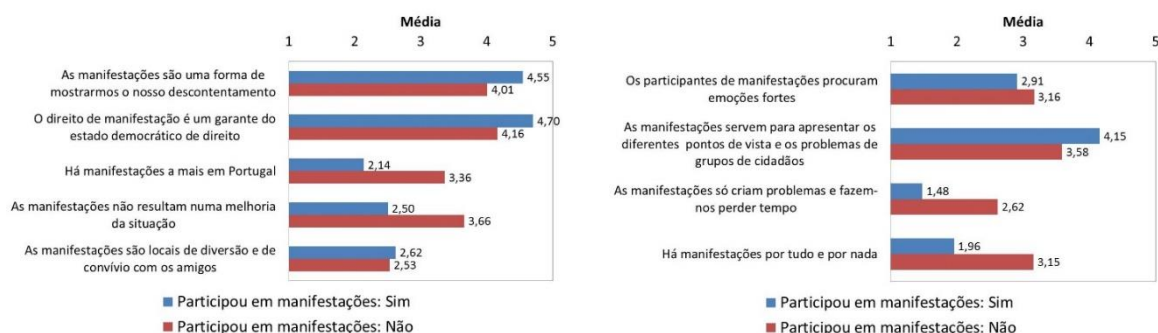


Figura 10.69 - Gráfico de médias: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e ter participado ou não em manifestações

A média da concordância com “As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento”, “O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito”, “Os participantes de manifestações procuram emoções fortes” e “As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos” é superior para os que já participaram em manifestações; a média da concordância com “Há manifestações a mais em Portugal”, “As manifestações não resultam numa melhoria da situação”, “As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo” e “Há manifestações por tudo e por nada” é superior para os que não participaram em manifestações, no entanto, as diferenças observadas entre ter participado ou não em manifestações não são estatisticamente significativas (Figura 10.69).

CAPÍTULO XI - CONCLUSÃO

Este percurso foi traçado na perspetiva de assumir as manifestações enquanto forma de discurso, com marcas identitárias e objetivos estratégicos, concretizadas por meio de ações performativas no espaço público. Consideradas importantes dispositivos de ação e intervenção política nas sociedades democráticas ocidentais contemporâneas, pela possibilidade de intervenção no processo de regulação e equilíbrio do sistema político, com a possibilidade ainda de desempenhar um papel mais radical, de carácter revolucionário, na alteração e mudança dos modelos vigentes.

Iniciámos este caminho na tentativa de responder à questão: “Como são utilizadas as tecnologias da comunicação e da informação (TIC) pelos movimentos sociais e qual a sua relação com os aspetos identitários do grupo e suas manifestações em espaço público?”. Uma formulação que encerra em si as preocupações presentes neste estudo, principalmente no que diz respeito à utilização das tecnologias da comunicação e da informação por movimentos sociais, grupos e organizações, no domínio político e social. Neste sentido, tomámos como objetos empíricos duas manifestações ocorridas no âmbito da celebração do 40º aniversário do 25 de Abril, por constituir um ponto de viragem e uma data que marcou a revolução de modelo político e de mentalidades, com efeitos muito profundos e significativos nos contextos sociais e culturais no nosso país. Não consiste num estudo de estrutura apriorística, antes preferimos que fosse “tecido” ao longo das várias fases de análise, ao estilo *working in progress*, em que a revisão da literatura acompanhou todo o processo, do início ao fim, de modo a possibilitar um exercício hermenêutico e de interpretação em que se pauta este trabalho.

A importância atribuída à exteriorização, à colocação em comum dos aspetos que regem as formas de vida em grupo são, podemos afirmar, uma constante e uma condição para a sua existência possível. A “publicidade” de que fala Habermas (2012) é vista como a base dos modelos políticos, imprescindíveis para a constituição, sobrevivência e reprodução dos grupos e sociedades. O fenómeno da comunicação desempenha, assim, o papel fulcral nesta relação. As manifestações apresentam um duplo papel – constituem um meio e simultaneamente uma mensagem. Este facto explica a sua relevância, desde o início da modernidade, até aos nossos dias. A constituição da “rua” como dimensão simbólica, associada àquela noção de “exterioridade” necessária à objetividade, é explicada por Fillieule e Tartakowsky (2013) de forma magistral. As manifestações têm atravessado alterações no seu formato e morfologia, de acordo com as características e traços identitários dos grupos e de fatores inerentes às “condições de produção”, que segundo Bourdieu, regem os discursos e os manifestos. A manifestação é, em traços muito gerais, uma opinião que se materializa e ocupa o espaço pelos corpos e gestos dos manifestantes, pelo que assume um carácter essencialmente simbólico e de representação. Segundo Eduardo Correia Baptista (2006), as manifestações para serem consideradas enquanto tal à luz da lei, devem caracterizar-se pelo aspeto presencial.

Os grupos formam-se por muitas razões. Motivados por um sentimento comum, identificado por símbolos, códigos, normas, adquirem pois a sua identidade (Pereira, 2002;2008) , e por ela

desenvolvem solidariedades, como nos demonstra Durkheim (2002) em *As Formas elementares da vida religiosa*. Os movimentos sociais são constituídos por grupos e organizações com diferentes graus de formalização e institucionalização. Existem, porque têm objetivos a atingir e traços identitários partilhados entre os seus membros. Podem também variar no tempo, uns com uma ação mais efémera e passageira, outros com uma presença continuada, com estruturas informais ou com um maior grau de especialização e profissionalização. O movimento operário, caracterizado pelas organizações sindicais, constitui um dos primeiros movimentos sociais de que há memória, hoje considerado um “velho movimento social”, pelas características que apresenta. Atualmente fala-se de Novos Movimentos Sociais e de “Novíssimos”, por apresentarem um conjunto de novas preocupações e reivindicações, assim como diferentes formas de organização e de ação.

A presença da tecnologia e a utilização da internet e dos seus aplicativos, como nuvens ou plataformas de redes sociais, associados à mobilidade, vieram introduzir novas variáveis ao âmbito dos movimentos sociais, pelo que se observam mudanças significativas na sua ação e nos formatos dos protestos. As modalidades de mediação usadas para permitir a partilha entre os vários elementos do grupo tem vindo a alterar-se pela presença e evolução tecnológica, aspeto que também influenciará as mensagens, os signos e as representações veiculadas através dos diferentes media. Os modelos de comunicação alteraram-se, como vimos, segundo Cardoso (2008) o modelo em rede compreende um envolvimento diferente daquele que é proporcionado pelo modelo de massas. As lógicas criadas pela utilização da tecnologia, são um reflexo dessa presença e incorporação nas práticas sociais, pois o “homem domestica as tecnologias, mas estas também domesticam o homem” (Sousa Lopes, 2006: 136). A forma de mediação é condição essencial da maneira como se cria e transmite conhecimento, pelo que a tecnologia digital veio alterar a lógica clássica arborescente, vertical, para uma lógica essencialmente horizontal, descentralizada, com uma configuração das estruturas de poder muito diferente da existente, facto que fez com que Deleuze e Guattari (2007) propusessem a analogia do “rizoma”.

A escolha dos estudos de caso não foi inocente, o objetivo foi demonstrar como a utilização das tecnologias da comunicação e a internet possibilitam novas configurações e formatos de ação e intervenção face aos movimentos sociais, sendo as manifestações o objeto de estudo, principalmente por constituírem os aspetos identitários, ou o *ethos* específico daqueles grupos. “Rios ao Carmo” é um caso representativo de como as novas tecnologias e a internet são usadas nos processos de organização grupais e intergrupais, assim como na mobilização, e por isso serviu para evidenciar as características dos novos protestos no âmbito da cibercultura. Por outro lado, “Dentro de Ti Ó cidade” constitui um bom exemplo para demonstrar a existência de procedimentos organizacionais baseados numa estrutura aparentemente vertical, que se orienta no sentido das lógicas dos “velhos movimentos sociais”, com procedimentos centralizados, mais geridos e controlados, com identificação clara de lideranças, bem como preocupações tanto a nível da identidade, como da mobilização e gestão de recursos.

O estudo exploratório serviu, por outro lado, para obter mais informações de carácter quantitativo, de modo a funcionar como um complemento à análise qualitativa. Possibilitar uma noção mais clara das

variáveis em estudo, sobre o perfil do manifestante e, de igual modo, apoiar a análise sobre as atitudes relativamente às manifestações, tendo em conta sujeitos com experiências anteriores de participação em manifestações e de um diferente grupo de sujeitos que nunca passou por essa experiência. Confrontando com os estudos realizados já apresentados, os dados do presente estudo sugerem em conformidade que os sujeitos do género masculino participam mais em manifestações. Entre os que responderam já ter participado em manifestações, 35,8% são do género/sexo masculino e 32,6 são do género feminino. Relativamente à idade, a percentagem que já participou em manifestações aumenta com o aumento da idade, sendo bastante superior para indivíduos com mais de 38 anos e com idades entre os 31 e os 38 anos, em comparação com 23-30 anos e 15-22 anos.

No que respeita aos temas que mais motivam a participar em manifestações são, maioritariamente, as condições de trabalho (75%), educação (74%) e justiça/política (62%), pelo que podemos referir que os assuntos associados ao trabalho continuam a assumir grande relevância face a assuntos ligados à identidade, como as questões de género, de raça, direitos LGBT; ou questões ligadas ao ambiente, que estão conotadas com a ação dos novos movimentos sociais. O estudo de Accornero e Pinto (2015) mostra que o protesto organizado pelos ditos atores tradicionais, como os sindicatos, continua a ter o seu lugar no panorama político e social no nosso país, observando-se até um incremento a nível da participação e poder.

O “descontentamento” é o motivo mais indicado para a participação em manifestações, por 57% dos respondentes que afirmaram já ter participado pelo menos uma vez em manifestações. Ao estabelecermos uma relação entre os temas que motivam à participação em manifestações com a frequência de participação ao longo da vida, notamos que o tema “condições de trabalho” é mais assinalado por aqueles que apresentam elevada frequência em manifestações e menos assinalados pelos que participaram uma única só vez. A indicação dos temas “desemprego”, “paz”, “justiça/política” e “assuntos relacionados com a minha comunidade/bairro” aumenta com o aumento da participação em manifestações ao longo da vida.

As manifestações organizadas por organizações sindicais e políticas, e que se repetem todos os anos, são aquelas que mais pessoas indicaram ter participado, 48% participou na marcha da Avenida da Liberdade, 26% na manifestação/ festa do 1º de Maio da CGTP, 21% participou em Rios ao Carmo e somente 6% indicaram a festa Dentro de Ti Ó Cidade. Ainda sobre a participação em manifestações, 39% afirma ter participado em eventos com mais de 5.000 pessoas, ou seja, em mobilizações de massas. Quando solicitado o grau de pertinência atribuído às manifestações ocorridas durante o período de celebração dos 40 anos do 25 de Abril, a maioria respondeu que a marcha da Avenida da Liberdade é aquela considerada com maior pertinência, com uma média do total de respostas de 4,34.

Relevante para este contexto são os dados relacionados com as fontes de informação, pois a maioria, 55% refere as redes sociais, pelo que nesta amostra, constituída por sujeitos com alto nível de escolarização, os tradicionais meios como a rede de amigos, a imprensa, televisão ou os panfletos estão a perder alguma influência. Como vimos, a internet e as plataformas de redes sociais *online* como o

Facebook são meios cada vez mais considerados na comunicação política. De acordo com o estudo, a grande maioria 98,85% possui telemóvel, *smartphone* ou *tablet* com conexão à internet e 88% é utilizadora das redes sociais, sendo que 97% destes usam Facebook, 51% LinkedIn e 50% Youtube.

Outro aspeto a realçar, é o fato da maioria (57%) ter referido não pertencer a qualquer grupo ou organização, mas 21% dos que já participaram em manifestações referiu ser militante de um partido político e que esse facto influenciou a sua participação. Além disso, os resultados indicam uma maior apetência de pertença a sindicatos ou associações profissionais dos sujeitos com idade mais avançada. A filiação está relacionada com a frequência em manifestações, pois a opção “Sou militante de um partido político” é mais assinalada pelos que participaram entre 6 a 9 vezes e menos pelos que participaram uma única vez. A opção “Não pertenço a nenhum grupo ou organização” é mais assinalada pelos que participaram uma única vez e menos pelos que participaram entre 6 a 9 vezes e mais de 10 vezes.

Quando interrogados sobre os comportamentos que realizam no decorrer das manifestações, 75% dizem palavras de ordem, 51% participam em petições e 44% costumam captar fotografias por telefone móvel. No período após as manifestações, os respondentes afirmam falar com amigos e familiares sobre a experiência que passaram (78%). Se relacionarmos as questões “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações” e “Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação”, verificámos relações positivas estatisticamente significativas entre “Sou militante de um partido político” e “Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens”, ao passo que as opções relacionadas com o desempenho do papel de ativista estão mais associadas à utilização dos dispositivos móveis e processos digitais como “Telefonemas, captar fotografias por telefone móvel”, “Captar vídeo por telefone móvel”, “Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais *online* ou outras plataformas digitais” ou “Envio de SMS ou MMS”.

Para averiguar as atitudes dos respondentes relativamente às manifestações, aplicou-se uma escala de *Likert* com o grau de concordância, pelo que os resultados indicam concordar-se muito com “O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito” (média 4,37) e com “As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento” (média 4,22). Discorda-se com “As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo” (média 2,18). As classes etárias mais velhas apresentam um grau de concordância maior com “As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento”, “O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito” e “As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos”. A contrastar, as classes etárias mais novas apresentam níveis de concordância superiores nas afirmações negativas, entre as classes 15-22 anos e 23-30 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas: “Há manifestações a mais em Portugal”, “As manifestações não resultam numa melhoria da situação”, “Os participantes de manifestações procuram emoções

fortes”, “As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo” e “há manifestações por tudo e por nada”.

Ainda relativamente aos participantes em manifestações, no caso dos entrevistados durante a realização de “Rios ao Carmo”, foi bastante evidente a importância desempenhada pelas redes sociais, especialmente o Facebook, enquanto principal meio de mobilização:

“Através do Facebook. Tenho aqui amigos, ehhh... tenho amigos que tão... que participam em movimentos, em movimentos... ah...ah... políticos, ah...partidários também que... pronto... me informaram do que é que... do que iria acontecer hoje... e pronto... e decidi por bem vir.” [INTERNET E MOBILIZAÇ] [Entrevista rios ao carmo ...: 81-88]

Em contraste, no caso “Dentro de Ti Ó Cidade” foram usados vários meios, incluindo o Facebook, além de outros meios mais tradicionais como os cartazes, os panfletos e a rede de contactos pessoais de confiança:

“Faço aqui é ajudar, de certa forma, os que ajudam a montar estas iniciativas, é dar apoio e depois é passar a mensagem às pessoas que... em meu entender estão menos bem informados mas que estão recetivas a ouvir. [MANIFESTAÇÕES] [Entrevista Dentro de Ti O...: 83-89]

“Através da minha irmã [INTERNET E MOBILIZAÇ] [Entrevista Dentro de Ti O...: 41-41]

“Acompanho as iniciativas do partido, sim. [INTERNET E MOBILIZAÇ][Entrevista Dentro de Ti O...: 63-64]

A minha irmã é partidária e eu vou acompanhando... [IDENTIDADE INDIVID][Entrevista Dentro de Ti O...: 53-54]

“Partido Comunista” [IDENTIDADE INDIVID] [Entrevista Dentro de Ti O...: 58-58]

Do ponto de vista dos organizadores de manifestações, as tecnologias da comunicação e da informação, assim como a internet e as redes sociais assumem um papel muito importante, tanto a nível da organização interna, como a nível da mobilização e da comunicação com outros grupos e organizações. De acordo com a literatura, van de Donk, Loader, Nixon e Rucht (2004), a internet parece facilitar as formas tradicionais de protesto, até por vezes substituí-las. A facilidade de mobilização não depende somente do meio técnico, mas também, da experiência e dos contactos dos ativistas e das experiências anteriores.

No que se refere ao Manifesto em Defesa da Cultura, que organizou “Dentro de ti Ó Cidade”, a utilização das TIC e da internet é importante, de acordo com Pedro Penilo, mas não é a base da sua ação, logo não é considerado um traço identitário do grupo. Devido às suas características e à sua estrutura, o grupo opta por recorrer também aos meios tradicionais, que são a base da sua ação, com grande relevância atribuída ao aspeto presencial. Foi possível constatar pela observação participante, durante uma reunião, que o grupo tem preocupações a nível da mobilização de recursos e pauta-se por uma estrutura de poder e lideranças formais e informais, assim como o alinhamento com o sistema institucional partidário (PCP) e sindical (GCTP).

“...cada núcleo, não todos os núcleos mas os mais importantes têm os seus grupos no Facebook, que servem de uma forma de contacto, ahhh, mas a ideia que há é que sendo importante do ponto de vista da divulgação das coisas, “há muita parra e pouca uva”, também, ou seja, ahhh...por exemplo essa ação, essa manifestação que ocorreu no dia 9, a recepção com que foi recebida no Facebook não indiciava que ela seria o que foi. Ahhh...porque ehnh enfim, porque o Manifesto ainda tem um alcance nas redes sociais limitado, ahhh...e portanto, enfim, não parecia, não parecia que ia ser o que foi, de qualquer forma é um instrumento muito útil, como instrumento complementar da ação política, tradicional, aquela que envolve as pessoas fisicamente...”[INTERNET E MOBILIZAÇ][Entrevista Pedro Penilo: 1526-1579]

No caso de Que se Lixe a Troika, que participou na organização de “Rios ao Carmo”, Nuno Ramos de Almeida referiu que a internet é um meio muito utilizado pelos membros do grupo para organização interna e usado na mobilização. De acordo com as suas declarações, utilizam a internet e as redes sociais para criar um efeito *online* e *offline*, como as “Grandoladas”, que constitui um excelente exemplo de um protesto com características da cibercultura.

“O QSLT, o QSLT utiliza os meios de comunicação digitais, como todos os movimentos sociais recentes, não é, não vejo nenhum que utilize os sinais de fumo e utiliza-os para tentar potenciar a chegada à população, a participação dela, a criação de redes que se vão expandindo, e simultaneamente chegar aos meios de comunicação tradicional e ampliar o sinal, mas nós temos a nítida perceção que as redes sociais sozinhas não bastam para organizar coisas, nós precisamos de ter realidade no terreno, redes sociais, meios de comunicação..., chegar aos outros meios de comunicação, fazer explodir a mensagem e depois atuar. Mas sim, usamos isso. Usávamos e usamos.”[INTERNET E MOBILIZAÇ][Entrevista Nuno Ramos de ...: 1291-1310]

De acordo com os dados recolhidos, leva-nos a acreditar que a configuração dos movimentos sociais e os grupos está a atravessar uma mudança, quer a nível das suas estruturas, quer a nível dos procedimentos, identidades e reportórios, e, conseqüentemente, alterações a nível dos formatos de ação política, especialmente no que às manifestações diz respeito. Segundo Snow *et al.*, a utilização das TIC e da internet provoca mudanças a nível morfológico, nomeadamente, a multiplicação das “micromobilizações” (1986: 464-465). Os formatos de manifestação no âmbito da comunicação de massas permitiram uma mobilização massiva, em que as marchas, desfiles e concentrações se popularizaram como os formatos mais utilizados. As novas tecnologias da comunicação e da informação, por outro lado, vieram favorecer uma forma de comunicar interativa e individualizada, mas no entanto massiva pela réplica e “virulência”. Todavia, o poder mobilizador das manifestações, pelo menos em Portugal, continua a depender do aspeto massivo que caracteriza a televisão e a imprensa, resultando nas grandes manifestações ocorridas em 2012 e 2013, em que o contexto de crise foi a força motriz de um *frame* que ficou na história pelo seu poder mobilizador, transversal à sociedade portuguesa.

As greves e as manifestações surgem com desenvolvimento industrial que, segundo a teoria marxista, coloca uma relação de forças entre classes, neste caso o patronato e o proletariado, que estão

na base e na razão de existência do movimento operário internacional. As manifestações deixaram de ser um território e uma propriedade das organizações corporativistas, constituindo, antes sim, um meio de expressão identitária de muitos grupos e movimentos sociais, independentemente do seu grau de formalização, da sua estrutura e papel no “jogo” político, do seu poder e influência.

A globalização das comunicações permitiu um movimento de pessoas, de informações, de mercadorias e de políticas. Pelo que, simultaneamente, surgem novas organizações e movimentos sociais, assim como novas práticas de intervenção política. Atualmente, o domínio de ação é, sem dúvida, transnacional, pelo que a dimensão global suplanta, muitas vezes, a dimensão local e os aspetos culturais. É através da tecnologia e da lógica que lhe está inerente, no contexto capitalista contemporâneo, que os valores da ideologia neoliberal são veiculados e se naturalizam nas estruturas e nas práticas sociais. Falamos do conceito de liberdade que está na base da filosofia de Adam Smith e que se estende para além da dimensão individual, pela imposição de uma lógica de autorregulação, que levou à passagem do conceito de Estado social *keynesiano* para um modelo neoliberal de Estado. Observa-se uma tendência crescente da mercantilização (*marketization*) da sociedade e a consequente desorganização da economia. Segundo Eran Fisher, o discurso das redes preenche, desta maneira, o papel ideológico central para legitimar a ordem predominante capitalista neoliberal à escala mundial.

Para concluir, assiste-se hoje, em Portugal, uma tensão entre os valores preconizados pela Revolução de Abril, especialmente os direitos que estão patentes na Constituição da República de 1976, e a lógica das instituições internacionais que intervêm na ordem e na soberania de um Estado-Nação. Identificamos um movimento de colisão e conflito entre valores globais e valores locais, numa “articulação” (Laclau e Mouffe) de discursos e “intertextualidades” (Fairclough) reveladores desta tensão e conflito que estão latentes e cujo sentido de “Liberdade” tem conhecido outros significados para além daqueles que o 25 de Abril permitiu fixar, numa perda, sem dúvida, dos valores consensuais e da hegemonia de sentido necessários à identidade dos portugueses.

CAPITULO XII - BIBLIOGRAFIA

- AAVV, (1998), *Les ONG: instruments du néo-libéralisme ou alternatives populaires?*, Centre Tricontinental, Paris, L'Harmattan.
- Abdel-Moneim, Sarah G. (2002), “O Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético”, *Revista Estudos Feministas*, 10, 1, 34-64.
- Accornero, Guya e Pedro Ramos Pinto (2015), ““Brandos Costumes?” Protesto e mobilização em Portugal sob a austeridade, 2010-2013”, *Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre*, 41, 2, 393-421.
- Alasuutari, Pertti *et al.* (2008), “Social Research in Changing Social Conditions”, em Pertti Alasuutari *et al.* (orgs.), *The Sage handbook of Social Research Methods*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Althusser, Louis (1980), *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado* (Trad. Joaquim José de Moura Ramos), Lisboa, Presença (3ª edição).
- Austin, Jonh L. (1975), *How to do things with words: the William James lectures delivered at Harvard University in 1955*, Oxford, Oxford University Press (2ª edição).
- Bakhtin, Mikhall (1977), *Le Marxisme et la Philosophie du Langage*, Paris, Les Éditions du Minuit.
- Baptista, Eduardo Correia (2006), *Os Direitos de Reunião e de Manifestação no Direito Português*, Coimbra, Almedina.
- Barreiros, José Jorge (2010), *Públicos, media e vida pública: uso e opinião sobre media e informação em Portugal, na 1ª década do século XXI*, Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE-IUL.
- Barreiros, José Jorge (2012), *Democracia, Comunicação e Media*, Lisboa, Mundos Sociais
- Barthes, Roland (2012), *Mitologias*. Lisboa, Edições 70.
- Baudrillard, Jean (1982), *A l'Ombre des Majorités Silencieuses*, Paris, Éditions Denoël.
- Baudrillard, Jean (1997), *Écan Total*. Paris, Éditions Galilée.
- Baudrillard, Jean (2007), *A Sociedade de Consumo*, Lisboa, Edições 70.
- Bauman, Richard (1986), *Story, Performance, and Event: Contextual Studies of Oral Narrative* (Cambridge Studies in Oral and Literate Culture), Cambridge, Cambridge University Press.
- Belting, Hans (2005), “Image, Medium, Body: A New Approach to Iconology”, *Critical Inquiry*, 31, 2.
- Benford, Robert (1997), “An Insider’s Critique of the Social Movement Framing Perspective”, *Sociological Inquiry*, 67, 4, 409-430.
- Bennett, Lance (2003), “Communicating Global Activism strengths and vulnerabilities of networked politics”, *Information, Communication & Society*, 6, 2, 143–168.
- Berger, Peter L. e Thomas Luckmann (2005), *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, (Trad. Floriano de Souza Fernandes), Petrópolis, Editora Vozes.
- Blee, Kathleen M. e Verta Taylor (2002), “Semi-Structured Interviewing in Social Movement Research”, em Bert Klandermans e Suzanne Staggenborg, *Methods of Social Movement Research*, Minneapolis/London, University of Minnesota Press, pp. 92-117.
- Boekkooi, Marije *et al.* (2011), “Quarrelling and Protesting: How Organizers Shape a Demonstration”, “Mobilization: An International Quartely”, pp. 221-239.
- Bourdieu, Pierre (1998), *O Que Falar Quer Dizer*, Algés, Difel.
- Bourdieu, Pierre (2011), *O Poder Simbólico*, Lisboa: Edições 70.

- Brito, Nuno (2011), *A Construção Social da Realidade: o sentido e a verdade num mundo mediado pela tecnologia*, Dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, Lisboa, ISCTE IUL.
- Bryman, Alan (2008), “The End of the Paradigm Wars?”, em Pertti Alasuutari *et al.* (orgs.), *The Sage handbook of Social Research Methods*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Butler, Judith (1990), *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*, New York, Routledge.
- Butler, Judith (2002), *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*, Buenos Aires, Paidós.
- Butler, Judith *et al.* (2000), *Contingency, Hegemony, Universality Contemporary Dialogues on The Left*, London/ New York, Verso.
- Calhoun, Craig (1993), “New Social Movements” of the Early Nineteenth Century”, *Social Science History*, v17, n3, (Autumn,1993), pp.385-427.
- Canetti, Elias (1994), *Masa y poder*, Barcelona: Muchnik Editores.
- Cardoso, Gustavo (2008), “From Mass to Networked Communication: Communicational Models and the Informational Society”, *International Journal of Communication*, 2, 587-630.
- Carroll, William K.; Ratner, R. S. (1996), “Master Framing and Cross-Movement Networking in Contemporary Social Movements”, *The Sociological Quarterly*, v.37, n4, (Autumn , 1996), pp.601-625, Blackwell Publishing [em linha]
- Casquete Jesus (2006), “The Power of Demonstrations”, *Social Movement Studies*, 5, 1, 45–60.
- Castells, Manuel (2007a), *A Sociedade em Rede, I*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (3ª edição).
- Castells, Manuel (2007b), “Communication, Power and Counter-power in the Network Society”, *International Journal of Communication 1*, 238-266.
- Castells, Manuel (2008), “The New Public Sphere: Global Civil Society, Communication Networks, and Global Governance”, *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 616, 78-93.
- Castells, Manuel (2009), *Comunicação Móvel e Sociedade, uma Perspetiva Global*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, Manuel (2013), *Redes de Indignação e Esperança. Movimentos Sociais na era da internet*, Lisboa, Gulbenkian.
- Caune, Jean (1999), *Pour Une Ethique de La Mediation. Le sens des pratiques culturelles*, Sain- Martin-d’Hères (Isère), Pug.
- Chomsky, Noam (2008), *Cartas de Lexington: Reflexões sobre Propaganda*, Mangualde, Edições Pedagogo.
- Chomsky, Noam (2013), *Occupy*, Lisboa, Antígona.
- Connerton, Paul (1993), *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras, Celta Editora.
- Cottle, Simon (2008), “Reporting Demonstrations: The Changing Media Politics of Dissent”, *Media, Culture & Society*, SAGE Publications (Los Angeles, London, New Delhi and Singapore), 30, 6, 853-872. [ISSN: 0163-4437 DOI: 10.1177/0163443708096097].
- Cress, Daniel e David Snow (1996), “Mobilization at the Margins: Resources, Benefactors, and the Viability of Homeless Social Movement Organizations”, *American Sociological Review*, v61, n6, (December, 1996), pp1089—1109 [em linha]
- Cruz, M. Braga da (2010), *Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Dahlberg, Lincoln e Sean Phelan (orgs) (2011), *Discourse Theory and Critical Media Politics*, Great Britain, Palgrave MacMillan.
- Dahlgren, Peter (2001), “The transformation of Democracy?”, em Barrie Axford *et al.* (orgs.), *New Media and Politics*, London, Sage, pp. 64-88.
- Dahlgren, Peter (2004), “Foreword”, em Wim van de Donk *et al.* (orgs), *Cyberprotest - New media, citizens and social movements*, London and New York, Routledge.
- Dahlgren, Peter (2005), “The Internet, Public Spheres, and Political Communication: Dispersion and Deliberation”, *Political Communication*, 22, 2, 147-162.
- Dalton, Russel J (1994), *The green rainbow. Environmental groups in Western Europe*, New Haven and London, Yale University Press, *Apud* van de Donk, Wim *et al.* (orgs) (2004), *Cyberprotest, New media, citizens and social movements*, London and New York, Routledge.
- Dalton, Russel J. e Alix van Sickle (2005), *The Resource, Structural and Cultural Bases of Protest*, Center for the Study of Democracy UC Irvine (working paper).
- Deleuze, Gilles e Félix Guattari (2007), *Mil Planaltos - Capitalismo e Esquizofrenia*, Lisboa, Assírio e Alvim.
- della Porta, Donatella (2005), “Deliberation in Movement: Why and How to Study Deliberative Democracy and Social Movements”, *Acta Politica*, 40, 336–350.
- Dewey, John (1991), *The public and its problems*, Athens, Swallow Press.
- Diani, Mario (2000a), “Simmel to Rokkan and Beyond: Towards a Network Theory of (New) Social Movements”, *European Journal of Social Theory*, 3.
- Diani, Mario (2000b), “Social Movement Networks Virtual and Real”, *Information, Communication and Society, paper for the conference “A New Politics?”*, CCSS, University of Birmingham, set. 1999, 16-17.
- Diani, Mário (2003), “O contributo da comunicação mediada por computador na dinâmica social das comunidades”, em José Rebelo (orgs) *Novas formas de mobilização popular*, Porto, Campo das Letras, pp. 91-101.
- Durkheim, Emile (2002), *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totémica na Austrália* (trad. Miguel Serras Pereira), Oeiras, Celta Editora.
- Elias, Luís e Pedro Pinho (2012), “Reuniões e manifestações – Os desafios das novas formas de contestação social”, *Polícia Portuguesa*, 4, 3, 37-35 *apud* Accornero, Guya e Pedro Ramos Pinto (2015), “‘Brandos Costumes?’ Protesto e mobilização em Portugal sob a austeridade, 2010-2013”, *Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre*, 41, 2, 393-421.
- Epstein, Barbara (2001), “Anarchism and Anti-Globalization Movement”, *Monthly Review: An Independent Socialist Magazine*.
- Espada, João Carlos (1997), *Direitos Sociais de Cidadania*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Etzioni, Amitai (1970), *Demonstration Democracy*, Gordon & Breach, New York, Science Publishers.
- Ewen, Stuart (1996), *A Social History of Spin*, New York, Basic Books.
- Fairclough, Norman (2012), “Critical discourse analysis *International Advances in Engineering and Technology*, 7, 459.
- Favre, Pierre *et al.* (1997), “La fin d'une étrange lacune de la sociologie des mobilisations. L'étude par sondage des manifestants: fondements théoriques et solutions techniques”, *Revue française de science politique*, 47, 1, 3-28, disponível em: www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_1997_num_47_1_395146.
- Favre, Pierre, (1990), *La manifestation*, Paris, Presse de la Fondation nationale des sciences.
- Favre, Pierre, (1993), “La manifestation entre Droit et Politique”, CURAPP, Droit et politique, Paris, PUF.

- Fillieule, Olivier e Danielle Tartakowsky (2013), *La Manifestation*, 2ª edição, Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques.
- Fisher, Eran (2010a), “Contemporary Technology Discourse and the Legitimation of Capitalism”, *European Journal of Social Theory*, 13, 2, 229-252.
- Fisher, Eran (2010b), *Media and New Capitalism in the Digital Age*. New York, Palgrave Macmillan.
- Foucault, Michel (2004), *Vigiar e Punir, tradução para Português de Raquel Ramallete*, Petrópolis, Editora Vozes (26ª edição).
- Foucault, Michel (2005a), *As Palavras e as Coisas*, Lisboa, Edições 70.
- Foucault, Michel (2005b), *A Arqueologia do Saber*, Coimbra, Almedina.
- Frank, David John e Elizabeth H. McEneaney (1999), “The individualization of society and the liberalization of state policies on same-sex sexual relations, 1984-1995”, *Social Forces*, 77, 3, 911-943.
- Fuchs, Christian (2006), “The self organization of social movements”, *Systemic Practice and Action Research*, 19, 1, 101-137.
- Fuchs, Christian (2007), “Transnational space and the network society”, *21st Century Society*, 2, 1, 49-78.
- Garrett, R.K. (2006), “Protest in an Information Society: A Review of Literature on Social Movements and New ICTs”, *Information, Communication and Society*, 9(2), p.202-224 [em linha]
- Gerhards, Jürgen e Dieter Rucht (1992), “Mesomobilization: Organizing and Framing in Two Protest Campaigns in West Germany”, *American Journal of Sociology*, 98, 3, 555-596.
- Giddens, Antony (2010), *O mundo na era da globalização* (Trad. Saul Barata), Lisboa, Editorial Presença (8ª edição).
- Giddens, Antony (2010). *Sociologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Glaser, Barney G. e Frances Strauss (1967), *The Discovery of Grounded Theory Strategies for Qualitative Research*, New Brunswick (U.S.A.) e London (U.K.), Aldine Transaction.
- Goffman, Erving (1976), *Frame analysis: an essay on the organization of experience*, Cambridge, Harvard University Press.
- Gordon, Uri (2009), “Anarchism and the Politics of Technology”, *Working USA: The Journal of Labor and Society*, 12,3, 489-503.
- Gravetter, F. J. e L. B. Wallnau (2000), *Statistics for the behavioral sciences*, Belmont, CA, Wadsworth (5ª edição).
- Gray, Herman (2015), “The Feel of Life: Resonance, Race, and Representation”, *International Journal of Communication*, 9, 1108–1119.
- Guimarães, R. C. e Sarsfield Cabral, J. A. (2010). *Estatística*, Verlag Dashöfer (2ª edição).
- Gunder, Michael. Planning as the ideology of (neoliberal) space. In: *Planning Theory*, p.p. 298-313, 2010.
- Habermas, Jürgen (1995), “Três Modelos Normativos de Democracia”, *Lua Nova Revista de Cultura e Política*, 36.
- Habermas, Jürgen (2007), *Técnica e Ciência como “Ideologia”*, Lisboa, Edições 70.
- Habermas, Jürgen (2010a), *Obras Escolhidas de Jürgen Habermas. Vol 1. Fundamentação Linguística da Sociologia*, Lisboa, Edições 70.
- Habermas, Jürgen (2010b), *Obras Escolhidas de Jürgen Habermas. Vol 2. Teoria da Racionalidade e Teoria da Linguagem*, Lisboa, Edições 70.
- Habermas, Jürgen (2012), *A Transformação Estrutural da Esfera Pública*. Lisboa, Gulbenkian.

- Hall, Stuart (1981), “La Cultura, los médios de comunicación y el “efecto ideológico”, em James Curran *et al.* (Org.), *Sociedad y comunicación de masas*, México, Fondo de Cultura Económica.
- Hall, Stuart (1997), *Representation : cultural representations and signifying practices*, London, Sage Publications.
- Hall, Stuart (2000), “Quem precisa da identidade?”, em Tomaz Tadeu da Silva (org.), *Identidade e Diferença*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Hall, Stuart *et al.* (1992), *Modernity and its Futures*, Open University, Great Britain.
- Hall, Stuart *et al.* (2005), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Hallahan, Kirk (1999), “Seven Models of Framing: Implications for Public Relations”, *Journal of Public Relations Research*, 11(3), 205-242 [em linha]
- Harlow, Summer (2011), “Social Media and Social Movements: Facebook and an online Guatemalan justice movement that moved offline”, *New Media & Society*, Sage, pp 1-19.
- Held, David (1987), *Models of democracy*, Cambridge: Polity Press.
- Held, David (1992), “Liberalism, Marxism and Democracy”, em Stuart Hall *et al.* (orgs.), *Modernity and its futures*, Cambridge, Polity Press.
- Hellmann, K.U. (1998) “Paradigmen der bewegungsforschung”, in Hellmann, K.U. e Koopmans, R. (eds.), *Paradigmen der bewegungsforschung*, Opladen, Westdeutscher Verlag, *Apud* van de Donk, Wim *et al.* (orgs) (2004), *Cyberprotest, New media, citizens and social movements*, London and New York, Routledge.
- Herman, Edward S. e Noam Chomsky (1994), *Manufacturing Consent. The political economy of the mass media*, London, Vintage.
- Hine, Christine (s.d.), *Virtual Ethnography*, Centre for Research into Innovation, Culture and Technology Brunel University, Uxbridge, Middlesex, UB8 3PH, UK, 1-25, disponível em: <http://www.cirst.uqam.ca/pcst3/PDF/Communications/HINE.PDF>.
- Hinkle, D.E. *et al.* (2003), *Applied Statistics for the Behavioral Sciences*, Boston, Houghton Mifflin (5ª edição).
- Jasper, James M. (1997), *The art of moral protest: culture, biography and creativity in social movements*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Jeroen Van Laer, “Activists online and offline”, 2010 *Mobilization: An International Journal* 15(3): pp.407.
- Johnston, Hank (2002), “Verification and Proof in Frame and Discourse Analysis”, em Hank Johnston *et al.* (orgs), *Methods of Social Movement Research*, Minneapolis/London, University of Minnesota Press.
- Johnston, Hank; Klandermans, Bert (editors) (1995), *Social Movements and Culture*, University of Minnesota Press, Minneapolis
- Jorgensen, L. e Louise J. Phillips (2002), *Discourse Analysis as Theory and Method*, Sage, London.
- Klandermans, Bert e Suzanne Staggenborg (2002), *Methods of Social Movement Research*, Minneapolis/London, University of Minnesota Press.
- Kriesi, Hanspeter, “New Social Movements and the New Class in the Netherlands, *American Journal of Sociology*, v.94, n5, march 1989, p.1078-1116.
- Kristeva, Julia (1980), *História da Linguagem*, Lisboa, Edições 70.
- Laclau, Ernesto e Chantal Mouffe (1987), *Hegemonía y estrategia socialista. Hacia una radicalización de la democracia*, Madrid, Siglo XXI.
- Laclau, Ernesto e Chantal Mouffe (2001), *Hegemony and Socialist Strategy. Towards a Radical Democratic Politics*, London/ New York, Verso.

- Le Bon, Gustave (s.d.), *Psicologia das multidões*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- Lederer, Gerda, “Protest Movements as a Form of Political Action”, *Political Psychology* (Margaret G. Hermann)
- Lévy, Pierre (1994), *A Inteligência Colectiva. Para uma Antropologia do Ciberespaço*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Lévy, Pierre (1997), *Cibercultura*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Lipovetsky, Gilles (1989), *A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Lipovetsky, Gilles (2000), “Sedução, publicidade e pós-modernidade”, *Revista FAMECOS*, 12, 7-13.
- Lipovetsky, Gilles; Serroy, Jean (2010a), *A Cultura – Mundo. Resposta a uma sociedade desorientada*, Lisboa, Edições 70.
- Lipovetsky, Gilles; Serroy, Jean (2010b), *O Écran Global*, Lisboa, Edições 70 (1ª edição).
- Luhmann, Niklas (2000), *The Reality of the Mass Media*, Stanford, Stanford University Press.
- Luxemburg, Rosa (1999), Internet Archive (marxists.org), disponível em: <https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1906/mass-strike/index.htm>, acedido em 1 de setembro de 2016.
- Maroco, João (2011), *Análise Estatística com o SPSS Statistics*, Edições Report Number (5.ª edição).
- Martín-Barbero, Jesus (1993), *Communication, Culture and Hegemony*, London, Sage, *apud* Barreiros, José Jorge (2010), *Públicos, media e vida pública: uso e opinião sobre media e informação em Portugal, na 1ª década do século XXI*, Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE-IUL.
- McCarthy, John e Mayer, Zald (1977), “Resource Mobilization and Social Movements: A Partial Theory”, *The American Journal of Sociology*, 82, 6, 1212- 1241.
- McChesney, Robert W. (2008), *The political economy of media enduring issues, emerging dilemmas*, New York, Monthly Review Press.
- McLuhan, Marshall (1994), *Understanding media: the extensions of man*, London, The MIT Press.
- Mead, George H. (1934), *Thought, Communication, and the Significant Symbol*, (online), Chicago, University of Chicago, pp. 68-75, disponível em: http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/mindself/Mead_1934_10.html.
- Melucci, Alberto (1989), “Um objetivo para os movimentos sociais?” *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 17, 49-66, disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451989000200004>.
- Mendes, José Manuel e Seixas, Ana Maria (2005), “Acção colectiva e protesto em Portugal: Os movimentos sociais ao espelho dos *media* (1992-2002)”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*; 72, 99-127.
- Mendonça, Daniel de (2009), “Como Olhar “político” a partir da teoria do discurso”, *Revista Brasileira de Ciência Política*, n1, Brasília, jan-jun, pp153-169 [em linha]
- Milan, Stefania e Arne Hintz (2013), “Networked Collective Action and the Institutionalized Policy Debate: Bringing Cyberactivism to the Policy Arena?”, *Policy & Internet*, 5, 1, 7-26.
- Miller, Daniel e Don Slater (2004), “Etnografia on e off-line: Cibercafés em Trinidad”, *Horizontes Antropológicos*, 10, 21, 41-65.
- Mónica, Maria Filomena (1982), *A Formação da Classe Operária Portuguesa. Antologia da Imprensa Operária (1850-1934)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Moscovici, Serge (1981), “On social representations”, em Joseph P. Forgas (org.), *Social Cognition - Perspectives on Everyday understanding*, London, Academic Press.

- Mourão, José Augusto (2011), “O Hipertexto como Performance”, em Maria Teresa Cruz (org.), *Novos Media Novas Práticas*, Lisboa, Nova Veja.
- Murteira, B. *et al.* (2001), *Introdução à estatística*, Lisboa, McGraw-Hill.
- Neveu, Erik (1999), “Médias, mouvements sociaux, espaces publics”, *Réseaux (Médias et mouvements sociaux)*, 17, 98, 17-85.
- Norris, Pippa *et al.* (2002), “Who Demonstrates? Anti-State Rebels, Conventional Participants or Everyone? Disponível em: <https://www.hks.harvard.edu/fs/pnorris/ Acrobat/Who%20demonstrates.pdf>, *apud* Snow, David *et al.* (orgs) (2004), *The Blackwell Companion to Social Movements*, United Kingdom, Blackwell Publishing.
- Oliveira Ramos, Maria Lídia de (1989), “O Direito de Manifestação”, *Revista de História*, 9, 351-391.
- Onwuegbuzie, Antony J. e Nancy L. Leech (2005), “On Becoming a Pragmatic Reasercher: The Importance of Combining Quantitative and Qualitative Research Methodologies”, *International Journal of Social Reasearch Methodology*, 8, 5, 375-387.
- Ortega Y Gasset, José (1989), *A rebelião das massas*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Ortoleva, Peppino (2004), “O Século dos *media*: a evolução da comunicação de massa no século XX”, em José Manuel Paquete de Oliveira *et al.* (org.), *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*, Lisboa, Quimera Editores, pp. 29-53.
- Park, Robert E. (1938) “Reflections on Communication and Culture”, *American Journal of Sociology*, 44, 2, 187-205.
- Peirce, Charles Sanders (1877), *A Fixação da Crença*, Universidade da Beira Interior, (online), disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.html>.
- Pereira, Inês (2002), “Identidades em Rede. Construção identitária e moimento associativo”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n40, 2002, pp.107-121 [em linha]
- Pereira, Inês (2008), “Activismo em Rede: Dinâmicas locais e globais nos movimentos sociais portugueses”, *actas do VI Congresso Português de Sociologia*, Universidade Nova de Lisboa FCSH, 25 a 28 de Junho 2008.
- Pestana, Maria Helena e João Nuno Gageiro (2008), *Análise de dados para Ciências Sociais - A complementaridade do SPSS*, Lisboa, Edições Sílabo (5ª edição Rev. e corrigida).
- Pinto, C. (1999), “Notas a propósito de Ernesto Laclau”, *Revista de Ciências Sociais*, 15, 36-48.
- Quivy, Raymond e LucVan Michel Campenhoudt (2008), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva (4ª edição).
- Ragin, Charles C. e Howard S. Becker (2005), *What is a case? : exploring the foundations of social inquiry*, Cambridge, Cambridge University Press
- Ramos, Maria Lídia de Oliveira (1989), “O Direito de Manifestação”, *Revista de História*, IX.
- Raposo, Paulo (2013), *A Terra do Não Lugar: Diálogos entre Antropologia e Performance*, Florianópolis, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC)
- Rebelo, José (2000), *O discurso do jornal: o como e o porquê*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Rebelo, José (2003), *Novas formas de mobilização popular*, Porto, Campo das Letras.
- Rheingold, Howard (1993), *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*, Addison-Wesley Publishing Company.
- Ribeiro, José da Silva e Sérgio Bairon (orgs.) (2007), *Antropologia Visual e Hipermedia*, Porto, Afrontamento.
- Ricoeur, Paul (1988), *Discurso da Acção*, Lisboa, Edições 70.

- Ricoeur, Paul (1989), *O Conflito das Interpretações*, Porto, Rés Editora.
- Ricoeur, Paul (1990), *Soi-même comme un autre*, Paris, Edition du Seuil.
- Rochford Jr., E. Burke (1985), *Hare Krishna in America*, New Jersey, Rutgers University Press.
- Rodrigues, Adriano Duarte (1994), *Comunicação e Cultura – A experiência cultural na era da informação*, Lisboa, Editorial Presença.
- Rohlinger, Deana, “Framing The Abortion Debate: Organizational Resources, Media Strategies, and Movement-Counter-movement Dynamics”, *The Sociological Quarterly*, v43, n4, pp 479-507.
- Ruby, Jay (1996), “Antropología Visual”, em David Levinson e Melvin Ember, (orgs.), *Enciclopedia de Antropología Cultural*, 4, 1345-1351, New York, Henry Holt y Cía, *Apud* Ribeiro, José da Silva e Sérgio Bairon (orgs.) (2007), *Antropologia Visual e Hipermédia*, Porto, Afrontamento.
- Sampieri, Roberto Hernández *et al.* (2006), *Metodologia de Pesquisa*, São Paulo, McGraw-Hill.
- Santos, Paula Borges *et al.* (2015), *Direito de Manifestação*, Museu do Aljube - Resistência e Liberdade, disponível em: www.museudoaljube.pt/expoTemp, acessado em 10 de agosto de 2016.
- Saperas, Enric (1993), *Os efeitos cognitivos da Comunicação de Massas*, Porto, Edições Asa.
- Sassi, Sinikka (2001), “The transformation of Democracy?”, em Barrie Axford *et al.* (orgs.), *New Media and Politics*, London, Sage, pp. 89-108.
- Silverstone, Roger (2005), *Por que estudar a mídia*, São Paulo, Edições Loyola (2ª edição).
- Silverstone, Roger (2007), *Media and Morality on the rise of the mediapolis*, Cambridge, Polity Press.
- Sloterdijk, Peter (2004), *A Mobilização Infinita*, Lisboa, Relógio D` Água.
- Snow, David e Danny Trom (2002), “The Case Study and the Study of Social Movements”, em Bert Klandermans e Suzanne Staggenborg, *Methods of Social Movement Research*, Minneapolis/London, University of Minnesota Press, pp. 146-172.
- Snow, David *et al.* (1986), “Frame Aligment Processes, Micromobilization, and Movement Participation”, *American Sociological Review*, 51, 4, 464-481.
- Snow, David *et al.* (orgs) (2004), *The Blackwell Companion to Social Movements*, United Kingdom, Blackwell Publishing.
- Sousa Lopes, Anabela de (2006), “Roger Silverstone”, *Media & Jornalismo*, 9, 137-139.
- Sousa Santos, Boaventura de (1988), *Um Discurso sobre as Ciências*, Porto, Afrontamento.
- Sproull, Lee e Manuel Arriaga (2007), *Online Communities*, (online), New York, New York University, Disponível em: <http://pages.stern.nyu.edu/~marriaga/papers/sproull%20and%20arriaga-2007.pdf>
- Steinberg, Marc W. (1999), *Fighting Words: Working-Class Formation, Collective Action and Discourse in Early Nineteenth-Century England*, Ithaca, Cornell University Press.
- Stevens, J. (1996), *Applied multivariate statistics for the social sciences*, Mahway, NJ, Lawrence Erlbaum (3ª edição).
- Stuart, Ewen (1996), *PR!: a social history of spin*, New York, Basic Books.
- Subtil, Filipa e José Luís Garcia (2010), “Comunicação: uma herança da Escola sociológica de Chicago”, em Christopher Hardt, *The Legacy of Chicago School of Sociology*, Manchester, Midrash Publishing, pp.216-243.
- Tarde, Gabriel (2005), *A Opinião e as Massas*, (tradução Eduardo Brandão), São Paulo, Martins Fontes
- Tarrow, Sidney (1998), *Power in movement: social movements and contentious politics*, Cambridge, University Press.

- Tartakowsky, Danielle (1997), *Les Manifestations de rue en France, 1918-1968*, Paris, Publications de La Sorbonne.
- Thompson, Kenneth, (1992), "Social pluralism and postmodernity", em Stuart Hall *et al.* (orgs.), *Modernity and its Futures*, Cambridge: Polity Press/the Open University, pp. 223.
- Tilly, Charles (2004), *Social movements, 1768-2004*, Boulder, London, Paradigm Publishers.
- Touraine, Alain (1994), *Qu'est-ce que la démocratie?*, Paris, Fayard.
- Touraine, Alain (2006), "Na Fronteira dos Movimentos Sociais", *Sociedade e Estado*, Brasília, 21, 1, 13-16.
- Tuchman, Gaye (1983), *La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción social de la realidad*, Barcelona, Gustavo Gili.
- Túñez, M. e J. Sixto (2011), "Redes Sociales, política y compromiso 2.0: la comunicación de los diputados españoles en Facebook", *Revista Latina de Comunicación Social*, 66, La Laguna (Tenerife), Universidad de La Laguna, 210-246.
- Túñez, M. e J. Sixto (2012a), "Las Redes Sociales Como Entorno Docente: Análisis del uso de Facebook en la docência Universitaria", Pixel-Bit. *Revista de Medios y Education*, 41, 77-92.
- Túñez, M. e J. Sixto (2012b), "Un Escaño en Facebook: Política 2.0, Marketing Viral e Redes Sociales", *Revista de Comunicación Vivat Academia*, ano XIV, 118, 13-32.
- Valtysson, Bjarki (2012), "Facebook as a Digital Public Sphere: Processes of Colonization and Emancipation", *TripleC*, 10(1), pp.77-91 [em linha]
- van de Donk, Wim *et al.* (orgs) (2004), *Cyberprotest, New media, citizens and social movements*, London and New York, Routledge.
- van Laer, Jeroen (2010) "Activists online and offline", *Mobilization: An International Journal*, 15, 3, 407.
- Virno, Paolo (2008), *Virtuosismo e Revolução, a ideia de "mundo" entre a experiência sensível e a esfera pública*, Rio de Janeiro, Editora Record.
- Virno, Paolo (2013), *Gramática de la Multitud. Para un análisis de formas de vida contemporâneas*, Madrid, Traficantes de Sueños.
- Weber, Max, (1989), *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Lisboa, Presença
- Wieviorka (2003), "Os movimentos 'Antimundialização'" em José Rebelo (orgs) *Novas formas de mobilização popular*, Porto, Campo das Letras, pp.17-19.
- Wieviorka, Michel (1993), *La démocratie à l'épreuve nationalisme, populisme, ethnicité*, Paris, Éditions La Découverte.
- Wieviorka, Michel (2007), *A nova primavera do político*, Paris, Editions Robert Laffont.
- Wieviorka, Michel (2010), *Ética y Derechos Humanos en un Mundo Globalizado em Hermenéutica y Humanismo Redescubierto*. Rio de Janeiro, Academia de la Latinidad, pp. 203-224, disponível em: <http://www.alati.com.br/pdf/2010/cordoba/Livro-Cordoba.pdf>.
- Williams, Raymond (1980), *Marxismo y literatura*, Barcelona, Península.
- Williamson, Judith (2002), *"Decoding Advertisements Ideology and Meaning in Advertising"* London, Marion Boyars.
- Williamson, O.E. (1987), *Le istituzioni economiche del capitalismo*, Milano, Franco Angeli, Apud Ortoleva, Peppino (2004), "O Século dos media: a evolução da comunicação de massa no século XX", em José Manuel Paquete de Oliveira *et al.* (org.), *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*, Lisboa, Quimera Editores, pp. 29-53.
- Wolf, Mauro (2009), *Teorias da Comunicação*, Queluz de Baixo, Editorial Presença.

Woodward, Kathryn (2000), “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, em Tomaz Tadeu da Silva (org.), *Identidade e Diferença*, Petrópolis, Editora Vozes.

Wring, Dominic e Ivan Harrocks (2001), “The Transformation of Political Parties?”, em Barrie Axford e Richard Huggins (orgs), *New Media and Politics*, London, SAGE publications.

Yin, Robert (2009), *Case study research: design and methods*, Thousand Oaks, Sage

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTAS RIOS AO CARMO 1

Entrevista rios ao carmo 1

Out 09, 2016 04:19

Page 1

E - Qual é a tua idade?	0001	
R1 - Eu tenho 21	0003] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - E a profissão?	0005	
R1 - Sou estudante	0007] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - Onde é que vives?	0009	
R1 - Neste momento na Tapada das Mercês, Sintra	0011 0012] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - O que é que fazes aqui?	0014	
R1 - Venho aqui, pronto, nomeadamente para participar numa manifestação que é “Os Rios ao Carmo”. Que tem como objetivo depois juntar vários rios de diferentes, ah... pontos da... pontos da sociedade, nomeadamente, precários, estudantes, ah... desempregados....ah... que vão todos convergir num só caminho, que é o caminho do Carmo. E vamos, nomeadamente, então, relembrar o que é que foi o 25 de Abril, como, porque é que ele surgiu e, pronto, porque hoje em dia a situação está bastante parecida com a que estava há 40 anos atrás, embora em moldes diferentes mas tá, tem algumas semelhanças.	0016 0017 0018 0019 0020 0021 0022 0023 0024 0025 0026 0027 0028 0029 0030 0031 0032 0033] ;MOTIVAÇÕESINDIVID;] ;MANIFESTAÇÕES;] ;25DEABRIL; ;MOTIVAÇÕESCOLETIVAS;
E - É a primeira vez num tipo de evento destes?	0035 0036	
R1 - Ah... não. É assim, de, em termos de 25 de Abril é a primeira vez, mas já fui a outras manifestações, sim.	0038 0039 0040] ;BACKGROUNDEXPERIÊNC;
R - Qual é que é a emoção que sentes agora. Como é que tu te sentes?	0042 0043	
R1 - Eh... A minha emoção... A minha emoção, vamos ver é... sinto... o que é que eu sinto? ... É assim, eu sinto, para já sinto-me contente por ver algumas pessoas que estão empenhadas e estão conscientes... ah... da realidade que se passa atualmente em Portugal. Eh... enomeadamente... ah... Repete a pergunta, não sei...	0045 0046 0047 0048 0049 0050 0051 0052 0053] ;MOTIVAÇÕESINDIVID;
E - Sentes-te feliz, sentes-te triste? Sentas-te...	0055 0056	
R1 - É assim, sinto-me triste porque...	0058	

E - Com raiva? Sentes-te. Sei lá...	0060	
R1 - É assim... com raiva também não chego a tanto, não chego com raiva... mas triste chego a... estou triste porque é assim... obviamente que não vivi no tempo do 25 de abril, mas a minha família sempre foi uma família ativamente ah... consciente... e sempre me passaram alguns valores de Abril e vejo que esses valores que há 40 anos foram a causa de uma revolução, hoje em dia estão a ser jogados fora e estão a ser deitados... e... tá-se a pôr uma Tá-se completamente a rasgar aquilo que foram os ideais de Abril.	0062 0063 0064 0065 0066 0067 0068 0069 0070 0071 0072 0073 0074 0075 0076] ;MOTIVAÇÕESINDIVID; ;25 DE ABRIL;
E - Como é que tomaste conhecimento disto?	0078 0079	
R1 - Através do facebook. Tenho aqui amigos, eh... tenho amigos que tão... que participam em movimentos, em movimentos... ah...ah... políticos, ah... partidários também que... pronto... me informaram do que é que... do que iria acontecer hoje... e pronto... e decidi por bem vir.	0081 0082 0083 0084 0085 0086 0087 0088] ;INTERNETE MOBILIZAÇ; ;MOVIMENTOS SOCIAIS; ;MOVIMENTOS TRADICION;
E - Pertences a algum grupo especificamente. Algum grupo organizado... pela internet, ou não, ou outros?	0090 0091 0092 0093	
R1 - Não, não, não, não... Não participo em nenhum grupo, embora aqueles grupos que ache que deva dar o meu apoio, apoio.	0095 0096 0097 0098] ;MOTIVAÇÕESINDIVID;
E - Costumas usar um telemóvel com internet, ou não?	0100 0101	
R1 - Sim, costume.	0103	
E - Sim? E envias mensagens e SMS e/ou tens as tuas plataformas online ligadas? Por exemplo no teu telefone?	0105 0106 0107 0108	
R1 - Para, para divulgar o que é que se está a passar? Sim, sim.	0110 0111] ;INTERNETE MOBILIZAÇ; ;TELEMÓVELE MOBILIZ;
E - Sim, durante, durante esta...	0113	
R1 - Sim, sim, sim, tiro fotografias... partilho no instagram e no facebook...	0115 0116] ;INTERNETE MOBILIZAÇ; ;TELEMÓVELE MOBILIZ;

Entrevista rios ao carmo 1

Out 09, 2016 04:19

Page 3

E - Instantaneamente ou partilhas depois?	0118 0119	
R1 - Ahhh....	0121	
E - Depois, quando acabarem?	0123	
R1 - Depende. Por acaso, por acaso agora (risos), agora não tenho tado a fazer isso. Tirado algumas fotografias e... vou partilhá-las depois. Mas isso depende. Depende do momento. Umas vezes sim, outras vezes não.	0125 0126 0127 0128 0129 0130 0131];INTERNETE MOBILIZAÇ;
E - Combinaste com amigos e companheiros aqui?	0133 0134	
R1 - Ahhh...por acaso não. Foi coinci... foi... coincide ter encontrado... Mas ah... não. Não.	0136 0137 0138	
E - O que é que vais fazer hoje e o que é que não vais fazer?	0140 0141	
R1 - Logo se vê. (risos) Logo se vê. Eh... não.... vou...vou	0143 0144	
E - E vais para algum sítio especial, ou...	0146 0147	
R1 - Agora vou fazer tempo até às 9 horas e vou para o Príncipe Real. Depois vou-me encontrar lá. Vão tar lá vários grupos, nomeadamente o grupo LGBT, do "PREC's Not Dead", e... pronto... e eu... aliás identifico-me mais com esse grupo. Vou-me juntar a esse grupo e... depois.... Depois logo se vê. Logo se vê depois o que vai dar, não é?	0149 0150 0151 0152 0153 0154 0155 0156 0157 0158];IDENTIDADEINDIVID; ;MOVIMENTOSSOCIAIS;
E - E combinaste com esses teus amigos como? Telefone? Mandaste mensagens?	0160 0161	
R1 - Eh... Alguns por facebook, outros por mensagens. Sim.	0163 0164];INTERNETE MOBILIZAÇ; ;TELEMÓVELE MOBILIZ;
E - Obrigado	0166	
R1 – Nada	0168	

ANEXO B – ENTREVISTAS RIOS AO CARMO 2

Entrevistas Rios ao Carmo 2

Out 09, 2016 05:27

Page 1

E - Qual é a tua idade?	0001	
R2 - 20 anos	0003] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - E a tua profissão?	0005	
R2 - Estudante, ou seja...	0007] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - Onde é que vives?	0009	
R2 - Vivo aqui em Lisboa, mas sou do Porto	0011 0012] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - O que fazes aqui?	0014	
R2 - Em Lisboa?	0016	
E - Aqui, neste sítio, agora. Neste momento.	0018 0019	
R2 - Neste momento... estou num, a meio de uma ação de mobilização de pessoas (risos)	0021 0022 0023] ;BACKGROUNDEXPERIENC;
E - É a primeira vez que participas neste tipo de coisas?	0025 0026	
R2 - Não.	0028	
E - Em que outras situações já tiveste presente?	0030 0031	
R2 - (Risos) Eu tou ligada ao ativismo desde há algum tempo... Já fiz parte dos “Ritmos da Resistência”, um grupo ativista de percussão...hum é...	0033 0034 0035 0036] ;BACKGROUNDEXPERIENC; ;IDENTIDADEINDIVID;] ;MOVIMENTOSSOCIAIS;
E - Fazes parte de algum grupo organizado, na internet ou fora?	0038 0039	
R2 - Não, neste momento o sítio onde pratico mais ativismo é realmente na associação de estudantes, que eu pertenço à associação de estudantes.	0041 0042 0043 0044] ;MOVIMENTOSTRADICION;
E - Ok, daqui das Belas Artes?	0046	
R2 - É... realmente sim, o sítio onde neste momento faço isso.	0048 0049	
E - Que emoção é que sentes agora? O que é que sentes agora?	0051 0052	
R2 - O que é que eu sinto? (risos) Estou nervosa!	0054 0055	
E - Porquê?	0057	

Entrevistas Rios ao Carmo 2

Out 09, 2016 05:27

Page 2

R2 - Estou nervosa porque... eh... fico sempre nervosa antes de... momentos... como estes	0059 0060 0061	
E - E já tiveste outros momentos deste género?	0063 0064	
R2 - Ah, muitos, muitos, muitos	0066] ;BACKGROUNDEXPERIÊNC;
E - A organizar coisas?	0068	
R2 - Sim! (risos) Mas relacionados com este tema em particular, eh...sim!	0070 0071] ;BACKGROUNDEXPERIÊNC; ;IDENTIDADEINDIVID;
E - Qual é o tema?	0073	
R2 - Ah... relacionado com manifestações, protestos, mobilização de pessoas? Sim!	0075 0076 0077] ;BACKGROUNDEXPERIÊNC;
E - Há algum tema que tu, que vocês estão a reivindicar, ou que querem...	0079 0080	
R2 - É assim, nós tentamos como o... este rio é um rio ok... que parte de uma faculdade, não é ? De uma instituição de ensino superior, mas nós tentamos descentralizar um bocadinho isso, porque... o 25 de Abril é muito mais, abrange muito mais do que isso... então o... nosso rio não é prós estudantes , é por estudantes, para estudantes, mas para muito mais outras pessoas. O nosso rio não é fechado... eh... aos estudantes... porque como naturalmente... esperemos que venham muito mais gente que não sejam apenas estudantes.	0082 0083 0084 0085 0086 0087 0088 0089 0090 0091 0092 0093 0094 0095 0096 0097] ;25 DE ABRIL;
E - Mas como membro da associação de estudantes quais são as causas que defendes que têm a ver exatamente com este tipo de questões?	0099 0100 0101 0102	
R2 - Com...com...	0104	
E - O ensino...	0106	
R2 - Com, com o ensino superior? O ensino? O ensino artístico? Ehhh, é assim, assim como muitas outras coisas o ensino superior sofre uma grande asfixia e particularmente no ensino artístico nós sofremos muito disso porque os nossos cursos são muito mais caros do que qualquer outro, só pelo simples facto de	0108 0109 0110 0111 0112 0113 0114 0115 0116] ;MOTIVAÇÕESCOLETIVAS; ;MOVIMENTOSSOCIAIS;

Entrevistas Rios ao Carmo 2

Out 09, 2016 05:27

Page 3

termos uma quantidade de materiais absurda e muito cara para comprar...	0117	
Precisamente... eh... é como se o curso custasse o dobro do dinheiro, mas isso é invisível, não é. Esse dinheiro que nós gastamos é invisível, porque sai do bolso de cada um individualmente.	0118 0119 0120 0121 0122 0123 0124	
E - E de que curso és?	0126	
R2 - De pintura... E portanto, esta asfixia... que fez com que os professores deem mil disciplinas não tendo qualidade para acompanhar necessariamente os alunos que satisfaçam com que não hajam, não haja, materiais disponíveis de forma mais gratuita para os alunos, porque há mesmo materiais muito caros que não estão disponíveis, que faça com que haja pouco espaço... muitas outras coisas... assim... aqui nas Belas Artes eu, eu, foco-me essencialmente nisso...	0128 0129 0130 0131 0132 0133 0134 0135 0136 0137 0138 0139 0140 0141	IDENTIDADE INDIVID.; MOTIVAÇÕES COLETIVAS;
E - Portanto eu ia perguntar-te como é que tomaste conhecimento desta ação. Portanto estás tu a organizá-la, não é?	0143 0144 0145 0146	
R2 - Este rio em particular foi, foi uma sugestão minha... eh... sim.	0148 0149	
E - E o que fizeste?	0151	
R2 - Mas está a ser organizada pela Associação de Estudantes da Faculdade de Belas Artes...	0153 0154 0155	
E - Falaste em mobilizar pessoas, há pouco. O que é que fizeste para isso?	0157 0158 0159	
R2 - O que é que fiz para isso? Então, tentamos muito a nível de Facebook... porque neste momento é assim ... nós estamos há pouco tempo, estamos a tentar criar um, ... mas outras ferramentas online, um blogue... mas neste momento temos o facebook e tentamos usá-lo bem neste sentido. Fizemos dois promo-vídeos. Dois vídeos promocionais para esta ação, que podem ser vistos no facebook da associação de estudantes...	0161 0162 0163 0164 0165 0166 0167 0168 0169 0170 0171 0172	INTERNETEMOBILIZAÇ.
E - Viral?	0174	

Entrevistas Rios ao Carmo 2

Out 09, 2016 05:27

Page 4

R2 - Eh... tentamos que seja viral (risos)	0176 0177] ;INTERNETEMOBILIZAÇ;
E - Colocaram em que plataformas?	0179	
R2 - Em todos os rios... na, no facebook da faculdade, em facebook de vários alunos, vários grupos do curso, etc, eh... que mais é que fiz? Nós somos, nós apostamos muito na comunicação interna e na comunicação direta. Então foi... muitas vezes... a forma que nós achamos mais interessante de divulgar as coisas, é mesmo abordar as pessoas. Fazer pontos de encontro, pontos informativos, onde abordamos a pessoa sobre o que vai acontecer é é muito mais esclarecedor e normalmente resulta melhor. Nós gostamos muito deste tipo de comunicação.	0181 0182 0183 0184 0185 0186 0187 0188 0189 0190 0191 0192 0193 0194 0195 0196] ;INTERNETEMOBILIZAÇ; ;INTERNETEMOVSOC; ;IDENTIDADECOLETIVA;
E - Posso saber o que é que vocês prepararam além das máscaras?	0198 0199	
R2 - Sim o nosso, nós... concentrámo-nos mais no percurso, que irá ser simbólico, com esta figura de Salgueiro Maia reinterpretada e... não nos concentramos tanto no Largo do Carmo, porque, eh. Temos conhecimento que vai acontecer lá muita coisa... e isso será mais eh... natural e acontecerá de uma forma mais espontânea.	0201 0202 0203 0204 0205 0206 0207 0208 0209 0210] ;MANIFESTAÇÕES; ;MEIOSEXPRESSÃO;
E - Têm alguma palavra de ordem, uma coisa que vão dizer...alguns cartazes?	0212 0213	
R2 - Temos uma palavra de ordem que é "Solta o Salgueiro que há em ti" (risos) E - Têm cartazes ou alguma coisa assim que vão...	0215 0216 0217 0218] ;MEIOSEXPRESSÃO;
R2 - Não nós, desta vez preferimos não fazer faixas, não houve ninguém que tivesse vontade de as fazer e porque apela muito às manifestações do ensino superior, normalmente as palavras de ordem e as faixas que nós fazemos, por isso achámos que não há necessidade disso porque é um protesto muito diferente e que quer marcar pela diferença.	0220 0221 0222 0223 0224 0225 0226 0227 0228 0229] ;MEIOSEXPRESSÃO; ;MANIFESTAÇÕES;
E - Queria perguntar se este símbolo de Salgueiro Maia vocês também	0231 0232	

Entrevistas Rios ao Carmo 2

Out 09, 2016 05:27

Page 5

usaram nesses vídeos e noutro tipo de materiais?	0233 0234	
R2 - Usamos nos vídeos. Usamos nos vídeos. Porque é que, porque os vídeos são... são uma ligação direta a esta ação e... esta, esta simbologia, do Salgueiro Maia tem um objetivo... que é aproximar... porque o 25 de Abril aconteceu há 40 anos, não é? Há coisas que têm que ser re... reinterpretadas, os ideais que eram defendidos provavelmente não são os que nós defendemos. Então há uma necessidade de haver essa reinterpretação dos valores da Revolução atual, contemporânea, e não de uma revolução que aconteceu há 40 anos, que tem a importância que tem, mas que..., mas que não pode ser o centro das atenções neste momento... Serve como, como gota, como plano.	0236 0237 0238 0239 0240 0241 0242 0243 0244 0245 0246 0247 0248 0249 0250 0251 0252 0253 0254 0255	<p>;MEIOSEXPRESSÃO; ;INTERNETEMOBILIZAÇ;</p> <p>;25DEABRIL;</p>
E - Não pode ser o centro das atenções a revolução do 25 de Abril?	0257 0258	
R2 - Não. Serve como pano de fundo e como referência direta a um ótimo exemplo do que aconteceu, mas há necessidade deste, destes ideais serem reformulados porque neste momento há outras coisas que são necessárias e há outras urgências que naturalmente na altura não havia, ou havia outras, porque foi há 40 anos, as coisas mudam, não é?, necessariamente.	0260 0261 0262 0263 0264 0265 0266 0267 0268 0269 0270	<p>;25DEABRIL; ;MOTIVAÇÕESCOLETIVAS;</p>
E - Além deste, destes movimentos, pertences a algum grupo político, tens um, és filiada a algum grupo?	0272 0273 0274	
R2 - Não, não.	0276	
E - Não.	0278	
E - O que é que vais fazer e o que é que não vais fazer?	0280 0281	
R2 - Agora?	0283	
E - Sim.	0285	
R2 - O que é que eu vou fazer? Eu vou divertir-me (risos). Vou divertir-me, vou cantar, vou estar com os meus amigos, vou estar com as	0287 0288 0289 0290	<p>;MOTIVAÇÕESINDIVID; ;MANIFESTAÇÕES;</p>

Entrevistas Rios ao Carmo 2

Out 09, 2016 05:27

Page 6

pessoas que eu não conheço, que	0291
eventualmente vou conhecer. O que é	0292
que eu não vou fazer? Não vou, não	0293
vou...não sei...não vou...Não vou ser o que	0294
não sou, acho que é isso (risos) Vou	0295
ser tudo o que sou, mais nada	0296
(risos).	0297
E - E usas telemóvel?	0299
R2 - Uso	0301
E - Com imagens, com... dá para fazeres	0303
fotografias?	0304
R2 - Já tive. Neste momento não.	0306
Perdi. Roubaram-me (risos).	0307
E - Se vais enviar ou enviaste ou vais	0309
enviar sms ou mms para chamar os	0310
teus amigos para aqui para este	0311
sítio?	0312
R2 - Neste momento eles já sabem que	0314
estamos aqui, estão quase a descer,	0315
por isso não há necessidade disso...	0316
E - E o teu telefone tem internet?	0318
R2 - Não.	0320
E - Então não vais publicar nada em	0322
simultâneo...	0323
R2 - Há muita gente que vai fazer	0325
isso, eu não preciso me preocupar	0326
com isso... (risos)	0327
E - Ok. Tá bem, Pronto, eram só estas	0329
questões que tinha para fazer.	0330
R2 - Ok. Fantástico!	0332
E - Obrigado	0334
R2 - Nada	0336

ANEXO C – ENTREVISTAS RIOS AO CARMO 3

Entrevistas Rios ao Carmo 3

Out 09, 2016 05:27

Page 1

E - Qual é a tua idade?	0001	
R3 - 26	0003] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - E a profissão?	0005	
R3 - Sou licenciada em Antropologia e trabalho numa, sou estagiária numa ONG.	0007 0008 0009] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - Onde é que vives?	0011	
R3 - Seixal	0013] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - O que é que fazes aqui?	0015	
R3 - Ahh... (risos) Bem vim... vim apoiar a causa de celebrar o 25 de Abril e... e juntar-me a... à causa da Liberdade. E - É a primeira vez que participas numa coisa deste género?	0017 0018 0019 0020 0021] ;MOTIVAÇÕESINDIVID;
R3 - Não	0023	
E - Outras vezes participaste?	0025	
R3 - Sim	0027	
E - Em que coisas?	0029	
R3 - Ahh...(risos) em manifestações, ahhh...bem, bem o meu trabalho é basicamente ativismo. Porque sou ativista pelos direitos das mulheres...e...	0031 0032 0033 0034 0035] ;IDENTIDADEINDIVID; ;MANIFESTAÇÕES;
E - A que grupo é que pertences?	0037	
R3 - Sim. Eu sou estagiária na Plataforma Portuguesa pró Direitos das Mulheres e sou voluntária na Rede Portuguesa de Jovens Para a Igualdade e Oportunidades entre Mulheres e Homens. Ah... e basicamente sou ativista 24 horas por dia...e...quando há manifestações junto-me sempre ou tento juntar-me sempre que posso...	0039 0040 0041 0042 0043 0044 0045 0046 0047 0048] ;IDENTIDADEINDIVID; ;MOTIVAÇÕESINDIVID; ;MANIFESTAÇÕES;
E - O que é que sentes? O que é que estás a sentir agora?	0050 0051	
R3 - (Risos)Bem agora estou um bocadinho chateada porque a minha amiga não aparece, ahh... mas fora isso... relativamente à manifestação... ahh..pensei que iria estar muito mais gente. Mas... já não foi mau...	0053 0054 0055 0056 0057 0058] ;MOTIVAÇÕESINDIVID; ;MANIFESTAÇÕES;

Entrevistas Rios ao Carmo 3

Out 09, 2016 05:27

Page 2

porque, estou contente porque as	0059	
pessoas, ahhh, estejam a fazer algo	0060	
diferente, normalmente o que se faz	0061	
é no dia 25 há a marcha e por acaso	0062	
este ano estão a fazer algo	0063	
diferente e... e continuam a relembrar	0064	
uma data que é muito importante na	0065	
nossa história.	0066	
E –Como é que tomaste conhecimento	0068	
deste, desta manifestação, desta	0069	
ação? Foste tu que organizaste?	0070	
Tiveste na organização, ou não?	0071	
R3 - Não	0073	
E - Como tiveste conhecimento?	0075	
R3 - Ahh, foi alguém que me disse,	0077	;INTERNETEMOBILIZAÇ;
ahhh... que havia um evento no	0078	
facebook e depois eu fui ao	0079	
facebook, vi o evento... e juntei-me.	0080	
Não tinha visto ainda o evento.	0081	
E - Foi assim que tomaste	0083	
conhecimento. Alguém te falou e	0084	
depois foste?	0085	
R3 - Sim.	0087	
E - Ia perguntar-te se fazes parte de	0089	
algum grupo, já respondeste, mas	0090	
fazes parte de algum grupo na	0091	
internet? Tipo uma coisa que seja	0092	
espontânea , a algum grupo	0093	
especificamente, ou não? Ou é mesmo	0094	
só essa organização...	0095	
R3 - Bem, sou co-fundadora de um	0097	;IDENTIDADEINDIVID; ;INTERNETEMOBILIZAÇ; ;JORNALISMOEOCS;
programa de rádio de estudantes, ah,	0098	
chamado o “Clítoris da Razão”, que é	0099	
um programa também feminista. Ah... no	0100	
Instituto Superior Técnico, na rádio	0101	
zero, e.. ah pertença a alguns	0102	
grupos feministas no facebook.	0103	
E - Por exemplo?	0105	
R3 - Ahh... grupos de debate...	0107	
E - Não queres dizer nenhum?	0109	
R3 - Ah... Sim, bem um deles é o “Ceci	0111	;INTERNETEMOBILIZAÇ; ;MOVIMENTOSSOCIAIS;
n'est pás un Groupe Sex Extremiste”,	0112	
é um grupo feminista para pessoas	0113	
feministas, homens, mulheres, e há o	0114	
“Feminista Responde” também, ah... que	0115	
conjuga mais gente e ah... “Vamos	0116	

Entrevistas Rios ao Carmo 3

Out 09, 2016 05:27

Page 3

Acabar com as Histórias de Princesas", acho que é assim que se chama, também, sim	0117 0118 0119]
E - O que é que vais fazer hoje e o que é que não vais fazer?	0121 0122	
R3 - (Risos) Bem (risos) Ah... vou manifestar-me, apoiar a causa, ah... defender os meus direitos e manifestar-me pela Liberdade, ah...o que é que não vou fazer? Não vou ficar em casa (risos) e... não sei...	0124 0125 0126 0127 0128 0129] ;MOTIVAÇÕES INDIVID;
E - Achas que há alguma regra... para este tipo de coisas, para este tipo de grupos? Alguma coisa que não possas fazer, ou alguma norma, alguma coisa... que devas comportar ou não devas fazer?	0131 0132 0133 0134 0135 0136	
R3 - Acho que não. Acho que... cada um faz aquilo que quiser , ahhh pois há é sempre consequências, mas cada um deve ser responsável por aquilo que faz. Só isso...	0138 0139 0140 0141 0142] ;ORGANIZE RECURSOS;
E - Usas telemóvel?	0144	
R3 - Sim.	0146	
E - Com imagens? Dá para fazer fotografias? Publicas na internet ou tens internet no telemóvel?	0148 0149 0150	
R3 - Não	0152	
E - Costumas usar sms?	0154	
R3 . Sim	0156	
E - E combinaste com amigos teus aqui, hoje?	0158 0159	
R3 - Sim	0161	
E - Por telemóvel, falaste com eles ou mandaste mensagens?	0163 0164	
R3 - Sim	0166	
E - Vais tirar fotografias, ou não?	0168	
R3 - Sim, pretendo tirar algumas	0170	
E - Vais publicar em alguma plataforma?	0172 0173	

Entrevistas Rios ao Carmo 3

Out 09, 2016 05:27

Page 4

R3 - Ah... não sei, talvez no facebook	0175	☐ ;INTERNETE MOBILIZAÇ;
E - Depois, quando acabar?	0177	
R3 - Sim, mas não é prioridade	0179	
E - Ok, é só!	0181	
R3 - Ok! (risos)	0183	

ANEXO D – ENTREVISTAS RIOS AO CARMO 4

Entrevistas Rios ao Carmo 4

Out 09, 2016 05:29

Page 1

E - Qual é a sua idade?	0001	
R4 - 37	0003] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - E a profissão?	0005	
R4 - Atriz	0007] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - Pertence ao sindicato Cenas?	0009	
R4 - Ao Cena!	0011] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - Sim	0013	
R4 - Pertença, sim!	0015] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - É por isso que está aqui hoje?	0017	
R4 - Não. Eu estou aqui porque sou cidadã. E estou a comemorar a minha revolução de uma maneira especial porque são 40 anos e porque são 40 anos, ah... complicados... em que para além de comemorarmos precisamos de a defender.	0019 0020 0021 0022 0023 0024 0025] ;25 DE ABRIL; ;MOTIVAÇÕESINDIVID;
E - É a primeira vez que participa numa coisa destas ou já tinha participado antes?	0027 0028 0029	
R4 - Não. Não é a primeira vez.	0031] ;BACKGROUNDDEXPERIÊ;
E - Que emoção é que está a sentir agora neste momento?	0033 0034	
R4 - Ahh...(risos) neste momento só alguma expectativa porque vamos ali passar na António Maria Cardoso..., ah e quero ver como é que corre e qual é a sensação das pessoas... é sempre, esta noite é sempre uma noite emocionante. No ano passado estivemos junto à Rádio Renascença a contar a “Grândola” à meia-noite. Este ano vamos aqui repor a placa que foi retirada, lembrando que na António Maria Cardoso não existe o Paço do Duque, existe a sede da PIDE/DGS. Ah... que deveria ter sido preservada, que devia ser um museu da resistência em Portugal. Ahh... e nós vamos lá marcar a... a presença. Não sei bem se posso sintetizar uma emoção, são sempre várias nestas noites.	0036 0037 0038 0039 0040 0041 0042 0043 0044 0045 0046 0047 0048 0049 0050 0051 0052 0053 0054 0055] ;MOTIVAÇÕESCOLETIVAS;
E - Pertence a algum grupo organizado, além do sindicato? Espontâneo ou na	0057 0058	

Entrevistas Rios ao Carmo 4

Out 09, 2016 05:29

Page 2

internet?	0059	
R4 - Ah...não. Não pertenço a mais grupo nenhum organizado. Ahhh... participo em várias, participo em várias movimentações cidadãs, ah... tenho estado nas convocatórias das manifestações do "Que se lixe a troika", mas isso não é propriamente um grupo organizado... É um grupo de pessoas que se junta para protestar e para propor soluções!	0061 0062 0063 0064 0065 0066 0067 0068 0069 0070] ;BACKGROUND E EXPERIÉ;
E - Como teve conhecimento disto, hoje? Aqui?	0072 0073	
R4 - Nem sei, nem sei qual foi a primeira vez que soube. Não sei mesmo. Através de amigos, através da...	0075 0076 0077 0078	
E - Não faz parte da organização?	0080	
R4 - Não, não faz porque não tinha estado disponível para ir às reuniões, porque se não faria. (risos)	0082 0083 0084 0085] ;ORGANIZER RECURSOS;
E - O que é que vai fazer hoje e o que é que não vai fazer?	0087 0088	
R4 - Sei lá. Muita coisa que não vou fazer hoje... Ahh, hoje vou agora passar na António Maria Cardoso e depois vou para o Carmo e amanhã voltarei para a rua para continuar a comemorar o 25 de Abril. Portanto, há muita coisa que eu não vou fazer hoje. Hoje, como no resto dos dias deste ano não vou apoiar a troika externa, nem a troika interna. Não vou acreditar no discurso inevitável de uma austeridade que é uma invenção, que não existe... Ah... de uma crise que é uma invenção, que não existe... ahh de uma crise que é fabricada e criada para redistribuir a riqueza e para acumular riqueza de um lado, enquanto que os excedentes são atirados para borda fora... Portanto... isso são as coisas que eu não vou fazer hoje, mas que não faço nunca, no dia a dia.	0090 0091 0092 0093 0094 0095 0096 0097 0098 0099 0100 0101 0102 0103 0104 0105 0106 0107 0108 0109 0110 0111] ;MOTIVAÇÕES INDIVID;
E - Usa habitualmente, hoje, usa um telemóvel com acesso à internet?	0113 0114	
R4 - Eventualmente, não costumo ter os	0116] ;INTERNET E MOBILIZAÇ;

Entrevistas Rios ao Carmo 4

Out 09, 2016 05:29

Page 3

dados ligados. É possível que...	0117]	
E - Costuma tirar fotografias e publicar...	0119 0120		
R4 - Não sei, não tenho... não tenho programa... às vezes publico, quando me apetece publicar, mas há sempre muita gente a publicar, portanto, só quando me aparece assim alguma coisa que eu ache que só eu é que estou a ver é que me dou a esse trabalho.	0122 0123 0124 0125 0126 0127 0128]	:INTERNETEMOBILIZAÇ;
E - E posteriormente? Nos outros dias, será que vai publicar alguma coisa sobre isto?	0130 0131 0132		
R4 - É provável, sim. Provavelmente, sim.	0134 0135		
E - O que é que vai dizer ou publicar? Fotografias?	0137 0138		
R4 - Não sei, não sei mesmo. Não faço planos. Eu percebo que para o estudo precisava de coisas concretas, mas não... é possível que sejam fotografias, é provável que sejam vídeos, é possível que sejam só...	0140 0141 0142 0143 0144 0145]	:INTERNETEMOBILIZAÇ; :INTERNETEMOVSOC;
E - Costuma usar as plataformas online?	0147 0148		
R4 - Sim... uso bastante o facebook	0150]]	:INTERNETEMOBILIZAÇ; :INTERNETEMOVSOC;
E - Combinou com amigos aqui hoje? Como é que combinou?	0152 0153		
R4 - Sim, tenho aqui vários amigos. Há pessoas com quem eu não precisava de combinar que eu sabia que iam estar aqui. E, na realidade não, não, não houve coisas "às tantas horas"... houve pessoas que me perguntaram de onde é que eu ia partir, de que "Rio" é que eu ia partir, em que afluente e... mas não há assim...	0155 0156 0157 0158 0159 0160 0161 0162 0163]	:INTERNETEMOBILIZAÇ;
E - Qual é que é este "Rio", este afluente?	0165 0166		
R4 - Ahhh, mmm... este rio é o afluente do "Que se Lixe a Troika" e do Cena. E é um dos vários que estão marcados para hoje.	0168 0169 0170 0171]	:IDENTIDADECOLETIVA;
E - Posso perguntar o seu nome (o propósito seria anónimo, mas o	0173 0174		

Entrevistas Rios ao Carmo 4

Out 09, 2016 05:29

Page 4

entrevistador ao longo da entrevista	0175
suspeitou ser Joana Manuel, ativista	0176
do movimento “Que se Lixe a Troika”.	0177
O que se confirmou)	0178
R4 - Joana	0180
E - Obrigado	0182
R4 - Nada	0184

ANEXO E – ENTREVISTA NUNO RAMOS DE ALMEIDA

Entrevista Nuno Ramos de Almeida

Out 09, 2016 05:32

Page 1

E - Ativista ou Militante? 0001

N - Ativista. Mas militante também não me escandaliza, não. Não acho que seja uma dicotomia, né? Quer dizer militante é militar numa causa e ativista é...a mesma coisa, né? Talvez ativista tenha... uma sonoridade mais moderna, né? E militante remeta mais p'ra uma questão partidária, não é? Mas...acho que as duas são possíveis. 0003 0004 0005 0006 0007 0008 0009 0010 0011 0012] ;IDENTIDADE INDIV.;

E - Há quanto tempo se interessa por atividades desta natureza? 0014 0015

N - (soprou) Há muito tempo. Sim, há muito tempo...eu..ahhh...A minha participação como, como ativista e como militante começa muito cedo porque venho de uma família com empenhamento político antes do 25 de Abril, o meu pai era do comité central do PC, a minha mãe também era...era do PC, o meu avô foi fundador do Partido Socialista...tenho a família toda... basicamente... foram todos exilados, muitos presos e portanto... eu nasci na Checoslováquia, houve gente que nasceu na Argélia, houve gente que nasceu em Paris, portanto é assim a parte da intervenção política eu recorde-me mesmo antes de...do meu interesse, mesmo antes do 25 de Abril, quando tinha menos de 10 anos de idade. Depois a seguir ao 25 de Abril houve uma grande explosão e naturalmente, apesar de ser uma criança, acompanhei essa explosão e na altura havia associações de estudantes mesmo nas escolas preparatórias, havia, sei lá na minha escola em 74, fizeram-se eleições parlamentares por método de Hondt para ver o que é que dava... não tinha nenhum significado, mas para ver que... o que é que... quem é que ganhava na escola, portanto aquilo era a Francisco Arruda, aquilo era a secção do conservatório, e deu em primeiro lugar os comunistas, em segundo lugar os anarquistas, depois assim uma coisa...era assim muito... dos quais um dos anarquistas era o filho do Alçada Baptista, portanto não propriamente, não propriamente uma pessoa muito anarquista, e portanto 0017 0018 0019 0020 0021 0022 0023 0024 0025 0026 0027 0028 0029 0030 0031 0032 0033 0034 0035 0036 0037 0038 0039 0040 0041 0042 0043 0044 0045 0046 0047 0048 0049 0050 0051 0052 0053 0054 0055 0056 0057 0058] ;IDENTIDADE INDIV.;

] ;25 DE ABRIL.;

] ;25 DE ABRIL. ;IDENTIDADE INDIV.;

Entrevista Nuno Ramos de Almeida

Out 09, 2016 05:32

Page 2

aquilo era...a parte de participação	0059	
militante e política sempre foi	0060	
muito..., muito presente. Depois, fui	0061	:BACKGROUNDEXPERIÊNC;
muitas vezes dirigente associativo,	0062	
do ensino secundário, do ensino	0063	
superior e participei em	0064	
manifestações mais vastas, a minha	0065	:MOTIVAÇÕESCOLET.; :MEIOSEXPRESSÃO; :MANIFESTAÇÕES; :MOVIMENTOSSOCIAIS;
primeira participação num movimento	0066	
de massas muito grande é uma coisa	0067	
chamada “Dê uma oportunidade à paz”,	0068	
em 83, aquando da colocação dos	0069	
“Pershing” na Europa Ocidental e a	0070	
escalada de armamento e... nessa	0071	
altura a gente fez um festival,	0072	
realizámos um festival no Carvalhal,	0073	
agora uma zona chic, mas na altura	0074	
uma zona com muitas melgas e uma	0075	
zona popular, numa praia, com	0076	
milhares de pessoas e com tendas,	0077	
discussões, e depois houve uma	0078	
grande manifestação em... no estádio	0079	
do Vitória de Setúbal, portanto, é	0080	
assim, a minha grande... primeira	0081	
grande participação, depois, como eu	0082	:IDENTIDADEINDIV.;
simultaneamente fui para o	0083	
jornalismo as coisas iam tendo	0084	
períodos em que eu estava mais	0085	
empenhado no jornalismo e períodos	0086	
em que necessariamente podia ter	0087	
maior atividade...física...embora	0088	
coincidisse em alguns períodos, nem	0089	
sempre era possível essa	0090	
coincidência e aí a minha	0091	:BACKGROUNDEXPERIÊNC;
participação maior dá-se no	0092	
processo... no final dos anos 90, no	0093	:MANIFESTAÇÕES; :MOVIMENTOSSOCIAIS;
processo dos Fóruns, eu vou ao... eu	0094	
vou antes do Fórum Social Mundial,	0095	
eu vou salvo erro, eu vou em 94 ao	0096	
fórum intergaláctico zapatista que	0097	
foi a primeira, a primeira	0098	
manifestação, a primeira junção de	0099	
nível internacional dos movimentos	0100	
sociais, os ativistas de um espectro	0101	
relativamente alargado que vai desde	0102	
da esquerda tradicional, aos	0103	
anarquistas, as ONGs e em função	0104	
dessa, depois dessa participação,	0105	
dão-se as manifestações de Seattle	0106	
há um despertar de um movimento	0107	
social de nível internacional e eu	0108	
começo a participar na rede ATTAC em	0109	
Portugal, sou, sou, sou um dos	0110	
fundadores da ATTAC e começo a	0111	
participar no Fórum Social Europeu,	0112	
no Fórum Social Mundial,	0113	
nomeadamente na organização dos	0114	
primeiros Fóruns Sociais Europeus,	0115	
eu sou da coordenação e depois sou	0116	

coordenador do primeiro Fórum Social português, e... sou também na	0117	
organização com outras pessoas das chamadas, ahh... as primeiras marchas globais que é uma coisa que se dá,	0118	
salvo erro em Fevereiro de 2003, que é um conjunto de manifestações que são proposta do atual Fórum Social Europeu, que foram dadas pelo mundial, contra a possibilidade de uma intervenção militar no Iraque pelos Estados Unidos, a segunda guerra do Iraque, antes de segunda Guerra do Iraque, em que há 18 milhões ou 20 milhões de pessoas que saem em todo o mundo em manifestações e em Portugal são mais de 100 mil em Lisboa, a manifestação muito, muito, muito grande em Lisboa. Pronto, esta é, digamos a parte da minha intervenção antes do Que se Lixe a Troika (QSLT). Depois quando se dá, entretanto, carreira profissional e etc, mantenho sempre uma ligação mas não, não tanta atividade e quando se dá o QSLT, portanto eu sou dos primeiros do QSLT, portanto dos primeiros 28 que fazemos o QSLT em Agosto, em Agosto e convocamos uma manifestação para 15 de Setembro, a manifestação coincide de alguma forma tem alguma...fazemos um apelo público, não éramos muito conhecidos, havia uma situação muito grande de insatisfação, mas ela é agudizada por uma declaração a 7 de Setembro do Primeiro Ministro Pedro Passos Coelho em que propõe que os cidadãos paguem a TSU das empresas e há aí uma grande revolta, portanto a manifestação, até porque nós não eramos conhecidos e as pessoas podiam-se enquadrar nela e logo nós dizíamos que tinha algum sentido. O QSLT é uma reação a uma declaração de Pedro Passos Coelho em que ele diz mais ou menos “Que se lixe as eleições”, e, portanto, dá-se uma grande manifestação com 30 e tal cidades, com cerca de um milhão de pessoas na rua e a partir daí o QSLT desenvolve-se. Portanto desenvolve-se convocamos uma atividade em não sei quantas..., logo na semana seguinte convocamos uma pequena manifestação à porta do Conselho de Estado, uma pequena	0119	
	0120	
	0121	
	0122	
	0123	
	0124	
	0125	
	0126	
	0127	
	0128	
	0129	
	0130	
	0131	
	0132	
	0133	
	0134	
	0135	
	0136	
	0137	
	0138	
	0139	
	0140	
	0141	
	0142	
	0143	
	0144	
	0145	
	0146	
	0147	
	0148	
	0149	
	0150	
	0151	
	0152	
	0153	
	0154	
	0155	
	0156	
	0157	
	0158	
	0159	
	0160	
	0161	
	0162	
	0163	
	0164	
	0165	
	0166	
	0167	
	0168	
	0169	
	0170	
	0171	
	0172	
	0173	
	0174	

;MANIFESTAÇÕES; ;MOTIVAÇÕES COLET.; ;MOVIMENTOSSOCIAIS;

;BACKGROUND EXPERIENC; ;IDENTIDADE COLET.;

;MANIFESTAÇÕES; ;MOTIVAÇÕES COLET.;

;MOTIVAÇÕES COLET.; ;MOVIMENTOSSOCIAIS; ;MANIFESTAÇÕES;

;MANIFESTAÇÕES;

manifestação com 15, 20 mil pessoas,	0175	
ahhh...depois fazemos a 13 de Outubro	0176	
em 10,15 ou 20 cidades uma	0177	
manifestação cultural, e depois	0178	
começamos a preparar uma	0179	
manifestação, um alargamento, o QSLT	0180	
não era um movimento, nunca foi um	0181	;IDENTIDADECOLET.;
movimento, foi um conjunto de	0182	
subscritores, mas houve um	0183	
alargamento do número de	0184	
subscritores de 28 para 130 e	0185	
convocamos a manifestação de 2 de	0186	;MANIFESTAÇÕES; ;MEIOSEXPRESSÃO;
Março e essa manifestação começa por	0187	
um aspeto de... se a outra tivemos	0188	
felicidade no calendário, esta	0189	
conseguimos nós na base da seguinte	0190	
ideia: que era preciso uma forma de	0191	
contestação que espelhasse o que	0192	
vinha na alma das pessoas e que	0193	
fosse facilmente apropriada por ela	0194	
e daí nasceram as grandoladas,	0195	
fizemos a ação da Grândola na...no	0196	
parlamento, fizemos mais duas feitas	0197	
por nós, uma no Porto no Clube dos	0198	
Pensadores outra no ISCTE com o	0199	
Ministro Relvas e a partir daí	0200	
aquilo disseminou-se e começaram a	0201	
aparecer grandoladas por todo o lado	0202	
sem nós termos nenhum, nenhum,	0203	
nenhum controle operacional dos	0204	
eventos e ahhh começámos, começámos	0205	
a fazer este modelo que era ganhar	0206	
força nas redes sociais, talhar	0207	
coisas não hierárquicas, que as	0208	
pessoas vão fazendo e a seguir	0209	
chegamos aos órgãos de comunicação	0210	
social e aquilo é ampliado e depois	0211	
há uma grande manifestação. E isso	0212	
sucedeu até 2 de Março, mas depois	0213	;MOTIVAÇÕESCOLET.;
tivemos obviamente bastante mais	0214	
dificuldades, porque do ponto de	0215	
vista institucional as soluções	0216	
estavam bloqueadas, né, o presidente	0217	
da cor da maioria, numa maioria que	0218	
apesar de se ter demitido voltou	0219	
irrevogavelmente a reconstruir-se e	0220	
portanto nós não tivemos acapacidade	0221	
de arranjar os mecanismos que	0222	
permitted aquilo que era na altura	0223	
o nosso objetivo que era o derrube	0224	
do governo, ahhh, a renegociação do	0225	
... Isto é...o fim do acordo da Troika	0226	
e possibilidade de serem chamadas as	0227	
pessoas a escolherem os novos, os	0228	
novos caminhos. Portanto, de alguma	0229	
forma conseguimos dois momentos	0230	;MEIOSEXPRESSÃO; ;MANIFESTAÇÕES;
muito fortes, no QSLT é muito	0231	
forte,fizemos alguma dezenas de	0232	

Entrevista Nuno Ramos de Almeida

Out 09, 2016 05:32

Page 5

manifestações mais pequenas, com 0233
milhares, com 2 mil, com 5 mil, com 0234
10 mil , fizemos muitas ações de 0235
rua, muito, muito, muito ações 0236
populares, faixas na... fonte 0237
luminosa, enforcados nos postes de 0238
não sei quê, buzínões no meio da 0239
cidade com faixas negras, quando 0240
veio a Merkl tapámos monumentos, 0241
portanto fizemos dezenas, dezenas, 0242
centenas de ações mais pequenas, mas 0243
não tivemos a capacidade de 0244
transformar a força que foi para a 0245
rua de... numa força política 0246
organizada, num momento político 0247
organizado que pudesse, no fundo, 0248
concretizar aquilo que era os nossos 0249
objetivos na altura que era... 0250
basicamente eram esses três que lhe 0251
falei. 0252

;MOTIVAÇÕES COLET.;

E – Qual a relação entre a atividade 0254
de jornalista e a atividade 0255
política? 0256

N – Não, não é nenhuma. Eu podia ser 0258
almeida ou podia ser... empresário ou 0259
podia ser advogado ou podia ser 0260
pintor eu acho que a atividade não... 0261
quer dizer a atividade cidadã é 0262
independente disso tudo, agora é 0263
óbvio que jornalismo me cria uma 0264
curiosidade e uma apetência para o 0265
que é que pensam os outros, o que é 0266
que fazem, que não é igual a essas 0267
atividades. Portanto, eu quando faço 0268
atividade jornalística guio-me por 0269
um código jornalístico, que é um 0270
código, para já não me meti em 0271
coisas com publicidade, depois 0272
normalmente não gosto de fazer 0273
política porque acho que tem uma 0274
política muito determinada, não que 0275
a fizesse mal ou de uma forma 0276
desonesta, mas não, não é uma coisa 0277
que eu aprecio fazer, embora ache 0278
que a maior parte dos jornalistas 0279
que o faz também têm uma opinião tão 0280
determinada como a minha, mas pelo 0281
menos não têm consciência dela, 0282
acham que a sua opinião é a verdade, 0283
eu tenho a certeza que a minha 0284
opinião é a minha opinião e não é a 0285
verdade e portanto, se quiser, há um 0286
problema de...epistemologia, eu , eu 0287
não acho que o jornalismo seja uma 0288
verdade absoluta, que aquilo que 0289
está nos jornais seja feito por 0290

;IDENTIDADE INDIV.;

Entrevista Nuno Ramos de Almeida

Out 09, 2016 05:32

Page 6

"virgens vegetais" o que faz de	0291	
outra de outra realidade uma forma	0292	
independente, acho que o jornalismo	0293]:IDENTIDADE INDIV.;
é uma profissão que exige, uma	0294	
ética, métodos, métodos de trabalho,	0295	
ahh, métodos de apuramento da	0296	
realidade e...tem que ser bem feita, é	0297	
no fundo um bocadinho aquilo que o	0298	
Weber colocaria como a separação dos	0299	
juízos de valor e os juízos de	0300	
facto, cada um de nós escolhe	0301	
objetos de estudo que tem a ver com	0302	
os seus juízos de valor, deve	0303	
separar juízos de valor e juízos de	0304	
facto. Deve conseguir que aquilo que	0305	
são juízos de valor não se	0306	
transformem em juízos de facto e	0307	
vice-versa, eu acho que o jornalismo	0308	
é um pouco também esse combate, nós	0309	
através de um método	0310	
jornalístico, ouvir as duas partes,	0311	
tentar perceber o que é que	0312	
aconteceu, um certo distanciamento,	0313	
tentamos não ter, não fazer que as	0314	
nossas opiniões transformem a	0315	
notícia, embora as nossas opiniões	0316	
são importantes para a escolha das	0317	
notícias que fazemos e desse ponto	0318	
de vista acho que o jornalismo é	0319	
muito importante, mas podia ter sido	0320	
outra coisa qualquer e ser ativista	0321	
na mesma.	0322	
E – Então há um Nuno ativista e um	0324	
Nuno jornalista?	0325	
N – Não. Há apenas um Nuno, agora... a	0327]:IDENTIDADE INDIV.;
nossa vida é feita de várias	0328	
dimensões e o facto de eu ser do	0329	
Sporting não condiciona (risos) o	0330	
meu voto por exemplo, o facto de eu	0331	
ser pai de duas crianças também não	0332	
condiciona a minha (âme) política, é	0333	
possível de ser de direita, de	0334	
esquerda, de centro e ser pai de	0335	
duas crianças, portanto é a questão...	0336	
de crianças... se elas me ouvissem	0337	
batiam-me porque não são bem	0338	
crianças, mas... ehhh... não há duas	0339	
peçoas. O que eu acho é que são	0340]:IDENTIDADE INDIV.;
formas de expressão que têm regras	0341	
diferenciadas, é só isso.	0342	
E- Quais são os objetivos, ou quais	0344	
foram, já falámos um bocadinho sobre	0345	
isso, mas não sei se... podemos	0346	
aprofundar um bocadinho mais sobre	0347	
os objetivos do QSLT. Falámos há	0348	

Entrevista Nuno Ramos de Almeida

Out 09, 2016 05:32

Page 7

pouco como é que ele surgiu, mas... 0349
quais eram os objetivos? 0350

N – O Que se Lixe a Troika surge na 0352
ressaca de dois movimentos, isto 0353
para dar uma coisa que não é o que 0354
estás a perguntar mas que eu acho 0355
que é importante. Que é a ressaca do 0356
12 de Março e a ressaca do 15 de 0357
Outubro, isto parece um daqueles 0358
discursos, um discurso que parece 0359
gozar com muitas datas...o dia do não 0360
sei quê, não sei quê, não sei quê, 0361
isto é o 12 de Março é a 0362
manifestação da geração à rasca em 0363
que se dá uma espécie de grito de 0364
alma(âme) em relação a uma situação 0365
de paz podre social, de uma geração 0366
que viu defraudadas as suas 0367
expectativas, mas em que o seu 0368
manifesto, do meu ponto de vista e 0369
da maior parte das pessoas do Que se 0370
Lixe a Troika era muito pouco 0371
politizado, isto é, nós íamos lá 0372
todos protestar contra as nossas 0373
angústias, mas estava o gajo que 0374
apoiava o PSD, tava o gajo que era 0375
do CDS, tava o XXX, tava o não sei o 0376
quê, e portanto aquilo não tinha 0377
nenhuma consequência política, isto 0378
era um aspeto do nosso ponto de 0379
vista tínhamos de tirar a lição. A 0380
segunda questão era a questão do 15 0381
de Outubro. O 15 de Outubro é uma 0382
manifestação que surge, no 0383
seguimento, no alinhamento de 0384
manifestações internacionais e... e 0385
junta em Portugal uma série de 0386
pequenos grupúsculos de ativistas 0387
que são muito... grupúsculos ligados a 0388
partidos de extrema-esquerda ou 0389
candidatos a partidos de 0390
extrema-esquerda. Depois, funciona, 0391
supostamente, na... aberta em reuniões 0392
abertas, mas essas reuniões abertas 0393
o que correspondia era a ditadura 0394
dos grupúsculos, como eles, enfim, 0395
ficavam lá horas. Porque a reunião 0396
era aberta, toda a gente podia 0397
participar na reunião. Mas como 0398
esses grupúsculos ficavam lá horas 0399
intermináveis a discutir coisas, as 0400
pessoas normais, que não eram de 0401
grupúsculos, eram simples ativistas, 0402
afastavam-se. E depois aquilo em vez 0403
de ser aberto de facto, era uma 0404
coisa sectarizada XXX, que ficava na 0405
posse de pequenos grupos militantes 0406

;IDENTIDADE COLET.; ;MANIFESTAÇÕES;

;MOTIVAÇÕES COLET.; ;MANIFESTAÇÕES;

;MANIFESTAÇÕES; ;MOTIVAÇÕES COLET.;

;ORGANIZAÇÃO E RECURS;

Entrevista Nuno Ramos de Almeida

Out 09, 2016 05:32

Page 8

0407 muito agressivos. E então para
0408 resolver esta questão, adoptou-se
0409 uma solução, que não sendo
0410 democraticamente...fantástica, era uma
0411 solução que era no nosso ponto de
0412 vista, resolvia as questões do
0413 momento, que é: Há um grupo de
0414 subscritores, não há um movimento,
0415 associações subscrevem o manifesto,
0416 politizado, firme, com ideias
0417 concretas, esses subscritores são
0418 relativamente plurais, isto é, eles
0419 são facilitadores da ponte com
0420 vários setores da sociedade civil,
0421 mas não representam ninguém, como
0422 não representam ninguém não são
0423 nenhuma fonte de poder, não são
0424 nenhuma fonte de legitimação, a sua
0425 legitimidade advém daquilo que eles
0426 fazem e propõem, quem quiser decidir
0427 que segue, quem não quiser faça
0428 coisas ao lado. Nós não estamos a
0429 falar em nome de ninguém, estamos a
0430 falar em nosso nome e as pessoas vão
0431 se quiserem. E portanto, isso acabou
0432 com as reuniões intermináveis entre
0433 grupúsculos e de outro lado,
0434 resolveu a questão da politização,
0435 que havia um manifesto político que
0436 dizia as responsabilidades da
0437 Troika, do governo, das políticas
0438 neoliberais e tal, resolvia essa
0439 questão, o problema é que, isso
0440 funciona enquanto somos um número de
0441 subscritores, para haver um
0442 movimento, caso haja um movimento
0443 ele tem de alguma forma criar as
0444 suas próprias estruturas. Qual era o
0445 nosso problema? Os nossos objetivos
0446 estavam muito determinados, eu vou
0447 voltar a repetir, que era, nós
0448 achávamos que a política da Troika
0449 não solucionava os problemas do
0450 país, não solucionava os problemas
0451 que nós achávamos que eram os
0452 problemas do país, muito menos
0453 solucionavam os problemas que eles
0454 diziam que iam solucionar, a dívida
0455 aumentava, a... tudo os problemas
0456 estruturais da economia se mantêm, o
0457 desemprego aumenta, embora muitas
0458 vezes seja camuflado ou pela
0459 emigração ou por estágios
0460 profissionais, há um aumento
0461 exponencial do desemprego, o que
0462 significava do nosso ponto de vista
0463 era apenas o empobrecimento
0464 generalizado da população e o

;MOVIMENTOSSOCIAIS; ;MOTIVAÇÕESCOLET.; ;IDENTIDADECOLET.;

;MOTIVAÇÕESCOLET.;

Entrevista Nuno Ramos de Almeida

Out 09, 2016 05:32

Page 9

aumento das desigualdades e nesse	0465	
sentido nós pensamos que havia três	0466	
soluções, primeiro o derrube deste	0467	
governo, que é o ponta de lança	0468	
desta política em Portugal, segundo	0469	
a necessidade de contrapor aos	0470	
parceiros europeus que este programa	0471	
não tinha lógica, era um programa	0472	
ideológico para garantir o monopólio	0473	
de poder de determinados setores	0474	
europeus mas não é um programa, não	0475	
é um programa que resolva a questão	0476	
da economia e em terceiro aspeto a	0477	
necessidade de ser chamado o povo a	0478	
pronunciar-se e chamado o povo a	0479	
pronunciar-se não é apenas uma	0480	
questão de convocação de novas	0481	
eleições é uma democracia em que as	0482	
peçoas de facto sejam consultadas	0483	
sobre as grandes escolhas que o país	0484	
e a Europa fazem. Não é normal que a	0485	
gente esteja amarrados ao euro sem	0486	
termos discutido o euro, até o	0487	
podíamos ter aprovado, não é normal	0488	
que exista um pacto de estabilidade	0489	
que nos vai condicionar os próximos	0490	
30 ou 40 anos, fazendo com que os	0491	
parlamentos não aproveem os	0492	
orçamentos e no fundo os vão	0493	
previamente aprovar a Bruxelas com o	0494	
aval de Berlim e portanto não	0495	
existir nenhuma soberania nem	0496	
autonomia política dos portugueses e	0497	
dos cidadãos europeus e era isso, em	0498	
função desses objetivos que a gente	0499	
se debatia.	0500	
E- Disse há pouco que havia um grupo	0502	
de pessoas que não se revia nas	0503	
políticas deste governo e que não se	0504	
sentiam representados, mas que	0505	
também este grupo não podia	0506	
representar ninguém.	0507	
N- Exactamente.	0509	
E- Portanto não era esse o objetivo	0511	
N- Não. O objetivo, nós não nos víamos	0513	
como uma classe representativa que	0514	
substituíamos outra gama de	0515	
representantes que nós achávamos que	0516	
não funcionava. Nós víamos como uma	0517	
forma diferente que é, como uma	0518	
tentativa de ... ahhh romper a	0519	
barreira em que há entre, neste tipo	0520	
de democracia, na forma como ela se	0521	
afunilou, entre aquilo que se chama	0522	

;IDENTIDADECOLET.;

a classe política e aquilo que são 0523
os cidadãos. Nós achávamos que a 0524
política não é monopólio duma casta, 0525
duma elite, de um grupo muito 0526
deminuto XXX. A política é uma 0527
atividade social que precisa do 0528
empenhamento de todos e... e na 0529
prática nós víamos como um dos 0530
elementos que permitia que 0531
acontecessem atos políticos que não 0532
fossem legitimados ou previamente 0533
aprovados por esta casta e por esta 0534
elite, e portanto daí dizer que a 0535
nossa legitimidade quando tinha, 0536
advinha daquilo que fazíamos e da 0537
adesão das pessoas e da participação 0538
das pessoas na construção do 0539
processo, nunca advinha de nós 0540
sermos representantes delas. Nós 0541
nunca nos víamos como representando 0542
os manifestantes, aliás tínhamos 0543
muita dificuldade em finalizar as 0544
manifestações, normalmente era uma 0545
declaração conjunta lida por várias 0546
vozes e nunca resultava muito bem, 0547
do ponto de vista, de coreografia, 0548
de encenação, nunca resultava que 0549
aquilo era um final um bocado 0550
estranho, mas advinha desse problema 0551
que nós tínhamos, nós considerávamos 0552
que nós não representávamos 0553
manifestantes que lá estavam, nós 0554
tínhamos sido os facilitadores dessa 0555
manifestação, mas não falávamos, a 0556
nossa voz não os representava.... Um 0557
milhão de pessoas que lá estavam 0558
tinham muito mais voz que nós que 0559
estávamos ali...episodicamente a 0560
organizar a manifestação. Aliás isso 0561
até correspondia à parte, se 0562
quiseres, ahh... quase geográfica da 0563
manifestação, nós nunca conseguimos 0564
fazer uma cabeça de manifestação 0565
porque as pessoas estavam sempre à 0566
frente e atrás da manifestação, era 0567
uma confusão desgraçada, porque é 0568
assim, nós por muito que puséssemos 0569
um pano de quatro metros ou...quatro 0570
metros de altura, dois metros por 0571
dez metros, como aquilo eram 0572
manifestações em que ia muita gente 0573
que normalmente não estava em 0574
manifestações elas não respeitavam a 0575
normal organização, não havia um 0576
quadrado da frente, não havia uma 0577
sequência de...uma sequência de 0578
sindicatos e de movimentos, não, 0579
aquilo era uma "mólhada" infundável, 0580

;MANIFESTAÇÕES; ;MEIOS E EXPRESSÃO; ;ORGANIZAÇÃO E RECURS;

Entrevista Nuno Ramos de Almeida

Out 09, 2016 05:32

Page 11

onde havia gente que estava...mais de 0581
metade das pessoas já estavam à 0582
frente da cabeça, quando a cabeça... 0583
nós chegámos à Praça de Espanha já a 0584
Praça de Espanha estava cheia e 0585
ainda havia muita manifestação para 0586
trás, as pessoas já lá estavam. 0587
Tinham avançado antes de nós e... isto 0588
era um bocadinho aquilo que sucedia 0589
do ponto de vista orgânico nós não 0590
nos e político, nós não 0591
considerávamos que fálássemos em 0592
nome dessas pessoas. 0593

E- Também disse há pouco que não havia 0595
uma estrutura propriamente dita, não 0596
é, porque ...do movimento. Nunca 0597
criaram, digamos assim, um 0598
procedimento de institucionalização 0599
desse grupo? 0600

N- Nós tínhamos procedimentos de 0602
funcionamento, mas não havia uma 0603
institucionalização, porque nós não 0604
associávamos representantes e, 0605
portanto, nunca fizemos esse 0606
trabalho, provavelmente devíamos ter 0607
constituído um movimento e não 0608
constituímos. O que é que nós 0609
tínhamos de estabelecido? Nós 0610
funcionávamos em plenário, 0611
noemalmente, com recurso às redes 0612
sociais para discussão das opiniões 0613
e troca de informação. E depois 0614
tínhamos três grupos de trabalho, 0615
que era o grupo de trabalho de... 0616
alargamento, o grupo de trabalho de 0617
comunicação e grupo de trabalho de 0618
ações. Basicamente acho que eram 0619
esses os três grupos de trabalho que 0620
a gente tinha. E... e os grupos de 0621
trabalho eram autónomos, soberanos, 0622
discutiam e aprovavam, normalmente o 0623
que nós tentávamos, era que as 0624
coisas fossem aprovadas por 0625
consenso, tentávamos procurar o 0626
consenso em todas as decisões, tanto 0627
em plenário como em grupo de 0628
trabalho, sendo que se tivéssemos 0629
muito pressionados pelo tempo 0630
aceitávamos maiorias de... 0631
qualificadas de dois terços, isto é, 0632
dizíamos bom... ok não foi possível 0633
consenso, porque a constituição de 0634
consenso é uma coisa complicada 0635
porque pressupõe que as pessoas 0636
queiram constituir consenso, às 0637
vezes há nos grupos pessoas que pura 0638

:ORGANIZAÇÃO E RECURS; ;IDENTIDADE COLET.; ;...

:ORGANIZAÇÃO E RECURS; ;IDENTIDADE COLET.;

e simplesmente dizem... ahhh... quando
constróis um consenso, tu concordas,
discordas mas não obstaculizas ou
obstaculizas. Ahhh...do ponto de vista
simbólico há aquele...sinal da...isto e
isto que...quando...nos gestos...nos
movimentos internacionais, às vezes
tens num grupo de pessoas que
obstaculizam sistematicamente e
portanto...isso exigia da nossa parte
uma tentativa de quem não está de
acordo, que propusesse uma
alternativa, a alternativa pressupõe
um caminho e às vezes não havia
tempo, nem espaço para o fazer,
sobretudo se fossem plenários,
porque esses plenários podiam ter
cem pessoas e cem pessoas numa
tarde, se cada um falar uma vez
durante três minutos, já não há
tempo para plenário, portanto
adiantam aí, havia um procedimento
de votação de maioria de dois
terços, mas não havia do ponto de
vista formal, nenhuma,
nenhuma...nenhuma orgânica muito,
nenhuma organização muito, muito
específica. Depois havia também
outras coisas que é havia
responsáveis pela comunicação, mas
esses responsáveis pela comunicação,
a sua função não era comunicarem,
era gerirem o número de pessoas que
comunicavam, isto é, nós tínhamos
como regra que as pessoas deviam
falar à imprensa rotativamente e que
mais valia falar uma pessoa que
tinha menos jeito para falar do que
que falasse sempre o gajo que tinha
mais jeito para falar, porque isso
dava...isso criava uma igualdade de
poder,e mostrava que o movimento não
tinha chefias, como os movimentos
normais. Tudo isso é muito
complicado, porque a certa altura tu
tens que... do ponto de vista
operacional, tens que fazer um
conjunto de decisões que acabam por
também atenuarem bocado, mas nós
tentávamos sistematicamente que isso
não acontecesse.

0639
0640
0641
0642
0643
0644
0645
0646
0647
0648
0649
0650
0651
0652
0653
0654
0655
0656
0657
0658
0659
0660
0661
0662
0663
0664
0665
0666
0667
0668
0669
0670
0671
0672
0673
0674
0675
0676
0677
0678
0679
0680
0681
0682
0683
0684
0685
0686
0687
0688
0689

:JORNALISMOOCS; :MEIOSEXPRESSÃO;

E- Reparei que tem estado a falar no
passado. O movimento QSLT não vai
ter mais ação com alguma expressão
na sociedade portuguesa?

0691
0692
0693
0694

N- Não sei. Quer dizer, eu acho que o

0696

:IDENTIDADECOLET.;

QSLT como não é um movimento..., não 0697
era um movimento, não tinha uma 0698
orgânica, aquilo que deixou na 0699
sociedade portuguesa é 0700
alguma...memória prática de ativismo e 0701
de ação. E isso acho que se mantém 0702
em muitos setores, aliás o...seu 0703
trabalho que me disseste,uma das 0704
manifestações quefoca é, portanto, a 0705
Manifestação dos Rios, a 0706
manifestação dos Rios já é uma 0707
manifestação Que o QSLT tá 0708
basicamente...é...a última participação 0709
do QSLT, mas já de uma forma muito, 0710
muito, muito, muito subordinada. 0711
Porque houve um problema, isto é, o 0712
facto do QSLT ter tido um sucesso 0713
tão evidente, ao mesmo tempo que do 0714
ponto de vista popular, permitiu o 0715
acesso às ruas e à política de um 0716
conjunto muito grande de pessoas, 0717
também criou anticorpos de... por 0718
parte de outros movimentos, que 0719
existiam e outros ativistas, isto é 0720
o QSLT era muitas vezes visto como 0721
uma entidade que tinha feito uma 0722
espécie de OPA sobre a totalidade do 0723
movimento social. Isto é, tinha... 0724
tornou-se tão forte do ponto de 0725
vista mediático, do ponto de vista 0726
popular, que isso não correspondia à 0727
sua força do ponto de vista 0728
orgânico, nós eramos organizados, os 0729
outros movimentos sofriam um pouco 0730
de pelo facto de repente de terem 0731
uns tipos que tinham uma aceitação 0732
ou um eco que eles não tinham e isso 0733
criou várias chatices, até porque 0734
nós tínhamos regras de, regras de 0735
alargamento de subscritores por 0736
consenso, tínhamos regras de algum 0737
fechamento das reuniões para não 0738
haver disputas de poder, havia 0739
coisas que não estavam do ponto de 0740
vista... nós optámos por fórmulas que 0741
foram às vezes do ponto de vista 0742
democrático, não eram absolutamente, 0743
não eram absolutamente democráticas, 0744
embora os outros grupos fossem 0745
também de carácter fechado, não 0746
havia problema para eles, não é?. 0747
Mas quer dizer... A questão é quando 0748
se dá os Rios já o QSLT não está, já 0749
está muito... muito menos gente, há 0750
uma espécie de crise no QSLT no 0751
sentido que nós tivemos dois anos 0752
muito intensos e não conseguimos 0753
derrubar o governo, portanto 0754

:MANIFESTAÇÕES;

:ORGANIZAÇÃO E RECURS.; :IDENTIDADE COLET.;

:MOTIVAÇÕES COLET.;

Entrevista Nuno Ramos de Almeida

Out 09, 2016 05:32

Page 14

sentimos que não távamos a conseguir...	0755 0756]
E- Era esse o objetivo?	0758	
N – Então o objetivo era derrubar esta política e criar um quadro novo, quer dizer, não era um objetivo político-partidário mas era um objetivo...	0760 0761 0762 0763 0764] ;MOTIVAÇÕES COLET.;
E – Era um objetivo importante?	0766	
N – Também. Nós dizíamos sempre isso. Ahhh, eu acho que a opinião pública consubstanciou-se que já não íamos lá com manifestações, as pessoas... as primaveras árabes, não sei quê, não sei que mais, Ucrânia XXX tá, tá,tá,tá, verificava que em Portugal as manifestações só por si não iam trazer a alteração. Mais, nós tínhamos conseguido de alguma forma em paralelo com a luta dos espanhóis, nós tínhamos conseguido alterar a percepção das pessoas sobre as políticas da Troika, os estudos iniciais dizem que as pessoas acham que aquilo nunca, é como o óleo de ricino – sabe mal, mas fazia bem – os estudos posteriores, ou o próprio estudo do Instituto Europeu da Faculdade de Direito de Lisboa davam como 60 ou 70 por cento das pessoas não acreditavam nos programas austeritários como forma de combater a crise. O problema é que apesar de não acreditarem elas também não havia nenhuma alternativa, portanto nós verificámos que podíamos ter muita no ramo social, mas se não houvesse força diferente no campo político ou partidário, isso não tinha nenhum resultado, o resultado era muito pequeno.	0768 0769 0770 0771 0772 0773 0774 0775 0776 0777 0778 0779 0780 0781 0782 0783 0784 0785 0786 0787 0788 0789 0790 0791 0792 0793 0794 0795 0796 0797 0798 0799 0800] ;IDENTIDADECOLET.; ;MANIFESTAÇÕES;
E- E o que é o AGIR?	0802	
N – O AGIR vem na sequência dessa fação, não é? Isto é, a fação é muito auxiliada p'la p'la observação do...PODEMOS, muito mais do PODEMOS aliás que o SYRIZA que é um partido se extrema-esquerda clássico, o PODEMOS vem de uma reflexão a partir do 15 M, com gente ligada ao 15M, mas nem sequer é gente central	0804 0805 0806 0807 0808 0809 0810 0811 0812] ;MOVIMENTOSSOCIAIS; ;MOVIMENTOSTRADICION;

do 15M. Que era, eles reduziram isso 0813
a uma, uma... intervenção da Bescansa, 0814
responsável dos estudos do PODEMOS e 0815
das sondagens, em que ela diz que 0816
verificámos que as fichas que 0817 ;MOVIMENTOSSOCIAIS;
ganhávamos no casino dos movimentos 0818
sociais e da sociedade não eram 0819
convertíveis no casino da política, 0820
portanto havia uma contradição entre 0821
a opinião das pessoas e a 0822
transformação dessa opinião em 0823
decisão política, no quadro então 0824
era necessário ir fazer uma 0825 ;MOVIMENTOSTRADICION; ;MOVIMENTOSSOCIAIS;
intervenção direta no quadro 0826
partidário e portanto... o AGIR, antes 0827
de ser AGIR, acabou por corresponder 0828
a uma série de iniciativas com muita 0829
gente do QSLT, uma coisa chamada 0830
"Podemos Falar", que trouxe cá três 0831
pessoas do PODEMOS à Barraca, a 0832
seguir começámos a organizar, já com 0833
nome, mudámos de nome para JUNTOS 0834
PODEMOS, começámos organizar uma 0835
assembleia cidadã, em que vieram 0836
gente do PODEMOS, com três ou quatro 0837
mesas fundamentais, e depois o que 0838
aconteceu foi que houve um processo 0839
de... isto é não eramos só nós que 0840
estávamos a observar a Espanha, 0841
havia muitos elementos da 0842
extrema-esquerda organizada que a 0843
estavam a observar e o que nós 0844
fizemos foi uma situação em que, 0845
pelo menos, de um partido político 0846
entraram organizadamente numa 0847
assembleia e portanto a 0848
desequilibraram e forçaram uma 0849
tomada de ... posição... que era 0850
contrária à tomada de decisão que 0851
tinham tomado em reunião do grupo 0852
prévio, isto é, nós reuníamos com 0853
pessoas que eram de vários partidos 0854
e de várias coisas e 0855
consensualizámos uma posição para 0856
apresentar, eles chegaram lá, 0857
apresentaram outra e lá e meteram 60 0858
gajos na sala conseguiram fazer 0859
passar... fizeram 20 intervenções 0860
seguidas, o que na prática prestaram 0861
pessoas que... e a essa altura os 0862
elementos da direção do JUNTOS 0863
PODEMOS que tinham sido eleitos 0864
nessa assembleia, 14 dos 21 0865
consideraram que não havia condições 0866
para prosseguir com o JUNTOS PODEMOS 0867
dado que... que não é possível fazer 0868
assembleias abertas de cidadãos sem 0869
um partido político organizado lá 0870

dentro a desequilibrar, e nessa 0871
altura parte de nós resolveu 0872
continuar essa experiência do 0873
PODEMOS e tentar criar uma forma, 0874
agora já não por assinaturas, por 0875
nada impossível... naquele tempo 0876
recolher assinaturas, tínhamos 0877
perdido seis meses num processo que 0878
tinha sido sabotado, e então fizemos 0879
um grupo chamado AGIR, em que 0880
procurámos ver nos partidos 0881
existentes se havia alguns pequenos 0882
partidos que pudessem...estar de 0883
acordo com esse programa mínimo, 0884
para nós era uma questão 0885
programática que era essencial e 0886
fundamental e esse programa mínimo 0887
consubstanciava-se e 0888
consubstancia-se em quatro pontos, 0889
no fundo todas elas a ver com a 0890
igualdade das pessoas perante a 0891
política, a economia e a sociedade e 0892
o combate à desigualdade disso, que 0893
é, não há democracia com corrupção. 0894
A corrupção não é uma questão de 0895
ladrões e de pessoas com... bandidos, 0896
mas é uma questão de proximidade 0897
muito grande do poder político, do 0898
poder económico, viver em paredes 0899
meias , trocar informações, terem 0900
laços de convívio, laços... de 0901
passagem profissional, o que torna, 0902
que há uma centralização de 0903
informação e de poder num grupo 0904
muito pequeno, portanto é preciso 0905
combater essa promiscuidade, essas 0906
placas giratórias, um segundo aspeto 0907
que é, as pessoas têm direito de 0908
escolher o modelo económico sobre o 0909
qual vivem, tem a ver com esta 0910
história do... sei lá do euro, da... de 0911
todas as decisões que tomam sobre 0912
nós sem nos consultarem, condiciona 0913
quatro ou cinco gerações... quer 0914
dizer... eles fazem o pacto, põe um 0915
pacto orçamental, né, aceitam o 0916
pacto orçamental, verificam que os 0917
orçamentos não podem passar dois, 0918
três por cento, meter isso no quadro 0919
legal, e portanto condicionam todas 0920
as gerações a ter que cumprir isso, 0921
quer dizer, fazem de uma ideologia 0922
um mecanismo internalizado na lei, 0923
ou se quiseres outra coisa que é, 0924
nós despachamos poderes de soberania 0925
para organismos não eleitos, 0926
organismos burocráticos, para os 0927
mercados, isto é... temos histórias 0928

;MOVIMENTOSTRADICION; ;MOVIMENTOSSOCIAIS;

como o TTIP XXX que...se nós fazemos 0929
greve, podemos ter que indemnizar a 0930
empresa que sofreu a greve, porque 0931
diz que do ponto de vista da 0932
concorrência, estamos a prejudicá-la. 0933
Há um conjunto de coisas que os 0934
mercados impuseram como regras, são 0935
regras políticas que eles estão a... 0936
sair da política e a determinar para 0937
bem delas. Finalmente, a defesa do 0938
Estado Social, outra questão, e a 0939
defesa de um Estado independente e 0940
forte, o que significa serviço de 0941
saúde pública, educação, justiça e 0942
segurança social, pelo menos estes 0943
quatro pilares e último pilar é a 0944
chamada democratização, conseguir 0945
somar as pessoas à democracia, 0946
aquelas que estão fora, 0947
permitir-lhes terem instrumentos de 0948
participação direta, seja o 0949
referendo direto, quer dizer hoje 0950
nós podemos recolher 75 mil 0951
assinaturas, mas é o parlamento que 0952
propõe ao Presidente da República a 0953
feitura de um... de um referendo, 0954
essas 75 mil assinaturas é apenas um 0955
agendamento, nós achamos que deve 0956
haver formas..., se o referendo 0957
estiver no quadro constitucional, 0958
haver formas da população 0959
diretamente pedir referendos locais 0960
e nacionais e seja o referendo 0961
revogatório, que é... todos os cargos 0962
políticos podem ser corridos caso 0963
haja uma percentagem elevada da 0964
população que peça um referendo 0965
sobre o seu cumprimento, o que 0966
impedia a facilidade com que as 0967
pessoas prometem coisas e que depois 0968
não vão, ahh... manifestamente 0969
cumprir. Depois, finalmente, o 0970
movimento... tem um posicionamento 0971
político diferente, no sentido que 0972
considera que embora a divisões 0973
esquerda/direita sejam divisões, 0974
seja um mapa histórico aceitável, 0975
elas não correspondem às 0976
contradições, não correspondem à 0977
realidade existente. Nós estamos, 0978
nós recuámos a um estado 0979
pré-democrático, em que a esquerda 0980
e a direita é uma forma de nos 0981
dividirem, não uma forma de nos 0982
expressarmos na divergência social. 0983
Quer dizer que 80 por cento da 0984
população sofre do mesmo problema e 0985
no entanto ela tem identidades 0986

;MOVIMENTOSSOCIAIS; ;MOVIMENTOSTRADICION;

;MOVIMENTOSTRADICION; ;MOVIMENTOSSOCIAIS; ;LUTA DE CLASSES;

diferentes, uns são de esquerda,	0987	
outros são de direita, outros são do	0988	
Benfica ou acham que isso não tem	0989	
nada a ver. Importante quer dizer	0990	
nós referenciamos-nos não como	0991	
movimento, estamos fora do eixo	0992	
esquerda/direita. Considerando que o	0993	
eixo esquerda/ direita não é para	0994	
aqui chamado. E portanto é mais ou	0995	
menos isso...	0996	
E – Qual a sua opinião sobre a luta de	0998	
classes, neste contexto?	0999	
N – Ahhh... É aquela coisa, “eu não	1001	
acredito em bruxas, mas que las aí,	1002	
las aí”, eu, eu acho que a questão	1003	
também é uma questão de mapeamento.	1004	
é o conceito de classe social, que	1005	
não é originária de Marx, mas que	1006	
depois os marxistas colocam , é um	1007	
conceito muito atual e muito	1008	
atuante. O que eu, o que eu posso	1009	
talvez discutir é que acho que, não	1010	:LUTA DE CLASSES;
basta tar numa situação social para	1011	
ter uma posição determinada, a	1012	
situação social é um dado importante	1013	
para tu tomares uma posição sobre	1014	
essa realidade, mas as posições sobre	1015	
a realidade fazem-se pela aceitação	1016	
de um discurso, ou como diria o	1017	
nosso ex-Primeiro Ministro, uma	1018	
narrativa, que...é preciso que as	1019	
pessoas não só estejam numa situação	1020	
social como tenham consciência que	1021	
estão nessa situação social com	1022	
outros e como têm consciência que	1023	
estão com outros têm um discurso de	1024	
força em relação ao que devem fazer	1025	
em conjunto, uma espécie de sentido	1026	
partilhado, não é? E, e, portanto,	1027	
acho que de alguma forma as questões	1028	
de classe, sendo questões	1029	
importantes do ponto de vista de	1030	
identidade, são questões para terem...	1031	
serem actuaentes do ponto de vista	1032	
político precisam de muitas outras	1033	
coisas. E também, as formas como as	1034	
classes foram construídas,	1035	
nomeadamente os critérios de classes	1036	:LUTA DE CLASSES;
do marxismo são, hoje, bastante	1037	
complicados no atual estado da	1038	
economia, nós temos por um lado uma	1039	
pauperização muito grande da	1040	
situação em geral, temos engenheiros	1041	
a ganhar 500 euros, temos gente que	1042	
supostamente estaria na formação da	1043	
classe média-alta completamente	1044	

precarizada, por outro lado temos um 1045
capitalismo em que não é apenas o 1046
capitalismo dos acionistas ou dos 1047
proprietários, mas também é dos 1048
grandes administradores tipos que 1049
levam milhões, e que não sei quê, e 1050
que também são assalariados, quer 1051
dizer, aquilo que era o antigo 1052
conceito de classe, que era...o membro 1053
da classe operária, aquele que 1054
produz mais-valia, produz mais 1055
valia, pensa mais-valia, apropriada 1056
pelo capital, é de alguma forma 1057
bastante alterado, porque isso 1058
baseava-se, sei lá, baseava-se em 1059
várias ideias que hoje são 1060
discutíveis. Primeiro... que só... que 1061
os serviços não produziam 1062
mais-valia, só...portanto a produção 1063
de mais-valia estava associada à 1064
atividade industrial e à atividade 1065
agrícola, que é um bocado uma 1066
herança do fisiocratismo, de haver 1067
uma criação de valor que está 1068
associada a uma coisa material e 1069
hoje há um conjunto de trabalhos 1070
imateriais ou um conjunto de coisas 1071
que são iner... que não podem ser 1072
tirados do resto da sociedade, 1073
espero, não existe... um gajo diz ahhh 1074
não... há um capitalismo produtivo e 1075
um capitalismo financeiro, não, os 1076
dois existem juntos. Não existe um 1077
bom e um mau... lógica é assim, né? 1078
Sem um, beneficia o outro. E a mesma 1079
história se verifica em relação à 1080
população, eu acho que a questão 1081
mais importante hoje para além das 1082
classes é a posição das pessoas 1083
perante o poder. O seu afastamento, 1084
haver uma elite muito pequena que 1085
domina do ponto de vista político e 1086
financeiro, económico, e haver um 1087
conjunto de pessoas que são 1088
prejudicadas e que são a grande 1089
maioria da população, que têm 1090
identidades diferentes, têm classes 1091
diferentes, mas que estão na mesma 1092
posição de subalternidade perante 1093
este, perante esta, perante esta 1094
casta e esta elite. E 1095
portanto, respondendo finalmente, 1096
acho que a análise de classes é uma 1097
análise fundamental, mas precisa de 1098
ter algum “upgrade”. 1099

E – Qual é a sua relação com as novas 1101
tecnologias da informação? 1102

:LUTA DE CLASSES:

N- A minha relação? Não programo, mas sou utilizador, sim, utilizador regular. Redes sociais e tudo o que ... tudo e mais um bola, tudo o que possas imaginar...(risos)	1104 1105 1106 1107 1108] ;COMPETÊNCIASTECNOL;
E- Qual o papel desempenhado pelos jornalistas e pelos mass media em geral, neste tema atualmente?	1110 1111 1112	
N – Acho que...Acho que há obviamente uma relação na informação. A comunicação mediada por computador alterou muitas das coisas, vê-se isso na comunicação social, ahhh...de alguma forma a mediação jornalística perdeu o peso, há uma multiplicação dos canais,há uma multiplicação das coisas, embora ache que o jornalismo se fosse de qualidade continua a ter um papel distintivo que qualquer cidadão que escreva umas coisas, que não está sujeito às mesmas regras, não está sujeito ao mesmo tipo de trabalho , ao mesmo controle de qualidade, mas acho que obviamente que há uma alteração substancial do panorama de comunicação com as redes sociais, com a internet, tudo isso é uma verdade, mas também é verdade quando eu quero amplificar qualquer coisa, eu posso criar a onda na internet, posso prepará-la, mas ela só ganha dimensão se for acelerada pela comunicação social tradicional, nomeadamente p'la televisão. A televisão continua a ser o veículo mais poderoso de ampliar as coisas, agora é verdade que ela só amplia aquilo que já tem um certo peso, isto é “fora do mainstream”, o mainstream, eles podem dar a distrital do PSD, do PS, fazerem aquelas merdinhas todas que fazem, mas depois, quer dizer, uma coisa que venha de fora tem que já criar muita coisa nas redes sociais, ter essa capacidade de ganhar peso.	1114 1115 1116 1117 1118 1119 1120 1121 1122 1123 1124 1125 1126 1127 1128 1129 1130 1131 1132 1133 1134 1135 1136 1137 1138 1139 1140 1141 1142 1143 1144 1145 1146 1147 1148 1149 1150 1151] ;INTERNETEMOBILIZAÇ; ;JORNALISMOOCS;
E – Então as fontes institucionalizadas, digamos assim, ou institucionais de informação...	1153 1154 1155	
N – Ainda são importantes, sim. Ainda são importantes.	1157 1158	
E – Considera importante a utilização	1160	

chamada (The Rank / Run Corporation 1219
XXX sobre as guerras de internet, 1220
começa a abordar esta questão, na 1221
mesma maneira estes movimentos 1222
sociais todos, têm muito, têm muito, 1223
ganham muitas coisas com a internet, 1224
mas se ganharam muitas coisas com a 1225
internet e outras são, são 1226
complicadas. A nossa dependência do 1227
Facebook, que é uma rede obviamente 1228
proprietária, com gente que pode te 1229
mandar fora, e não sei quê, o facto 1230
deles darem todas as informações às 1231
autoridades, hoje qualquer ditadura 1232
podia liquidar rapidamente, imagina 1233
que..., isto é a teoria da 1234
conspiração, mas quer dizer não é 1235
prático, mas imagina que num país 1236
qualquer se instaura uma ditadura 1237
num país que foi democrático, e que 1238
há uma contestação dessa ditadura, 1239
rapidamente o aparelho de repressão 1240
podiam anular, isso bastava cruzar 1241
os teus amigos no Facebook, já nem é 1242
preciso mais nada, quer dizer, 1243
aqueles, limpavam-te os amigos do 1244
Facebook e certamente no meio 1245
daqueles haveriam de estar os tipos 1246
que lá estavam. Hoje, quer dizer, 1247
tu deixas rasto digital em todo o 1248
lado... tudo o que é... potencialmente 1249
também uma forma de comunicação, 1250
também, potencialmente pode ser uma 1251
forma de vigilância. E portanto eu 1252
acho que as redes sociais são 1253
fundamentais, não podemos viver sem 1254
elas, acho que as devemos utilizar o 1255
melhor possível, mas não devemos 1256
ignorar que elas, ...a própria 1257
tecnologia no seu formato, ela não é 1258
totalmente inóqua, isto é, não a 1259
consigo formatar para tudo o que eu 1260
quero, ela também me formata. Há um... 1261
para voltar... já que estás no ISCTE, 1262
para voltar a um exemplo de um 1263
sociólogo, há um... trabalhos do 1264
Siemel que são muito interessantes 1265
sobre isso, quando ele fala dos 1266
números diz que um gajo decide 1267
sozinho, dois têm que 1268
consensualizar, três há uma maioria 1269
e minoria, isto é, há aspetos da 1270
tecnologia que eles próprios 1271
formatam que condicionam a 1272
comunicação, nomeadamente o 1273
facebook, a sua lógica, embora 1274
facilite muita coisa, também 1275
dificulta outras coisas, os próprios 1276

] :INTERNETE MOV SOC; :MEIOS E EXPRESSÃO;

] :INTERNETE MOV SOC;

] :INTERNETE MOV SOC;

algoritmos vão mudando conforme uma política comercial de uma organização. Portanto, finalmente, para dizer isto, quer dizer, que acho que sim, todos esses aparelhos de comunicação são fundamentais. Mas temos que ter cuidado, temos de construir formas de ação que não estejam apenas aos formatos da tecnologia.	1277 1278 1279 1280 1281 1282 1283 1284 1285 1286] ;INTERNETE MOVSOC;
E – Mas o QSLT surge exatamente com base, com essa base digital...	1288 1289	
N – O QSLT, o QSLT utiliza os meios de comunicação digitais, como todos os movimentos sociais recentes, não é, não vejo nenhum que utilize os sinais de fumo e utiliza-os para tentar potenciar a chegada à população, a participação dela, a criação de redes que se vão expandindo, e simultaneamente chegar aos meios de comunicação tradicional e ampliar o sinal, mas nós temos a nítida percepção que as redes sociais sozinhas não bastam para organizar coisas, nós precisamos de ter realidade no terreno, redes sociais, meios de comunicação..., chegar aos outros meios de comunicação, fazer explodir a mensagem e depois atuar. Mas sim, usamos isso. Usávamos e usamos.	1291 1292 1293 1294 1295 1296 1297 1298 1299 1300 1301 1302 1303 1304 1305 1306 1307 1308 1309 1310] ;INTERNETE MOVSOC; ;IDENTIDADE COLET.; ;MEIOSE EXPRESSÃO; ...
E – E normalmente esses meios são os meios que utilizam para a mobilização?	1312 1313 1314	
N- Sim. Até porque são gratuitos na maior parte dos casos, né? Tirando...aquilo que tu pagas de internet, que não é pouco, mas... são gratuitos na maior parte dos casos, sim.	1316 1317 1318 1319 1320 1321] ;INTERNETE MOVSOC; ;MEIOSE EXPRESSÃO;
E- Das grandes manifestações que...	1323	
N- Da mobilização e da organização. Mas isso também tem problemas, tás a ver? Um dos problemas que nós...nunca conseguimos ultrapassar é a existência das mailing lists. As pessoas não... As mailing lists do meu ponto de vista, eu sempre fui contra, potenciam divergência nas organizações, porque as pessoas funcionam como os motoristas de	1325 1326 1327 1328 1329 1330 1331 1332 1333 1334	

carro com muito trânsito, têm uma 1335
barreira, ouvem um bocadinho mal o 1336
que o outro gajo diz e respondem na 1337
cadência acima. O que acontece com 1338
as mailing lists é que como tens 1339
muita gente numa mailing list, 1340
queres discutir qualquer coisa, a 1341
certa altura está tudo aos berros 1342
uns com os outros e tudo a arranjar 1343
questiunclas , portanto, isto é, nós 1344
usamos isso, usamos a mailing list, 1345
tentámos o (N-1) que era uma 1346
ferramenta...de grupos do 15M e dos 1347
espanhóis. Há malta que tentou uma 1348
ferramenta italiana, os gajos que 1349
ficaram depois de nós sairmos do 1350
JUNTOS PODEMOS, tentaram uma 1351
ferramenta italiana dos gajos do 1352
Beppe Grillo como forma de 1353
organização, pá, mas todas essas 1354
ferramentas têm, têm problemas, um 1355
dos problemas fundamentais é que nem 1356
sempre o ativismo...os bons ativistas 1357
têm o mesmo tipo de literacia, isto 1358
é conhecimento tecnológico, que os 1359
tecnólogos, não é? Quer dizer, e 1360
isso limita-te, também o poder das 1361
pessoas de participação. Há nas 1362
pessoas uma resistência, e uma curva 1363
de aprendizagem, que às vezes 1364
dificulta a sua participação, mas eu 1365
acho que tudo isso é importante, 1366
isto é, uma das coisas interessantes 1367
do PODEMOS foi essa, esse trabalho, 1368
eles tinham, têm um grupo de malta 1369
de internet que dava cursos, que 1370
tentava, usavam o (Reditu), usavam o 1371
(Lomo), ou como é que isso se chama, 1372
como formas de conseguir potenciar a 1373
participação na internet e acho que 1374
isso é fundamental e continua a ser 1375
fundamental. 1376

;INTERNETEMOVSO; ;MEIOS E EXPRESSÃO;

;COMPETÊNCIA TECNOL;

E- Agora, reportando à manifestação 1378
“Rios ao Carmo” 1379

N- Sim. 1381

E- Como surgiu a ideia e qual o nível 1383
de participação do QSLT e do Nuno 1384
Ramos de Almeida? 1385

N- Bom...o meu nível de participação no 1387
“Rios ao Carmo” foi basicamente 1388
participar nas reuniões do QSLT que 1389
se fizeram sobre os “Rios ao Carmo”, 1390
em que havia pessoas do QSLT que iam 1391
às reuniões do... do “Rios ao Carmo”, 1392

;MANIFESTAÇÕES;

e... e... ter ido ao “Rios ao Carmo”. A 1393
minha participação é muito pequena. 1394
Na altura, eu estava com outra gente 1395
do QSLT a tentar propor uma outra 1396
atividade, que era uma manifestação 1397
que se iria realizar no dia de 1398
reflexão das eleições. Que não 1399
passou no QSLT, porque a gente 1400
funciona por consenso... e... portanto 1401
houve uma..., nós dividimo-nos sobre 1402
isso. E portanto, ela não, não 1403
andou. Os “Rios ao Carmo” daquilo 1404
que eu sei e conheço, foi uma 1405
iniciativa que partiu muito mais de 1406
setores ditos anarquistas do que 1407
propriamente do QSLT, ahahahh, no 1408
sentido que... acho que aquilo teve 1409
como base uma série de ativistas 1410
ligados entre a Casa da Achada e o 1411
RDA e nós participámos porque houve 1412
vários outros setores de ativistas 1413
que se agruparam e foram organizando 1414
os seus próprios grupos, mas até a 1415
sua forma de funcionamento, ahahahh, 1416
tinha muito mais a ver com a lógica 1417
desses ativistas que a nossa, por 1418
exemplo, as manifestações não foram 1419
comunicadas, nós não... nós não 1420
achamos que as manifestações sejam 1421
passíveis de autorização, elas são 1422
por constituição previamente 1423
autorizadas. Mas também não achamos 1424
que percamos, que vamos perder, 1425
enfim, a honra por as comunicar às 1426
câmaras municipais como a legislação 1427
prevê, que devem ser comunicadas, 1428
até por questões de trânsito, que 1429
nós comunicamos essas... as 1430
manifestações que fazemos, chegamos 1431
lá, comunicamos. É uma matriz dos 1432
movimentos, do movimento anarquista, 1433
não as comunicam, portanto, essa não 1434
foi comunicada. As comunicações para 1435
a comunicação social, portanto nós 1436
usamos a comunicação social, usamos 1437
isto é...usamos porta-vozes, pessoas 1438
que falam, comunicados de imprensa, 1439
até chegarmos até à comunicação 1440
social e eles consideraram que era... 1441
que não era positivo... a comunicação 1442
social, que ela em si tocava, 1443
perigo, iéiéié, e tal... acabava por 1444
pôr a mensagem mais reduzida, e, 1445
portanto, não houve nenhum trabalho 1446
digno de nota na comunicação social 1447
e do meu ponto de vista, isso teve 1448
repercussão na mobilização de facto. 1449
Estavam lá os ativistas, dos vários 1450

;MANIFESTAÇÕES; ORGANIZAÇÃO E RECURS;

grupos, portanto estavam p'rá aí 1451
1000 pessoas, 1500, 2000 pessoas, o 1452
largo do Carmo é uma coisa pequena, 1453
portanto aquilo foi uma festa, foi 1454
engraçado do ponto de vista da 1455
festa, mas do ponto de vista da 1456
mobilização popular e do 1457
conhecimento da população, daquilo 1458
que aquela manifestação existia, 1459
acho que foi praticamente impotente, 1460
e portanto, se queres que te diga, é 1461
assim, a minha participação dá-se 1462
assim que nós aprovamos que vamos 1463
participar, há um conjunto de 1464
ativistas do QSLT que participam 1465
diretamente no... na organização da... 1466
na orgânica própria de discussão da 1467
manifestação com outros grupos, nós 1468
fazemos um rio com outra gente na 1469
Rua do Século, mas eu não participo 1470
diretamente na... nem nesse grupo que 1471
discute lá, nem sequer participo 1472
mais do que as ajudas que podemos 1473
dar, ajudámos a colar, ajudámos a... e 1474
irmos lá. Não fiz muito mais do 1475
queisso. 1476

Legenda: 1480

XXX - Palavra imperceptível na 1482
gravação; 1483

() - Palavra entre parêntesis 1485
significa que não há certeza por 1486
motivos de ruído, entoação, não ser 1487
audível na gravação 1488

Entrevistado Nuno Ramos de Almeida 1490
Data 1491

Local Café jardim Quinta das Conchas 1493

ANEXO F – ENTREVISTA DENTRO DE TI Ó CIDADE

Entrevista Dentro de Ti O Cidade 1

Out 09, 2016 05:31

Page 1

E - Qual é a sua idade?	0001	
R5 - 36	0003] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - Qual a profissão?	0005	
R5 - Sou... Engenheira Florestal	0007] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - Onde é que vives?	0009	
R5 - Aveiro	0011] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - O que é que fazes aqui?	0013	
R5 - Ahh... deixei Lisboa há pouco tempo, vim a este acontecimento onde a minha irmã está envolvida e ela também faz anos... juntou-se tudo... vim festejar.	0015 0016 0017 0018 0019] ;MOTIVAÇÕESINDIVID; ;MANIFESTAÇÕES;
E - É a primeira vez que vem a um acontecimento destes?	0021 0022	
R5 - Não. Não.	0024	
E - Tens vindo a outros deste movimento?	0026 0027	
R5 - Sim, deste e de outros.	0029] ;BACKGROUNDDEEXPERIÉ;
E - Qual é que é a tua emoção. O que sentes agora?	0031 0032	
R5 - Sinto, sinto-me emocionada e... sinto que... isto é uma obrigação nossa e que é preciso continuar.	0034 0035 0036] ;MOTIVAÇÕESINDIVID;
E - Como tomaste conhecimento desta, deste evento?	0038 0039	
R5 - Através da minha irmã	0041] ;INTERNETEMOBILIZAÇ;
E - Pertences a algum grupo?	0043	
R5 - Não.	0045] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - Formal ou informal?	0047	
R5 - Informal	0049	
E - Informal?	0051	
R5 - A minha irmã é partidária e eu vou acompanhando...	0053 0054] ;IDENTIDADEINDIVID;
E - De que partido é ela?	0056	
R5 - Partido Comunista	0058] ;IDENTIDADEINDIVID;

Entrevista Dentro de Ti O Cidade 1

Out 09, 2016 05:31

Page 2

E - Informalmente acompanhas a tua irmã?	0060 0061	
R5 - Acompanhamento as iniciativas do partido, sim.	0063 0064] ;INTERNETE MOBILIZAÇ;
E - És ativista de alguma causa? Pertences a algum grupo especificamente na internet, ou outro tipo de plataforma?	0066 0067 0068 0069	
R5 - Não, não pertenço a nenhum grupo na internet nem a nenhuma plataforma. Sou ativista nos assuntos em que acredito, tal como políticos, tal como... eu por exemplo não como carne, e o que acredito tento incentivar os outros.	0071 0072 0073 0074 0075 0076 0077] ;IDENTIDADE INDIVID;
E - O que é que devias e o que não devias fazer? O que fazes aqui e o que não vais fazer?	0079 0080 0081	
R5 - Faço aqui é ajudar, de certa forma, os que ajudam a montar estas iniciativas, é dar apoio e depois é passar a mensagem às pessoas que... em meu entender estão menos bem informados mas que estão recetivas a ouvir.	0083 0084 0085 0086 0087 0088 0089] ;MANIFESTAÇÕES; ;MOTIVAÇÕES INDIVID;
E - O que é que não deves fazer quando estás neste tipo de coisas?	0091 0092	
R5 - Nestes acontecimentos? Não devo ser intolerante. Não devo ser preconceituosa., e... devo aceitar pessoas que têm pensamentos divergentes.	0094 0095 0096 0097 0098] ;MOTIVAÇÕES INDIVID;
E - Tens telemóvel? Costumas usar?	0100	
R5 - Sim.	0102	
E - Tiraste fotos?	0104	
R5 - Não.	0106	
E - Ou vídeos, ou outro tipo... enviaste sms para comunicar com alguém aqui?	0108 0109	
R5 - Não	0111	
E - Costumas fazê-lo. Costumas tirar fotografias e publicar em algumas plataformas online? Costumas usar algum tipo de rede social?	0113 0114 0115 0116	

Entrevista Dentro de Ti O Cidade 1

Out 09, 2016 05:31

Page 3

R5 - A nível político não, devido ... à... ao meu trabalho. Devido ao facto de trabalhar para uma grande empresa que tem uma vertente política diferente. Tento proteger-me.	0118 0119 0120 0121 0122] ;INTERNETE MOBILIZAÇ;
E - Por isso não deves manifestar-te?	0124	
R5 - Se calhar devia, mas como tenho uma situação precária, não devia.	0126 0127] ;INTERNETE MOBILIZAÇ;
E - É multinacional a tua empresa?	0129	
R5 - Ahh...é do PSI 20	0131	
E - Cotada na bolsa?	0133	
R5- Muito bem cotada.	0135	
E - Combinaste com amigos e com companheiros aqui?	0137 0138	
R5 - Sim.	0140	
E- Como é que combinaste com eles?	0142	
R5 - Telefonemas...	0144] ;INTERNETE MOBILIZAÇ;
E - Pronto é só isso. Obrigado	0146	
R5 - Obrigada	0148	

ANEXO G – ENTREVISTA PEDRO PENILO

Entrevista Pedro Penilo

Out 09, 2016 05:33

Page 1

E- Ahh...então preparei aqui um guião,	0001	
PP- Sim	0003	
E- Primeiro, ahh... é só um guião	0005	
mas...não é propriamente uma	0006	
pergunta-resposta. É para irmos	0007	
falando, conversando sobre vários,	0008	
sobre estes assuntos.	0009	
PP- Sim, claro.	0011	
E- Ativista ou militante?	0013	
PP – Uaahh... eu não sei...se...poderia	0015	
escolher uma...ehh...das duas coisas...,	0016	
não...quer dizer...eu percebo a	0017	
diferença entre as duas palavras,	0018	
mas... Eu sou um militante. Sou um	0019] ;IDENTIDADEINDIV.;
militante de um partido. Sou uma	0020	
pessoa comunista. Portanto, digamos	0021	
que a palavra militante é-me mais	0022	
próxima...Mas a verdade é que...não é	0023	
possível...uhh ser-se militante... ehhe...	0024	
a própria ideia de militante implica	0025	
necessariamente a ideia de	0026	
ativista...ehh...talvez...e... o contrário	0027	
talvez seja verdade...quer dizer...	0028	
talvez possa entender a palavra	0029	
militante como uma espécie de	0030	
ativismo, mais comprometido, mais	0031	
disciplinado. Necessariamente	0032	
associa-se normalmente a uma	0033	
organização, a um partido...O	0034	
ativismo, a palavra "Ativismo", não.	0035	
Eu penso que me identifico com	0036	
ambas. E... nunca...do que eu conheço da	0037	
minha vida, nunca deixei de ser as	0038	
duas coisas.	0039	
E- Há quanto tempo participa em	0041	
atividades desta natureza?	0042	
Que...envolve o manifesto?	0043	
PP – Estamos a falar do manifesto? Da	0045	
atividade no manifesto?	0046	
E – Mas de... todas as outras, que	0048	
também, anteriormente tem	0049	
desenvolvido a nível político.	0050	
PP – Eu...ahhh...portanto...nasci em 1964 e	0052] ;IDENTIDADEINDIV.; ;25 DE ABRIL.;
quando veio o 25 de abril...ehhh...eu	0053	
tinha 10 anos. E... ahhh...a minha	0054	
família...ahh...na altura...ahh...era...ehh...,	0055	
enfim, gente muito empenhada	0056	
politicamente...ehh...eram na altura,	0057	
quase todos, à altura do 25 de	0058	

Entrevista Pedro Penilo

Out 09, 2016 05:33

Page 3

essa experiência?	0117	
PP- Ahh Quer falar disso agora?	0119	
(risos) É uma conversa longa... Foi um	0120	
corte na minha vida, porque eu era	0121	
uma pessoa muito, muito, portanto a	0122	
atividade política era uma coisa	0123	
diária, né?, constante, absorvia	0124	
muitas das minhas energias, quando	0125	
eu... a certa altura tomei a decisão,	0126	
de... continuar os meus estudos,	0127	
porque eu tive um momento...entre 70...	0128	;IDENTIDADEINDIV.;
no fim da António Arroio em que	0129	
decidi começar a trabalhar e não	0130	
pensava prosseguir..., eu era...portanto	0131	
artista plástico...era essa ...mais ou	0132	
menos...a minha, aquilo em que, a	0133	
maneira como podia definir a minha	0134	
atividade profissional...entre o	0135	
designer gráfico e o desenhador, o	0136	
pintor, o criativo do... publicitário,	0137	
ahh e então, a certa altura, quis	0138	
continuar os estudos, quis investir	0139	
nessa, nos estudos, senti que isso	0140	
era importante, eh e percebi, tinha	0141	
amigos a estudar, na altura, na	0142	
Checoslováquia, tive oportunidade,	0143	
ahhh... de poder visitar a	0144	
Checoslováquia antes de tomar a	0145	
decisão. Visitei esses amigos,	0146	
estive num ambiente universitário,	0147	
conheci as condições em que se vivia.	0148	
Fiquei entusiasmado com a ideia.	0149	
Senti que pra mim foi, de certa	0150	
forma, também uma necessidade	0151	
de...algum..., de alguma tranquilidade	0152	
que eu não tinha, por causa de de,	0153	
enfim, da própria atividade	0154	
política, da rotina que em Lisboa	0155	
tinha, tinha a necessidade de	0156	
quebrar essa rotina e, portanto, foi	0157	
uma maneira de encontrar alguma paz,	0158	
ehh para, para poder dedicar-me	0159	
inteiramente aos estudos académicos.	0160	
Eu sentia que isso era importante,	0161	
porque, antes disso, é preciso	0162	
dizer, porque na altura ainda havia	0163	
serviço militar obrigatório, eu	0164	
tinha estado dois anos na marinha, e	0165	
isso também significou um corte na	0166	
minha vida e com essa rotina e eu aí	0167	
pude perceber que...que esse corte	0168	
podia ser importante para ganhar uma	0169	
outra dimensão que me fazia falta.	0170	
Ahhh, bom, apanhei, fui para Praga,	0171	;IDENTIDADEINDIV.;
em Setembro de 88, dia seguinte ao	0172	
incêndio do Chiado, a... portanto 88,	0173	
fiz primeiro ano estive a aprender a	0174	

Entrevista Pedro Penilo

Out 09, 2016 05:33

Page 4

língua checa, era uma condição, era 0175
bolseiro, portanto para estudar, na 0176
altura, tinha que se estudar em 0177
checo, portanto todos os bolseiros, 0178
todos os estudantes passavam por um 0179
primeiro ano de aprendizagem da 0180
língua, no caso dos cursos 0181
artísticos havia lugar a um exame de 0182
admissão, eu fiz esse exame de 0183
admissão, passei o exame, e 0184
portanto, no segundo ano da minha 0185
estadia em Praga entrei para a 0186
academia de Artes Plásticas de 0187
Praga. Estive, este foi o ano de 89 0188
e, portanto, tive alguns meses no 0189
primeiro ano nessa academia, 0190
entretanto dá-se a quebra, a queda 0191
do muro, acontece em Praga aquela 0192
manifestação de estudantes que 0193
depois dá origem à queda...ao colapso 0194
do regime...a minha escola fica parada 0195
quase meio ano em greve...e depois não 0196
apenas em greve, mas porque o 0197
próprio processo, a alteração 0198
política da sociedade...ehhh fez com 0199
que a escola tivesse ela própria de 0200
transformar, portanto, houve um 0201
processo liderado por estudantes de 0202
transformação da própria escola, o 0203
que significou que eu praticamente 0204
quase não tive aulas metade do ano, 0205
entre..., portanto Dezembro, de 0206
Dezembro talvez a Abril do ano 0207
seguinte ahhh foi digamos momento de 0208
paralisação da escola, atividade 0209
política e...enfim outras coisas...entre 0210
fazer amigos, também estava num 0211
momento diferente, estava no 0212
primeiro ano estava rodeado de gente 0213
nova, portanto foi também um momento 0214
para conhecer os meus colegas 0215
decurso e até de discussão política 0216
também porque eram duas realidades, 0217
eles sabiam que eu era comunista...e 0218
isso passava por ser também 0219
interessante, estando alguns, muitos 0220
deles empenhados digamos, ahh 0221
no...na...naquele processo ...de... de... que 0222
era inicialmente um processo 0223
relativamente ambíguo, né? Não era 0224
na... , na altura as exigências que 0225
se faziam eram muito diferentes 0226
daquelas que depois passaram, que 0227
foram tornando, à medida que o 0228
processo foi avançando, de qualquer 0229
forma, enfim, entre a rejeição, 0230
dos...ahh... entre o anti-comunismo 0231
doméstico e depois as conversas 0232

comigo, havia um processo 0233
interessante de conversas e de 0234
compreensão de uma série de 0235
questões, das minhas razões também, 0236
do lugar donde eu vinha, etc...ehhh 0237
depois portanto tudo o resto da 0238
minha permanência, o curso era...era 0239
um curso longo, na prática era um 0240
mestrado de uma só vez, não é? 0241
Portanto foram 7 anos de curso, ahh 0242
e... e depois de terminar o meu curso, 0243
ao contrário do que eram as minhas 0244
expectativas iniciais, que eram 0245
iniciar regressar imediatamente a 0246
Portugal, ainda aproveitei, ainda 0247
fiquei dois anos em Praga para poder 0248
também aproveitar, enfim, terminei 0249
bem o curso, tinha alguns convites 0250
para exposição, estava bastante bem 0251
integrado na sociedade checa, e, 0252
portanto, quis aproveitar isso 0253
também, não sair de lá apenas com o 0254
meu vínculo académico e, portanto, 0255
fiquei ainda dois anos a trabalhar, 0256
trabalhei, tive de trabalhar em 0257
publicidade que era a única maneira 0258
de permane...conseguir permanecer lá e 0259
paralelamente ia fazendo as 0260
exposições que..., os trabalhos, os 0261
projetos que , para os quais era 0262
convidado, e pronto e depois a certa 0263
altura achei que era uma altura de 0264
voltar, por razões variadas, 0265
afetivas, ahhh, o clima...tudo aquilo 0266
que a gente normalmente sabe, aqui 0267
é..., mesmo o tipo de vida social, 0268
difícil para um português e 0269
sobretudo para uma pessoa tão 0270
habituada a uma vida tão, do ponto 0271
de vista social tão ativa, tão 0272
variada, não é? E portanto, acabei 0273
por ao fim de dez anos de regressar 0274
a Portugal. 0275

;IDENTIDADE INDIV.;

;IDENTIDADE INDIV.;

E- Tenho aqui um excerto de um texto 0277
do Rancière, que diz assim, 0278
(Rancière, Estética e Política. A 0279
Partilha do sensível, 2010, Dafne, 0280
p. 75) "Um artista engagé é-o pela 0281
sua pessoa e, eventualmente, pelos 0282
seus escritos, pelas suas pinturas, 0283
pelos seus filmes, que colaboram com 0284
um certo tipo de combate político. 0285
Podemos falar de um artista engagé, 0286
mas que sentido tem falar de uma 0287
arte engagé? O engagement não é uma 0288
categoria da arte. O que não quer 0289
dizer que a arte seja apolítica, mas 0290

Entrevista Pedro Penilo

Out 09, 2016 05:33

Page 6

que a estética tem uma política - ou	0291
uma metapolítica - que lhe é	0292
própria."	0293
E - se calhar vou utilizar este	0295
excerto...	0296
PP – Posso ler? Assim tenho mais	0298
facilidade...	0299
E – A minha questão, agora, posto este	0301
excerto, qual a relação entre a sua	0302
atividade profissional, enquanto	0303
artista plástico, e a sua atividade	0304
política, são coisas separadas, são	0305
a mesma coisa? Como é que articula	0306
essas duas coisas?	0307
PP- Sim. Eu acho que...a forma	0309
como...aquilo que é a Arte e aquilo	0310
que é a ação política ou a forma de	0311
ser político, política, e a relação	0312
entre estas coisas são, ahhh	0313
permitem uma miríade de situações.	0314
Ahhh... a minha relação com a Arte foi	0315
sempre uma relação complicada,	0316
porque eu sentia até determinado	0317
momento da minha vida, tendo como	0318
referência outras pessoas, e	0319
situando-me, nós estamos habituados	0320
a pensar que aquilo que estudamos é	0321
aquilo que nos baliza a nossa	0322
atividade, e então sente-se por	0323
referência essa ima..., forma imatura,	0324
esse esse balizamento e a referência	0325
do que é que era um artista	0326
plástico, tendo como referência do	0327
que é que era um artista plástico,	0328
tendo como referência outras	0329
pessoas, eu sentia, ah, ah, a arte,	0330
as artes plásticas, como uma "camisa	0331
de forças", como qualquer coisa que	0332
não me , não me, para a qual eu não	0333
estava fadado e via nisso um	0334
problema meu, falta de disciplina,	0335
uma falta de empenhamento ou de	0336
interesse. Eu não concebia ser	0337
artista plástico como os outros	0338
eram. Com a ação política a coisa	0339
era um bocadinho diferente, porque	0340
esse...enfim, talvez ou porque esse	0341
balizamento não existia ou por tendo	0342
começado mais...de uma forma...	0343
uhmm...mais cedo...ou talvez de uma	0344
forma mais consciente, também	0345
provavelmente atingi a maturidade	0346
mais cedo, ah, sim, esse problema	0347
não se-me punha, quer dizer, que a	0348

política faz parte de todas as 0349
coisas é uma evidência, outra coisa 0350
é ter a consciência dessa 0351
politicidade das coisas e 0352
depois...tomar a decisão absolutamente 0353
livre de...agir de acordo com essa 0354
consciência. Ahhh... eu penso que esta 0355
dificuldade que às vezes parece 0356
existir na relação entre Arte e 0357
Política é porque estranhamente, 0358
apesar da grande liberdade que o 0359
século XX trouxe à Arte, parece 0360
continuar a existir uma série de ... 0361
preconceitos...que, que na verdade a 0362
Arte em certa medida também se 0363
academizou muito, ela é neste 0364
momento, do ponto de vista da forma 0365
muito livre, chegou, chegamos às 0366
vezes a ter a sensação que ela já 0367
experimentou tudo, mas na verdade, 0368
essa...a dificuldade com que é muitas 0369
vezes perseguida a relação de Arte 0370
com ação política demonstra ela 0371
própria um conceito muito grande. Na 0372
verdade, a... a ação de alguém que 0373
produz arte tem um terreno, um 0374
terreno fértil, e esse terreno é 0375
tudo o que aquela pessoa constitui, 0376
ahhh e portanto não deveria haver 0377
problema nenhum com o facto de de 0378
que...ahhh...nesse produto que chamamos 0379
Arte surja uma intenção que é 0380
política. Aliás, depois há, 0381
curiosamente, depois põem-se 0382
problemas diferentes porque estamos 0383
a falar de uma arte que envolve 0384
narrativa, porque as há, obviamente, 0385
a literatura, a banda desenhada ou 0386
outros, estamos a falar de música 0387
por exemplo, há artes que são, que 0388
têm, uma das suas tradições é 0389
profundamente..., é profundamente 0390
abstrata. O que eu quero dizer é que 0391
em relação ao meupercurso 0392
artístico,eu, foi em Praga e por via 0393
da transformação da minha escola, 0394
que eu presenciei curiosamente me 0395
dei conta de que havia espaço, havia 0396
um espaço na arte que podia ser... que 0397
era o meu, e que...bom que estava 0398
enganado de uma série de coisas, 0399
tinha este problema, eu com 10 anos, 0400
logo a seguir ao 25 de Abril 0401
participei em 2 peças da Cornucópia. 0402
Eu nunca...o facto de depois ter 0403
seguido artes plásticas levou que 0404
muito tempo eu achasse que isso era 0405
um...um mero desvio, qualquer coisa, 0406

;IDENTIDADE INDIV.;

um inci... acidente, ainda por cima 0407
uma forte...com miúdos a poder 0408
participar em duas peças que eram 0409
peças políticas, peças de Brecht, 0410
uma logo em 74, e a outra dois anos 0411
depois, “Os Tambores da Noite”, em 0412
circunstâncias especiais como era um 0413
período, tran..., pós-revolucionário, 0414
ou período revolucionário, não pode... 0415
o período revolucionário, o facto de 0416
estar rodeado de gente das letras e 0417
de eu próprio sentir necessidade de 0418
escrever o facto de eu, da ação 0419
política ser uma importante decisão 0420
grande na minha vida, o factode 0421
também estar reunido, rodeado de 0422
gente da música, isso nunca tinha 0423
sido devidamente valorizado, ou 0424
seja, havia uma pulsão para 0425
aproveitar isso tudo. E isso só 0426
ficou, de certa forma legitimado, 0427
quando a escola se transformou e de 0428
repente em vez da tradicional 0429
organizaçãode pintura e de 0430
escultura, que era na altura muito 0431
comum, passou a haver digamos uma 0432
grande...um leque muito grande de 0433
possibilidades de intervenção 0434
artística que me fizeram compreender 0435
que havia uma possibilidade que 0436
aquela decisão de fazer o curso 0437
superior, eu tinha-a tomado mas, 0438
tinha sido um pouco assim, “ok vou 0439
fazer a pintura porque é o mais 0440
próximo que há daquilo que eu 0441
eventualmente eu gostaria de fazer 0442
que é o desenho”, mas depois eu 0443
percebi que afinal não era só o 0444
desenho e que havia, digamos,a 0445
possibilidade de eu me sentir 0446
realizado... e...isso... e disso faz parte 0447
, dessa necessidade de que haja uma 0448
narrativa, que haja um texto e se 0449
esse texto for político, tudo bem. 0450
Agora devo dizer que...outra coisa com 0451
que eu não me identifico tem sido, 0452
eu penso que está muito presente 0453
ainda na...naquilo que nos é...que nos 0454
é...dado como uma conversa sobre a 0455
arte que é a ideia da coerência, ou 0456
seja, a ideia de que nos devemos 0457
manter numa determinada linha. O que 0458
aliás acaba, acabou por redundar 0459
numa espécie de marketing artístico, 0460
no fundo a ideia de que cada um de 0461
nós, cada artista tem uma 0462
estratégia, uma linha de pensamento 0463
ou de intervenção, deve manter a 0464

vida forte, pelo menos por um 0465
período importante e que isso não, 0466
não pode conviver com outras coisas, 0467
com diferentes níveis de intervenção. 0468
E eu nunca...eu felizmente para mim 0469
nunca, não só nunca tive bem esse 0470
problema, até porque não a minha 0471
vida não o permitia, como ahhh há 0472
espaços na minha vida, apesar da 0473
importância que a militância política 0474
tem, há espaços na minha vida que 0475
são outra coisa... e portanto 0476
necessariamente também o meu 0477
trabalho na Arte tem muitas formas e 0478
também dirige-se a pessoas 0479
diferentes. Lembro-me de um texto 0480
que escrevi num dos últimos anos, 0481
ter dito, há formas de arte que são 0482
apenas para outra pessoa, 0483
exclusivamente para outra pessoa, e 0484
não para um público genérico. Eu 0485
entendo, sempre entendi que...de uma 0486
forma quase que, pouco consciente, e 0487
às vezes pensando de que era uma 0488
limitação ou uma forma menor de 0489
intervenção ahhh esse aspeto afetivo 0490
de...fazer qualquer coisa que não se 0491
destina a todos, nem à imortalidade, 0492
nem, o problema se as coisas são 0493
datadas ou não, não tenho problema 0494
com isso, quer dizer, há coisas que 0495
são feitas para um momento... E depois 0496
podem não ser entendidas. Eu tenho 0497
um projeto que não estava nesse 0498
conjunto, que me deu muito gozo, eu, 0499
a certa altura, até há alguns anos 0500
atrás estive praticamente 0501
desempregado, tinha muito pouco 0502
trabalho e além disso tinha uma 0503
necessidade muito grande do ponto de 0504
vista político de mostrar esta coisa 0505
de dar o exempl... mostrar outras 0506
formas de intervir politicamente e 0507
então, ehhh, ao longo da vida tive 0508
momentos em que fui cartoonista e 0509
sempre, não sempre, mas houve 0510
momentos em que explorei essa 0511
ligação do desenho com o texto, como 0512
humor e com o momento político e 0513
então resolvi, foi a era dos 0514
blogues, os blogues agora estão um 0515
bocado a cair, a cair em desuso, mas 0516
na altura estavam os blogues em 0517
plena força e eu resolvi fazer um 0518
blogue que era um blogue cartoon e 0519
era simultaneamente um blogue de 0520
crítica política, mas sobretudo de 0521
crítica da comunicação social, né? 0522

;COMPETÊNCIATECNOL;

;BACKGROUNDEXPERIENC;

Do domínio dos média pelo pensamento	0523
único, e as formas de manipulação da	0524
realidade e, então, durante 2 anos,	0525
esse blogue que ainda existe,	0526
durante dois anos, o blogue	0527
chamava-se, chama-se “O querido	0528
pivot”, e é um pivot de telejornal,	0529
é daquele tipo de cartoon em que o	0530
desenho, enfim, tem um papel menor,	0531
é repetitivo...e é o texto que	0532
sobretudo que...que funciona ...	0533
portanto um pivot de telejornal que	0534
dá as notícias domomento, daquela	0535
semana, não é? Fazia dois por	0536
semana, 3 por semana... as vezes	0537
e...e...mas as apresentava assim numa	0538
espécie de cocktail, vários factos	0539
numa espécie de cocktail e...isto para	0540
dizer o quê? Quando hoje, eu acho	0541
que aquilo foi um projeto importante	0542
de tal maneira que...foi, enfim, nunca	0543
teve muitas visualizações, mas a	0544
certa altura fui convidado para	0545
escrever no 5 dias, que na altura	0546
era um blogue importante, também	0547
p’lo Nuno Ramos de Almeida, e outros	0548
que lá estavam, também por causa	0549
dessa, desse blogue, portanto,	0550
apesar de tudo...foi...teve um...relativo	0551
sucesso. Eu hoje quando olho, quando	0552
(risos) vou lá ver, ... a maior parte	0553
daquelas coisas, não... não é	0554
compreensível porque as metáforas	0555
referem-se a...notícias que as	0556
pessoas, umas já não se lembram,	0557
outras nem sabem o que é que é,	0558
ahhh, os links para as notícias que	0559
às vezes eu fazia...para dar o	0560
contexto... já se desfizeram.	0561
Portanto, já nem há uma	0562
possibilidade de voltar aquilo,	0563
então, o trabalho está feito, aquilo	0564
teve o seu papel, não... penso...que...com	0565
toda a imodéstia que teve qualidade	0566
de intervenção, mas, ... enfim, ...o	0567
desenho não é nada de espetacular, o	0568
texto aqui e ali pode-se entender	0569
uma outra piada no texto,	0570
independente do facto, mas, enfim,	0571
ficou ali onde estava (risos) no seu	0572
momento.	0573
E- Ok. Agora se calhar passávamos um	0575
bocadinho à atividade	0576
especificamente relacionada com o	0577
Manifesto em Defesa da Cultura. O	0578
que é o Manifesto em Defesa da	0579
Cultura?	0580

PP – O Manifesto em Defesa da Cultura 0582
começou por ser uma posição de... uma 0583
posição política de personalidades 0584
da...das várias áreas da vida cultural 0585
quando, em Dezembro de 2011, quando 0586
já tinha tomado posse o atual 0587
governo, tinha havido no anterior 0588
governode José Sócrates e da 0589
Ministra Gabriela Canavilhas, já 0590
então se enunciava uma série 0591
dedireções políticas, de linhas 0592
políticas, de profundo ataque à ... ao 0593
direito à cultura, ao entendimento 0594
de que para cumprir, digamos, o 0595
enunciado constitucional de direito 0596
à cultura e das obrigações do Estado 0597
para garantir esse direito dos 0598
cidadãos, havia toda uma série de 0599
medidas e um discurso de legitimação 0600
destas medidas que era partilhado 0601
pelo PS e pelo PSD e que, com a 0602
tomada de posse do atual governo, e 0603
as primeiras medidas que esse 0604
governo tomou já sob o memorando de 0605
entendimento, previa de uma 0606
gravidade enorme, já com 0607
consequências muito grandes, já 0608
tinha havido os PECS todos do 0609
governo socialista e, portanto, ahhh 0610
uma precaridade imensa no, enfim, no 0611
trabalho cultural, ahhh, cortes 0612
brutais desproporcionados nas verbas 0613
nos apoios às artes, ahhh caos na 0614
administração do Estado, do 0615
património valioso que Portugal tem 0616
e que conduziu a uma desorganização 0617
dos serviços, ineficácia... Portanto 0618
foi...foi fundamentalmente essa tomada 0619
de posição. Entretanto, ahhh algumas 0620
das pessoas mais envolvidas neste, 0621
enfim, em organizar, contactar as 0622
personalidades, redigir o texto, 0623
tinham tido outras experiências 0624
anteriores de ação política na área 0625
cultural, que as tinham deixado 0626
muito insatisfeitas e, portanto, foi 0627
uma perspetiva crítica em relação a 0628
duas coisas; primeiro tradicional 0629
ausência de ação política nos meios 0630
culturais, preconceito dos meios 0631
culturais em relação à ação 0632
política e sobretudo ação política 0633
organizada e... a necessidade, a falta 0634
que isso fazia, não é, nestes 0635
centros e e depois, por outro lado, 0636
dos poucos momentos em que havia um 0637
esboço de ação política ela era 0638

:MOVIMENTOS SOCIAIS;

conduzida por... eh, vamos dizê-lo, 0639
por entidades empregadoras, 0640
portanto, um loby em defesa de 0641
aspectos eh, muito particulares, 0642
sem qualquer tipo de solidariedade 0643
para com a imensa massa, a "arraia 0644
miúda", digamos que toda a gente que 0645
trabalhava nos vários domínios da 0646
cultura e que, enfim, passava, 0647
enfim, as "passas do Algarve"... e 0648
isto num contexto em que se pode 0649
dizer, que, sobretudo na área 0650
artística, mas não só, no 0651
associativismo popular, o grosso do 0652
trabalho cultural que se faz em 0653
Portugal se faz sem qualquer tipo de 0654
compensação, quer dizer, a maior 0655
parte do trabalho, do trabalho que se 0656
faz em Portugal na área da cultura é 0657
trabalho que se faz por amor à 0658
camisola, é um serviço público que 0659
se presta, e... eh, as pessoas que o 0660
fazem não vivem disso, vivem com 0661
grandes dificuldades e que querem 0662
ter essa atividade em paralelo com a 0663
atividade de subsistência, 0664
vivem... vivem mal, vivem com 0665
dificuldades, dedicar muito tempo a, 0666
digamos que, não era, não é uma 0667
situação..., é essa a tradição, mas 0668
não é uma tradição boa... Portanto em 0669
função destas três, destas 0670
três...destes três pontos de crítica, 0671
sentiu-se que era o momento de 0672
tentar, na altura não havia nenhuma 0673
ideia de que pudesse daí...vir...tentar 0674
a criação de um movimento de 0675
cidadãos em defesa da cultura. Na 0676
altura entendeu-se, não estamos a 0677
falar de uma reunião em que se 0678
decidiram todas..., é um processo, a 0679
ideia inicial é simplesmente a 0680
criação de um movimento, depois, a 0681
pouco e pouco, a própria experiência 0682
desse grupo de pessoas, que eram 0683
pessoas espalhadas pelo país, ... mas 0684
que se tinham juntado num processo 0685
que tinha havido em 2010 chamado 0686
Processo das Plataformas das Artes, 0687
o próprio processo de criação do 0688
movimento, depois levou a uma 0689
configuração mais...clara do que é que 0690
seria esse movimento, por exemplo, o 0691
entendimento de que não deveria ser 0692
um movimento de trabalhadores da 0693
cultura, apenas que podia ser um 0694
movimento que colocasse na posição 0695
de defesa da cultura, do ponto de 0696

vista de direitos dos cidadãos à	0697
cultura. Isso, isso ao mesmo tempo	0698
que salvaguardava os próprios	0699
direitos dos trabalhadores da	0700
cultura, não permitia, precisamente,	0701
que..., este, direito à cultura, que o	0702
papel importante que a cultura	0703
representa numa sociedade ficasse	0704
refém de um determinado grupo,	0705
portanto, pudesse ser sempre pensado	0706
no seu todo, no seu todo não apenas	0707
tendo em conta todas as áreas de	0708
intervenção da cultura, portanto não	0709
apenas as artes, mas o património, o	0710
associativismo popular, a própria	0711
administração da informação de	0712
arquivos, as bibliotecas, e...não	0713
apenas nesse ponto de vista, mas	0714
também do ponto de vista do	0715
interesse do cidadão deste país	0716
que...que não tem, não tem acesso à	0717
cultura, não tem acesso à cultura	0718
como produtor de cultura, ou seja	0719
não apenas como alguém que vai ver	0720
um filme, mas como alguém que ao	0721
longo da vida tem a experiência...da	0722
cultura como produtor, como pessoa	0723
que age, não é? E isso não é, não é	0724
uma utopia, é algo em que países	0725
mais desenvolvidos acontece, e eu	0726
tinha, tive essa experiência na	0727
República Checa, portanto eu tinha,	0728
estava rodeado permanentemente das	0729
pessoas que independentemente da	0730
sua...do seu percurso de vida,	0731
engenheiros, matemáticos,	0732
funcionários públicos, escritório,	0733
tinham ...algo na sua vida era	0734
dedicado à, digamos, a um...opções de	0735
pintura, tocavam um instrumento	0736
musical ou tinham uma relação mais	0737
intensa com a literatura, tinha	0738
conhecimento de, pronto, tinha tido,	0739
eu tinha tido essa experiência	0740
concreta, pronto, e não se tratava	0741
de...tendo elementos de utopia, do	0742
sentido em que a sociedade deve	0743
caminhar...é algo que se mostra depois	0744
no concreto.	0745
E – Qual é a responsabilidade do	0747
Estado?	0748
PP – A responsabilidade do Estado é...o	0750
Estado tem naturezas distintas, numa	0751
democracia, em princípio, se ela for	0752
democracia de facto, o Estado é uma	0753
representação de todos nós, mais que	0754

não seja do ponto de vista dos seus	0755	
recursos financeiros, do património	0756	
que está a seu cargo, para nós, isso	0757	
é nosso, tem de estar ao nosso	0758	
serviço, portanto as suas	0759	;MOVIMENTOS SOCIAIS;
responsabilidades são precisamente,	0760	
por um lado, são dadas pela própria	0761	
natureza da democracia, o de o	0762	
Estado servir os cidadãos, e depois,	0763	
enfim, a sociedade historicamente	0764	
vai definindo quais são essas	0765	
necessidades, a nossa, a sociedade	0766	
moderna, aquela que vivemos hoje, já	0767	
desde... já desde há bastante	0768	
tempo...hoje entende-se que a cultura	0769	
é algo que faz parte e que deve	0770	
fazer parte das vidas das pessoas,	0771	
não, provavelmente, não foi sempre	0772	
assim, ou foi, mas de outra maneira,	0773	
não, não...era algo que emanava da	0774	
própria natureza da vida das	0775	
pessoas, mas que não, que não fazia	0776	
parte da política do Estado, e hoje	0777	
faz. Costuma haver ministérios da	0778	
cultura, há quem os tenha, muito	0779	
não, não é o caso agora de Portugal,	0780	
mas...mas...é uma originalidade do	0781	
atual governo...portanto a	0782	;MOVIMENTOS SOCIAIS;
responsabilidade do Estado é dada,	0783	
pela...também é dada pela	0784	
constituição, e ainda por cima está	0785	
escrito, digamos no texto	0786	
constitucional, que é o que o	0787	
Estado, se há um direito, o Estado	0788	
deve prover os meios para que esse	0789	
direito se exerça, não é...não é uma	0790	
liberdade que a constituição	0791	
determina, não é a liberdade das	0792	
pessoas fazerem , terem acesso à	0793	
cultura, é o direito, e a esse	0794	
direito corresponde, terá de	0795	
corresponder ação efetiva do Estado	0796	
em meios, em organização em...e que	0797	
cubram todo o território nacional,	0798	
não pode ser só apenas nos teatros	0799	
nacionais em Lisboa e Porto, a	0800	
Companhia Nacional de Bailado, não	0801	
tem que haver digamos que	0802	
umapolítica que é feita para todos...,	0803	
que têm em conta o território e os	0804	
cidadãos.	0805	
E- Qual é que é a sua opinião	0807	
relativamente às políticas culturais	0808	
em Portugal, atualmente?	0809	
PP- A opinião é que estamos a viver	0811	
tempos de...barbárie, nesse sentido,	0812	

ou seja, se ehheh, isto...o 0813
entendimento que é, que é formulado 0814
pelos governantes, portanto no 0815
governo do PS, como no atual 0816
governo, a ideia de que a...o...o 0817
funcionamento da cultura nas suas 0818
formas historicamente dadas, aquelas 0819
que infelizmente existem, é, digamos 0820
ehhh o subsídio-dependente, ou seja, 0821
é uma espécie de parasitagem vip 0822
dependente digamos do apoio do 0823
Estado e, portanto, o Estado não tem 0824
que ter a obrigação de dar esse 0825
apoio, depois é envolvido no 0826
discurso da legitimação, ahheh...que 0827
tem que dar a ideia que o Estado não 0828
deve intervir, não 0829
deve...digamos...mexer na liberdade 0830
cultural, quando não é isso que é 0831
pedido, a liberdade cultural...a 0832
própria sociedade é que cria as suas 0833
formas, é que...de intervenção e de 0834
organização para a intervenção, o 0835
Estado, ao Estado é apenas pedido 0836
que, enfim, que organize para as 0837
ajudar, para as apoiar para, isto 0838
por um lado, por outro lado, que o 0839
Estado tem a seu cargo 0840
responsabilidades importantes, desde 0841
logo as do património, ou seja, sem 0842
tem um património importante...que 0843
está nas suas mãos, portanto, tem 0844
que garantir a defesa, ou seja, a 0845
conservação desse património com 0846
responsabilidade e com os meios 0847
suficientes. Quando falo de 0848
património, não é apenas só museus 0849
e...artefactos, ehheh...ter um teatro 0850
nacional, ter um teatro de ópera, 0851
ter orquestras, são formas de 0852
património, porque esse elas não 0853
existem, é preciso dizer que uma 0854
orquestra e um teatro nacional, são 0855
equipamentos, soluções culturais que 0856
são onerosas, custam muito 0857
dinheiro, não é possível..., tal como 0858
o hospital, um hospital devidamente 0859
equipado não é qualquer coisa que 0860
possa ser feita por um cidadão, 0861
realizada por um cidadão comum ou 0862
por um grupo de cidadãos é algo que 0863
especificamente faz parte das 0864
responsabilidades do Estado. Se 0865
esses equipamentos, se não houver um 0866
teatro de ópera, se não houverem 0867
orquestras...enfim...eheheheh...ou teatros 0868
nacionais, por exemplo no caso de um 0869
teatro de ópera, se não houver, 0870

deixa de haver ópera em Portugal, 0871
obviamente, deixa de haver os 0872
músicos formados naquela tradição, 0873
os...os cenógrafos, há toda um, 0874
digamos, uma panóplia d etécnicos e 0875
de artistas que desaparece. Pode 0876
desaparecer no espaço de uma 0877
geração. Portanto isso também é 0878
garantir uma série de funções que a 0879
sociedade no seu desenvolvimento 0880
entendeu como importantes e...e que só 0881
podem ser garantidas com uma 0882
organização complexa como é um 0883
Estado, como é um Estado. Portanto 0884
são estas, de forma a... 0885

E- Como é que é, a sua opinião, neste 0887
âmbito do movimento, como o 0888
sindicalismo e a luta de classes 0889
nesta, precisamente, nesta área da 0890
cultura? 0891

PP- Bom, ahhh estamos a falar , 0893
estamos a falar do manifesto, o 0894
manifesto é uma..., é um movimento de 0895
unidade, e, portanto, nele cruzam-se 0896
pessoas com entendimentos, pessoas 0897
da esquerda, com um programa 0898
político que se identifica com o 0899
postulado na constituição da 0900
república e... com o legado da 0901
revolução do 25 de Abril, pronto, 0902
para enfim, definir, de uma forma 0903
mais redonda, depois, uma série de 0904
aspetos do seu programa político no 0905
seu todo, portanto, eu diria que é 0906
um movimento de esquerda, que junta 0907
gente da esquerda, sobretudo, 0908
eventualmente gente que, sendo ou 0909
não, não se sabendo se é de esquerda 0910
ou de direita, está seriamente 0911
preocupada com o estado da cultura e 0912
entendo que o Estado tem 0913
responsabilidades nessa, na 0914
resolução desses problemas, o que é 0915
preciso agir politicamente. 0916
Portanto, eu não..., falando do 0917
Manifesto não posso dizer, talvez o 0918
que é que o manifesto entende em 0919
relação à luta de classes, porque 0920
não, pelo seu próprio âmbito de 0921
unidade e de, e de...e por outro lado 0922
de ação específica, nãoofechada, mas 0923
apesar de tudo em relação às 0924
questões culturais, necessariamente 0925
as questões da luta de classes serão 0926
colocadas por pessoas que nele 0927
intervêm, provavelmente, de formas 0928

;MOVIMENTOS SOCIAIS;

;25 DE ABRIL;

;LUTA DE CLASSES;

diferentes. No manifesto há o	0929	
entendimento de que existe uma	0930	
política classista para a cultura.	0931	
Digo, sabemos porque nos documentos	0932	:LUTA DE CLASSES;
que são, que têm sido redigidos essa	0933	
expressão mesmo, “classista”, surge,	0934	
e portanto, a ideia de que as	0935	
atuais, as políticas das últimas	0936	
décadas em Portugal têm servido uma,	0937	
uma...intenção que preparar um	0938	
determinado, determinados aspetos,	0939	
determinadas formas da atividade	0940	
cultural para benefício de uma	0941	
classe, a classe dominante, e depois	0942	
tudo o resto deixar ao “Deusdará”,	0943	
não é? Sendo que, para que as coisas	0944	
possam correr melhor de feição, o	0945	:LUTA DE CLASSES;
Estado se desresponsabilize p’lo	0946	
apoio à atividade cultural, pode	0947	
beneficiar, digamos assim, todo o	0948	
país e todosos cidadãos, mas, ao	0949	
mesmo tempo, promove ativamente e	0950	
com meios pesados toda uma cultura	0951	
do entretenimento embrutecedora e	0952	
paralisante, queé, e...e uma forma de	0953	
cultura, mas é uma forma de cultura	0954	
que não é, que não é, que é	0955	
empacotada, é...é...é não democrática, é	0956	
paralisante e é...e seca, seca o solo,	0957	
não tem capacidade para produzir,	0958	
para reproduzir pensamento,	0959	
pensamento não apenas como tal, mas	0960	
em forma de ação, em forma de	0961	
objeto, em forma de realidade, não	0962	
é, de realidade material e,	0963	
portanto... humm uma questão era a da	0964	
luta de classes, portanto há o	0965	:LUTA DE CLASSES;
entendimento que esta, que estas	0966	
políticas são políticas classistas,	0967	
em relação à outra questão, era?	0968	
E- Sobre o sindicalismo	0970	
PP- Sindicalismo. Aí o Manifesto em	0972	:MOVIMENTOSTRADICION;
Defesa da Cultura tem sobre isso,	0973	
sim, uma opinião, é que o Manifesto	0974	
não é um sindicato, nunca quis ser,	0975	
nunca quis ser porque a sua função,	0976	
entende a sua função como outra	0977	
coisa, mas respeitaprofundamente a	0978	
ação dos sindicatos, deseja que ela,	0979	
que ela... se reforce, se torne cada	0980	
vez mais pujante e entende até,	0981	
entende a sua ação como	0982	
complementar, solidária dos	0983	
sindicatos. Como eu disse há	0984	
bocadinho, entendemos que não	0985	
devíamos ter um movimento apenas dos	0986	

trabalhadores da cultura, até porque	0987
isso é precisamente a forma no nosso	0988
entender correta dos trabalhadores	0989
se organizarem, quisemos abordar as	0990
questões, a luta em defesa da	0991
cultura por um prisma mais	0992
universal, e pensamos que pode, não	0993
apenas é benéfico para a ação	0994
política em defesa da cultura no seu	0995
todo, como é também benéfico para a	0996
própria ação sindical, como aliás	0997
temos vindo a constatar, ou seja, os	0998
sindicatos das áreas culturais, como	0999
o sindicalismo em geral, atravessa	1000
momentos difíceis, porque há uma	1001
desestruturação do mundo do trabalho	1002
imensa que tem necessariamente	1003
consequências na...na ação sindical,	1004
não apenas consequências de	1005
contexto, mas, mas depois também	1006
medidas diretas de ataque e de... ao	1007
sindicalismo, à ação sindical, uma	1008
série de conquistas de...tinham	1009
conseguido no sentido de permitir	1010
que o ativismo sindical se faça em	1011
condições, com horas, com meios,	1012
dentro das empresas, isto está a ser	1013
atacado, né, e portanto e	1014
necessariamente depois tem impacto,	1015
o que nós sentimos é que esta outra	1016
via de ação tem beneficiado também a	1017
ação sindical, por exemplo, gente	1018
que vem para o manifesto e que se	1019
forma, o manifesto tem uma vida	1020
curta, são três anos, não podemos	1021
exagerar muito neste...e pensar, mas	1022
no espaço de três anos a coisa, a	1023
nossa ação de facto cresceu muito e	1024
já podemos observar que gente que se	1025
formou no Manifesto, na ação	1026
política do Manifesto acaba por	1027
também, depois, funcionar como	1028
ativista sindical ou se sindicaliza	1029
ou já estava sindicalizado, mas	1030
passa a participar mais na vida do	1031
sindicato, enfim, isto por um lado.	1032
Por outro lado, há outra questão, é	1033
que nós, e isso fez parte também dos	1034
pilares estruturantes da forma como	1035
o Manifesto se entende. Nós	1036
entendemos que a luta em defesa da	1037
cultura não vingará, e isto também é	1038
um dos equívocos de algumas, algumas	1039
tomadas de posição, ainda hoje	1040
recentemente, à medida que as	1041
estruturas vão sendo atacadas por	1042
esta política. Infelizmente uma das	1043
coisas que se observa é a tendência	1044

para a tomada de posição isolada 1045
para tentar resolver o seu pequeno, 1046
pequeno grande problema, mas sempre 1047
com uma recusa, uma dificuldade 1048
muito grande em tentar integrar o 1049
seu problema num contexto, num 1050
contexto mais geral, portanto, falta 1051
de solidariedade e de, e de, não 1052
sei, se medo, medo, medo, receio de 1053
(imperceptível 54.41) no sentido de 1054
pensar o todo. E portanto, nós 1055
entendemos que os problemas da 1056
cultura, que como disse não são 1057
exclusivamente os problemas dos 1058
profissionais da cultura, os 1059
problemas dos cidadãos deste país em 1060
relação à cultura, só vingarão no 1061
momento, só vingarão, só farão 1062
possibilidade de vingar se a, o seu 1063
em luta, aquele que se exprime nas 1064
grandes manifestações, sejam as 1065
sindicais, sejam outras, se a grande 1066
massa em luta tomar esta bandeira 1067
como sua. E daí a nossa... fazemos 1068
questão de participar em todas essas 1069
grandes lutas, não é? Aquelas lutas 1070
pela, o contrato de política de 1071
governo em geral, o desemprego, por 1072
melhores salários, em defesa do 1073
serviço nacional de saúde, também já 1074
participámos numa manifestação 1075
especif..., entendemos que seria 1076
importante do ponto de vista 1077
simbólico, era uma manifestação no 1078
contexto de uma greve dos médicos, 1079
uma manifestação em defesa do 1080
Serviço Nacional de Saúde, em que 1081
resolvemos participar também como 1082
manifesto em defesa da cultura, para 1083
vincar no fundo... cultura é um 1084
direito, saúde é um direito, 1085
educação é um direito, devem ser 1086
postas no mesmo patamar e portanto 1087
daí, digamos a nossa relação com o 1088
sindicalismo é uma relação, de 1089
solidariedade, de complementaridade 1090
e...estruturante, entendemos que 1091
somos, somos necessários, e eles, 1092
estou a dizer eles agora porque 1093
estamos a por as coisas...eu próprio 1094
sou sindicalizado, no sindicato, 1095
portanto não são eles, mas sim, há 1096
uma relação boa, sem preconceitos. 1097

E- Como é que funcionam enquanto 1099
movimento? Há uma forma de 1100
institucionalizar de alguma maneira 1101
essa organização, não? 1102

;MANIFESTAÇÕES; ;MOTIVAÇÕES COLET.;

PP- Ela foi-se formando. Como é 1104
natural um movimento, quando se cria 1105
um movimento um dos objetivos é 1106
precisamente o de desformalizar um 1107
pouco ou de tornar a ação mais ágil, 1108
um sindicato não pode decidir porque 1109
o sindicato tem outras 1110
responsabilidades ou outro tipo de 1111
organização, não é? Uma associação, 1112
por exemplo, tem certo tipo de 1113
responsabilidades que em princípio 1114
um movimento não tem e que torna a 1115
sua ação mais fácil. Cria outro tipo 1116
de problemas, portanto, porque a 1117
desformalização corre sempre o risco 1118
de...levar a atropelos, ou...digamos, de 1119
criar uma relação, não democrática, 1120
na medida em que não há, não há 1121
instrumentos formais de escrutínio, 1122
portanto, há-que ter esse, há-que 1123
ter esse, há-que ter essa 1124
consciência e esse cuidado, mas no 1125
início, portanto, a estrutura que 1126
hoje temos, porque temos alguma 1127
estrutura, foi sendo produzida em 1128
face das necessidades. Primeiro, 1129
quando se...decidiu criar o movimento, 1130
o que aconteceu naturalmente e que 1131
em cidades onde já havia algum 1132
ativismo nesta área, se calhar um 1133
grupo de pessoas que se assumiram 1134
como representantes do Manifesto em 1135
Defesa da Cultura, inscreveram-se, 1136
estavam de acordo com aquela posição 1137
política inicial e...ainda sem nenhuma 1138
ideia quanto à, o que é que este 1139
movimento viria a ser, portanto, 1140
houve uma, uma, a formação do 1141
Manifesto inicial é muito feita em, 1142
de duas maneiras: Uma, concordância 1143
com o texto que estava escrito, 1144
poroutro, ideia de criar um grupo, 1145
uma organização local, concelhia, 1146
normalmente a nível de cidade, a que 1147
passando a chamar núcleos, que 1148
basicamente representavam o 1149
Manifesto e age, digamos, como 1150
Manifesto. Havia, desde logo, talvez 1151
duas ideias, não sei se duas, mas 1152
algumas ideias, que...já estavam, que 1153
já eram digamos de forma tácita 1154
aceites: Uma era de que era um 1155
movimento não para resolver 1156
problemas locais, mas apontado, 1157
digamos, às políticas nacionais, 1158
isso foi logo um cuidado que fomos 1159
tendo, logo no início, porque em 1160

:ORGANIZAÇÃO E RECURS;

muitos sítios do país, em muitos	1161
sítios do país há esse problema,	1162
digamos há os problemas culturais	1163
também se resolvem muito em função	1164
das autarquias, dos poderes locais e	1165
de uma série de outras entidades e	1166
isso, num movimento que queria ter	1167
âmbito nacional, queria estar	1168
representado nas cidades, não apenas	1169
em Lisboa, havia o cuidado de chamar	1170
a atenção para estes aspetos, não,	1171
não, não cortando completamente,	1172
digamos, o contexto local, mas	1173
digamos fazendo essa pedagogia, no	1174
sentido que a função do Manifesto	1175
era de intervir a nível nacional, o	1176
que não impediu que, por exemplo, em	1177
Beja chegou a fazer-se uma	1178
manifestação em defesa do zoo local,	1179
mas endendia-se que isso tinha um	1180
vínculo com a situação política	1181
geral que permitia essa,essa ação.	1182
Esse era talvez, uma das, enfim,	1183
linhas de ação que muito, que era	1184
inicial que foi, que impôs outra	1185
coisa, precisamente para	1186
corresponder a isso, foi por que se	1187
criou pela internet, por e-mail, um	1188
grupo de contactos com	1189
representantes de cada um destes	1190
núcleos e que, de tempos a tempos,	1191
iam coordenando num grupo a que	1192
chamamos grupo de coordenação ou de	1193
grupo nacional de coordenação que	1194
contacta regularmente para definir	1195
algumas linhas de ação. Depois,	1196
entretanto, sentiu-se a necessidade	1197
de que estas pessoas espalhadas pelo	1198
país se formem encontrando,	1199
portanto, todos os anos foi	1200
realizado um encontro nacional de	1201
representantes, e esses encontros	1202
foram a pouco e pouco, a própria	1203
ação de manifesto, a ação de	1204
manifesto, as experiências de uma	1205
série de ativistas, de experiências	1206
anteriores, encontros muitos deles	1207
enfim mais pausados, outros mais	1208
recentes, a própria ação do	1209
manifesto enquanto coisa nova e	1210
esses encontros que se destinaram	1211
alguns deles algum tempo para	1212
refletir o próprio manifesto, com	1213
que linhas ele se podia cozer(XXX)	1214
pois ajudaram, contribuíram para	1215
definir algumas linhas programáticas	1216
ou seja hoje o manifesto tem um	1217
pensamento sobre as políticas	1218

culturais que estava implícito nesse 1219
texto anterior, mas já não é esse 1220
texto anterior, né? Durante os 1221
primeiros dois anos eu diria que 1222
subscrever o manifesto era ler o 1223
texto inicial que tem coisas que são 1224
atuais, mas que tem uma ou outra 1225
referência a coisas que hoje já 1226
podia ser reescrito, não é?, de 1227
outra maneira. 1228

E – Mas continuam com o 1 por cento? 1230

PP – Sim, 1 por cento para a 1231
cultura. É um... Nós somos muito 1232
conhecidos como movimento 1 por 1233
cento por causa dessa bandeira, mas 1234
nós não nos entendemos, não 1235
entendemos 1 por cento como uma..., 1236
como uma linha única da nossa ação, 1237
como uma reivindicação única, ela 1238
cimenta todo um outro pensamento 1239
sobre as questões da cultura, só que 1240
tem um carácter simbólico e que é 1241
incontornável, quer dizer, acaba 1242
por, é uma mensagem forte, que se 1243
transmite facilmente, eh...e também 1244
é acolhida facilmente por razões 1245
óbvias, portanto, acaba por ter um 1246
destaque de comunicação que pode, às 1247
vezes, tende a ocultar ou 1248
desvalorizar outros aspetos da nossa 1249
ação política que são igualmente 1250
importantes. Aliás, é por isso que 1251
precisamente nos últimos tempos, 1252
penso, sobretudo, desde o ano 1253
passado, portanto fazemos uma 1254
reunião nacional no ano passado em 1255
que definimos o trabalho para este 1256
ano e os eixos políticos tendo em 1257
conta que era ano de eleições, os 1258
eixos fundamentais da nossa..., da 1259
nossa ação. Do que se devia ser uma 1260
outra política para a cultura, isto 1261
já é um Manifesto que já não é 1262
aquele texto inicial, já é digamos 1263
um Manifesto com...criado por si 1264
próprio, já não por apenas por ideia 1265
por alguns carolas iniciais, mas 1266
digamos já é formulação da sua 1267
dispersão e da sua ação. 1268

;MOTIVAÇÕES COLET.;

E- O que é que o Manifesto já 1270

conseguiu até agora? PP – O 1271
manifesto já se conseguiu a si 1272
próprio. Primeiro, isso não é coisa 1273
de pouca monta. Eu penso que, em 1274
Portugal, pelo menos durante o 1275
período democrático, não há nada..., 1276

;ORGANIZAÇÃO E RECURS.;

não há paralelo. Nunca houve,mesmo	1277	
que fálássemos só da área artística,	1278	
nunca houve nenhum, nenhuma	1279	
organização, minimamente	1280	
estruturada, depois acabei por não	1281	
dizer...temos os núcleos, temos este	1282	
grupo de coordenação, ahhh, e depois	1283	
há aquilo que é normal numa	1284	
organização, distribuição de tarefas	1285	
mais ou menos permanentes, ahhh, e	1286	
enfim, mas como digo com o mínimo de	1287	
... o máximo de leveza de agilidade,	1288	
não é leveza, agilidade possível,	1289	
mas...	1290	
E- Queres água? Posso ir buscar uma	1292	
água para ti...	1293	
PP- Não, não, obrigado, obrigado...	1295	
PP- O manifesto criou-se a si próprio	1297] ;MOVIMENTOS SOCIAIS;
e o balanço, que hoje fazemos é	1298	
muito positivo e até...devemos dizer...	1299	
E- Queres água?	1301	
PP- Áhhh. Pode ser...se for um golinho...	1303	
PP- E, em alguns aspetos inesperado,	1305	
como esperava, digamos assim, que	1306	
havia que uma coisa destas	1307	
acontecesse, e é preciso ver que não	1308] ;MOVIMENTOS SOCIAIS;
está, todo o seu potencial está	1309	
longe de estar esgotado porque	1310] ;ORGANIZAÇÃO E RECURS;
enfim...somos ainda uma estrutura	1311	
relativamente pequena, ahhh...nós	1312	
estivemos em sítios onde a recepção	1313	
foi muito boa, mas depois, para que	1314	
a coisa continue é preciso haver um	1315	
grupo...de pessoas mais...com mais...	1316	
resiliência, mais disciplina,	1317	
capazes de levar a coisa avante, não	1318	
é? Com alguma experiência de	1319	
organização política, capazes de,	1320] ;ORGANIZAÇÃO E RECURS;
depois, de fazer com que uma coisa	1321	
que acontece no momento, e que é	1322	
boa, mas que depois perdue, né?	1323	
Nalguns sítios isso aconteceu,	1324	
noutros sítios, não. Ahhh, mas em	1325	
todos os, quase todos os lugares	1326] ;MANIFESTAÇÕES;
onde fomos a recepção foi, o	1327	
acolhimento foi extraordinário, as	1328	
peças locais, em Beja, por	1329	
exemplo, Santarém, Funchal, fomos ao	1330	
Funchal apresentar o projeto do	1331	
Manifesto, ehhh, disseram-nos as	1332	
peças de lá, que nunca tinham	1333	
conseguido juntar gente da área da	1334	

cultura e até de proveniências tão 1335
diferentes, desde artistas, gente 1336
dos museus, e do património, 1337
arqueólogos, etc. Ahhh e que tivesse 1338
suscitado tanto entusiasmo. 1339
Portanto, a construção do Manifesto 1340
enquanto movimento é, penso eu, uma 1341
das suas maiores, um dos seus 1342
maiores sucessos. Ahhh e ele... creio 1343
que isso é reconhecido, aliás, 1344
tivemos, como sabe, no...dia 9 e no 1345
dia 13 lançámos uma ação, um 1346
programa que se chama “Dias da 1347
Cultura em Luta”, que teve aqui uma 1348
manifestação em Lisboa e que foi, 1349
enfim, uma pequena, mas bela 1350
manifestação, tendo em conta que 1351
nunca nada tinha acontecido, nunca 1352
tinha havido em Portugal, há muitas 1353
décadas, há várias décadas, nunca 1354
tinha acontecido uma manifestação 1355
especificamente em defesa da 1356
cultura, portanto centrada nesse, 1357
neste, tema, e depois com...sem 1358
ambiguidades, ou seja com um 1359
programa político, como aquele que 1360
estava formulado de rejeição das 1361
atuais políticas, dizendo 1362
que...apontando os responsáveis e 1363
portanto, e definindo alguns eixos 1364
que foram, que foram, digamos, que 1365
recolheram a subscrição de muitas 1366
organizações, ahhh e isso também um 1367
aspeto importante congregando muitas 1368
organizações de...enfim de âmbitos de 1369
intervenção muito distintos, ahhh e 1370
com representatividade, enfim e 1371
âmbitos de representatividade muito 1372
distintos, pela primeira vez numa 1373
única ação que é uma coisa 1374
que...é...enfim não...que...pode ser muito 1375
imodesto dizê-lo mas...penso que nunca 1376
aconteceu com um carácter nacional, 1377
né? Foi uma ação assim em Lisboa, 1378
houve outra no Funchal e, depois, 1379
dia 13, em Almada, e Coimbra outras 1380
duas, boas, boas ações... Ahh e outra 1381
coisa...que me esqueci de dizer é que 1382
outra linha de intervenção do 1383
Manifesto é que é fundamentalmente 1384
um movimento virado para a ação 1385
política de rua, de massa, virado 1386
para a população, também fazemos 1387
debates, e temos muitos debates 1388
feitos, até sobre áreas específicas 1389
da ação cultural, fizemos uma...um 1390
ciclo, tento em Coimbra como em 1391
Lisboa, um ciclo de debates chamado 1392

MOVIMENTOS SOCIAIS;

“Cultura é Trabalho” e sobre as 1393
várias áreas da, da, da ação 1394
cultural, da atividade cultural, mas 1395
é fundamentalmente um movimento 1396
virado para a ação política de rua, 1397
tradicional, por assim dizer. Ahhh, 1398
peço desculpa, é que eu não respondi 1399
inteiramente o que é que o manifesto 1400
conseguiu. Além de conseguir a si 1401
próprio, conseguiu mais três, sim, 1402
ocorre-metres coisas importantes: 1403
Uma presença constante na luta de 1404
massas, passou a haver um espaço da 1405
cultura em todas as grandes ações de 1406
massas em Portugal, e... cabe que 1407
agora nestes últimos três anos foram 1408
ricos em ações de grande envergadura 1409
e... tornou-se, tornou a luta em 1410
defesa da cultura presente na 1411
discussão política... rotineira ou 1412
seja, por exemplo, dois partidos, já 1413
por duas vezes, em discussões do 1414
orçamento de estado, dois partidos 1415
de esquerda, o PCP e o Bloco de 1416
Esquerda apresentam propostas na 1417
área da cultura, incluem nessas 1418
propostas 1 por cento para a cultura 1419
do orçamento do Estado, coisa que 1420
antes não acontecia... temos um papel 1421
nesse, nisso... Tinha pensado noutra 1422
coisa, agora escapou-me... Bom, está 1423
ligada com esta, que é, de facto 1424
generalizou-se esta reivindicação de 1425
1 por cento para a cultura, 1426
generalizou-se, penso que hoje está 1427
presente, concordando-se ou não com 1428
ela, está presente no debate sobre a 1429
cultura, e... ahhh... e nós achamos que, 1430
nós não inventámos essa 1431
reivindicação, ela é uma 1432
recomendação da Unesco, vem de trás, 1433
nós simplesmente... à qual nós 1434
falávamos em discussões, em 1435
conferências, mas não era digamos 1436
não fazia do debate público e ela 1437
tem uma importância simbólica e 1438
política que está para lá do seu, 1439
da sua expressão concreta, que é 1440
haver no orçamento de Estado uma 1441
quantia mínima, digna para a... 1442
atribuída à cultura, que é... uma 1443
coisa que nós costumamos dizer nas 1444
nossas... no nosso discurso que é, não 1445
mais lutaremos por aquilo que 1446
tínhamos no ano passado. Pequenas 1447
lutas que se esboçaram em Portugal, 1448
na última década, ou as, houve 1449
reações, pequenas reações foram 1450

;MOVIMENTOS SOCIAIS;

;MOVIMENTOS SOCIAIS;

sempre reações de facto em relação a 1451
qualquer coisa que se tinha perdido 1452
e que se queria recuperar. E o 1453
Manifesto avança com um programa 1454
político para a cultura que é 1455
generoso e ambicioso, ou seja, o que 1456
queremos impor é metas, uma bitola 1457
que é uma bitola ambiciosa, que já 1458
não é de reação, é de afirmação. 1459
Ahhh ...e...isto de facto funciona, 1460
porque, hoje, quando se olha para o 1461
orçamento de estado já ninguém pode 1462
ignorar a sua relação com esta meta, 1463
ela está picotada, portanto, em 1464
função disso, a forma como se olha 1465
hoje para o orçamento de estado é 1466
completamente, é radicalmente, é 1467
diferente, porque passou a ter essa 1468
bitola. 1469

E- Agora queria perguntar qual é a sua 1471
relação com as novas tecnologias da 1472
informação e internet? 1473

PP- É...é...engraçado, eu sou, eu não sou 1475
uma pessoa do ponto de vista da 1476
compreensão das questões tecnológicas 1477
muito dotado...ahhh...nada mesmo...A minha 1478
relação...ahhh...hoje sou tido, assim as 1479
mais próximas, como uma pessoa muito 1480
interventiva, estou agora a falar a 1481
nível pessoal, aliás a pergunta 1482
também foi posta nessa...como uma 1483
pessoa muito ativa a nível de...das 1484
novas tecnologias da informação, já 1485
as penso ter usado todas, desde o 1486
email, os blogues, depois a certa 1487
altura entendi que o blogue não era 1488
uma forma satisfatória de 1489
intervenção, entendo que as páginas 1490
de internet são uma forma importante 1491
mas apesar de tudo que não vão ter 1492
com as pessoas, hoje, tenho uma 1493
presença muito constante nas redes 1494
sociais e essa presença foi decidida 1495
em função da intervenção política, 1496
também por razões profissionais, 1497
também, uma forma de dar a conhecer 1498
o meu trabalho, posto que ele não se 1499
afirma com facilidade nos, enfim, no 1500
sistema de funcionamento das artes, 1501
eu faço com que ele chegue a outras 1502
pessoas usando esses meios. Mas isto 1503
foi a própria necessidade que...me 1504
levou lá. Ahh eu não percebo nada de 1505
informática, uso os meios mais 1506
simples, não né, as minhas, os meus 1507
projetos estão alojados no 1508

:COMPETÊNCIAS TECNOL;

“blogger”, ahh...não...Teria muita 1509
dificuldade em criar uma página que 1510
não tivesse uma grande facilidade, 1511
costuma-se dizer, que não fosse 1512
muito intuitivo, o facebook dá-me 1513
essa facilidade também, portanto, 1514
não...ahhh...todo o domínio que eu tenho 1515
sobre esses instrumentos é baseado 1516
na pura...no uso, não é, e no uso no 1517
ponto de vista da maior facilidade 1518
possível e a verdade é que a pouco e 1519
pouco esse, essa experiência e essa 1520
necessidade levaram-me de facto a... 1521
mim, a ser de facto muito 1522
interventivo a nível...a nível...usando 1523
esses meios, como digo com 1524
conhecimento técnico muito baixo, 1525
o.o Manifesto usa também muito 1526
esses meios, a nossa, embora eu deva 1527
dizer que para a ação política é 1528
preciso...muito...em nosso entendimento, 1529
alguma, algum cepticismo...é verdade 1530
que esses meios ajudam muito, mas 1531
nós temos experiência, enfim, 1532
usando, nós temos uma página, não 1533
apenas uma página nacional no 1534
facebook, já com vários milhares de 1535
aderentes, temos ahhh...grupos, cada 1536
núcleo, não todos os núcleos mas os 1537
mais importantes têm os seus grupos 1538
no facebook, que servem de uma forma 1539
de contacto, ahhh, mas a ideia que 1540
háé que sendo importante do ponto de 1541
vista da divulgação das coisas, “há 1542
muita parra e pouca uva”, também, ou 1543
seja, ahhh...por exemplo essa ação, 1544
essa manifestação que ocorreu no dia 1545
9, a recepção com que foi recebida 1546
no facebook não indiciava que ela 1547
seria o que foi. Ahhh...porque eh 1548
enfim, porque o Manifesto ainda tem 1549
um alcance nas redes sociais 1550
limitado, ahhh...e portanto, enfim, 1551
não parecia, não parecia que ia ser 1552
o que foi, de qualquer forma é um 1553
instrumento muito útil, como 1554
instrumento complementar da ação 1555
política, tradicional, aquela que 1556
envolve as pessoas fisicamente, nós 1557
reunimos aqui em Lisboa, reunimos de 1558
duas em duas semanas, um grupo que 1559
penso quehá poucas organizações 1560
ahh...políticas que se possam dar ao 1561
luxo de reunir de duas em duas 1562
semanas, sempre grupos a rondar as 1563
15 pessoas..., ativista sérios, ou 1564
seja, com tarefas, com trabalho, 1565
isso é...penso que é determinante para 1566

;INTERNETEMOBILIZAÇ; ;INTERNETEMOVSO; ;...

uma ação como aquela que nós
pretendemos que seja uma ação
continuada, enfim, regular, pensada,
planeada e regular, mas, mas,
portanto, por outro lado, o bom uso
dos instrumentos, das novas
tecnologias de comunicação, é muito
importante e também é uma... facilita
muito o contacto, permite-nos ter
essa rede nacional e permite fazer a
divulgação, ...ahhh da nossa ação d
euma maneira que seria mais difícil,
sem elas, é obvio.

E – Já falou aqui um bocadinho sobre a
internet e, eventualmente, como é
que ela funciona em termos de
facilitar a organização,
eventualmente, também, para a
mobilização, que outros meios é que
utilizam para o desenvolvimento
dessas atividades de mobilização?

PP- Eu penso que há, que cruzam três
vetores importantes. Primeiro nós
funcionamos, do ponto de vista de
ação política, da forma mais
tradicional possível, como eu dizia
à bocadinho, da minha experiência,
tenho 51 anos, já participei em
muitos projetos de ação política, e
portanto, se o objetivo é que ela
seja, persistente, continuada, que
tenha construção, os meios, ahhh...a
presença física é fundamental, a
ação com pessoas, a reunião, a ação
de rua, o contacto com os outros,
direto, isso constrói, esse é o
 pilar fundamental de construção de
um projeto organizado, projeto
coletivo de ação política,
porque...ahhh, por razões variadas,
ahhhh...das quais não é sequer, não se
pode ignorar sequer a componente
afetiva, o facto das pessoas se
encontrarem ahhh cria laços muitos,
muito mais fortes, do que só que
simplesmente nos contactássemos
através do grupo no facebook de
lisboa que normalmente usamos também
para nos comunicarmos entre nós. Nós
temos uma..., ao longo destes três
anos do...da existência do núcleo de
Lisboa, que é aquela a que estou
mais diretamente ligado, sendo que é
já um número, um acervo muito
interessante da ação, da ação de
rua, nos transportes públicos por

;INTERNETE.MOV.SOC.; INTERNETE.MOBILIZAÇ.; ...

;MEIOSE EXPRESSÃO; ;MANIFESTAÇÕES;

exemplo, fazemos ações de agitação 1625
no metropolitano, até já se fez aí 1626
em barcos da softlusa, nos comboios 1627
também já se fez, na rua, aí no 1628
Chiado, em sítios diversos, são 1629
ações pequenas, não é, porque 1630
envolvem pouca gente, mas, e 1631
normalmente, durante as quais se 1632
distribui um pequeno panfleto, uma 1633
coisa pequenina, com pouco texto mas 1634
que explique o fundamental, o que é 1635
o manifesto e o que é que se 1636
pretende, o que é que pretende, 1637
ahhh, na feira do livro...agora p'ra 1638
preparação para esta ação da 1639
"Cultura em Luta", estas, como é 1640
normal, estas ações de agitação têm 1641
dois objetivos: um é fazer chegar à 1642
população...um tema político, uma 1643
mensagem, que é a mensagem de luta 1644
em defesa da cultura, porque ela é 1645
nova, porque não fazia parte da 1646
discussão política comum, ahhh e 1647
portanto fazer chegar ao comum dos 1648
cidadãos essa, essa mensagem também 1649
é factor de ahhh... nós nunca 1650
entendemos nada, isso é típico creio 1651
eu também, ou seja, sempre foi 1652
assim, uma manifestação nunca se 1653
esgotou em si própria, o objetivo da 1654
manifestação é; é sê-lo da forma 1655
mais pujante possível, mas é depois 1656
dar, dar a conhecer que ela existiu, 1657
né? Isso era mais difícil, com os 1658
meios tradicionais, né, porque 1659
embora...enfim...a luta...a luta de 1660
massas, antes, dispusesse de alguns 1661
meios de divulgação, pequenos 1662
jornais sindicais, boletins 1663
associativos, jornais partidários, e 1664
a sua difusão que permitiam fazer, 1665
dar a conhecer que aquela 1666
manifestação tinha ocorrido e 1667
mostrar uma fotografia dessa 1668
manifestação, é...isso...até se pode 1669
dizer que antes era mais fácil, 1670
hoje, a difusão desses jornais está 1671
muito dificultada, e também a 1672
pluralidade dos grandes meios de 1673
comunicação social acabou, né, 1674
portanto também uma coisa que 1675
ajudava de certa forma a...noutros 1676
momentos, a,,os...as novas 1677
tecnologias da informação permitem 1678
fazer essa...essa economia de ação 1679
política, ou seja, fazemos uma ação 1680
porque queremos fazê-lo, porque ela 1681
é importante, ela dá a conhecer uma 1682

.;JORNALISMOOCS; ;INTERNETEMOVSOCC; ;INTERNETEMOBILIZAÇ;

mensagem, dá a conhecer uma 1683
organização a outros, e conquista 1684
gente, temos casos em que gente que 1685
nos viu na rua, gente que nos viu 1686
nas manifestações vem depois a 1687
integrar o movimento porque 1688
indentifica-se com a sua maneira de 1689
agir. Depois ela reforça o próprio 1690
movimento, porque as pessoas se 1691
sentem bem nesse papel, sentem que a 1692
ação fez sentido, que isso deu 1693
sentido à sua participação e depois 1694
a sua repercussão, é preciso dar a 1695
conhecer que fizemos aquilo, 1696
preocupamo-nos muito com o registo 1697
em vídeo, fotográfico, ahhh com a 1698
notícia, fazendo com que ela mais 1699
depressa possível esteja nas redes 1700
sociais, ou por email, enviamos para 1701
uma lista grande de contactos, que 1702
fazemos chegar, digamos, aos nossos 1703
contactos pessoais e depois aos do 1704
manifesto, fazer chegar a toda a 1705
gente uma fotografia daquela ação, 1706
um corpo vídeo, portanto é um aspeto 1707
importante da nossa ação. Depois, 1708
portanto, há esse...diria esse vetor 1709
de ação política tradicional que é 1710
muito baseado no contacto físico, na 1711
presença, na ação de rua, direta, há 1712
essa...portanto, essa, essa, esse uso 1713
das novas tecnologias no sentido de 1714
prolongar, e de de fazer com que a 1715
ação se transforme em qualquer coisa 1716
de maio, de maior impacto. E depois 1717
há... aspetos de criatividade, que às 1718
vezes não são tão criativos assim, 1719
são apenas voltar, voltar a formas 1720
vamos dizer uma palavra- 1721
performativas- que até eram 1722
habituais e que depois caíram em 1723
desuso, porque as pessoas 1724
envergonham-se, ou seja, berrar na 1725
rua era uma coisa que era normal, 1726
deixou de ser, ninguém gosta muito 1727
de o fazer e nós fazemos essa 1728
pedagogia, porque os nossos 1729
ativistas do Manifesto não são 1730
particularmente exuberantes, apenas 1731
acontece que no manifesto há pessoas 1732
que, felizmente, por razões, ou 1733
porque tiveram experiência do teatro 1734
ou porque são ao contrário mais 1735
expansivas, têm facilidade ou 1736
conseguem superar-se, porque, eu 1737
também, eu por exemplo não sou tida 1738
como pessoa tímida, até interspecta, 1739
mas, e confesso quando, quando berro 1740

;MEIOSE EXPRESSÃO; ;MANIFESTAÇÕES; ;INTERNETEMOVSOC; ...

na rua, supero-me, até é uma coisa 1741
que preciso de resolver comigo 1742
próprio, eu penso que isso é 1743
importante, isso é um gesto 1744
simbólico importante ahhh que era 1745
normal há muito tempo atrás, deixou 1746
de ser normal, e agora é preciso 1747
recuperar, portanto, é uma forma, é 1748
digamos uma criatividade, mas é como 1749
acontece muitas vezes na arte 1750
contemporânea, não é algo 1751
verdadeiramente novo é algo que se 1752
vai buscar lá no fundo do património 1753
da história do homem e, depois, 1754
apresenta-se, envolve de de uma, num 1755
contexto diferente. Ahh há essa 1756
componente de criatividade que não 1757
é, como eu digo não é 1758
necessariamente criatividade no 1759
sentido de fazer qualquer coisa de 1760
verdadeiramente diferente, mas que 1761
...e sobretudo que é pensado em função 1762
de eficácia também, a criatividade 1763
no sentido de fazer uma espécie de 1764
carnaval não é para nós muito 1765
importante, é... sempre em função que 1766
ela seja eficaz, e que ela traga, 1767
coisa que não é pouco importante, a 1768
sensação de estar a fazer qualquer 1769
coisa de importante, ehhh... trazer à 1770
ação política a nobreza que ela tem, 1771
num tempo em que ela é muito 1772
desprestigiada, intensionalmente 1773
muito desprestigiada. Então a única 1774
resposta que podemos dar é mostrar 1775
como, que ela é nobre, que ela é 1776
épica, que é alegre, que tem 1777
alegria, tem, tem esperança. 1778

E- Falou aí há pouco da forma como as 1780
tecnologias da informação poderão 1781
eventualmente criar um contacto 1782
entre os ativistas, que pertencem à 1783
organização, mas também, enquanto 1784
prolongamento, digamos assim, dos 1785
efeitos, dos efeitos desse próprio 1786
protesto. E os média? 1787

PP- Os média? Estamos a falar? 1789

E- Os jornalistas, os meios. PP- Os 1791
meios de comunicação?? Sim. 1792

E-falou há pouco também da questão de 1794
haver uma concentração dos média. 1795

PP- Sim, hoje, verifica-se, não é 1797
preciso haver uma investigação 1798

JORNALISMOOCS:

Entrevista Pedro Penilo

Out 09, 2016 05:33

Page 32

apurada para ver, se os principais meios de comunicação social estão concentrados em meia dúzia de grupos.	1799 1800 1801 1802	
E- mas eles cobrem as vossas atividades?	1804 1805	
PP- Às vezes sim, outras vezes não. Ahhhh Nós, no ano 2012 tivémos uma coisa chamada “Semana de Luta em Defesa da Cultura” foi a primeira ação mais complexa, mais ousada do Manifesto a nível nacional, portanto, aconteceu em várias cidades, foi em Setembro, na altura...penso...que os jornalistas não sabiam o que era o Manifesto, e que...e existia, foi num contexto de grande ebulição, estavam a haver outras iniciativas, outras grandes mobilizações, tinha havido o 12 de Março, depois o 15 de Outubro, todas aquelas, produção de grandes manifestações de massas e nós tivemos uma recepção da comunicação social surpreendente, portanto houve várias peças televisivas sobre a...ação do manifesto naquela semana, que nem sequer eram ações de grande mobilização, aqui em Lisboa foram aquilo a que nós chamámos rusgas, pequenos grupos , cada um com sua forma de intervenção criativa, sempre preocupada com a transmissão de uma determinada mensagem e que depois confluíam no largo do Camões, mas era uma coisa que envolveu prá aí cerca de uma centena de pessoas, espalhadas por esses sítios, mas pronto mas houve um interesse e ...depois em Coimbra fizeram uma coisa semelhante. Ehhhh E isto teve peças de televisão.	1807 1808 1809 1810 1811 1812 1813 1814 1815 1816 1817 1818 1819 1820 1821 1822 1823 1824 1825 1826 1827 1828 1829 1830 1831 1832 1833 1834 1835 1836 1837 1838 1839 1840 1841 1842	JORNALISMOOCS;
E – E foi importante essa cobertura?	1844	
PP- Bom.... Essa cobertura é importante na medida em que para a maior parte da sociedade, é também uma força de legitimação, ou seja, primeiro porque ela é massiva, não é, ela é imensamente mais...ela toca muito mais gente do que as redes sociais. As redes sociais têm filtros, ahhh dependem muito, não apenas dependem da própria forma de disseminação, ehhh o Manifesto é um movimento	1846 1847 1848 1849 1850 1851 1852 1853 1854 1855 1856	JORNALISMOOCS;

Entrevista Pedro Penilo

Out 09, 2016 05:33

Page 33

pequeno, não é, tem cerca de uma	1857
centena de ativistas espalhados pelo	1858
país todo, ahhh, não temos	1859
estrutura, ehhhh, fixa, quer dizer	1860
não temos funcionários, não temos	1861
sede. Portanto nem sempre, depende	1862
muito da disponibilidade das pessoas	1863
que trabalham...nele...há, há momentos	1864
em que as pessoas têm, que estão	1865
desempregadas, outras em que as	1866
pessoas estão a trabalhar muito, e	1867
portanto, e depois também, a...se	1868
reflete na constância da nossa ação.	1869

ANEXO H – TABELAS DOS ESTUDOS QUALITATIVO E QUANTITATIVO – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Quadro H.1 – Tabela Frequências Publicação Posts no Facebook – Manifesto em Defesa da Cultura

Nome	Nº Posts
Emdefesa Dacultura	14
Luísa Potlatch	10
Márcia Filipa Moura	6
Elsa Figueiredo	4
Barao Fernando	3
Carlos Rodrigues.	2
Maria Papoila	2
Carlos Fonseca	1
João B Costa	1
Joaquim Fonseca Namora	1
José Mestre	1
Maria Teresa Rosendo	1
Nuno Franco	1
Orlando Gonçalves	1
Pedro Penilo	1
Rui Galveias	1
Silvia Fontes	1
Yi Mo	1
Total	52

Quadro H.2 - Tabela de Frequências Publicação Posts no Facebook – Carruagem da Liberdade

Nome	Nº Posts
Mauro Burlamaqui Sampaio.	14
Renato Teixeira	5
Carvalho Jesus	4
Francisco Norega .	4
Paula Montez	3
Tipu Fudidu	3
Diana Dionísio	2
Estivadores Solidariedade	2
José Orogério	2
Manuelinho Menino .	2
André Carapinha	1
Francisco Kiko	1
João B Costa	1
Nuno Rodrigues	1
Telmo Daniel Rodrigues	1
Temporário Antunes	1
TOTAL	47

Quadro H.3 - Tabela de Frequências Publicação Posts no Facebook – Estudantes ao Carmo

Nome	Nº Posts
João B Costa	10
Estudantes Ao Carmo	7
Francisco Norega .	4
Mauro Burlamaqui Sampaio	4
Renato Teixeira	3
Tipu Fudidu	3
Carvalho Jesus	2
José Orogério	2
Manuelinho Menino .	2
Pedro Fidalgo	2
André Carapinha	1
Diana Dionísio	1
Estivadores Solidariedade	1
João Fraga	1
Temporário Antunes	1
TOTAL	44

Quadro H.4 - Tabela de Frequências Publicação Posts no Facebook – PREC’s Not Dead

Nome	Nº Posts
Mauro Burlamaqui Sampaio	15
Maria Crise	14
Estivadores Solidariedade	8
Renato Teixeira	8
Carvalho Jesus	6
Pedro Fidalgo	6
João B Costa	5
Francisco Norega	4
João Fraga	4
Milé Sardera	4
Duval McGregor	3
Fernando André Rosa	3
Lima Iva	3
Cristina Pithecus Fernandes	2
Maria Do Carmo	2
Minotauro Mineteiro	2
Ricardo Noronha	2
Estivadores Solidariedade	1
Francisco Norega	1
Cine Kleist	1
Davide Costa	1
Diana Dionísio	1
Gisela Francisco	1
Joana Lopes	1
João Loureiro	1
Lídia Simões	1
Luhuna Carvalho	1
Marco Sines	1
Marta Ramires	1
Rui Amaro	1
Rui Ruivo	1
Salome Monteiro	1
Sara Franco	1
Sérgio Passos	1
Su Delgado	1
Tatiana Moutinho	1
Temporário Antunes	1
Tipu Fudidu	1
TOTAL	112

Quadro H.5 - Tabela de Frequências Publicação Posts no Facebook – Capitães Queer

Nome	Nº Posts
Panteras Rosa	9
Carvalho Jesus	6
Francisco Norega .	4
Renato Teixeira	3
Tipu Fudidu	3
Estivadores Solidariedade	2
Carlos Miranda Gil	1
Diana Dionísio	1
Fernando André Rosa	1
José Orogério	1
Marie-line Darcy	1
Paulo Morgado	1
Re-sús Homeboy	1
Temporário Antunes	1
TOTAL	35

Quadro H.6 - Tabela de Frequências Publicação Posts no Facebook – Basta! Okupar o Carmo

Nome	Nº de Posts
Awakening on a Healthy Life	11
Mauro Burlamaqui Sampaio	4
Carvalho Jesus	3
Estivadores Solidariedade	2
Francisco Norega	2
Renato Teixeira	2
Joana Lopes	1
Marta Ramires	1
Tipu Fudidu	1
TOTAL	27

Quadro H.7 - Tabela de Frequências Publicação Posts no Facebook – Poder ser a gota d’água

Nome	Nº Posts
Que se Lixe a Troika	35
Mauro Burlamaqui Sampaio .	17
Madalena Ávila	15
Abigail Maia	12
Renato Teixeira	11
Fernando Cardoso Silva	8
Lídia Simões	8
Cristina Pithecus Fernandes .	7
Minotauro Mineteiro	7
Carvalho Jesus	6
Estivadores Solidariedade	6
João B Costa	6
Nuno Luis	5
Inês Subtil	4
Rita Veloso	4
Tipu Fudidu	4
João Ricardo Melo Carvalho .	3
Pedro Fidalgo	3
Ramiro Osorio	3
Adélia Pauffero	2
Alberto Martinho	2
Cidadão José	2
Filomena Carocinho	2
Francisco Norega .	2
Jose Antonio	2
José Orogério	2
Lúcia Gomes	2
Luis Antunes	2
Adelaide Teixeira	1
Alberto Jorge Goes Reis	1
Alexandre Silva	1
Anabela LM	1
André Carapinha	1
Barao Fernando	1
Be Nascimento	1
Carlos Alexandre Andrade	1
Clara Roque Esteves	1
Cristina Marinho Mendes	1
Cristina Novo	1
Diana Dionísio	1
Diogo Leal	1
Donzília Conceicao	1
Fernandes Alexandre	1
Graça Pratas	1
Helena Dias	1
Henrique Santos	1
Isabel Montenegro	1
Joana Lopes	1
João Carlos Silveira	1
João de Sousa	1
João Moura	1
Jorge Alan	1
Jose Braz	1
Luis Andrade	1
Luis Morgado	1
Luis Shana	1
Maria Do Carmo	1
Maria Helena Nabais	1
Maria José Correia	1
Maria Teresa Sá	1
Milou Vaz Alvaro	1
Mimi Prosperi	1
Noémia Pereira	1
Nuno Rodrigues	1
Olga Sousa Santos	1
Paula Gaitera Sousa .	1
Sergio Montez	1
Sérgio Passos	1
Susana Cabral	1
Tatiana Moutinho	1
Temporário Antunes	1
Teresa Cardoso	1
Tiago Saraiva	1
Victor Lopes	1
TOTAL	228

Quadro H.8 - Tabela de Frequências Publicação Posts no Facebook – Marea Granate Lisboa

Nome	Nº Posts
Marea Granate Lisboa .	3
André Carapinha	1
António José	1
TOTAL	5

Quadro H.9 - Tabela de Frequências Publicação Posts no Facebook – Com Abraços de Cultura/Dogma 12

Nome	Nº Posts
Mauro Burlamaqui Sampaio	10
Carvalho Jesus	5
Renato Teixeira	5
Lídia Simões	4
Dogma 12	3
Tipu Fudidu	3
João B Costa	2
André Carapinha	1
Diana Dionísio	1
Estivadores Solidariedade	1
Francisco Norega .	1
Joana Lopes	1
Rúben Marreiros	1
Temporário Antunes	1
TOTAL	39

Quadro H.10 - Tabela de Frequências Publicação Posts no Facebook – Gaiteiros e Percussionistas ao Carmo

Nome	Nº Posts
Mauro Burlamaqui Sampaio.	8
Carvalho Jesus	5
João B Costa	3
Paula Gaitera Sousa	3
Renato Teixeira	3
Tipu Fudidu	2
Diana Dionísio	1
Dianah Ahh	1
Estivadores Solidariedade	1
Madalena Ávila	1
Maria Do Carmo	1
Rita Santos	1
Temporário Antunes	1
Victor Lopes	1
TOTAL	32

Quadro H.11 - Características do Facebook na Comunicação Política (Túnez e Sixto, 2011:90)

Uso de Facebook en comunicación política	
Es comunicación personal	Las redes sociales definen un entramado de relaciones en las que cada usuario se crea un espacio virtual de comunicación interpersonal, fundamentalmente con un contenido lúdico, de entretenimiento, de empatía con el propio círculo (o red) de amistades con las que acepta voluntariamente compartir ese escenario virtual.
Herramienta diacrónica	Facebook ofrece un punto virtual de reunión en la que la invitación a entrar es permanente y en el que se registran las participaciones activas: aportar material, aportar comentarios, sumarse a los que le gusta una propuesta... en comunicación interpersonal y colectiva (muchos a muchos) sin necesidad de coincidir temporalmente en la acción (diacrónica).
Los contenidos son pro-activos	Seguramente uno de los aspectos más interesantes del uso de Facebook es que se refuerza que quien actúa es el mensaje y no el receptor en los flujos habituales de comunicación. El contenido llega al usuario sin que el usuario lo busque; está en su espacio de comunicación personal cada vez que accede a él. El matiz es importantísimo porque en este caso los contenidos adquieren una dimensión de pro-actividad.
Mejora el rapport	La relación grupal se da en espacios personales, lo que ayuda a mejorar el clima relacional político-usuario. La red aproxima, humaniza la intercomunicación al desarrollarse en entornos personales.
Vigencia del mensaje muy limitada	La vigencia depende de la frecuencia de renovación de asuntos. Lo interesante es lo que está en nuestro muro, pero aún más que esa publicación aparece en página de inicio de los miembros de nuestra red, pero en cada uno de ellos se renuevan en función de la actividad de todos sus amigos. Entendemos que ha de ser un muro vivo, con constantes aportaciones, por lo que se ha de tener en cuenta que para muchos visitantes los asuntos de contacto se limitarán a los que caben en la primera pantalla o, como mucho, a los que nos permita el <i>scrolling</i> .
Se consume lo que se ve	Se ha de procurar que los asuntos importantes estén en el muro. No todos los usuarios buscan en otras pestañas de la página; la mayoría se conforma con lo que ve al acceder: miran lo que se les aparece a simple vista.
Dialogo, mejor que discurso	La comunicación Facebook es dialógica no discursiva. Las aportaciones han de ceñirse a la máxima de la red: breve y conciso, a poder ser en el texto que cabe en la ventana sin que el usuario tenga que recurrir a activar "saber más". La idea de que debemos jerarquizar los contenidos y codificar el mensaje para que el receptor lo tenga todo sin depender de que ejecute una acción suplementaria de pedimos más rige para los contenidos de cualquier web y se extrema en las redes sociales.

Fuente: Túnez y Sixto (2010).

Quadro H.12 - Interpretação dos valores do coeficiente de correlação de Pearson

Correlação	Interpretação
.90 to 1.00 (-.90 to -1.00)	Correlação muito elevada positiva
.70 to .90 (-.70 to -.90)	Correlação elevada positiva (negativa)
.50 to .70 (-.50 to -.70)	Correlação moderada positiva (negativa)
.30 to .50 (-.30 to -.50)	Correlação baixa positiva (negativa)
.00 to .30 (.00 to -.30)	Correlação negligenciável

Quadro H.13 - Tabela de frequências: Género

	Frequência	Percentagem
Masculino	151	40,6
Feminino	221	59,4
Total	372	100,0

Nota: Verificam-se 5 não respostas, que correspondem a 1,3% da amostra.

Quadro H.14 - Tabela de frequências: Idade

	Frequência	Percentagem
15 - 18 anos	20	5,3
19 - 22 anos	158	41,9
23 - 26 anos	82	21,8
27 - 30 anos	30	8,0
31 - 34 anos	13	3,4
35 - 38 anos	23	6,1
+ de 38 anos	51	13,5
Total	377	100,0

Quadro H.15 - Tabela de frequências: Idade

	Frequência	Percentagem
15 - 22 anos	178	47,2
23 - 30 anos	112	29,7
31 - 38 anos	36	9,5
+ de 38 anos	51	13,5
Total	377	100,0

Quadro H.16 - Tabela de frequências: Situação profissional

	Frequência	Percentagem
Funcionário Público	15	4,0
Empregado por conta de outrem	55	14,6
Empregado por conta própria	12	3,2
Estudante	206	54,6
Trabalhador/ estudante	79	21,0
Desempregado	10	2,7
Total	377	100,0

Quadro H.17 - Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?

	Frequência	Percentagem
Sim	128	34,0
Não	249	66,0
Total	377	100,0

Quadro H.18 - Tabela de frequências: Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida

	Frequência	Percentagem
1 única vez	18	15,7
Entre 2 e 5 vezes	43	37,4
Entre 6 e 9 vezes	13	11,3
Mais de 10 vezes	41	35,7
Total	115	100,0

Quadro H.19 - Tabela de frequências: Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação (total de 115 respostas)

	Não		Sim	
	N	%	N	%
Condições de trabalho	29	25,2%	86	74,8%
Educação	30	26,1%	85	73,9%
Desemprego	49	42,6%	66	57,4%
Paz	73	63,5%	42	36,5%
Segurança Social	66	57,4%	49	42,6%
Ambiente	80	69,6%	35	30,4%
Temas relacionados com desenvolvimento	95	82,6%	20	17,4%
Justiça/ política	44	38,3%	71	61,7%
Racismo	72	62,6%	43	37,4%
Assuntos relacionados com a minha comunidade/ bairro	96	83,5%	19	16,5%
Direitos das mulheres	80	69,6%	35	30,4%
Direitos LGBT (homossexuais, bissexuais, transgénero)	87	75,7%	28	24,3%
Agricultura	111	96,5%	4	3,5%
Outro	96	83,5%	19	16,5%

Quadro H.20 - Tabela de frequências: Em que tipo de manifestações participou? (total de 115 respostas)

	Não		Sim	
	N	%	N	%
Marcha (pessoas desfilam nas ruas)	3	2,6%	112	97,4%
Festa/ Comício (discursos e entretenimento)	63	54,8%	52	45,2%
Piquete (bloqueio ou cordão humano junto a locais)	99	86,1%	16	13,9%
Ocupação/ acampada (ocupação por várias horas ou dias)	103	89,6%	12	10,4%
Vigília (ocupação noturna de espaço)	96	83,5%	19	16,5%
Protesto disruptivo (ex. uso da nudez, interrupção de	106	92,2%	9	7,8%
Outra	108	93,9%	7	6,1%

Quadro H.21 - Tabela de frequências: Das seguintes manifestações realizadas em Lisboa em 2014, selecione aquelas em que participou (total de 115 respostas)

	Não		Sim	
	N	%	N	%
Rios ao Carmo - Celebração dos 40 anos do 25 de Abril (dia 24 à noite)	91	79,1%	24	20,9
1º de Maio Celebração do Dia do Trabalhador - Alameda (promovida pela CGTP)	85	73,9%	30	26,1
1º de Maio Celebração do Dia do Trabalhador - Belém (promovida pela UGT)	107	93,0%	8	7,0%
Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25)	89	77,4%	26	22,6
Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade)	60	52,2%	55	47,8
Festa "Dentro de ti Ó Cidade", 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da	108	93,9%	7	6,1%
Outra	76	66,1%	39	33,9

Quadro H.22 - Tabela de frequências: Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?

	Frequência	Porcentagem
Nas ruas	87	76,3
Num espaço fechado e coberto	1	,9
Numa praça	10	8,8
Junto a uma entidade pública	12	10,5
Junto a uma entidade privada	1	,9
Junto a uma escola	1	,9
Outro	2	1,8
Total	114	100,0

Verifica-se uma não resposta

Quadro H.23 - Tabela de frequências: Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização? (total de 115 respostas)

	Não		Sim	
	N	%	N	%
Amigos/ familiares	70	60,9%	45	39,1%
Colegas de trabalho ou da escola	96	83,5%	19	16,5%
Redes Sociais	52	45,2%	63	54,8%
Cartaz/ Murais	89	77,4%	26	22,6%
Panfletos	97	84,3%	18	15,7%
Notícias na imprensa escrita	86	74,8%	29	25,2%
Carro de campanha/ megafone	110	95,7%	5	4,3%
Notícias na rádio	104	90,4%	11	9,6%
Notícias na televisão	90	78,3%	25	21,7%
Notícias nos meios online	91	79,1%	24	20,9%
Social Media (ex. blogues)	105	91,3%	10	8,7%
Partido Político	93	80,9%	22	19,1%
Sindicato/ Delegado Sindical	108	93,9%	7	6,1%
Associações	103	89,6%	12	10,4%
Outro	112	97,4%	3	2,6%

Quadro H.24 - Tabela de frequências: Qual foi o motivo que o levou a participar na última manifestação? (total de 115 respostas)

	Não		Sim	
	N	%	N	%
Estar com os amigos	106	92,2%	9	7,8%
Diversão e entretenimento	114	99,1%	1	,9%
Assistir a um espetáculo	113	98,3%	2	1,7%
Assistir a um comício	111	96,5%	4	3,5%
Comida e bebida	115	100,0%		
Descontentamento	49	42,6%	66	57,4%
Apoio a uma causa política	54	47,0%	61	53,0%
Apoio a uma causa social	36	31,3%	79	68,7%
Outro	102	88,7%	13	11,3%

Quadro H.25 - Tabela de frequências: Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações? (total de 115 respostas)

	Não		Sim	
	N	%	N	%
Sou militante de um partido político	91	79,1%	24	20,9%
Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos	110	95,7%	5	4,3%
Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista	111	96,5%	4	3,5%
Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de	106	92,2%	9	7,8%
Sou sindicalizado	107	93,0%	8	7,0%
Pertenço a uma associação cultural	106	92,2%	9	7,8%
Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente	111	96,5%	4	3,5%
Outra	105	91,3%	10	8,7%
Pertenço a uma associação comercial/ industrial/ empresarial	114	99,1%	1	,9%
Pertenço a uma associação de profissionais	108	93,9%	7	6,1%
Pertenço a uma associação de estudantes	111	96,5%	4	3,5%
Não pertenço a nenhum grupo ou organização	50	43,5%	65	56,5%

Quadro H.26 - Tabela de frequências: Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação (total de 115 respostas)

	Não		Sim	
	N	%	N	%
Dizer palavras de ordem	29	25,2%	86	74,8%
Envio de SMS (mensagens escritas) ou MMS (mensagens multimédia)	90	78,3%	25	21,7%
Telefonemas	97	84,3%	18	15,7%
Captar fotografias por telefone móvel	64	55,7%	51	44,3%
Captar vídeo por telefone móvel	90	78,3%	25	21,7%
Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras	92	80,0%	23	20,0%
Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens	73	63,5%	42	36,5%
Cantar ou tocar um instrumento	82	71,3%	33	28,7%
Dançar ou fazer gestos com carga simbólica	99	86,1%	16	13,9%
Outra	103	89,6%	12	10,4%
Assinar/ promover petições	56	48,7%	59	51,3%

Quadro H.27 - Tabela de frequências: Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar (total de 115 respostas)

	Não		Sim	
	N	%	N	%
Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais	98	85,2%	17	14,8%
Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei	92	80,0%	23	20,0%
Publicar vídeos captados durante as manifestações em que participei nas	110	95,7%	5	4,3%
Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras	91	79,1%	24	20,9%
Falar com amigos e com familiares sobre a minha experiência	25	21,7%	90	78,3%
Outro	102	88,7%	13	11,3%

Quadro H.28 - Tabela de frequências: Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?

	Frequência	Percentagem
Até 100 pessoas	3	2,6
Entre 100 e 500 pessoas	17	14,9
Entre 500 e 1000 pessoas	18	15,8
Entre 1000 e 5000 pessoas	31	27,2
+ de 5000 pessoas	45	39,5
Total	114	100,0

Verifica-se uma não resposta

Quadro H.29 - Tabela de frequências: Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?

	Frequência	Percentagem
Sim	98	85,2
Não	17	14,8
Total	115	100,0

Quadro H.30 - Tabela de frequências: Utiliza as redes sociais online?

	Frequência	Percentagem
Sim	100	87,7
Não	14	12,3
Total	114	100,0

Verifica-se uma não resposta

Quadro H.31 - Tabela de frequências: No caso de ser utilizador de redes sociais online, indique aquelas onde possui perfil de utilizador (total de 100 respostas)

	Não		Sim	
	N	%	N	%
Facebook	3	3,0%	97	97,0%
Linkedin	49	49,0%	51	51,0%
Youtube	50	50,0%	50	50,0%
Vimeo	93	93,0%	7	7,0%
Flickr	94	94,0%	6	6,0%
Google+	62	62,0%	38	38,0%
Tumblr	87	87,0%	13	13,0%
Twitter	75	75,0%	25	25,0%
Outra	84	84,0%	16	16,0%

Quadro H.32 - Tabela de frequências: Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?

	Frequência	Percentagem
Sim	26	22,6
Não	89	77,4
Total	115	100,0

Verifica-se uma não resposta

Quadro H.33 - Tabela de frequências: Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa

	Não sabe/ não conhece	
	N	%
Rios ao Carmo (24 de Abril à noite)	159	58,5
Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP)	74	28,9
Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril)	85	33,5
Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade)	61	25,7
Festa Dentro de ti Ó Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto)	156	57,4
Celebração do 1º de Maio dia do Trabalhador em Belém (promovida pela UGT)	95	35,2

Quadro H.34 - Tabela de frequências: Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa (Continuação)

	1		2		3		4		5		6	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Rios ao Carmo (24 de Abril à noite)	12	8,3%	14	9,7%	28	19,3%	39	26,9%	20	13,8%	32	22,1%
Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP)	12	5,3%	27	11,9%	32	14,1%	61	26,9%	50	22,0%	45	19,8%
Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril)	16	7,4%	23	10,6%	29	13,4%	58	26,9%	43	19,9%	47	21,8%
Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade)	11	4,6%	19	8,0%	27	11,4%	62	26,2%	57	24,1%	61	25,7%
Festa Dentro de ti Ó Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto)	13	8,8%	15	10,2%	20	13,6%	37	25,2%	31	21,1%	31	21,1%
Celebração do 1º de Maio dia do Trabalhador em Belém (promovida pela UGT)	16	7,7%	30	14,5%	30	14,5%	69	33,3%	30	14,5%	32	15,5%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida:

1- Nada Pertinente; 2- Pouco Pertinente; 3- Alguma Pertinência; 4- Pertinente; 5- Muito Pertinente; 6- Bastante Pertinente

Quadro H.35 - Estatísticas: Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
Rios ao Carmo (24 de Abril à noite)	145	3,94	1,54	39%	1	6
Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP)	227	4,08	1,45	36%	1	6
Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril)	216	4,06	1,52	37%	1	6
Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade)	237	4,34	1,42	33%	1	6
Festa Dentro de ti Ó Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura)	147	4,03	1,55	39%	1	6
Celebração do 1º de Maio dia do Trabalhador em Belém (promovida pela UGT)	207	3,79	1,47	39%	1	6

Os valores indicados reportam-se à escala de medida:

1- Nada Pertinente; 2- Pouco Pertinente; 3- Alguma Pertinência; 4- Pertinente; 5- Muito Pertinente; 6- Bastante Pertinente

Quadro H.36 - Tabela de frequências: Em que medida concorda com as seguintes afirmações

	Não tenho opinião	
	N	%
As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento	4	1,3%
O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito	7	2,3%
Há manifestações a mais em Portugal	17	5,6%
As manifestações não resultam numa melhoria da situação	4	1,3%
As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos	13	4,3%
Os participantes de manifestações procuram emoções fortes	30	9,9%
As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos	5	1,7%
As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo	7	2,3%
Há manifestações por tudo e por nada	10	3,3%

Quadro H.37 – Tabela de frequências: Em que medida concorda com as seguintes afirmações (Continuação)

	1		2		3		4		5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento	5	1,7%	10	3,3%	19	6,3%	147	49,0%	119	39,7%
O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito	4	1,4%	4	1,4%	15	5,1%	128	43,2%	145	49,0%
Há manifestações a mais em Portugal	55	19,2%	57	19,9%	77	26,9%	57	19,9%	40	14,0%
As manifestações não resultam numa melhoria da situação	25	8,4%	74	24,9%	61	20,5%	87	29,3%	50	16,8%
As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos	47	16,3%	99	34,3%	86	29,8%	47	16,3%	10	3,5%
Os participantes de manifestações procuram emoções fortes	18	6,6%	58	21,2%	98	35,8%	89	32,5%	11	4,0%
As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos	6	2,0%	38	12,8%	34	11,4%	150	50,5%	69	23,2%
As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo	94	31,6%	110	37,0%	49	16,5%	35	11,8%	9	3,0%
Há manifestações por tudo e por nada	64	21,8%	80	27,2%	59	20,1%	63	21,4%	28	9,5%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida:

1- Discordo Muito; 2- Discordo; 3- Não concordo nem discordo; 4- Concordo; 5- Concordo Muito

Quadro H.38 - Em que medida concorda com as seguintes afirmações

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento	300	4,22	0,84	20%	1	5
O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito	296	4,37	0,76	17%	1	5
Há manifestações a mais em Portugal	286	2,90	1,31	45%	1	5
As manifestações não resultam numa melhoria da situação	297	3,21	1,23	38%	1	5
As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos	289	2,56	1,05	41%	1	5
Os participantes de manifestações procuram emoções fortes	274	3,06	0,98	32%	1	5
As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos	297	3,80	1,00	26%	1	5
As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo	297	2,18	1,09	50%	1	5
Há manifestações por tudo e por nada	294	2,70	1,29	48%	1	5

Os valores indicados reportam-se à escala de medida:

1- Discordo Muito; 2- Discordo; 3- Não concordo nem discordo; 4- Concordo; 5- Concordo Muito

Quadro H.39 - Tabela de frequências: Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” e o género

Género:	Já participou em manifestações	
	Sim	Não
Masculino	N 54 35,8%	N 97 64,2%
Feminino	N 72 32,6%	N 149 67,4%

Quadro H.40 - Tabela de frequências: Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” e a idade

Idade:		Já participou em manifestações	
		Sim	Não
15 - 22 anos	N	37	141
	% na idade	20,8%	79,2%
23 - 30 anos	N	30	82
	% na idade	26,8%	73,2%
31 - 38 anos	N	24	12
	% na idade	66,7%	33,3%
+ de 38 anos	N	37	14
	% na idade	72,5%	27,5%

Quadro H.41 - Tabela de frequências: Relação entre “Já, por alguma vez, participou numa manifestação de protesto ou de reivindicação de direitos políticos/ sociais no espaço público?” e a situação profissional

Situação profissional:		Já participou em manifestações	
		Sim	Não
Funcionário	N	11	4
	% na situação	73,3%	26,7%
Empregado por	N	27	28
conta de outrem	% na situação	49,1%	50,9%
Empregado por	N	10	2
conta própria	% na situação	83,3%	16,7%
Estudante	N	44	162
	% na situação	21,4%	78,6%
Trabalhador/ estudante	N	31	48
	% na situação	39,2%	60,8%
Desempregado	N	5	5
	% na situação	50,0%	50,0%

Quadro H.42 - Tabela de frequências: Relação entre “Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida:” e o género

		Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o			
		1 única vez	Entre 2 e 5 vezes	Entre 6 e 9 vezes	Mais de 10
Masculino	N	5	18	5	19
	% no género	10,6%	38,3%	10,6%	40,4%
Feminino	N	13	24	7	22
	% no género	19,7%	36,4%	10,6%	33,3%

Quadro H.43 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e o género

		N	% Sim	Desvio padrão	Teste t	p
Condições de trabalho	Masculino	47	79%	41%	0,896	0,372
	Feminino	66	71%	46%		
Educação	Masculino	47	64%	49%	-1,971	0,051
	Feminino	66	80%	40%		
Desemprego	Masculino	47	60%	50%	0,369	0,713
	Feminino	66	56%	50%		
Paz	Masculino	47	34%	48%	-0,415	0,679
	Feminino	66	38%	49%		
Segurança Social	Masculino	47	55%	50%	2,191	** 0,031
	Feminino	66	35%	48%		
Ambiente	Masculino	47	30%	46%	-0,058	0,954
	Feminino	66	30%	46%		
Temas relacionados com desenvolvimento	Masculino	47	21%	41%	0,836	0,405
	Feminino	66	15%	36%		
Justiça/ política	Masculino	47	64%	49%	0,345	0,731
	Feminino	66	61%	49%		
Racismo	Masculino	47	40%	50%	0,435	0,665
	Feminino	66	36%	48%		
Assuntos relacionados com a minha comunidade/ bairro	Masculino	47	17%	38%	0,265	0,791
	Feminino	66	15%	36%		
Direitos das mulheres	Masculino	47	15%	36%	-3,234	** 0,002
	Feminino	66	42%	50%		
Direitos LGBT (homossexuais, bissexuais, transgénero)	Masculino	47	17%	38%	-1,616	0,109
	Feminino	66	30%	46%		
Agricultura	Masculino	47	6%	25%	1,380	0,170
	Feminino	66	2%	12%		
Outro	Masculino	47	23%	43%	1,584	0,116
	Feminino	66	12%	33%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.44 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Em que tipo de manifestações participou?” e o género

		N	% Sim	Desvio	Teste t	p
Marcha (pessoas desfilam nas ruas)	Masculino	47	98%	15%	0,292	0,771
	Feminino	66	97%	17%		
Festa/ Comício (discursos e entretenimento)	Masculino	47	53%	50%	1,453	0,149
	Feminino	66	39%	49%		
Piquete (bloqueio ou cordão humano junto a locais estratégicos)	Masculino	47	11%	31%	-0,901	0,369
	Feminino	66	17%	38%		
Ocupação/ acampada (ocupação por várias horas ou dias de local)	Masculino	47	13%	34%	0,621	0,536
	Feminino	66	9%	29%		
Vigília (ocupação noturna de espaço)	Masculino	47	15%	36%	-0,457	0,649
	Feminino	66	18%	39%		
Protesto disruptivo (ex. uso da nudez,) interrupção de cerimónias, etc	Masculino	47	6%	25%	-0,520	0,604
	Feminino	66	9%	29%		
Outra	Masculino	47	9%	28%	1,278	0,204
	Feminino	66	3%	17%		

Quadro H.45 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Das seguintes manifestações realizadas em Lisboa em 2014, seleccione aquelas em que participou” e o género

		N	% Sim	Desvio padrão	Teste t	p
Rios ao Carmo - Celebração dos 40 anos do 25 de Abril (dia 24 à noite)	Masculino	47	19%	40%	-0,455	0,650
	Feminino	66	23%	42%		
1º de Maio Celebração do Dia do Trabalhador - Alameda (promovida pela CGTP)	Masculino	47	28%	45%	0,224	0,823
	Feminino	66	26%	44%		
1º de Maio Celebração do Dia do Trabalhador - Belém (promovida pela UGT)	Masculino	47	9%	28%	0,497	0,620
	Feminino	66	6%	24%		
Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril)	Masculino	47	17%	38%	-1,274	0,205
	Feminino	66	27%	45%		
Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade)	Masculino	47	53%	50%	0,806	0,422
	Feminino	66	45%	50%		
Festa "Dentro de ti Ó Cidade", 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura)	Masculino	47	6%	25%	0,069	0,945
	Feminino	66	6%	24%		
Outra	Masculino	47	38%	49%	0,709	0,480

Quadro H.46 - Tabela de frequências: Relação entre “Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?” e o género

		Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?						
		Nas ruas	Num espaço fechado e coberto	Numa praça	Junto a uma entidade pública	Junto a uma entidade privada	Junto a uma escola	Outro
Masculino	N	38	1	7	1	0	0	0
	% no género	80,9%	2,1%	14,9%	2,1%	,0%	,0%	,0%
Feminino	N	49	0	2	10	1	1	2
	% no género	75,4%	,0%	3,1%	15,4%	1,5%	1,5%	3,1%

Quadro H.47 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização?” e o género

		N	% Sim	Desvio padrão	Teste t	p
Amigos/ familiares	Masculino	47	32%	47%	-1,450	0,150
	Feminino	66	45%	50%		
Colegas de trabalho ou da escola	Masculino	47	15%	36%	-0,457	0,649
	Feminino	66	18%	39%		
Redes Sociais	Masculino	47	64%	49%	1,782	0,078
	Feminino	66	47%	50%		
Cartaz/ Murais	Masculino	47	26%	44%	0,534	0,595
	Feminino	66	21%	41%		
Panfletos	Masculino	47	26%	44%	2,392	* 0,018
	Feminino	66	9%	29%		
Notícias na imprensa escrita	Masculino	47	34%	48%	1,728	0,087
	Feminino	66	20%	40%		
Carro de campanha/ megafone	Masculino	47	9%	28%	1,792	0,076
	Feminino	66	2%	12%		
Notícias na rádio	Masculino	47	13%	34%	1,234	0,220
	Feminino	66	6%	24%		
Notícias na televisão	Masculino	47	32%	47%	2,379	* 0,019
	Feminino	66	14%	35%		
Notícias nos meios online	Masculino	47	26%	44%	1,150	0,253
	Feminino	66	17%	38%		
Social Media (ex. blogues)	Masculino	47	15%	36%	2,330	* 0,022
	Feminino	66	3%	17%		
Partido Político	Masculino	47	23%	43%	1,108	0,270
	Feminino	66	15%	36%		
Sindicato/ Delegado Sindical	Masculino	47	9%	28%	0,857	0,393
	Feminino	66	5%	21%		
Associações	Masculino	47	6%	25%	-1,231	0,221
	Feminino	66	14%	35%		
Outro	Masculino	47	0%	0%	-1,483	0,141
	Feminino	66	5%	21%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.48 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Qual foi o motivo que o levou a participar na última manifestação?” e o género

		N	% Sim	Desvio padrão	Teste t	p
Estar com os amigos	Masculino	47	9%	28%	0,179	0,858
	Feminino	66	8%	27%		
Diversão e entretenimento	Masculino	47	0%	0%	-0,843	0,401
	Feminino	66	2%	12%		
Assistir a um espetáculo	Masculino	47	2%	15%	0,241	0,810
	Feminino	66	2%	12%		
Assistir a um comício	Masculino	47	4%	20%	0,344	0,731
	Feminino	66	3%	17%		
Comida e bebida	Masculino	47	0%	0%		
	Feminino	66	0%	0%		
Descontentamento	Masculino	47	60%	50%	0,369	0,713
	Feminino	66	56%	50%		
Apoio a uma causa política	Masculino	47	64%	49%	2,109	* 0,037
	Feminino	66	44%	50%		
Apoio a uma causa social	Masculino	47	77%	43%	1,632	0,105
	Feminino	66	62%	49%		
Outro	Masculino	47	15%	36%	0,948	0,345
	Feminino	66	9%	29%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.49 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e o género

		N	% Sim	Desvio padrão	Teste t	p
Sou militante de um partido político	Masculino	47	30%	46%	2,125	* 0,036
	Feminino	66	14%	35%		
Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos	Masculino	47	0%	0%	-1,945	0,054
	Feminino	66	8%	27%		
Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista	Masculino	47	0%	0%	-1,726	0,087
	Feminino	66	6%	24%		
Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos	Masculino	47	6%	25%	-0,520	0,604
	Feminino	66	9%	29%		
Sou sindicalizado	Masculino	47	11%	31%	1,242	0,217
	Feminino	66	5%	21%		
Pertencem a uma associação cultural	Masculino	47	4%	20%	-0,983	0,328
	Feminino	66	9%	29%		
Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente	Masculino	47	2%	15%	-0,681	0,497
	Feminino	66	5%	21%		
Outra	Masculino	47	9%	28%	0,179	0,858
	Feminino	66	8%	27%		
Pertencem a uma associação comercial/ industrial/ empresarial	Masculino	47	2%	15%	1,187	0,238
	Feminino	66	0%	0%		
Pertencem a uma associação de profissionais	Masculino	47	9%	28%	0,857	0,393
	Feminino	66	5%	21%		
Pertencem a uma associação de estudantes	Masculino	47	2%	15%	-0,681	0,497
	Feminino	66	5%	21%		
Não pertencem a nenhum grupo ou organização	Masculino	47	49%	51%	-1,561	0,121
	Feminino	66	64%	48%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.50 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação” e o género

		N	% Sim	Desvio padrão	Teste t	p
Dizer palavras de ordem	Masculino	47	79%	41%	0,723	0,471
	Feminino	66	73%	45%		
Envio de SMS (mensagens escritas) ou MMS (mensagens multimédia)	Masculino	47	19%	40%	-0,638	0,525
	Feminino	66	24%	43%		
Telefonemas	Masculino	47	13%	34%	-0,771	0,443
	Feminino	66	18%	39%		
Captar fotografias por telefone móvel	Masculino	47	43%	50%	-0,303	0,762
	Feminino	66	45%	50%		
Captar vídeo por telefone móvel	Masculino	47	26%	44%	0,937	0,351
	Feminino	66	18%	39%		
Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais	Masculino	47	9%	28%	-2,359	* 0,020
	Feminino	66	26%	44%		
Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens	Masculino	47	30%	46%	-1,369	0,174
	Feminino	66	42%	50%		
Cantar ou tocar um instrumento	Masculino	47	30%	46%	0,114	0,909
	Feminino	66	29%	46%		
Dançar ou fazer gestos com carga simbólica	Masculino	47	17%	38%	0,732	0,466
	Feminino	66	12%	33%		
Outra	Masculino	47	13%	34%	0,621	0,536
	Feminino	66	9%	29%		
Assinar/ promover petições	Masculino	47	47%	50%	-0,806	0,422
	Feminino	66	55%	50%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.51 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar” e o género

		N	% Sim	Desvio padrão	Teste t	p
Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes e plataformas	Masculino	47	11%	31%	-1,102	0,273
	Feminino	66	18%	39%		
Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes e plataformas	Masculino	47	15%	36%	-0,846	0,399
	Feminino	66	21%	41%		
Publicar vídeos captados durante as manifestações em que participei nas redes e plataformas	Masculino	47	2%	15%	-0,998	0,321
	Feminino	66	6%	24%		
Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais	Masculino	47	19%	40%	-0,072	0,943
	Feminino	66	20%	40%		
Falar com amigos e com familiares sobre a minha experiência	Masculino	47	74%	44%	-0,732	0,466
	Feminino	66	80%	40%		
Outro	Masculino	47	17%	38%	1,554	0,123
	Feminino	66	8%	27%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.52 - Tabela de frequências: Relação entre “Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?” e o género

		Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?				
		Até 100 pessoas	Entre 100 e 500 pessoas	Entre 500 e 1000 pessoas	Entre 1000 e 5000 pessoas	+ de 5000 pessoas
Masculino	N	3	3	4	11	25
	% no género	6,5%	6,5%	8,7%	23,9%	54,3%
Feminino	N	0	13	14	20	19
	% no género	,0%	19,7%	21,2%	30,3%	28,8%

Quadro H.53 - Tabela de frequências: Relação entre “Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?” e o género

		Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?	
		Sim	Não
Masculino	N	39	8
	% no género	83,0%	17,0%
Feminino	N	57	9
	% no género	86,4%	13,6%

Quadro H.54 - Tabela de frequências: Relação entre “Utiliza as redes sociais online?” e o género

		Utiliza as redes sociais online?	
		Sim	Não
Masculino	N	38	8
	% no género	82,6%	17,4%
Feminino	N	60	6
	% no género	90,9%	9,1%

Quadro H.55 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “No caso de ser utilizador de redes sociais online, indique aquelas onde possui perfil de utilizador” e o género

		N	% Sim	Desvio padrão	Teste t	p
Facebook	Masculino	38	97%	16%	0,195	0,846
	Feminino	60	97%	18%		
LinkedIn	Masculino	38	47%	51%	-0,571	0,570
	Feminino	60	53%	50%		
Youtube	Masculino	38	50%	51%	-0,159	0,874
	Feminino	60	52%	50%		
Vimeo	Masculino	38	8%	27%	0,228	0,820
	Feminino	60	7%	25%		
Flickr	Masculino	38	5%	23%	-0,280	0,780
	Feminino	60	7%	25%		
Google+	Masculino	38	32%	47%	-0,999	0,321
	Feminino	60	42%	50%		
Tumblr	Masculino	38	5%	23%	-1,873	0,064
	Feminino	60	18%	39%		
Twitter	Masculino	38	18%	39%	-1,107	0,271
	Feminino	60	28%	45%		
Outra	Masculino	38	8%	27%	-1,627	0,107
	Feminino	60	20%	40%		

Quadro H.56 - Tabela de frequências: Relação entre “Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?” e o género

		Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?	
		Sim	Não
Masculino	N	9	38
	% no género	19,1%	80,9%
Feminino	N	16	50
	% no género	24,2%	75,8%

Quadro H.57 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa” e o género

		N	Média	Desvio padrão	Teste t	p
Rios ao Carmo (24 de Abril à noite)	Masculino	63	3,63	1,619	-2,151	* 0,033
	Feminino	79	4,19	1,451		
Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP)	Masculino	94	3,87	1,601	-1,784	0,076
	Feminino	129	4,22	1,342		
Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril)	Masculino	88	3,84	1,568	-1,859	0,064
	Feminino	125	4,23	1,471		
Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade)	Masculino	96	4,20	1,547	-1,330	0,185
	Feminino	138	4,45	1,329		
Festa Dentro de ti O Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura)	Masculino	66	3,88	1,622	-,953	0,342
	Feminino	78	4,13	1,515		
Celebração do 1º de Maio dia do Trabalhador em Belém (promovida pela UGT)	Masculino	93	3,58	1,513	-1,772	0,078
	Feminino	111	3,95	1,426		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.58 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e o género

		N	Média	Desvio padrão	Teste t	p
As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento	Masculino	118	4,15	,939	-1,007	0,315
	Feminino	178	4,25	,765		
O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito	Masculino	118	4,36	,832	-0,193	0,847
	Feminino	174	4,37	,716		
Há manifestações a mais em Portugal	Masculino	113	3,01	1,373	1,203	0,230
	Feminino	169	2,82	1,275		
As manifestações não resultam numa melhoria da situação	Masculino	115	3,18	1,295	-0,439	0,661
	Feminino	178	3,25	1,186		
As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos	Masculino	114	2,59	1,127	0,206	0,837
	Feminino	171	2,56	1,006		
Os participantes de manifestações procuram emoções fortes	Masculino	105	3,00	,961	-0,792	0,429
	Feminino	166	3,10	,986		
As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos	Masculino	117	3,66	1,076	-2,017	0,045
	Feminino	176	3,90	,939		
As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo	Masculino	116	2,25	1,243	0,912	0,363
	Feminino	177	2,13	1,000		
Há manifestações por tudo e por nada	Masculino	115	2,83	1,352	1,302	0,194
	Feminino	176	2,63	1,245		

Quadro H.59 - Tabela de frequências: Relação entre “Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida:” e a idade

		Caso tenha participado em manifestações, responda quantas vezes já o fez ao longo da sua vida:			
		1 única vez	Entre 2 e 5 vezes	Entre 6 e 9 vezes	Mais de 10 vezes
15 - 22 anos	N	10	12	4	5
	% na idade	32,3%	38,7%	12,9%	16,1%
23 - 30 anos	N	2	14	3	8
	% na idade	7,4%	51,9%	11,1%	29,6%
31 - 38 anos	N	3	5	2	12
	% na idade	13,6%	22,7%	9,1%	54,5%
+ de 38 anos	N	3	12	4	16
	% na idade	8,6%	34,3%	11,4%	45,7%

Quadro H.60 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e a idade

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Condições de trabalho	15 - 22 anos	31	65%	49%	2,114	0,103
	23 - 30 anos	27	67%	48%		
	31 - 38 anos	22	91%	29%		
	+ de 38 anos	35	80%	41%		
Educação	15 - 22 anos	31	84%	37%	1,839	0,144
	23 - 30 anos	27	78%	42%		
	31 - 38 anos	22	77%	43%		
	+ de 38 anos	35	60%	50%		
Desemprego	15 - 22 anos	31	61%	50%	2,076	0,108
	23 - 30 anos	27	44%	51%		
	31 - 38 anos	22	77%	43%		
	+ de 38 anos	35	51%	51%		
Paz	15 - 22 anos	31	26%	44%	2,777	* 0,045
	23 - 30 anos	27	22%	42%		
	31 - 38 anos	22	45%	51%		
	+ de 38 anos	35	51%	51%		
Segurança Social	15 - 22 anos	31	39%	50%	2,779	* 0,045
	23 - 30 anos	27	30%	47%		
	31 - 38 anos	22	68%	48%		
	+ de 38 anos	35	40%	50%		
Ambiente	15 - 22 anos	31	32%	48%	0,043	0,988
	23 - 30 anos	27	30%	47%		
	31 - 38 anos	22	32%	48%		
	+ de 38 anos	35	29%	46%		
Temas relacionados com desenvolvimento	15 - 22 anos	31	19%	40%	0,411	0,746
	23 - 30 anos	27	11%	32%		
	31 - 38 anos	22	23%	43%		
	+ de 38 anos	35	17%	38%		
Justiça/ política	15 - 22 anos	31	61%	50%	1,175	0,323
	23 - 30 anos	27	48%	51%		
	31 - 38 anos	22	64%	49%		
	+ de 38 anos	35	71%	46%		
Racismo	15 - 22 anos	31	45%	51%	0,534	0,660
	23 - 30 anos	27	33%	48%		
	31 - 38 anos	22	41%	50%		
	+ de 38 anos	35	31%	47%		
Assuntos relacionados com a minha comunidade/ bairro	15 - 22 anos	31	16%	37%	0,162	0,922
	23 - 30 anos	27	15%	36%		
	31 - 38 anos	22	14%	35%		
	+ de 38 anos	35	20%	41%		
Direitos das mulheres	15 - 22 anos	31	52%	51%	4,152	** 0,008
	23 - 30 anos	27	33%	48%		
	31 - 38 anos	22	23%	43%		
	+ de 38 anos	35	14%	36%		
Direitos LGBT (homossexuais, bissexuais, transgénero)	15 - 22 anos	31	45%	51%	4,258	** 0,007
	23 - 30 anos	27	26%	45%		
	31 - 38 anos	22	14%	35%		
	+ de 38 anos	35	11%	32%		
Agricultura	15 - 22 anos	31	10%	30%	1,807	0,150
	23 - 30 anos	27	0%	0%		
	31 - 38 anos	22	0%	0%		
	+ de 38 anos	35	3%	17%		
Outro	15 - 22 anos	31	13%	34%	1,040	0,378
	23 - 30 anos	27	11%	32%		
	31 - 38 anos	22	14%	35%		
	+ de 38 anos	35	26%	44%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.61 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Em que tipo de manifestações participou?” e a idade

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Marcha (pessoas desfilam nas ruas)	15 - 22 anos	31	97%	18%	0,250	0,861
	23 - 30 anos	27	96%	19%		
	31 - 38 anos	22	100%	0%		
	+ de 38 anos	35	97%	17%		
Festa/ Comício (discursos e entretenimento)	15 - 22 anos	31	39%	50%	0,965	0,412
	23 - 30 anos	27	41%	50%		
	31 - 38 anos	22	41%	50%		
	+ de 38 anos	35	57%	50%		
Piquete (bloqueio ou cordão humano junto a locais estratégicos, ex. ministério, escola, fábrica)	15 - 22 anos	31	16%	37%	0,452	0,717
	23 - 30 anos	27	7%	27%		
	31 - 38 anos	22	14%	35%		
	+ de 38 anos	35	17%	38%		
Ocupação/ acampada (ocupação por várias horas ou dias de local)	15 - 22 anos	31	6%	25%	1,829	0,146
	23 - 30 anos	27	22%	42%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	6%	24%		
Vigília (ocupação noturna de espaço)	15 - 22 anos	31	10%	30%	1,269	0,288
	23 - 30 anos	27	11%	32%		
	31 - 38 anos	22	18%	39%		
	+ de 38 anos	35	26%	44%		
Protesto disruptivo (ex. uso da nudez, interrupção de cerimónias, etc)	15 - 22 anos	31	16%	37%	1,628	0,187
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	3%	17%		
Outra	15 - 22 anos	31	3%	18%	2,128	0,101
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	0%	0%		
	+ de 38 anos	35	14%	36%		

Quadro H.62 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Das seguintes manifestações realizadas em Lisboa em 2014, seleccione aquelas em que participou” e a idade

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Rios ao Carmo - Celebração dos 40 anos do 25 de Abril (dia 24 à noite)	15 - 22 anos	31	23%	43%	0,736	0,533
	23 - 30 anos	27	11%	32%		
	31 - 38 anos	22	27%	46%		
	+ de 38 anos	35	23%	43%		
1º de Maio Celebração do Dia do Trabalhador - Alameda (promovida pela CGTP)	15 - 22 anos	31	19%	40%	0,395	0,757
	23 - 30 anos	27	26%	45%		
	31 - 38 anos	22	32%	48%		
	+ de 38 anos	35	29%	46%		
1º de Maio Celebração do Dia do Trabalhador - Belém (promovida pela UGT)	15 - 22 anos	31	3%	18%	0,747	0,526
	23 - 30 anos	27	7%	27%		
	31 - 38 anos	22	14%	35%		
	+ de 38 anos	35	6%	24%		
Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril)	15 - 22 anos	31	26%	44%	0,275	0,843
	23 - 30 anos	27	19%	40%		
	31 - 38 anos	22	27%	46%		
	+ de 38 anos	35	20%	41%		
Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade)	15 - 22 anos	31	52%	51%	0,384	0,765
	23 - 30 anos	27	41%	50%		
	31 - 38 anos	22	55%	51%		
	+ de 38 anos	35	46%	51%		
Festa "Dentro de ti Ó Cidade", 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura)	15 - 22 anos	31	3%	18%	2,704	* 0,049
	23 - 30 anos	27	0%	0%		
	31 - 38 anos	22	18%	39%		
	+ de 38 anos	35	6%	24%		
Outra	15 - 22 anos	31	42%	50%	0,464	0,708
	23 - 30 anos	27	33%	48%		
	31 - 38 anos	22	27%	46%		
	+ de 38 anos	35	31%	47%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.63 - Tabela de frequências: Relação entre “Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?” e a idade

		Quanto ao local, onde se realizou a última manifestação em que participou?						
		Nas ruas	Num espaço fechado e coberto	Numa praça	Junto a uma entidade pública	Junto a uma entidade privada	Junto a uma escola	Outro
15 - 22 anos	N	20	0	2	6	1	1	0
	% na idade	66,7%	,0%	6,7%	20,0%	3,3%	3,3%	,0%
23 - 30 anos	N	21	1	2	2	0	0	1
	% na idade	77,8%	3,7%	7,4%	7,4%	,0%	,0%	3,7%
31 - 38 anos	N	22	0	0	0	0	0	0
	% na idade	100,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%
+ de 38 anos	N	24	0	6	4	0	0	1
	% na idade	68,6%	,0%	17,1%	11,4%	,0%	,0%	2,9%

Quadro H.64 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização?” e a idade

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Amigos/ familiares	15 - 22 anos	31	35%	49%	0,819	0,486
	23 - 30 anos	27	30%	47%		
	31 - 38 anos	22	50%	51%		
	+ de 38 anos	35	43%	50%		
Colegas de trabalho ou da escola	15 - 22 anos	31	16%	37%	1,171	0,324
	23 - 30 anos	27	19%	40%		
	31 - 38 anos	22	27%	46%		
	+ de 38 anos	35	9%	28%		
Redes Sociais	15 - 22 anos	31	55%	51%	0,406	0,749
	23 - 30 anos	27	56%	51%		
	31 - 38 anos	22	64%	49%		
	+ de 38 anos	35	49%	51%		
Cartaz/ Murais	15 - 22 anos	31	26%	44%	0,238	0,870
	23 - 30 anos	27	26%	45%		
	31 - 38 anos	22	18%	39%		
	+ de 38 anos	35	20%	41%		
Panfletos	15 - 22 anos	31	16%	37%	0,540	0,656
	23 - 30 anos	27	22%	42%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	14%	36%		
Notícias na imprensa escrita	15 - 22 anos	31	19%	40%	1,385	0,251
	23 - 30 anos	27	15%	36%		
	31 - 38 anos	22	32%	48%		
	+ de 38 anos	35	34%	48%		
Carro de campanha/ megafone	15 - 22 anos	31	0%	0%	2,346	0,077
	23 - 30 anos	27	0%	0%		
	31 - 38 anos	22	5%	21%		
	+ de 38 anos	35	11%	32%		
Notícias na rádio	15 - 22 anos	31	3%	18%	0,680	0,566
	23 - 30 anos	27	11%	32%		
	31 - 38 anos	22	14%	35%		
	+ de 38 anos	35	11%	32%		
Notícias na televisão	15 - 22 anos	31	16%	37%	0,681	0,566
	23 - 30 anos	27	19%	40%		
	31 - 38 anos	22	32%	48%		
	+ de 38 anos	35	23%	43%		
Notícias nos meios online	15 - 22 anos	31	19%	40%	0,082	0,970
	23 - 30 anos	27	22%	42%		
	31 - 38 anos	22	18%	39%		
	+ de 38 anos	35	23%	43%		
Social Media (ex. blogues)	15 - 22 anos	31	6%	25%	0,190	0,903
	23 - 30 anos	27	7%	27%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	11%	32%		
Partido Político	15 - 22 anos	31	23%	43%	0,308	0,820
	23 - 30 anos	27	22%	42%		
	31 - 38 anos	22	18%	39%		
	+ de 38 anos	35	14%	36%		

Quadro H.65 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Na última manifestação em que participou, através de que meio foi informado ou convidado antes da sua realização?” e a idade (Continuação)

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Sindicato/ Delegado Sindical	15 - 22 anos	31	3%	18%	0,468	0,705
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	9%	28%		
Associações	15 - 22 anos	31	13%	34%	0,585	0,626
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	14%	35%		
	+ de 38 anos	35	11%	32%		
Outro	15 - 22 anos	31	3%	18%	0,250	0,861
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	0%	0%		
	+ de 38 anos	35	3%	17%		

Quadro H.66 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Qual foi o motivo que o levou a participar na última manifestação?” e a idade

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Estar com os amigos	15 - 22 anos	31	13%	34%	1,323	0,270
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	14%	35%		
	+ de 38 anos	35	3%	17%		
Diversão e entretenimento	15 - 22 anos	31	3%	18%	0,901	0,443
	23 - 30 anos	27	0%	0%		
	31 - 38 anos	22	0%	0%		
	+ de 38 anos	35	0%	0%		
Assistir a um espetáculo	15 - 22 anos	31	0%	0%	1,560	0,203
	23 - 30 anos	27	0%	0%		
	31 - 38 anos	22	0%	0%		
	+ de 38 anos	35	6%	24%		
Assistir a um comício	15 - 22 anos	31	0%	0%	1,221	0,306
	23 - 30 anos	27	7%	27%		
	31 - 38 anos	22	0%	0%		
	+ de 38 anos	35	6%	24%		
Comida e bebida	15 - 22 anos	31	0%	0%		
	23 - 30 anos	27	0%	0%		
	31 - 38 anos	22	0%	0%		
	+ de 38 anos	35	0%	0%		
Descontentamento	15 - 22 anos	31	65%	49%	1,040	0,378
	23 - 30 anos	27	48%	51%		
	31 - 38 anos	22	68%	48%		
	+ de 38 anos	35	51%	51%		
Apoio a uma causa política	15 - 22 anos	31	52%	51%	0,116	0,951
	23 - 30 anos	27	52%	51%		
	31 - 38 anos	22	50%	51%		
	+ de 38 anos	35	57%	50%		
Apoio a uma causa social	15 - 22 anos	31	68%	48%	0,061	0,980
	23 - 30 anos	27	67%	48%		
	31 - 38 anos	22	68%	48%		
	+ de 38 anos	35	71%	46%		
Outro	15 - 22 anos	31	10%	30%	0,747	0,526
	23 - 30 anos	27	11%	32%		
	31 - 38 anos	22	5%	21%		
	+ de 38 anos	35	17%	38%		

Quadro H.67 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e a idade

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Sou militante de um partido político	15 - 22 anos	31	19%	40%	0,743	0,529
	23 - 30 anos	27	30%	47%		
	31 - 38 anos	22	23%	43%		
	+ de 38 anos	35	14%	36%		
Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos	15 - 22 anos	31	6%	25%	0,176	0,912
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	5%	21%		
	+ de 38 anos	35	3%	17%		
Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista	15 - 22 anos	31	3%	18%	0,040	0,989
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	5%	21%		
	+ de 38 anos	35	3%	17%		
Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos	15 - 22 anos	31	10%	30%	0,135	0,939
	23 - 30 anos	27	7%	27%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	6%	24%		
Sou sindicalizado	15 - 22 anos	31	0%	0%	2,978	* 0,035
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	5%	21%		
	+ de 38 anos	35	17%	38%		
Pertencem a uma associação cultural	15 - 22 anos	31	3%	18%	0,520	0,669
	23 - 30 anos	27	7%	27%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	11%	32%		
Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente	15 - 22 anos	31	3%	18%	1,105	0,350
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	0%	0%		
Outra	15 - 22 anos	31	3%	18%	2,255	0,086
	23 - 30 anos	27	11%	32%		
	31 - 38 anos	22	0%	0%		
	+ de 38 anos	35	17%	38%		
Pertencem a uma associação comercial/ industrial/ empresarial	15 - 22 anos	31	3%	18%	0,901	0,443
	23 - 30 anos	27	0%	0%		
	31 - 38 anos	22	0%	0%		
	+ de 38 anos	35	0%	0%		
Pertencem a uma associação de profissionais	15 - 22 anos	31	0%	0%	5,306	** 0,002
	23 - 30 anos	27	0%	0%		
	31 - 38 anos	22	23%	43%		
	+ de 38 anos	35	6%	24%		
Pertencem a uma associação de estudantes	15 - 22 anos	31	6%	25%	0,707	0,550
	23 - 30 anos	27	4%	19%		
	31 - 38 anos	22	5%	21%		
	+ de 38 anos	35	0%	0%		
Não pertencem a nenhum grupo ou organização	15 - 22 anos	31	68%	48%	1,117	0,346
	23 - 30 anos	27	59%	50%		
	31 - 38 anos	22	55%	51%		
	+ de 38 anos	35	46%	51%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.68 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação” e a idade

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Dizer palavras de ordem	15 - 22 anos	31	81%	40%	0,475	0,700
	23 - 30 anos	27	78%	42%		
	31 - 38 anos	22	73%	46%		
	+ de 38 anos	35	69%	47%		
Envio de SMS (mensagens escritas) ou MMS (mensagens multimédia)	15 - 22 anos	31	32%	48%	2,114	0,102
	23 - 30 anos	27	30%	47%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	14%	36%		
Telefonemas	15 - 22 anos	31	16%	37%	0,308	0,819
	23 - 30 anos	27	19%	40%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	17%	38%		
Captar fotografias por telefone móvel	15 - 22 anos	31	48%	51%	0,156	0,925
	23 - 30 anos	27	44%	51%		
	31 - 38 anos	22	45%	51%		
	+ de 38 anos	35	40%	50%		
Captar vídeo por telefone móvel	15 - 22 anos	31	19%	40%	2,441	0,068
	23 - 30 anos	27	33%	48%		
	31 - 38 anos	22	32%	48%		
	+ de 38 anos	35	9%	28%		
Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais	15 - 22 anos	31	16%	37%	1,585	0,197
	23 - 30 anos	27	19%	40%		
	31 - 38 anos	22	36%	49%		
	+ de 38 anos	35	14%	36%		
Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens	15 - 22 anos	31	42%	50%	0,394	0,757
	23 - 30 anos	27	37%	49%		
	31 - 38 anos	22	27%	46%		
	+ de 38 anos	35	37%	49%		
Cantar ou tocar um instrumento	15 - 22 anos	31	23%	43%	0,945	0,421
	23 - 30 anos	27	41%	50%		
	31 - 38 anos	22	23%	43%		
	+ de 38 anos	35	29%	46%		
Dançar ou fazer gestos com carga simbólica	15 - 22 anos	31	13%	34%	0,304	0,823
	23 - 30 anos	27	19%	40%		
	31 - 38 anos	22	9%	29%		
	+ de 38 anos	35	14%	36%		
Outra	15 - 22 anos	31	10%	30%	0,941	0,423
	23 - 30 anos	27	19%	40%		
	31 - 38 anos	22	5%	21%		
	+ de 38 anos	35	9%	28%		
Assinar/ promover petições	15 - 22 anos	31	74%	44%	4,438	** 0,006
	23 - 30 anos	27	33%	48%		
	31 - 38 anos	22	59%	50%		
	+ de 38 anos	35	40%	50%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.69 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar” e a idade

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais	15 - 22 anos	31	16%	37%	0,220	0,882
	23 - 30 anos	27	19%	40%		
	31 - 38 anos	22	14%	35%		
	+ de 38 anos	35	11%	32%		
Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais	15 - 22 anos	31	29%	46%	1,753	0,160
	23 - 30 anos	27	19%	40%		
	31 - 38 anos	22	27%	46%		
	+ de 38 anos	35	9%	28%		
Publicar vídeos captados durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais	15 - 22 anos	31	3%	18%	1,561	0,203
	23 - 30 anos	27	11%	32%		
	31 - 38 anos	22	5%	21%		
	+ de 38 anos	35	0%	0%		
Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais	15 - 22 anos	31	13%	34%	1,358	0,259
	23 - 30 anos	27	33%	48%		
	31 - 38 anos	22	23%	43%		
	+ de 38 anos	35	17%	38%		
Falar com amigos e com familiares sobre a minha experiência	15 - 22 anos	31	81%	40%	0,644	0,589
	23 - 30 anos	27	70%	47%		
	31 - 38 anos	22	86%	35%		
	+ de 38 anos	35	77%	43%		
Outro	15 - 22 anos	31	6%	25%	2,218	0,090
	23 - 30 anos	27	15%	36%		
	31 - 38 anos	22	0%	0%		
	+ de 38 anos	35	20%	41%		

Quadro H.70 - Tabela de frequências: Relação entre “Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?” e a idade

		Quantas pessoas estavam presentes na última manifestação em que participou?				
		Até 100 pessoas	Entre 100 e 500 pessoas	Entre 500 e 1000 pessoas	Entre 1000 e 5000 pessoas	+ de 5000 pessoas
15 - 22 anos	N	2	6	6	6	11
	% na idade	6,5%	19,4%	19,4%	19,4%	35,5%
23 - 30 anos	N	0	6	7	7	7
	% na idade	,0%	22,2%	25,9%	25,9%	25,9%
31 - 38 anos	N	1	2	2	6	11
	% na idade	4,5%	9,1%	9,1%	27,3%	50,0%
+ de 38 anos	N	0	3	3	12	16
	% na idade	,0%	8,8%	8,8%	35,3%	47,1%

Quadro H.71 - Tabela de frequências: Relação entre “Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?” e a idade

		Possui um telemóvel, "smartphone" ou tablet com acesso à internet?	
		Sim	Não
15 - 22 anos	N	25	6
	% na idade	80,6%	19,4%
23 - 30 anos	N	25	2
	% na idade	92,6%	7,4%
31 - 38 anos	N	18	4
	% na idade	81,8%	18,2%
+ de 38 anos	N	30	5
	% na idade	85,7%	14,3%

Quadro H.72 - Tabela de frequências: Relação entre “Utiliza as redes sociais online?” e a idade

		Utiliza as redes sociais online?	
		Sim	Não
15 - 22 anos	N	28	3
	% na idade	90,3%	9,7%
23 - 30 anos	N	25	2
	% na idade	92,6%	7,4%
31 - 38 anos	N	19	3
	% na idade	86,4%	13,6%
+ de 38 anos	N	28	6
	% na idade	82,4%	17,6%

Quadro H.73 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “No caso de ser utilizador de redes sociais online, indique aquelas onde possui perfil de utilizador” e a idade

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
	23 - 30 anos	25	96%	20%		
	31 - 38 anos	19	95%	23%		
	+ de 38 anos	28	96%	19%		
Linkedin	15 - 22 anos	28	25%	44%	4,194	** 0,008
	23 - 30 anos	25	60%	50%		
	31 - 38 anos	19	53%	51%		
	+ de 38 anos	28	68%	48%		
Youtube	15 - 22 anos	28	64%	49%	3,501	* 0,018
	23 - 30 anos	25	64%	49%		
	31 - 38 anos	19	42%	51%		
	+ de 38 anos	28	29%	46%		
Vimeo	15 - 22 anos	28	4%	19%	1,980	0,122
	23 - 30 anos	25	12%	33%		
	31 - 38 anos	19	16%	37%		
	+ de 38 anos	28	0%	0%		
Flickr	15 - 22 anos	28	11%	31%	0,518	0,671
	23 - 30 anos	25	4%	20%		
	31 - 38 anos	19	5%	23%		
	+ de 38 anos	28	4%	19%		
Google+	15 - 22 anos	28	29%	46%	0,638	0,593
	23 - 30 anos	25	40%	50%		
	31 - 38 anos	19	37%	50%		
	+ de 38 anos	28	46%	51%		
Tumblr	15 - 22 anos	28	43%	50%	14,373	** 0,000
	23 - 30 anos	25	0%	0%		
	31 - 38 anos	19	5%	23%		
	+ de 38 anos	28	0%	0%		
Twitter	15 - 22 anos	28	25%	44%	0,249	0,862
	23 - 30 anos	25	20%	41%		
	31 - 38 anos	19	32%	48%		
	+ de 38 anos	28	25%	44%		
Outra	15 - 22 anos	28	18%	39%	0,308	0,820
	23 - 30 anos	25	20%	41%		
	31 - 38 anos	19	16%	37%		
	+ de 38 anos	28	11%	31%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.74 - Tabela de frequências: Relação entre “Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?” e a idade

		Por alguma vez participou na organização de uma manifestação?	
		Sim	Não
15 - 22 anos	N	8	23
	% na idade	25,8%	74,2%
23 - 30 anos	N	6	21
	% na idade	22,2%	77,8%
31 - 38 anos	N	4	18
	% na idade	18,2%	81,8%
+ de 38 anos	N	8	27
	% na idade	22,9%	77,1%

Quadro H.75 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa” e a idade

		N	Média	Desvio padrão	F	p
Rios ao Carmo (24 de Abril à noite)	15 - 22 anos	57	3,81	1,47	3,464	* 0,018
	23 - 30 anos	39	3,49	1,70		
	31 - 38 anos	20	4,60	1,35		
	+ de 38 anos	29	4,38	1,35		
Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP)	15 - 22 anos	96	4,02	1,35	4,049	** 0,008
	23 - 30 anos	66	3,70	1,59		
	31 - 38 anos	23	4,57	1,44		
	+ de 38 anos	42	4,55	1,29		
Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril)	15 - 22 anos	93	4,01	1,47	0,796	0,497
	23 - 30 anos	59	3,90	1,64		
	31 - 38 anos	22	4,23	1,54		
	+ de 38 anos	42	4,33	1,44		
Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade)	15 - 22 anos	102	4,17	1,35	2,444	0,065
	23 - 30 anos	67	4,24	1,50		
	31 - 38 anos	24	4,92	1,28		
	+ de 38 anos	44	4,59	1,45		
Festa Dentro de ti Ó Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura)	15 - 22 anos	58	3,81	1,67	4,158	** 0,007
	23 - 30 anos	36	3,56	1,50		
	31 - 38 anos	18	4,78	1,35		
	+ de 38 anos	35	4,49	1,27		
Celebração do 1º de Maio dia do Trabalhador em Belém (promovida pela UGT)	15 - 22 anos	87	3,71	1,41	1,483	0,220
	23 - 30 anos	60	3,58	1,54		
	31 - 38 anos	19	3,95	1,65		
	+ de 38 anos	41	4,17	1,34		

* diferença significativa para $p < 0,05$; ** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.76 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e a idade

		N	Média	Desvio padrão	F	p
As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento	15 - 22 anos	132	4,15	0,89	5,315	** 0,001
	23 - 30 anos	90	4,04	0,89		
	31 - 38 anos	30	4,53	0,63		
	+ de 38 anos	48	4,52	0,55		
O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito	15 - 22 anos	129	4,21	0,85	9,303	** 0,000
	23 - 30 anos	89	4,28	0,71		
	31 - 38 anos	30	4,73	0,52		
	+ de 38 anos	48	4,75	0,48		
Há manifestações a mais em Portugal	15 - 22 anos	127	3,17	1,36	11,646	** 0,000
	23 - 30 anos	85	3,13	1,19		
	31 - 38 anos	29	2,07	1,16		
	+ de 38 anos	45	2,22	1,02		
As manifestações não resultam numa melhoria da situação	15 - 22 anos	131	3,32	1,20	6,509	** 0,000
	23 - 30 anos	88	3,49	1,20		
	31 - 38 anos	30	2,83	1,32		
	+ de 38 anos	48	2,65	1,10		
As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos	15 - 22 anos	125	2,48	1,01	1,127	0,339
	23 - 30 anos	88	2,69	1,12		
	31 - 38 anos	29	2,72	0,96		
	+ de 38 anos	47	2,45	1,08		
Os participantes de manifestações procuram emoções fortes	15 - 22 anos	117	3,20	0,95	5,408	** 0,001
	23 - 30 anos	85	3,18	1,00		
	31 - 38 anos	26	2,96	0,92		
	+ de 38 anos	46	2,57	0,91		
As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos	15 - 22 anos	131	3,71	1,03	3,358	* 0,019
	23 - 30 anos	88	3,67	1,07		
	31 - 38 anos	30	4,17	0,70		
	+ de 38 anos	48	4,06	0,89		
As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo	15 - 22 anos	131	2,34	1,14	11,616	** 0,000
	23 - 30 anos	88	2,45	1,07		
	31 - 38 anos	30	1,47	0,73		
	+ de 38 anos	48	1,67	0,83		
Há manifestações por tudo e por nada	15 - 22 anos	131	2,80	1,34	10,014	** 0,000
	23 - 30 anos	87	3,08	1,24		
	31 - 38 anos	28	1,86	1,01		
	+ de 38 anos	48	2,21	0,99		

* diferença significativa para $p < 0,05$; ** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.77 - Correlação de Pearson: Relação entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e “Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação”

		Dizer palavras de ordem	Envio de SMS (mensagens escritas) ou MMS (mensagens multimédia)			Captar fotografias por telefone móvel	Captar vídeo por telefone móvel	Postar mensagens, imagens ou vídeos nas redes sociais online ou outras plataformas digitais
			Telefonemas					
Sou militante de um partido político	r	0,101	0,092	0,132	-0,114	-0,011	0,011	
	p	0,282	0,326	0,159	0,226	0,905	0,910	
	N	115	115	115	115	115	115	
Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos	r	0,026	0,094	0,260(**)	0,239(*)	0,198(*)	0,320(**)	
	p	0,786	0,316	0,005	0,010	0,034	0,000	
	N	115	115	115	115	115	115	
Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista	r	0,001	0,245(**)	0,310(**)	0,213(*)	0,130	0,380(**)	
	p	0,992	0,008	0,001	0,023	0,166	0,000	
	N	115	115	115	115	115	115	
Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos	r	0,020	0,239(*)	0,053	0,066	0,003	0,340(**)	
	p	0,831	0,010	0,576	0,485	0,971	0,000	
	N	115	115	115	115	115	115	
Sou sindicalizado	r	0,080	-0,061	-0,024	-0,106	-0,144	-0,051	
	p	0,395	0,516	0,801	0,257	0,124	0,586	
	N	115	115	115	115	115	115	
Pertencem a uma associação cultural	r	-0,204(*)	0,082	0,231(*)	0,131	0,003	0,178	
	p	0,029	0,384	0,013	0,163	0,971	0,057	
	N	115	115	115	115	115	115	
Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente	r	0,001	0,015	0,049	0,022	0,130	0,261(**)	
	p	0,992	0,874	0,604	0,819	0,166	0,005	
	N	115	115	115	115	115	115	
Outra	r	0,179	0,062	0,122	0,035	0,062	0,154	
	p	0,055	0,512	0,194	0,710	0,512	0,100	
	N	115	115	115	115	115	115	
Pertencem a uma associação comercial/ industrial/ empresarial	r	0,054	0,178	-0,040	0,105	0,178	-0,047	
	p	0,564	0,057	0,669	0,264	0,057	0,619	
	N	115	115	115	115	115	115	
Pertencem a uma associação de profissionais	r	-0,020	-0,046	-0,010	0,066	0,130	0,055	
	p	0,835	0,625	0,919	0,486	0,165	0,563	
	N	115	115	115	115	115	115	
Pertencem a uma associação de estudantes	r	-0,108	0,245(**)	0,049	0,022	-0,100	0,142	
	p	0,249	0,008	0,604	0,819	0,287	0,129	
	N	115	115	115	115	115	115	
Não pertencem a nenhum grupo ou organização	r	-0,065	-0,133	-0,105	0,006	-0,006	-0,219(*)	
	p	0,490	0,156	0,264	0,948	0,953	0,019	
	N	115	115	115	115	115	115	

** p < 0.01; * p < 0.05; r - Coef. Correlação; p - Valor de prova

Quadro H.78 - Correlação de Pearson: Relação entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e “Das atividades seguintes, escolha as que já realizou durante uma manifestação”

		Usar cartazes, bandeiras, pancartas ou faixas com mensagens	Cantar ou tocar um instrumento	Dançar ou fazer gestos com carga simbólica	Outra	Assinar/ promover petições
Sou militante de um partido político	r	0,188(*)	0,005	-0,021	0,175	-0,013
	p	0,044	0,955	0,824	0,062	0,887
	N	115	115	115	115	115
Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos	r	0,193(*)	0,053	0,161	-0,073	0,208(*)
	p	0,039	0,572	0,086	0,440	0,026
	N	115	115	115	115	115
Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista	r	0,152	0,089	0,061	-0,065	0,185(*)
	p	0,106	0,342	0,519	0,491	0,048
	N	115	115	115	115	115
Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos	r	0,048	0,101	0,164	0,112	0,154
	p	0,611	0,281	0,081	0,232	0,100
	N	115	115	115	115	115
Sou sindicalizado	r	0,006	0,053	-0,110	0,018	-0,076
	p	0,953	0,572	0,242	0,845	0,422
	N	115	115	115	115	115
Pertencem a uma associação cultural	r	0,048	0,030	0,164	0,006	-0,105
	p	0,611	0,751	0,081	0,945	0,265
	N	115	115	115	115	115
Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente	r	0,053	-0,120	-0,076	0,090	0,090
	p	0,573	0,200	0,418	0,336	0,339
	N	115	115	115	115	115
Outra	r	0,086	0,009	0,143	-0,105	0,115
	p	0,359	0,925	0,126	0,263	0,219
	N	115	115	115	115	115
Pertencem a uma associação comercial/ industrial/ empresarial	r	-0,071	-0,059	-0,038	-0,032	-0,096
	p	0,451	0,528	0,690	0,734	0,307
	N	115	115	115	115	115
Pertencem a uma associação de profissionais	r	0,109	0,080	0,003	-0,087	0,030
	p	0,246	0,397	0,977	0,356	0,752
	N	115	115	115	115	115
Pertencem a uma associação de estudantes	r	-0,045	0,089	0,061	-0,065	0,185(*)
	p	0,630	0,342	0,519	0,491	0,048
	N	115	115	115	115	115
Não pertencem a nenhum grupo ou organização	r	-0,209(*)	0,013	-0,002	-0,102	-0,047
	p	0,025	0,886	0,981	0,277	0,616
	N	115	115	115	115	115

** p < 0.01; * p < 0.05; r - Coef. Correlação; p - Valor de prova

Quadro H.79 - Correlação de Pearson: Relação entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e “Após a participação numa manifestação, que atividades tem por hábito realizar”

		Publicar textos sobre as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais	Publicar fotografias captadas durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais	Publicar vídeos captados durante as manifestações em que participei nas redes sociais online e outras plataformas digitais	Partilhar conteúdos da autoria de terceiros nas redes sociais e outras plataformas digitais	Falar com amigos e com familiares sobre a minha experiência	Outro
Sou militante de um partido político	r	0,088	0,171	-0,005	0,052	0,011	-0,116
	p	0,352	0,067	0,961	0,580	0,905	0,218
	N	115	115	115	115	115	115
Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos	r	0,392(**)	0,320(**)	0,164	0,205(*)	0,112	0,059
	p	0,000	0,000	0,081	0,028	0,232	0,534
	N	115	115	115	115	115	115
Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista	r	0,322(**)	0,380(**)	0,425(**)	0,253(**)	0,100	-0,068
	p	0,000	0,000	0,000	0,006	0,287	0,472
	N	115	115	115	115	115	115
Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos	r	0,335(**)	0,340(**)	0,097	0,249(**)	0,154	-0,002
	p	0,000	0,000	0,304	0,007	0,101	0,985
	N	115	115	115	115	115	115
Sou sindicalizado	r	-0,114	-0,137	-0,058	-0,140	0,061	0,010
	p	0,226	0,145	0,536	0,134	0,516	0,913
	N	115	115	115	115	115	115
Pertencem a uma associação cultural	r	0,152	0,097	0,097	0,089	0,154	-0,104
	p	0,104	0,302	0,304	0,342	0,101	0,269
	N	115	115	115	115	115	115
Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente	r	0,055	0,142	0,425(**)	0,136	0,100	-0,068
	p	0,562	0,129	0,000	0,147	0,287	0,472
	N	115	115	115	115	115	115
Outra	r	0,132	0,077	0,086	0,297(**)	-0,062	-0,013
	p	0,159	0,412	0,363	0,001	0,512	0,893
	N	115	115	115	115	115	115
Pertencem a uma associação comercial/ industrial/ empresarial	r	-0,039	-0,047	-0,020	-0,048	0,049	-0,033
	p	0,679	0,619	0,832	0,610	0,600	0,723
	N	115	115	115	115	115	115
Pertencem a uma associação de profissionais	r	-0,004	0,145	-0,054	0,048	-0,042	-0,091
	p	0,970	0,121	0,565	0,609	0,655	0,334
	N	115	115	115	115	115	115
Pertencem a uma associação de estudantes	r	0,055	0,024	-0,040	0,019	0,100	-0,068
	p	0,562	0,801	0,668	0,838	0,287	0,472
	N	115	115	115	115	115	115
Não pertencem a nenhum grupo ou organização	r	-0,080	-0,263(**)	-0,071	-0,154	-0,080	0,147
	p	0,398	0,004	0,450	0,101	0,398	0,117
	N	115	115	115	115	115	115

** p < 0.01; * p < 0.05; r - Coef. Correlação; p - Valor de prova

Quadro H.80 - Correlação de Pearson: Relação entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e “Em que medida concorda com as seguintes afirmações”

		As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento	O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito	Há manifestações a mais em Portugal	As manifestações não resultam numa melhoria da situação	As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos
Sou militante de um partido político	r	-0,158	0,139	-0,063	-0,061	-0,171
	p	0,093	0,137	0,512	0,515	0,070
	N	115	115	109	115	113
Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos	r	0,095	0,133	-0,144	-0,139	0,077
	p	0,310	0,157	0,134	0,139	0,416
	N	115	115	109	115	113
Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista	r	0,068	0,018	-0,024	-0,132	0,159
	p	0,469	0,847	0,805	0,159	0,092
	N	115	115	109	115	113
Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos	r	0,004	0,113	-0,097	-0,076	0,075
	p	0,966	0,228	0,314	0,420	0,431
	N	115	115	109	115	113
Sou sindicalizado	r	0,098	-0,046	-0,035	-0,127	-0,129
	p	0,297	0,628	0,721	0,175	0,174
	N	115	115	109	115	113
Pertencço a uma associação cultural	r	-0,111	0,113	0,052	-0,076	0,167
	p	0,238	0,228	0,589	0,420	0,076
	N	115	115	109	115	113
Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente	r	-0,016	0,018	0,020	-0,045	0,114
	p	0,864	0,847	0,840	0,636	0,229
	N	115	115	109	115	113
Outra	r	0,029	0,127	-0,007	-0,172	0,024
	p	0,762	0,176	0,942	0,066	0,803
	N	115	115	109	115	113
Pertencço a uma associação comercial/ industrial/ empresarial	r	0,075	0,058	-0,098	-0,044	0,034
	p	0,425	0,536	0,312	0,643	0,721
	N	115	115	109	115	113
Pertencço a uma associação de profissionais	r	0,075	0,082	-0,166	-0,119	0,122
	p	0,424	0,384	0,085	0,207	0,197
	N	115	115	109	115	113
Pertencço a uma associação de estudantes	r	0,068	0,018	-0,071	-0,001	-0,022
	p	0,469	0,847	0,465	0,994	0,820
	N	115	115	109	115	113
Não pertencço a nenhum grupo ou organização	r	0,106	-0,177	0,109	0,149	-0,011
	p	0,261	0,059	0,260	0,111	0,909
	N	115	115	109	115	113

** p < 0.01 * p < 0.05 r - Coef. Correlação p - Valor de prova

Quadro H.81 - Correlação de Pearson: Relação entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e “Em que medida concorda com as seguintes afirmações”

		Os participantes de manifestações procuram emoções fortes	As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos	As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo	Há manifestações por tudo e por nada
Sou militante de um partido político	r	0,050	0,041	-0,080	-0,064
	p	0,605	0,663	0,396	0,501
	N	109	114	115	112
Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos	r	-0,076	0,015	-0,154	-0,155
	p	0,435	0,876	0,101	0,103
	N	109	114	115	112
Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista	r	-0,035	0,219(*)	-0,065	0,054
	p	0,721	0,019	0,488	0,574
	N	109	114	115	112
Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos	r	-0,089	-0,015	-0,064	-0,087
	p	0,356	0,874	0,499	0,363
	N	109	114	115	112
Sou sindicalizado	r	-0,099	-0,102	0,163	0,143
	p	0,307	0,281	0,081	0,132
	N	109	114	115	112
Pertencem a uma associação cultural	r	-0,044	-0,059	-0,112	0,044
	p	0,651	0,533	0,232	0,648
	N	109	114	115	112
Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente	r	-0,089	0,026	0,006	0,099
	p	0,357	0,784	0,947	0,298
	N	109	114	115	112
Outra	r	0,033	0,105	-0,129	-0,016
	p	0,736	0,266	0,168	0,864
	N	109	114	115	112
Pertencem a uma associação comercial/ industrial/ empresarial	r	0,010	0,108	-0,067	-0,086
	p	0,919	0,252	0,474	0,368
	N	109	114	115	112
Pertencem a uma associação de profissionais	r	-0,020	0,047	-0,183(*)	-0,028
	p	0,835	0,618	0,050	0,773
	N	109	114	115	112
Pertencem a uma associação de estudantes	r	0,143	0,155	0,006	0,007
	p	0,139	0,100	0,947	0,941
	N	109	114	115	112
Não pertencem a nenhum grupo ou organização	r	0,079	-0,061	0,077	-0,054
	p	0,417	0,521	0,414	0,574
	N	109	114	115	112

** p < 0.01

* p < 0.05 r - Coef. Correlação p - Valor de prova

Quadro H.82 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e a situação profissional

		N	Média	Desvio padrão	F	p
As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento	Empr. por conta de outrém	46	4,09	0,94	0,615	0,541
	Estudante	149	4,23	0,81		
	Trabalhador/ estudante	68	4,13	0,90		
O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito	Empr. por conta de outrém	46	4,46	0,78	1,582	0,207
	Estudante	145	4,27	0,83		
	Trabalhador/ estudante	68	4,43	0,61		
Há manifestações a mais em Portugal	Empr. por conta de outrém	45	2,58	1,25	2,601	0,076
	Estudante	142	3,06	1,32		
	Trabalhador/ estudante	63	3,08	1,32		
As manifestações não resultam numa melhoria da situação	Empr. por conta de outrém	46	2,91	1,28	2,299	0,102
	Estudante	148	3,34	1,19		
	Trabalhador/ estudante	66	3,33	1,23		
As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos	Empr. por conta de outrém	46	2,65	1,18	2,451	0,088
	Estudante	142	2,43	1,01		
	Trabalhador/ estudante	66	2,76	1,04		
Os participantes de manifestações procuram emoções fortes	Empr. por conta de outrém	43	2,91	0,97	0,958	0,385
	Estudante	133	3,14	0,98		
	Trabalhador/ estudante	65	3,12	1,02		
As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos	Empr. por conta de outrém	46	3,67	1,01	0,473	0,623
	Estudante	148	3,78	1,03		
	Trabalhador/ estudante	66	3,86	0,99		
As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo	Empr. por conta de outrém	46	2,09	1,17	0,529	0,590
	Estudante	147	2,24	1,07		
	Trabalhador/ estudante	67	2,30	1,13		
Há manifestações por tudo e por nada	Empr. por conta de outrém	45	2,60	1,23	0,564	0,570
	Estudante	147	2,76	1,32		
	Trabalhador/ estudante	67	2,87	1,30		

Quadro H.83 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e a situação profissional

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Condições de trabalho	Empregado por conta de outrém	24	79%	41%	1,001	0,372
	Estudante	38	63%	49%		
	Trabalhador/ estudante	27	74%	45%		
Educação	Empregado por conta de outrém	24	71%	46%	,838	0,436
	Estudante	38	84%	37%		
	Trabalhador/ estudante	27	81%	40%		
Desemprego	Empregado por conta de outrém	24	58%	50%	,511	0,602
	Estudante	38	61%	50%		
	Trabalhador/ estudante	27	48%	51%		
Paz	Empregado por conta de outrém	24	50%	51%	1,052	0,354
	Estudante	38	32%	47%		
	Trabalhador/ estudante	27	41%	50%		
Segurança Social	Empregado por conta de outrém	24	42%	50%	,203	0,816
	Estudante	38	39%	50%		
	Trabalhador/ estudante	27	33%	48%		
Ambiente	Empregado por conta de outrém	24	13%	34%	2,531	0,085
	Estudante	38	37%	49%		
	Trabalhador/ estudante	27	37%	49%		
Temas relacionados com desenvolvimento	Empregado por conta de outrém	24	21%	41%	,224	0,800
	Estudante	38	21%	41%		
	Trabalhador/ estudante	27	15%	36%		
Justiça/ política	Empregado por conta de outrém	24	75%	44%	3,985	* 0,022
	Estudante	38	68%	47%		
	Trabalhador/ estudante	27	41%	50%		
Racismo	Empregado por conta de outrém	24	42%	50%	,015	0,985
	Estudante	38	39%	50%		
	Trabalhador/ estudante	27	41%	50%		
Assuntos relacionados com a minha comunidade/ bairro	Empregado por conta de outrém	24	29%	46%	1,898	0,156
	Estudante	38	11%	31%		
	Trabalhador/ estudante	27	15%	36%		
Direitos das mulheres	Empregado por conta de outrém	24	33%	48%	,350	0,706
	Estudante	38	42%	50%		
	Trabalhador/ estudante	27	33%	48%		
Direitos LGBT (homossexuais, bissexuais, transgénero)	Empregado por conta de outrém	24	21%	41%	,893	0,413
	Estudante	38	37%	49%		
	Trabalhador/ estudante	27	33%	48%		
Agricultura	Empregado por conta de outrém	24	0%	0%	,620	0,541
	Estudante	38	5%	23%		
	Trabalhador/ estudante	27	4%	19%		
Outro	Empregado por conta de outrém	24	25%	44%	,398	0,673
	Estudante	38	16%	37%		
	Trabalhador/ estudante	27	19%	40%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.84 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e participação ao longo da vida em manifestações

		N	Média	Desvio padrão	F	p
As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento	1 única vez	18	4,50	0,51	1,692	0,173
	Entre 2 e 5 vezes	43	4,51	0,51		
	Entre 6 e 9 vezes	13	4,31	0,85		
	Mais de 10 vezes	41	4,68	0,52		
O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito	1 única vez	18	4,39	0,50	4,963	** 0,003
	Entre 2 e 5 vezes	43	4,67	0,52		
	Entre 6 e 9 vezes	13	4,69	0,48		
	Mais de 10 vezes	41	4,88	0,33		
Há manifestações a mais em Portugal	1 única vez	17	3,00	1,00	6,676	** 0,000
	Entre 2 e 5 vezes	40	2,10	1,01		
	Entre 6 e 9 vezes	12	2,50	1,45		
	Mais de 10 vezes	40	1,70	0,97		
As manifestações não resultam numa melhoria da situação	1 única vez	18	3,11	1,02	5,001	** 0,003
	Entre 2 e 5 vezes	43	2,70	0,91		
	Entre 6 e 9 vezes	13	2,38	1,19		
	Mais de 10 vezes	41	2,07	1,10		
As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos	1 única vez	18	2,17	0,79	5,186	** 0,002
	Entre 2 e 5 vezes	42	2,36	0,96		
	Entre 6 e 9 vezes	13	2,62	1,12		
	Mais de 10 vezes	40	3,10	1,10		
Os participantes de manifestações procuram emoções fortes	1 única vez	18	3,22	0,73	1,131	0,340
	Entre 2 e 5 vezes	40	2,90	0,90		
	Entre 6 e 9 vezes	11	2,64	1,29		
	Mais de 10 vezes	40	2,85	0,83		
As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos	1 única vez	17	4,00	0,61	1,358	0,259
	Entre 2 e 5 vezes	43	4,02	0,64		
	Entre 6 e 9 vezes	13	4,31	0,75		
	Mais de 10 vezes	41	4,29	0,87		
As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo	1 única vez	18	1,89	0,76	7,229	** 0,000
	Entre 2 e 5 vezes	43	1,60	0,73		
	Entre 6 e 9 vezes	13	1,54	0,66		
	Mais de 10 vezes	41	1,15	0,36		
Há manifestações por tudo e por nada	1 única vez	18	2,44	1,04	4,010	** 0,009
	Entre 2 e 5 vezes	41	1,98	0,99		
	Entre 6 e 9 vezes	13	2,38	1,26		
	Mais de 10 vezes	40	1,58	0,96		

* diferença significativa para $p < 0,05$; ** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.85 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Indique se pertence a um grupo ou organização cuja atividade esteja relacionada com a sua participação em manifestações?” e participação ao longo da vida em manifestações

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Sou militante de um partido político	1 única vez	18	0%	0%	2,840	* 0,041
	Entre 2 e 5 vezes	43	19%	39%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	38%	51%		
	Mais de 10 vezes	41	27%	45%		
Sou ativista de uma organização (ONG) de defesa de direitos humanos	1 única vez	18	0%	0%	1,582	0,198
	Entre 2 e 5 vezes	43	2%	15%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	0%	0%		
	Mais de 10 vezes	41	10%	30%		
Sou ativista de uma organização (ONG) ambiental ou ecologista	1 única vez	18	0%	0%	2,574	0,058
	Entre 2 e 5 vezes	43	0%	0%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	0%	0%		
	Mais de 10 vezes	41	10%	30%		
Sou membro de um grupo na internet de promoção e defesa de direitos humanos	1 única vez	18	0%	0%	1,281	0,285
	Entre 2 e 5 vezes	43	9%	29%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	0%	0%		
	Mais de 10 vezes	41	12%	33%		
Sou sindicalizado	1 única vez	18	0%	0%	0,565	0,639
	Entre 2 e 5 vezes	43	9%	29%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	8%	28%		
	Mais de 10 vezes	41	7%	26%		
Pertencem a uma associação cultural	1 única vez	18	0%	0%	1,599	0,194
	Entre 2 e 5 vezes	43	5%	21%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	8%	28%		
	Mais de 10 vezes	41	15%	36%		
Sou membro de um grupo na internet para a proteção do ambiente	1 única vez	18	0%	0%	0,500	0,683
	Entre 2 e 5 vezes	43	5%	21%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	0%	0%		
	Mais de 10 vezes	41	5%	22%		
Outra	1 única vez	18	0%	0%	2,867	* 0,040
	Entre 2 e 5 vezes	43	2%	15%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	15%	38%		
	Mais de 10 vezes	41	17%	38%		
Pertencem a uma associação comercial/ industrial/ empresarial	1 única vez	18	6%	24%	1,836	0,145
	Entre 2 e 5 vezes	43	0%	0%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	0%	0%		
	Mais de 10 vezes	41	0%	0%		
Pertencem a uma associação de profissionais	1 única vez	18	0%	0%	1,670	0,178
	Entre 2 e 5 vezes	43	2%	15%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	8%	28%		
	Mais de 10 vezes	41	12%	33%		
Pertencem a uma associação de estudantes	1 única vez	18	0%	0%	0,500	0,683
	Entre 2 e 5 vezes	43	5%	21%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	0%	0%		
	Mais de 10 vezes	41	5%	22%		
Não pertencem a nenhum grupo ou organização	1 única vez	18	94%	24%	6,891	** 0,000
	Entre 2 e 5 vezes	43	63%	49%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	38%	51%		
	Mais de 10 vezes	41	39%	49%		

* diferença significativa para $p < 0,05$; ** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.86 - Estatística descritiva e Testes ANOVA: Relações entre “Dos temas seguintes quais são aqueles que o motivam a participar numa manifestação” e a participação ao longo da vida em manifestações

		N	% Sim	Desvio padrão	F	p
Condições de trabalho	1 única vez	18	44%	51%	4,922	** 0,003
	Entre 2 e 5 vezes	43	72%	45%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	92%	28%		
	Mais de 10 vezes	41	85%	36%		
Educação	1 única vez	18	67%	49%	1,030	0,382
	Entre 2 e 5 vezes	43	67%	47%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	85%	38%		
	Mais de 10 vezes	41	80%	40%		
Desemprego	1 única vez	18	39%	50%	3,624	* 0,015
	Entre 2 e 5 vezes	43	47%	50%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	62%	51%		
	Mais de 10 vezes	41	76%	43%		
Paz	1 única vez	18	11%	32%	6,863	** 0,000
	Entre 2 e 5 vezes	43	26%	44%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	31%	48%		
	Mais de 10 vezes	41	61%	49%		
Segurança Social	1 única vez	18	28%	46%	3,453	* 0,019
	Entre 2 e 5 vezes	43	37%	49%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	23%	44%		
	Mais de 10 vezes	41	61%	49%		
Ambiente	1 única vez	18	33%	49%	1,614	0,190
	Entre 2 e 5 vezes	43	28%	45%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	8%	28%		
	Mais de 10 vezes	41	39%	49%		
Temas relacionados com desenvolvimento	1 única vez	18	11%	32%	3,199	* 0,026
	Entre 2 e 5 vezes	43	9%	29%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	8%	28%		
	Mais de 10 vezes	41	32%	47%		
Justiça/ política	1 única vez	18	39%	50%	5,597	** 0,001
	Entre 2 e 5 vezes	43	49%	51%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	69%	48%		
	Mais de 10 vezes	41	83%	38%		
Racismo	1 única vez	18	17%	38%	3,214	* 0,026
	Entre 2 e 5 vezes	43	35%	48%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	23%	44%		
	Mais de 10 vezes	41	54%	50%		
Assuntos relacionados com a minha comunidade/ bairro	1 única vez	18	0%	0%	4,333	** 0,006
	Entre 2 e 5 vezes	43	9%	29%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	15%	38%		
	Mais de 10 vezes	41	32%	47%		
Direitos das mulheres	1 única vez	18	22%	43%	0,816	0,488
	Entre 2 e 5 vezes	43	26%	44%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	31%	48%		
	Mais de 10 vezes	41	39%	49%		
Direitos LGBT (homossexuais, bissexuais, transgénero)	1 única vez	18	22%	43%	0,383	0,766
	Entre 2 e 5 vezes	43	23%	43%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	15%	38%		
	Mais de 10 vezes	41	29%	46%		
Agricultura	1 única vez	18	6%	24%	0,327	0,806
	Entre 2 e 5 vezes	43	5%	21%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	0%	0%		
	Mais de 10 vezes	41	2%	16%		
Outro	1 única vez	18	11%	32%	1,744	0,162
	Entre 2 e 5 vezes	43	9%	29%		
	Entre 6 e 9 vezes	13	15%	38%		
	Mais de 10 vezes	41	27%	45%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.87 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Como classifica as seguintes manifestações realizadas em Lisboa” e ter participado ou não em manifestações

	Participou em manifestações:		Média	Desvio padrão	Teste t	p
	Sim	N				
Rios ao Carmo (24 de Abril à noite)	Sim	74	4,65	1,297	6,360	** 0,000
	Não	71	3,21	1,423		
Celebração do 1º de Maio - Dia do Trabalhador na Alameda (promovida pela CGTP)	Sim	86	4,81	1,101	6,468	** 0,000
	Não	141	3,63	1,461		
Concentração no Largo do Carmo dia 25 de Abril (promovida pela Associação 25 de Abril)	Sim	88	4,69	1,325	5,362	** 0,000
	Não	128	3,63	1,495		
Marcha 25 de Abril (Avenida da Liberdade)	Sim	93	5,08	1,086	7,018	** 0,000
	Não	144	3,87	1,410		
Festa Dentro de ti Ó Cidade, largo de São Carlos, 3 de Maio (promovida pelo Manifesto em Defesa da Cultura)	Sim	70	4,90	1,131	7,683	** 0,000
	Não	77	3,23	1,459		
Celebração do 1º de Maio dia do Trabalhador em Belém (promovida pela UGT)	Sim	81	4,26	1,403	3,834	** 0,000
	Não	126	3,48	1,430		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Quadro H.88 - Estatística descritiva e Testes t de Student: Relações entre “Em que medida concorda com as seguintes afirmações” e o género

	Participou em manifestações:		Média	Desvio padrão	Teste t	p
	Sim	N				
As manifestações são uma forma de mostrarmos o nosso descontentamento	Sim	115	4,55	,566	5,687	** 0,000
	Não	185	4,01	,909		
O direito de manifestação é um garante do estado democrático de direito	Sim	115	4,70	,477	6,382	** 0,000
	Não	181	4,16	,831		
Há manifestações a mais em Portugal	Sim	109	2,14	1,126	-8,581	** 0,000
	Não	177	3,36	1,199		
As manifestações não resultam numa melhoria da situação	Sim	115	2,50	1,087	-8,856	** 0,000
	Não	182	3,66	1,100		
As manifestações são locais de diversão e de convívio com os amigos	Sim	113	2,62	1,063	,717	0,474
	Não	176	2,53	1,047		
Os participantes de manifestações procuram emoções fortes	Sim	109	2,91	,898	-2,126	* 0,034
	Não	165	3,16	1,020		
As manifestações servem para apresentar os diferentes pontos de vista e os problemas de grupos de cidadãos	Sim	114	4,15	,743	4,900	** 0,000
	Não	183	3,58	1,080		
As manifestações só criam problemas e fazem-nos perder tempo	Sim	115	1,48	,667	-10,095	** 0,000
	Não	182	2,62	1,085		
Há manifestações por tudo e por nada	Sim	112	1,96	1,060	-8,697	** 0,000
	Não	182	3,15	1,198		

* diferença significativa para $p < 0,05$; ** diferença significativa para $p < 0,01$